

CATCH-22

[ARTIGO 22]



JOSEPH HELLER



D. QUIXOTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: Catch-22 (Artigo 22)

Título original: Catch-22

Autor: Joseph Heller

Revisão: Cristina Pereira

Capa: Joana Tordo

ISBN: 9789722047425

Publicações Dom Quixote

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1955, 1961, Joseph Heller

© renovado, 1989, Joseph Heller

© Publicações Dom Quixote, 1986, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

*A minha mãe e minha mulher, Shirley,
e aos meus filhos, Erica e Ted.*

A ilha de Pianosa situa-se no mar Mediterrâneo, oito milhas a sul de Elba. É muito pequena e não podia obviamente comportar todas as operações descritas: À semelhança da localização do romance, as personagens são fictícias.

§

Capítulo primeiro O TEXANO

Foi amor à primeira vista.

A primeira vez que Yossarian viu o capelão ficou loucamente enamorado dele.

Yossarian encontrava-se hospitalizado, com uma dor no fígado que não era icterícia por uma unha negra. Os médicos estavam intrigados pelo facto de não ser mesmo icterícia. Se se tornasse icterícia, poderiam tratá-lo. Se não se tornasse icterícia e desaparecesse, poderiam dar-lhe alta. Mas aquilo de não ser icterícia por uma unha negra fazia-lhes confusão.

Apareciam todas as manhãs – três homens circunspectos, de bocas eficientes e olhos ineficientes, acompanhados pela circunspecta e eficiente enfermeira Duckett, uma das várias da enfermaria que não simpatizavam com Yossarian. Consultaram a ficha aos pés da cama e perguntaram pela dor com impaciência, parecendo irritados quando o interpelado afirmou que estava exactamente na mesma.

– Ainda nenhuma actividade? – inquiriu o coronel.

Os médicos entreolharam-se quando ele abanou a cabeça.

– Dê-lhe mais um comprimido.

A enfermeira Duckett tomou nota para dar mais um comprimido a Yossarian e o quarteto passou à cama seguinte. Na realidade, nenhuma das enfermeiras gostava de Yossarian. A dor no fígado já desaparecera, mas ele não tinha dito nada e os médicos não desconfiavam. Suspeitavam apenas de que se registara actividade dos intestinos e ele guardara segredo.

Yossarian tinha tudo o que desejava no hospital. A comida não era muito má e serviam-lhe as refeições na cama. Havia rações suplementares de carne fresca e, durante o período mais quente da tarde, ele e os outros podiam tomar sumo de frutos ou leite com chocolate gelados. À parte os médicos e as enfermeiras, ninguém o incomodava. Durante a manhã, por um lapso de tempo não muito prolongado, tinha de censurar cartas, mas depois ficava livre para passar o resto do dia reclinado, com a consciência tranquila. Sentia-se confortável no hospital e tornava-se-lhe fácil continuar internado, porque apresentava sempre uma temperatura de trinta e oito graus. Estava ainda mais confortável que Dunbar, o qual tinha de se estatelar de bruços com frequência, para que lhe servissem as refeições na cama.

Depois de ter decidido passar o resto da guerra no hospital, Yossarian escreveu a todas as pessoas conhecidas, para comunicar que estava internado, sem, todavia, referir onde. Um dia, acudiu-lhe uma ideia melhor. Informou-as de que se preparava para executar uma missão extremamente perigosa. «Pediram voluntários, por ser muito arriscada, mas alguém tem de ir. Escrevo logo que regressar.» E não voltara a enviar uma única linha a nenhuma.

Todos os oficiais internados naquela enfermaria eram obrigados a colaborar na censura da correspondência escrita pelos pacientes subalternos, os quais ocupavam instalações diferentes. Tratava-se de uma tarefa monótona, e Yossarian ficara desapontado ao inteirar-se de que as vidas dos subalternos eram apenas ligeiramente mais interessantes que as dos oficiais, e, transcorrido o primeiro dia, a curiosidade dissipou-se-lhe, pelo que, para quebrar a monotonia, inventou passatempos. Certa vez, declarou guerra aos ornamentos literários e decidiu suprimir todos os advérbios e adjectivos das cartas que lhe passavam pelas mãos. Depois, assestou as baterias nos artigos, mas alcançou um plano de criatividade no dia seguinte, quando optou por eliminar tudo, à excepção de *um*, *uma* e *o*, por lhe parecer que desse modo produzia tensões intralineaes mais dinâmicas e, em quase todos os casos, subsistia uma mensagem de longe mais universal. Não

tardou a proscrever partes de saudações e assinaturas e deixar o texto intacto. Uma vez, eliminou tudo menos a saudação «Mary querida» e, no fundo da página, inscreveu: «Suspiro por si tragicamente. A. T. Tappman, capelão do Exército dos EU.» Tappman era o nome do capelão do grupo.

Quando esgotou todas as possibilidades nas cartas, principiou a concentrar-se nos nomes e endereços dos sobrescritos, obliterando casas e ruas inteiras e aniquilando metrópoles completas com movimentos indiferentes do pulso, como se fosse Deus. O Artigo 22 exigia que cada missiva censurada ostentasse o nome do oficial responsável. Nas que não se dava ao trabalho de ler, apunha a assinatura, enquanto nas outras escrevia «Washington Irving», que mudou para «Irving Washington», quando se cansou do nome. A censura aos sobrescritos teve repercussões graves e produziu uma vaga de ansiedade num escalão militar etéreo qualquer, que infiltrou um membro do CID¹ na enfermaria, disfarçado de paciente. No entanto, todos compreenderam quem era, porque começou a perguntar por um oficial chamado Irving ou Washington e, após o seu primeiro dia de internamento, negou-se a censurar cartas, por considerar a tarefa demasiado monótona.

Desta vez, era uma boa enfermaria, das melhores que ele e Dunbar tinham conhecido. Agora, encontrava-se com eles o capitão-aviador de «caças» de bigode louro ralo, que fora abatido no mar Adriático em pleno Inverno e nem sequer se constipara. Naquele momento, nos píncaros do Verão, apesar de não ter sido abatido, alegava que contraíra gripe. Na cama à direita de Yossarian, ainda deitado amorosamente de bruços, achava-se o alarmado capitão, com malária no sangue e uma mordedura de mosquito no traseiro. Do outro lado do corredor, defronte de Yossarian, estava Dunbar e, junto deste, o capitão de artilharia com o qual Yossarian deixara de jogar xadrez. E deixara-se disso pela simples razão de que as partidas se revelavam tão interessantes que resultavam disparatadas. Havia ainda o texano culto do Texas, que parecia alguém em tecnicolor e pensava, patrioticamente, que as pessoas de meios – a gente decente – deviam ter direito a mais votos que os

vagabundos, prostitutas, criminosos, degenerados, ateus e indecentes – pessoas sem meios.

Yossarian procurava ritmos novos nas cartas no dia em que levaram o texano para a enfermaria. Era mais um dia tranquilo, quente, sem coisa alguma a perturbar a atmosfera. O calor incidia impiedosamente no telhado e abafava os sons do exterior. Dunbar jazia novamente de costas, imóvel, de olhos cravados no tecto, como os de uma boneca. Desenvolvia esforços frenéticos para aumentar as suas esperanças de vida, operação que executava através da cultivação do tédio. Na realidade, esforçava-se de tal modo para as aumentar que Yossarian chegou a julgar que morrera. Colocaram o texano numa cama a meio da enfermaria, e ele não tardou a divulgar os seus pontos de vista.

– É isso mesmo! – bradou Dunbar, excitado, soerguendo-se com a rapidez de um projectil. – Eu sabia que faltava uma coisa e agora descobri o que é. – Cerrou o punho e desferiu-o na palma da outra mão. – Não há patriotismo.

– Tens razão – apoiou Yossarian, em tom incisivo. – Tens razão, tens razão, tens razão. O cachorro-quente, os Dodgers de Brooklyn. A tarte de maçã caseira. É por isso que todos combatem. Mas quem combate pelas pessoas decentes? Quem combate para que as pessoas decentes tenham mais votos? Não há patriotismo, é o que é. Nem matriotismo.

O subtenente à sua esquerda não se mostrou impressionado.

– Quem se importa com isso? – grunhiu, e voltou-se para o outro lado, para dormir.

O texano revelou-se um indivíduo bem-disposto, generoso e simpático. A tal ponto que, passados três dias, já ninguém o suportava.

Provocava estremecimentos de desagrado ao longo das colunas vertebrais mais sensíveis e todos se afastavam dele – todos, excepto o paciente de branco, que não tinha qualquer alternativa. Com efeito, estava encerrado em gesso e gaze da cabeça aos pés e dispunha de duas pernas e dois braços inúteis. Fora introduzido na enfermaria durante a noite, e os outros não faziam a menor ideia de que se encontrava entre eles até que acordaram, de

manhã, e viram as duas pernas estranhas suspensas pelos quadris e os dois não menos estranhos braços ancorados na perpendicular, os quatro membros conservados bizarramente no ar por meio de pesos de chumbo que nunca se moviam. Cosidos nas ligaduras sobre a parte interna dos cotovelos, havia lábios de fechos de correr, através dos quais lhe era ministrado um fluido claro de um frasco claro. Um tubo de zinco silencioso irrompia do gesso na virilha e estava unido a outro, mais estreito, de borracha, que transportava o líquido proveniente dos rins e o vertia com eficiência num largo boião tapado pousado no chão. Quando este último se enchia por completo, o frasco que alimentava o cotovelo ficava vazio e eram trocados rapidamente, para que o líquido pudesse reentrar no corpo. A única coisa que realmente viam do paciente de branco era uma abertura negra sobre a boca.

O paciente de branco fora colocado junto do texano e este sentava-se de lado na cama e falava-lhe ao longo da manhã, tarde e grande parte da noite, no habitual tom arrastado da região a que pertencia, indiferente ao facto de nunca obter resposta.

As temperaturas eram tiradas duas vezes ao dia. Ao princípio da manhã e no final da tarde, a enfermeira Cramer surgia com um boião cheio de termómetros, começava por uma das extremidades da sala e deixava um em cada cama. No caso do paciente de branco, introduzia-o na abertura sobre a boca e equilibrava-o na borda inferior. Quando regressava ao ocupante da primeira cama, recuperava o termómetro, inscrevia a temperatura na respectiva ficha, passava à seguinte e repetia assim o circuito. Uma tarde, quando completara o primeiro e visitava o paciente de branco pela segunda vez, descobriu que tinha morrido.

– Assassino – acusou Dunbar, a meia voz. O texano olhou-o com um sorriso hesitante.

– Homicida – acudiu Yossarian.

– Que estão vocês para aí a dizer? – articulou o texano, numa inflexão de nervosismo.

– Assassinaste-o –olveu Dunbar.

- Mataste-o – secundou Yossarian.
- Estão doidos. – O texano encolheu-se instintivamente. – Nem lhe toquei.
- Assassinate-o – persistiu Dunbar.
- Ouvi-te matá-lo – tornou Yossarian.
- Assassinate-o porque era preto – asseverou Dunbar.
- Estão mesmo chanfrados! – balbuciou o texano. – Os pretos não têm cabidela aqui. Há um lugar especial para eles.
- O sargento meteu-o cá clandestinamente – declarou Dunbar.
- O sargento comunista – salientou Yossarian.
- E tu sabias.

O subtenente à esquerda de Yossarian não se sentia impressionado com o incidente do paciente de branco. Aliás, não se impressionava com coisa alguma e só falava para manifestar irritação.

No dia anterior àquele em que Yossarian conheceu o capelão, explodiu um fogão na messe que incendiou uma parte da cozinha. Um calor intenso assolou toda a área e propagou-se à enfermaria de Yossarian, a quase cem metros de distância, onde se ouvia distintamente o rugido das chamas e os estalidos secos da madeira consumida, enquanto o fumo deslizava densamente diante das janelas, cujas vidraças exibiam um clarão rubro. As viaturas de emergência do aeródromo apresentaram-se transcorridos quinze minutos para combater o incêndio e, durante meia hora frenética, a coisa esteve feia. Por fim, os bombeiros começaram a dominar a situação, mas, de súbito, registou-se o familiar zumbido monótono de bombardeiros que voltavam de uma missão, e eles tiveram de recolher as mangueiras e regressar ao aeródromo, para a eventualidade de um dos aparelhos se despenhar e incendiar. No entanto, aterraram todos sem novidade e, logo que o último pousou, os bombeiros tornaram a subir a ladeira de acesso ao hospital, a fim de reatar o combate às chamas. Todavia, quando chegaram, verificaram que se tinham extinguido espontaneamente, pelo que os desapontados soldados da paz tiveram de se contentar com tomar café tépido e percorrer as instalações, em busca de uma oportunidade para fornicar com as enfermeiras.

O capelão chegou no dia a seguir ao incêndio. Yossarian entretinha-se a eliminar todas as palavras, excepto as de carácter romântico, das cartas, quando o capelão se sentou numa cadeira entre as camas e perguntou como se sentia. Colocara-se um pouco de lado, e os galões de capitão no colarinho da camisa eram as únicas insígnias que Yossarian conseguia ver. Não fazia a menor ideia de quem se tratava e supôs que era mais um médico ou outro louco.

– Menos mal – replicou, com despreendimento. – Tenho uma leve dor no fígado e os intestinos são os mais regulares do mundo, mas, de um modo geral, devo reconhecer que me podia sentir pior.

– Isso é bom – disse o capelão.

– Sim, isso é bom.

– Tencionava vir antes, mas não me tenho sentido bem.

– Isso é mau.

– Um resfriado sem importância – apressou-se a esclarecer.

– Tenho trinta e oito graus de febre – esclareceu Yossarian não menos prontamente.

– Isso é mau.

– Sim, é mau.

O capelão deixou transparecer uma ponta de embaraço.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou, após uma pausa.

– Não, obrigado. – Yossarian exalou um suspiro. – Acho que os médicos fazem tudo o que é humanamente possível.

– Não me referia a isso. – O capelão corou levemente. – Cigarros... livros... brinquedos...

– Ah, não, obrigado. Creio que tenho tudo o necessário... tudo menos saúde.

– Isso é mau.

– Sim, é mau.

Voltou a mostrar-se algo embaraçado. Olhou para os lados duas ou três vezes, depois para o tecto e finalmente para o chão e encheu os pulmões de ar.

– O tenente Nately manda cumprimentos – informou, por fim. Yossarian sentiu-se penalizado por terem um amigo comum. Afinal, sempre havia uma base para conversarem.

– Conhece-o? – inquiriu, com uma réstia de pesar.

– Muito bem.

– É um pouquinho lunático, não acha?

– Não me posso pronunciar nesse aspecto. – O embaraço do capelão reapareceu. – Não o conheço tão profundamente.

– Pode acreditar no que digo. É mesmo louco varrido.

Seguiu-se novo silêncio e ele acabou por quebrá-lo com uma pergunta abrupta:

– Suponho que é o capitão Yossarian?

– Nately teve um mau começo de vida. Nasceu numa boa família.

– Queira desculpar – insistiu, timidamente. – Sou capaz de estar a cometer um erro grave. É o capitão Yossarian?

– Sim, sou o capitão Yossarian.

– Da Esquadilha Duzentos e Cinquenta e Seis?

– Da Esquadilha de Caça Duzentos e Cinquenta e Seis. Não creio que haja outros capitães Yossarian. Que eu saiba, sou o único, mas posso estar enganado.

– Compreendo – murmurou o capelão, desolado.

– Há duas pertencentes ao oitavo poder, para o caso de pensar em escrever um poema simbólico sobre a nossa esquadilha.

– Não, não estou a pensar em escrever um poema simbólico sobre a vossa esquadilha.

Yossarian soergueu-se com brusquidão no momento em que vislumbrou a pequena cruz prateada no outro lado do colarinho do capelão. Sentia-se profundamente estupefacto porque nunca falara com um clérigo, e, com uma expressão de êxtase, exclamou:

– É um capelão! Confesso que não sabia.

– Pois sou. Diz que não sabia?

– Pois não. Não fazia a menor ideia. – Yossarian fitava o interlocutor com um largo sorriso de fascinação. – Nunca tinha visto nenhum.

O capelão tornou a corar e baixou os olhos para as mãos. Era magro, de trinta e dois anos, com cabelos e olhos castanhos que exibiam uma expressão de timidez, e faces pálidas, na base das quais se viam resíduos de borbulhas antigas.

– Posso fazer alguma coisa para o ajudar?

– Não, obrigado. – Yossarian abanou a cabeça, conservando o sorriso. – Tenho tudo o necessário e estou confortável. Na verdade, não sofro de nada.

– Isso é bom... – Mal pronunciou estas palavras, o capelão arrependeu-se e levou os nós dos dedos à boca, com um grunhido de alarme, porém, Yossarian conservou-se silencioso, o que o desapontava. – Tenho de visitar outros homens do grupo – declarou por fim. – Voltarei a aparecer, talvez amanhã.

– Não se esqueça.

– Só virei se você quiser – esclareceu, baixando a cabeça com acanhamento. – Notei que certas pessoas ficam embaraçadas com a minha presença.

– Sem dúvida que quero – asseverou Yossarian, com uma expressão de afecto. – Garanto-lhe que não fico embaraçado.

O capelão exibiu um sorriso de satisfação e tornou a baixar os olhos, agora para um pedaço de papel que dissimulava na mão. Em seguida, contou as camas da enfermaria, movendo os lábios em silêncio, e concentrou-se em Dunbar, ao mesmo tempo que enrugava a fronte de dúvida.

– Pode dizer-me se aquele é o tenente Dunbar? – murmurou.

– Sim – replicou Yossarian, em voz alta. – É o tenente Dunbar.

– Obrigado – agradeceu o capelão, no mesmo tom. – Muito obrigado. Tenho de o visitar. Preciso de visitar todos os membros do grupo hospitalizados.

– Mesmo os das outras enfermarias?

– Mesmo os das outras enfermarias.

– Cuidado com eles, reverendo. É aí que encerram os casos mentais. As salas estão cheias de lunáticos.

– Não é necessário tratar-me por reverendo. Sou anabaptista.

– Pode acreditar no que lhe digo acerca das outras enfermarias – reiterou Yossarian, com uma expressão grave. – Os tipos da PM não o protegem, porque são os mais destravados de todos. Eu acompanhava-o, mas tenho medo que me pelo. A loucura é contagiosa. Esta é a única enfermaria de doentes mentalmente sãos de todo o hospital. São todos doidos, excepto nós. Pode até muito bem ser a única enfermaria de doentes mentalmente sãos do mundo.

O capelão levantou-se apressadamente, afastou-se da cama com lentidão, deslizando ao longo dela e, por último, inclinou a cabeça com um sorriso conciliador e prometeu proceder com a prudência apropriada.

– Agora, vou falar com o tenente Dunbar. – Como que assolado por uma suspeita repentina, perguntou: – Que tal está ele?

– São como um pêro – assegurou Yossarian. – Um autêntico príncipe. Um dos homens mais atenciosos e altruístas do mundo.

– Não me referia a isso. – O capelão voltou a exprimir-se em voz baixa. – Está muito mal?

– Nem por isso. Pode mesmo dizer-se que não está doente.

– Isso é bom – admitiu, com um suspiro de alívio.

– Sim, isso é bom.

– Um capelão – disse Dunbar, depois de ele se despedir e afastar. – Por que carga de água o mandariam cá?

– Foi muito amável – declarou Yossarian. – Talvez lhe devessem conceder três votos.

– Quem?

Numa cama da pequena secção isolada ao fundo da enfermaria, continuamente em actividade atrás da divisória de contraplacado verde, encontrava-se o solene coronel de meia-idade, visitado todos os dias por uma mulher de rosto meigo e cabelos louros anelados, que não era enfermeira, nem pertencia a qualquer corpo militar auxiliar ou à Cruz

Vermelha, mas comparecia fielmente no hospital de Pianosa todas as tardes, envolta em atraentes vestidos de Verão de cor pastel e sapatos de salto alto.

O coronel era das Transmissões e mantinha notável azáfama, dia e noite, no envio de mensagens glutinosas do interior para pedaços de gaze, que dobrava meticulosamente e depositava num balde branco com tampa junto da cama. O seu aspecto era deslumbrante. Tinha boca cavernosa, faces cavernosas e olhos tristes e húmidos cavernosos. O rosto apresentava a cor da prata baça. Além disso, tossia discretamente, com prudência, e passava os pedaços de gaze pelos lábios com uma lentidão e desgosto que se haviam tornado automáticos.

O coronel era alvo da curiosidade de um vórtice de peritos que pretendiam especializar-se na determinação do mal que o afectava. Projectavam-lhe luzes nos olhos para verificar se via e cravavam agulhas nos nervos para observar se sentia alguma coisa. Havia um urologista para a sua urina, um linfologista para a linfa, um endocrinologista para as endócrinas, um psicólogo para a psique e um dermatologista para a derme; isto sem falar no patologista para os patos, um quistologista para os quistos e um calvo e pedante cetologista do Departamento de Zoologia de Harvard, que fora raptado impiedosamente para o corpo médico por um ânodo deficiente de uma máquina IBM e passava as sessões com o coronel moribundo tentando trocar impressões sobre *Moby Dick*.

Na verdade, o coronel fora investigado profundamente. Não havia um único órgão do seu corpo que não tivesse sido drogado e derrogado, espanado e sondado, apalpado e fotografado, removido, explorado e repostado. Imaculada, esbelta e erecta, a mulher tocava-lhe com frequência, enquanto permanecia sentada a seu lado, e constituía o epítome do pesar estóico cada vez que sorria. O coronel era alto, magro e encurvado. Quando se levantava para caminhar, inclinava-se ainda mais para a frente, formava uma cavidade profunda com o corpo e pousava os pés com extrema meticulosidade, movendo-se para a frente, dos joelhos para baixo, alguns centímetros de cada vez. Havia bolsas violáceas abaixo dos olhos. A mulher

exprimiam-se com brandura, ainda mais suavemente que a tosse dele, e nenhum dos outros ocupantes da enfermaria lhe ouvia jamais a voz.

O texano esvaziou a sala em menos de dez dias. O capitão de artilharia foi o primeiro a debandar e a partir de então o êxodo não parou. Dunbar, Yossarian e o capitão-aviador saíram na mesma manhã. O primeiro deixou de ter vertigens e o piloto assoou-se, enquanto Yossarian assegurava aos médicos que a dor do fígado desaparecera. Foi tudo muito fácil. Até o subtenente bateu asas. Em menos de dez dias, o texano fez com que todos os ocupantes da enfermaria regressassem à actividade – todos excepto o membro do CID, ao qual o capitão-aviador pegara o resfriado, que se converteu em pneumonia.

1 *Criminal Investigation Department*: Departamento de Investigação Criminal. (N. do T.)

§

Capítulo segundo CLEVINGER

Pode dizer-se que, de certo modo, o homem do CID teve sorte, porque a guerra continuava no exterior do hospital. Havia homens que enlouqueciam e eram recompensados com medalhas. Um pouco por todo o mundo, rapazes de todos os lados das linhas das bombas sacrificavam as vidas por aquilo que lhes tinham dito que era a pátria, e ninguém parecia importar-se, em particular aqueles que expunham as jovens vidas. Não se descortinava o termo do inferno. O único termo visível era o de Yossarian, que talvez permanecesse no hospital até ao Juízo Final se não fosse o patriótico texano de bochechas infundibuliformes e sorriso grumoso, amarrotado e indestrutível permanentemente afivelado ao rosto. Na realidade, o texano queria que todos os ocupantes da enfermaria estivessem contentes, salvo Yossarian e Dunbar. Estava de facto muito doente.

No entanto, Yossarian não conseguiria sentir-se contente, mesmo que o texano não quisesse, porque continuava a não se desenrolar nada de divertido no exterior do hospital. A única coisa que se desenrolava era uma guerra, e ninguém parecia aperceber-se disso, à excepção dele e Dunbar. E quando Yossarian tentava recordá-lo aos outros, afastavam-se e supunham-no louco. O próprio Clevinger, que devia estar mais elucidado, mas não estava, chamara-lhe doido na última vez que se tinham encontrado, pouco antes de Yossarian ingressar no hospital.

Clevinger fitara-o com fúria e indignação apoplécticas e, pousando as mãos na mesa, vociferara:

– Endoideceste?

– Que pretendes das pessoas? – replicara Dunbar em tom fatigado, esforçando-se por se fazer ouvir, em virtude do ruído no Clube dos Oficiais.

– Falo a sério – persistiu Clevinger.

– Eles tentam matar-me – afirmou Yossarian, calmamente.

– Ninguém tenta matar-te!

– Então, porque fazem fogo sobre mim?

– Fazem fogo sobre *todos*. Querem matar toda a gente.

– Não vejo onde está a diferença.

Clevinger já se achava em movimento, metade fora da cadeira devido à excitação, de olhos brilhantes e lábios trémulos de emoção. Como acontecia sempre que discutia acerca de princípios em que acreditava apaixonadamente, acabava por respirar com dificuldade e pestanejar com insistência para dissimular as lágrimas amargas de convicção. Na verdade, havia muitos princípios em que acreditava apaixonadamente. Era louco.

– A quem te referes? – inquiriu. – Quem, em particular, supões que tenta assassinar-te?

– Todos eles.

– Todos eles quem?

– Quem pensas que são?

– Não faço a menor ideia.

– Então, como sabes que não me querem matar?

– Porque... – Clevinger tossiu e sentiu-se impossibilitado de prosseguir por causa da frustração.

Julgava que tinha razão, mas Yossarian possuía provas do que afirmava, porque pessoas que não conhecia alvejavam-no com canhões cada vez que descolava para lhes largar bombas em cima, o que de modo algum se podia considerar divertido. E se não era divertido, havia muitas outras coisas ainda menos engraçadas. Não tinha graça nenhuma, por exemplo, viver como um vagabundo numa tenda em Pianosa, entre montanhas altaneiras atrás dele e um mar azul e plácido em frente, capaz de tragar uma pessoa com câibras num abrir e fechar de olhos e devolvê-lo à praia três dias

depois, com todas as despesas pagas, inchado, azul e putrefacto, expelindo água salgada pelas narinas glaciais.

A tenda em que ele vivia situava-se junto da orla do bosque que separava a sua esquadrilha da de Dunbar. Imediatamente ao lado, estendia-se a vala de caminho-de-ferro abandonado, com a conduta que transportava a gasolina para os aviões do aeródromo próximo. Graças ao seu companheiro, Orr, era a tenda mais luxuosa da esquadrilha. Cada vez que Yossarian regressava de uma das suas vilegiaturas no hospital ou de licença de repouso em Roma, ficava surpreendido com um novo conforto que Orr instalara durante a sua ausência – água corrente, uma lareira de lenha, uma placa de cimento no chão. Fora Yossarian quem escolhera o local e haviam montado a tenda juntos. Orr, que era um indivíduo de pequena estatura, atarracado, quase sempre sorridente, de cabelos pretos ondulados com risca ao meio, fornecera toda a experiência na matéria, enquanto Yossarian, mais alto e forte, contribuíra com a maior parte do trabalho. Viviam nela apenas os dois, embora houvesse espaço suficiente para seis. Quando chegava o Verão, Orr levantava as abas laterais para permitir que o vento que nunca soprava expulsasse o calor sufocante do interior.

Logo a seguir, encontrava-se Havermeyer, que vivia só na tenda para duas pessoas, onde se entretinha a matar ratos todas as noites com a pistola automática que confiscara ao homem morto da tenda de Yossarian. Do outro lado da de Havermeyer, erguia-se a de McWatt, que já não a partilhava com Clevinger, o qual ainda não voltara quando Yossarian teve alta do hospital. Agora, McWatt tinha como companheiro Nately, que se achava ausente em Roma para cortejar a prostituta por quem se apaixonara profundamente, enfastiada com a sua profissão e não menos com ele. McWatt também era doido. Quando descolava no seu avião, passava tangentes temerárias à tenda de Yossarian para o aterrorizar e adorava sobrevoar ruidosamente a jangada de madeira que flutuava sobre bidões vazios junto da língua de areia branca imaculada, onde os militares costumavam tomar banho desnudos. Partilhar a tenda com um doido não era agradável, mas Nately

não se preocupava com isso. Também não regulava bem e trabalhava todos os dias livres no Clube dos Oficiais que Yossarian não ajudara a construir.

Na realidade, havia muitos clubes de oficiais que ele não ajudara a construir, mas orgulhava-se de um dos de Pianosa, que constituía um imponente e complexo monumento aos seus poderes de determinação. Yossarian nunca aparecera lá para ajudar até que ficou concluído, após o que passou a frequentá-lo com regularidade, encantado com a espaçosa, atraente e confortável construção. Era de facto uma estrutura admirável, e ele vibrava com uma poderosa sensação de êxito realizado cada vez que a contemplava e reflectia que em nada contribuía para o trabalho que a produzira.

Estavam quatro sentados à mesa do Clube dos Oficiais da última vez que ele e Clevinger se haviam chamado loucos. Encontravam-se ao fundo da sala, perto da mesa de dados, onde Appleby conseguia ganhar sempre. Na verdade, este último era tão bom a jogar dados como no pingue-pongue e tudo o resto. Tudo aquilo que efectuava revestia-se de características impecáveis. Era um rapaz louco do Iowa que acreditava em Deus, na maternidade e no estilo de vida americano, sem jamais se deter a reflectir em qualquer um deles, e toda a gente que o conhecia simpatizava com ele.

– Detesto aquele filho da mãe – resmungou Yossarian.

A discussão com Clevinger principiara poucos minutos antes, quando Yossarian não conseguira encontrar uma metralhadora. Era uma noite movimentada. Com efeito, havia movimento intenso no bar, na mesa de dados e na de pingue-pongue. As pessoas que Yossarian pretendia varrer com a metralhadora desenvolviam intensa actividade no bar, entretidas a cantar velhas melodias sentimentais populares que os outros nunca se cansavam de ouvir. Por fim, em vez de os metralhar, contentou-se em pisar a bola de pingue-pongue que rolou na sua direcção, atirada por um dos dois oficiais que disputavam uma partida.

– Aquele Yossarian... – articularam em uníssono, rindo e meneando as cabeças, enquanto um ia buscar outra bola à caixa numa prateleira.

– Aquele Yossarian... – repetiu este.

– Yossarian – advertiu Nately, a meia voz.

– Compreendem ao que me refiro? – interpôs Clevinger.

Os dois oficiais tornaram a rir, quando ouviram Yossarian imitá-los, e insistiram em tom mais elevado:

– Aquele Yossarian...

– Aquele Yossarian...

– Tem cuidado – voltou Nately a recomendar.

– Compreendem ao que me refiro? – insistiu Clevinger. – Tem instintos anti-sociais.

– Está calado – acudiu Dunbar, que simpatizava com Clevinger, porque o irritava e fazia o tempo passar com lentidão.

– Appleby nem sequer está presente – salientou Clevinger, com uma expressão de triunfo.

– Quem falou em Appleby? – retorquiu Yossarian.

– O coronel Cathcart também não está.

– Quem falou no coronel Cathcart?

– Que filho da mãe detestas, nesse caso?

– Que filho da mãe *está* aqui?

– Não quero discutir contigo – decidiu Clevinger. – Não sabes quem detestas.

– Detesto quem tenta envenenar-me – asseverou Yossarian.

– Ninguém tenta envenenar-te.

– Não me envenenaram a comida duas vezes? Não o fizeram durante Ferrara e o Grande Cerco de Bolonha?

– Envenenaram a comida de *todos*.

– E que diferença faz isso?

– Aliás, nem sequer era veneno! – bradou Clevinger acaloradamente, tornando-se mais enfático à medida que se sentia mais confuso.

Yossarian, com um sorriso paciente, explicou que, até onde a memória lhe permitia recordar, existira sempre alguém empenhado em congeminar um plano para o matar. Havia quem gostava dele e quem o detestava, além de quem não o detestava e pretendia eliminá-lo. Não o podiam ver porque era

assírio. No entanto, não lhe podiam tocar porque possuía uma mente sã num corpo são e era forte como um touro. Não o podiam molestar porque era uma combinação de Tarzan, Mandrake e Flash Gordon. Era Shakespeare. Era Caim, Ulisses, o Holandês Voador; era Loth em Sodoma, Deirdre das Mágoas, Sweeney nos rouxinóis entre as árvores. Era o ingrediente miraculoso Z-247. Era...

– Doido! – interrompeu Clevinger, quase num guincho. – É o que tu és! Doido!

– ... imenso. Sou um héracles irresistível! Sou um autêntico supra-homem.

– Super-homem? – rugiu. – Super-homem?

– *Supra-homem* – corrigiu Yossarian.

– Parem lá com isso – interpôs Nately, embaraçado. – Estão todos a olhar para nós.

– És doido! – exclamou Clevinger, com os olhos arrasados de lágrimas. – Tens o complexo de Jeová.

– Acho que cada um de nós é um Natanael.

– Quem é Natanael? – inquiriu, com uma expressão de desconfiança.

– Natanael quê? – redarguiu Yossarian, inocentemente.

– Julgas que todos são Jeovás. – O outro esquivou-se habilmente à armadilha. – Não vales mais que Raskolnikov...

– Quem?

– ... sim, Raskolnikov, que...

– Raskolnikov!

– ... que, falo a sério, supôs poder justificar ter morto uma velha...

– Não valho mais?...

– ... sim, justificar, e empregou um machado! Posso prová-lo.

Respirando com dificuldade, Clevinger enumerou os sintomas de Yossarian: a convicção insensata de que todos à sua volta eram loucos, o impulso homicida para metralhar desconhecidos, falsificação retrospectiva e suspeita injustificada de que as pessoas o detestavam e conspiravam para o matar.

Todavia, Yossarian sabia que tinha razão, porque, como explicou, que soubesse, nunca se equivocava. Para onde quer que olhasse, havia um lunático, e um jovem e sensato cavalheiro como ele via-se em apuros para manter a sua perspectiva no meio de tanta loucura. E impunha-se que conservasse os olhos bem abertos, pois não duvidava de que a sua vida corria perigo.

Observava com desconfiança todas as pessoas que se lhe deparavam quando regressou do hospital. Milo também estava ausente, em Esmirna, para a apanha do figo, e a messe funcionava admiravelmente sempre que ele não se encontrava presente. Yossarian reagira vorazmente ao aroma de carneiro assado, quando ainda se achava na cabina da ambulância aos solavancos na estrada sinuosa que se estendia como um suspensório partido entre o hospital e a esquadrilha. Havia apetitosos nacos de carne para o almoço, que crepitavam sedutoramente nas brasas, depois de permanecerem em marinada durante setenta e duas horas, servidos com arroz iraniano e espargos, seguidos de jubileu de cerejas para sobremesa e café com beneditino e brande. A refeição foi servida, em doses substanciais, em toalhas de damasco, pelos eficientes criados italianos que o major... de Coverley raptara do continente e confiara a Milo.

Yossarian empanturrrou-se na messe até que recebeu explodir, após o que imergiu em beatífico torpor, a boca coberta por uma película de resíduos suculentos. Nenhum dos oficiais da esquadrilha comera jamais tão bem como acontecia desde que frequentavam a messe de Milo, e Yossarian chegou a ponderar se não mereceria a pena entregar-se a semelhante sacrifício. De súbito, porém, arrotou e recordou-se de que pretendiam matá-lo, pelo que se retirou precipitadamente e foi procurar o Dr. Daneeka, a fim de que o considerasse incapaz para combater e enviasse para casa. Encontrou-o sentado num banco à entrada da tenda, tirando o maior partido dos raios solares escaldantes.

– Cinquenta missões – advertiu Daneeka, abanando a cabeça. – O coronel exige cinquenta missões.

– Mas só tenho quarenta e quatro!

Não se deixou comover. Era um homem de expressão amargurada e rosto de pássaro, embora a área que circundava o nariz e a boca lembrasse mais um rato.

– Cinquenta missões – persistiu, continuando a mover a cabeça. – O coronel exige cinquenta missões.

§

Capítulo terceiro HAVERMEYER

Quando Yossarian regressou do hospital, não estava ninguém presente, à parte Orr e o homem morto na tenda dele. Na realidade, o homem morto na tenda de Yossarian era uma peste com o qual não simpatizava, embora nunca o tivesse visto. O facto de o ter todo o dia estendido nas proximidades irritou-o a tal ponto que procurou o sargento Towser várias vezes, para se queixar do incómodo, todavia este negou-se a admitir que o homem morto existia, o que, no fundo, correspondia à verdade. Ainda resultou mais frustrador tentar recorrer ao major Major, o alto e ossudo comandante da esquadrilha, o qual se parecia um pouco com Henry Fonda aflito e tratava de sair pela janela do seu gabinete, cada vez que Yossarian conseguia transpor a barreira constituída pelo sargento Towser. O homem morto na tenda de Yossarian representava uma companhia simplesmente intolerável e até contrariava Orr, que não era um companheiro tolerável e, no dia em que Yossarian regressou, se entretinha a reparar a torneira que ministrava gasolina ao fogão que principiara a construir durante a ausência do companheiro no hospital.

– Que estás a fazer? – perguntou este último, embora se apercebesse imediatamente.

– Não veda bem e tento reparar a avaria.

– Pára com isso, que me enervas.

– Quando era miúdo, costumava passar todo o dia com maçãs bravas dentro das bochechas – informou Orr. – Uma em cada lado.

Yossarian pôs de lado o saco de lona do qual começara a retirar os apetrechos de higiene pessoal e preparou-se para o que se seguiria. Transcorrido um minuto de silêncio, viu-se forçado a perguntar:

– Porquê?

– Porque são melhores que castanhas-da-índia – replicou o outro, com uma expressão de triunfo.

Achava-se ajoelhado no solo de cimento da tenda e trabalhava sem interrupção, para desmontar a torneira, alinhar as pequenas peças meticulosamente ao lado, contá-las, examiná-las com curiosidade, como se nunca tivesse visto nada de similar, e voltar a montá-la, sem perder a paciência, nem deixar transparecer o mínimo cansaço, após o que repetia a operação. Enquanto o contemplava com ansiedade crescente, Yossarian reconhecia intimamente que se veria forçado a assassiná-lo a sangue-frio, se não parasse, e desviou os olhos para a faca de mato que fora dependurada por cima da rede contra os mosquitos no dia em que chegara o homem morto. Encontrava-se ao lado do coldre vazio deste último, de cuja arma Havermeyer se apoderara.

– Quando não arranjava maçãs bravas, servia-me de castanhas-da-índia – prosseguiu Orr. – São quase do mesmo tamanho e têm uma forma mais conveniente, embora isso não interesse.

– Porque andavas com maçãs bravas metidas nas bochechas? Foi isso que perguntei.

– Porque têm uma forma mais conveniente que as castanhas-da-índia, como acabo de referir.

– Por que carga de água, grande filho da mãe de olhar bilioso e tendência para a mecânica, andavas com *coisas* metidas nas bochechas?

– Não andava com *coisas* metidas nas bochechas, mas com maçãs bravas. Quando não havia, servia-me de castanhas-da-índia. Metidas nas bochechas. – Orr soltou uma risada divertida, enquanto Yossarian prometia a si próprio não voltar a abrir a boca, e, como o silêncio se prolongasse, o primeiro capitulou. – Uma em cada bochecha.

– Para quê?

– Para quê o quê? – retorquiu com ansiedade. No entanto, o outro contentou-se em abanar a cabeça. – Esta válvula tem uma particularidade curiosa – cismou em voz alta.

– O que é?

– Porque eu queria...

– Safa! Porque querias?...

– ... bochechas de maçã.

– ... bochechas de maçã?

– Eu queria bochechas de maçã – repetiu Orr. – Já em criança desejava vir a ter um dia bochechas de maçã e decidi esforçar-me até as conseguir e não descansei enquanto não as obtive, e foi assim que fiz, com maçãs bravas nas bochechas durante todo o dia. – Tornou a rir. – Uma em cada lado.

– Para que querias bochechas de maçã?

– Eu não queria bochechas de maçã, mas bochechas *grandes*. A cor era o menos. Esforcei-me como esses tipos malucos que costumam passar o dia a apertar bolas de borracha nas mãos para ficarem mais resistentes. De facto, eu *era* um desses malucos. Também andava todo o dia com bolas de borracha nas mãos.

– Para quê?

– Para quê o quê?

– Porque andavas todo o dia com bolas de borracha nas mãos?

– Porque as bolas de borracha...

– ... são melhores que as maçãs bravas?

– Fazia-o para defender a minha boa reputação, no caso de alguém me surpreender com maçãs bravas nas bochechas. Com as bolas de borracha nas mãos, podia negar que tivesse maçãs bravas nas bochechas. Cada vez que me perguntavam porque andava com maçãs bravas nas bochechas, abria as mãos e mostrava que se tratava de bolas de borracha e não de maçãs bravas, e as tinha nas mãos e não nas bochechas. Era uma história convincente, embora eu nunca soubesse se a entendiam, porque é muito difícil conseguir que uma pessoa nos compreenda, se falamos com duas maçãs bravas metidas nas bochechas.

Yossarian, que também experimentava grande dificuldade em o compreender, perguntou-se, não pela primeira vez, se Orr estaria a falar com a ponta da língua apoiada numa das bochechas de maçã.

Por fim, decidiu não pronunciar nem mais uma palavra, por lhe parecer fútil. Conhecia Orr e sabia que não existia a menor possibilidade de o induzir a explicar porque desejara bochechas grandes. Não obteria melhor resultado do que no dia em que lhe perguntara o motivo pelo qual a prostituta o agredia na cabeça com o sapato, no apinhado vestíbulo diante da porta aberta do quarto da irmã mais nova da mulher que fornicava com Nately. Era uma rapariga alta e robusta, de cabelos compridos e veias azuis incandescentes que convergiam abundantemente sob a pele cor de coco onde a carne se revelava mais tenra, e praguejava, guinchava e saltitava nos pés descalços para poder continuar a agredi-lo com o salto aguçado. Estavam ambos desnudos e provocavam um alarido que atraiu todos os ocupantes do apartamento às portas dos respectivos quartos onde se dedicavam a actividades íntimas, todos despídos, à excepção da velha de camisola de malha e avental, que meneava a cabeça com uma expressão desaprovadora, e do homem idoso de ar devasso, que ria sem restrições. A rapariga uivava e Orr era sacudido por um riso nervoso, que se acentuava cada vez que o salto atingia o alvo, circunstância que a enfurecia ainda mais e obrigava a elevar-se como uma atleta para produzir efeitos mais desgastantes, com as resultantes e inevitáveis oscilações dos seios generosos e abundantes hemisférios da parte inferior das costas. O dueto de uivos e risos prolongou-se até que ela conseguiu desferir uma pancada mais eficaz que o enviou para o hospital numa maca, com um buraco na cabeça, não muito profundo, e certa concussão que o manteve afastado da luta durante doze dias.

Ninguém foi capaz de determinar o que acontecera, nem mesmo os dois velhos, os quais se achavam em situação de averiguar tudo o que se passava no vasto e interminável bordel, com a multidão de quartos que davam para estreitos corredores que partiam em direcções opostas da espaçosa sala de luz difusa. Depois disso, cada vez que via Orr, ela levantava a saia acima

das cuecas e, com uma expressão ordinária, estendia o ventre na direcção dele, praguejando e rindo divertida ao observar que se refugiava atrás de Yossarian. O que Orr fizera, tentara fazer ou não conseguira atrás da porta fechada do quarto da irmã mais nova da prostituta de Nately permaneceu imerso em sigilo absoluto, pois a rapariga recusou-se a revelá-lo às companheiras, a Nately ou Yossarian. Orr talvez acabasse por esclarecer a situação, todavia decidira não pronunciar nem mais uma palavra sobre o assunto.

– Interessa-te saber porque queria bochechas grandes? – perguntou Orr. Vendo que Yossarian se mantinha silencioso, prosseguiu: – Lembras-te daquela vez em Roma, em que a fulana que não te grama me agrediu com o salto do sapato? Queres saber porque o fez?

Continuava a ser impossível imaginar o que ele podia ter feito para a enfurecer ao ponto de lhe martelar a cabeça durante quinze a vinte minutos, mas não o bastante para o segurar pelos tornozelos e esmagar-lhe os miolos contra a parede. Na verdade, ela possuía envergadura suficiente para tal e Orr carecia de recursos físicos para o evitar. Com efeito, ele tinha dentes salientes, olhos protuberantes a condizer com as bochechas e era ainda mais baixo que o jovem Huple, que vivia no lado errado da via férrea, na tenda da área da administração, onde Joe Faminto passava as noites a gritar durante o sono.

A área da administração onde Joe Faminto montara a tenda por engano situava-se no centro da esquadrilha, entre a vala, com os carris enferrujados, e a estrada betuminosa. Os homens podiam engatar raparigas ao longo desta, se promettessem levá-las aonde queriam ir – moças de colos atraentes, jovens, feias e sorridentes, com falta de alguns dentes, que eles podiam conduzir nos jipes para locais isolados entre o arvoredo, o que Yossarian fazia sempre que lhe era possível, muito menos vezes do que Joe Faminto, o qual podia obter transporte, mas não sabia conduzir e lhe pedia que o fizesse. As tendas do pessoal subalterno da esquadrilha erguiam-se do outro lado da estrada, nas imediações do cinema ao ar livre, onde, para divertimento quotidiano dos candidatos a cadáveres, exércitos de ignorantes

se enfrentavam de noite numa tela desmontável, e aonde acudiu outro pelotão das USO² naquela tarde.

Os pelotões das USO eram enviados pelo general P.P. Peckem, que transferira o seu quartel-general para Roma e não tinha mais nada que fazer, enquanto congeminava conluios contra o general Dreedle. Peckem era um general para o qual a eficiência constituía um ingrediente indispensável – um militar de maneiras suaves, porém firmes, conhecedor do perímetro do equador e que escrevia sempre «alargado», quando queria dizer «crescente». Possuía um temperamento obstinado, e ninguém o sabia melhor que Dreedle, irritado com a recente directiva do general Peckem no sentido de que todas as tendas do teatro de operações do Mediterrâneo fossem dispostas em linhas paralelas, com as entradas voltadas orgulhosamente para o monumento a Washington. Para o general Dreedle, que chefiava uma unidade de combate, aquilo afigurava-se uma insensatez. Além de mais, Peckem não tinha nada a ver com a localização das tendas sob a jurisdição de um camarada de armas. Seguiu-se então uma acesa disputa jurisdicional entre os dois senhores feudais, decidida a favor do general Dreedle pelo ex-PFC³ Wintergreen, amanuense dos correios do Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea. E decidiu a contenda pelo simples processo de fazer seguir todas as comunicações do general Peckem para o cesto dos papéis, por as achar demasiado prolixas. Os pontos de vista do general Dreedle, expressos num estilo literário menos pretensioso, agradaram mais ao ex-PFC Wintergreen e deu-lhes o seguimento apropriado em rigorosa observância do regulamento. Assim, Dreedle obteve a vitória por omissão.

Para recuperar parte da autoridade perdida, Peckem começou a enviar mais pelotões USO do que jamais fizera e conferiu ao coronel Cargill a responsabilidade de gerar entusiasmo apropriado à sua presença.

No entanto, não havia o menor entusiasmo no grupo de Yossarian, mas apenas um número crescente de subalternos e oficiais que procuravam o sargento Towser várias vezes ao dia, para indagar se chegara a ordem de regresso à pátria. Eram homens que tinham completado as suas cinquenta

missões e em número mais elevado do que quando Yossarian baixara ao hospital, continuando à espera, o que os preocupava e levava a roer as unhas de impaciência e ansiedade. Eram grotescos como jovens inúteis numa depressão. Moviam-se de lado como os caranguejos. Aguardavam a ordem para regressar do Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea na Itália e, entretanto, não tinham nada que fazer, além de se preocupar, roer as unhas e procurar o sargento Towser com regularidade, para se inteirarem da possível chegada da ordem de desmobilização.

Por outro lado, não ignoravam que participavam numa corrida com o tempo, pois a amarga experiência ensinara-lhes que o coronel Cathcart poderia aumentar o número mínimo de missões a todo o momento. Portanto, não tinham nada que fazer além de aguardar. Só Joe Faminto tinha outra ocupação depois de cada missão. Assolavam-no ruidosos pesadelos e ganhava lutas renhidas com o gato de Huple. Levava a máquina fotográfica para a primeira fila de cada espectáculo da USO e tentava registar para a posteridade pormenores do que existia ao longo das pernas da cançonetista loura de globos enormes sob o vestido que parecia na iminência de explodir. No entanto, as fotografias ficavam sempre desfocadas.

O coronel Cargill, pau para toda a obra do general Peckem, era um homem enérgico e rubicundo, que, antes da guerra, exercera as funções de alerta, persistente e agressivo executivo de *marketing*. Não se podia considerar, todavia, um homem eficiente. Muito pelo contrário. Na realidade, era tão ineficiente que os seus préstimos mereciam a preferência das firmas empenhadas em apresentar prejuízos para efeitos de evasão fiscal. Através de todo o mundo civilizado, de Battery Park à Fulton Street, tinha fama de homem de confiança para ludibriar o fisco com rapidez e limpeza. As suas tarifas eram elevadas, porque o insucesso não surgia com facilidade, na maioria dos casos. Tinha de começar pelo topo e enveredar pelo caminho descendente, e, com amigos condescendentes em Washington, não resultava fácil perder dinheiro. Tornavam-se necessários meses de trabalho árduo e meticuloso planeamento errado. Uma pessoa desorganizava, calculava mal, descuava todos os pormenores e provocava toda a espécie de buracos

orçamentais, e quando pensava que alcançara o seu objectivo, o Governo oferecia-lhe um lago, uma floresta ou um campo petrolífero e estragava tudo. Não obstante estes óbices, podia-se confiar no coronel Cargill para dirigir a empresa mais próspera do mundo. Era um autodidacta que não devia a sua falta de êxito a ninguém.

– Meus amigos – principiou na esquadilha de Yossarian, medindo as pausas cautelosamente. – Vocês são oficiais americanos. Nenhum oficial de qualquer outro exército do mundo pode fazer semelhante afirmação. Pensem nisso.

O sargento Knight pensou nisso e depois comunicou polidamente ao superior que se dirigia aos subalternos e que os oficiais o aguardavam no outro lado da esquadilha. O coronel agradeceu a informação gravemente e afastou-se com uma expressão de satisfação consigo próprio. Orgulhava-o verificar que a permanência de vinte e nove meses nas fileiras não lhe afectara o génio natural para a inépcia.

– Meus amigos – iniciou a prelecção aos oficiais, medindo as pausas cautelosamente. – Vocês são oficiais americanos. Nenhum oficial de qualquer outro exército do mundo pode fazer semelhante afirmação. Pensem nisso. – Aguardou um momento, para que dispusessem de uma oportunidade para pensar. – Estas pessoas são vossas convidadas! – bradou com brusquidão. – Viajaram mais de cinco mil quilómetros para os distrair. Como se sentirão se ninguém assistir ao espectáculo? Que acontecerá ao seu moral? Não tenho nada com isso, amigos, mas a rapariga que quer tocar acordeão para vocês já podia ser mãe. Que diriam se a vossa mãe viajasse mais de cinco mil quilómetros para tocar acordeão para militares que não a queriam ouvir? Que pensará o filho dessa rapariga, com idade suficiente para ser mãe, quando crescer e se inteirar? Todos conhecemos a resposta a esta pergunta. Mas não interpretem mal as minhas palavras. A assistência ao espectáculo é voluntária, claro. Eu seria o último coronel do mundo a ordenar-lhes que comparecessem a essa récita das USO e se divertissem, mas quero que todos os que não estiverem suficientemente doentes para

baixar ao hospital sigam já para o local do espectáculo e se divirtam. *É uma ordem!*

Yossarian quase se sentia suficientemente doente para regressar ao hospital e ainda se sentiu pior, três missões de combate mais tarde, quando o Dr. Daneeka voltou a abanar a cabeça e a recusar-se em o manter no solo.

– Julga que tem problemas? – articulou o médico, com uma expressão pesarosa. – Então e eu? Alimentei-me praticamente de amendoins durante oito anos, enquanto aprendia a cuidar dos outros. Depois dos amendoins, sustentei-me de pevides no meu consultório até reunir clientela suficiente para pagar as despesas. Finalmente, quando a loja começava a dar lucro, mobilizaram-me. Confesso que não percebo de que se queixa.

O Dr. Daneeka era amigo de Yossarian e não faria absolutamente nada para lhe valer. Este esforçava-se por escutar com atenção, enquanto o médico lhe falava do coronel Cathcart no grupo, que queria ser general, do general Dreedle e respectiva enfermeira, e de todos os outros generais do Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea, que insistiam em apenas quarenta missões para completar o mínimo obrigatório.

– Porque não sorri e encara a situação com filosofia? – sugeriu, com ar compungido. – Faça como Havermeier.

Yossarian estremeceu ante a ideia, pois Havermeier era um bombardeiro que nunca empregava a acção evasiva ao atacar um alvo, pelo que aumentava o perigo a que se expunham todos os pilotos pertencentes à sua formação.

– Por que carga de água nunca recorres à acção evasiva? – costumavam perguntar-lhe, enfurecidos, no final da missão.

– Deixem o capitão Havermeier em paz – intervinha o coronel Cathcart. – É o melhor bombardeiro que temos.

Havermeier sorria, inclinava a cabeça e tentava explicar que aplicava incisões nas balas com uma faca de mato, antes de alvejar os ratos que infestavam a tenda, todas as noites. Era de facto o melhor bombardeiro que tinham, mas voava directamente para o alvo e mesmo para além, até ver as bombas atingir o chão e explodir com um clarão alaranjado que irrompia de

baixo da densa coluna de fumo e pulverizava os estilhaços que brotavam para o espaço em vagas enormes cinzentas e negras. Conservava homens mortais rígidos em seis aparelhos tão firmes e imóveis como negaças, enquanto ele acompanhava com a vista as bombas através do nariz de plexiglas com profundo interesse e proporcionava aos alemães em baixo todo o tempo de que necessitavam para fazer pontaria e puxar os gatilhos, accionar manípulos ou o que quer que fosse que faziam, quando queriam matar pessoas.

Havermeyer era um comandante de bombardeiros que nunca errava o alvo e Yossarian um comandante de bombardeiros que fora destituído por não querer saber se acertava ou não. Decidira viver eternamente ou morrer na tentativa para o conseguir, e a sua única missão cada vez que descolava consistia em regressar vivo.

Os pilotos tinham gostado de voar atrás de Yossarian, que costumava abordar o alvo de todas as direcções e altitudes, voltando a ganhar altura, picando e desviando-se tão abruptamente que os companheiros experimentavam extrema dificuldade em manter a formação, a qual se desfazia apenas durante os dois ou três segundos necessários para largar as bombas e dispersar com um ruído de motores que cortava a atmosfera, para evitar a barragem de fogo antiaéreo e os «caças» alemães, que, por sorte, não existiam naquelas paragens, além da possibilidade de a explosão de um aparelho atingido se comunicar a outro. Só depois de todo o *Sturm und Drang*⁴ se perder à distância Yossarian impelia para trás o capacete protector para ventilar a cabeça alagada em transpiração e parava de bradar indicações a McWatt, que se ocupava dos comandos, o qual não tinha outra coisa a fazer no momento senão perguntar-se onde os projecteis haviam caído.

– Acabaram-se as bombas – anunciava então o sargento Knight, na retaguarda.

– Atingimos a ponte? – perguntava McWatt.

– Não consegui ver. Os solavancos eram de tal ordem, cá atrás, que não enxergava um palmo adiante do nariz. E agora está tudo coberto de fumo,

pelo que continuo sem topar nada.

– As bombas atingiram o alvo, Aarfy?

– Qual alvo? – O capitão Aardvaark, adiposo e fumador de cachimbo, navegador de Yossarian, exprimia-se por entre a confusão de mapas que criara ao lado de Yossarian, no nariz do avião. – Não sabia que já tínhamos chegado.

– As bombas atingiram o alvo, Yossarian?

– Quais bombas? – redarguiu este último, cuja única preocupação consistira no fogo antiaéreo.

– Bem, que se lixe – acabava McWatt por capitular.

Yossarian estava-se nas tintas para o facto de atingir ou não o alvo, desde que Havermeier ou outro comandante de bombardeiros conseguisse fazê-lo e não necessitassem de voltar ao local. De vez em quando, alguém se indignava suficientemente com Havermeier para o esmurrar.

– Já lhes disse que o deixassem em paz – advertia o coronel Cathcart, irritado. – Repito que é o nosso melhor bombardeiro!

Havermeier ria com a intervenção do superior e introduzia mais um amendoim na boca.

Tornara-se muito proficiente em alvejar ratos à noite com a automática que confiscara ao homem morto da tenda de Yossarian. O engodo era um pedaço de chocolate, e ele aguardava pacientemente na escuridão, com um dedo enfiado no laço do cordel que estendera da estrutura da rede mosquiteira até à corrente da lâmpada eléctrica do tecto. O cordel estava tenso como uma corda de banjo e o mínimo puxão acenderia a luz e cegaria a presa. Havermeier exultava de prazer, enquanto o roedor se agitava de um lado para o outro, e no momento em que se voltava para ele, soltava uma gargalhada e puxava o gatilho, eliminando assim mais um intruso.

Certa noite, a altas horas, Havermeier alvejou um rato e o estampido fez Joe Faminto irromper da tenda descalço, ao mesmo tempo que praguejava com indignação e esvaziava a pistola sobre a de Havermeier, enquanto avançava em carga pelo declive de um dos lados da vala e trepava ao outro, para desaparecer imediatamente numa das cavidades surgidas como por

artes mágicas junto de cada tenda na manhã em que Milo Minderbinder bombardeara a esquadrilha. Fora pouco antes da alvorada, durante o Grande Cerco de Bolonha, quando homens mortos sem língua povoavam as horas da noite como fantasmas vivos e Joe Faminto estava meio alucinado de ansiedade, porque voltara a terminar as suas missões e não estava escalado para voar. Balbuciava sem coerência, quando o retiraram da cavidade, aludindo vagamente a cobras, ratos e aranhas. Os outros apontaram as lanternas para o fundo, a fim de se certificarem, mas só se lhes deparou um pouco de água da chuva estagnada.

– Estão a ver? – bradou Havermeier. – Eu não disse que ele era maluco?

2 *United Service Organization's*: Organizações de Serviço Unido. (N. do T.)

3 *Private First Class*: soldado de primeira classe. (N. do T.)

4 Expressão alemã que significa «tempestade e paixão» e que se usa para significar qualquer período de perturbação, dificuldade e tensão. Esta expressão reporta-se a um movimento literário na Alemanha do século XVIII que estava contra a forma e o estilo estabelecidos. (N. do T.)

§

Capítulo quarto DR. DANEEKA

Joe Faminto era mesmo doido e ninguém o sabia melhor que Yossarian, o qual fazia tudo o que podia para o ajudar. Simplesmente, o outro não o escutava. E não o escutava porque o julgava doido.

– Porque havia ele de fazer caso de si? – perguntou o Dr. Daneeka, sem erguer os olhos.

– Porque tem problemas.

– Ele julga que tem problemas? – volveu, fungando desdenhosamente. – Então, eu? No fundo, não me lembro. Sei que estamos em guerra e muita gente tem de sofrer para que a ganhem. Mas porque hei-de ser uma dessas pessoas? Porque não mobilizam alguns desses médicos idosos que se fartam de vender peixe em público acerca dos enormes sacrifícios que a classe está disposta a fazer? Não quero fazer sacrifícios. Quero ganhar dinheiro.

O Dr. Daneeka era um homem tranquilo, desprezioso, cuja ideia de divertimento consistia em estar de mau humor. Tinha pele bronzeada e rosto pequeno e taciturno, com pequenas bolsas sob os olhos. Queixava-se constantemente da saúde e visitava a tenda dos médicos quase todos os dias, para que um dos dois subalternos que o substituíam na maior parte do tempo lhe tirasse a temperatura. Na realidade, eles substituíam-no tão eficientemente que apenas restava a Daneeka passar o tempo sentado ao sol e especular mentalmente sobre o motivo das preocupações dos outros. Chamavam-se Gus e Wes e tinham conseguido elevar a medicina ao nível de uma ciência exacta. Todos os homens que compareciam na tenda para

serem examinados e tinham temperatura superior a trinta e sete graus seguiam urgentemente para o hospital. Todos os que compareciam com temperatura inferior a esse valor, excepto Yossarian, viam as gengivas e dedos dos pés pintados com uma solução de genciana violácea e eram obrigados a tomar um laxante. Todos os que tinham a temperatura igual a trinta e sete graus recebiam indicação para voltar uma hora mais tarde para nova medição.

Yossarian, que não excedia os trinta e sete, podia baixar ao hospital sempre que quisesse, porque não tinha medo deles.

O sistema funcionava perfeitamente para todos, em particular para o Dr. Daneeka, que dispunha de todo o tempo de que necessitava para o velho major... de Coverley lançar ferraduras no seu recinto privativo de lançamento de ferraduras, ainda com a pala transparente que Daneeka idealizara com um pedaço de celulóide retirado da janela do quarto do impedido do major Major, meses antes, quando o major ... de Coverley regressara de Roma com a córnea afectada, depois de alugar na cidade dois apartamentos para utilização dos oficiais e subalternos durante as licenças de repouso. O Dr. Daneeka só visitava a tenda médica quando começava a sentir-se muito doente, todos os dias, e pedia a Gus e a Wes que o examinassem. No entanto, nunca lhe encontravam nada de anormal. A temperatura era invariavelmente de trinta e seis graus e sete décimos, o que lhes parecia natural, uma vez que ele não se preocupava com o facto. No fundo, porém, Daneeka preocupava-se. Começava a perder a confiança em Gus e Wes e considerava a possibilidade de os recambiar para o parque automóvel e substituir por alguém que lhe *conseguisse* encontrar alguma anomalia.

Na realidade, achava-se familiarizado com numerosas coisas que estavam drasticamente erradas. Além da sua saúde, preocupava-se com o oceano Pacífico e o tempo de voo. A saúde era uma coisa de que uma pessoa nunca podia estar segura por um período suficientemente longo. O oceano Pacífico era uma massa de água rodeada por todos os lados por elefantíase e outras enfermidades temíveis, para onde, se um dia caísse em desgraça

perante o coronel Cathcart por considerar Yossarian incapaz para novas missões, poderia ser transferido repentinamente. E o tempo de voo era o que tinha de permanecer a bordo de um avião todos os meses para receber o respectivo subsídio. Ora, ele detestava voar. Dentro de um aparelho, sentia-se aprisionado; não havia lugar algum aonde ir senão a outra parte do aparelho. Ouvira dizer que quem gostava de voar se limitava a satisfazer o desejo inconsciente de regressar ao ventre materno. Quem lho dissera fora Yossarian, o qual contribuía para que Daneeka recebesse o subsídio de voo todos os meses sem regressar ao ventre materno, convencendo McWatt a incluir-lhe o nome na lista de participantes em missões de treino ou deslocações a Roma.

– Sabe como é – observara Daneeka, com um piscar de olho conspiratório.

– Porque hei-de correr riscos sem necessidade?

– Pois claro – concordara Yossarian.

– Que interessa a alguém se viajo ou não no avião?

– Absolutamente nada.

– Sem dúvida. Um pouco de pomada é o ingrediente que faz girar o mundo. Uma mão lava a outra. Entende-me, com certeza. Se me coçar as costas, eu coço as suas.

Yossarian entendia-o perfeitamente, na verdade.

– Não era bem a isso que me referia – apressara-se o médico a acrescentar ao vê-lo começar a coçar-lhe as costas. – Falava de cooperação. Favores. Você faz-me um favor e eu faço-lhe outro. Compreende?

– Faça-me um.

– Nem pensar.

Havia algo de temível e, ao mesmo tempo, insignificante no Dr. Daneeka, sentado, com uma expressão de desânimo, à entrada da tenda, ao sol, trajando calça de Verão de caqui e uma camisa de meia manga quase cinzenta em virtude da lavagem diária a que a submetia. Era como um homem que ficara petrificado de terror e não se libertara por completo do efeito. Sentava-se reclinado e massajava com as unhas luminosas as mãos

bronzeadas, como se tivesse frio. Na realidade, era um homem terno e compassivo, que nunca parava de ter pena de si próprio.

– Porque hei-de ser eu? – era o seu lamento constante, e tratava-se com efeito de uma boa pergunta.

Yossarian reconhecia que era uma boa pergunta, porque as colecionava e utilizara para comprometer as sessões educativas que Clevinger conduzia, duas noites por semana, na tenda dos serviços secretos do capitão Black, com o cabo de óculos que toda a gente sabia ser provavelmente um subversivo. O capitão Black sabia que ele era um subversivo, porque usava óculos e empregava termos como *panaceia e utopia*, além de que desaprovava Adolfo Hitler, o qual executara um trabalho admirável ao combater as actividades antiamericanas na Alemanha. Yossarian assistia às sessões educativas, porque queria averiguar a razão pela qual tantas pessoas desenvolviam esforços tão porfiados para o matar. Havia um punhado de outros homens igualmente interessados e as perguntas eram muitas e boas, quando Clevinger e o cabo subversivo terminavam de falar e cometiam a imprudência de perguntar se alguém tinha dúvidas.

– Quem é a Espanha?

– Quem é Hitler?

– Onde fica a direita?

– Onde estava aquele velho encurvado e macilento a quem eu chamava «Papa» quando o carrocel se partiu?

– Qual era o trunfo em Munique?

– Olá, beribéri!

e

– Gaita!

As perguntas sucediam-se em catadupas, até que surgiu a de Yossarian, sem resposta:

– Onde estão os Snowdens do ano passado⁵?

A interrogação perturbou-os, porque Snowden fora morto sobre Avinhão, quando Dobbs enlouquecera no espaço e arrancara os comandos das mãos de Huple.

– O quê? – inquiriu o cabo, fazendo-se estúpido.

– Onde estão os Snowdens do ano passado?

– Não estou a compreender.

– *Où sont les Neigedens d'antan?* – insistiu Yossarian, para lhe facilitar a compreensão.

– *Parlez en anglais*, por favor – redarguiu o cabo. – *Je ne parle pas français*.

– Nem eu – asseverou Yossarian.

Estava disposto a persistir em todos os idiomas do mundo para lhe extrair a verdade, mas Clevinger interveio, pálido e quase sem fôlego, com vestígios de lágrimas nos olhos brilhantes.

Estabeleceu-se alarme no quartel-general do grupo, pois tornava-se imprevisível determinar o que as pessoas averiguariam, se dispusessem de liberdade para formular as perguntas que quisessem. Cathcart incumbiu o tenente-coronel Korn de pôr termo à situação e este conseguiu-o por meio de uma norma reguladora da formulação de perguntas. Na realidade, tratava-se de uma inspiração genial, como ele próprio salientou no seu relatório enviado ao coronel Cathcart. Segundo a norma em causa, as únicas pessoas que podiam fazer perguntas eram aquelas que nunca as faziam. Em breve, os únicos assistentes às sessões eram os que obedeciam a esse requisito, até que foram suspensas, porquanto Clevinger, o cabo e o tenente-coronel Korn reconheceram que não se tornava possível nem necessário educar quem nunca perguntava nada.

Cathcart e Korn viviam e trabalhavam no edifício do quartel-general do grupo, como todos os membros da secção, à excepção do capelão. Tratava-se de uma estrutura enorme e antiquada de alvenaria avermelhada e canalização ruidosa. Nas traseiras, situava-se a moderna carreira de tiro, mandada construir pelo coronel Cathcart para recreio exclusivo dos oficiais do grupo, obrigados a passar lá um mínimo de oito horas por mês.

Yossarian tinha de cumprir a determinação como os outros, mas revelava-se um mau atirador, ao contrário de Appleby, que nunca errava o alvo. Na verdade, Yossarian era tão mau atirador como jogador. Nunca conseguia

ganhar dinheiro ao jogo, mesmo que fizesse batota, porque escolhia sempre para adversários pessoas ainda mais hábeis do que ele. Tratava-se de duas decepções com as quais acabara por se resignar: nunca seria um bom atirador e nunca ganharia dinheiro.

«É preciso ter miolos para *não* ganhar dinheiro», escreveu o coronel Cargill num dos memorandos homiléticos que preparava regularmente para circulação, com o visto do general Peckem. «Qualquer imbecil pode ganhar dinheiro nos tempos que correm, e a maioria consegue-o. Mas que dizer das pessoas com talento e miolos? Indique-se, por exemplo, um poeta que ganhe dinheiro.»

– T. S. Eliot – disse o ex-PFC no seu cubículo de separação da correspondência no Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea, e desligou o telefone sem se identificar.

Em Roma, o coronel Cargill ficou perplexo.

– Quem era? – perguntou o general Peckem.

– Não sei.

– Que queria?

– Também não sei.

– Mas que disse?

– T. S. Eliot.

– Que é isso?

– T. S. Eliot – repetiu Cargill.

– Só «T. S.»?...

– Exacto. T. S. Eliot.

– Que significará? – ponderou Peckem.

Cargill perguntava-se a mesma coisa.

– T. S. Eliot – murmurou o general, com uma expressão fúnebre.

– T. S. Eliot – repetiu o coronel, com uma expressão muito similar. Peckem emergiu da meditação passado um momento com um sorriso condescendente. A expressão era agora arguta e sofisticada e os olhos exibiam um clarão malicioso.

– Mande ligar ao general Dreedle – indicou, por fim. – Mas que não lhe digam quem fala.

Cargill obedeceu e passou-lhe o auscultador.

– T. S. Eliot – proferiu o general, e cortou a ligação.

– Quem era? – perguntou o coronel Moodus.

O general Dreedle, na Córsega, não respondeu. Moodus era seu genro e ele, a pedido insistente da mulher e contrariado, levava-o para as actividades militares. Naquele momento, contemplava Moodus com aversão moderada. Detestava-o bastante e tinha de lhe suportar constantemente a presença, pois era seu assistente. Opusera-se ao casamento da filha com ele porque lhe desagradava comparecer em cerimónias do género. Exibindo uma expressão ameaçadora e preocupada, Dreedle levantou-se da secretária, imobilizou-se diante do espelho e estudou a imagem. Tinha cabelos crespos, sobrancelhas espessas e queixo proeminente beligerante. Especulou mentalmente sobre a mensagem enigmática que acabava de receber e, de súbito, a expressão suavizou-se em virtude de uma ideia que acabava de lhe acudir.

– Ligue a Peckem – ordenou ao genro. – Mas não quero que o bastardo saiba quem fala.

– Quem era? – perguntou o coronel Cargill, em Roma.

– A mesma pessoa – redarguiu o general Peckem, com uma expressão de alarme. – Agora, persegue-me.

– Que queria?

– Não sei.

– Que disse?

– A mesma coisa.

– T. S. Eliot?

– Sim, «T. S. Eliot». Só isso. – Foi assolado por um pensamento animador.

– Talvez se trate de um código novo ou algo do género, como as cores do dia. Porque não manda indagar nas Transmissões, para ver se é um novo código ou algo do género ou as cores do dia?

Das Transmissões informaram que T. S. Eliot não era um novo código ou as cores do dia. A ideia seguinte proveio do coronel Cargill:

– Talvez não fosse má ideia telefonar ao Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea, para ver se sabem alguma coisa. Há lá um amanuense chamado Wintergreen com o qual me dou muito bem. Foi ele quem me explicou que a nossa prosa era demasiado prolixa.

O ex-PFC revelou-lhe que não constava nada sobre um T. S. Eliot no Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea.

– Como vai a nossa prosa? – decidiu o coronel perguntar, para aproveitar a oportunidade de estar a falar com Wintergreen. – Muito melhor, hem?

– Ainda a acho demasiado prolixa – foi a resposta.

– Não me admirava nada que o general Dreedle estivesse por detrás de tudo – confessou, por fim, Peckem. – Lembra-se do que fez na carreira de tiro?

Com efeito, o general Dreedle abria as portas da carreira de tiro privativa do general Cathcart a todos os oficiais e subalternos do grupo que participavam em missões de combate, empenhado em que os seus homens permanecessem lá tanto tempo quanto o espaço e horário de voo lhes permitissem. O tiro ao alvo oito horas por mês representava um treino excelente. Treinava-os no tiro ao alvo.

Dunbar adorava o tiro ao alvo, porque detestava o tempo que lhe consagrava até ao último segundo e o tempo se escoava com lentidão. Chegara à conclusão de que uma única hora na carreira de tiro com pessoas como Havermeier e Appleby equivaliam a onze vezes dezassete anos.

– Desconfio que não regulas bem – foi o comentário de Clevinger à descoberta de Dunbar.

– Quem se preocupa com isso?

– Eu.

– Quem se preocupa?

– Eu, palavra – insistiu. – Não me importo de admitir que a vida parece mais longa se...

– *É* mais longa.

– Mais longa? Está bem. *É* mais longa se estiver cheia de períodos de tédio e desconforto, mas...

– Sabes com que velocidade? – inquiriu Dunbar, subitamente.

– O quê?

– Passam.

– Quem?

– Os anos.

– Os anos?

– Anos, anos, anos.

– Porque não deixas o homem em paz, Clevinger? – interpôs Yossarian. – Não compreendes a situação dele?

– Não tem importância – declarou Dunbar, magnânimo. – Tenho algumas décadas para despender. Sabem quanto tempo demora um ano a passar, quando já passou?

– E tu cala-te também – indicou Yossarian a Orr, que começava a exibir um sorriso escarninho.

– Estava a pensar naquela rapariga – explicou o interpelado. – Aquela rapariga da Sicília. Aquela rapariga da Sicília de cabeça calva.

– É *melhor* calares-te também – persistiu Yossarian.

– A culpa é tua – disse Dunbar. – Porque não o deixas sorrir à vontade? É preferível a ouvi-lo falar.

– Está bem – transigiu Yossarian. – Continua a sorrir, se quiseres.

– Sabes quanto tempo demora um ano a passar, quando já passou? – insistiu Dunbar, voltando-se para Clevinger. – Isto – acrescentou, fazendo estalar os dedos. – Há um segundo, entravas para a universidade com os pulmões cheios de ar puro. Hoje, és um velho.

– Velho? – repetiu o outro, surpreendido. – Que estás para aí a dizer?

– Velho.

– Não sou velho.

– Ficas a poucos centímetros da morte, cada vez que efectuas uma missão. Quanto mais velho podes ser na tua idade? Meio minuto antes, entravas para o liceu e um *soutien* com o fecho já solto estava tão perto como nunca esperaste encontrar-te do Paraíso. Apenas um quinto de segundo antes disso, eras um garoto, com férias de Verão de dez semanas que duravam

cem mil anos e mesmo assim terminavam cedo de mais. Zip! Fugiam como um foguete. De que outra maneira tencionas retardar o tempo? – Dunbar sentia-se quase enfurecido, quando concluiu a longa tirada.

– Bom, talvez tenhas razão – concedeu Clevinger, com certa relutância. – É possível que uma vida longa tenha de ser preenchida com muitas condições desagradáveis, para parecer de facto longa. Mas, em todo o caso, quem está interessado nisso?

– Estou eu – retrucou Dunbar.

– Porquê?

– Que outra coisa existe?

[5](#) Trata-se de um jogo de palavras com the *snows of yesteryear* (as neves de antanho). (N. do T.)

§

Capítulo quinto CHEFE WHITE HALFOAT

O Dr. Daneeka vivia numa tenda cinzenta com o chefe White Halfoat, que temia e detestava.

- Quase consigo imaginar-lhe o fígado – resmungava o médico.
- Imagine o meu – recomendou Yossarian.
- O seu não tem nada de anormal.
- Bem se vê que não o conhece.

E descreveu a dor que intrigava as enfermeiras Duckett e Cramer e todos os médicos do hospital, porque não se resolvia em icterícia nem desaparecia.

Todavia, Daneeka não se mostrou interessado.

– Você julga que tem problemas? Então, eu? Devia estar no meu consultório no dia em que apareceram os recém-casados.

– Quais recém-casados?

– Os que apareceram um dia no meu consultório. Nunca lhe falei deles? Ela era adorável.

E o consultório também. Daneeka decorara a sala de espera com peixes de aquário e um dos conjuntos de mobiliário barato mais atraentes. Adquiria a crédito tudo o que podia, incluindo os peixes. Quanto ao resto, obtinha dinheiro de familiares ambiciosos em troca de acções dos lucros. O consultório situava-se em Staten Island, numa armadilha em caso de incêndio para duas famílias, a quatro quarteirões do cais do *ferryboat* e apenas um a sul de um supermercado, três salões de beleza e dois farmacêuticos corruptos. A situação podia considerar-se satisfatória, mas

não proporcionava dividendos. O rendimento da população era pequeno e as pessoas, em obediência ao hábito, recorriam aos mesmos médicos desde longa data. As facturas acumulavam-se rapidamente e Daneeka não tardou a enfrentar a perda dos seus instrumentos médicos mais preciosos: a máquina regressou à procedência e a de escrever em breve lhe seguiu as pisadas. Entretanto, os peixes do aquário morreram, e quando a situação começava a apresentar-se particularmente tenebrosa, eclodiu a guerra.

– Foi uma dádiva celestial – admitiu com uma expressão solene. – A maioria dos outros médicos depressa foi mobilizada e o negócio passou a prosperar de um dia para o outro. A afluência de pacientes avolumou-se a tal ponto que excedeu o número daqueles que eu podia tratar competentemente. Estabeleci um acordo com os dois farmacêuticos, devido à quantidade de clientes que lhes enviava. Por outro lado, os salões de beleza também praticavam mais abortos por minha causa. As coisas não podiam correr melhor, até que os Serviços de Mobilização se lembraram de mim. Tratei de me examinar minuciosamente e descobri que estava incapaz para o serviço militar. Dava a impressão de que a minha palavra devia bastar, uma vez que era um médico conceituado. Mas qual quê! Os tipos insistiram em mandar um especialista a minha casa, para verificar se de facto sofrera amputação de uma das pernas pelo quadril e se estava permanentemente de cama em virtude de artrite reumática incurável. Vivemos numa era de desconfiança e deterioração dos valores espirituais. É uma coisa horrível – protestou em voz trémula de emoção. – Para onde caminha o mundo, se a palavra de um médico idóneo é alvo de suspeitas por parte da pátria que ama?

Fora mobilizado e enviado para Pianosa como médico da aviação, apesar de a simples ideia de voar o apavorar.

– Não preciso de procurar problemas num avião – salientou, pestanejando os olhos míopes. – Eles tratam de me encontrar. Como no caso daquela virgem que não podia ter filhos.

– Qual virgem? – inquiriu Yossarian. – Julgava que me ia falar de uns recém-casados.

– É precisamente essa a virgem. Eram umas crianças e havia pouco mais de um ano que tinham casado, quando se apresentaram no consultório sem marcação prévia. Gostava que a visse. Era tão bonita, jovem e terna... Até corou, quando lhe perguntei se tinha a menstruação com regularidade. Creio que nunca deixarei de a amar. Era constituída como um sonho e usava um cordão ao pescoço com uma medalha de Santo António entre os seios mais admiráveis que jamais contemplei. «Deve ser uma tentação incrível para o Santo António», comentei para a pôr à vontade. «Qual Santo António?», quis saber o marido. «Pergunte a sua esposa», repliquei. «É a pessoa mais indicada para o informar.» «Qual Santo António?», insistiu, virando-se para ela. «Quem?», replicou a rapariga. «Santo António.» «Qual Santo António?» Quando a examinei por dentro, descobri que ainda era virgem, e troquei umas palavras com o marido, enquanto ela se vestia. «Todas as noites», vangloriou-se. «Até o temos feito de manhã, antes do pequeno-almoço, que ela prepara antes de irmos para o trabalho.» Só havia uma explicação. Quando ela reapareceu da sala ao lado, procedi a uma demonstração do coito com modelos de borracha providos de todos os órgãos indispensáveis para o efeito, que guardo em armários separados para evitar um escândalo. Ou melhor, guardava, pois já não tenho nada, nem sequer clientela. A única coisa que me resta é uma temperatura baixa, que começa a preocupar-me. Aqueles dois imberbes que me substituem na tenda médica não merecem a menor confiança. Só sabem queixar-se. Julgam que têm problemas? Então, eu? Deviam estar no meu consultório naquele dia, com os recém-casados a olharem-me, como se acabassem de se inteirar de um facto anteriormente desconhecido. Nunca tinha visto ninguém tão interessado. «Afinal, é assim?», acabou ele por perguntar, e pediu que o deixasse manipular os bonecos por uns momentos. «Pois é», confirmei. «Agora, vão para casa, experimentem este método durante uns meses e vejam o que acontece.» Concordaram e pagaram em dinheiro sem protestar. «Divirtam-se», desejei ainda, quando se retiraram. Ele rodeava a cintura dela com o braço e parecia ansioso para o voltar a fazer, agora à minha maneira. Passados uns dias, reapareceu e disse à minha recepcionista que

precisava de me falar com urgência. Logo que ficámos sós, esmurrou-me no nariz.

– O quê?!

– Exactamente. Chamou-me espertalhão e esmurrou-me. «Julga-se muito esperto, hem?», vociferou, e atirou-me ao chão. Garanto-lhe que não estou a brincar.

– Acredito – assentiu Yossarian. – Mas porque procedeu assim?

– Sei lá! – retrucou Daneeka, enxofrado.

– Talvez se relacionasse com Santo António.

– Santo António? – repetiu, pestanejando. – Qual Santo António?

– Sei lá! – proferiu o chefe White Halfoat, entrando na tenda com uma garrafa de uísque na mão e sentando-se belicosamente entre ambos.

O Dr. Daneeka levantou-se sem uma palavra e levou a cadeira para fora da tenda, as costas inclinadas sob o peso compacto das injustiças com que o mundo o distinguia. Não conseguia suportar a proximidade do companheiro que lhe fora imposto.

Por seu turno, o chefe White Halfoat julgava-o doido.

– Não sei o que se passa com este tipo – observou em tom de censura. – Desconfio que o seu mal é a falta de miolos. Se tivesse alguns, pegava numa pá e começava a abrir uma cova. Aqui dentro, mesmo por baixo do meu beliche. Descobria petróleo num ápice. Não saberá daquele oficial subalterno que encontrou petróleo com uma pá, nos Estados Unidos? Desconhecerá o que aconteceu àquele rapaz... como se chamava aquele bastardo proxeneta ranhoso do Colorado?

– Wintergreen.

– Isso, Wintergreen.

– Tem medo – explicou Yossarian.

– Não tem. – O chefe White Halfoat abanou a cabeça com uma admiração que não tentava dissimular. – Aquele filho da mãe espertalhão fedorento não tem medo de ninguém.

– Mas tem o doutor Daneeka. É esse o seu mal.

– De que tem medo?

– De si. Receia que morra de pneumonia.

– E faz muito bem. – O seu peito maciço foi abalado por uma gargalhada rouca. – Hei-de morrer, na primeira oportunidade. Espere e verá.

O chefe White Halfoat era um índio garboso e corpulento de Oclaoma, com semblante de expressão grave, cabelos pretos desgrenhados, e sangue parcialmente grego de Enid, que, por razões só dele conhecidas, decidira morrer de pneumonia. Vingativo, desiludido e acalorado, detestava os estrangeiros com nomes como Cathcart, Kom, Black e Havermeyer e desejava que partissem para a procedência dos seus inclassificáveis antepassados.

– Talvez não acredite, Yossarian – continuou, levantando a voz para provocar Daneeka –, mas vivia-se muito melhor neste país antes de o destruírem com a religião.

Ansiava por se vingar dos brancos. Sabia ler e escrever rudimentarmente e fora nomeado assistente do capitão Black.

– Como queriam que eu aprendesse a ler e escrever correctamente? – volveu com simulada beligerância, persistindo com a voz elevada para que o médico ouvisse. – Onde quer que montássemos a tenda, eles abriam um poço de petróleo. Cada vez que abriam um poço, encontravam petróleo. E cada vez que encontravam petróleo, mandavam-nos erguer a tenda e ir para outro lado. Éramos autênticos pesquisadores de nascentes de petróleo. Toda a nossa família tinha afinidade natural para os depósitos de petróleo e não tardou que todas as companhias petrolíferas do mundo enviassem técnicos no nosso encalço. Andávamos sempre com a casa às costas. Garanto-lhe que era uma maneira diabólica de criar um filho. Não creio que chegasse a estar mais de uma semana num lugar.

A sua recordação mais recente era de um geólogo.

– Sempre que nascia mais um White Halfoat, os valores da Bolsa enlouqueciam. Em breve, todas as equipas de perfuração nos seguiram com todo o seu material e as companhias começaram a fundir-se para reduzir o número de funcionários que precisavam de colocar na nossa peugada. Apesar disso, a multidão atrás de nós não parava de aumentar. Nunca

sabíamos o que era uma noite de sono tranquilo. Quando nos detínhamos num sítio, eles também. Quando reatávamos a marcha, imitavam-nos, com os camiões, *bulldozers*, gruas e geradores. Éramos um *boom* de negócios ambulante e principiámos a receber convites de alguns dos melhores hotéis só pelo número de hóspedes que a nossa presença havia de atrair. Na sua maioria eram muito generosos, mas não os podíamos aceitar devido à nossa condição de índios, pois não nos admitiriam por isso. Os preconceitos raciais são uma coisa terrível, Yossarian. Se são... É uma coisa terrível tratar um índio decente e leal como um preto, judeu ou emigrado qualquer. E inclinou a cabeça com convicção.

– Até que, finalmente, aconteceu: o princípio do fim. Começaram a acompanhar-nos à nossa frente. Tentavam adivinhar onde pararíamos a seguir e iniciavam perfurações antes de chegarmos, pelo que nem podíamos parar. Assim que começávamos a desenrolar as mantas, corriam connosco. Tinham confiança em nós. Nem sequer esperavam que surgisse o petróleo antes de nos expulsar. Estávamos tão cansados, que já nem nos importávamos que o nosso tempo na Terra se esgotasse. Uma manhã, vimo-nos completamente rodeados por exploradores de petróleo que aguardavam que surgíssemos no seu caminho para nos enxotar. Para onde quer que olhássemos, havia um deles numa colina, à espera, como índios dispostos a atacar. Foi o fim. Não podíamos ficar onde nos encontrávamos, porque acabávamos de ser expulsos. E não havia lugar algum para onde pudéssemos ir. O Exército acabou por me salvar. Por sorte, a guerra rebentou no momento oportuno e os Serviços de Mobilização pegaram em mim e largaram-me em Lowery Field, Colorado. Fui o único sobrevivente.

Embora soubesse que ele mentia, Yossarian absteve-se de interromper, enquanto continuava a desfiar o rosário, alegando que não voltara a ter notícias dos pais. No entanto, o facto não o apoquentou muito, pois apenas havia a palavra deles a garantir que era seu filho, e como lhe haviam mentido acerca de tantas coisas, podiam tê-lo feito também nisso. Achava-se familiarizado com o destino de uma tribo de primos direitos, que rumara ao norte num movimento de diversão e se infiltrara inadvertidamente no

Canadá. Quando tentava retroceder, fora interceptada na fronteira por funcionários da Imigração dos Estados Unidos, que não a deixara passar, por se tratar de pessoas vermelhas.

Era uma descrição jocosa horrível, todavia Daneeka só riu quando Yossarian o procurou, uma missão mais tarde, e voltou a implorar, sem a menor esperança de êxito, que o considerasse inapto para ulteriores voos. O médico soltou uma breve gargalhada seca e tornou a imergir nos seus problemas, que incluíam o chefe White Halfoat, o qual passara a manhã a desafiá-lo para lutar ao estilo índio, e Yossarian, que decidiu naquele momento dar em doido.

- Está a perder o seu tempo – viu-se Daneeka forçado a adverti-lo.
- Não pode considerar um doido incapaz para missões de combate?
- Com certeza. Existe uma alínea do regulamento nesse sentido.
- Então, porque não o faz no meu caso? Garanto-lhe que endoideci.

Pergunte a Clevinger.

– Clevinger? Onde *está*? Vá buscá-lo, para que lhe pergunte. Se conseguir encontrá-lo...

– Então, pergunte aos outros. Hão-de explicar-lhe até que ponto estou doido.

– Endoideceram.

– Nesse caso, porque não os dá por incapazes?

– Porque não me pedem?

– Porque são doidos.

– Claro que são – aquiesceu Daneeka. – Acabo de lho dizer. E não podemos deixar os doidos decidir se endoideceram ou não.

Yossarian olhou-o em silêncio por um momento e tentou outra tática.

– Orr é doido?

– Sem dúvida.

– Pode dá-lo por incapaz?

– Claro que posso. Mas primeiro tem de me pedir. Faz parte do regulamento.

– Então, porque não lhe pede?

– Porque é doido. Só um lunático continuaria a participar em missões de combate depois de escapar por uma unha negra tantas vezes. Com certeza que posso dá-lo por incapaz. Mas primeiro ele tem de me pedir.

– Basta isso?

– Basta. Que me venha pedir.

– E depois dá-lo por incapaz?

– Não. Depois, não posso.

– Quer dizer que há um ardil?

– Decerto. O Artigo Vinte e Dois. Quem quer ser afastado das missões de combate não está realmente doido.

Havia apenas um ardil e era o Artigo 22, o qual especificava que a preocupação de um homem pela sua própria segurança perante perigos reais e imediatos constituía o resultado do funcionamento de uma mente racional. Orr era louco e podia ser dado por incapaz. Bastava-lhe pedir, e a partir do momento em que o fizesse deixaria de ser louco e teria de participar em novas missões. Seria louco se participasse em novas missões e mentalmente não se não o fizesse, mas neste último caso teria de voltar a voar. Se o fizesse, seria louco e não teria de o fazer, mas se não quisesse, estaria em plena posse das faculdades mentais e deveria fazê-lo. Yossarian sentia-se profundamente impressionado com a notável simplicidade daquela cláusula do Artigo 22 e emitiu um silvo de respeito.

– É um bom ardil esse Artigo Vinte e Dois.

– Dos melhores que existem – admitiu o Dr. Daneeka.

Yossarian via tudo com clareza no seu assombroso aspecto razoável. Havia uma precisão elíptica nos seus pares perfeitos de partes, que resultava graciosa e chocante, como a boa arte moderna, e em certas ocasiões ele não estava bem certo de abarcar tudo, tal como nunca tinha a certeza absoluta acerca da boa arte moderna ou das moscas que Orr via nos olhos de Appleby. Devia confiar na palavra de Orr quanto à existência de moscas nos olhos de Appleby.

– Não tenhas dúvidas de que estão lá – afirmara ele, após a primeira rixa de Yossarian com Appleby, no Clube dos Oficiais –, embora talvez nem ele

próprio saiba. É por isso que não consegue ver as coisas como são na realidade.

– Porque é que não sabe?

– Porque tem moscas nos olhos – explicou Orr, com paciência exagerada.

– Como queres que veja que tem moscas nos olhos, se tem moscas nos olhos?

O esclarecimento parecia tão sensato como qualquer outro, e Yossarian estava disposto a conceder a Orr o benefício da dúvida, porque este era da selva fora da cidade de Nova Iorque e sabia muito mais do que ele sobre a vida selvagem e, ao contrário da mãe, pai, irmã, irmão, tia, tio, cunhado, professor, chefe espiritual, legislador, vizinho e jornal de Yossarian, nunca lhe mentira acerca de nada de crucial. Yossarian analisara durante um ou dois dias os elementos acabados de obter a respeito de Appleby e por fim decidira, como uma boa acção, informar o interessado.

– Sabias que tens moscas nos olhos? – murmurou, quando se cruzaram à entrada da tenda dos pára-quedas, no dia da deslocação semanal a Parma para ir buscar leite.

– O quê? – replicou Appleby com brusquidão, confuso pelo facto de o outro se lhe haver dirigido.

– Tens moscas nos olhos – tornou Yossarian. – Deve ser por isso que não consegues vê-las.

Appleby desviou-se com uma expressão mista de assombro e animosidade e conservou-se amuado, em silêncio, até que se encontrou no jipe com Havermeyer em direcção à sala de distribuição de missões, ao fundo da longa e rectilínea estrada, onde o major Danby, o nervoso oficial de operações do grupo, aguardava para iniciar a sessão preliminar com os pilotos comandantes, bombardeiros e navegadores. Appleby exprimia-se em voz baixa, a fim de não ser ouvido pelo condutor ou pelo capitão Black, que se refastelava, de olhos fechados, no banco da frente.

– Havermeyer... – articulou, hesitante. – Tenho moscas nos olhos?

– Roscas? – grunhiu o interpelado, pestanejando com perplexidade.

– Não, moscas.

– Moscas? – Havermeyer voltou a pestanejar.

– Nos olhos.

– Deves estar maluco.

– Não, não estou. Quem está maluco é Yossarian. Diz-me só se tenho moscas nos olhos ou não. Vá, não tenhas medo. Estou mentalizado para tudo.

Introduziu mais um amendoim na boca e observou os olhos de Appleby atentamente antes de se pronunciar.

– Não vejo nenhuma.

Appleby emitiu um profundo suspiro de alívio, sobretudo porque via com nitidez resíduos de amendoim aderidos aos lábios e ao queixo do outro.

– Tens migalhas de amendoim na cara.

– Antes disso que moscas nos olhos – retorquiu Havermeyer.

Os oficiais dos outros cinco aviões de cada esquadrilha chegaram em camiões para tomarem conhecimento das instruções que seriam transmitidas meia hora mais tarde. Os três subalternos de cada equipa não eram informados de coisa alguma e rumavam directamente ao aeródromo, onde se achavam os aparelhos que deviam tripular naquele dia, e aguardariam com a tripulação de terra até que os oficiais com os quais voariam se lhes reunissem. Entretanto, os motores eram aquecidos, o que provocava ruído apreciável, enquanto os aviões seguiam para as posições de onde iniciariam o percurso ao longo da pista antes da descolagem. Depois, descreveriam um arco sobre o arvoredo em volta e rumariam ao mar, para a primeira parte da missão ao Norte da Itália ou França. Os aparelhos atingiam gradualmente os três mil metros de altitude, a fim de cruzarem o espaço inimigo. Um dos factores surpreendentes consistia sempre na sensação de calma e silêncio absoluto, apenas quebrado pelas rajadas de ensaio das metralhadoras, um ou outro comentário ocasional através do intercomunicador e, por último, a informação solene do bombardeiro de que se encontravam no ponto em que tinham de alterar o rumo em direcção ao alvo. Havia sempre sol e uma leve impressão de ardor na garganta, resultante do ar rarefeito.

Os B-25 em que eles voavam eram estáveis e merecedores de confiança, com dois lemes e motores e asas largas. O único inconveniente, em relação ao ponto em que Yossarian se sentava como bombardeiro, era a passagem estreita e baixa que separava o seu compartimento no nariz de plexiglas do aparelho da escotilha de saída mais próxima. Na realidade, a passagem consistia num túnel apertado quadrangular aberto atrás dos comandos de voo, que um homem corpulento como ele só conseguia transpor com dificuldade. Um navegador atarracado, de rosto lunar, olhos de réptil e cachimbo como Aarfy, também não o fazia com facilidade, e Yossarian costumava mandá-lo afastar para a retaguarda quando rumavam ao alvo, agora a poucos minutos de distância. Registava-se então um período de tensão, uma pausa de expectativa, em que a única coisa que havia para fazer era aguardar, sem nada para ouvir ou ver, enquanto, lá em baixo, a artilharia antiaérea afinava a pontaria, para os enviar para o sono eterno, se pudesse.

A passagem constituía o elo vital de Yossarian com o exterior, num aparelho na iminência de se despenhar no solo, porém, ele encarava-a com irreprimível antagonismo, considerando-a um obstáculo congeminado pela Providência como parte do conluio destinado à sua destruição. Havia espaço para outra saída de emergência no nariz de um B-25, mas ninguém julgara conveniente aproveitá-lo para esse fim. Em vez dela, existia a passagem e, depois do pandemónio no céu de Avinhão, ele habituara-se a detestar cada centímetro quadrado dela, pois atrasava-o vários segundos do lugar em que estava o seu pára-quedas, demasiado volumoso para transpor a saída no sobrado entre a retaguarda da ponte de comando elevada e os pés do artilheiro de rosto invisível postado na torre por cima. Yossarian ansiava por se encontrar onde Aarfy estaria depois de ele o mandar afastar do nariz do aparelho; na verdade, ansiava por se enroscar no sobrado, mesmo por cima da saída de emergência, dentro de um iglu de protecção de fatos de combate suplementares que gostaria de levar consigo, com o pára-quedas preso às correias, um dos punhos pousado no cordão e o outro no fecho da saída pela qual alcançaria o espaço livre em direcção ao solo. Era aí que gostaria de estar, em vez de imobilizado diante do largo plexiglas, como um

peixe num aquário, enquanto os projecteis disparados pelo inimigo explodiam em volta, ameaçando aniquilá-lo a todo o momento.

Aarfy não tinha a menor utilidade para Yossarian como navegador ou qualquer outra coisa e ele afastava-o do nariz do avião com veemência, para que não se embaraçassem mutuamente, na eventualidade de terem de se precipitar para a saída de emergência. Logo que se retirava da vanguarda do aparelho, Aarfy podia instalar-se no sobrado onde Yossarian ansiava por se encontrar. Mc Watt achava-se demasiado concentrado na tarefa de executar as instruções de Yossarian para se preocupar com o resto à sua volta, enquanto Aarfy acendia o cachimbo e observava calmamente o que se passava no exterior, como se se tratasse de uma perturbação remota que não o poderia afectar. Na realidade, era um homem de ideias simples, sem miolos suficientes para ter medo. Por seu turno, Yossarian tinha miolos e medo, e a única coisa que o impedia de abandonar o seu posto sob fogo inimigo e rastejar pela passagem como um dos ratos mais amarelos residia na falta de confiança nos companheiros para lhes deixar tomar a iniciativa da acção evasiva. Não havia ninguém no mundo a quem confiasse semelhante responsabilidade. Não havia ninguém seu conhecido tão covarde. Yossarian era o melhor homem do grupo para empreender uma acção evasiva, embora não fizesse a menor ideia do motivo.

Não existia uma maneira de proceder estabelecida. Para uma acção evasiva, bastava ter medo, ingrediente que ele possuía em quantidade apreciável, superior ao de Orr e Joe Faminto, e até de Dunbar, o qual acabara por se resignar com submissão à ideia de que um dia teria de morrer. Yossarian ainda não se resignara, e tratava de proteger a vida freneticamente em cada missão, a partir do momento em que as bombas haviam sido largadas, bradando «Dá-lhe com força, bastardo!» a McWatt, ao mesmo tempo que o detestava, como se este tivesse culpa de se encontrarem ali, na iminência de serem varridos da existência por desconhecidos, e todos os outros tripulantes abstinham-se de utilizar o intercomunicador, excepto na deplorável ocasião do pandemónio sobre

Avinhão, em que Dobbs enlouquecera em plena missão e começara a chorar pateticamente.

– Acudam-lhe, acudam-lhe – soluçava. – Acudam-lhe, acudam-lhe!

– Acudam a quem? – ripostou Yossarian, depois de voltar a introduzir a cavilha dos auscultadores no sistema de comunicação interna, de onde fora arrancada quando Dobbs retirara os comandos das mãos de Huple e obrigara o aparelho a «picar» com uma impetuosidade que colara Yossarian ao tecto, até que Huple os recuperara a tempo de o estabilizar e mergulhar de novo no meio do caos de estilhaços dos projecteis da artilharia antiaérea de onde se haviam esquivado segundos antes. – Valha-nos Deus! – balbuciou, deslizando para o banco que abandonara involuntariamente.

– Ao bombardeiro, ao bombardeiro! – replicou Dobbs, excitado, quando Yossarian voltou a utilizar o intercomunicador. – Não responde, não responde! Acudam ao bombardeiro, acudam ao bombardeiro!

– O bombardeiro sou eu! – vociferou Yossarian. – O bombardeiro sou eu! Estou bem! Estou bem!

– Então, acudam-lhe, acudam-lhe! – implorou Dobbs. – Acudam-lhe, acudam-lhe!

E Snowden jazia moribundo, na retaguarda do aparelho.

§

Capítulo sexto JOE FAMINTO

Joe Faminto já completara as cinquenta missões, mas não lucrava nada com isso. Tinha as malas prontas e voltava a aguardar que o autorizassem a regressar a casa. À noite, tinha pesadelos agitados que perturbavam o sono de toda a esquadrilha, mas Huple, o piloto de quinze anos que mentira ao declarar a idade para que o admitissem e vivia com um gato na mesma tenda que Joe Faminto, afirmava que nunca o ouvira gritar, apesar de ter o sono leve. Joe Faminto estava doente.

– E depois? – O Dr. Daneeka fungou com desdém. – Eu tinha uma situação estupenda. Fazia mais de cinquenta mil dólares por ano, quase todos livres de impostos, porque insistia em que os clientes pagassem em dinheiro. Aliás, contava com a protecção da associação comercial mais poderosa do país. No fim, veja o que aconteceu. Quando começava a amealhar uns cobres, lembraram-se de inventar o fascismo e desencadear uma guerra suficientemente horrível para até eu ficar impressionado. Não posso deixar de rir, quando um tipo como Joe Faminto passa a noite aos gritos. *Ele* julga-se doente? Como pensará que eu me sinto?

No entanto, Joe Faminto achava-se demasiado embebido em calamidades para se preocupar com os problemas do médico. Havia os ruídos, por exemplo. Os pequenos enfureciam-no, e increpava Aarfy com agressividade em virtude dos sons desagradáveis que produzia ao chupar o cachimbo, ou Orr pela sua inclinação para as enghocas, ou McWatt pela forma violenta como pousava o baralho de cartas quando jogava o vinte-e-um ou o póquer, ou Dobbs pela maneira como chocalhava os dentes quando colidia com

objectos. Joe Faminto era um poço de irritabilidade permanente. O tiquetaque persistente de um relógio num ambiente silencioso representava uma tortura tantálea para o seu desprotegido cérebro.

– Ouve bem isto, rapaz – disse, certa noite, a Huple. – Se queres viver nesta tenda, tens de fazer como eu. Antes de te deitares, metes o relógio numas peúgas enroladas e guarda-lo no fundo do teu armário.

Huple espetou o queixo numa atitude de desafio, para lhe dar a entender que não admitia pressões de espécie alguma, e acabou por proceder exactamente como lhe fora indicado.

Joe Faminto era um infeliz de faces chupadas e veias salientes como serpentes minúsculas, que se contorciam sob a pele ressequida. Tratava-se de um rosto desolador, repleto de sulcos sombrios, como uma povoação mineira abandonada. Comia com voracidade, roía as unhas incessantemente, gaguejava, balbuciava, coçava-se, transpirava, salivava e saltitava fanaticamente de um lado para o outro, com uma máquina fotográfica de modelo intrincado com a qual tentava constantemente surpreender raparigas desnudas. No entanto, nunca o conseguia. Esquecia-se sempre de colocar um rolo de películas, acender a luz ou retirar a tampa que cobria a objectiva. Não era fácil convencer raparigas a deixarem-se fotografar despidas, mas ele possuía um dom especial para o efeito.

– Eu homem importante – costumava vangloriar-se. – Eu grande fotógrafo da revista *Life*. Retrato enorme na capa. *Si, si, si!* Estrela de Hollywood. *Multi dinero. Multi divórcios. Multi excitação* durante todo o dia.

Poucas conseguiam resistir a semelhantes incentivos, e as prostitutas não hesitavam em se exhibir nas poses mais fantásticas que ele indicava. Na verdade, as mulheres mataram Joe Faminto. A sua reacção a elas como seres sexuais traduzia-se em veneração e idolatria. Eram encantadoras, satisfatórias, manifestações enlouquecedoras do miraculoso, instrumentos de prazer demasiado poderosos para serem medidos, demasiado vorazes para serem suportadas e demasiado exóticas para se destinarem a utilização por parte de homens básicos imerecedores do privilégio. Ele podia interpretar a presença desnuda nas suas mãos apenas como uma distração

cósmica que exigia rectificação pronta, e sentia-se sempre compelido a recorrer a todas as utilizações carnisais ao seu alcance nos momentos fugazes que pressentia que tinha antes de alguém abrir os olhos e arrebatá-las. Nunca conseguia decidir se as devia possuir ou fotografar, pois a experiência ensinara-lhe que se tornava impossível fazer ambas as coisas simultaneamente. Na realidade, encontrava quase impossível concretizar qualquer dos dois actos, de tal modo estavam baralhados os seus poderes de acção pela necessidade compulsiva de pressa que invariavelmente o dominava. As fotografias nunca ficavam boas e Joe Faminto nunca penetrava. O curioso era que, na vida civil, fora mesmo fotógrafo da revista *Life*.

Agora, era um herói, o maior da Força Aérea, na opinião de Yossarian, porque participara em mais missões de combate que qualquer outro herói. Completara seis rondas, a primeira quando bastavam vinte e cinco missões para fazer as malas, escrever para casa a anunciar a boa nova e começar a visitar o sargento Towser com regularidade para indagar se chegara a ordem de regresso. Enquanto esperava, passava o tempo passeando ritmicamente diante da tenda das operações, dirigindo comentários jocosos a todos os que passavam e chamando imundo filho da mãe ao sargento Towser, cada vez que assomava à entrada.

Joe Faminto completara as suas primeiras vinte e cinco missões durante a semana da cabeça-de-ponte na praia de Salerno, quando Yossarian baixara ao hospital com uma blenorragia contraída no decurso de uma missão a baixo nível sobre uma WAC⁶ entre os arbustos, numa deslocação a Marraquexe para aquisição de mantimentos. Este último esforçou-se para igualar o *record* do outro e quase conseguiu, participando em seis missões noutros tantos dias, porém, a vigésima terceira fora a de Arezzo, onde o coronel Nevers perdera a vida, e não voltara a aproximar-se tanto da possibilidade de regressar à pátria. No dia seguinte, surgia o coronel Cathcart, empenhado em demonstrar que não viera para servir de mera peça ornamental, e não lhe ocorreu melhor maneira de concretizar as intenções do que passar o número mínimo de missões de vinte e cinco para trinta. Joe

Faminto desfez as malas e escreveu para casa, a fim de considerar sem efeito as boas notícias precedentes. Por outro lado, deixou de perseguir o sargento Towser com alusões de gosto discutível quanto à sua ascendência e passou a odiá-lo, embora soubesse que não lhe cabia a menor responsabilidade na chegada do coronel Cathcart ou no atraso da ordem de embarque que o impedira de partir para os Estados Unidos.

Joe Faminto não conseguiu continuar a suportar a tensão resultante da expectativa e recomeçou a cavar a sepultura cada vez que completava mais uma ronda de missões. Sempre que era afastado do pessoal activo para participar nelas, promovia uma festa para o pequeno círculo de amigos que lhe restavam. Abria as garrafas de *bourbon* que conseguira comprar nos seus circuitos semanais de quatro dias no avião do correio e ria, cantava, uivava e saltivava num festival de intoxicado êxtase, até que já não podia manter os olhos abertos e mergulhava pacificamente num torpor prolongado. Logo que Yossarian, Nately e Dunbar o metiam na cama, principiava a gritar no sono e, de manhã, emergia da tenda com uma expressão esgazeada no olhar, receoso e dominado por uma sensação de culpa, um invólucro corroído de um edifício humano que oscilava perigosamente à beira do colapso.

Os pesadelos acudiam-lhe com pontualidade celestial todas as noites que passava na esquadrilha, quando não participava em missões de combate e voltava a aguardar a ordem de embarque para os Estados Unidos que nunca chegava. Indivíduos impressionáveis, como Dobbs e o capitão Flume, ficavam tão abalados com os pesadelos uivadores de Joe Faminto que passavam a tê-los igualmente, e as obscenidades contundentes que projectavam no espaço todas as noites dos seus alojamentos separados vibravam na escuridão como apelos para o acasalamento de aves românticas com pensamentos sórdidos. O tenente-coronel Korn actuou com decisão para pôr termo ao que ameaçava converter-se num hábito generalizado na esquadrilha do major Major e recorreu à solução de mandar Joe Faminto pilotar o avião do correio uma vez por semana, removendo-o

assim durante quatro noites da esquadrilha, remédio que, à semelhança de todos os que aplicava, resultou vitorioso.

Cada vez que o coronel Cathcart aumentava o número mínimo de missões e fazia Joe Faminto regressar à actividade, os pesadelos extinguíam-se e ele estabilizava numa fase normal de terror com um sorriso de alívio. Yossarian sabia ler a expressão de Joe Faminto como a primeira página de um jornal. Era óptimo quando tinha mau aspecto e terrível no caso oposto. O conjunto de reacções invertidas que manifestava representava um fenómeno curioso para todos, excepto para o próprio Joe Faminto, que negava tudo com veemência.

– Quem é que sonha? – retrucava, quando Yossarian lhe perguntava com o que sonhara.

– Porque não procuras o doutor Daneeka?

– Para quê? Não estou doente.

– Então, e os pesadelos?

– Não tenho pesadelos.

– Talvez ele arranje remédio para isso.

– Toda a gente tem pesadelos. Não é nenhuma anormalidade.

– Todas as noites?

– Porque não?

E, de repente, tudo se revestiu de sensatez. De facto, porque *não* todas as noites? Fazia sentido uma pessoa gritar de dor todas as noites. Mais do que Appleby, que se cingia pertinazmente aos regulamentos e ordenara a Kraft que mandasse Yossarian levar os seus comprimidos Atabrine nos voos sobre o mar, depois de terem cortado relações. Joe Faminto também fazia mais sentido do que Kraft, que morrera, enviado sem cerimónias para o Juízo Final sobre Ferrara pela explosão de um dos motores, depois de Yossarian conduzir a sua esquadrilha de seis aparelhos sobre o alvo pela segunda vez. O grupo falhara a ponte de Ferrara pelo sétimo dia consecutivo, com a mira especial que permitia depositar bombas numa barrica de arenques de doze mil metros de altitude, e escoara-se uma semana inteira desde que o coronel Cathcart se oferecera para que os seus homens a destruíssem em vinte e

quatro horas. Kraft era um rapaz escanzelado e inofensivo da Pensilvânia, cuja única aspiração consistia em que simpatisassem com ele e estava destinado a sofrer uma decepção numa pretensão tão humilhante e degradante. Em vez de desfrutar das simpatias gerais, estava morto, convertido num corpo fumegante no interior do avião reduzido a uma única asa. Vivera inocuamente por algum tempo e perdeu a vida sobre Ferrara no sétimo dia, enquanto Deus repousava, quando McWatt se voltou e Yossarian orientou-o sobre o alvo, para lançamento de uma segunda bomba, porque Aarfy se sentia confuso e Yossarian não conseguira largar as suas na primeira passagem.

– Acho que vamos ter de voltar a passar, hem? – aventurou McWatt em inflexão sombria, pelo intercomunicador.

– Acho que sim – confirmou Yossarian.

– Temos mesmo?

– Exacto.

– Bem, que se lixe.

E haviam retrocedido, enquanto os aparelhos das outras esquadrilhas descreviam círculos a uma distância confortável e todas as peças antiaéreas da Divisão Hermann Goering se concentravam agora apenas neles.

O coronel Cathcart era corajoso e nunca hesitava em oferecer os seus homens para todos os alvos concebíveis. Nenhum se revestia de perigo suficiente para fazer vacilar o seu grupo, tal como nenhuma jogada do adversário era suficientemente difícil para perturbar Appleby na mesa de pingue-pongue. Na verdade, era um bom piloto e um super-homem com a raqueta na mão, apesar das moscas nos olhos. Vinte e um serviços bastavam-lhe para destroçar qualquer adversário. A sua perícia demolidora na mesa de pingue-pongue era lendária, e ele trucidou todos os oponentes até à noite em que Orr exagerou o consumo de gim com sumo de limão e rachou a frente de Appleby com a raqueta, depois de este marcar pontos em todos os seus cinco serviços iniciais. Após a proeza, Orr saltou para cima da mesa, virou-se com prontidão e aterrou sobre o rosto do oponente, estabelecendo-se autêntico pandemónio. Appleby necessitou de cinco

minutos para se desembaraçar do outro e passar à ofensiva, para o que lhe segurou a fralda da camisa com uma das mãos, e preparava-se para o socar impiedosamente com a outra, quando Yossarian interveio, e lhe arrebatou a presa. Foi uma noite de surpresas para Appleby, que era tão corpulento como Yossarian e desferiu um murro neste, tão eficiente que encheu de excitação o chefe White Halfoat ao ponto de o levar a voltar-se e atingir o coronel Moodus no nariz com uma impetuosidade tão espectacular que fez o general Dreedle incumbir o coronel Cathcart de levar o capelão para fora do Clube dos Oficiais e o chefe White Halfoat para a tenda do Dr. Daneeka, onde poderia ficar sob vigilância médica permanente a recuperar a condição física suficiente para tornar a socar o coronel Moodus no nariz sempre que o general Dreedle quisesse. Por vezes, este último deslocava-se do seu local de trabalho, com o coronel Moodus e a sua enfermeira, só para que o chefe White Halfoat atingisse o genro no nariz.

No entanto, o chefe White Halfoat teria preferido continuar no reboque que partilhava com o capitão Flume, o silencioso e perseguido oficial das relações públicas da esquadrilha, que passava a maior parte do serão a revelar as fotografias que tirava durante o dia. Na verdade, permanecia tanto tempo quanto podia na câmara escura e por fim deitava-se no beliche com os dedos cruzados e uma pata de coelho pendurada ao pescoço, esforçando-se por se manter acordado. Vivia em medo mortal do chefe White Halfoat, obcecado pela ideia de que surgiria em bicos dos pés, uma noite, quando ele dormisse profundamente, para lhe rasgar a garganta de orelha a orelha. O capitão Flume adquirira essa ideia do próprio chefe White Halfoat, o qual, uma noite, se acercara do beliche em bicos dos pés, para lhe segredar em voz rouca e ominosa que, uma noite, quando estivesse a dormir profundamente, lhe rasgaria a garganta de orelha a orelha. Flume sentiu-se enregelado, arregalou os olhos de pavor e fitou os do chefe White Halfoat, reluzentes de embriaguez, a poucos milímetros dos seus.

– Porquê? – conseguiu finalmente articular.

– Porque não? – foi a resposta imediata e lógica.

A partir de então, o capitão esforçava-se por ficar acordado o mais tempo possível, no que era auxiliado incomensuravelmente pelos pesadelos de Joe Faminto. Depois de lhe escutar os uivos sinistros, noite após noite, ficou a odiá-lo e começou a desejar que o chefe White Halfoat entrasse em bicos dos pés na tenda do outro e lhe rasgasse a garganta de orelha a orelha. Na verdade, o capitão Flume dormia como um cepo todas as noites e limitava-se a *sonhar* que se conservava acordado. E os sonhos eram tão convincentes, que despertava deles todas as manhãs totalmente exausto e voltava em seguida a adormecer.

O chefe White Halfoat quase criara afecto pelo capitão Flume desde a sua surpreendente metamorfose. Este entrara na sua cama como um alegre extrovertido naquela noite e retirara-se de manhã como um amuado introvertido, o que fez com que o considerasse com orgulho uma criação sua. Nunca tencionara rasgar-lhe a garganta de orelha a orelha e a ameaça não passara de um gracejo, como morrer de pneumonia, socar o coronel Moodus no nariz ou desafiar o Dr. Daneeka para lutar à moda índia. A única coisa que o chefe White Halfoat pretendia fazer quando se arrastava para a tenda, embriagado, todas as noites, era dormir, desejo que Joe Faminto lhe dificultava com frequência. De facto, os pesadelos do homem provocavam-lhe arrepios e ansiava por que alguém se introduzisse na tenda de Joe Faminto, retirasse o gato de Huple de cima do seu rosto e lhe rasgasse a garganta de orelha a orelha, para que toda a gente da esquadrilha, excepto o capitão Flume, pudesse dormir descansada.

Embora continuasse a socar o coronel Moodus no nariz para satisfazer o general Dreedle, o chefe White Halfoat ainda permanecia fora do círculo social. O mesmo se passava com o major Major, comandante de esquadrilha, que se inteirara *disso* na mesma altura em que descobrira que *era* comandante de esquadrilha dos lábios do coronel Cathcart, que surgiu na esquadrilha a bordo do seu desconjuntado jipe no dia imediato ao da morte do major Duluth sobre Perúsia. Cathcart travou ruidosamente a escassos centímetros da vala da via-férrea que separava o nariz do veículo do campo de basquetebol do outro lado, de onde o major Major acabou por

ser afastado pelos pontapés, empurrões e cotoveladas dos homens que quase se tinham tornado seus amigos.

– É o novo comandante de esquadrilha – anunciou o coronel, do lado oposto da vala. – Mas não pense que significa alguma coisa de especial. Significa apenas que é o novo comandante de esquadrilha.

E afastou-se com a brusquidão com que chegara, invertendo a direcção do jipe por meio da rotação brutal do volante e enviando uma chuva de pequenas pedras ao rosto do novo comandante de esquadrilha. A revelação deixou este último petrificado. Conservou-se mudo, imóvel e boquiaberto, com a bola de basquete nas mãos alongadas, enquanto as sementes de rancor lançadas pelo coronel Cathcart criavam raízes nos militares à sua volta, pouco antes companheiros de uma partida desportiva e quase seus amigos. Os olhos adquiriram uma humidade quase lacrimosa e os lábios moviam-se levemente sem que brotasse qualquer som, assolado pela sensação desoladora de que voltava a cavar-se um abismo de solidão à sua volta.

À semelhança de todos os oficiais do quartel-general do grupo, excepto o major Danby, o coronel Cathcart achava-se imbuído do espírito democrático: acreditava que todos os homens eram criados iguais, pelo que tratava com o mesmo desprezo todos os subordinados. Não obstante, tinha fé neles. Como lhes revelava com frequência nas sessões de informação que precediam as missões, estava convencido de que eram dez missões melhores que os de qualquer outro grupo e quem se julgasse imerecedor da confiança nele depositada podia procurar melhores ares. No entanto, a única maneira de procurar melhores ares, como Yossarian apurou quando visitou o ex-PFC Wintergreen, consistia em participar nas dez missões suplementares mencionadas.

– Ainda não percebi – protestou Yossarian. – O doutor Daneeka tem razão ou não?

– Quantas disse ele?

– Quarenta.

– Então, falou verdade – admitiu o ex-PFC Wintergreen. – Basta que participe em quarenta missões, no que diz respeito ao Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea.

Nesse caso, posso ir para casa! – exclamou Yossarian, encantado. – Já vou em quarenta e oito.

– Engana-se. É doido, ou coisa do género?

– Engano-me, porquê?

– Por causa do Artigo Vinte e Dois.

– O Artigo Vinte e Dois? – repetiu, estupefacto. – Que tem isso a ver com o caso?

– O Artigo Vinte e Dois – explicou o Dr. Daneeka, quando Yossarian regressou a Pianosa – indica que se deve fazer sempre o que o comandante ordena.

– Mas na Vigésima Sétima Força Aérea dizem que posso regressar aos Estados Unidos com quarenta missões.

– Não dizem que *tem* de regressar aos Estados Unidos. E o regulamento indica que deve obedecer a todas as ordens. Aí é que está o ardil. Mesmo que o coronel infringisse uma ordem da Vigésima Sétima Força Aérea e o mandasse participar em mais missões, você tinha de obedecer, sob pena de ser culpado de desobediência a uma determinação superior. E então é que a Vigésima Sétima Força Aérea lhe caía em cima.

– Nesse caso, vou ter mesmo de participar em cinquenta missões? – resmungou Yossarian, acabrunhado de desapontamento.

– Cinquenta e cinco.

– Quais cinquenta e cinco?

– As que o coronel agora passou a exigir.

Joe Faminto exalou um profundo suspiro de alívio quando ouviu as últimas palavras do Dr. Daneeka e exibiu um sorriso. Yossarian agarrou-o pelo pescoço e obrigou-o a levá-lo de novo à presença do ex-PFC Wintergreen.

– Que me fariam se recusasse participar nas missões? – perguntou em tom confidencial.

– O mais certo era fuzilarmo-lo – replicou Wintergreen.
– «Fuzilarmo-lo?» – repetiu Yossarian, surpreendido. – Desde quando está do lado deles?
– Se o fuzilarem, de que lado quer que esteja?
Não pôde evitar um estremecimento de desolação. O coronel Cathcart voltara a trocar-lhe as voltas.

[6](#) *Women Auxiliary Corps: Corpo Auxiliar Feminino. (N. do T.)*

§

Capítulo sétimo McWATT

Normalmente, o piloto de Yossarian era McWatt, o qual, barbeando-se de pijama vermelho à entrada da tenda todas as manhãs, constituía uma das coisas mais estranhas, irónicas e incompreensíveis que o rodeavam. Na verdade, McWatt era provavelmente o combatente mais louco de todos, porque desfrutava do regular funcionamento das faculdades mentais e ainda não se preocupava com a guerra. Tinha pernas curtas e ombros largos e sorria com facilidade, enquanto assobiava continuamente melodias de revistas e voltava as cartas com sons secos, quando as distribuía no vinte-e-um ou no póquer, até que Joe Faminto se desintegrou em desespero balbuciante sob o seu impacte acumulado e começou a increpá-lo para que abdicasse de semelhante hábito.

– Insistes com isso porque sabes que me irrita, grande filho da mãe! – rugiu, fora de si, enquanto Yossarian tentava contê-lo com prudência. – Gostas de me ouvir gritar, meu safado!

McWatt franziu o nariz delicado sulcado de sardas numa expressão de desculpa e jurou não tornar a pousar as cartas ruidosamente, mas esquecia-se sempre. Usava chinelos de flanela com o pijama vermelho e dormia entre lençóis coloridos engomados de fresco, como a metade do que Milo obtivera do ladrão sorridente e glutão em troca de nenhuma das tâmaras que Yossarian lhe cedera. McWatt sentia-se profundamente impressionado com Milo, o qual, ante o divertimento do cabo Snark, responsável da messe, adquiria ovos por sete cêntimos cada um e vendia-os por cinco. No entanto,

McWatt nunca se impressionara tanto com Milo como este com a carta que Yossarian conseguira para o seu fígado do Dr. Daneeka.

– Que é isto? – bradara Milo, alarmado, quando se lhe deparara a enorme caixa de cartão ondulado cheia de embalagens de frutos secos e latas de sumos e sobremesas que dois dos trabalhadores italianos que o major ... de Coverley lhe raptara da cozinha se preparavam para transferir para a tenda de Yossarian.

– Isto é o capitão Yossarian – replicou o cabo Snark, com um sorriso superior. Era um cabotino intelectual convencido de que se achava vinte anos adiantado para a sua época e não gostava de cozinhar para as massas.

– Tem uma carta do doutor Daneeka que o autoriza a consumir toda a fruta e respectivo sumo que quiser.

– Que é isto? – exclamou Yossarian, ao mesmo tempo que Milo empalidecia e começava a vacilar.

– Isto é o tenente Milo Minderbinder – explicou o cabo Snark, com um piscar de olho malicioso. – Um dos nossos novos pilotos. Tornou-se oficial da messe durante a sua última permanência no hospital.

– Que é isto? – gritou McWatt, mais tarde, no momento em que Milo lhe entregava metade do seu lençol.

– É metade do lençol que roubaram da tua tenda, esta manhã – esclareceu o interpelado, com uma satisfação mesclada de nervosismo, enquanto o bigode se agitava rapidamente. – Aposto que ainda não tinhas dado pela falta.

– Para que pode alguém querer metade de um lençol?

– Não estás a compreender – protestou Milo, corando.

E Yossarian também não compreendia por que razão Milo necessitava tão desesperadamente de investir na carta do Dr. Daneeka, cujo texto era bem explícito: «Dêem a Yossarian toda a fruta seca e sumos que desejar. Queixa-se de uma dor no fígado.»

– Uma carta destas pode aniquilar qualquer oficial de messe do mundo – declarou Milo, apreensivo. Comparecera na tenda de Yossarian para ler a carta mais uma vez, na esteira da sua caixa de provisões perdidas através do

recindo da esquadilha, como o acompanhante de um funeral. – Tenho de te fornecer toda a fruta que pedires. Aliás, a carta não especifica se tens de a comer toda.

– E ainda bem que não especifica, porque nem a posso provar. Sofro do fígado.

– É verdade, não me lembrava. Tens muitas dores?

– Algumas – admitiu Yossarian, jovialmente.

– Que queres dizer com isso?

– Quero dizer que não me podia sentir melhor...

– Não estou a compreender.

– ... sem me sentir melhor. Entendes agora?

– Ah, agora sim. Mas acho que ainda não compreendo.

– Não te preocupes. Deixa as preocupações a meu cargo. Eu não sofro do fígado, sabes. Tenho apenas os sintomas. Queixo-me da síndrome de Garnett-Fleischaker.

– Estou a ver. E que é a síndrome de Garnett-Fleischaker?

– Um sintoma do fígado.

– Estou a ver – repetiu Milo, principiando a massajar as pálpebras com os dedos e com uma expressão de cansaço íntimo, como se esperasse que o desconforto que sentia se dissipasse. – Nesse caso, precisas de ter muito cuidado com o que comes, sem dúvida.

– MUITÍSSIMO – assentiu Yossarian. – Uma síndrome de Garnett-Fleischaker digna desse nome não se contrai com facilidade, e não quero perder a minha. É por essa razão que nunca como fruta.

– Agora, percebo. A fruta faz-te mal ao fígado.

– Não, faz bem. É por isso que nunca a como.

– Então, que destino lhe dás? – quis saber Milo, esforçando-se por impor um pouco de ordem na confusão que o assolava. – Vende-la?

– Dou-a.

– A quem? – inquiriu em voz trémula de desolação.

– A quem a quer.

Emitiu um longo e melancólico gemido e recuou um passo, enquanto a fronte se perlava subitamente de transpiração, ao mesmo tempo que Yossarian acrescentava:

– Dou muita a Dunbar.

– A Dunbar?

– Sim. Ele pode comer toda a fruta que lhe apetecer, sem que lhe faça mal. Limito-me a deixar a caixa aberta lá fora, para que se sirva quem quiser. Aarfy aparece por causa das ameixas, porque, segundo diz, nunca as consegue em quantidade suficiente, na messe. Podes investigar o assunto, quando dispuseres de tempo, pois não gosto de o ver a rondar-me a tenda. Quando a mercadoria escasseia, basta-me pedir ao cabo Snark que envie mais. Nately costuma levar uma quantidade apreciável, sempre que se desloca a Roma. Está apaixonado por uma prostituta que me detesta e não se interessa absolutamente nada por ele. Além disso, tem uma irmã mais nova que nunca os deixa sossegados na cama e vivem num apartamento com um velho, uma mulher e várias outras raparigas de pernas apetitosas, que também gostam de os arrelhar. Nately leva-lhes uma caixa cheia, cada vez que os visita.

– Vende-lhes a fruta?

– Não, oferece-a.

Milo conservou-se silencioso por um momento, de cenho franzido, e acabou por conceder:

– É um gesto generoso da parte dele.

– Pois é. Muito.

– E não duvido de que é absolutamente legal, porque a comida te pertence e a obténs de mim. Calculo que, dada a dureza das condições, as pessoas ficam muito gratas.

– Sem dúvida – asseverou Yossarian. – As duas raparigas canalizam-na toda para o mercado negro e utilizam o dinheiro para comprar jóias e perfumes baratos.

– Jóias? – Milo arrebitou as orelhas. – Não sabia disso. Quanto pagam pelo perfume barato?

– O velho utiliza a sua parte do dinheiro para comprar uísque da candonga e fotografias obscenas. É um devasso.

– Um devasso?

– Nem imaginas.

– Há muita procura de fotografias obscenas em Roma?

– Nem imaginas. Tomemos o caso de Aarfy, por exemplo. Quem o conhece, nem suspeita.

– De que é um devasso?

– Não, de que é um navegador. Suponho que conheces o capitão Aardvaark? É aquele tipo simpático, que, no primeiro dia, nos abordava e dizia: «O meu nome é Aardvaark e o meu jogo a navegação.» Tinha um cachimbo entalado entre os dentes e parece que perguntava que universidade havíamos frequentado. Lembras-te?

Todavia, Milo não escutara uma única das últimas palavras de Yossarian.

– Deixa-me ser teu sócio – proferiu em tom implorativo.

Yossarian rejeitou a proposta, embora não duvidasse de que os carregamentos de fruta lhes pertenceriam para negociar da maneira que julgassem mais conveniente depois de ele os requisitar à messe por meio da carta do Dr. Daneeka. Milo mostrou-se decepcionado, mas a partir de então passou a confiar todos os segredos a Yossarian, salvo uma exceção, partindo do princípio lógico de que quem não roubasse o país que amava não roubaria ninguém. Na realidade, confiava-lhe todos os segredos, menos a localização dos buracos nas colinas onde começara a enterrar o seu dinheiro, quando regressara de Esmirna com o avião carregado de figos e tomara conhecimento, por intermédio de Yossarian, de que um membro do CID visitara o hospital. Para Milo, que se mostrara suficientemente ingénuo para se oferecer para o lugar, as funções de oficial da messe constituíam uma posição sagrada.

– Não me tinha apercebido de que não servíamos ameixas em quantidade suficiente – admitiu no primeiro dia. – Deve-se, sem dúvida, ao meu pouco calo na matéria. Apresentarei o problema ao meu primeiro *chef*.

– Qual primeiro *chef*? – retorquiu Yossarian. – Não tens nenhum.

– Refiro-me ao cabo Snark – explicou o outro, desviando os olhos, com uma leve sensação de culpa. – É o único *chef* que tenho, pelo que o posso considerar o primeiro, embora acalente a esperança de o transferir para a secção administrativa. Mostra-se um pouco criativo de mais para o meu gosto. Pensa que o cargo de sargento da messe representa uma espécie de forma de arte e está sempre a queixar-se de que tem de prostituir os seus talentos. Ninguém lhe exige que faça nada do género! A propósito: sabes porque foi despromovido a soldado raso e agora é apenas cabo?

– Sei. Envenenou a esquadilha.

– O quê?! – balbuciou Milo, tornando a empalidecer.

– Esmagou vários sabonetes, que misturou com o puré de batata-doce, para demonstrar que o pessoal tem gosto de filistino e não distingue o bom do mau. Adoeceram todos os homens da esquadilha e as missões tiveram de ser canceladas por vários dias.

– Essa agora! – exclamou, com um trejeito de desaprovação. – Mas descobriu que estava enganado, claro?

– Pelo contrário –olveu Yossarian. – Descobriu que tinha razão. Raspámos os pratos até ao último resíduo e pedimos para repetir. Sabíamos que estávamos indispostos, mas não fazíamos a menor ideia de que tínhamos sido envenenados.

– Nesse caso, tenho mesmo de o transferir para a secção administrativa, sem demora. – Milo fungou com uma expressão consternada, como uma lebre que farejasse uma armadilha. – Não quero que aconteça nada do género, enquanto a messe estiver sob a minha responsabilidade. – Assumindo um ar confidencial, continuou: – A minha maior ambição é servir a melhor comida do mundo aos homens desta esquadilha. Não pode haver um objectivo mais nobre, hem? Quanto a mim, se um oficial de messe visa um alvo menos ambicioso, não tem o direito de ocupar o cargo. Não concordas?

Yossarian olhou-o com uma ponta de desconfiança e viu um rosto simplório, sincero, incapaz de subtilezas ou astúcia, um semblante honesto, franco, com olhos grandes, cabelos cor de ferrugem, sobrancelhas pretas e

bigode vermelho-acastanhado irregular. Além disso, tinha nariz comprido e estreito com narinas dilatadas, dirigido levemente para a direita, o que fazia com que apontasse sempre para o lado contrário para onde olhava, numa notável manifestação de independência. Era a fisionomia de um homem de integridade a toda a prova, tão incapaz de violar conscientemente os princípios morais em que a sua virtude repousava como de se transformar num sapo desprezível. Um desses princípios morais consistia em que nunca representava um pecado cobrar tanto quanto o tráfico permitisse. Era capaz de poderosos paroxismos de indignação, e ficou tão indignado quanto possível quando se inteirou de que um membro do CID se encontrava na área para lhe falar.

– Ele não anda à tua procura – afirmou Yossarian, numa tentativa para o tranquilizar. – Anda atrás de alguém no hospital que assina o nome de Washington Irving nas cartas que censura.

– Nunca assinei o nome de Washington Irving em nenhuma carta.

– Claro que não.

– Mas isso é um stratagem para me obrigar a confessar que tenho ganho dinheiro no mercado negro. – Milo pôs-se a puxar distraidamente uma das pontas do bigode. – Não chupo os tipos como esse. Andam sempre a farejar à volta de pessoas como nós. O Governo que investigue as actividades do ex-PFC Wintergreen, se quer fazer alguma coisa de útil. Esse fulano não respeita os regulamentos e está sempre a reduzir-me os preços.

O bigode era irregular, porque as metades separadas nunca se ajustavam, tal como os olhos desunidos, que nunca fitavam uma coisa ao mesmo tempo. Embora desse modo pudesse ver mais coisas que a maioria das pessoas, não conseguia enxergar nenhuma com a nitidez conveniente. Em contraste com a sua reacção à notícia da presença do enviado do CID, tomou conhecimento com coragem serena de que o coronel Cathcart elevara o número mínimo de missões para cinquenta e cinco.

– Estamos em guerra – proferiu com estoicismo. – Não adianta queixarmo-nos do número de missões em que temos de participar. Se o coronel decidiu que fossem cinquenta e cinco, há que obedecer.

– Pois eu não estou para isso – retrucou Yossarian. – Tenciono procurar o major Major.

– Como, se ele nunca recebe ninguém?

– Então, volto para o hospital.

– Vieste de lá ainda não há dez dias – lembrou Milo, em tom de censura. – Não podes baixar ao hospital cada vez que acontece uma coisa que te desagrada. Não, o melhor é participares nas missões. O dever assim o impõe.

Possuía escrúpulos rígidos que nem lhe permitiram escamotear uma embalagem de tâmaras da messe no dia do roubo do lençol de McWatt, porque os géneros confiados à sua guarda pertenciam ao Governo.

– Mas posso pedir-ta emprestada, porque a fruta te pertence, depois de a receberes, graças à carta do doutor Daneeka – explicou a Yossarian. – Podes dar-lhe o destino que entenderes, incluindo vendê-la com lucro elevado em vez de a ofereceres. Não queres fazer isso comigo?

– Não.

– Então, empresta-me uma embalagem de tâmaras. Restituo-ta na primeira oportunidade, palavra. E haverá mais alguma coisa para ti.

Cumpriu escrupulosamente a promessa e entregou a Yossarian um quarto do lençol amarelo de McWatt, quando reapareceu com a embalagem de tâmaras intacta e o ladrão sorridente que se apoderara do lençol. O pedaço deste pertencia agora a Yossarian, que o ganhara enquanto dormia a sesta, embora não compreendesse como. E McWatt também não.

– Que é isto? – inquiriu este último, fixando o olhar incrédulo na metade rasgada do seu lençol.

– Metade do lençol que roubaram da tua tenda, esta manhã – esclareceu Milo. – Aposto que ainda não tinhas dado por isso.

– Para que quereria alguém roubar meio lençol? – perguntou Yossarian.

– Não estás a compreender – volveu Milo, excitado. – Ele roubou o lençol inteiro e recuperei-o com as tâmaras que investiste. É por isso que a quarta parte do lençol te pertence. Obtiveste um excelente dividendo com o teu investimento, sobretudo porque as tâmaras regressaram todas às tuas mãos.

– Dirigiu-se em seguida a McWatt: – Metade do lençol pertence-te, porque era todo teu, e confesso que não percebo de que te queixas, pois não lhe voltavas a ver a cor se Yossarian e eu não interviéssemos.

– Quem é que se está a queixar? – retorquiu McWatt. – Pretendo apenas descobrir o que posso fazer com meio lençol.

– Há muitas possibilidades – assegurou-lhe Milo. – A quarta parte restante reservei-a para mim como compensação do meu empreendimento, trabalho e iniciativa. Não é propriamente para mim, entenda-se, mas para o sindicato. Podias fazer o mesmo com a tua metade. Confiava-la ao sindicato e assistias ao seu crescimento.

– Qual sindicato?

– Aquele que eu gostaria de formar um dia, para lhes poder dar a boa alimentação que merecem.

– Pretendes formar um sindicato?

– Sem dúvida. Ou melhor, um centro comercial. Sabes o que é?

– Um lugar onde se compram coisas.

– E vendem – salientou.

– E vendem.

– Toda a minha vida ansiei por um centro comercial. Proporciona um vasto campo de possibilidades a uma pessoa com imaginação e iniciativa.

– Queres abrir um centro comercial?

– E todos participarão.

Yossarian continuava intrigado, porque se tratava de um negócio e havia muitas coisas relacionadas com o mundo dos negócios que o intrigavam.

– Deixa-me explicar tudo de novo – sugeriu Milo, indicando o ladrão sorridente a seu lado. – Eu sabia que ele queria as tâmaras mais do que o lençol e, como não entende uma palavra de inglês, preocupei-me em conduzir a transacção inteiramente no nosso idioma.

– Porque não te limitaste a atordoá-lo com uma mocada na cabeça e arrebatá-lhe o lençol?

– Seria uma maneira de proceder injusta – proclamou com um assomo de dignidade, ao mesmo tempo que abanava a cabeça. – A força é uma forma

de proceder errada, e dois erros nunca produziram uma coisa acertada. O método que escolhi era o mais apropriado. Quando lhe mostrei as tâmaras, pegou logo no lençol, provavelmente por supor que eu pretendia negociar.

– Então, que pretendias?

– Na verdade, desejava mesmo negociar, mas como ele não fala inglês, posso negá-lo em qualquer altura.

– Supõe que se irrita e exige as tâmaras?

– Nesse caso, atordoamo-lo com uma mocada na cabeça e arrebatamos-lhas – declarou, sem pestanejar. Desviou os olhos para McWatt e tornou a fixá-los em Yossarian. – Confesso que não compreendo de que se queixam. Estamos muito melhor que antes. Todos nos sentimos contentes, à exceção deste ladrão, e não merece a pena preocuparmo-nos com ele, pois nem sequer fala a nossa língua e teve o castigo do acto que cometeu. Não compreendes?

Mas Yossarian também não compreendia como Milo conseguia comprar ovos em Malta por sete cêntimos cada um e vendê-los com lucro, em Pianosa, por cinco.

§

Capítulo oitavo TENENTE SCHEISSKOPF

Nem o próprio Clevinger entendia como Milo podia fazer uma coisa daquelas, e era uma pessoa que sabia tudo. Na verdade, sabia tudo acerca da guerra, excepto porque Yossarian tinha de morrer, enquanto o cabo Snark podia continuar a viver, ou porque o cabo Snark tinha de morrer, enquanto Yossarian podia continuar a viver. Era uma guerra vil e obscura, e Yossarian poderia viver sem ela – porventura eternamente. Apenas uma fracção dos seus compatriotas sacrificariam a existência para a ganhar, e ele não incluía nas suas ambições figurar nesse número. Morrer ou não morrer, eis a questão, e Clevinger esforçava-se em vão por tentar resolvê-la. A História não exigia o passamento prematuro de Yossarian, pois a justiça sentir-se-ia satisfeita sem ele, o progresso não dependia dele e a vitória não contava com ele. A morte de homens representava um pormenor de necessidade, mas, por outro lado, *quais* deviam morrer constituía uma questão de circunstância, e Yossarian não estava disposto a ser vítima de tudo menos das circunstâncias. No entanto, tratava-se de uma guerra. A única coisa que descortinava a seu favor era que pagava bem e libertava os filhos da influência perniciosa dos pais.

Clevinger sabia tanto porque era um génio possuidor de coração palpitante e rosto macilento, com cérebro activo, febril e faminto. Em Harvard, conquistara bolsas de estudo em praticamente todas as disciplinas, e a única razão pela qual tinham ficado algumas por conquistar consistira em que se achava demasiado ocupado com a assinatura, circulação e congeminação de petições, participação em grupos de discussão e congressos juvenis e

organização de manifestações em defesa de membros da faculdade despedidos. Havia o consenso generalizado de que ele iria longe no mundo académico. Numa palavra, Clevinger era uma daquelas pessoas com muita inteligência e poucos miolos, e todos o sabiam, à excepção daqueles que não tardavam a inteirar-se.

Resumindo: era um pateta. Na opinião de Yossarian, assemelhava-se com frequência a um daqueles indivíduos que frequentam os museus modernos, com ambos os olhos do mesmo lado do rosto. Tratava-se de uma ilusão de óptica, sem dúvida, gerada pela predilecção de Clevinger para fitar fixamente um lado de uma questão sem ver o outro. Politicamente, era um humanitário que distinguia a direita da esquerda e estava desconfortavelmente imobilizado entre elas. Defendia constantemente os seus amigos comunistas dos inimigos direitistas e os amigos direitistas dos inimigos comunistas, pelo que era detestado solenemente por ambos os grupos, que nunca o defendiam porque o supunham um pateta.

Era um pateta muito sério, ponderado e consciente. Tornava-se impossível ir ao cinema com ele sem mais tarde entrar em discussão sobre a empatia, Aristóteles, valores universais, mensagens e obrigações do cinema como forma de arte numa sociedade materialista. As raparigas que levava ao teatro tinham de esperar pelo primeiro intervalo para saber, por seu intermédio, se estavam a assistir a uma peça boa ou má, e nessa altura inteiravam-se imediatamente. Era um idealista militante que promovia uma cruzada contra a discriminação racial desmaiando na sua presença. Sabia tudo acerca da literatura, excepto apreciá-la.

Yossarian tentou ajudá-lo.

– Não sejas parvo – recomendou, quando frequentavam a escola de cadetes em Santa Ana, Califórnia.

– Vou dizer-lhe – insistiu Clevinger, quando os dois se sentavam nas bancadas sobranceiras ao terreno de paradas auxiliar e contemplavam o tenente Scheisskopf, que se movia de um lado para o outro como um Lear sem barba.

– Eu, porquê? – gemeu este último.

– Está calado, idiota – advertiu Yossarian a Clevinger, numa inflexão avuncular.

– Não sabes o que dizes – redarguiu Clevinger.

– Sei o suficiente para estar calado, idiota.

O tenente Scheisskopf arrancava os cabelos e rangia os dentes, enquanto as faces de contextura de borracha estremeciam em ondulações de angústia. O seu problema consistia num esquadrão de cadetes da aviação de baixo moral que marchavam de forma atroz na competição de desfiles que se realizava todos os domingos à tarde. E o moral era baixo porque não queriam participar em paradas todos os domingos à tarde e o tenente Scheisskopf nomeara cadetes das suas fileiras sem permitir que eles os elegessem.

– *Quero* que alguém me diga – bradava Scheisskopf, quase numa súplica.

– Se a culpa é minha, *quero* saber.

– Ele *quer* que lhe digam – observou Clevinger.

– Quer é que todos estejam calados, idiota – replicou Yossarian.

– Não o ouves?

– Oiço. Oiço dizer clara e distintamente que quer que todos nós estejamos calados, se não desejamos envolver-nos em apuros.

– Não o castigo – afirmou Scheisskopf.

– Está a dizer que não me castiga – murmurou Clevinger.

– Pois não – volveu Yossarian, no mesmo tom. – Castra-te.

– Juro que não castigo ninguém – persistia o tenente. – Fico grato a quem me revelar a verdade.

– Fica é a odiar – resmungou Yossarian. – Fica a odiar-te até ao dia da morte.

O tenente Scheisskopf era um graduado do ROTC⁷ que se regozijava com a eclosão da guerra, porque lhe dava a oportunidade de usar o uniforme de oficial todos os dias e proferir a palavra «Homens» com agressividade militar para se dirigir aos rapazes que lhe caíam nas garras cada oito semanas, em trânsito para o cepo do verdugo. Ambicioso e destituído de sentido do humor, enfrentava as responsabilidades com serenidade e só

sorria quando um oficial rival da Base da Força Aérea de Santa Ana aparecia com uma enfermidade persistente. Tinha vista deficiente e sinusite crônica, o que lhe tornava a guerra particularmente excitante, porque não corria o perigo de ser despachado para qualquer frente de combate. A melhor coisa que possuía era a mulher e a melhor desta uma amiga Doris Duz, a qual pertencia ao WAC e lhe emprestava a farda todos os fins-de-semana, que a mulher de Scheisskopf só despia quando algum cadete do esquadrão do marido pretendia ir-lhe para cima.

Doris Duz era uma moça provocante, de cabelos cor de cobre e dourados, que preferia os alpendres, cabinas telefônicas, casas de campo e abrigos de autocarros para fornicar. Havia poucas modalidades que não conhecesse experimentalmente e ainda menos que se recusasse a praticar. Atrevida, esbelta e agressiva, aos dezanove anos destruía egos às dúzias e fazia com que os homens se detestassem na manhã seguinte pela maneira como os procurava, utilizava e punha de lado. Yossarian adorava-a, enquanto ela o considerava apenas aceitável. Ele apreciava em particular a sensação de turgência existente em qualquer parte do apetitoso corpo flexível, como verificara na única vez que ela se deixara apalpar. Na realidade, Yossarian adorava tanto Doris Duz que não conseguia impedir-se de se colocar em cima da mulher do tenente Scheisskopf todas as semanas, para se vingar da forma como este se vingava por seu turno de Clevinger.

A mulher de Scheisskopf também se mostrava vingativa com o marido, em virtude de qualquer crime inesquecível por ele cometido que não conseguia recordar. Era algo roliça e indolente, gostava de ler bons livros e insistia junto de Yossarian para que se não mostrasse tão burguês. Nunca se encontrava sem uma obra literária de categoria a seu lado, nem mesmo quando se achava na cama com coisa alguma em cima, à exceção de Yossarian. Embora o aborrecesse, ele também a adorava. Era uma desvairada, com o curso da Escola Comercial de Wharton, que não conseguia contar até vinte e oito todos os meses sem se envolver em apuros.

– Vamos voltar a ter um filho, querido? – propunha a Yossarian, todos os meses.

– Estás doida.

– A sério, amor.

– Vamos voltar a ter um filho, querido – sugeria ao marido.

– Não tenho tempo – grunhia o tenente Scheisskopf, em tom petulante. – Não sabes que vai haver uma parada?

Na verdade, preocupava-se profundamente com a conquista do primeiro lugar nos desfiles e em levar Clevinger à Comissão Disciplinar por conspirar no derrube dos oficiais-cadetes que Scheisskopf nomeara. Clevinger era um conflituoso e espertalhão, e Scheisskopf sabia que ainda provocaria mais complicações se não o vigiassem. Ontem, fora o caso dos oficiais-cadetes; amanhã, poderia ser a segurança do mundo. Clevinger possuía uma mente, e Scheisskopf reparara que as pessoas com mentes manifestavam por vezes tendência para se tornar espertas. Ora, semelhantes indivíduos eram perigosos, e os próprios oficiais-cadetes que Clevinger ajudara a serem promovidos ansiavam por testemunhar contra ele. O processo contra Clevinger só poderia ter um veredicto. O único pormenor que faltava era um motivo para o acusar.

Não podia ser nada relacionado com paradas, pois ele encarava-as quase tão a sério como o tenente Scheisskopf. Os homens preparavam-se para elas ao princípio da tarde de cada domingo e formavam em fileiras de doze à entrada das camaratas. Grunhindo sob o efeito de ressacas, arrastavam-se em direcção ao local que lhes competia, no vasto terreno da escola, onde permaneciam imóveis, ao calor, durante uma ou duas horas, com os homens dos outros sessenta ou setenta esquadrões de cadetes, até que tombavam inanimados em número suficiente para cancelar o treino. Numa das extremidades do terreno, encontrava-se uma fiada de ambulâncias e maqueiros apetrechados com *walkie-talkies*, coadjuvados por observadores munidos de binóculos, nos tejadilhos das viaturas, enquanto um verificador anotava as ocorrências. Aquela fase da operação encontrava-se a cargo de um oficial médico com queda para a contabilidade, que sancionava os valores registados. Logo que havia um número de homens inconscientes suficiente nas ambulâncias, ele fazia sinal ao maestro da banda para que

atacasse o número indicativo do termo da parada. Um atrás do outro, os esquadrões desfilavam ao longo do terreno, executavam uma volta difícil diante da tribuna de inspeção e regressavam às camaratas.

Cada um dos esquadrões era classificado no momento da passagem diante da tribuna, onde se sentava um pesado coronel de bigode abundante, ao lado de outros oficiais. O considerado melhor passava a ostentar um galhardete sem qualquer valor e responsável por um inconveniente suplementar, porque se achava preso na extremidade superior de um pau de bandeira consideravelmente pesado. Na opinião de Yossarian, a ideia dos galhardetes como prémio constituía um absurdo, pois não o acompanhavam quaisquer privilégios ou dinheiro. À semelhança das medalhas olímpicas e troféus de ténis, significavam apenas que o possuidor fizera algo sem vantagem para ninguém mais eficientemente que qualquer outra pessoa.

As paradas em si pareciam igualmente absurdas. Na verdade, ele detestava-as. Eram muito marciais e desagradava-lhe ouvi-las, vê-las ou ficar retido num engarrafamento por sua causa, para não falar da exigência de que participasse nelas. Era suficientemente desagradável ser cadete da aviação para, ainda por cima, ter de proceder como um soldado, sob o sol escaldante, todos os domingos à tarde. E era suficientemente desagradável ser um cadete da aviação porque começava a tornar-se-lhe óbvio que a guerra não terminaria antes de concluir o seu treino. Fora, aliás, essa a razão pela qual se oferecera para o treino de cadetes. Como militar qualificado para o treino de cadetes da aviação, dispunha de semanas e semanas de expectativa primeiro que o nomeassem para uma classe, mais semanas e semanas para se tornar navegador-bombardeiro e semanas e semanas mais de treino operacional como preparação para as missões além-mar. Na altura, afigurara-se-lhe inconcebível que a guerra pudesse durar tanto, porque tinha Deus do seu lado, segundo lhe haviam garantido, e Deus, como também lhe fora assegurado, podia fazer o que quisesse. Não obstante, a guerra ainda não dava indícios de um termo próximo e o treino chegara quase ao fim.

O tenente Scheisskopf ansiava desesperadamente por ganhar paradas e permanecia a pé metade da noite, entregue a reflexões sobre possíveis

aperfeiçoamentos a introduzir nas suas tácticas, enquanto a mulher o aguardava na cama, entretida resignadamente a folhear Krafft-Ebing nas suas passagens favoritas. Ele, por seu turno, lia livros sobre a arte de marchar em todo o terreno. Manipulava caixas de soldados de chocolate até que se lhe derretiam nas mãos e depois manobrava em fileiras de doze um conjunto de vaqueiros de plástico que adquirira pelo correio com um nome suposto e mantinha fechados à chave durante o dia. Os exercícios de anatomia de Leonardo da Vinci revelavam-se-lhe indispensáveis. Uma noite, sentiu a necessidade de um modelo vivo e ordenou à mulher que marchasse no quarto.

– Despida? – perguntou ela, esperançada.

O tenente Scheisskopf cobriu os olhos com as mãos, num gesto de desespero. A maior cruz na sua vida consistia em estar agrilhado a uma companheira incapaz de enxergar um palmo para além dos seus sórdidos apetites sexuais e contemplar as lutas titânicas pelo inacessível, pelas quais o homem nobre podia assumir uma heroicidade sublime.

– Porque é que nunca me chicoteias? – inquiriu ela, uma noite, com uma expressão amuada.

– Porque não tenho tempo – retorquiu ele, impaciente. – Não tenho tempo. Não sabes que vai haver uma parada?

E, de facto, não tinha tempo. Passara mais um domingo e dispunha de menos de sete dias para se preparar para a próxima. Não compreendia como as horas se escoavam tão depressa. A classificação em último lugar em três desfiles sucessivos granjeara-lhe uma reputação indesejável, pelo que considerava todos os meios de aperfeiçoamento, incluindo o de pregar os doze homens de cada fileira a vigas para que aprendessem a permanecer alinhados. No entanto, o projecto não era viável, pois resultaria impossível efectuar a rotação de noventa graus diante da tribuna sem a adaptação de dobradiças em pontos sucessivos das vigas, e os maus instintos do tenente Scheisskopf não iam ao extremo de se aventurar a convencer o quartel-mestre a fornecer-lhas numa quantidade tão elevada, sobretudo porque desejava conhecer a finalidade da insólita requisição, e o recurso aos

cirurgiões do hospital para que concebessem um método pouco doloroso para que os homens efectuassem a rotação independentemente da viga sem se dessolidarizarem dela afigurava-se-lhe igualmente pouco prático.

Na semana subsequente ao dia em que Scheisskopf seguiu a recomendação de Clevinger e permitiu que os homens elegessem os seus próprios oficiais-cadetes, o esquadrão conquistou o galhardete amarelo. A vitória suscitou-lhe tal euforia que atingiu a mulher com o respectivo mastro, quando ela o tentou arrastar para a cama, a fim de comemorarem o facto condignamente, para lhe demonstrar o desdém que sentia pelos hábitos sexuais da classe média inferior da civilização ocidental. Na semana imediata, o esquadrão obteve o galhardete vermelho, e ele ficou virtualmente fora de si de êxtase. E na semana seguinte a essa, o esquadrão entrou para a História ao arrebatat idêntico trofeu duas vezes consecutivas. Agora, o tenente Scheisskopf reunira suficiente confiança em si próprio para lançar a sua grande surpresa. Nas suas investigações incansáveis, descobrira que as mãos dos homens que participavam nos desfiles, em vez de se moverem livremente, como então era moda, não se deviam afastar mais de sete centímetros e meio do centro da coxa, o que na realidade significava que quase não deviam efectuar qualquer movimento.

Os preparativos foram elaborados e clandestinos. Os cadetes do seu esquadrão tiveram de jurar que guardariam segredo, e ensaiaram a meio da noite no terreno auxiliar. Marchavam na escuridão impenetrável e colidiam constantemente uns com os outros, mas não entravam em pânico e aprendiam a desfilar sem fazer oscilar as mãos. A ideia inicial de Scheisskopf consistira em pedir a um amigo da oficina que cravasse cavilhas de uma liga de níquel nas coxas de cada homem e as unisse aos pulsos por meio de arame de aço com uma folga de precisamente sete centímetros e meio, mas não havia tempo – nunca havia tempo –, além de que o arame de aço era difícil de obter em tempo de guerra. Por outro lado, ocorreu-lhe que os homens, com os movimentos limitados daquele modo, não conseguiriam cair devidamente durante a impressionante cerimónia dos

desmaios que precedia o desfile, o que poderia afectar a pontuação global do esquadrão.

E, ao longo de toda a semana, desfrutava, contendo o riso com dificuldade, no Clube dos Oficiais, até que se começou a gerar desconfiança.

– Gostava de saber que ideia se meteu na cabeça daquele monte de merda – observou o tenente Engle.

No entanto, Scheisskopf respondia com um sorriso enigmático às perguntas dos camaradas de armas.

– No domingo, não-de ver – prometia. – Não-de ver.

E, com efeito, revelou a sua surpresa histórica no domingo, com o ar solene e afectado de um empresário experiente. Não pronunciou uma palavra, enquanto os outros esquadrões desfilavam da habitual maneira desajeitada, diante da tribuna. Continuou a não deixar transparecer o menor indício, no momento em que as fileiras do seu próprio esquadrão surgiram, de braços quase rígidos, e brotavam as primeiras exclamações de alarme dos lábios dos outros oficiais. Logrou mesmo guardar silêncio até que o pesado coronel de bigode abundante volveu furiosamente para ele a expressão apoplética, e resolveu então fornecer a explicação que o imortalizou.

– Veja, coronel – anunciou. – Sem mãos.

E, perante uma audiência emudecida pelo assombro, começou a distribuir fotocópias do obscuro regulamento em que baseara o triunfo inesquecível. Soou a hora mais alta da vida do tenente Scheisskopf. Foi o vencedor da parada de mãos caídas, claro, e conseguiu a posse permanente do galhardete vermelho e a suspensão definitiva das paradas dominicais, porque os galhardetes vermelhos eram tão difíceis de obter como o arame de aço em tempo de guerra. Foi imediatamente promovido a primeiro-tenente e iniciou a sua ascensão rápida na hierarquia. Poucos foram os que não o aclamaram como verdadeiro génio militar pela importante descoberta.

– Aquele é o tenente Scheisskopf – indicou o tenente Travers. – Um génio militar.

– É verdade – concordou o tenente Engle. – Só lamento que não chicoteie a mulher.

– Não vejo o que uma coisa tem a ver com a outra – replicou Travers, friamente. – O tenente Bemis chicoteia a sua bela consorte sempre que têm relações sexuais e não vale um pataco nas paradas.

– Refiro-me a flagelação – salientou o outro. – Que interessam as paradas?

Na realidade, as paradas não interessavam a ninguém, excepto ao tenente Scheisskopf, e muito menos ao pesado coronel de bigode abundante, que presidia à Comissão Disciplinar, e começou a repreender Clevinger com irritação no momento em que este entrou na sala com despreendimento para se declarar inocente das acusações que Scheisskopf lhe dirigira. O coronel desferiu um murro no tampo da secretária, magoou a mão e ficou tão enfurecido com Clevinger que repetiu o gesto ainda mais vigorosamente, com o inevitável acréscimo de dores. Por seu turno, Scheisskopf cravou um olhar incendiário no recém-chegado, mortificado com a impressão desfavorável que suscitava.

– Dentro de sessenta dias, vai enfrentar Billy Petrolle – lembrou o coronel de bigode abundante, cada vez mais apoplético. – E está convencido de que o caso é para rir!

– Não acho que seja para rir, senhor – replicou Clevinger.

– Não interrompa.

– Não, senhor.

– E diga «senhor», quando o fizer – interveio o major Metcalf.

– Sim, senhor.

– Não acaba de lhe ser recomendado que não interrompa? – inquiriu em tom glacial.

– Mas eu não interrompi, senhor.

– Pois não. E também não disse «senhor». Acrescentem isto às acusações – ordenou Metcalf ao cabo que sabia estenografia. – Recusa de dizer «senhor» aos superiores, quando não os interrompe.

– É um imbecil, Metcalf – decidiu o coronel. – Sabia?

– Sim, senhor – admitiu o interpelado, engolindo com dificuldade.

– Então, cale o raio da boca, que não diz coisa com coisa.

A Comissão Disciplinar compunha-se de três elementos: o coronel de bigode abundante, o tenente Scheisskopf e o major Metcalf, que se esforçava por exhibir um olhar acerado. Nessa qualidade, Scheisskopf era um dos juizes que ponderaria os méritos das acusações contra Clevinger apresentadas pelo promotor, cargo que também exercia. Esclareça-se como mera curiosidade que a defesa estava confiada a Scheisskopf.

A situação apresentava-se muito confusa para Clevinger, que começou a vibrar de terror enquanto o coronel se punha de pé como um arrote gigantesco e ameaçava desconjuntar-lhe o corpo fedorento e cobarde, membro a membro. Um dia, tropeçara quando marchava; no seguinte, fora acusado formalmente de «desbaratar as fileiras de uma formatura, assalto mal-intencionado, comportamento inclassificável, alta traição, provocação, manifestações de esperteza, audição de música clássica, etc.». Em resumo, lançaram-lhe o Regulamento de Disciplina Militar em cima, e agora comparecia perante o pesado coronel, o qual voltava a rugir que, dentro de sessenta dias, teria de enfrentar Billy Petrolle e perguntava se lhe agradaria ser despachado para as ilhas Salomão, a fim de se dedicar à instrutiva actividade de sepultar cadáveres. Clevinger respondeu com deferência que não lhe agradaria absolutamente nada e acrescentou que se considerava um pateta, porque preferia ser um cadáver a ter de os sepultar. Em face disto, o coronel voltou a sentar-se, subitamente calmo e desconfiado, além de desagradavelmente delicado.

– Porque disse que não o podíamos castigar? – perguntou em tom pausado.

– Quando, senhor?

– Quem faz as perguntas sou eu. Você limita-se a responder.

– Sim, senhor. Eu...

– Pensa que o trouxemos aqui para fazer perguntas e eu responder?

– Não, senhor. Eu...

– Para que o trouxemos?

– Para responder a perguntas.

– Não tenha a mínima dúvida! – vociferou. – Portanto, comece a responder a algumas, antes que lhe rache o raio da cabeça. Porque disse, seu bastardo, que não o podíamos castigar?

– Não me lembro de fazer uma afirmação dessas, senhor.

– Importa-se de falar mais alto? Não consegui ouvir.

– Sim, senhor. Eu...

– Importa-se de falar mais alto? O coronel não conseguiu ouvir.

– Sim, senhor. Eu...

– Metcalf.

– Coronel?

– Não lhe mandei calar o raio da boca?

– Sim, senhor.

– Então, cale o raio da boca, quando o mando calar o raio da boca. Entendido? Importa-se de falar mais alto? Não consegui ouvir.

– Sim, senhor. Eu...

– É o seu pé que estou a pisar, Metcalf?

– Não, senhor. Deve ser o do tenente Scheisskopf.

– O meu não é – esclareceu este último.

– Então, talvez seja de facto o meu – concedeu Metcalf.

– Afaste-o.

– Sim, senhor. Importa-se de afastar primeiro o seu, coronel? Está em cima do meu.

– Atreve-se a mandar-me mover o pé?

– Não, senhor. Nem por sombras.

– Nesse caso, afaste o seu e cale o raio da boca. Importa-se de falar mais alto? Não consegui ouvir.

– Sim, senhor. Eu ia dizer que não disse que não me podiam castigar.

– De que diabo está para aí a falar?

– Respondo à sua pergunta, senhor.

– Qual pergunta?

– «Porque disse, seu bastardo, que não o podíamos castigar?» – recordou o cabo que sabia estenografia, lendo o que registara no bloco de

apontamentos.

– Está bem. Que diabo queria dizer?

– Eu não disse que não me podiam castigar, senhor.

– Quando?

– Quando quê, senhor?

– Lá está você outra vez a fazer perguntas!

– Desculpe, senhor. Receio não compreender o que perguntou.

– Quando disse que não o podíamos castigar? Não compreende a minha pergunta?

– Não, senhor. Não compreendo.

– Já tinha dito. Agora, responda à pergunta.

– Mas como posso responder?

– Nova pergunta!

– Desculpe, senhor, mas não sei como hei-de responder. Eu nunca disse que não me podiam castigar.

– Agora, está a revelar-nos quando o disse. Perguntei-lhe é que nos dissesse quando não disse.

Clevinger encheu os pulmões de ar antes de explicar:

– Não disse sempre que não me podiam castigar.

– Assim, já é melhor, Mister Clevinger, embora não passe de uma mentira descarada. Ontem à noite, na latrina, não segredou que não o podíamos castigar àquele outro imundo filho da mãe de quem não gostamos... como se chama ele?

– Yossarian, senhor – informou o tenente Scheisskopf.

– Sim, Yossarian. É isso. Yossarian. Yossarian? É esse o nome dele? Yossarian? Que raio de nome é esse?

– É o nome de Yossarian – volveu Scheisskopf, que tinha os factos na ponta da língua.

– Bom, deve ser mesmo. Não segredou a Yossarian que não o podíamos castigar?

– Não, senhor. Segredei-lhe que não podiam considerar-me culpado...

– Devo ser estúpido – interrompeu o coronel –, mas a diferença escapa-me. Devo ser de facto estúpido, porque a diferença escapa-me.

– Bem...

– Você é um imundo filho da mãe, não acha? Ninguém lhe pediu uma clarificação e você está a dar-me uma. É um imundo filho da mãe, não acha?

– Não, senhor.

– *Não*, senhor?! Está a chamar-me mentiroso?

– Oh, não, senhor.

– Então, é um imundo filho da mãe, não acha?

– Não, senhor.

– Está a tentar provocar uma discussão comigo?

– Não, senhor.

– É um imundo filho da mãe?

– Não, senhor.

– Safa, que está mesmo a tentar provocar uma discussão comigo! Contenho-me a custo de saltar por cima desta trampa de secretária e despedaçar-lhe o fedorento corpo membro a membro.

– Faça-o! Faça-o! – incitou o major Metcalf.

– Oiça cá, Metcalf, seu imundo filho da mãe. Não lhe mandei calar o raio da boca?

– Sim, senhor. Peço desculpa, senhor.

– Então, limite-se a obedecer.

– Tentava apenas aprender, senhor. E a única maneira de uma pessoa aprender é tentando.

– Quem disse isso?

– Toda a gente o diz, senhor. Até o tenente Scheisskopf.

– Você diz isso?

– Sim, senhor – assentiu o interpelado. – Mas toda a gente diz.

– Pois bem, Metcalf. Tente manter o raio da boca calada e talvez assim aprenda alguma coisa. Bom, onde íamos? Leia a última linha que escreveu.

– «Leia a última linha que escreveu» – leu o cabo, debruçando-se sobre os apontamentos estenografados.

– Não me refiro à *minha* última linha, seu estúpido! – rugiu o coronel. – À de um dos outros.

– «Leia a última linha que escreveu» – tornou o cabo.

– É a *minha* linha, outra vez! – uivou o coronel, cujas faces assumiam rapidamente a tonalidade do pimentão.

– Não é, não senhor – corrigiu o cabo. – É a *minha* última linha, lida há um momento. Não se recorda? Foi há apenas um momento.

– Valha-me Deus! Leia a última linha dele, estúpido! A propósito, como diabo se chama?

– Popinjay, senhor.

– A seguir, é você, Popinjay. Logo que este julgamento terminar, começa o seu. Entendido?

– Sim, senhor. De que me vão acusar?

– Isso não interessa, agora. Ouviram o que ele perguntou? Vai aprender, Popinjay... Assim que acabarmos de tratar da saúde de Clevinger, você vai aprender. Cadete Clevinger, que?... Você é o cadete Clevinger e não Popinjay, suponho?

– Com certeza, senhor.

– Ótimo. Que?...

– Popinjay sou eu, senhor.

– Escute, Popinjay. Seu pai é milionário ou senador?

– Não, senhor.

– Nesse caso, está atascado até às orelhas num monte de merda... Ele não é general ou funcionário superior da Administração?

– Não, senhor.

– Ainda bem. Que faz o seu pai?

– Está morto, senhor.

– *Muito* bem. Está mesmo atascado até às orelhas, Popinjay. O seu nome é de facto esse? Confesso que não me agrada.

– É o nome dele, senhor – esclareceu o tenente Scheisskopf.

– Mas não me agrada, e estou ansioso por lhe despedaçar o fedorento corpo membro a membro. Cadete Clevinger, importa-se de repetir que diabo segredou ou não segredou a Yossarian, ontem à noite, na latrina?

– Disse que não me podiam considerar culpado...

– Vamos continuar a partir daí. Exactamente, o que tinha em mente quando disse que não o podíamos considerar culpado?

– Eu não disse que não me podiam considerar culpado.

– Quando?

– Quando quê, senhor?

– Com mil diabos! Vai tentar sondar-me, outra vez?

– Não, senhor. Peço desculpa, senhor.

– Então, responda à pergunta. Quando foi que não disse que não o podíamos considerar culpado?

– Ontem à noite, na latrina, senhor.

– Foi essa a única altura em que não disse?

– Não, senhor. Não disse sempre que não me podiam considerar culpado. O que de facto disse foi...

– Ninguém perguntou o que disse a Yossarian. Perguntámos o que não lhe disse. Não estamos interessados no que disse a Yossarian. Entendido?

– Sim, senhor.

– Então, vamos prosseguir. Que disse a Yossarian?

– Disse-lhe que não me podiam considerar culpado do delito de que me acusavam e continuar fiel à causa da...

– De quê? Está a balbuciar.

– Pare de balbuciar.

– Sim, senhor.

– E balbucie «senhor», quando o fizer.

– Metcalf, seu filho da mãe!...

– Sim, senhor – murmurou Clevinger. – Da justiça. E continuar fiel à causa da...

– Justiça? – O coronel mostrava-se abismado. – Que é a justiça?

– A justiça, senhor...

– A justiça não é isso – atalhou, voltando a desferir um murro no tampo da secretária. – Isso é o que é Karl Marx. Vou explicar-lhe o que é a justiça. É um joelho afundado na barriga proveniente do chão durante a noite e uma faca cravada nas costas sem uma palavra de advertência. A justiça é isso, quando temos de ser suficientemente duros e implacáveis para lutar contra Billy Petrolle. Entendeu?

– Não, senhor.

– Não me trate por senhor!

– Sim, senhor.

– E diga «senhor», quando não o disser – ordenou o major Metcalf.

Clevinger era culpado, claro, de contrário não o acusariam, e como a única maneira de o provar consistia em declará-lo culpado, constituía dever patriótico da Comissão Disciplinar fazê-lo. Assim, foi condenado a efectuar cinquenta e sete voltas de castigo. Por outro lado, Popinjay sofreu vários dias de detenção para aprender a lei em que vivia e o major Metcalf foi despachado para as ilhas Salomão, a fim de sepultar cadáveres. A pena de Clevinger consistia em cinquenta minutos de uma hora de fim-de-semana consumidos em vaivém diante do edifício da Polícia Militar com uma pesada espingarda ao ombro.

A situação era particularmente confusa para ele. Desenrolavam-se muitas coisas singulares, mas a mais estranha, no seu entender, era o ódio brutal e inexorável dos membros da Comissão Disciplinar, que se manifestava em todas as oportunidades, e mesmo sem elas. O facto deixava-o estupefacto. Decerto o teriam linchado, se pudessem. Eram três homens adultos e ele um rapaz, e detestavam-no e desejavam-lhe a morte. Já o detestavam antes de entrar e continuaram depois de sair, acarinhando a animosidade como um tesouro oculto, após separarem-se uns dos outros e seguirem aos diferentes destinos.

Yossarian desenvolvera os maiores esforços para o prevenir na véspera.

– Não tens a mínima hipótese, rapaz – dissera-lhe, com uma expressão sombria. – Eles odeiam os Judeus.

– Mas eu não sou judeu – protestara Clevinger.

– Isso não lhes interessa. Odeiam toda a gente.

Encolhera-se perante o ódio colectivo dos componentes da Comissão Disciplinar como em face de uma luz ofuscante. Aqueles três homens que o odiavam falavam a sua língua e usavam o seu uniforme, porém, ele via os rostos hostis petrificados em linhas profundas de aversão e compreendeu instantaneamente que em parte alguma do mundo, nem mesmo em todos os tanques, aviões ou submarinos fascistas, nos *bunkers*, atrás das metralhadoras ou dos lança-morteiros, ou até dos lança-chamas, havia homens que o odiassem mais.

[7](#) Oficiais na Reserva. (N. do T.)

§

Capítulo nono MAJOR MAJOR MAJOR MAJOR

O major Major Major Major conheceu dificuldades desde o princípio.

À semelhança de Mini ver Cheevy, nascera demasiado tarde – precisamente trinta e seis horas demasiado tarde para o bem-estar físico da mãe, uma mulher fraca e doente, que, após um dia e meio de agonia contínua nos rigores do parto, estava esgotada ao ponto de não lhe restar a mínima energia para entrar em discussão por causa do nome do recém-nascido. No corredor do hospital, o marido movia-se com a solene determinação de quem sabia o que queria. O pai de Major Major era um indivíduo de estatura quase gigantesca, sapatos pesados e fato preto, que preencheu o impresso da certidão de nascimento sem vacilar, após o que o entregou à enfermeira sem deixar transparecer a menor emoção. Ela aceitou-o sem qualquer comentário e afastou-se, enquanto ele a acompanhava com a vista e especulava intimamente nos pormenores que existiriam sob o uniforme.

De regresso à enfermaria, encontrou a esposa inerte entre os cobertores, como um vegetal dissecado, amarfanhado e lívido. A cama ficava ao fundo da sala, junto de uma janela de vidraça rachada enegrecida pela acumulação do pó. A chuva caía de um céu plúmbeo e fazia frio, intensificado pelo vento. Noutras áreas do hospital, pessoas macilentas de lábios azulados e encarquilhados morriam gradualmente. O homem imobilizou-se diante da cama e contemplou a mulher em silêncio por um longo momento.

– Chamei-lhe Caleb – acabou por anunciar num murmúrio. – Em conformidade com o teu desejo.

Ela não respondeu e ele esboçou um sorriso. Planeara tudo perfeitamente, pois a mulher dormia e nunca saberia que lhe mentira.

Daquele banal começo, surgira o insignificante comandante de esquadrilha que agora passava a melhor parte de cada dia de trabalho em Pianosa forjando o nome de Washington Irving em documentos oficiais. Major Major forjava diligentemente com a mão esquerda para confundir a identificação, isolado de qualquer intrusão pela sua autoridade indesejada e camuflado no seu falso bigode e óculos escuros como uma protecção adicional contra a detecção de quem espreitasse casualmente pela janela de celulóide da qual alguém recortara um pedaço. Entre aqueles dois pontos baixos do seu nascimento e êxito, estendiam-se trinta e um desoladores anos de solidão e frustração.

Major Major nascera demasiado tarde e demasiado medíocre. Há homens que nascem medíocres, enquanto outros alcançam a mediocridade e outros ainda vêm a mediocridade lançada em cima. No caso de Major Major, tinham acontecido as três possibilidades. Mesmo entre homens desprovidos de qualquer distinção, destacava-se inevitavelmente como possuidor de semelhante ingrediente em quantidade ainda inferior à deles, e as pessoas que o conheciam ficavam sempre impressionadas com o seu aspecto inexpressivo.

Major Major contara com três óbices desde o princípio: a mãe, o pai e Henry Fonda, com o qual se parecia notavelmente quase desde que nascera. Muito antes de fazer a mínima ideia de quem era Henry Fonda, viu-se alvo de comparações pouco lisonjeiras. Desconhecidos não hesitavam em depreciá-lo, com o resultado de que cedo foi assolado por um temor de culpa dos outros e o impulso premente de se justificar perante a sociedade pelo facto de *não* ser Henry Fonda. Não constituía tarefa fácil mover-se ao longo da vida parecendo-se com ele, mas nunca lhe ocorreu a ideia de renunciar à luta, pois herdara a perseverança do pai, um homem quase gigantesco com certo sentido do humor.

Na verdade, o pai de Major Major era um indivíduo temente a Deus, cuja ideia de uma boa piada consistia em mentir acerca da idade. Agricultor e

respeitador da lei, cultivava o individualismo e considerava que o auxílio federal a alguém que não se dedicasse à lavoura constituía uma forma de socialismo. Advogava a austeridade e o trabalho árduo e desaprovava as mulheres dissolutas que o repeliam. A sua especialidade era a alfafa e obtinha lucros substanciais por não a cultivar. O Governo pagava-lhe bem cada alqueire de alfafa que não cultivava. Quanto mais alfafa não cultivasse, mais dinheiro o Governo lhe dava, e ele gastava até ao último cêntimo do dinheiro que não ganhava na aquisição de novas terras para aumentar a quantidade de alfafa que não produzia. O pai do major Major trabalhava sem descanso para não cultivar alfafa. Nos longos serões de Inverno, conservava-se em casa, para saltar da cama ao romper da alvorada, a fim de se certificar de que as tarefas não seriam executadas. Investia em terras com sensatez e, em breve, não produzia mais alfafa que qualquer outro agricultor da região. Os vizinhos procuravam-no para se aconselharem em todos os assuntos, porque se tratava de um homem que ganhava muito dinheiro e era, por conseguinte, sensato. «Tal como semeares, assim colherás», recomendava a todos, que replicavam: «Ámen.»

O pai de Major Major era defensor acérrimo da economia no Governo, desde que não interferisse no dever sagrado do Estado de pagar aos agricultores o máximo possível pela alfafa que produziam e mais ninguém queria ou por não produzirem nenhuma. Era um homem orgulhoso e independente que se opunha ao seguro do desemprego e nunca hesitava em gemer, choramingar e extorquir até onde podia de todos os que se lhe deparavam. Tratava-se de um indivíduo devoto cujo púlpito se situava em toda a parte.

– O Criador deu-nos, a nós, bons agricultores, duas mãos fortes para agarrarmos tudo o que couber nelas – costumava proclamar. – Se Ele não quisesse que agarrássemos tudo o que pudéssemos, não nos teria dado duas mãos robustas.

E os outros murmuravam:

– Ámen.

O pai de Major Major tinha fé de calvinista na predestinação e apercebia-se com clareza de que os infortúnios de todos, excepto os seus, constituíam a expressão da vontade divina. Fumava cigarros e bebia uísque, além do que nunca perdia a oportunidade de pronunciar um comentário sarcástico e estimular uma conversa intelectual, em particular a sua própria, se mentia acerca da idade ou descrevia as dificuldades da mulher para trazer Major Major ao mundo, no que se registava a intervenção de Deus. Na realidade, o Criador só necessitara de seis dias para produzir todo o mundo, enquanto a mulher passara um dia e meio sob as contracções e dores do parto para produzir apenas Major Major. Um homem de vontade menos forte teria sucumbido à emoção naquele dia no corredor do hospital e talvez preferisse outros nomes, como Drum Major, Minor Major, Sergeant Major ou C Sharp Major,⁸ porém, o pai de Major Major aguardara catorze anos para que surgisse aquela oportunidade e não se achava na sua índole desperdiçá-la. Aliás, também possuía uma tirada divertida acerca da oportunidade. «A oportunidade só bate ao mundo uma vez», gostava de afirmar, e repetia-a em todas as ocasiões.

Ter nascido com uma notável parecença com Henry Fonda foi a primeira de uma longa série de partidas que o Destino pregaria a Major Major, tornando-o vítima desolada ao longo da sua melancólica vida. A circunstância de haver nascido Major Major Major foi a segunda, o que representava um segredo apenas conhecido do pai. A descoberta do seu nome verdadeiro só se verificou no momento da matrícula na escola infantil, e os efeitos revelaram-se desastrosos. A notícia matou a mãe, que perdeu a vontade de viver e foi definhando até à morte, o que não perturbou o marido, que já decidira voltar a casar e não se sentia muito optimista quanto à possibilidade de a convencer a desaparecer da circulação sem lhe entregar uma quantia avultada ou acelerar-lhe a partida deste mundo por meios violentos.

As consequências em Major Major foram apenas ligeiramente menos severas. Foi com abalo profundo que se apercebeu de que não era, como sempre supusera, Caleb Major, mas um estranho qualquer chamado Major

Major Major, acerca do qual não sabia absolutamente nada e de quem ninguém jamais ouvira falar. Os poucos companheiros que tinha afastaram-se dele para não voltarem a aparecer, programados para desconfiar de todos os desconhecidos, sobretudo um que já os iludira ao fingir ser alguém que eles tinham conhecido ao longo de anos. Ninguém queria nada de comum com ele, que passou a largar as coisas das mãos e a tropeçar. Assumia uma atitude acanhada e esperançada ante cada novo contacto e acabava sempre por ficar desapontado. Como carecia de um amigo desesperadamente, nunca o encontrava. Tornou-se um rapaz espigado, reservado, sonhador, com olhos baços e boca delicada, cujo sorriso tímido se dissipava como o fumo sob o efeito de um furacão à mínima contrariedade.

Mostrava-se atencioso com os mais velhos, que o detestavam, e fazia tudo o que lhe ordenavam. Se lhe diziam que abrisse bem os olhos antes de dar um salto, abria bem os olhos antes de dar um salto. Se lhe diziam que nunca deixasse para amanhã o que podia fazer hoje, nunca deixava. Se lhe diziam que respeitasse o pai e a mãe, respeitava-os. Se lhe diziam que não devia matar, não matava, até que entrou para o Exército. Aí, disseram-lhe que matasse, e passou a matar. Oferecia a outra face em todas as ocasiões e fazia sempre aos outros o que desejaria que lhe fizessem. Quando dava esmola, a mão esquerda nunca sabia o que a direita fazia. Nunca invocava o nome do Criador em vão, cometia adultério ou cobiçava a mulher do próximo. Na verdade, amava o próximo e até nunca levantava falsos testemunhos contra ele. Os mais velhos detestavam Major Major por ser um tão flagrante não conformista.

Como não tinha nada mais em que se distinguir, distinguiu-se nos estudos. Na universidade estadual, levou-os tão a sério que os homossexuais suspeitavam de que era comunista e os comunistas de que era homossexual. Por fim, doutorou-se em História Inglesa, o que constituiu um erro.

– História *Inglesa*? – bradou com indignação um senador de cabelos prateados, na bancada do seu estado. – Porque não História Americana? É tão boa como qualquer outra História do Mundo!

Major Major passou a dedicar-se imediatamente à literatura americana, mas não antes de o FBI abrir um processo com o seu nome. Havia seis pessoas e um *terrier* escocês instalados na remota casa de campo a que ele chamava lar, e cinco deles e o *terrier* escocês revelaram-se agentes do FBI. Em breve reuniram tanta informação derogatória acerca de Major Major que podiam fazer com ele o que quisessem. No entanto, a única coisa que conseguiram descobrir para fazer com ele foi levá-lo para a tropa como soldado raso e promovê-lo a major quatro dias depois, para que os congressistas sem nada com que se entreter pudessem percorrer as ruas de Washington, cantando: «Quem promoveu o Major a major? Quem promoveu o Major a major?»

Na realidade, Major Major fora promovido por uma máquina IBM com um sentido de humor quase tão acutilante como o do pai dele. Quando eclodiu a guerra, ainda era dócil e condescendente. Disseram-lhe que se alistasse, e alistou-se. Disseram-lhe que frequentasse o treino para cadete da aviação e frequentou-o, e, no dia seguinte, descobriu-se, descalço, enterrado em lama glacial, às três horas da madrugada, diante de um sargento agressivo do Sudoeste, que anunciou que podia sovar qualquer homem do seu pelotão e estava disposto a demonstrá-lo. Os recrutas do seu esquadrão tinham sido acordados bruscamente pelos cabos do sargento, poucos minutos antes, e intimados a formar à entrada da tenda da administração. Por consequente, formaram com os fatos civis com que se haviam apresentado ao serviço, três dias antes. Os que se atrasaram um pouco para calçar os sapatos, receberam ordem para se descalçar, e alinharam-se todos, descalços, sob chuva torrencial, enquanto o sargento agressivo do Sudoeste lhes explicava que podia sovar qualquer deles e estava disposto a demonstrá-lo. A afirmação peremptória não encontrou a mais remota contradição.

A promoção inesperada de Major Major a major, no dia seguinte, mergulhou o sargento agressivo em verdadeira melancolia, por já não se poder vangloriar da possibilidade de sovar qualquer homem do seu pelotão. O facto levou-o a recolher à sua tenda, como Saul, durante várias horas,

sem receber ninguém, enquanto a sua guarda de *elite* de cabos aguardava, desencorajada, cá fora. Às três da madrugada, descobriu a solução, e Major Major e os outros recrutas foram de novo acordados bruscamente e mandados formar, descalços, debaixo de chuva, diante da tenda da administração, onde o sargento já os esperava, com os punhos cerrados pousados nos quadris, tão ansioso por falar, que se continha com extrema dificuldade.

– Eu e Major Major podemos sovar qualquer homem do pelotão! – anunciou no mesmo tom acutilante da véspera.

Os oficiais da base debruçaram-se sobre o problema de Major Major no mesmo dia. Como poderiam ocupar-se de um major como Major Major? Amesquinhá-lo pessoalmente equivaleria a amesquinhar todos os outros oficiais de patente igual ou inferior. Por outro lado, tratá-lo com cortesia era impensável. Por sorte, Major Major solicitara a participação no treino dos cadetes de aviação. A ordem de transferência foi enviada para a sala de fotocópias ao fim da tarde e, às três da madrugada, Major Major era acordado bruscamente mais uma vez, mandado vestir à pressa e expedido num avião para oeste.

O tenente Scheisskopf ficou branco como um lençol quando Major Major se lhe apresentou na Califórnia, descalço e com lama seca aderida aos pés, pois Major Major convencera-se de que o faziam levantar a meio da noite para formar diante da tenda da administração, pelo que não se calçara, além de que o fato se achava amarrotado e sujo. O tenente Scheisskopf, que ainda não se celebrizara como vencedor de paradas dominicais, arrepiou-se ao pensar na figura de Major Major, descalço e andrajoso, no desfile da semana seguinte.

– Dirija-se imediatamente ao hospital e declare-se doente – indicou, quando se recompôs o suficiente para falar. – Mantenha-se internado até receber o subsídio do fardamento, para arranjar um uniforme. E botas. E peúgas.

– Sim, senhor.

– Acho que não tem de me tratar por «senhor», senhor. O seu posto é superior ao meu.

– Sim, senhor. Talvez seja superior, mas o senhor é o meu comandante.

– Pois, tem razão, senhor. Talvez seja meu superior, mas sou o seu comandante. Por conseguinte, é conveniente proceder como lhe disse, se não quer ver-se em apuros. Dirija-se ao hospital e declare-se doente. Mantenha-se internado até receber o subsídio de fardamento, para comprar um uniforme.

– Sim, senhor.

– E botas. Compre-as na primeira oportunidade.

– Sim, senhor. Assim farei, senhor.

– Obrigado, senhor.

A vida na escola de cadetes não foi diferente da que Major Major conhecera até então. Quaisquer que fossem as pessoas com as quais se encontrasse desejavam sempre que estivesse noutra lugar. Os instrutores concediam-lhe tratamento preferencial para que progredisse rapidamente e pudessem livrar-se dele. Assim, não tardou a receber as asas de piloto e partir para além-mar, onde as coisas começaram subitamente a mudar. Toda a vida ansiara por uma coisa em particular, ser absorvido, e, em Pianosa, conseguiu-o por uma temporada. A hierarquia carecia de significado especial para os militares em combate, pelo que as relações entre os oficiais e os subalternos se desenrolavam descontraída e informalmente. Homens dos quais nem sabia os nomes cumprimentavam-no e convidavam-no para nadar ou jogar basquetebol. As suas horas mais significativas decorriam nos encontros daquela modalidade ao longo do dia, que ninguém se mostrava empenhado em vencer. Ninguém anotava a marcha do marcador, e o número de praticantes podia variar de um a trinta e cinco. Major Major nunca jogara basquetebol ou qualquer outro desporto com bola, porém a sua estatura elevada e o entusiasmo sem limites compensavam a falta de experiência. Na verdade, conheceu autêntica felicidade no rectângulo inclinado junto da vala do caminho-de-ferro, com os oficiais e subalternos que eram quase seus amigos. Se ninguém ganhava, também não havia

vencidos, e Major Major divertiu-se como nunca, até ao dia em que o coronel Cathcart surgiu no jipe, após a morte do major Duluth, e lhe tornou impossível voltar a apreciar aqueles momentos.

– É o novo comandante de esquadrilha – anunciou, do lado oposto da vala.
– Mas não pense que significa alguma coisa de especial. Significa apenas que é o novo comandante de esquadrilha.

Cathcart acalentara um rancor implacável contra ele durante muito tempo. Um major supérfluo entre os seus homens significava uma tabela de organização caótica e fornecia munições ao pessoal do Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea, que considerava seu inimigo e rival. E o facto levava-o a desejar que se verificasse um milagre, como, por exemplo, a morte do major Duluth. Fora atormentado por um major a mais e agora registava-se uma vaga. Por conseguinte, nomeou Major Major comandante de esquadrilha e afastou-se no jipe com a brusquidão que surgira.

Para Major Major, a nomeação representava o termo do jogo. Tinha as faces rubras de desconforto e achava-se pregado ao chão, ainda incrédulo, enquanto as nuvens de chuva se acumulavam sobre a sua cabeça. Ao voltar-se para os outros jogadores, deparou-se-lhe uma muralha de semblantes dominados por expressões graníticas ou hostis, o que o fez estremecer de vergonha. Quando a partida foi reatada, o ambiente já não era o mesmo. Se driblava, ninguém tentava opor-se-lhe, e, se pedia que lhe passassem o esférico, era imediatamente comprazido. A única voz que se ouvia era a dele. No dia seguinte, a situação repetiu-se e no imediato já não compareceu.

Como se obedecessem a um sinal previamente estabelecido, todos deixaram de lhe falar e passaram a olhá-lo com animosidade. Major Major caminhava através da vida embaraçado, de olhos baixos e faces ardentes, alvo de desdém, inveja, suspeita, ressentimento e insinuações maliciosas, onde quer que estivesse. Aqueles que até então quase não se haviam apercebido da sua parecença com Henry Fonda não paravam de comentar o facto e havia mesmo quem sugerisse sinistramente que Major Major fora nomeado comandante de esquadrilha por causa disso. O capitão Black, que

aspirava ao cargo, afirmava que se tratava do próprio Henry Fonda, mas tinha medo de o confessar.

Major Major movia-se desoladoramente de catástrofe para catástrofe. Sem o consultar, o sargento Towser mandou transferir as suas coisas para o espaçoso reboque que o major Duluth ocupara sem companhia, e quando Major Major entrou, esbaforido, no gabinete de Towser para comunicar o roubo daquilo que lhe pertencia, o jovem cabo de serviço pregou-lhe um susto ao levantar-se de um salto e bradar «Sentido!». Major Major perfilou-se juntamente com todos os outros homens presentes, sem descortinar a personagem importante que merecia a honra. Escoaram-se alguns minutos de rígido silêncio, e provavelmente manteriam as posições até ao Juízo Final se não aparecesse o major Danby, vinte minutos mais tarde, para felicitar Major Major pela promoção e os mandasse estar à vontade.

Major Major ainda se comportou mais lamentavelmente na messe, onde Milo, desfazendo-se em sorrisos adulatários, aguardava para o conduzir a uma mesa pequena que mandara colocar em lugar destacado e decorara com uma toalha bordada e um ramo de flores num jarrão de vidro. Major Major estacou, horrorizado, mas faltou-lhe a coragem suficiente para resistir, por saber que todos o observavam. Até Havermeyer erguera os olhos do prato para o contemplar com uma expressão de curiosidade. Por fim, Major Major submeteu-se docilmente às atenções de Milo e encolheu-se de embaraço, na mesa isolada, durante toda a refeição. A comida sabia-lhe a cinza, mas tragava-a com estoicismo para não melindrar nenhum dos homens ligados à sua confecção. Encontrando-se a sós com Milo, mas tarde, sentiu uma onda de protesto dominá-lo pela primeira vez e explicou que preferia continuar a comer com os restantes oficiais. No entanto, o outro replicou que não daria resultado.

– Não vejo o que tem de dar resultado – argumentou Major Major. – Até agora, nunca aconteceu nada.

– Nunca tinha sido comandante de esquadrilha.

– O major Duluth, meu antecessor, comia sempre à mesma mesa, com os outros.

– O caso dele era diferente.

– Em que sentido?

– Preferia que não me fizesse essa pergunta, senhor.

– É por me parecer com Henry Fonda? – conseguiu reunir arrojo suficiente para inquirir.

– De facto, há quem diga que é Henry Fonda – admitiu Milo.

– Mas não sou! – exclamou Major Major, numa inflexão de desespero. – E não me pareço absolutamente nada com ele. De qualquer modo, que importância tem?

– Nenhuma, e é o que tento explicar-lhe. Consigo não é a mesma coisa que com o major Duluth.

E, na verdade, não era, porque quando Major Major, na refeição seguinte, se preparava para se sentar numa das mesas habituais com os outros, imobilizou-se perante a muralha de antagonismo erguida pelas suas expressões e permaneceu petrificado com o tabuleiro nas mãos, até que Milo acudiu em seu auxílio, conduzindo-o docilmente à mesa isolada. Major Major renunciou à luta a partir de então e passou a comer sempre ali, de costas para os outros, convencido de que estavam ressentidos com ele porque prescindia da sua companhia, agora que se tornara comandante de esquadrilha. Nunca se desenrolavam conversas durante a sua presença na messe, até que começou por comparecer a outra hora e terminou por tomar as refeições no reboque, fora dos olhares de todos.

Major Major principiou a forjar o nome de Washington Irving em documentos oficiais no dia após a chegada do homem do CID para o interrogar sobre alguém do hospital que o fizera e lhe sugeriu a ideia. Até então, sentira-se enfastiado e insatisfeito no novo cargo. Fora nomeado comandante de esquadrilha, mas não fazia a menor ideia da natureza das suas atribuições, a menos que se tratasse apenas de forjar o nome de Washington Irving em documentos oficiais e escutar o tilintar isolado das ferraduras do major ... de Coverley quando contactavam com o chão junto da janela do seu pequeno gabinete, nas traseiras da tenda. Major Major era assolado constantemente por uma impressão de obrigações vitais por

executar e aguardava com impaciência e em vão que as suas responsabilidades se lhe tornassem evidentes. Só saía se era absolutamente necessário, porque não se conseguia habituar a que o olhassem com curiosidade. Uma vez por outra, a monotonia era quebrada por um oficial ou subalterno que o sargento Towser lhe mencionava a respeito de qualquer problema banal que Major Major se reconhecia incapaz de solucionar, o que o levava a consultar o subordinado. O que quer que devia fazer como comandante de esquadrilha parecia seguir os trâmites normais sem a sua intervenção. Gradualmente, tornou-se taciturno e deprimido. Havia ocasiões em que pensava a sério em expor os seus pesares ao capelão, porém este parecia tão assoberbado com problemas próprios que Major Major não se atrevia a avolumá-los. De resto, não tinha a certeza se os capelães também se destinavam aos comandantes de esquadrilha.

Também não estava bem certo da verdadeira situação do major ... de Coverley, o qual, quando não alugava apartamentos ou raptava trabalhadores estrangeiros, não tinha nada de mais premente para fazer do que entreter-se com as ferraduras. Major Major observava-as atentamente com frequência, quando pousavam no chão com suavidade, ao mesmo tempo que estranhava que uma pessoa tão augusta como o major ... de Coverley não tivesse nada de mais importante para fazer. Por vezes, sentia-se tentado a fazer-lhe companhia, mas a perspectiva de passar o dia a lançar ferraduras afigurava-se-lhe tão fastidiosa como assinar «major Major Major» nos documentos oficiais, além de que o aspecto do homem era tão impressionante que receava abordá-lo.

Major Major especulava mentalmente sobre a sua relação com o major ... de Coverley e vice-versa. Sabia que este último era seu oficial executivo, mas ignorava o significado da expressão e não conseguia decidir se se tratava de um superior benevolente ou um subordinado delinquente, e não se atrevia a perguntar ao sargento Towser, que receava intimamente, pelo que não havia mais ninguém para consultar e muito menos o próprio major ... de Coverley. Poucas pessoas se aventuravam a abordá-lo e o único oficial suficientemente imprudente para lançar uma das suas ferraduras viu-se a

contas com um dos piores ataques de urticária jamais verificados em Pianosa. Todos ficaram convencidos de que se deveria a retaliação telepática do major ... de Coverley, embora não existisse qualquer precedente do género.

A maioria dos documentos oficiais que chegavam à secretária de Major Major não lhe diziam respeito directamente. Uma parte apreciável consistia em alusões a comunicações anteriores de que ele jamais ouvira falar e nunca surgia a necessidade de as procurar, porquanto as instruções se cifravam invariavelmente em anular os seus efeitos. Por conseguinte, no lapso de um único momento produtivo, ele podia endossar vinte documentos separados que lhe recomendavam que não prestasse a mínima atenção aos precedentes. Do gabinete do general Peckem, no continente, chegavam prolixos boletins diários encimados por homilias joviais como *A Procrastinação É o Ladrão do Tempo* ou *O Asseio Figura a seguir à Devoção*.

As comunicações do general sobre o asseio e a procrastinação contribuíam para que Major Major se sentisse um procrastinador conspurcado, e fazia-as desaparecer da sua frente o mais depressa possível. Os únicos documentos oficiais que lhe interessavam eram os esporádicos pertencentes ao infeliz segundo-tenente que perdera a vida na missão sobre Orvieto, menos de vinte e quatro horas após a sua chegada a Pianosa, e cuja bagagem parcialmente aberta ainda se encontrava na tenda de Yossarian. Como o desditoso tenente se apresentara na tenda de operações e não na sala do oficial de dia, o sargento Towser decidira que seria mais conveniente registar que nunca se apresentara na esquadrilha, e os documentos ocasionais a seu respeito abordavam o facto de que parecia ter-se dissipado na atmosfera, o que, de certo modo, fora o que acontecera. Em última análise, Major Major congratulava-se com os documentos oficiais que lhe iam parar às mãos, porque passar o dia a assiná-los resultava muito mais agradável do que passar o dia sem os assinar. Proporcionavam-lhe um pretexto para estar ocupado.

Todos os documentos que assinava regressavam inevitavelmente com uma página suplementar para assinatura, após intervalos que variavam de dois a dez dias. Apresentavam-se sempre mais espessos que anteriormente, porque entre a folha com o seu último endosso e a acrescentada para o novo endosso, figuravam as mais recentes de todos os outros oficiais em lugares dispersos, igualmente ocupados com a aposição dos respectivos nomes no mesmo documento oficial. Major Major sentia-se desanimado ao ver comunicações simples converterem-se em manuscritos gigantescos. Por muitas vezes que assinasse um, reaparecia sempre para mais uma assinatura, e ele começava a desesperar de jamais conseguir libertar-se da sua presença. Um dia – vinte e quatro horas após a primeira visita do homem do CID –, assinou o nome de Washington Irving num dos documentos em vez do seu, só para ver como reagia. Gostou e a tal ponto que passou o resto da tarde a fazer o mesmo em todos os documentos oficiais. Era um acto de frivolidade e rebelião impulsivas, pelo qual, como não ignorava, seria castigado severamente. Na manhã imediata, entrou no seu gabinete dominado por forte trepidação e aguardou para observar o que aconteceria. Não aconteceu nada.

Pecara, o que fora bom, pois nenhum dos documentos que ostentavam o nome de Washington Irving tornou a passar-lhe pelas mãos. Surgia, finalmente, uma manifestação de progresso, e Major Major enveredou pela sua nova carreira com entusiasmo desinibido. Assinar o nome de Washington Irving em documentos oficiais talvez não se pudesse considerar uma carreira importante, mas resultava menos monótono do que assinar «major Major Major». Quando Washington Irving se tornasse monótono, poderia inverter a ordem e assinar Irving Washington, até que a monotonia voltasse a manifestar-se. E fazia as coisas andar, porque nenhum dos documentos assinados tornava a visitar a esquadilha.

O que na realidade a visitou foi um *segundo* homem do CID disfarçado de piloto. O pessoal inteirou-se das suas funções porque ele próprio as confessou, com a recomendação solene de que não as divulgassem.

– Você é a única pessoa da esquadrilha que sabe que pertenço ao CID – confidenciou a Major Major –, e é absolutamente essencial que a minha verdadeira identidade se mantenha envolta no mais rigoroso sigilo para que a eficiência não seja afectada. Compreende?

– O sargento Towser também sabe.

– Pois sabe. Tive de lhe dizer para justificar o motivo da minha visita. No entanto, estou certo de que não o divulgará em circunstância alguma.

– Pelo menos, divulgou-me – retrucou Major Major. – Comunicou que estava um homem do CID lá fora para falar comigo.

– O bastardo... Tenho de o submeter a uma investigação de segurança. Entretanto, aconselho-o a não deixar documentos ultra-secretos em cima da secretária. Pelo menos, até eu elaborar o relatório.

– Não costumo receber documentos ultra-secretos.

– É precisamente a esses que me refiro. Feche-os à chave no armário, para que o sargento Towser não lhes ponha as mãos em cima.

– A única chave do armário está em poder dele.

– Desconfio que estamos a perder tempo – proferiu o segundo homem do CID, um indivíduo atarracado de modos eficientes. Em seguida, extraiu um maço de fotocópias de um largo sobrescrito vermelho, que conservava parcialmente dissimulado sob uma carteira de voo em que se viam pintadas imagens de aviões no espaço entre estilhaços de artilharia antiaérea, com fiadas de pequenas bombas que representavam cinquenta e cinco missões cumpridas. – Já tinha visto isto?

Major Major contemplou inexpressivamente as reproduções de correspondência do hospital em que o oficial censor assinara «Washington Irving» ou «Irving Washington» e replicou:

– Não.

– E isto?

Fixou o olhar no outro conjunto de fotocópias de documentos oficiais que lhe eram dirigidos e nos quais apusera as mesmas assinaturas.

– Também não.

– O homem que assinou estes nomes pertence à sua esquadrilha?

– Qual? São dois nomes.

– Qualquer deles. Estamos convencidos de que Washington Irving e Irving Washington são uma única pessoa que utiliza dois nomes para nos confundir. Acontece com frequência, sabe.

– Não creio que haja alguém com qualquer desses nomes na minha esquadrilha.

– O fulano é mais esperto do que supúnhamos. – O rosto do segundo homem do CID exibiu uma expressão de desapontamento. – Usa um terceiro nome e faz-se passar por outra pessoa. E penso... sim, penso que sei qual é esse terceiro nome. – Com excitação repentina, puxou de mais uma fotocópia. – E isto?

Major Major inclinou-se para a frente e viu uma reprodução da carta em que Yossarian riscara tudo, à exceção do nome Mary, na qual inscrevera: «Suspiro por si tragicamente. A. T. Tappman, capelão do Exército dos EU.»

– Nunca tinha visto – declarou, meneando a cabeça.

– Sabe quem é A. T. Tappman?

– O capelão do grupo.

– Então, está tudo esclarecido – decidiu o segundo homem do CID. – Washington Irving é o capelão do grupo.

– O capelão do grupo é A. T. Tappman – corrigiu Major Major, com uma ponta de alarme.

– Tem a certeza?

– Absoluta.

– Porque escreveria o capelão do grupo uma coisa destas numa carta?

– Talvez a escrevesse outra pessoa e forjasse o nome.

– Porque forjaria alguém o nome do capelão do grupo?

– Para escapar à detecção.

– É capaz de ter razão – admitiu o segundo homem do CID, após um instante de hesitação, franzindo os lábios. – Talvez estejamos perante um bando, com dois homens que trabalham juntos e têm nomes inversos. Sim, só pode ser isso. Um aqui na esquadrilha e o outro de conivência com o

capelão. Mas assim são três... Tem a certeza absoluta de que nunca viu nenhum destes documentos oficiais?

– Se visse, tê-los-ia assinado.

– Com que nome? – inquiriu, semicerrando as pálpebras numa expressão de astúcia. – O seu ou o de Washington Irving?

– O meu, claro. Nem sequer conhecia o nome de Washington Irving.

Exibiu um sorriso de satisfação.

– Congratulo-me por não estar envolvido, major. Assim, vamos poder trabalhar em conjunto, e precisarei de toda a colaboração disponível. Algures, no teatro de operações da Europa, existe um homem que se apodera de comunicações destinadas a outrem. Faz alguma ideia de quem possa ser?

– Nenhuma.

– Pois eu tenho uma suspeita muito concreta. – O segundo homem do CID baixou a voz para lhe inculcar uma inflexão confidencial. – O bastardo do Towser. Que outro motivo o levaria a propalar a minha verdadeira identidade? Portanto, mantenha os olhos bem abertos, major, e previna-me se ouvir alguém referir-se a Washington Irving. Entretanto, vou mandar proceder a uma investigação de segurança sobre o capelão e todos os membros da esquadrilha.

Logo que desapareceu, o primeiro homem do CID entrou pela janela do gabinete de Major Major e quis saber quem era o segundo homem do CID.

– Um enviado do CID – informou Major Major, que a princípio quase não o reconheceu.

– O tanas! O enviado do CID nestas paragens sou eu.

E Major Major quase não o reconheceu, porque usava um roupão de «turco» castanho desbotado, com as costuras abertas nas axilas, pijama de flanela vermelho e chinelos com uma das solas aberta. De súbito, recordou-se de que se tratava da indumentária hospitalar e verificou que o homem engordara vários quilogramas e parecia vender saúde.

– Estou muito doente – gemeu o recém-chegado. – Um piloto pegou-me o resfriado no hospital e acabei por ser acometido de pneumonia.

– Lamento imenso.

– Serve-me de muito que lamente. Não preciso da sua compaixão. Só quero que saiba o que tenho sofrido. Vim para o prevenir de que Washington Irving parece ter transferido a base de operações do hospital para esta esquadrilha. Por acaso, não ouviu ninguém mencioná-lo?

– Por acaso, ouvi – disse Major Major. – O homem que acaba de sair daqui referiu-se-lhe.

– Palavra? – exclamou o primeiro homem do CID, entusiasmado. – Talvez se trate da oportunidade de que necessitávamos para dismantelar a operação! Mantenha-o sob vigilância permanente, enquanto regresso ao hospital e contacto com os meus superiores para pedir novas instruções. – E saiu por onde entrara.

No momento imediato a porta do tabique que separava o gabinete de Major Major da sala do oficial de dia abriu-se e o segundo homem do CID reapareceu, ofegante. Após uma pausa para recuperar o alento, anunciou:

– Acabo de ver um homem de pijama vermelho sair por esta janela e correr para a estrada. Não se deu conta?

– Esteve a falar comigo – admitiu Major Major.

– O facto de se tratar de um indivíduo de pijama vermelho a saltar pela janela despertou-me fortes suspeitas. – O segundo homem do CID pôs-se a percorrer o pequeno gabinete em círculos vigorosos. – A princípio, pensei que era você a fugir para o México, mas vejo agora que me enganei. Por acaso, não se referiu a Washington Irving?

– Por acaso, referiu.

– Sim? – bradou, exultante. – Estupendo! Talvez se trate da oportunidade de que necessitávamos para dismantelar a operação. Sabe onde o posso encontrar?

– No hospital. Está muito doente.

– Maravilhoso! Vou já procurá-lo, mas julgo preferível fazê-lo incógnito. Explicarei a situação na tenda médica, para que me internem como um paciente vulgar.

– Dizem que só me internam como um paciente vulgar se estiver mesmo doente – explicou o segundo homem do CID, minutos mais tarde. – A verdade é que estou mesmo muito doente. Tencionava submeter-me a um *checkup* e agora depara-se-me uma oportunidade excelente. Vou voltar à tenda médica para me declarar doente e poder assim baixar ao hospital.

– Olhe o que me fizeram – comunicou, exibindo as gengivas roxas, dominado por um desespero indomável. Além disso, tinha as botas e peúgas nas mãos e haviam-lhe pincelado os dedos dos pés com uma solução de genciana violácea. – Alguma vez se viu um homem do CID com gengivas roxas?

Afastou-se cabisbaixo e resvalou para uma vala, onde fracturou o nariz. Embora continuasse a apresentar uma temperatura normal, Gus e Wes decidiram abrir uma excepção e mandaram-no transportar ao hospital numa ambulância.

Major Major mentira, o que lhe produzia particular satisfação. A sensação não o surpreendia, porque observara que as pessoas que mentiam se revelavam, no seu conjunto, mais plenas de recursos e ambiciosas do que as que falavam verdade. Se tivesse sido sincero com o segundo homem do CID, enfrentaria problemas graves. Ao invés, mentira e continuava a desfrutar de plena liberdade para actuar.

Tomou-se mais discreto no seu trabalho em resultado da visita do segundo homem do CID. Passou a assinar sempre com a mão esquerda e apenas quando usava os óculos escuros e o bigode postiço que utilizara sem êxito para recomeçar a jogar basquetebol. Como precaução adicional, trocou o nome de Washington Irving pelo de John Milton. Na verdade, este último era maleável e conciso e, à semelhança de Washington Irving, podia ser invertido com efeitos satisfatórios sempre que se tornasse monótono. Por outro lado, permitia que Major Major duplicasse o seu rendimento, porque John Milton tinha menos letras que o seu próprio nome ou Washington Irving, pelo que não levava tanto tempo a escrever. Dada a sua versatilidade natural, Major Major não tardou a incorporar a assinatura em fragmentos de diálogo imaginário. Assim, endossos típicos de documentos oficiais podiam

ser do seguinte teor: «John, Milton é um sádico» ou «Viste Milton, John?» Uma das que mais lhe agradavam era: «Está alguém no John⁹, Milton?» Com efeito, John Milton abria novas perspectivas cheias de atraentes e inesgotáveis possibilidades que pareciam afastar a monotonia para sempre. Quando John Milton se tornava monótono, Major Major regressava a Washington Irving.

Comprara os óculos escuros e o bigode postiço em Roma, numa derradeira e fútil tentativa para se salvar da degradação pantanosa em que se afundava gradualmente. Primeiro, houvera a horrível humilhação da Grande Cruzada do Juramento de Lealdade, em que nenhuma das trinta ou quarenta pessoas que faziam circular juramentos de lealdade competitivos lhe permitiu que assinasse. Depois, quando o episódio começava a cair no esquecimento, registou-se a ocorrência relativa ao desaparecimento misterioso do avião de Clevinger com toda a tripulação, cujas culpas se concentraram em Major Major porque não assinara nenhum juramento de lealdade.

Os óculos escuros tinham aros largos roxos, enquanto o bigode postiço se assemelhava a um pincel, e ele usou ambos, um dia, para visitar o campo de basquetebol, quando decidiu que não conseguia continuar a suportar a solidão. Assumiu um ar de descontraída familiaridade quando entrou no rectângulo, ao mesmo tempo que rezava intimamente para que não o reconhecessem. Os outros fingiram de facto que não o reconheciam e começou a divertir-se. No momento em que acabava de se congratular pelo inocente ardil, foi abalroado por um adversário e caiu de joelhos. O incidente não tardou a repetir-se, e suspeitou de que o haviam reconhecido e utilizavam o seu disfarce como pretexto para lhe aplicar cargas violentas. Na realidade, não o queriam entre eles. E no instante em que acabava de chegar a essa conclusão, os jogadores do seu lado fundiram-se instintivamente com os da equipa adversária numa multidão compacta sedenta de sangue que avançou de todos os lados no meio de um mar de imprecações e punhos agitados. Atiraram-no ao chão, desferiram-lhe pontapés e tornaram a atacá-lo quando conseguiu levantar-se, ao mesmo tempo que cobria o rosto com as mãos. Entretanto, a agressão colectiva

prosseguia, até que o impeliram para a borda da vala e o projectaram no fundo. Por fim, logrou endireitar-se, trepar ao outro lado e afastar-se em passos incertos, sob ruidosas vaias e uma chuva de pedras. A sua preocupação fundamental durante todo o assalto consistiu em conservar os óculos escuros e o bigode postiço nos seus lugares, para poder continuar a fingir que era outra pessoa e evitar a necessidade de ter de impor a sua autoridade.

Uma vez no gabinete, chorou e, quando as lágrimas secaram, limpou o sangue da boca e do nariz, limpou a terra das escoriações nas faces e fronte e chamou o sargento Towser.

– Doravante, não quero que me procurem aqui. Entendido?

– Sim, senhor. Estou incluído nisso?

– Está.

– Muito bem. Mais alguma coisa?

– Não.

– Que digo a quem o procurar?

– Que espere.

– Quanto tempo?

– Até eu me retirar.

– E depois que digo?

– O que lhe apetecer.

– Posso mandar entrar, depois de ter saído?

– Pode.

– Mas nessa altura já cá não está.

– Pois não.

– Muito bem. Mais alguma coisa?

– Não.

– Muito bem.

– Doravante – indicou Major Major ao soldado de meia-idade que olhava pelo seu reboque –, não quero que apareças quando estou cá, para perguntar se preciso de alguma coisa. Entendido?

– Sim, senhor. Quando devo vir perguntar se precisa de alguma coisa?

- Quando eu não estiver.
- Sim, senhor. E que devo fazer?
- O que eu te ordenar.
- Mas não estará cá para mo indicar.
- Pois não.
- Então, que faço?
- O que houver para fazer.
- Sim, senhor.
- Podes retirar-te.
- Sim, senhor. É tudo?
- Não – disse Major Major. – Também não quero que venhas fazer a limpeza. Não venhas para nada, a menos que tenhas a certeza de que não estou.
- Sim, senhor. Mas como me posso certificar?
- Se não tiveres a certeza, faz de conta que estou e afasta-te até a teres.

Entendido?

- Sim, senhor.
- Lamento falar-te assim, mas não há outro remédio. Adeus.
- Adeus, senhor.
- E obrigado. Por tudo.
- Sim, senhor.
- Doravante – comunicou Major Major a Milo Minderbinder –, não voltarei a frequentar a messe. Quero que me levem as refeições ao reboque.
- Acho que é uma boa ideia. Assim, poderei servir-lhe iguarias especiais sem que os outros saibam. Estou certo de que as apreciará. O coronel Cathcart aprecia-as muito.
- Não quero iguarias especiais. Deve servir-me exactamente o mesmo que aos outros oficiais. Recomende a quem trazer a comida que bata uma vez à porta e deixe o tabuleiro à entrada. Entendido?
- Sim, senhor. Perfeitamente. Tenho uns lagostins do Maine escondidos para uma ocasião especial, que lhe posso servir esta noite com uma excelente salada Roquefort e dois *éclairs* congelados recebidos

clandestinamente ontem de Paris, juntamente com um membro importante da Resistência francesa. Acha bem, para começar?

– Não.

– Sim, senhor. Compreendo.

Para o jantar daquela noite, Milo serviu a Major Major lagostins do Maine com uma excelente salada Roquefort e dois *éclairs* congelados. O facto contrariou Major Major. No entanto, se os devolvesse, outro os aproveitaria, e ele sempre sentira inclinação para os lagostins, pelo que trago tudo, embora com um peso na consciência. No almoço do dia seguinte levaram-lhe tartaruga de água doce com meia garrafa de Dom Pérignon de 1937, que fez desaparecer sem qualquer complexo.

Depois de Milo, restavam apenas os homens da sala do oficial de dia, e ele evitava-os entrando e saindo do seu gabinete através da pequena janela, cuja cobertura de celulóide se podia desabotoar com facilidade. Cobria a distância entre a sala do oficial de dia e o reboque contornando a tenda, quando não havia ninguém nas proximidades, transpondo a vala da via-férrea e avançando de cabeça inclinada para o peito, até que alcançava o santuário do bosque, onde a única pessoa que jamais encontrara fora o capitão Flume, o qual, escanzelado e fantasmagórico, lhe pregara um susto quase mortal, certa tarde, ao crepúsculo, emergindo de uns arbustos com brusquidão, para se queixar de que o chefe White Halfoat ameaçara rasgar-lhe a garganta de orelha a orelha.

– Se me torna a assustar assim – advertiu Major Major –, quem lhe rasga a garganta de orelha a orelha sou eu!

O capitão Flume engoliu em seco e tornou a dissolver-se entre os arbustos, sem que Major Major o voltasse a ver.

Quando evocava o que conseguira, este último sentia-se satisfeito consigo próprio. No meio de alguns hectares estrangeiros onde se concentravam mais de duzentas pessoas, lograra converter-se num recluso. Com certo engenho e visão, tornara praticamente impossível que alguém da esquadrilha contactasse com ele, o que convinha a todos, segundo observava, pois, de qualquer modo, ninguém estava interessado em

estabelecer contacto. Ninguém, segundo apurou, excepto o lunático Yossarian, com o qual colidiu violentamente, um dia, quando transpunha a vala em direcção ao reboque, para almoçar.

A última pessoa com quem Major Major desejava colidir era Yossarian. Com efeito, havia algo de inerentemente singular no homem, que se comportava de forma reprovável perante o morto na sua tenda que nem sequer estava presente e despira por completo após a missão em Avinhão, até que o general Dreedle lhe impusera uma condecoração pelo heroísmo manifestado sobre Ferrara e o descobria, no meio da formatura, completamente desnudo. Ninguém no mundo dispunha de poder suficiente para remover os objectos do morto da tenda de Yossarian. Major Major excedera a sua autoridade, quando permitira que o sargento Towser inscrevesse nos registos que o tenente que fora morto sobre Orvieto, menos de duas horas após a chegada à esquadrilha, nunca se apresentara na sua unidade. A única pessoa com direito a remover os objectos do morto da tenda de Yossarian, na opinião de Major Major, era o próprio Yossarian, o qual, segundo também lhe parecia, não tinha o mínimo direito de o fazer.

Major Major emitiu um grunhido ao ser derrubado e tentou levantar-se, porém Yossarian não lho permitia.

– O capitão Yossarian pede autorização para falar com o major imediatamente acerca de um caso de vida ou de morte.

– Deixe-me pôr de pé, por favor – solicitou Major Major, embaraçado. – Não posso retribuir a saudação consigo sentado no meu braço.

Yossarian levantou-se e repetiu a saudação, a que Major Major correspondeu depois de se erguer igualmente.

– Vamos para o meu gabinete – sugeriu Major Major. – Aqui não é o melhor lugar para conversarmos.

– Sim, senhor – assentiu Yossarian.

Sacudiram o pó dos uniformes e encaminharam-se, em silêncio constrangido, para a entrada da sala do oficial de dia.

– Aguarde um ou dois minutos para aplicar mercurocromo nestes arranhões e peça ao sargento Towser que o deixe entrar.

– Sim, senhor.

Major Major passou com dignidade pelo espaço destinado ao oficial de dia sem olhar para os amanuenses e dactilógrafos que trabalhavam em volta e entrou no seu gabinete. Logo que se encontrou só, precipitou-se para a janela e transpô-la, mas viu o caminho obstruído por Yossarian, que aguardava perfilado e voltou a fazer a saudação militar.

– O capitão Yossarian pede autorização para falar com o major imediatamente acerca de um caso de vida ou de morte – repetiu com determinação.

– Autorização indeferida – replicou Major Major.

– Insisto.

– Está bem – concedeu, numa inflexão de cansaço. – Salte para o meu gabinete.

– O senhor primeiro.

Saltaram para o gabinete, Major Major sentou-se e Yossarian postou-se diante da secretária e anunciou que não queria participar em mais missões de combate. Major Major perguntou-se que podia fazer e decidiu que não podia ir além do que o coronel Korn lhe recomendara.

– Porquê?

– Tenho medo.

– Não se deve envergonhar de o confessar. Todos temos medo.

– Não me envergonho. Tenho apenas medo.

– Não seria um homem normal se nunca tivesse medo. Até os mais destemidos passam por isso. Uma das tarefas mais importantes que enfrentamos em combate é dominar o medo.

– Francamente, major! Não podemos prescindir dessas baboseiras?

– Que quer que lhe diga? – Major Major baixou os olhos e entrelaçou os dedos com nervosismo.

– Que já participei num número suficiente de missões e posso voltar para casa.

– Em quantas participou?

– Cinquenta e uma.

– Então, só lhe faltam quatro.

– Antes disso, ele volta a elevar o número. Cada vez que estou prestes a atingir o limite, trata de o aumentar.

– Talvez não aumente, desta vez.

– De qualquer modo, nunca manda ninguém para casa. Conserva-nos aqui à espera da ordem de embarque, até que não dispõe de homens suficientes para tripular os aviões e eleva o número mínimo das missões, para que todos regressem aos combates. A situação repete-se invariavelmente desde que cheguei.

– Não deve responsabilizar o coronel Cathcart da demora da ordem de embarque – aconselhou Major Major. – A Vigésima Sétima Força Aérea tem instruções bem explícitas para que lhe dê seguimento logo após a chegada.

– Ele podia pedir substitutos e mandar-nos para casa. De resto, disseram-me que a Vigésima Sétima Força Aérea só exige quarenta missões e a ideia das cinquenta e cinco é exclusivamente do coronel.

– Disso, não sei nada. O coronel Cathcart é o nosso comandante e temos de lhe obedecer. Porque não participa nas quatro missões que lhe faltam e vê o que acontece?

– Porque não quero.

Major Major voltou a perguntar-se o que podia fazer. Que atitude devia tomar ante um homem que o olhava com firmeza e declarava que preferia morrer a ser morto em combate, um homem que era pelo menos tão maduro e inteligente como ele, embora devesse fingir que não o encarava como tal? Que lhe podia dizer?

– E se o deixássemos escolher as suas missões e participasse em voos de reconhecimento? – acabou por propor. – Assim, completava as quarto sem correr qualquer risco.

– Os voos de reconhecimento não me interessam. Não quero participar mais na guerra.

– Prefere que a sua pátria seja vencida?

– Não seremos vencidos, porque possuímos mais homens, dinheiro e material que o inimigo. Temos dez milhões de homens fardados que me

podem substituir. Há quem perca a vida e muitos que ganham dinheiro e se divertem.

– Imagine que pensávamos todos assim?

– Nesse caso, só se eu fosse parvo é que pensava de outra maneira, não acha?

Major Major perguntava-se o que podia dizer perante semelhantes argumentos. Uma coisa que não podia dizer era que não podia fazer nada. Dizer que não podia fazer nada equivaleria a confessar que faria alguma coisa se pudesse e implicar a existência de um erro ou injustiça na política seguida pelo coronel Korn. Ora, este mostrara-se bem explícito sobre o assunto. Nunca devia dizer que não podia fazer nada.

– Lamento – declarou, por fim –, mas não posso fazer nada.

⁸ Major Tambor, Major Inferior, Sargento-Ajudante e Dó Sustenido Maior, respectivamente. (*N. do T.*)

⁹ Retrete, instalações sanitárias, na gíria americana. (*N. do T.*)

§

Capítulo décimo WINTERGREEN

Clevinger morrera. Era este o óbice básico na sua filosofia. Dezoito aviões mergulharam numa nuvem vasta e espessa, ao largo da costa de Elba, uma tarde, no regresso da digressão semanal de reconhecimento a Parma, e emergiram dezassete. Nunca foi avistado o menor indício do décimo oitavo, tanto no espaço como na superfície suave das águas em baixo. Helicópteros descreveram círculos em torno da nuvem até ao pôr do Sol. Durante a noite, a nuvem dissipou-se e, de manhã, continuava a não haver vestígios de Clevinger. O desaparecimento era surpreendente, à semelhança da Grande Conspiração do Campo Lowery, quando sessenta e quatro homens de uma camarata desapareceram, num dia de pagamento, para não voltarem a ser vistos. Até ao momento em que Clevinger foi eliminado da existência de uma forma tão radical, Yossarian supusera que eles tinham decidido unanimemente ausentar-se sem autorização no mesmo dia. Na verdade, sentira-se tão encorajado a pensar assim por aquilo que parecia constituir uma deserção colectiva e maciça das responsabilidades, que, eufórico, tratara de transmitir a excitante notícia ao ex-PFC Wintergreen.

– Que tem isso de extraordinário? – retrucou este último, pousando uma das botas enlameadas na pá e encostando-se indolentemente à parede de uma das escavações rectangulares que lhe competia abrir.

O ex-PFC Wintergreen era um indivíduo astucioso, que gostava de variar as suas actividades. Sempre que se ausentava sem autorização, era apanhado e condenado a escavar e voltar a encher de terra covas com dois metros de profundidade durante um lapso de tempo especificado. Quando

completava a tarefa, voltava a ausentar-se sem autorização. O ex-PFC aceitava a sua função de abrir e tapar escavações com toda a silenciosa resignação de um verdadeiro patriota.

– Não é uma vida desagradável – costumava filosofar. – E, de qualquer modo, alguém tem de fazer isto.

Possuía discernimento suficiente para compreender que abrir covas no Colorado não constituía uma tarefa muito má, em tempo de guerra. Como não havia grande procura de covas, podia abri-las e tapá-las de novo a um ritmo pausado, e raramente ficava sobrecarregado de trabalho. Por outro lado, regressava ao posto de soldado raso cada vez que sofria um castigo, e deplorava profundamente a despromoção.

– Era muito bom ser PFC – recordava com saudade. – Tinha posição e frequentava os melhores círculos. – O rosto assumia um ar sombrio de consternação. – Mas tudo isso já lá vai. A próxima vez que pisar o risco será como graduado, e as coisas hão-de passar-se de outro modo. – A abertura de covas era uma tarefa sem futuro. – Nem sequer é uma ocupação estável. Perco-a logo que acabo de cumprir a sentença, e tenho de cometer nova tropelia para a recuperar. E não posso passar a vida nisto. Há um ardil: o Artigo Vinte e Dois. A próxima vez que me ausentar sem autorização, metem-me dentro. Não sei o que vai ser de mim. Até posso ir parar a um teatro de operações, se não tiver cautela. – Não queria passar o resto da vida a abrir covas, embora não se esquivasse enquanto a guerra durasse e fizesse parte do esforço de guerra. – É uma questão de dever, e todos temos um ou outro a cumprir. O meu consiste em abrir covas, e executo-o com tanto esmero que acabam de me recomendar para a Medalha de Bom Comportamento. O seu dever é permanecer na escola de cadetes e acalantar a esperança de que a guerra acabe antes de o darem por pronto. O dever dos homens que combatem é ganhar a guerra e oxalá o cumpram tão bem como eu o meu. Não era justo que me mandassem para lá, a fim de executar um trabalho que lhes pertence.

Um dia, o ex-PFC atingiu uma conduta de água quando escavava e quase se afogou antes de o recolherem sem sentidos. Acto contínuo, constou que

se tratava de uma nascente de petróleo, e o chefe White Halfcoat foi afastado da base, enquanto todos os homens que conseguiam obter uma pá tratavam de escavar freneticamente em busca do precioso ouro negro. Viam-se covas e montes de terra por toda a parte, e o cenário lembrava o daquela madrugada em Pianosa, sete meses mais tarde, depois de Milo bombardear as instalações da esquadrilha com todos os aviões que reunira no seu sindicato, assim como o aeródromo e hangares de reparações, enquanto os sobreviventes improvisavam abrigos com chapas de zinco ondulado roubadas das oficinas e lona impermeável retirada das tendas. O chefe White Halfcoat foi transferido para longe do Colorado ao primeiro rumor de petróleo e acabou por pousar em Pianosa, para substituir o tenente Coombs, que, um dia, acompanhara uma missão como convidado, só para ver como era um combate, e morrera sobre Ferrara no aparelho, juntamente com Kraft. Yossarian experimentava uma sensação de culpa cada vez que pensava neste último, porque perdera a vida durante o segundo lançamento de bombas e estivera envolvido, ainda que inocentemente, na Esplêndida Insurreição Atabrine, a qual se iniciara em Porto Rico, na primeira etapa da sua viagem que terminara em Pianosa, dez dias depois, quando Appleby entrara na sala do oficial de dia no instante em que chegara, a fim de participar de Yossarian por se recusar a tomar os seus comprimidos Atabrine. O sargento presente convidara-o a sentar-se, e Appleby replicara:

– Obrigado, sargento, aceito. Mais ou menos quanto tempo vou ter de esperar? Ainda tenho muito que fazer hoje, para me levantar fresco e cedo e ir combater no momento em que mo ordenarem.

– Perdão, senhor?

– Que foi, sargento?

– Não compreendi a pergunta.

– Mais ou menos quanto tempo vou ter de esperar antes de poder entrar para me avistar com o major?

– Até ele ir almoçar – informou Towser. – Nessa altura, entra imediatamente.

– Sem ele estar?

– De facto, só volta após o almoço.

– Estou a ver – articulou Appleby, com uma expressão de dúvida. – O melhor é eu voltar depois do almoço.

E abandonou a sala do oficial de dia imerso em certa confusão. No momento em que saía, julgou descortinar um oficial alto e moreno um pouco parecido com Henry Fonda, que emergia da janela da tenda do oficial de dia e deslizava furtivamente ao longo desta. Appleby deteve-se e semicerrou os olhos, assolado por uma dúvida ansiosa, perguntando-se se sofreria de malária ou, pior, de uma dose excessiva de comprimidos Atabrine, pois ultimamente ingeria quatro vezes mais do que o estipulado porque queria ser quatro vezes melhor piloto que os outros. Ainda conservava as pálpebras semicerradas quando o sargento Towser lhe tocou levemente no ombro e anunciou que podia entrar, se quisesse, porque o major acabava de sair, o que lhe restituiu a confiança.

– Obrigado, sargento. Sabe se ele se demora muito?

– Volta logo a seguir ao almoço. Nessa altura, o senhor terá de sair imediatamente e aguardar que se ausente para jantar. O major Major nunca recebe ninguém quando se encontra no gabinete.

– Importa-se de repetir o que acaba de dizer?

– O major Major nunca recebe ninguém quando se encontra no gabinete.

Appleby fitou o interlocutor com firmeza e tentou dirigir-se-lhe em tom incisivo.

– Pretende fazer-me passar por parvo, porque sou novato na esquadrilha e você já cá está há muito tempo?

– De modo algum, senhor – replicou o sargento, em inflexão deferente. – São as ordens que recebi. Se não acredita, pergunte ao major, quando o vir.

– É essa a minha intenção. Quando *posso* vê-lo?

– Nunca.

Corado de humilhação, Appleby redigiu a participação de Yossarian e os comprimidos Atabrine num bloco de apontamentos que Towser lhe cedeu e afastou-se apressadamente, começando a duvidar de que Yossarian fosse o

único homem com o privilégio de usar o uniforme de oficial com as faculdades mentais alteradas.

Quando o coronel Cathcart elevou o número mínimo de missões para cinquenta e cinco, o sargento Towser principiou a suspeitar de que todos os homens uniformizados eram lunáticos. Towser era magro, cheio de arestas, com cabelos louros tão claros que pareciam quase destituídos de cor, faces encovadas e dentes enormes. Tinha a seu cargo a parte administrativa da esquadrilha, o que não lhe proporcionava o menor prazer. Indivíduos como Joe Faminto encaravam-no com ódio bilioso e agora Appleby tratava-o com animosidade, ao distinguir-se como piloto particularmente eficiente e jogador de pingue-pongue que nunca perdia um ponto. Towser tinha a seu cargo a parte administrativa da esquadrilha porque não havia outra pessoa para a exercer. Não sentia o mínimo interesse pela guerra ou pelos progressos verificados na sequência das missões. O seu interesse concentrava-se na faiança e no mobiliário de Hepplewhite.

Quase sem se dar conta, adquirira o hábito de pensar no homem morto na tenda de Yossarian nos termos deste último: como um homem morto na tenda de Yossarian. Na realidade, não se tratava de nada disso. Fora simplesmente um piloto abatido em combate antes de se apresentar oficialmente ao serviço. Passara pela tenda das operações para perguntar onde se situavam as instalações do oficial de dia e fora escalado para combater sem perda de um segundo, porquanto muitos homens haviam completado as trinta e cinco missões então exigidas e os capitães Piltchard e Wren experimentavam dificuldades em reunir as tripulações necessárias. Como nunca ingressara oficialmente na esquadrilha, não podia ser abatido nos efectivos oficialmente, e o sargento Towser pressentia que as comunicações relativas ao piloto morto continuariam a multiplicar-se eternamente.

Chamava-se Mudd e, para Towser, que deplorava a violência e o esbanjamento em igual percentagem de aversão, constituía uma extravagância abominável enviar Mudd através de um oceano para que fosse feito em fragmentos sobre Orvieto menos de duas horas após a

chegada. Ninguém conseguia recordar-se do seu aspecto, e muito menos os capitães Piltchard e Wren, os quais só se lembravam de que se apresentara um oficial recém-chegado na tenda das operações a tempo de ser abatido e coravam levemente sempre que a questão do morto na tenda de Yossarian era abordada. Os únicos que podiam ser Mudd, os companheiros de voo, tinham sido fragmentados com ele.

Yossarian, por outro lado, sabia exactamente quem Mudd era: o soldado desconhecido que nunca tivera uma oportunidade, pois era a única coisa que todos sabiam sobre os soldados desconhecidos – nunca se lhes deparava uma oportunidade. Precisavam de morrer. E esse morto era realmente desconhecido, embora a sua bagagem continuasse amontoada no beliche da tenda de Yossarian quase exactamente como a deixara, três meses atrás, no dia em que nunca chegara – totalmente contaminado pela morte duas horas mais tarde, tal como estava tudo contaminado pela morte, na semana seguinte, durante o Grande Cerco de Bolonha, quando o odor acre de mortalidade pairava na atmosfera húmida, com a neblina sulfurosa, e todos os homens escalados para voar já se achavam atingidos.

Não havia possibilidade de escapar à missão em Bolonha, a partir do momento em que o coronel Cathcart oferecera o seu grupo para os depósitos de munições ali situados que os pesados bombardeiros da Itália continental não tinham conseguido destruir das suas altitudes mais elevadas. Cada dia de atraso intensificava a consciência da situação e o ambiente sombrio. A irrefutável e sufocante convicção da morte propagava-se com a chuva persistente e entranhava-se no corpo de cada homem como a mancha corrosiva de uma doença fatal. Todos cheiravam a formaldeído. Não havia a quem recorrer para que lhes acudisse, nem à própria tenda médica, mandada encerrar pelo tenente-coronel Korn, para que ninguém se declarasse doente, como eles tinham feito no único dia de bom tempo, assolados por uma diarreia misteriosa que forçara a novo adiamento. Com o toque a doentes suspenso e a entrada da tenda médica fechada, o Dr. Daneeka passava os intervalos entre aguaceiros empoleirado num banco alto, absorvendo em silêncio e neutralidade a tenebrosa propagação do

medo, como um abutre melancólico que sobrevoasse um grupo de moribundos que em breve lhe proporcionariam alimento. A tabuleta que o capitão Black mandara afixar junto da porta não representava o mínimo contributo para lhe levantar o ânimo: «encerrada até nova ordem. morte na família.»

O medo propagava-se a todos os recantos, na esquadrilha de Dunbar, quando este introduziu a cabeça na entrada da tenda médica, certa tarde, para se dirigir respeitosamente aos contornos imprecisos do Dr. Stubbs, sentado na sombra densa diante de uma garrafa de uísque e de um jarro cheio de água purificada.

– Sente-se bem? – perguntou, solícito.

– Horrível – respondeu o Dr. Stubbs.

– Que faz aqui?

– Estou sentado.

– Julgava que tinham suspenso o toque a doentes.

– Pois suspenderam.

– Então, porque está aqui sentado?

– Onde me havia de sentar? No raio do Clube dos Oficiais, com os coronéis Cathcart e Korn? Sabe o que faço aqui?

– Está sentado.

– Não é isso. Na esquadrilha. Não se arme em obtuso. Consegue imaginar o que faz um médico na esquadrilha?

– Nas outras, pregaram as portas das tendas médicas – observou Dunbar.

– Se entrar aqui algum doente, autorizo-o a não voar. Estou-me nas tintas para o que os outros dizem.

– Não pode fazer isso. Desconhece as ordens?

– Faço-o cair de cu com uma injeção e autorizo-o a não voar. – O Dr. Stubbs soltou uma risada divertida, como se vislumbrasse a cena. – Julgam que podem suprimir o toque a doentes? Bastardos! Já está outra vez. – Recomeçou a chover, embora sem intensidade, como um murmúrio suave. – Está tudo encharcado – comentou com repulsa. – Até as latrinas protestam. Todo o malfadado mundo tresanda como um ossuário gigantesco.

O silêncio pareceu profundo como um poço, quando parou de falar. Anoitecia e havia uma sensação de vasto isolamento.

– Acenda a luz – sugeriu Dunbar.

– Faltou e não me apetece ligar o meu gerador. Dantes, emocionava-me salvar vidas humanas. Agora, pergunto-me a finalidade disso, se toda a gente tem de morrer, mais cedo ou mais tarde.

– Há uma finalidade, sem dúvida.

– Sim? Qual é?

– Evitar que as pessoas morram demasiado cedo.

– Sim, mas para quê, se a morte é inevitável?

– O truque consiste em não pensar nisso.

– Deixe lá o truque. Qual é a finalidade?

Dunbar reflectiu em silêncio por uns momentos e encolheu os ombros.

– Não sei.

Devia sentir-se exultante com a perspectiva de Bolonha, porque os minutos arrastavam-se e as horas pareciam séculos. Ao invés, porém, o facto torturava-o, porque sabia que ia morrer.

– Quer de facto mais codeína? – perguntou o Dr. Stubbs.

– É para o meu amigo Yossarian. Tem a certeza que vai ser morto.

– Quem diabo é Yossarian? Que raio de nome! Não foi ele que se embebedou e travou de razões com o tenente-coronel Korn, na messe dos oficiais, a outra noite?

– Exacto. É assírio.

– O bastardo lunático...

– Não é lunático – asseverou Dunbar. – Jura que não voará a Bolonha.

– É precisamente ao que me refiro. O bastardo lunático talvez seja a única pessoa com juízo que resta.

§

Capítulo décimo primeiro CAPITÃO BLACK

O cabo Kolodny inteirou-se através de um telefonema procedente do grupo e ficou tão abalado com a revelação que atravessou a tenda dos serviços secretos em bicos dos pés em direcção ao capitão Black, que descansava com a cabeça pousada nos braços dobrados em cima da secretária, ao qual transmitiu a informação num murmúrio de assombro.

– Bolonha? – proferiu o capitão Black, ao mesmo tempo que o rosto se iluminava. – Essa, agora! – Soltou uma gargalhada. – Bolonha, hem? – Tornou a rir e abanou a cabeça com uma expressão de incredulidade.

– Estou ansioso por ver as caras daqueles bastardos, quando souberem que seguem para Bolonha. Ah, ah, ah!

Era a primeira gargalhada sincera que dava desde que Major Major lhe passara por cima e fora nomeado comandante de esquadrilha, e levantou-se com entusiasmo, para se postar atrás do balcão junto da entrada, a fim de obter o maior prazer possível da situação, quando os pilotos chegassem para reclamar os planos de voo.

– É verdade, seus bastardos, Bolonha! – repetia a todos os que perguntavam com incredulidade se era esse de facto o seu destino. – Ah, ah, ah! Desta vez, estão arrumados!

E acompanhou o último à saída, para observar com divertimento sádico o efeito da informação nos outros oficiais e subalternos que se reuniam, com os capacetes, pára-quedas e fatos protectores de estilhaços, em torno de quatro camiões estacionados no meio do recinto da esquadrilha, com os motores em movimento. Era um homem alto, magro, de expressão

desconsolada, que barbeava as faces pálidas cada dois ou três dias e apresentava sempre um bigode ruivo que parecia incipiente no fino lábio superior. A cena que se lhe deparou não o desapontou. A consternação dominava todos os rostos, e ele bocejava com volúpia cada vez que alguém lhe solicitava confirmação da ordem acabada de receber.

Bolonha revelou-se o acontecimento mais agradável da vida do capitão Black desde o dia em que o major Duluth fora morto sobre Perúsia e ele quase tinha sido escolhido para o substituir. Quando a morte do major se tornou conhecida, reagiu com um acesso de satisfação. Embora até então nunca tivesse encarado a possibilidade, apercebeu-se com prontidão de que era o seu sucessor lógico como comandante de esquadrilha. Antes de mais, na sua qualidade de oficial dos serviços secretos da esquadrilha, era mais inteligente que qualquer dos outros. Era certo que não pertencia ao grupo dos combatentes, como sucedera ao major Duluth e, regra geral, a todos os comandantes de esquadrilha, porém isso constituía mais um argumento poderoso a seu favor, porquanto não tinha a vida em perigo e poderia exercer o cargo enquanto a pátria lho exigisse. Quanto mais pensava no assunto, maiores possibilidades de o escolherem parecia haver. Tudo se resumia a dirigir a palavra apropriada ao lugar conveniente, sem perda de um momento. Assim, retrocedeu para o seu gabinete, a fim de determinar um curso de acção. Reclinou-se na cadeira rotativa, pousou os pés no tampo da secretária e começou a imaginar como tudo se apresentaria deslumbrante a partir do momento em que assumisse as funções de comandante de esquadrilha.

Enquanto o capitão Black dava largas à imaginação, o coronel Cathcart entregava-se a actividades mais práticas, e o primeiro ficou abismado perante a rapidez com que Major Major se lhe antecipara, segundo supunha. O profundo desapontamento que lhe acudiu ao ouvir anunciar a nomeação do major achava-se mesclado com um amargo ressentimento que não fazia o menor esforço para dissimular. Quando outros oficiais da secção administrativa exprimiram assombro ante a escolha de Major Major, Black grunhiu que se passava algo de estranho, e no momento em que os ouviu

especular sobre a aparência de Major Major com Henry Fonda, afirmou que se tratava do próprio actor, além do que, na altura em que manifestaram estranheza pelo seu comportamento por vezes bizarro, anunciou que era comunista.

– Eles estão a apoderar-se de todos os lugares-chaves – proclamou, com um clarão patriótico no olhar. – E se vocês ficam impávidos e serenos, garanto-lhes que tenciono actuar. Doravante, vou obrigar todo o filho da mãe que visitar a tenda dos serviços secretos a assinar um juramento de lealdade à pátria. E não consentirei que o bastardo do Major Major o faça, mesmo que queira.

Quase de um dia para o outro, a Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade encontrava-se em plena marcha, e o capitão Black ficou encantado ao verificar que o tinham escolhido para a dirigir. Não subsistiam dúvidas de que tivera uma inspiração extraordinária. Todos os oficiais e subalternos que participavam nos combates eram obrigados a assinar um juramento de lealdade antes de levantarem os planos de voo na tenda dos serviços secretos, outro para receberem o equipamento e um terceiro, este destinado apenas ao tenente Balkington, oficial encarregado dos transportes, para se poder deslocar da esquadilha ao aeródromo num dos camiões. Cada vez que se voltavam, deparava-se-lhes um novo juramento de lealdade para assinar. Assinavam-nos para receber o vencimento do oficial tesoureiro, para que lhes fosse entregue a correspondência ou para poderem ir cortar o cabelo aos barbeiros italianos. Para o capitão Black, todo o oficial que assinava a sua Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade era um rival, e ele conspirava e planeava vinte e quatro horas por dia para se achar sempre em posição vantajosa. Não estava disposto a permitir que alguém o suplantasse em dedicação à pátria. Quando os outros oficiais obedeceram ao seu incitamento e apresentaram juramentos de lealdade de sua autoria, superou-os obrigando todos os que compareciam na sua tenda dos serviços secretos a assinar dois, depois três e a seguir quatro, após o que introduziu o compromisso de fidelidade e mais tarde a *Star-Spangled Banner*¹⁰. O capitão Black encontrava-se sempre um passo à

frente dos seus competidores e verberava-os pela inépcia para lhe seguir o exemplo. E sempre que lhe seguiam o exemplo, recolhia em meditação, apreensivo, para espremer o cérebro em busca de um novo estratagema que lhe permitisse voltar a verberá-los.

Sem compreenderem como, os combatentes da esquadrilha descobriram-se dominados pelos administradores nomeados para os servir. Eram increpados, insultados, amesquinados e enxovalhados ao longo do dia, um após outro. Quando levantavam objecções, o capitão Black replicava que as pessoas leais não se importavam de assinar todos os juramentos de lealdade que fossem necessários. A quem punha em causa a eficiência de semelhantes documentos, ripostava que as pessoas que na realidade deviam fidelidade à pátria se orgulhavam de a manifestar de facto, proclamava que a *Star-Spangled Banner* era a maior peça musical jamais composta. Quanto maior o número de promessas de lealdade que uma pessoa assinava, mais profunda a sua dedicação. Para ele, a situação resumia-se nisso, e obrigava o cabo Kolodny a assinar várias centenas todos os dias, para que pudesse provar em qualquer altura que era mais leal que qualquer outra pessoa.

– O essencial é mantê-los a comprometerem-se – explicava Black a quem o queria ouvir. – Não interessa se são sinceros. É por isso que fazem promessas de lealdade em criança, antes de saberem o que significam.

Para os capitães Piltchard e Wren, a Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade constituía uma gloriosa estopada, porque lhes complicava a tarefa de organizar as tripulações para cada missão de combate. Com efeito, os homens estavam ocupados em toda a esquadrilha, assinando e cantando, pelo que os preparativos levavam horas a consumir-se. A acção de emergência efectiva tornou-se impossível, mas os capitães Piltchard e Wren eram demasiado tímidos para se insurgirem contra Black, o qual promulgava diariamente a doutrina da «Reafirmação Contínua» que originara, destinada a apanhar em falso todos os indivíduos que se tinham tornado desleais desde a última vez que haviam assinado um juramento de lealdade, na véspera. Foi o capitão Black que os procurou, quando davam tratos à imaginação para imprimir um andamento mais eficiente às missões.

Acompanhava-o uma delegação e aconselhou-os com brusquidão a obrigar cada um dos seus homens a assinar um juramento de lealdade antes de os autorizar a participar num combate.

– É claro que são vocês que decidem – acrescentou. – Ninguém pretende pressioná-los. Mas todos os outros obrigam o seu pessoal a assinar juramentos de lealdade, e o FBI vai torcer o nariz quando vir que vocês os dois são os únicos que não se preocupam o suficiente com a pátria para que assinem. Se pretendem obter má reputação, ninguém tem nada com isso. Nós só pretendemos aconselhá-los a proceder da melhor maneira.

Milo não se deixou convencer e recusou privar Major Major de alimentação, mesmo que se tratasse de um comunista, do que, aliás, duvidava intimamente. Opunha-se por natureza a qualquer inovação que ameaçasse alterar o estado normal das coisas. Assumia uma posição moral firme e negava-se terminantemente a participar na Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade, até que o capitão Black o visitou com a sua delegação e insistiu em que o fizesse.

– A defesa nacional interessa a *todos* – asseverou em resposta às objecções de Milo. – E não esqueça que este programa é voluntário. O pessoal não *tem* de assinar o juramento de lealdade de Piltchard e Wren, se não o quer fazer. Mas precisamos de si para os matar à fome, se recusarem. É como o Artigo Vinte e Dois. Está a compreender? Não me diga que é contra o Artigo Vinte e Dois.

O Dr. Daneeka mostrava-se inabalável.

– Porque pensa que Major Major é comunista?

– Suponho que nunca o ouviu negar até que começámos a acusá-lo. E ninguém o viu assinar um único dos nossos juramentos de lealdade.

– Porque vocês não deixam.

– Claro que não deixamos – explicou Black. – Desvirtuava toda a finalidade da nossa cruzada. Você não é obrigado a alinhar connosco, se não quiser. Mas qual a utilidade de desenvolvermos esforços tão porfiados se prestar assistência médica a Major Major no instante em que Milo começar a matá-lo à fome? Sempre quero ver o que as altas patentes do grupo

pensam do homem que corrói todo o nosso programa de segurança. São capazes de o transferir para o Pacífico.

A capitulação de Daneeka foi imediata.

– Vou recomendar a Gus e a Wes que façam tudo o que vocês indicarem.

Entretanto, no grupo, o coronel Cathcart já começara a sentir-se intrigado com o que sucedia.

– É o idiota do Black com uma das suas explosões de patriotismo – informou o tenente-coronel Korn, com um sorriso. – Parece-me conveniente não fazer ondas durante uns tempos, uma vez que foi o senhor que promoveu Major Major a comandante de esquadrilha.

– A ideia foi sua – retorqui Cathcart, em tom petulante. – Eu nunca me devia ter deixado convencer.

– E excelente, porque eliminou esse major supérfluo que tantas dores de cabeça lhe provocava como administrador. Não se preocupe, que isto acaba por se dissipar naturalmente. Para já, o melhor é enviar uma carta a Black, apoiando-o incondicionalmente, e acalentar a esperança de que sucumba a uma síncope fulminante antes que provoque muitos estragos. – Korn foi assolado por uma ideia curiosa. – E se esse imbecil tentasse expulsar Major Major do reboque?

– O que temos de fazer a seguir é expulsá-lo nós próprios. Também me agradava lançar a mulher e os filhos às feras, mas não podemos, porque é coisa que não tem. Quem está incumbido das tendas?

– Ele.

– Vêem? – bradou o capitão Black. – Eles estão a apoderar-se de *tudo!* Pois bem, não vou ficar inactivo. Apresentarei o assunto ao major ... de Coverley, se for necessário. Pedirei a Milo que fale com ele, mal regressar de Roma.

Manifestava fé ilimitada no discernimento, poder e justiça do major ... de Coverley, embora nunca lhe tivesse dirigido a palavra e continuasse sem coragem para o fazer. Assim, incumbiu Milo de o procurar e aguardou com impaciência que o alto oficial executivo reaparecesse. À semelhança de todos os outros homens da esquadrilha, admirava e respeitava o majestoso

major de cabelos brancos e porte de Jeová, o qual voltou finalmente de Roma com uma vista tumefacta no interior de uma nova pala de celulóide e pulverizou toda a Gloriosa Cruzada com um simples gesto.

Milo conservou-se prudentemente silencioso, quando o major ... de Coverley entrou na messe com a habitual dignidade austera e ativa e viu o caminho bloqueado por uma muralha de oficiais que aguardavam em fila para assinar juramentos de lealdade. Um pouco adiante, junto do balcão da comida, outro grupo que chegara mais cedo prestava fidelidade à bandeira, com tabuleiros repletos numa das mãos, para poderem ocupar as mesas imediatamente. Entretanto, nestas, outro grupo, que chegara ainda mais cedo, cantava a *Star-Spangled Banner*, a fim de poder utilizar em seguida o sal, a pimenta e o *ketchup* aí colocados. Os sons começaram a atenuar-se gradualmente no momento em que o major ... de Coverley se deteve à entrada, com uma expressão mista de perplexidade e desaprovação, como se se lhe deparasse algo de bizarro. Por fim, avançou em linha recta, e a muralha de oficiais na sua frente abriu-se como outrora o mar Vermelho. Sem olhar para a direita ou para a esquerda, aproximou-se do balcão em passos firmes e, em tom ressonante e autoritário, ordenou:

– Dêem-me de comer.

Em vez do que pedia, o cabo Snark estendeu-lhe um juramento de lealdade para assinar, que ele repeliu com um gesto de desagrado no instante em que se apercebeu da sua natureza.

– Dêem-me de comer – repetiu, agora numa intonação ominosa que ecoou nas paredes como o prenúncio de uma tormenta devastadora.

O cabo Snark empalideceu e começou a tremer, enquanto desviava os olhos para Milo, numa súplica silenciosa para que o elucidasse sobre a atitude a tomar. Durante vários e terríveis segundos, não se registou um único som, até que este último inclinou a cabeça e articulou:

– Obedeça, cabo.

Snark serviu o major ... de Coverley, o qual em seguida se afastou do balcão com o tabuleiro cheio, para se deter quase imediatamente. Fixou os

olhos nos grupos de oficiais que o fitavam num apelo mudo e, em tom beligerante, bradou:

– Dêem de comer a *todos!*

– Dêem de comer a *todos!* – repetiu Milo, com profundo alívio, e a Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade chegou ao fim.

O capitão Black ficou profundamente desapontado perante semelhante facada nas costas desferida por alguém que lhe merecera confiança absoluta para o apoiar. O major ... de Coverley deixara-o cair.

– Não me preocupa absolutamente nada – declarou em tom jovial àqueles que se mostravam penalizados. – Completámos a nossa tarefa. O nosso objectivo consistia em assustar todos os que não nos agradavam e alertar as pessoas para o perigo que Major Major representa, e não restam dúvidas de que conseguimos. Como, de qualquer modo, não tencionávamos deixá-lo assinar os juramentos de lealdade, é indiferente se os possuímos ou não.

Ao ver todos os componentes da esquadrilha que não lhe agradavam de novo com medo ao longo do impressionante e interminável Grande Cerco de Bolonha, o capitão Black evocava com nostalgia os bons velhos tempos da Gloriosa Cruzada do Juramento de Lealdade, em que representara um papel preponderante, e figuras influentes como Milo Minderbinder, Dr. Daneeka, Piltchard e Wren haviam tremido à sua aproximação e arrojado virtualmente a seus pés. E para provar que representara um papel preponderante no passado, ainda conservava a carta encomiástica que recebera do coronel Cathcart.

[10](#) Marcha militar norte-americana de cariz nacionalista. (*N. do T.*)

§

Capítulo décimo segundo BOLONHA

Na realidade, não foi o capitão Black, mas o sargento Knight quem fez eclodir o pânico solene acerca de Bolonha, ao deslizar em silêncio do camião para ir buscar mais dois fatos de protecção, logo que tomou conhecimento do alvo, e dar origem a um tenebroso cortejo em direcção à tenda dos pára-quedas que acabou por degenerar uma correria desordenada até que todos os fatos de protecção desapareceram.

– Que se passa? – perguntou Kid Sampson, com nervosismo. – A missão de Bolonha não pode ser tão dura...

Nately, sentado, como em transe, no sobrado do veículo, apertava o rosto jovem entre as mãos e não respondeu.

Foi o sargento Knight e a cruel série de adiamentos, porque quando acabavam de subir para os seus aviões na primeira manhã, apareceu um jipe com a informação de que chovia em Bolonha e a missão fora suspensa. Também chovia em Pianosa, quando regressaram à esquadilha, e dispuseram do resto daquele dia para contemplar com melancolia a linha de bombas no mapa sob o toldo da tenda dos serviços secretos e ruminar hipnoticamente acerca do facto de que não havia fuga possível. A prova achava-se exposta com clareza na estreita fita vermelha fixada transversalmente na área continental: as forças terrestres em Itália encontravam-se imobilizadas sessenta e quatro quilómetros a sul do alvo e não poderiam tomar a cidade a tempo. Por conseguinte, nada podia salvar os homens de Pianosa da missão a Bolonha. Estavam presos entre a espada e a parede.

A sua única esperança consistia em que nunca parasse de chover, o que não aconteceria, como sabiam perfeitamente. Quando parava de chover em Pianosa, chovia em Bolonha. Quando parava de chover em Bolonha, recomeçava em Pianosa. Se não se registava precipitação, surgiam fenómenos estranhos e inexplicáveis, como a epidemia de diarreia ou a linha de bombas que se movia. Quatro vezes nos primeiros seis dias tinham sido convocados para a habitual sessão de informação e mandados recolher aos alojamentos. Uma ocasião, descolaram e voavam em formação quando a torre de controle lhes indicou que regressassem. Quanto mais chovia, mais eles sofriam. E quanto mais sofriam, mais rezavam para que continuasse a chover. Ao longo da noite, observavam o céu e ficavam consternados perante as estrelas. Ao longo do dia, observavam a linha de bombas no largo mapa da Itália, que ondulava ao vento sob o toldo da tenda dos serviços secretos cada vez que chovia. A chamada linha de bombas era uma estreita fita de cetim que assinalava a posição mais avançada das forças terrestres aliadas em todo o sector do território continental italiano.

Na manhã após a luta de Joe Faminto com o gato de Huple, parou de chover em ambos os lugares. A pista de aterragem começou a secar e, conquanto fossem necessárias vinte e quatro horas para que endurecesse, o céu mantinha-se limpo, o que fez com que o ressentimento incubado no íntimo de cada homem se convertesse em ódio. Primeiro, odiaram os seus camaradas de infantaria, porque não tinham conseguido tomar Bolonha. Depois, passaram a odiar a linha de bombas. Durante horas, fixavam os olhos na fita vermelha do mapa e odiavam-na porque não avançava o suficiente para abarcar a cidade. Quando anoitecia, reuniam-se na escuridão, munidos de lanternas, para prosseguir a macabra vigília da linha de bombas, como se esperassem que o peso colectivo das suas vontades a fizesse deslocar.

– Custa-me a crer – confidenciou Clevinger a Yossarian, numa inflexão mista de incredulidade e protesto. – É um regresso total à superstição primitiva. Eles confundem causa e efeito. Faz tanto sentido como dar pancadinhas na madeira ou cruzar os dedos. Estão mesmo convencidos de

que não teríamos de executar a missão amanhã se alguém se aproximasse furtivamente do mapa durante a noite e deslocasse a linha de bombas para além de Bolonha. Tu e eu devemos ser as únicas pessoas sensatas que restam.

Durante a noite, Yossarian deu pancadinhas na madeira, cruzou os dedos, abandonou a tenda em bicos dos pés e deslocou a linha de bombas para além de Bolonha.

O cabo Kolodny entrou silenciosamente, em bicos dos pés, na tenda do capitão Black, de madrugada, introduziu a mão na rede mosquiteira e sacudiu a omo-plata que se lhe deparou, até que o viu abrir os olhos.

– Porque me acordas tão cedo?

– Tomaram Bolonha, senhor. Julguei que desejaria inteirar-se. A missão fica cancelada?

O capitão Black soergueu-se e começou a coçar as longas pernas metodicamente. Por fim, vestiu-se e emergiu da tenda, semicerrando as pálpebras, irritado e com a barba por fazer. O céu apresentava-se limpo e nada sugeria que chovesse nas horas mais próximas. Em seguida, foi observar o mapa sem emoção e verificou que, com efeito, Bolonha tinha sido tomada. Na tenda dos serviços secretos, o cabo Kolodny já principiara a retirar os mapas de Bolonha das pastas que continham os elementos de navegação. Black, com um ruidoso bocejo, sentou-se à secretária, pousou os pés no tampo e telefonou ao tenente-coronel Korn.

– Porque me acorda a esta hora? – quis saber este último.

– Bolonha foi tomada durante a noite. A missão fica cancelada?

– Que está para aí a dizer? Porque havia de ser cancelada?

– Porque Bolonha foi tomada. Isso não justifica que se cancele?

– Claro que justifica. Julgava que íamos bombardear as nossas tropas?

– Porque me acorda a esta hora? – quis saber o coronel Cathcart.

– Bolonha foi tomada – informou o tenente-coronel Korn. – Julguei que desejaria inteirar-se.

– Quem a tomou?

– Nós.

Cathcart rejubilou, porque ficava livre do embaraçoso compromisso de bombardear Bolonha sem afectar a reputação de coragem que conquistara ao oferecer os seus homens como voluntários para o fazer. O general Dreedle também ficou satisfeito, embora se irritasse com o coronel Moodus por o ter arrancado do sono. No quartel-general não se mostraram menos comprazidos e decidiram conceder uma medalha ao oficial que tomara a cidade. Como não havia nenhum oficial nessas condições, impuseram a condecoração ao general Peckem, porque foi o único com iniciativa suficiente para a reclamar.

Logo que recebeu a medalha, Peckem começou a solicitar um acréscimo de responsabilidade. Na sua opinião, todas as unidades de combate situadas no teatro de operações deviam ser colocadas sob a jurisdição do Corpo de Serviços Especiais, cujo comando lhe pertencia. Se o lançamento de bombas sobre o inimigo não constituía um serviço especial, reflectia com frequência em voz alta com o sorriso martirizado de suave condescendência que era seu aliado permanente, não podia deixar de se perguntar para onde caminhava o mundo. Com uma ponta de pesar, declinou a oferta de um posto de combate sob as ordens do general Dreedle.

– A execução de missões de combate *para* o general Dreedle não corresponde exactamente ao que eu tinha em vista – explicou com indulgência e um leve sorriso. – Estava a pensar mais em termos de o *substituir* ou porventura um lugar *acima* dele, onde pudesse fiscalizar a acção de muitos *outros* generais. As minhas capacidades mais preciosas são sobretudo de natureza administrativa. Possuo grande facilidade em conseguir que pessoas muito diferentes concordem.

– Ele possui grande facilidade em conseguir que pessoas muito diferentes concordem – confidenciou com inveja o coronel Cargill ao ex-PFC Wintergreen, esperançado em que este propagasse a desfavorável informação por todo o Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea. – Se há alguém que mereça aquele posto de combate, sou eu. Acudiu-me mesmo a ideia de reclamarmos a medalha.

– Quer mesmo participar em combates? – estranhou o ex-PFC Wintergreen.

– Vejo que não me fiz compreender. – Cargill esboçou um gesto de contrariedade. – É claro que não me *importava* de combater, mas as minhas melhores capacidades são de natureza administrativa. Também possuo grande facilidade em conseguir que pessoas muito diferentes concordem.

– Ele também possui grande facilidade em conseguir que pessoas muito diferentes concordem – confidenciou o ex-PFC Wintergreen a Yossarian, com uma gargalhada, quando se deslocou a Pianosa para averiguar se era verdade o que constava acerca de Milo e do algodão egípcio. – Se há alguém que mereça uma promoção, sou eu. – Na realidade, já ascendera a ex-cabo, pouco depois da sua transferência para o Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea como amanuense do Serviço Postal e fora relegado de novo para soldado raso por proceder a comparações odiosas audíveis sobre os oficiais para os quais trabalhava. O sabor inebriante do êxito infundira-lhe uma dose mais elevada de moralidade e incendiara-o de ambição para voos mais altos. – Interessa-lhe comprar alguns isqueiros Zippo? – perguntou, de súbito. – Foram roubados directamente ao quartel-mestre.

– Milo sabe que vendes isqueiros?

– Não tem nada com isso. Não me diga que também negocia nisso?

– Com certeza – afirmou Yossarian. – E os dele não são roubados.

– Isso é o que o senhor julga. – O ex-PFC soltou uma risada de escárnio. – Vendo os meus a um dólar por unidade. Quanto pede ele pelos seus?

– Um dólar e dez centimos.

– Consigo sempre fazer preços mais vantajosos. Outra coisa: que há sobre o algodão egípcio que lhe ficou nas mãos? Que quantidade comprou?

– Todo.

– De todo o mundo? Essa agora! Que estúpido! O senhor estava no Cairo com ele. Porque o deixou fazer uma asneira tão grande?

– Eu? – Yossarian encolheu os ombros com indiferença. – Não exerço a menor influência nele. Foi por causa daquelas máquinas de teletipo que há

em todos os bons restaurantes de lá. Milo nunca tinha visto um registador automático de cotações da Bolsa e surgiu a do algodão egípcio no momento em que pediu ao chefe de mesa que lhe explicasse o funcionamento. «Algodão egípcio?», perguntou com aquela expressão muito sua. «A quanto o estão a vender?» Quando dei por mim, ele tinha comprado toda a colheita. E agora não o pode negociar.

– Falta-lhe imaginação. Posso pôr a circular uma quantidade apreciável no mercado negro, se chegarmos a acordo.

– Ele conhece o mercado negro. Não há a menor procura de algodão.

– Mas há procura de artigos farmacêuticos. Posso envolver palitos em algodão e negociá-los como mechas absorventes. Acha que estará disposto a vender-mo por um preço jeitoso?

– Não to vende por preço nenhum – asseverou Yossarian. – Está fulo contigo por lhe fazeres concorrência. Na verdade, está fulo com todos por terem contraído diarreia, no último fim-de-semana, e afectarem a reputação da messe. – Segurou subitamente o braço do interlocutor. – Tu é que nos podias ajudar. Porque não forjas uma ordem oficial na fotocopiadora para nos livrar da missão de Bolonha?

– De facto, podia. – O ex-PFC desprendeu-se com uma expressão de dignidade melindrada. – Mas nem sonharia em fazê-lo.

– Porquê?

– Porque é o vosso dever. Todos temos um dever a cumprir. O meu consiste em vender isqueiros Zippo com lucro, se puder, e adquirir algum algodão a Milo. O vosso é bombardear os depósitos de munições de Bolonha.

– Mas vou perder a vida sobre Bolonha – argumentou Yossarian.

– Havemos de morrer todos.

– Então, têm de se resignar. Porque não encara a situação com fatalismo, como eu? Se o meu destino é vender isqueiros com lucro e adquirir algum algodão egípcio barato, para quê insurgir-me? E se o seu é perder a vida sobre Bolonha, deve sujeitar-se e morrer como um homem. Custa-me dizer-lhe isto, mas está a tornar-se um choramingas crónico.

Clevinger concordou com o ex-PFC Wintergreen em que o dever de Yossarian consistia em morrer sobre Bolonha e ficou lívido de repulsa no momento em que este lhe confessou que fora ele que alterara a posição da linha de bombas no mapa e originara o cancelamento da missão.

– Porque não? – bradou Yossarian, acalorado por suspeitar de que não tinha razão. – Achas que devo arriscar a pele, só porque o coronel quer ser promovido a general?

– E os homens que combatem em terra? – retorquiu Clevinger, não menos exaltado. – Devem arriscar a pele só porque tu não queres participar na missão? Têm direito a apoio da aviação!

– Mas não necessariamente fornecido por mim. Eles estão-se nas tintas para quem fizer os depósitos de munições irem pelos ares. A única razão por que temos de efectuar a missão resume-se ao facto de o bastardo do Cathcart nos ter oferecido.

– Sim, estou a par disso – admitiu com uma expressão de desagrado. – Mas subsiste o facto de que os depósitos de munições continuam de pé. Sabes perfeitamente que também não aprovo os métodos do coronel Cathcart. – Fez uma pausa, de lábios trémulos, e desferiu um murro no saco-cama. – Em todo o caso, não é a nós que compete determinar quais os alvos que se devem destruir, quando, quem ou...

– Ou quem perde a vida ao fazê-lo? E porquê?

– Sim, até isso. Não nos assiste o direito de pôr em causa...

– Estás doido!

– ... o direito de pôr em causa...

– Parece-te mesmo que não é de minha conta como ou por que morro e sim do coronel Cathcart? Falas a sério?

– Absolutamente. Há homens incumbidos de ganhar a guerra, situados em muito melhor posição que nós para decidirem quais os alvos a atingir.

– Referimo-nos a duas coisas diferentes – salientou Yossarian, em tom de cansaço exagerado. – Tu falas da relação da Força Aérea para a infantaria e eu da minha relação para o coronel Cathcart. Tens em mente ganhar a guerra e eu ganhar a guerra e conservar a vida.

– Exacto. E que achas mais importante?

– Para quem? Abre os olhos, homem. Não interessa absolutamente nada *quem* ganha a guerra a uma pessoa que morreu.

Clevinger manteve-se silencioso por um momento, como se tivesse sido esbofeteado.

– Parabéns! – exclamou com amargura, franzindo os lábios. – Não me ocorre outra atitude capaz de proporcionar maior conforto ao inimigo.

– O inimigo é qualquer pessoa que te matará, independentemente do lado em que se encontra, e isso inclui o coronel Cathcart. E não o esqueças, porque quanto mais tempo o recordares, maiores as possibilidades de uma vida mais longa.

Mas Clevinger esquecera-o e agora morrerá. Na altura, ficara tão perturbado com o incidente, que Yossarian não se atrevera a revelar-lhe que também fora o responsável da epidemia de diarreia causadora de outro adiamento desnecessário. Milo achava-se ainda mais preocupado com a possibilidade de alguém ter tentado envenenar a sua esquadrilha mais uma vez e procurou-o, em busca de auxílio.

– Tenta saber se o cabo Snark voltou a misturar sabão com as batatas-doces – solicitou furtivamente. – Ele confia em ti e há-de confessar a verdade se lhe prometeres guardar segredo. Assim que souberes, vem dizer-me.

– Claro que misturei sabão com as batatas-doces – admitiu o cabo Snark. – Não me pediu que o fizesse? O sabão azul e branco é o melhor para isso.

– Ele jura que não teve nada a ver com o caso – comunicou Yossarian a Milo.

– Dunbar diz que não há Deus – articulou este último, com uma expressão de dúvida.

Não subsistia a menor esperança. A meio da segunda semana, todos os componentes da esquadrilha começaram a apresentar um aspecto muito parecido com o de Joe Faminto, que não estava escalado para voar e soltava gritos lancinantes durante o sono. Era o único que conseguia dormir. Ao longo de toda a noite, os pilotos vagueavam entre as tendas, como espectros

com cigarros entre os lábios. De dia, fixavam o olhar na linha de bombas, em grupos silenciosos ou isolados, como o Dr. Daneeka, sentado à entrada da tenda médica com a tabuleta mórbida. Principiaram a inventar comentários sarcásticos destituídos de humorismo e boatos catastróficos sobre a destruição que os aguardava em Bolonha.

Uma noite, Yossarian aproximou-se, embriagado, do tenente-coronel Korn, para o irritar com comentários acerca das novas peças Lepage que os Alemães começavam a utilizar.

– Quais peças Lepage? – inquiriu Korn, com curiosidade.

– As de trezentos e quarenta e quatro milímetros. Colam todos os aparelhos de uma formação uns aos outros em pleno espaço.

– Deixe-me em paz! – vociferou, exibindo um clarão de aprovação vingativa no olhar ao ver Nately aproximar-se para levar Yossarian. – Quem é este lunático?

– O homem que você me convenceu a condecorar após o bombardeamento de Ferrara – informou o coronel Cathcart, com uma risada. – Quis que o promovesse a capitão, lembra-se? É bem feita.

Nately, mais leve que Yossarian, experimentava notáveis dificuldades em arrastá-lo para uma mesa desocupada no outro extremo da sala.

– Endoideceste? – proferiu entre dentes. – Aquele é o tenente-coronel Korn. Não estás bom da cabeça?

Yossarian queria mais uma bebida e prometeu retirar-se discretamente se o outro a fosse buscar. Depois, pediu-lhe mais duas. Quando Nately conseguiu finalmente conduzi-lo para a porta, o capitão Black entrou apressadamente, batendo com os pés no chão para sacudir a água das botas.

– Estão bem arranjados, rapazes! – anunciou com exuberância, desviando-se da lagoa que acabava de produzir. – Acabo de receber um telefonema do tenente-coronel Korn. Sabem o que têm à vossa espera em Bolonha? Ah, ah, ah! As novas peças Lepage, que colam os aparelhos de uma formação uns aos outros em pleno espaço!

– Então, sempre é verdade! – uivou Yossarian, parecendo na iminência de perder o equilíbrio.

– Não há Deus – disse Dunbar calmamente, que também não se mostrava muito seguro nas pernas.

– Ajudem-me aqui, por favor. Tenho de o levar para a tenda.

– Quem disse?

– Digo eu. Olhem como chove.

– Temos de arranjar um carro.

– Sirvam-se do do capitão Black – indicou Yossarian. – É o que eu costumo fazer.

– Não podemos apoderar-nos de nenhum carro. Desde que começaste a servir-te do transporte mais próximo, ninguém deixa a chave na ignição.

– Subam – convidou o chefe White Halfoat, que conduzia, embriagado, um jipe coberto. Aguardou que se instalassem e reatou a marcha com uma brusquidão que projectou todos contra os bancos, soltando uma gargalhada divertido ante os protestos gerais. Seguiu directamente em frente quando abandonou o parque de estacionamento e enfiou o veículo na vala do outro lado da estrada, enquanto os passageiros se acumulavam em monte e voltavam a protestar. – Esqueci-me de dar a volta – explicou com despreendimento.

– Vê se tens cuidado, sim? – advertiu Nately. – É melhor acenderes os faróis.

O chefe White Halfoat inverteu a marcha, efectuou a manobra necessária e enveredou pela estrada em velocidade alucinada, enquanto os pneus produziam sons alarmantes no piso alagado.

– Mais devagar – recomendou Nately.

– Convém que me leves primeiro à tua esquadilha, para eu poder metê-lo na cama. Depois, conduzes-me à minha.

– Quem diabo és tu?

– Dunbar.

– Acende lá os faróis! – insistiu Nately. – E não desvies os olhos da estrada!

– Estão acesos. Yossarian não veio connosco? Foi a única razão por que os deixei entrar. – E o chefe White Halfoat virou-se completamente para trás.

- Volta-te para a frente!
- Yossarian veio ou não?
- Vim, chefe. Vamos para casa. Porque tens a certeza? Não chegaste a responder à minha pergunta.
- Vês? Eu *disse-te* que vinha connosco.
- Qual pergunta?
- Sobre aquilo de que estávamos a falar.
- Era importante.
- Não me lembro. Se Deus me permitisse recordar de que se tratava...
- Não há Deus.
- Era *disso* que falávamos – declarou Yossarian. – Porque tens a certeza do que afirmas?
- Achas mesmo que levas os faróis acesos? – quis saber Nately.
- Levo, descansa. Que pretende ele de mim? A chuva no pára-brisas é que não permite ver o clarão.
- Abençoada chuva.
- Oxalá nunca pare. Chuva, chuva vai-te...
- ... embora. Torna a...
- ... aparecer nou...
- ... tro dia. O pequeno Yo-Yo quer...
- ... brincar. No...
- ... prado...

O chefe White Halfoat não viu a curva seguinte e lançou o jipe na encosta da berma. Quando rolava para baixo, o veículo voltou-se de lado e pousou suavemente na lama, seguindo-se um silêncio sinistro.

– Estão todos bem? – perguntou, receosamente. Quando se certificou de que se encontravam todos ilesos, emitiu um suspiro de alívio. – É esse o meu mal – confessou entre dentes. – Nunca faço caso dos outros. Alguém se fartava de me recomendar que acendesse os faróis, mas não prestei atenção.

- Eu fartei-me de te recomendar que os acendesses.
- Eu sei, eu sei. E não fiz caso, viste? Quem me dera uma bebida... Ah, mas não se partiu!

– Chove cá dentro – descobriu Nately. – Estou todo encharcado.

O chefe White Halfcoat desrolhou a garrafa de uísque, ingeriu um trago e fê-la circular pelos outros. Apesar de emaranhados uns em cima dos outros, todos beberam, à exceção de Nately, que tentava, em vão, fazer girar o puxador da porta. Em dado instante, a garrafa colidiu com a sua cabeça com um som seco e parte do conteúdo resvalou-lhe pelo pescoço.

– Temos de sair daqui! – gritou, convulsivamente. – Estamos a alagar-nos e ainda acabamos por nos afogar!

– Está aí alguém? – perguntou a voz apreensiva de um vulto que apontava uma lanterna acesa.

– É Clevinger! – bradaram em unísono, e tentaram puxá-lo pela janela, quando estendeu o braço para os ajudar a sair.

– Olha para eles! – vociferou o recém-chegado, indignado, virando-se para McWatt, que se sentava, sorrindo, ao volante de um carro de comando. – Amontoados como animais bêbados. Tu também, Nately? Devias ter vergonha! Ajuda-me a tirá-los daqui, antes que morram todos de pneumonia.

– Talvez não seja má ideia – ponderou o chefe White Halfcoat. – Desconfio que vou morrer de pneumonia.

– Porquê?

– Porque não? – redarguiu, e deitou-se na lama com satisfação, com a garrafa de uísque nos braços, como se fosse uma criança.

– Olha agora o que ele está a fazer! – exclamou Clevinger, irritado. – Queres ter a bondade de te levantar e entrar no carro, para podermos regressar à esquadilha?

– Não podemos regressar todos. Alguém tem de ficar para ajudar o chefe a safar o jipe que requisitou ao parque de viaturas.

– O jipe pertence ao capitão Black – informou o visado, instalando-se no carro de comando com um sorriso divertido. – Apoderei-me dele à entrada do Clube dos Oficiais, por meio de um conjunto de chaves que ele julgou ter perdido esta manhã.

– Muito me contas! Isso merece uma bebida!

– Achas que ainda não emborcaste o suficiente? – Clevinger enrugou a fronte no momento em que McWatt pôs o carro em movimento. – Tanto se lhes dá morrerem afogados em álcool como em água.

– Desde que não tenhamos de voar para a morte.

– Pára – indicou o chefe White Halfoat a McWatt. – E desliga os faróis. É a única maneira de proceder.

– O doutor Daneeka tem razão –olveu Clevinger. – As pessoas não sabem o suficiente para cuidar de si. Vocês enojam-me.

– Muito bem, fala-barato. Fora do carro – ordenou o chefe White Halfoat. – Saíam todos menos Yossarian. Onde está ele?

– Chega-te para lá. – Yossarian soltou uma gargalhada e empurrou-o para o lado. – Estás cheio de lama.

– Tu és quem mais me surpreende – disse Clevinger, concentrando-se em Nately. – Sabes a que cheiras? Em vez de evitar que se envolva em apuros, estás tão bêbado como ele. Supõe que voltava a travar-se de razões com Appleby? – Arregalou os olhos de alarme, quando ouviu a risada escarninha de Yossarian. – Não me digam que isso já aconteceu!

– Desta vez, não – asseverou Dunbar.

– Pois, desta vez, não. Desta vez, ainda fiz melhor.

– Provocou o tenente-coronel Korn.

– Não acredito! – balbuciou Clevinger.

– Palavra? – O chefe White Halfoat não dissimulava o regozijo. – Isso merece uma bebida.

– Mas é horrível! – tornou Clevinger, com apreensão crescente. – Por que carga de água foste meter-te com o coronel Korn? Que aconteceu aos faróis? Porque está tudo tão escuro?

– Eu desliguei-os – esclareceu MacWatt. – Acho que o chefe White Halfoat tem razão. Com os faróis apagados, é muito melhor.

– Endoideceste? – rugiu Clevinger, estendendo o braço para os acender, após o que se voltou para Yossarian, quase histérico. – Vês o que consegues? Fazes com que procedam todos como tu! Supõe que pára de

chover e temos de seguir para Bolonha amanhã? Estarás em excelente condição física, não haja dúvida.

– Nunca mais pára. Não, senhor. Uma chuva como esta pode continuar eternamente.

– Pois fiquem sabendo que parou! – anunciou alguém, provocando um silêncio sepulcral.

– Pobres diabos – murmurou o chefe White Halfcoat, condoído, transcorridos uns momentos.

– Mas parou mesmo? – quis saber Yossarian, em tom receoso.

McWatt desligou os limpa-pára-brisas para se certificar. Na verdade, parara de chover e as nuvens começavam a dispersar, permitindo que a Lua assomasse, envolta num halo.

– Bem, que se lixe – declarou, com estoicismo.

– Não se apoquentem, rapazes – recomendou o chefe White Halfcoat. – A pista de descolagem vai estar muito mole para utilizar amanhã. Talvez recomece a chover antes que seque.

– Grandessíssimo filho da mãe! – explodiu Joe Faminto da sua tenda, no momento em que eles chegaram à esquadilha.

– Com a breca! Ele já voltou? Julgava-o ainda em Roma com o transporte do correio.

– Oh! Ooooh! Oooooooh! – uivou.

– Esse tipo provoca-me calafrios – confessou o chefe White Halfcoat, estremecendo. – Que aconteceu ao capitão Flume?

– Esse é que me provoca calafrios. Vi-o no bosque, a semana passada, entretido a comer amoras silvestres. Tinha um aspecto dos diabos. Deixou de dormir no reboque.

– Joe Faminto tem medo de vir a substituir alguém que dê parte de doente, embora o toque a doentes esteja suspenso. Viram-no na outra noite, quando tentou matar Havermeyer e caiu na escavação, junto da tenda de Yossarian?

– Ooooh! – voltou a uivar Joe Faminto. – Oh! Ooooh! Oooooooh!

– Não haja dúvida de que é agradável já não contarmos com a presença de Flume na messe. Acabou-se o «Passa o sal, animal».

– Ou «Atira-me uma beterraba, crava».

– Ou «Passa o pão, comilão».

– Não te aproximes, não te aproximes! – gritava Joe Faminto. – À distância, à distância, tinioso filho da mãe!

– Pelo menos, ficámos a saber com o que sonha – observou Dunbar, secamente. – É com tiniosos filhos da mãe.

Mais tarde, naquela noite, Joe Faminto sonhou que o gato de Huple dormia em cima do seu rosto, impedindo-lhe a respiração, e quando acordou verificou que o sonho se prolongava na realidade. A sua agonia foi aterradora e o rugido que emitiu rasgou o silêncio nocturno e regressou à procedência, como um *boomerang* devastador. Seguiu-se novo silêncio no interior da tenda, a que se sucedeu um autêntico pandemónio.

Yossarian foi dos primeiros a chegar à área da catástrofe e, quando transpôs a entrada, viu Joe Faminto de revólver em punho, esforçando-se por se desenvencilhar de Huple para alvejar o gato, que o atacava ferozmente para evitar que alvejasse o dono. Convém esclarecer que os dois homens usavam a roupa interior da ordem, e a lâmpada do tecto oscilava no cordão, para produzir sombras grotescas dos vultos engalfinhados. Yossarian fez uma pausa para repelir a sensação de que se encontrava no beliche de um navio em plena tempestade e lançou-se em voo planado, para atirar os três combatentes ao chão debaixo dele. Por fim, emergiu da confusão com vários arranhões, enquanto Joe Faminto e o gato se mediam com olhares incendiários.

– Queremos uma luta limpa – anunciou Yossarian, e todos os que haviam acudido romperam em clamores de satisfação. – Vamos realizar uma luta limpa – explicou oficialmente a Joe Faminto e ao gato, depois de os conduzir para fora da tenda, continuando a segurá-los prudentemente. – Punhos e garras, mas nada de armas de fogo – advertiu. – Também não é permitido cuspir. – Desta vez, a recomendação destinava-se ao gato. – Quando eu os largar, podem começar. Uma, duas... três!

Entretanto, os curiosos tomavam posições estratégicas para não perder um pormenor do singular embate, mas o gato acobardou-se no momento em

que Yossarian o largou e fugiu vergonhosamente como um cão amarelo. Por conseguinte, Joe Faminto foi declarado vencedor, e afastou-se com o sorriso orgulhoso de um campeão. Recolheu à cama vitorioso e tornou a sonhar que tinha o gato de Huple em cima do rosto, impedindo-lhe a respiração.

§

Capítulo décimo terceiro MAJOR ... DE COVERLEY

A alteração da posição da linha de bombas não iludiu os Alemães, mas convenceu o major ... de Coverley, o qual meteu alguns artigos de uso pessoal num saco de lona, requisitou um avião e, persuadido de que Florença também fora tomada pelos Aliados, mandou-o seguir para essa cidade, a fim de alugar dois apartamentos para os oficiais e subalternos da esquadrilha utilizarem durante os períodos de licença para repouso. Ainda não regressara, quando Yossarian se afastava do gabinete de Major sem saber a quem devia recorrer a seguir.

O major ... de Coverley era um homem de aspecto majestoso, expressão grave, cabeça leonina e cabelos prateados que emolduravam adequadamente o semblante patriarcal. As suas funções de oficial executivo da esquadrilha consistiam inteiramente, como o Dr. Daneeka e Major Major haviam conjecturado, em entreter-se com o jogo das fechaduras, raptar trabalhadores italianos e alugar apartamentos para os oficiais e subalternos utilizarem durante os períodos de licença para repouso, que executava com o máximo esmero.

Cada vez que a queda de uma cidade como Nápoles, Roma ou Florença parecia iminente, o major ... de Coverley pegava no saco de lona, requisitava um avião e um piloto e voava para longe, conseguindo tudo isto sem pronunciar uma palavra, graças apenas ao vigor irresistível do seu semblante solene e dominador e a gestos peremptórios do dedo. Um ou dois dias após a queda da cidade, regressava com a garantia do aluguer de dois amplos e luxuosos apartamentos – um para os oficiais e o outro para os

subalternos –, devidamente guarnecidos com cozinheiros e criadas. Transcorridos mais alguns dias, jornais de todo o mundo publicavam fotografias dos primeiros militares americanos entrando na cidade flagelada, através de escombros e fumo. Inevitavelmente, o major ... de Coverley figurava entre eles, sentado, rígido como um pau de vassoura, num jipe que obtivera algures, sem olhar para a direita nem para a esquerda, enquanto o fogo da artilharia explodia em torno da sua intangível e venerável cabeça e audazes jovens de infantaria munidos de espingardas corriam nos passeios, protegidos pelos edifícios em chamas ou atingidos por inimigos emboscados nos portais. Parecia eternamente indestrutível, sentado rodeado pelo perigo, os traços fisionómicos moldados firmemente na mesma expressão altiva, real, justa e impressionante, que era reconhecida e venerada por todos os homens da esquadrilha.

Para os Serviços Secretos alemães, o major ... de Coverley constituía um enigma vexatório. Com efeito, nenhum das centenas de prisioneiros americanos pudera jamais fornecer qualquer informação concreta sobre o oficial de cabelos prateados, ar solene e ameaçador e olhos poderosos, que pareciam trespassar todas as avançadas importantes, para as reduzir à insignificância. Para as autoridades americanas, a sua identidade era igualmente intrigante. Todo um regimento de agentes do CID fora enviado às primeiras linhas para tentar averiguar quem era, enquanto um batalhão de eficientes oficiais de relações públicas permanecia alerta vinte e quatro horas por dia, com instruções para lhe conferir publicidade no momento em que fosse localizado.

Em Roma, o major ... de Coverley excedera-se a si próprio com os apartamentos. Para os oficiais, que chegavam em grupos de cinco ou seis, havia um quarto espaçoso para cada um, num edifício branco de alvenaria construído recentemente, três vastas casas de banho com paredes de azulejos imaculados e uma criada magra chamada Micaela que mantinha o apartamento irrepreensível. No andar de baixo, moravam os condescendentes proprietários e, no de cima, uma atraente e abastada condessa de cabelos negros com a não menos atraente e abastada nora de

cabelos negros, as quais apenas se faziam rogadas a Nately, demasiado tímido para as desejar, e a Aarfy, demasiado petulante para as importunar, que tentava dissuadi-las de receber homens, à exceção dos respectivos maridos, que tinham preferido permanecer no Norte, junto dos interesses materiais da família.

– No fundo, são boas raparigas – confidenciou Aarfy a Yossarian, cujo sonho mais frequente consistia em dispor dos corpos desnudos das duas boas raparigas atraentes, abastadas e de cabelos negros, deitadas eroticamente a seu lado.

Os subalternos deslocavam-se a Roma em grupos de doze ou mais, com apetites vorazes e alimentos enlatados para as mulheres cozinharem e servirem-lhes na sala de jantar do seu apartamento, situado no sexto piso de um prédio de tijolos vermelhos com elevador. Registava-se sempre mais actividade nas instalações dos subalternos. Para já, havia sempre mais subalternos e mais mulheres para cozinhar, servir, varrer e limpar o pó, além das alegres e patetas raparigas sensuais que Yossarian descobrira e enviara para lá e os sonolentos subalternos que regressavam a Pianosa após os sete dias de deboche tinham levado para lá por sua própria iniciativa e deixavam ficar para quem as quisesse. As moças dispunham de um tecto e comida enquanto desejassem ficar. A única coisa que tinham de fazer em troca era satisfazer quem lhes pedisse, situação que lhes agradava plenamente.

Cada três ou quatro dias, Joe Faminto surgia tumultuosamente, se tivera a infelicidade de completar as suas missões mais uma vez e voava no avião do correio. Ninguém sabia ao certo quantos quartos o major ... de Coverley alugara, nem mesmo a mulher robusta do primeiro andar, que lhos alugara. Abarcavam todo o último piso, e Yossarian sabia que também se prolongavam até ao quinto, pois fora no de Snowden, nesse andar, que acabara por encontrar a criada de cuecas amarelas com um espanador na mão, no dia após a missão de Bolonha, depois de Joe Faminto o ter descoberto na cama com Luciana, no apartamento dos oficiais, na mesma manhã, e corrido como um desesperado à procura da máquina fotográfica.

A criada de cuecas amarelas era uma mulher roliça, alegre e condescendente, de trinta e cinco anos, cujas coxas confortáveis se achavam sempre à disposição de quem estivesse interessado. Tinha rosto largo e vulgar e podia considerar-se a mulher mais virtuosa do mundo: entregava-se a *todos*, independentemente da raça, credo, cor ou lugar de nascimento, fazendo-o sociavelmente, como um acto de hospitalidade, e desembaraçando-se com prontidão do espanador, vassoura ou outro objecto similar que empunhasse no momento da solicitação. O seu atractivo resultava da acessibilidade. À semelhança do monte Evereste, encontrava-se sempre presente no mesmo local, e os homens escalavam-na quando experimentavam o impulso apropriado. Yossarian estava enamorado da criada de cuecas amarelas, porque parecia ser a única mulher que restava com a qual podia fazer amor sem se apaixonar. A própria rapariga calva da Sicília ainda lhe evocava fortes sensações de compaixão, ternura e pesar.

Apesar dos múltiplos perigos a que se expunha cada vez que alugava apartamentos, o único ferimento do major ... de Coverley verificara-se, ironicamente, quando comandava o cortejo triunfal na cidade aberta de Roma, onde foi atingido numa vista por uma flor disparada à queima-roupa por um velho caquético e embriagado, o qual, à semelhança de Satanás, se lançara então sobre o carro do major com uma expressão maliciosa, segurara a cabeça venerável entre as mãos e beijara ambas as faces por entre um hálito pungente em que se destacava o odor do álcool, do queijo e do alho, antes de desaparecer no meio da multidão excitada. O major ... de Coverley, espartano na adversidade, nem pestanejou durante a afrontosa provocação e só quando regressou a Pianosa, completada a sua missão em Roma, solicitou cuidados médicos para o ferimento.

Decidiu permanecer binocular e especificou ao Dr. Daneeka que desejava a pala transparente, para poder continuar a entreter-se com as ferraduras, raptar trabalhadores italianos e alugar apartamentos com a visão intacta. Para os homens da esquadrilha, era um colosso, embora nenhum se achesse a dizer-lho. O único que jamais ousou dirigir-se-lhe foi Milo Manderbinder, o qual se aproximou do terreno destinado ao lançamento de

ferraduras com um ovo cozido, na sua segunda semana da esquadrilha, e o segurou na sua frente, para que o major ... de Coverley o visse. Este último empertigou-se, assombrado com o desaforo e verteu em Milo toda a fúria armazenada, coadjuvada pelos efeitos especiais do olhar fulminante e do conjunto formado pelo nariz aquilino e lábios agressivos. Milo manteve a sua posição, refugiando-se atrás do ovo cozido, erguido protectoramente diante do rosto como um amuleto. Pouco a pouco, a tormenta começou a amainar e o perigo passou.

– Que é isso? – inquiriu o major ... de Coverley.

– Um ovo.

– Que espécie de ovo?

– Cozido.

– Que espécie de ovo cozido?

– Um ovo cozido fresco.

– De onde veio o ovo fresco?

– De uma galinha.

– Onde está a galinha?

– Em Malta.

– Quantas galinhas há em Malta?

– As suficientes para porem ovos para todos os oficiais da esquadrilha, a cinco cêntimos por unidade dos fundos da messe – explicou Milo.

– Tenho um fraco por ovos frescos – confessou o major ... de Coverley.

– Se alguém colocasse um avião à minha disposição, eu podia ir lá uma vez por semana num aparelho da esquadrilha e voltar com todos os ovos frescos de que necessitássemos. Na verdade, Malta não é muito longe.

– Pois não. Você podia provavelmente ir lá uma vez por semana num aparelho da esquadrilha e voltar com todos os ovos frescos de que necessitássemos.

– Exacto. Era muito capaz disso, se alguém quisesse e colocasse um avião à minha disposição.

– Gosto dos ovos frescos estrelados – recordou o major ... de Coverley. – Em manteiga fresca.

– Posso encontrar toda a manteiga fresca de que necessitemos na Sicília por cinquenta cêntimos o quilo – informou Milo. – Um quilo de manteiga por cinquenta cêntimos é um bom preço. Nos fundos da messe, também há dinheiro suficiente para a manteiga e talvez pudéssemos vender alguma às outras esquadrilhas com lucro e recuperar a maior parte do que pagámos na aquisição inicial.

– Como se chama, meu rapaz?

– Milo Minderbinder, senhor, de vinte e sete anos.

– É um bom oficial de messe, Milo.

– Não sou oficial de messe, senhor.

– É um bom oficial de messe, Milo.

– Obrigado, senhor. Farei tudo ao meu alcance para ser um bom oficial de messe.

– Que Deus o abençoe, meu rapaz. Pegue numa ferradura.

– Obrigado, senhor. Que faço com ela?

– Atire-a.

– Atiro-a?

– Àquela cavilha. Depois, levante-a e atire-a a esta cavilha. É um jogo, sabe. Tem de recuperar a ferradura.

– Compreendo. A como vendem as ferraduras?

O cheiro de um ovo fresco a crepitar exoticamente numa lagoa de manteiga derretida propagava-se a longa distância no Mediterrâneo e fez o general Dreedle acudir com apetite devorador, acompanhado da sua enfermeira, que o seguia a toda a parte, e do genro, coronel Moodus. A princípio, o general devorava todas as suas refeições na messe de Milo. Depois, as outras três esquadrilhas do grupo do coronel Cathcart entregaram as suas messes a Milo e distribuíram-lhe um avião e um piloto cada uma, para que também adquirisse ovos e manteiga para elas. Assim, os aparelhos de Milo desenvolviam actividade de vaivém sete dias por semana, enquanto todos os oficiais das quatro esquadrilhas passavam a devorar ovos frescos numa orgia insaciável. O general Dreedle, por exemplo, consumia-os ao pequeno-almoço, almoço e jantar – entre as refeições, ingeria mais ovos

frescos –, até que Milo localizou fontes abundantes de carne de vitela e de vaca, patos, costeletas de carneiro, cogumelos, bróculos, caudas de lagosta da África do Sul, camarões, presunto, pudins, uvas, gelados, morangos e alcachofras. Havia três outros grupos de bombardeiros no sector de combate do general Dreedle, cada um dos quais despachou invejosamente os seus aviões para Malta, em busca de ovos frescos, mas descobriram que os vendiam a sete cêntimos por unidade. Ora, como os podiam adquirir a Milo por cinco, afigurou-se-lhes mais sensato entregar também as suas messes ao M & M, juntamente com os aparelhos e os pilotos para o transporte dos géneros.

Todos ficaram encantados com o desenrolar dos acontecimentos, em particular o coronel Cathcart, convencido de que conquistara uma pluma para o seu chapéu. Saudava Milo jovialmente sempre que se cruzavam e, cedendo a um excesso de generosidade, recomendou Major Major para promoção. No entanto, a proposta foi rejeitada imediatamente no Quartel – General da Vigésima Sétima Força Aérea pelo ex-PFC Wintergreen, o qual enviou a brusca e anónima advertência de que o Exército tinha apenas um major Major Major Major e não tencionava perdê-lo através de uma promoção só para comprazer o coronel Cathcart. Este ficou melindrado com a admoestação e moveu-se em excitado vaivém no seu gabinete, fervendo de indignação. Atribuía a Major Major a culpa do virtual soco no estômago e decidiu despromovê-lo a tenente no mesmo dia.

– São capazes de não concordar – observou o coronel Korn, com um sorriso condescendente, ao mesmo tempo que saboreava a situação. – Precisamente pela mesma razão por que não aceitaram a proposta da promoção. De resto, a sua posição talvez não fosse das mais airoas ao tentar remetê-lo para tenente logo após a tentativa de promoção.

Cathcart sentia-se paralisado para onde quer que pretendesse mover-se. Fora muito mais bem-sucedido na obtenção da medalha para Yossarian após o desaire de Ferrara, em que a ponte sobre o rio Pó continuava intacta sete dias depois de Cathcart se ter oferecido para a destruir. Os seus homens haviam efectuado nove missões em seis dias, e a ponte só foi demolida na

décima do sétimo dia, quando Yossarian provocou a morte de Kraft e da respectiva tripulação ao conduzir pela segunda vez a sua formação de seis aparelhos sobre o alvo. Yossarian aproximou-se com prudência para o novo lançamento de bombas, porque era então corajoso. Afundou a cabeça entre os joelhos até que todas foram largadas e, quando a ergueu, todo o interior do avião era dominado por um clarão alaranjado. De início, supôs que estava em chamas, mas acabou por descortinar o aparelho com o motor incendiado directamente por cima dele e gritou a McWatt, através do intercomunicador, que virasse à esquerda sem demora. No segundo imediato, a asa do avião de Kraft explodia e os destroços ardentes precipitaram-se no solo, primeiro a fuselagem e depois a asa que rodopiava como um pião, enquanto uma chuva de pequenos fragmentos metálicos tombava sobre o aparelho de Yossarian, por entre os numerosos estilhaços dos projecteis das peças antiaéreas.

De regresso à base, todos o observavam com expressões sombrias, enquanto se dirigia, cabisbaixo, ao capitão Black, postado à entrada da tenda dos serviços secretos, para apresentar o relatório preliminar da operação, onde se inteirou de que os coronéis Cathcart e Korn o esperavam no interior. O major Danby guardava a porta e mandava afastar todos os outros em silêncio. Yossarian achava-se extenuado e ansiava por despir o pesado equipamento, mas entrou assolado por emoções mistas, sem saber ao certo como devia reagir à morte de Kraft e dos outros, pois tinham sucumbido na distância de uma muda e isolada agonia, no momento em que ele enfrentava o dilema excruciante de dever e condenação.

O coronel Cathcart, por seu turno, estava abismado com o que se passara.

– Duas vezes? – perguntou, arregalando os olhos.

– Não lhe acertámos na primeira – alegou Yossarian, a meia voz, sem se atrever a fitá-lo.

– Mas *duas* vezes? – repetiu Cathcart, incrédulo.

– Não lhe acertámos na primeira.

– Mas Kraft estaria vivo.

– E a ponte continuaria de pé.

– Um bombardeiro experiente deve lançar todas as suas bombas à primeira tentativa. Foi o que os outros bombardeiros fizeram.

– E erraram o alvo. Teríamos de voltar lá.

– Talvez em nova missão acertassem à primeira.

– Ou talvez nem tivéssemos tempo de lançar uma única bomba.

– Mas talvez não se registassem baixas.

– Ou talvez houvesse mais e a ponte continuasse de pé. Julgava que a ideia principal era a sua destruição.

– Não me contradiga. Já temos aborrecimentos de mais.

– Não o estou a contradizer, senhor.

– Está, sim. Até isso é uma contradição.

– Tem razão, senhor. Peço desculpa.

Cathcart fez estalar os dedos com violência, enquanto o tenente-coronel Korn, um homem de estatura mediana, atarracado e flácido, de estômago proeminente, permanecia sentado calmamente, as mãos unidas atrás da cabeça calva e reluzente, ao mesmo tempo que os olhos emitiam um clarão divertido, dissimulados pelos óculos sem aros.

– Tentamos ser perfeitamente objectivos acerca disto – lembrou a Cathcart.

– Tentamos ser perfeitamente objectivos acerca disto – repetiu este último a Yossarian, com o zelo de uma inspiração repentina. – Não pense que me deixo dominar por sentimentalismos. Estou-me nas tintas para os homens ou o avião. Mas tem um aspecto horrível no relatório. Como posso encobrir uma coisa destas?

– Porque não me condecora? – sugeriu Yossarian.

– Por ter sobrevoado o alvo duas vezes?

– Deu uma medalha a Joe Faminto quando destruiu aquele avião por engano.

– Tem muita sorte se não o apresentarmos a conselho de guerra.

– Mas destruí a ponte na segunda vez – protestou. – Julgava que era essa a ideia principal.

– Já nem sei qual era! – bradou Cathcart, exasperado. – Evidentemente que o essencial consistia na destruição da ponte, pois povoava-me os pesadelos desde que ofereci a minha esquadrilha para a fazer desaparecer. Mas porque não a destruiu na primeira vez?

– Não tive tempo suficiente. O meu navegador não tinha a certeza se era aquela a cidade.

– Se era aquela a cidade? Agora, atira as culpas para cima de Aarfy?

– Não, senhor. Fui o culpado de permitir que me distraísse. Pretendo apenas dizer que não sou infalível.

– Ninguém é infalível – vociferou, e acrescentou, como se acabasse de reconhecer um facto: – Nem indispensável.

Ninguém o contradisse, e, espreguiçando-se com lentidão, o tenente-coronel Korn observou com despreendimento:

– Temos de tomar uma decisão.

– Temos de tomar uma decisão – proferiu Cathcart. – E a culpa de tudo é sua. Porque teve de sobrevoar o local duas vezes? Porque não largou todas as bombas na primeira, como os outros?

– Se o fizesse, não acertava no alvo.

– Dá-me a impressão de que *nós* é que estamos a sobrevoar o assunto duas vezes – comentou Korn, com uma risada seca.

– Mas que vamos fazer? – Cathcart deixava transparecer apreensão crescente. – Estão todos à espera lá fora.

– Porque não lhe damos uma medalha?

– Por ter sobrevoado o alvo duas vezes? A que título?

– A título de sobrevoar o alvo duas vezes – opinou Korn, com um sorriso de satisfação. – No fundo, houve necessidade de certa coragem para o fazer, sem outros aviões nas proximidades para dispersar as atenções dos guerrilheiros inimigos. E destruiu a ponte. Talvez seja essa a solução: apresentar como um acto de bravura uma coisa de que nos devíamos envergonhar. É um truque que quase nunca falha.

– Acha realmente que resultaria?

– Sem dúvida. E, de caminho, promovemo-lo a capitão, como medida de segurança.

– Não será ir demasiado longe?

– Não creio. Convém jogar pelo seguro.

– Está bem – decidiu Cathcart. – Dar-lhe-emos uma medalha pela coragem manifestada ao sobrevoar o alvo duas vezes. E, já agora, vamos promovê-lo a capitão.

– Vamos sair em beleza – declarou Korn, estendendo a mão para o barrete, e colocando o braço sobre os ombros de Yossarian, enquanto se encaminhavam para a porta.

§

Capítulo décimo quarto KID SAMPSON

Por ocasião da missão a Bolonha, Yossarian revelava-se suficientemente corajoso para não sobrevoar o alvo uma única vez, e, quando finalmente se encontrou no espaço, instalado no nariz do avião de Kid Sampson, premiu o botão do microfone pousado na garganta e perguntou:

– Que há de anormal no aparelho?

– Tem alguma coisa de anormal? – balbuciou Kid Sampson, com um grito agudo.

– Há alguma novidade? –olveu Yossarian, horrorizado ante a reacção do outro. – Vamos abandoná-lo?

– Não sei! – replicou Kid Sampson, cada vez mais angustiado. – Alguém disse que íamos abandonar o aparelho! Quem está aí?

– Yossarian, no nariz! Yossarian, no nariz! Ouvi-te dizer que havia novidade. Não foi o que disseste?

– Julguei que tinhas dito que havia alguma coisa de anormal. Parece tudo em ordem. Está tudo bem.

O pavor de Yossarian acentuou-se. Se estava tudo bem, era horrível, porque não dispunham de um pretexto para retroceder. Hesitou gravemente por um momento e articulou:

– Não ouvi.

– Disse que está tudo bem.

Os raios solares reflectiam-se com um clarão branco como a porcelana no mar e nas fuselagens dos outros aparelhos. Yossarian rodeou com os dedos

os fios coloridos que entravam na caixa do sistema de comunicação interna e arrancou-os.

– Continuo a não ouvir.

Desta vez, não ouviu mesmo nada. Em seguida, recolheu com lentidão a pasta com o plano de voo e os três fatos protectores de estilhaços e rastejou em direcção ao compartimento principal. Nately, sentado com rigidez no banco do piloto, viu-o passar pelo canto do olho, quando trepou à ponte de comando atrás de Kid Sampson, e dirigiu-lhe um sorriso, parecendo frágil e excepcionalmente jovem dentro do conjunto de auscultadores, capacete, microfone pousado na garganta, fato protector de estilhaços e pára-quedas. Yossarian acercou os lábios da orelha de Kid Sampson e bradou:

– Continuo a não te ouvir.

O outro olhou-o com admiração. Tinha rosto anguloso cómico, com sobranceiras arqueadas e bigode louro.

– O quê? – inquiriu por cima do ombro.

– Continuo a não te ouvir.

– Tens de falar mais alto. Continuo a não te ouvir.

– Continuo a não te ouvir! – gritou Yossarian.

– Não tenho culpa! – redarguiu Kid Sampson, no mesmo tom. – Não sou capaz de falar mais alto.

– Não oiço nada com o intercomunicador! Temos de voltar para trás!

– Por causa de um intercomunicador?

– Volta para trás, antes que te rache a cabeça!

Kid Sampson procurou apoio moral em Nately, porém este apressou-se a desviar os olhos, uma vez que Yossarian era superior hierárquico de ambos. Sampson resistiu debilmente por mais um momento e acabou por capitular com um berro de triunfo.

– Não vejo inconveniente – anunciou com satisfação. – Sim, senhor, o velho Kid Sampson não tem nada a opor. – Emitiu um silvo de alívio e proferiu para o intercomunicador: – Atenção, rapaziada. Fala o almirante Kid Sampson, orgulho dos fuzileiros da rainha. Vamos voltar para trás, amigos, *vamos voltar para trás!*

Nately arrancou o capacete e os auscultadores num arrebatamento de júbilo e começou a balouçar-se no banco, como uma criança numa cadeira alta. Por seu turno, o sargento Knight deslizou da torre no topo e principiou a desferir palmadas nas costas de todos com entusiasmo delirante. Kid Sampson afastou o avião da formação numa curva larga e graciosa e rumou ao aeródromo. Quando Yossarian introduziu a cavilha dos auscultadores numa das tomadas auxiliares, ouviu os dois artilheiros da cauda cantar *La Cucaracha*.

De regresso à base, a euforia extinguiu-se com brusquidão. Substituiu-a um profundo silêncio, e Yossarian sentia-se algo apreensivo, quando desceu do aparelho e se sentou no jipe que os aguardava. Ninguém pronunciou palavra no percurso entre as montanhas altaneiras, mar e bosques, e a sensação de desolação persistia, quando abandonaram a estrada para entrar no recinto da esquadrilha. Yossarian foi o último a apegar-se e, transcorridos uns momentos, ele e a aragem cálida eram as únicas coisas em movimento na tranquilidade ominosa que pairava como uma droga sobre as tendas vazias. A esquadrilha achava-se desprovida de tudo o que era humano, à excepção do Dr. Daneeka, que se reclinava numa cadeira ao sol, junto da entrada da tenda médica. Yossarian sabia que o médico não iria nadar com ele. Não voltaria a nadar com ele – uma pessoa podia desmaiar ou sofrer uma oclusão coronária benigna em poucos centímetros de água e morrer afogado, ser arrastado para o largo por uma onda ou tornar-se vulnerável à poliomielite ou a uma infecção meningocócica através do arrefecimento ou esforço excessivo. A ameaça de Bolonha aos outros insuflara no Dr. Daneeka uma solicitude pela sua própria segurança ainda mais pungente. Agora, à noite, ouvia ladrões.

Através do clarão amarelado à entrada da tenda das operações, Yossarian vislumbrou o chefe White Halfoat, que se apoderava diligentemente de rações de uísque, forjando as assinaturas dos não bebedores e vertendo o álcool com que se envenenava em garrafas separadas rapidamente, a fim de obter o máximo possível, antes que o capitão Black se lembrasse de fazer o mesmo.

O jipe tornou a pôr-se em marcha e Kid Sampson, Nately e os outros seguiram em diferentes direcções, numa massa silenciosa de movimento, para serem absorvidos pela quietude geral. Yossarian encontrava-se só num ambiente primitivo, em que tudo o que era verde parecia negro e o resto estava imbuído com a cor do pus. A aragem arrastava folhas secas a uma distância diáfana. Ele sentia-se cansado, assustado e sonolento. As órbitas doíam-lhe de exaustão. Entrou na tenda dos pára-quedas com a longa mesa de madeira polida, notando uma dúvida persistente e incomodativa entranhada numa consciência que permanecia perfeitamente lúcida. Deixou lá o fato protector de estilhaços e o pára-quedas e encaminhou-se para a tenda dos Serviços Secretos, a fim de restituir a pasta com o mapa de voo ao capitão Black, que dormitava na cadeira, com as longas e magras pernas pousadas na secretária, e acordou para perguntar com curiosidade quase indiferente a razão pela qual o avião de Yossarian retrocedera. No entanto, este ignorou-o, colocou a pasta em cima do balcão e retirou-se.

Uma vez na sua tenda, desembaraçou-se das correias do pára-quedas e em seguida despiu-se. Orr encontrava-se em Roma, devendo regressar naquela tarde do período de licença que conquistara ao lançar o seu avião nas águas ao largo de Génova. Nately devia estar a preparar-se para o substituir, encantado por continuar vivo e sem dúvida impaciente por reatar a infrutuosa e enternecedora corte à sua prostituta romana. Depois de se despir, Yossarian sentou-se no beliche para descansar. Desnudo, sentia-se muito melhor. Na realidade, nunca se sentia confortável vestido. Transcorridos alguns minutos, vestiu umas cuecas lavadas e seguiu para a praia, com sandálias e uma toalha de banho castanha sobre os ombros.

O caminho proveniente da esquadrilha conduziu-o em torno de um misterioso posto armado no bosque, onde três soldados dormiam deitados no interior do círculo formado por sacos de areia e um quarto comia uma romã com dentadas vorazes, o suco avermelhado escorrendo dos cantos da boca. Yossarian continuou em frente; acariciando o estômago de vez em quando, como que para se certificar de que permanecia no seu lugar. De súbito, avistou em ambos os lados do caminho dezenas de cogumelos que a

chuva fizera brotar, os seus dedos nodulosos emergindo da areia húmida como fragmentos de carne sem vida, numa profusão tão necrótica que pareciam proliferar ante os seus olhos. Verificou que se estendiam aos milhares até onde a vista alcançava entre os pinheiros e pareciam avolumar-se e aumentar de tamanho a todo o instante. Afastou-se com um arrepio de alarme tétrico e só abrandou o andamento quando os deixou para trás. Fez então uma pausa e olhou por cima do ombro com apreensão, como se receasse que os sinistros fungos viessem no seu encalço para o absorver ou trepassem às árvores numa massa mutativa avassaladora e irresistível.

A praia estava deserta. Os únicos sons eram abafados – o murmúrio constante da corrente, o leve ondular da vegetação atrás dele e o gemido monótono das ondas translúcidas. A agitação era sempre suave e a água límpida e fresca. Yossarian deixou as suas coisas na areia e avançou até que ficou totalmente imerso. Do outro lado do mar, uma faixa de terra escura achava-se envolta na neblina, quase invisível. Nadou indolentemente até à jangada, apoiou-se-lhe por um momento e retrocedeu até tocar com os pés no fundo. Mergulhou várias vezes na água verdejante e, quando se sentiu limpo e bem lúcido, foi estender-se de bruços na areia e dormiu até que os aviões que regressavam de Bolonha estavam quase sobre ele e o ruído dos motores lhe flagelava os ouvidos como uma manifestação de repulsa.

Acordou com uma leve dor de cabeça e abriu os olhos para um mundo imerso em caos, onde tudo se achava em ordem apropriada. Contemplou com assombro o espectáculo fantástico das doze formações de aparelhos, considerando-o demasiado insólito para corresponder à realidade. Não havia um único com o menor indício da artilharia antiaérea inimiga. Não faltava nenhum, à parte o dele. Por um instante, conservou-se paralisado, com uma sensação de loucura. Por fim, abarcou a situação e quase chorou com a sua ironia. A explicação era simples: a nebulosidade cobrira o alvo antes que o pudessem bombardear, e a missão a Bolonha continuava em aberto.

Enganava-se. Não houvera nebulosidade e fora bombardeada, sem que se registasse reacção de peças antiaéreas, pelo simples facto de que não

existiam.

§

Capítulo décimo quinto PILTCHARD E WREN

Os capitães Piltchard e Wren, inofensivos oficiais de operações do conjunto das esquadilhas, eram indivíduos de maneiras afáveis e falas mansas, que adoravam participar em missões de combate e não exigiam outra coisa da vida e do coronel Cathcart senão a oportunidade de continuar a fazê-lo. Tinham tomado parte em centenas e queriam intervir noutras tantas. Assim, escalavam-se para todas. Até então, nunca lhes acontecera nada de tão maravilhoso como a guerra e receavam que isso jamais se repetisse. Cumpriam o seu dever humilde e reticamente, com um mínimo de aparato, e desenvolviam esforços porfiados para não antagonizar ninguém. Sorriam com prontidão a todos com quem se cruzavam. Quando falavam, murmuravam. Eram astutos, joviais e subservientes e só se sentiam confortáveis juntos, nunca olhando os outros de frente, nem mesmo Yossarian na reunião ao ar livre que convocaram para o admoestar publicamente por obrigar Kid Sampson a retroceder da missão a Bolonha.

– Camaradas – advertiu o capitão Piltchard, que tinha cabelos pretos ralos e exibia um sorriso de embaraço. – Quando retrocederem de uma missão, certifiquem-se de que o fazem por um motivo importante e não por uma questão insignificante... como um intercomunicador avariado... ou algo do género. Entendido? O capitão Wren também se quer pronunciar sobre o assunto.

Este último tossiu discretamente para aclarar a voz e declarou:

– O capitão Piltchard tem razão, amigos. E é só isto o que tenciono dizer a esse respeito. Quando finalmente sobrevoámos Bolonha, hoje, verificámos

que não oferecia o perigo previsto. Acho que estávamos todos um pouco nervosos e não produzimos muitos estragos. Prestem atenção ao seguinte. O coronel Cathcart obteve autorização para que voltássemos lá. Assim, amanhã, vamos mesmo pulverizar aqueles depósitos de munições. Que lhes parece?

E para provar a Yossarian que não lhe guardavam rancor, escalaram-no para tripular o bombardeiro da vanguarda da primeira formação com McWatt, quando voltassem a Bolonha, no dia seguinte. Avançou para o alvo como um Havermeyer, sem se preocupar em tomar qualquer acção evasiva, e, de súbito, viu-se num verdadeiro inferno.

Havia fortes explosões de projecteis em todos os lados. Ele fora embalado, atraído e encurralado e não podia fazer nada além de permanecer ali sentado como um idiota e assistir aos disparos destinados a matá-lo. Não podia fazer nada até que largasse as bombas, além de fixar os olhos na mira, onde os fios do retículo se colavam magneticamente ao alvo, no ponto exacto em que ele os fixara, cruzando-se perfeitamente no fundo do pátio do seu bloco de armazéns camuflados diante da base do primeiro edifício. Ouvia distintamente o cavernoso *boom boom boom boom* dos projecteis em volta e um estampido ocasional mais forte, quando um explodia mais perto. A sua cabeça conhecia um pandemónio de milhares de impulsos dissonantes, enquanto rezava para que as bombas partissem. Apetecia-lhe soluçar. Os motores zumbiam com monotonia, como uma mosca inchada e indolente. Por fim, o alvo situou-se no ponto exacto da mira e as bombas principiaram a ser largadas automaticamente, ao mesmo tempo que o avião ganhava altitude, em virtude da perda de peso. Yossarian torceu levemente o tronco para observar o indicador à sua esquerda. Quando o ponteiro atingiu o zero, fechou as portas do depósito das bombas e gritou para o intercomunicador:

– *Vira completamente à esquerda!*

McWatt actuou de imediato. Com um ruído metálico dos motores, inclinou o aparelho no sentido da asa e afastou-o dos dois projecteis que Yossarian vira irromper do chão na sua direcção. A seguir, indicou a McWatt que

continuasse a ganhar altitude, até que se libertaram do perigo iminente numa zona tranquila de céu limpo. A deslocação do ar fazia estremecer suavemente as janelas cilíndricas e ele descontraíu-se com satisfação, enquanto o avião voltava a aumentar a velocidade, ao mesmo tempo que se apercebia das explosões registadas algumas dezenas de metros abaixo, onde ainda se encontrariam sem a manobra executada com prontidão. Quase em seguida, as bombas começaram a atingir o alvo. A primeira caiu no pátio, exactamente aonde ele apontara, e as restantes do seu avião e dos outros da sua formação deflagraram em diferentes pontos vitais, com vastos clarões alaranjados e fumo negro como o carvão, para desintegrar as entranhas dos depósitos de munições.

– Olha para aquilo – proferiu Aarfy, maravilhado, ao lado de Yossarian, o rosto circular assolado por uma expressão de satisfação. – Devia haver ali um depósito de munições!

– Sai daqui! – bradou Yossarian, que se esquecera dele. – Sai do nariz!

O outro sorriu palidamente e apontou para baixo, num convite generoso para que espreitassem. No entanto, ele começou a dar-lhe palmadas nas costas com insistência e a apontar firmemente para a entrada da passagem.

– Volta lá para trás! Volta lá para trás!

– Não oiço – replicou Aarfy, com um encolher de ombros.

Yossarian segurou-o pelas correias do pára-quedas e começava a arrastá-lo para a passagem quando o aparelho foi sacudido violentamente, o que o levou a pressentir que se podiam considerar todos mortos.

– Sobe! – vociferou para o intercomunicador, quando se certificou de que ainda vivia. – *Sobe, grande bastardo! Sobe, sobe, sobe!*

O avião voltou a ganhar altitude rapidamente, até que ele o estabilizou com novo berro a Mc Watt e fez descrever um desvio abrupto e impiedoso de quarenta e cinco graus que lhe sugou as entranhas e o deixou a flutuar a meio da cabina, antes de estabilizar mais uma vez e principiar a «picar», por entre nuvens de fumo negro. O coração de Yossarian palpitava como um tambor, enquanto os projecteis tornavam a explodir em volta, e, por fim, afundou-se no banco, quase inerte. A transpiração deslizava-lhe do pescoço

em torrentes e propagava-se a todo o corpo. Teve a vaga consciência, por um momento, de que os aparelhos da sua formação já se encontravam nas proximidades e ficou apenas consciente de si próprio. A garganta ardia-lhe em virtude da intensidade sufocante com que se dirigia a McWatt para lhe transmitir instruções. Os motores emitiam um uivo de agonia cada vez que este último mudava de direcção. E, em baixo, as baterias antiaéreas continuavam a vomitar fogo pacientemente, como que persuadidas de que acabariam por abater o avião.

Registou-se de súbito novo solavanco brutal com mais uma explosão, e o nariz do aparelho encheu-se imediatamente de nuvens de fumo azulado. *Havia algo em chamas!* Yossarian voltou-se para se esquivar e colidiu com Aarfy, que acendera um fósforo e o aproximava placidamente do cachimbo, o que o levou a suspeitar de que um dos dois estava louco.

– Com mil diabos! – bradou Yossarian. – Sai do nariz! Endoideceste? Raspa-te daqui!

– O quê?

– Sai daqui! – insistiu, começando a impeli-lo com os punhos. – Sai!

– Continuo a não ouvir nada – retrucou Aarfy inocentemente, com uma expressão de moderada perplexidade. – Tens de falar mais alto.

– Sai do nariz! – uivou Yossarian, dominado pela frustração. – Eles querem matar-nos! Não compreendes? Querem matar-nos!

– Para onde queres que vá? – perguntou McWatt pelo intercomunicador. – Responde, que demónio!

– Vira à esquerda! À *esquerda*, grande filho da mãe! Vira à esquerda *com força!*

Aarfy aproximou-se de Yossarian e exerceu pressão violenta nas costas com o tubo do cachimbo. Este deu um salto com um grito agudo, após o que rodou nos joelhos, branco como um lençol e trémulo de cólera. O outro piscou o olho encorajadoramente e agitou o polegar na direcção de McWatt, com um trejeito humorístico.

– Que mosca lhe mordeu?

– Queres fazer o favor de sair daqui? – volveu Yossarian, empurrando-o com todas as energias, ao mesmo tempo que lhe acudia uma tétrica sensação de distorção. – És surdo? Volta lá para trás! Agacha-te! *Agacha-te!*

Tornaram a encolher-se o mais possível junto do sobrado, enquanto a barragem antiaérea recrudescia, porém Aarfy foi o primeiro a recompor-se e voltou a afundar o tubo do cachimbo nas costas de Yossarian, que deu novo salto, acompanhado do grito agudo.

– Continuo a não ouvir.

– Mandei-te sair daqui! – De repente, Yossarian começou a chorar, socando-lhe o peito com todo o vigor possível. – Afasta-te de mim! Afasta-te!

Tentar socar Aarfy era a mesma coisa que afundar os punhos num saco de borracha cheio de ar. Não se verificava resistência ou qualquer reacção naquela massa suave e insensível, até que Yossarian renunciou ao esforço e baixou os braços, exausto. Sentia-se dominado por uma humilhante noção de impotência e continha-se a custo de se desfazer em lágrimas como uma criança.

– Que disseste? – perguntou Aarfy.

– Afasta-te de mim – articulou Yossarian, agora em tom implorativo. – Volta lá para dentro.

– Continuo a não ouvir.

– Não tem importância. Basta que me deixes em paz.

– O que é que não tem importância?

Principiou a desferir-se palmadas na frente. De súbito, segurou o outro pelo peitilho da camisa e, firmando os pés no sobrado para uma melhor tracção, arastou-o para a retaguarda do compartimento do nariz, onde o impeliu para a entrada da passagem. Um projectil explodiu ruidosamente junto dos seus ouvidos e o resto de sensatez que persistia levou-o a estranhar que não tivesse aniquilado todos. Entretanto, o aparelho tornava a ganhar altitude. Os motores uivavam mais uma vez, como se sofressem, e a atmosfera no pequeno espaço fechado exalava um odor acre resultante da

combinação de algo que ardia com os vapores de gasolina. No instante imediato, principiou a *nevar*!

Milhares de pequenos fragmentos de papel caíam como flocos no interior do avião, envolvendo a cabeça de Yossarian numa massa tão espessa, que se colaram às pálpebras, quando pestanejou de assombro, e ameaçavam introduzir-se-lhe nas narinas e nos lábios cada vez que respirava. No momento em que se voltou, viu Aarfy sorrindo com orgulho de orelha a orelha, como um ser inumano, e agitando um mapa rasgado. Um estilhaço atravessara o sobrado do aparelho e pulverizara o monte de mapas que ele conservava junto do banco.

– Olha para isto! – proferiu, apontando dois dedos ao rosto de Yossarian através dos furos num dos mapas. – Olha para isto!

Yossarian sentia-se estupefacto com o estado quase de êxtase do outro. Aarfy assemelhava-se a um papão sinistro num pesadelo, impossível de afugentar ou evitar, e ele temia-o por uma complexidade de motivos que a confusão lhe impedia de definir. O vento que penetrava pela abertura no sobrado continuava a fazer circular pequenos fragmentos de papel como partículas de alabastro num pesa-papéis e contribuía para a sensação de irrealidade alucinada. Tudo parecia estranho, tenebroso e grotesco. A cabeça latejava com um clamor que lhe flagelava os ouvidos. Era a voz de McWatt, que solicitava instruções num frenesim incoerente. Todavia, Yossarian continuava a contemplar, em fascinação atormentada, o rosto esférico de Aarfy contraído num sorriso sereno através dos fragmentos de papel, e concluía que era um lunático irrecuperável, quando oito projecteis explodiriam sucessivamente do lado direito do aparelho, a seguir mais oito e ainda oito, os últimos desviados para a esquerda, o que indicava que provinham quase directamente da frente.

– Vira à esquerda com força! – rugiu Yossarian, enquanto Aarfy continuava a sorrir, e McWatt obedeceu, porém os projecteis pareceram acompanhar a manobra e ele persistiu a plenos pulmões: – Eu disse *com força, com força, com força, bastardo, com força!*

McWatt fez rodar o aparelho ainda mais e, de repente, ficou fora do alcance da artilharia antiaérea. Os projecteis terminaram. As peças deixaram de os alvejar. E continuavam todos vivos.

Atrás de Yossarian, camaradas seus morriam. Dispostas ao longo de quilómetros, numa linha vulnerável, tortuosa e oscilante, as outras formações de aparelhos efectuavam o mesmo percurso arriscado sobre o alvo, avançando por entre os projecteis disparados de terra como uma ninhada de ratos que se movessem através dos seus próprios excrementos. Um achava-se em chamas e começava a perder altitude, ondulando gigantescamente como uma estrela vermelha monstruosa, para passar a descer em espiral, em círculos cada vez mais apertados, numa verdadeira tocha de fogo e fumo. Surgiram pára-quedas... um, dois, três, quatro... e o avião cobriu mais velozmente a distância que o separava do solo, consumindo-se na sua própria pira, já sem sensibilidade, como uma folha de papel de seda colorido. Toda uma formação de outra esquadrilha fora varrida do espaço.

Yossarian exalou um pesado suspiro, ao reflectir que concluía o seu dia de trabalho. Estava apático e aturdido. Os motores zumbiam melifluamente, enquanto McWatt restituía a estabilidade ao aparelho e desacelerava para que o resto da formação o alcançasse. O silêncio abrupto parecia estranho e artificial, um pouco traiçoeiro. Por fim, Yossarian desabotoou o fato protector de estilhaços e tirou o capacete, ao mesmo tempo que voltava a suspirar com impaciência e fechava os olhos, numa tentativa para se descontraír.

– Onde está Orr? – perguntou alguém repentinamente, através do intercomunicador.

Estremeceu com uma exclamação repleta de ansiedade que proporcionava a única exclamação racional do misterioso fenómeno da barragem antiaérea em Bolonha: *Orr!* Debruçou-se sobre a mira de lançamento das bombas, a fim de procurar através do plexiglas sinais tranquilizadores da presença de Orr, que atraía os projecteis como um íman e decerto fizera toda a Divisão Hermann Goering acudir a Bolonha em menos de vinte e quatro horas de

onde quer que estivesse estacionada na véspera, quando ele ainda se encontrava em Roma. Aarfy precipitou-se também para a frente no instante imediato e atingiu Yossarian no nariz com o rebordo aguçado do capacete de aço, provocando-lhe uma imprecação e o afluxo de lágrimas.

– Lá está ele – murmurou Aarfy em tom lúgubre, apontando dramaticamente para uma carroça carregada de palha e dois cavalos diante do celeiro de uma casa de campo de pedra. – Reduzido a pedaços. Tinha soado a hora de todos.

Yossarian tornou a praguejar e continuou a procurar com ansiedade, agora assolado por uma espécie de medo glacial pela sorte do pequeno e bizarro companheiro de tenda de dentes salientes, que rachara a frente de Appleby com uma raqueta de pingue-pongue e voltava a assustá-lo. Finalmente, avistou o bimotor no momento em que se deslocava do fundo verdejante para um campo cultivado. Um dos hélices emitia uma longa coluna de fumo e estava imobilizado, porém o aparelho conservava a altitude e deslocava-se num rumo definido. Yossarian murmurou uma oração de graças inconscientemente e em seguida foi dominado por profunda indignação.

– O bastardo! – rugiu. – O grandessíssimo e alternadíssimo filho da mãe de cara vermelha e dentes saídos!

– Hem? – articulou Aarfy.

– O grandessíssimo, alternadíssimo e alucinado filho da mãe de dentes saídos!

– Hem?

– *Não interessa!*

– Continuo a não ouvir.

Yossarian voltou-se metodicamente, com lentidão, para o encarar e disparou:

– Cretino.

– Eu?

– Grandessíssimo e alternadíssimo cretino, complacente, insignificante...

Todavia, Aarfy não se mostrava impressionado. Com a maior serenidade, acendeu um fósforo e pôs-se a chupar o cachimbo com um ar eloquente de

benigna e magnânima indulgência. A seguir, exibiu um sorriso e abriu a boca para falar, mas Yossarian cobriu-a com a mão e exerceu pressão, com um gesto de cansaço. Depois, fechou os olhos e fingiu que dormia durante todo o percurso de regresso, para não ter de o ouvir ou ver.

Na sala de informação, apresentou o relatório da missão ao capitão Black e aguardou com ansiedade, como todos os outros, até que Orr começou a sobrevoar a esquadilha, apenas com um motor. Ninguém se atrevia a respirar. O trem de aterragem não obedecia ao comando. Yossarian conservou-se no local apenas até ao momento em que Orr efectuou a aterragem de emergência sem novidade, após o que se meteu no primeiro jipe que encontrou com a chave na ignição e seguiu velozmente para a sua tenda, a fim de principiar a pôr de parte os artigos necessários para o período de repouso de emergência que decidira gozar em Roma, onde se reuniu a Luciana e à sua cicatriz invisível na mesma noite.

§

Capítulo décimo sexto LUCIANA

Foi encontrá-la sentada a uma mesa do clube nocturno dos oficiais aliados, onde o major ANZAC¹¹ a levava e cometera a estupidez de a deixar, trocando-a pela companhia de uns sórdidos camaradas cantantes no bar.

– Está bem, vou dançar contigo – disse ela, antes que Yossarian tivesse ensejo de falar. – Mas não te deixo dormir comigo.

– Não te pedi nada.

– Não queres dormir comigo? – perguntou, surpreendida.

– Não quero é dançar contigo.

Pegou na mão dele e puxou-o para a pista de baile. Embora ainda dançasse pior do que Yossarian, entregava-se ao ritmo do *jitterbug*¹² com maior prazer do que ele jamais observara, até que sentiu as pernas adormecerem de tédio e arrastou-a para a mesa, onde a rapariga com a qual devia ter ido fornicar continuava sentada com um braço em torno do pescoço de Aarfy e a blusa de seda desabotoada muito abaixo do *soutien*, ao mesmo tempo que sustentava uma conversa sexual obscena com Huple, Orr, Kid Sampson e Joe Faminto. Pouco antes de a alcançar, Luciana aplicou-lhe um vigoroso e inesperado empurrão que levou ambos para além da mesa, pelo que continuaram sós. Era uma rapariga alta, algo grosseira e exuberante, de cabelos compridos, rosto atraente e busto generoso e provocante.

– Está bem – decidiu com despreendimento. – Deixo-te convidar-me para jantar, mas não para dormir comigo.

– Não te pedi nada – retrucou Yossarian, como se a ideia nem lhe tivesse passado pela cabeça.

– Não queres dormir comigo?

– Não quero é convidar-te para jantar.

Ela levou-o para a rua e depois por uma escada estreita descendente de acesso a um restaurante do mercado negro, cheio de raparigas excitantes e excitadas que pareciam conhecer-se todas, acompanhadas pelos algo embaraçados oficiais de diferentes países que tinham chegado sem elas. A comida era requintada e dispendiosa e as passagens entre as mesas apresentavam-se repletas de corados e satisfeitos proprietários, todos nutridos e calvos. A atmosfera regurgitava de vagas enormes e absorventes de alegria e calor humano.

Yossarian verificou, divertido, que Luciana o ignorava por completo, enquanto devorava a refeição com um entusiasmo indisfarçável. Comeu como uma pantera faminta, até que o último prato ficou completamente limpo, após o que pousou o talher com ares de conclusão e reclinou-se indolentemente na cadeira, exibindo uma expressão sonhadora e congestionada de gula saciada. Em seguida, suspirou profundamente, com um sorriso, e contemplou o companheiro através de uma expressão de ternura quase vítrea.

– Muito bem, Joe – sussurrou, em inflexão rouca. – Agora, já podes dormir comigo.

– Chamo-me Yossarian.

– Muito bem, Yossarian – volveu, em tom de desculpa. – Agora, já podes dormir comigo.

– Não te pedi nada.

– Não queres dormir comigo? – inquiriu, estupefacta.

Ele inclinou a cabeça com veemência, rindo, e enfiou a mão por baixo do vestido, o que a fez regressar à realidade com um estremecimento. Desviou as pernas instantaneamente, ao mesmo tempo que fazia rodar o posterior e, corando de alarme e embaraço, puxou a saia para baixo, enquanto olhava em volta apreensivamente.

– Agora, já podes dormir comigo – esclareceu com indulgência –, mas não aqui.

– Eu sei. Quando formos para o meu quarto.

Sacudiu a cabeça e olhou-o com desconfiança, conservando os joelhos unidos.

– Não, agora tenho de ir para casa, porque a minha mãe não gosta que dance com militares ou aceite convites para jantar e ficava fula se não me visse chegar a horas decentes. Mas podes escrever num papel onde moras e, de manhã, passarei por lá para nos entretermos um pouco antes de ir trabalhar no escritório francês. *Capisci?*

– Bardamerda! – exclamou Yossarian, furiosamente desapontado.

– *Cosa vuol dire* bardamerda? – perguntou ela, com uma expressão de perplexidade.

Ele soltou uma ruidosa e longa gargalhada, até que explicou bem-humorado:

– Quer dizer que me apetece acompanhar-te imediatamente onde raio tenho de te levar, para poder regressar sem demora ao clube nocturno antes que Aarfy bata asas com a maravilhosa pêssega que engatou sem me conceder a oportunidade de perguntar por uma tia ou amiga que ela deve ter e parece sua irmã gémea.

– *Come?*

– *Subito, subito* – indicou com ternura. – Tens a mamã à espera, lembra-te?

– *Si, si, la mamma.*

Deixou-a conduzi-lo sob a bela noite primaveril romana ao longo de cerca de dois quilómetros, até que alcançaram uma caótica estação de autocarros inundada de ruídos de buzinas, luzes vermelhas e amarelas e exclamações e imprecações de motoristas necessitados urgentemente de visitar a barbearia, que se increpavam com agressividade e não excluía os passageiros das manifestações exuberantes, e grupos de peões despreocupados que os ignoravam até que os veículos colidiam com eles e juntavam então as suas vozes ao coro de improperios. Luciana desapareceu no interior de um dos

pequenos transportes verdes, e Yossarian regressou o mais depressa possível ao cabaré onde se encontrava a loura de blusa desabotoada abaixo da linha do *soutien*. Parecia concentrada em Aarfy, no entanto ele rezava intimamente pela sensual tia enquanto corria ou por uma não menos sensual amiga, irmã, prima ou mãe igualmente provocante e depravada. Uma qualquer sostra debochada, ordinária, amoral e apetitosa lhe serviria, pois corresponderia àquilo que desejara durante meses. Era um autêntico achado. Pagava as bebidas que consumia e possuía automóvel, um apartamento e um anel cor de salmão, que deixava Joe Faminto transtornado, com as figuras esculpidas de um rapaz e uma rapariga desnudos num baloiço. Joe Faminto fungava, resfolegava e escavava o chão com os pés, dominado por desejo enlouquecedor, porém a rapariga não o queria vender, embora ele lhe oferecesse todo o dinheiro que tinha na algibeira e a complexa máquina fotográfica. Não estava interessada em dinheiro ou máquinas fotográficas. Apenas na fornicção.

Quando Yossarian chegou, ela já se retirara. Na verdade, já haviam saído todos e ele afastou-se, para percorrer as ruas desertas e escuras com uma sensação de pesar e abandono. Não costumava sentir-se só quando não dispunha de companhia, mas era o que lhe acontecia agora, e invejava Aarfy, que naquele momento devia estar na cama com a rapariga ideal para Yossarian e podia fazer amor as vezes que quisesse, *se quisesse*, com qualquer ou ambas as mulheres esbeltas, estonteantes e aristocráticas que moravam no apartamento por cima e decoravam as suas fantasias sexuais sempre que lhe acudiam – a bela e rica condessa de cabelos negros e lábios vermelhos, húmidos e nervosos, e a sua bela e rica nora de cabelos negros. Yossarian estava loucamente enamorado de todas elas, enquanto regressava ao apartamento dos oficiais – de Luciana, da rapariga de blusa de seda aberta até abaixo da linha do *soutien*, da bela e rica condessa de cabelos negros e da nora bela e rica de cabelos negros, nenhuma das quais permitiria jamais que lhe tocasse com a ponta do dedo. Simpatizavam nitidamente com Nately e toleravam passivamente Aarfy, mas consideravam Yossarian louco e esquivavam-se com desdém sempre que

tentava apalpá-las quando se cruzavam na escada. Eram criaturas soberbas, com línguas carnudas, brilhantes e pontiagudas e bocas como ameixas redondas e apetitosas, um pouco doces e pegajosas e algo podres. Além disso, tinham classe: não estava muito seguro da natureza da classe, mas sabia que não lhes faltava e ele não a possuía, pormenor de que se achavam plenamente conscientes. Podia imaginar o género de roupa interior que usavam em contacto com as regiões mais excitantes – artigos diáfanos, translúcidos, suaves, aderentes, de um negro profundo ou pastel fosforescente, rendados e embebidos num perfume suave e inebriante que se desprendia em nuvens irresistíveis. Voltou a desejar encontrar-se no lugar de Aarfy, imerso na prática de actividades obscenas, brutais e estonteantes com uma prostituta embriagada succulenta que não se preocupava com ele e não tornaria a dedicar-lhe um único segundo dos seus pensamentos.

No entanto, Aarfy já regressara ao apartamento quando Yossarian chegou e este olhou-o com a mesma sensação de assombro persistente de que sofrera naquela manhã sobre Bolonha, ante a sua maligna, cabalística e irremovível presença no nariz do avião.

– Que fazes aqui? – inquiriu.

– Isso, pergunta-lhe! – acudiu Joe Faminto, encolerizado. – Obriga-o a dizer o que faz aqui!

Com um gemido teatral prolongado, Kid Sampson imitou uma pistola com o indicador e o polegar e fez saltar os miolos. Huple, que movia as mandíbulas para triturar uma pastilha elástica, abarcava a cena em silêncio, com uma expressão de indiferença no rosto de quinze anos. Por seu turno, Aarfy sacudia o cachimbo na palma da mão com desprendimento, enquanto se movia em vaivém, claramente satisfeito com a agitação que provocava.

– Não levaste aquela rapariga a casa? – quis saber Yossarian.

– Claro que levei – replicou Aarfy. – Julgavas que a deixava ir sozinha?

– Não te deixou ficar com ela?

– De facto, queria que ficasse – admitiu, com uma risada seca. – Não te preocupes cá com o rapaz. No entanto, eu podia abusar da moça, só porque tinha bebido de mais. Por quem me tomas?

– Ninguém falou em abusar. A única coisa que ela pretendia era ir para a cama com alguém. Pelo menos, fartou-se de o deixar transparecer.

– Estava confusa, mas conversámos um pouco e consegui que escutasse a voz da razão.

– Grande bastardo! – bradou Yossarian, afundando-se no divã ao lado de Kid Sampson. – Porque não a passaste a um de nós, se não a querias?

– Vêem? – interpôs Joe Faminto. – Há qualquer coisa nele que não funciona bem.

Yossarian aquiesceu com uma inclinação de cabeça e contemplou Aarfy com curiosidade,

– Diz-me uma coisa. Nunca montas nenhuma?

– Não te apoquentes com isso. – O interpelado deu uma gargalhada petulante. – Monto as que me apeteçam, mas nunca as miúdas decentes. Sei quais devo preferir para isso. Esta pertencia a essa categoria. Via-se que era de boas famílias e tinha dinheiro. Até a convenci a atirar aquele anel pela janela fora do carro.

– Convenceste a *quê*? – gritou Joe Faminto, dando um salto, acompanhado de um uivo de dor intolerável. – Convenceste a *quê*? – Pôs-se a socar os ombros e braços de Aarfy com os dois punhos, prestes a romper em lágrimas. – Eu devia *matar-te* por isso, bastardo imundo. És um *pecador*! Tens uma mente pervertida! Não é verdade que tem uma mente pervertida?

– Pervertidíssima – concordou Yossarian.

– De que estão vocês para aí a falar? – retorquiu Aarfy, perplexo, esquivando-se à agressão. – Pára lá com isso, Joe – solicitou com um sorriso forçado. – Acaba com os socos.

Todavia, Joe Faminto não parou até que Yossarian o puxou para o seu quarto. Em seguida, recolheu ao seu, despiu-se e meteu-se na cama. No segundo imediato, amanhecera e alguém o sacudia.

– Porque me estás a acordar? – balbuciou, estremunhado. Era Micaela, a criada magra, sempre bem-disposta, que o acordava porque alguém perguntava por ele no corredor. *Luciana!* Yossarian julgou que sonhava, e ficou só com ela no quarto, logo que Micaela se retirou, adorável, vigorosa

e escultural, exuberante de vitalidade afectuosa, embora permanecesse imóvel e o fitasse com animosidade. Assemelhava-se a um colosso feminino juvenil, com as magníficas pernas colunares afastadas, apoiadas em sapatos brancos de saltos tipo estilete, envolta num admirável vestido verde e agitando uma carteira de cabedal, com que o atingiu no rosto no momento em que Yossarian saltou da cama para se aproximar. Acto contínuo, tomou a precaução de se colocar fora do alcance do foco de agressividade, ao mesmo tempo que levava a mão à face maltratada, com uma expressão de incredulidade.

– Porco! – vociferou ela, enquanto as narinas flamejavam de profundo desdém. – *Vive com'un animale!*

Com um grunhido de repulsa, atravessou o quarto e abriu a janela, para permitir a entrada dos raios solares intensos na atmosfera viciada, como um tónico balsâmico. A seguir, pousou a carteira numa cadeira e principiou a estabelecer um pouco de ordem no ambiente, levantando as coisas dispersas pelo chão, guardando a roupa suja numa gaveta da cómoda e pendurando as calças e a camisa no armário.

Yossarian precipitou-se para a casa de banho, para lavar a boca, mãos e rosto e pentear-se. Quando regressou ao quarto, a arrumação podia considerar-se impecável e Luciana estava quase despida, com uma expressão descontraída. Por fim, colocou os brincos sobre a mesa-de-cabeceira e encaminhou-se para a cama, usando apenas uma combinação de *rayon* rosa que terminava abruptamente na parte inicial das coxas. Lançou um olhar prudente em volta, para se certificar de que não descurara nada, afastou o cobertor e deitou-se voluptuosamente com uma expressão de expectativa felina.

– Agora – anunciou num murmúrio, estendendo os braços convidativamente. – Agora, vou deixar-te dormir comigo.

Contou algumas mentiras acerca de um único fim-de-semana na cama com um noivo do Exército italiano mais tarde morto em combate, que se revelaram verdadeiras, pois gritou «*Finito!*» quase no momento em que

Yossarian principiava e estranhou que ele não parasse, até que terminou e lhe explicou o motivo.

Em seguida, Yossarian acendeu cigarros para ambos. Luciana mostrava-se encantada com o bronzeado que lhe cobria todo o corpo e ele mantinha-se intrigado com a combinação rosa que ela conservava vestida. Fora cortada como uma camisola interior de homem, com alças estreitas, e dissimulava a cicatriz invisível nas costas que se recusou a mostrar-lhe depois de a obrigar a revelar o que havia aí. Ficou tensa como o aço inoxidável no momento em que Yossarian fez deslizar o dedo ao longo dos contornos mutilados, da extremidade da omoplata quase até à base da coluna vertebral. Ele estremeceu ante a descrição das numerosas noites que ela permanecera no hospital, sob a acção de sedativos ou contorcendo-se com dores, com os ubíquos e inextirpáveis odores de éter, matéria fecal e desinfectante, de carne humana mortificada e em putrefacção entre os uniformes brancos, sapatos de sola de borracha e luzes nocturnas sinistras que se mantinham acesas até à alvorada nos corredores. Fora ferida durante um bombardeamento aéreo.

– *Dove?* – perguntou Yossarian, e conteve o alento com ansiedade.

– *Napoli.*

– Alemães?

– *Americani.*

Sentiu o coração contrair-se e ficou apaixonado, perguntando-se se queria casar com ele.

– *Tu sei pazzo* – foi a resposta, com uma risada divertida.

– Sou louco porquê?

– *Perchè non posso sposare.*

– Não podes casar porquê?

– Porque não sou virgem.

– Que tem uma coisa a ver com a outra?

– Quem casaria comigo? Ninguém quer uma rapariga que não é virgem.

– Quero eu. Estou disposto a casar contigo.

– *Ma non posso sposarti.*

– Não podes casar comigo porquê?
– *Perchè sei passo.*
– Sou louco porquê?
– *Perchè vuoi sposarmi.*
– Ele enrugou a fronte, impressionado com a lógica dela.
– Não queres casar comigo porque sou louco e dizes que sou louco porque quero casar contigo? É isso?
– *Si.*
– *Tu sei pazz!*
– *Perchè?* – vociferou ela, indignada, os invejáveis seios roliços elevando-se e descendo sob a combinação rosa, ao mesmo tempo que se soerguia. – Porque sou louca?
– Porque não queres casar comigo.
– *Stupido!* – exclamou, desferindo-lhe uma palmada no peito. – *Non posso sposarti! Non capisci? Non posso sposarti!*
– Claro que compreendo. E porque é que não podes casar comigo?
– *Perchè sei pazzo!*
– E porque é que sou louco?
– *Perchè vuoi sposarmi.*
– Porque quero casar contigo. *Carina, ti amo* – explicou Yossarian, fazendo-a reclinar-se de novo na almofada. – *Ti amo molto.*
– *Tu sei pazzo* – murmurou ela, lisonjeada.
– *Perchè?*
– Porque dizes que me amas. Como podes amar uma rapariga que não é virgem?
– Porque não posso casar contigo.
– Não podes casar comigo porquê? – bradou, tornando a soerguer-se, preparada para lhe aplicar nova palmada se a resposta a satisfizesse. – Só porque não sou virgem?
– Não, não, querida. Porque *és* louca.
Olhou-o com ressentimento por uns instantes e acabou por tornar a reclinar-se, com uma gargalhada divertida. Quando parou de rir, observou-o

com aprovação, enquanto os tecidos sensíveis e excitantes das faces morenas pareciam tornar-se ainda mais escuros e florescer solenemente com uma infusão de sangue e os olhos assumiam um clarão vítreo. Ele apagou os cigarros de ambos e viravam-se um para o outro em silêncio para se beijar, quando Joe Faminto entrou sem bater para perguntar se Yossarian o queria acompanhar à procura de raparigas. No entanto, conseguiu deter-se ao vê-los e desaparecer com prontidão. Yossarian saltou da cama ainda mais depressa e gritou a Luciana que se vestisse, ante a perplexidade desta. Fê-la levantar com um puxão violento e impeliu-a para a cadeira onde depositara a roupa, após o que correu para a porta, a fim de a fechar com brusquidão, no momento em que Joe Faminto reaparecia com a máquina fotográfica. Este último ainda logrou introduzir a perna e recusou-se a retirá-la.

– Deixa-me entrar! – rogou com ansiedade, contorcendo-se maniacamente. – Deixa-me entrar! – Parou de se debater por um momento para fitar Yossarian através da nesga, com um sorriso que decerto supunha convincente. – Eu não sou Joe Faminto – explicou gravemente. – Eu sou fotógrafo da revista *Life*. Publico fotografia enorme na capa. Tornar-te importante astro de Hollywood. *Multi dinero. Multi divórcios. Multi* engates ao longo de todo o dia. *Si, si, si!*

Yossarian conseguiu fechar a porta quando Joe Faminto retrocedeu um pouco para tentar fotografar Luciana vestindo-se. Em seguida, atacou a barreira de madeira com fanatismo, recuou para reorganizar as energias e voltou a investir, enquanto Yossarian se vestia e Luciana acabava de enfiar o vestido e segurava a saia acima da cintura. Ele soltou um gemido de pesar ao ver que se preparava para desaparecer definitivamente no interior das cuecas. Num movimento impulsivo, estendeu o braço e puxou-a pela perna que acabava de levantar, o que a fez cambalear para a frente e colar-se-lhe. Yossarian beijou-lhe as orelhas e os olhos fechados romanticamente e friccionou os hemisférios acima das coxas. Luciana principiou a emitir exclamações suaves de prazer segundos antes de Joe Faminto se lançar contra a porta numa derradeira arremetida que quase os derrubou. Yossarian apressou-se a repelir a rapariga, ao mesmo tempo que lhe recomendava:

– *Vite! Vite!* Acaba de te vestir!

– Que diabo estás para aí a dizer?

– Depressa! Depressa! Não entendes inglês? Acaba de te vestir, depressa!

– *Stupido!* – redarguiu ela. – *Vite é francês e não italiano. Subito, subito!* É isso que queres dizer. – *Subito!*

– *Si, si.* É isso que quero dizer. *Subito, subito!*

– *Si, si* – repetiu, colaboradora, e correu a buscar os sapatos e os brincos.

Entretanto, Joe Faminto suspendera o assalto para tirar fotografias através da porta fechada. Yossarian ouvia o estalido do obturador distintamente. Quando ele e Luciana estavam vestidos, aguardou a carga seguinte e abriu a porta com brusquidão. Joe Faminto precipitou-se no quarto como uma rã com dificuldades respiratórias e Yossarian contornou-o, acompanhado por Luciana, para alcançar o corredor. Desceram a escada ruidosamente, rindo com gosto e fazendo colidir as cabeças hilariantes cada vez que se detinham para recobrar o fôlego. Perto do átrio, cruzaram-se com Nately e pararam de rir, ante o seu aspecto. Com efeito, apresentava-se acabrunhado, sujo e com a camisa amarrotada e a gravata puxada para o lado. Conservava as mãos afundadas nas algibeiras e exibia uma expressão desolada.

– Que te aconteceu, rapaz? – perguntou Yossarian, impressionado.

– Estou outra vez sem cheta – replicou Nately, com um pálido sorriso. – Que hei-de fazer?

Yossarian não fazia a menor ideia. O outro consumira o último dia e meio à razão de vinte dólares por hora e não lhe restava um centímo do vencimento ou da mesada substancial que o abastado e generoso pai lhe enviava pontualmente, o que significava que não poderia passar mais tempo com a prostituta que adorava, a qual não permitia que caminhasse a seu lado, enquanto percorria os passeios tentando captar as atenções de outros militares, e se enfurecia quando via que a espiava de longe. Podia frequentar o apartamento dela, se quisesse, mas não lhe garantia que a encontraria lá. E não lhe concederia nada, a menos que pudesse pagar, pois considerava as actividades sexuais destituídas de interesse. Nately pretendia a garantia de que não iria para a cama com alguém menos recomendável ou

seu conhecido. O capitão Black insistia em procurá-la, sempre que visitava Roma, só para o poder atormentar com a informação de que possuía a sua querida e desfrutava ao vê-lo contorcer-se de amargura enquanto descrevia as indignidades atrozes a que a obrigara a submeter-se.

Embora se sentisse enternecida com o ar melancólico de Nately, Luciana não pôde evitar uma gargalhada quando imergiu na rua soalheira com Yossarian e ouviu Joe Faminto suplicar-lhes da janela que voltassem para cima e se despissem, porque era na realidade fotógrafo da revista *Life*. Ela voltou-lhe as costas, divertida, e afastou-se em passos firmes nos sapatos brancos de saltos tipo estilete, com Yossarian a seu lado e os mesmos movimentos de sensualidade subtil que revelara na véspera e em todos os momentos desde então. Ele rodeou-lhe a cintura com o braço até que alcançaram a esquina, onde Luciana se desprende, para ajeitar o cabelo e aplicar *bâton*, com o auxílio de um pequeno espelho que tirou da carteira.

– Porque não me pedes que te deixe escrever o meu nome e morada num pedaço de papel, para que me possas localizar quando voltares a Roma? – sugeriu.

– Porque não me deixas escrever o teu nome e morada num pedaço de papel?

– Para quê? – perguntou em tom beligerante, franzindo os lábios e exibindo um clarão agressivo nos olhos. – Para rasgares em mil pedaços, mal vire as costas?

– Quem é que o vai rasgar? – protestou Yossarian, confuso. – Que estás para aí a dizer?

– Tu – insistiu ela. – Rasga-lo em mil pedaços mal vire as costas e ficas inchado de vaidade porque uma moça alta, jovem e bonita como eu, Luciana, te deixou dormir com ela e não exigiu dinheiro.

– Quanto exiges?

– *Stupido!* – vociferou, exaltada. – Não exijo absolutamente nada! – Bateu o pé com vigor e levantou o braço num gesto turbulento que fez Yossarian recear nova agressão no rosto com a carteira. Ao invés, ela escreveu o nome e morada num pedaço de papel e estendeu-lho. – Aqui tens – murmurou

com um esgar sardónico, mordendo os lábios para dominar o leve tremor. – Não te esqueças. Não te esqueças de o rasgar em mil pedaços, mal vire as costas.

Em seguida, sorriu serenamente, apertou-lhe a mão e, com um «*Addio*» de pesar quase inaudível, comprimiu o corpo ao dele por um momento, antes de se afastar com dignidade e graciosidade inconscientes.

Mal virou as costas, Yossarian rasgou o papel em mil pedaços e partiu no sentido oposto, inchado de vaidade porque uma moça alta, jovem e bonita como Luciana o deixara dormir com ele e não exigira dinheiro. Na verdade, achava-se satisfeito consigo próprio, até que ergueu a cabeça na sala de jantar do edifício da Cruz Vermelha e se viu a tomar o pequeno-almoço com numerosas dezenas de militares com uniformes fantásticos de todas as espécies e, de súbito, descobriu-se rodeado por imagens de Luciana, que se despia e vestia e o excitava tempestuosamente com a combinação rosa que se recusava a largar. Yossarian engasgou-se com a torrada e os ovos mexidos ante a enormidade do seu erro ao rasgar os longos, flexíveis, desnudos e jovens membros em mil pedaços de papel, que lançara na sarjeta. Embora lhe custasse a crer, já tinha saudades dela. Havia demasiada gente à sua volta e sentia o desejo ardente de voltar em breve a estar só com Luciana, o que o fez levantar-se impestuosamente da mesa e correr para o local onde deitara fora os pedaços de papel. Verificou, porém, que tinham sido arrastados pela água da brigada da limpeza.

Não conseguiu encontrá-la no clube nocturno dos oficiais aliados, naquela noite, nem no ambiente trepidante e hedonista do restaurante do mercado negro, com a sua abundância de manjares requintados e raparigas elegantes e atraentes. Na realidade, nem conseguiu localizar o restaurante. Quando se deitou, tornou a esquivar-se às peças antiaéreas de Bolonha em sonho, com Aarfy debruçado abominavelmente sobre o seu ombro, o rosto circular dominado por um esgar sarcástico. De manhã, procurou Luciana em todos os escritórios franceses que descobriu, mas ninguém sabia a quem se referia, após o que correu aterrorizado, tão angustiado, desorientado e confuso que experimentou a necessidade de estar com alguém e dirigiu-se

ao apartamento dos subalternos em busca da criada de cuecas amarelas, que encontrou no quarto de Snowden, no quinto andar, entretida a limpar o pó, de camisola de malha justa ao busto e saia preta. Snowden ainda vivia então, e Yossarian apercebeu-se de que era o quarto dele em virtude do nome traçado a branco no saco de lona azul em que tropeçou, no momento em que se precipitou para ela através da porta aberta, num frenesim de desespero criativo. A mulher segurou-o pelos pulsos antes que caísse e acomodou-o em cima dela, ao mesmo tempo que se instalava na cama e o envolvia hospitaleiramente no seu flácido e consolador abraço, com o espanador numa das mãos como um estandarte, enquanto o rosto congenitamente grosseiro o contemplava com um sorriso de cordialidade isenta de preconceitos. Registou-se um estalido seco no instante em que fez deslizar as cuecas amarelas ao longo das pernas sem necessidade de ele mudar de posição.

No final, Yossarian colocou-lhe algum dinheiro na mão e ela abraçou-o com gratidão. Ele retribuiu o abraço e ela voltou a abraçá-lo e a puxá-lo para cima de si na cama. Ele colocou-lhe mais dinheiro na mão quando terminaram e abandonou o quarto apressadamente antes que ela tornasse a manifestar gratidão. No seu apartamento, reuniu as suas coisas com a maior prontidão possível, deixou a Nately todo o dinheiro que lhe restava e regressou imediatamente a Pianosa no avião de abastecimento, a fim de pedir desculpa a Joe Faminto por não o deixar entrar no quarto. No entanto, as desculpas eram desnecessárias, porque o foi encontrar eufórico. Na realidade, sorria de orelha a orelha e Yossarian arrepiou-se, pois compreendeu instantaneamente o motivo da sua satisfação.

– Quarenta missões – anunciou Joe Faminto em inflexão lírica de alívio e entusiasmo. – O coronel voltou a aumentar o número.

– Mas já tenho trinta e duas! – bradou Yossarian. – Mais três e ficava despachado.

– O coronel exige quarenta missões – persistiu o outro, com um encolher de ombros de indiferença.

Yossarian não quis ouvir mais nada e seguiu directamente para o hospital.

[11](#) Militar das tropas expedicionárias da Austrália e Nova Zelândia. *(N. do T.)*

[12](#) Dança particularmente movimentada em voga nos anos quarenta. *(N. do T.)*

§

Capítulo décimo sétimo O MILITAR DE BRANCO

Yossarian seguiu directamente para o hospital, disposto a permanecer lá para sempre, a fim de não participar nem em mais uma missão além das trinta e duas que tinha. Transcorridos dez dias, mudou de ideias e abandonou-o, mas o coronel elevou o mínimo para quarenta e cinco e ele regressou ao hospital, disposto a permanecer lá para sempre, a fim de não participar nem em mais uma missão, além das seis suplementares que acabava de cumprir.

Podia baixar ao hospital sempre que quisesse por causa do fígado e dos olhos: os médicos não conseguiam estabilizar o funcionamento do primeiro, nem enfrentar os segundos cada vez que proclamava que sofria do fígado. Sentia-se bem internado, desde que não houvesse ninguém realmente muito doente na mesma enfermaria. O seu sistema era bastante vigoroso para sobreviver a um caso de malária ou gripe de outrem sem praticamente o menor desconforto. Podia resistir a qualquer tonsilotomia sem experimentar a mínima perturbação pós-operatória e até suportar as hérnias e hemorróidas dos companheiros com ausência quase absoluta de náusea ou repulsa. Mas isso representava o máximo a que conseguia resistir sem adoecer. A partir daí, sentia-se inclinado para bater em retirada. Podia descontraí-lo e repousar à vontade no hospital, porque ninguém esperava que trabalhasse. A única coisa que esperavam dele num hospital era que morresse ou melhorasse, e como se encontrava perfeitamente bem, melhorar resultava fácil.

Estar no hospital era preferível a sobrevoar Bolonha ou Avinhão, com Huple e Dobbs nos comandos e Snowden, moribundo, na retaguarda.

Havia menos doentes internados do que os que ele via cá fora e, em regra, ainda menos internados gravemente doentes. Registava-se um índice de mortalidade mais baixo no hospital do que cá fora e muito mais saudável. Poucas pessoas morriam sem necessidade. Estavam muito mais bem informadas acerca de morrer no hospital e faziam-no de uma forma mais limpa e ordeira. Embora não conseguissem dominar a morte no interior do hospital, obrigavam-na a portar-se bem. Tinham-lhe ensinado boas maneiras. Não a podiam impedir de entrar, mas enquanto se encontrasse lá devia comportar-se como uma senhora. As pessoas entregavam a alma com delicadeza e bom gosto, no hospital. Não se verificava a ostentação cruel e hedionda que predominava nas mortes ocorridas no exterior. Não explodiam no espaço, como Kraft ou o morto na tenda de Yossarian, ou ficavam congelados até à morte em pleno Verão, como acontecera a Snowden, depois de revelar o seu segredo a Yossarian na retaguarda do avião.

– Tenho frio – murmurara Snowden. – Tenho frio.

– Então, então – tentara Yossarian confortá-lo. – Então, então.

Não se dissipavam no interior de uma nuvem, como sucedera a Clevinger. Não explodiam em sangue e matéria fragmentada. Não se afogavam ou eram atingidos por relâmpagos, triturados por projecteis antiaéreos ou esmagados contra encostas de montanhas. Não eram abatidos a tiro em assaltos, estrangulados em violações, esfaqueados em bares, trucidados por pais ou filhos com machados ou vítimas de algum acto de Deus. Ninguém se asfixiava até à morte. As pessoas sangravam até à última gota como cavalheiros numa sala de operações ou expiravam sem comentários numa tenda de oxigénio. Não havia nada que se parecesse com a situação ilusória de agora-vês-me-agora-não-me-vês tão em voga no exterior do hospital, ou agora-sou-e-agora-não-sou. Não havia situações de fome ou inundações. As crianças não sufocavam em berços ou frigoríficos ou eram atropeladas por camiões. Ninguém era espancado até à morte. As pessoas não introduziam a

cabeça em fornos com o gás ligado, saltavam para a linha do metropolitano ou irrompiam, como pesos mortos, de janelas de hotéis, animados de uma aceleração média de dez metros por segundo para pousarem no passeio com um som sinistro e expirarem abjectamente em público, como uma saca cheia de gelado de morango.

Ponderados todos os factores, Yossarian preferia com frequência o hospital, embora tivesse os seus óbices. O serviço manifestava tendência para o rigor oficial, o regulamento, quando cumprido, revelava-se penoso e a gerência implacável. Como existiam fortes possibilidades, na realidade inevitáveis, de haver doentes presentes, ele não podia contar sempre com companheiros de enfermaria jovens e buliçosos, pelo que o entretenimento era, por vezes, menos satisfatório. Via-se forçado a reconhecer que o ambiente hospitalar se alterara nitidamente para pior à medida que a guerra prosseguia e uma pessoa ficava cada vez mais perto da frente de combate, a deterioração da qualidade dos hóspedes mais marcada dentro da zona de combate propriamente dita, onde os efeitos das condições de guerra se tornavam notadas imediatamente. As pessoas ficavam cada vez mais doentes com a aproximação do combate, até que, finalmente, naquela última vez, no hospital, houvera o militar de branco, que não podia estar mais doente sem passar à condição de morto, o que não tardou a acontecer.

O militar de branco achava-se inteiramente construído de gaze, gesso e um termómetro, e este último constituía meramente um adorno equilibrado na abertura escura sobre a boca ao princípio da manhã e ao fim do dia pelas enfermeiras Cramer e Duckett, até à tarde em que a primeira leu a temperatura e descobriu que ele estava morto. Agora que recordava o episódio, Yossarian convencia-se de que fora a enfermeira Cramer e não o texano que falava pelos cotovelos quem assassinara o militar de branco. Se ela não tivesse lido a temperatura e comunicado o que descobrira, ele continuaria ali deitado vivo, exactamente como acontecia desde a sua chegada, envolto da cabeça aos pés em gesso e gaze, com as pernas suspensas por meio de pesos de chumbo e os braços fixados na perpendicular, também engessados e inúteis. Imobilizado daquela maneira,

talvez não se pudesse considerar muito vivo, mas era toda a vida de que dispunha, e a enfermeira Cramer não tinha o mínimo direito de lhe pôr termo.

O militar de branco assemelhava-se a um enorme rolo de ligaduras com um buraco ou um bloco de pedra quebrado num cais com um tubo de zinco. Os outros pacientes da enfermaria, à excepção do texano, evitavam-no com uma aversão de ternura desde o momento em que o tinham visto pela primeira vez, na manhã após a noite em que fora introduzido furtivamente na enfermaria. Reuniam-se no canto mais afastado da sala e trocavam comentários em murmúrios maliciosos e ofensivos, revoltando-se contra a sua presença como uma imposição inadmissível e enojados com a verdade nauseabunda de que ele representava uma recordação afrontosa. Compartilhavam o temor colectivo de que começasse a gemer.

– Não sei o que farei, se o tipo se puser a gemer – observou o jovem piloto de bigode louro. – Significará que também generá de noite, porque não poderá ver as horas.

No entanto, o militar de branco não emitiu o mínimo som durante toda a permanência na enfermaria. A abertura sobre a boca era profunda e negra, sem deixar transparecer o menor indício de lábios, dentes, palato ou língua. O único que jamais se aproximou o suficiente para espreitar foi o afável texano, que o fazia várias vezes ao dia para discorrer sobre mais votos para as pessoas decentes e encetava todas as conversas com a mesma e invariável saudação: «Então, rapaz, como vai isso?» Os outros conservavam-se à distância e especulavam com melancolia sobre a identidade do militar de branco, a razão pela qual se encontrava ali e o seu aspecto por dentro da carapaça de gesso e gaze.

– É um camarada fixe, acreditem – asseverava o texano, em tom encorajador, depois de cada visita social. – No fundo, é um fulano porreiro. Sente-se simplesmente um pouco acanhado e inseguro porque não conhece ninguém e não pode falar. Porque não vão ter com ele e se apresentam? Garanto-lhes que não morde.

– Que estás para aí a dizer? – retrucou Dunbar. – Ele percebe sequer de que lhe falas?

– Com certeza. Não é estúpido. Não tem nada de anormal.

– Pode ouvir-te?

– Bem, isso não sei, mas tenho a certeza de que me entende.

– Aquele buraco sobre a boca move-se alguma vez?

– Que parvoíce de pergunta é essa? – inquiriu o texano, com uma ponta de embaraço.

– Como sabes que ele respira, se nunca se move?

– Como sabes que é um homem?

– Tem pensos nos olhos por baixo das ligaduras da cara?

– Alguma vez mexe os dedos dos pés ou as pontas das mãos?

– Que pergunta tão parva! – bradou, confuso. – Desconfio que estão todos doidos. Porque não vão falar-lhe? É um tipo porreiro, palavra.

O militar de branco parecia mais uma múmia embalsamada e esterilizada do que um tipo porreiro. As enfermeiras Duckett e Cramer cumulavam-no de atenções. Costumavam raspar as ligaduras com uma escova de pêlo forte e lavar o gesso com água e sabão. Servindo-se de um esfregão de palha-d'ação, poliam meticulosamente o tubo de zinco que partia do chão em direcção à virilha e recorriam a toalhas de loiça humedecidas para limpar os diversos tubos de borracha, várias vezes ao dia. Na realidade, elas orgulhavam-se daquela tarefa doméstica quotidiana. A mais solícita era a enfermeira Cramer, uma rapariga bonita, bem torneada e assexuada, com nariz pequeno e uma abundante percentagem de sardas nas faces, que Yossarian detestava. Mostrava-se profundamente impressionada com o militar de branco e os olhos azuis aguados marejavam-se com frequência, o que o enfurecia.

– Como sabe você sequer que ele está aí dentro? – perguntou, certa ocasião.

– Não lhe permito que me fale assim! – foi a réplica indignada.

– Nem sequer sabe se é ele.

– Quem?

– Quem quer que esteja dentro de todas aquelas ligaduras. É muito possível que você chore por outra pessoa. Como sabe que está vivo?

– Que coisa horrível de dizer! – exclamou a enfermeira Cramer. – Meta-se na cama e pare com os comentários inadmissíveis acerca dele.

– Não são comentários inadmissíveis. Pode estar qualquer pessoa lá dentro. Até pode ser Mudd.

– Que quer dizer? – perguntou em voz trémula.

– Talvez seja aí que está o morto.

– Qual morto?

– Tenho um morto na minha tenda que ninguém consegue tirar de lá. Chama-se Mudd.

Empalideceu e voltou-se desesperadamente para Dunbar em busca de auxílio.

– Diga-lhe que pare de dizer coisas dessas.

– Talvez não haja ninguém dentro – sugeriu o interpelado. – São capazes de ter mandado para cá o gesso e as ligaduras para nos gozar.

– Está doido – balbuciou ela, recuando, alarmada. – Estão ambos doidos.

A enfermeira Duckett fez a sua aparição naquele momento e obrigou-os a meterem-se nas respectivas camas, enquanto a colega procedia à troca dos recipientes colocados nas extremidades dos tubos do militar de branco. A operação não envolvia a menor dificuldade, porquanto o mesmo fluido incolor era introduzido nele repetidamente sem qualquer desperdício aparente. Quando o recipiente que alimentava o interior do cotovelo estava quase vazio, o do chão achava-se quase cheio, pelo que eram simplesmente desligados do sistema e trocados com rapidez, para que o líquido voltasse a circular. A operação não envolvia de facto a menor dificuldade, mas os outros pacientes que a presenciavam não podiam deixar de se sentir intrigados com a sua finalidade.

– Porque não ligam os dois recipientes directamente e eliminam o intermediário? – estranhou o capitão de artilharia com o qual Yossarian deixara de jogar xadrez. – Para que diabo precisam dele?

– Gostava de saber o que fez para merecer aquilo – disse o subtenente que sofria de malária e mordedura de mosquito no posterior, quando a enfermeira Cramer leu o termómetro e descobriu que o militar de branco morrera.

– Participou na guerra – conjecturou o piloto de bigode louro.

– Todos nós participamos na guerra – contrapôs Dunbar.

– É a isso que me refiro – volveu o subtenente com malária. – Porquê ele? Não descortino a mínima lógica neste sistema de recompensas e castigos. Vejam o que me aconteceu. Se tivesse apanhado uma camada de sífilis ou um esquentamento pelos meus cinco minutos de paixão na praia em vez da maldita mordedura de mosquito, compreendia a justiça, da situação. Mas malária? *Malária?* Quem a pode explicar como consequência de fornicção?

– Então, e eu? – acudiu Yossarian. – Uma noite, saí da minha tenda em Marraquexe para comprar uma *tablette* de chocolate e apanhei o teu esquentamento, quando uma WAC que nunca tinha visto mais gorda me levou para os arbustos. Embora só estivesse interessado no chocolate, não me podia fazer caro.

– Sim, isso parece o meu esquentamento – admitiu o subtenente. – Mas, mesmo assim, ainda tenho a malária de alguém. Nem que fosse uma única vez na vida, gostava que as coisas se desenrolassem como deve ser e cada um apanhasse exactamente o que merece. Aumentava a minha confiança no universo.

– Eu tenho trezentos mil dólares de alguém – anunciou o jovem capitão-aviador de bigode louro. – Desvio-me do caminho acertado praticamente desde que nasci. Atravessei o liceu e a universidade cabulando como um desesperado e quase a única coisa que tenho feito desde então é ir para a cama com moças jeitosas convencidas de que eu daria um bom marido. Depois da guerra, espero casar com uma que tenha mais dinheiro do que eu e continuar a ir para a cama com moças jeitosas. Os trezentos mil dólares foram-me deixados antes de nascer por um avô que enriqueceu vendendo lavagem para porcos à escala internacional. Sei que não os mereço, mas

macacos me mordam se os devolvo. Gostava de saber a quem competem realmente.

– Talvez a meu pai – aventou Dunbar. – Passou a vida a trabalhar como um mouro e nunca conseguiu juntar dinheiro suficiente para me mandar e à minha irmã para a universidade. No entanto, como já morreu, podes guardar os trezentos mil dólares.

– Agora, se conseguirmos descobrir a quem pertence a minha malária, acabam-se-nos as preocupações. Não é que eu tenha alguma coisa contra a malária, pois prefiro suportá-la a qualquer outra coisa. Mas estou convencido de que houve uma injustiça. Porque hei-de aguentar a malária de outro e tu o meu esquentamento?

– Não é só o teu esquentamento – salientou Yossarian. – Tenho de continuar a participar em missões de combate até que me matem por causa do teu mal-estar.

– Isso ainda agrava mais a situação. Onde está a justiça?

– Eu tinha um amigo chamado Clevinger, há duas semanas e meia, que achava isso muito justo.

– Não há justiça mais acertada – asseverara Clevinger, batendo as palmas com uma risada divertida. – Não posso deixar de pensar no *Hipólito* de Eurípedes, em que a libertinagem primitiva de Teseu é provavelmente responsável pelo ascetismo do filho causador da tragédia que destruiu todos. Se não tivesse outro mérito, esse teu episódio com a WAC devia ensinar-te o que existe de maligno na imoralidade sexual.

– Ensina-me é o que existe de maligno num pau de chocolate.

– Não compreendes que não estás positivamente isento de culpa da situação em que te encontras? Se não baixasses ao hospital com uma doença venérea durante dez dias, em África, podias ter completado as vinte e cinco missões a tempo de regressares aos Estados Unidos antes de o coronel Nevers ser morto e substituído por Cathcart.

– E tu? – replicara Yossarian. – Não apanhaste nenhum esquentamento em Marraquexe e estás na mesma situação.

– Não sei – concedera Clevinger, com uma ponta de preocupação simulada. – Devo ter cometido alguma acção censurável.

– Estás mesmo convencido disso?

– Claro que não. Era só para te irritar.

Havia numerosos perigos que Yossarian necessitava de enfrentar. Hitler, Mussolini e Tojo, por exemplo, todos empenhados em matá-lo. Havia também o tenente Scheisskopf, com o seu fanatismo pelas paradas, e o coronel de bigode enorme, não menos interessados em o eliminar do número dos vivos. E Appleby, Havermeyer, Black e Korn. E as enfermeiras Cramer e Duckett, sem dúvida igualmente desejosas de que abandonasse este mundo, além do texano e do homem do CID. E empregados de bar, assentadores de tijolos e condutores de autocarros espalhados pelo mundo, juntamente com senhorios e locatários, traidores e patriotas, linchadores, libertinos e lacaios sedentos do seu sangue. Fora esse o segredo que Snowden lhe revelara na missão a Avinhão – queriam matá-lo – e desbobinara todo o seu rosário na cauda do avião.

Havia glândulas linfáticas capazes de o vitimar. Assim como rins, revestimentos de nervos e corpúsculos. E tumores cerebrais, além da doença de Hodgkin, leucemia e esclerose lateral amiotrófica. Havia áreas vermelhas férteis de tecido epitelial para captar, acarinhar e desenvolver uma célula cancerígena. Doenças da pele, dos ossos, dos pulmões, do estômago, do coração, sangue e artérias. Enfermidades da cabeça, da coluna, do peito, dos intestinos, da virilha. Até havia moléstias dos pés. E milhares de milhões de células do corpo conscientes de que desperdiçavam oxigénio, dia e noite, como animais obtusos, na sua faina complicada para o manter vivo e saudável, cada uma das quais era um traidor e inimigo potencial. Havia tantas doenças que se tornava necessária uma mente verdadeiramente enferma só para pensar nelas com a frequência com que ele e Joe Faminto o faziam.

Este último colecionava listas de doenças fatais e dispunha-as por ordem alfabética, para localizar sem dificuldade aquela com que pretendia preocupar-se. Angustiava-se profundamente sempre que perdia alguma ou

quando não podia aumentar a lista, o que o levava a procurar o Dr. Daneeka, banhado em suor.

– Dê-lhe o tumor de Ewing – recomendou, certa vez, Yossarian ao médico, que costumava consultá-lo para que o aconselhasse sobre a melhor maneira de enfrentar Joe Faminto –, e acrescente-lhe melanoma. Ele gosta de doenças prolongadas, mas ainda aprecia mais as de efeito fulminante.

– Como consegue estar a par de tantas moléstias? – redarguiu o Dr. Daneeka, que desconhecia as duas acabadas de mencionar.

– Elucido-me no hospital, quando leio o *Reader's Digest*.

Yossarian tinha tantos achaques a recear que por vezes se sentia tentado a ficar no hospital a título definitivo e passar o resto da vida deitado numa tenda de oxigénio, com um batalhão de especialistas e enfermeiras sentados junto da sua cama vinte e quatro horas por dia, à espera de que algo corresse mal, para um deles puxar de um bisturi e começar a cortar no momento apropriado. Os aneurismas, por exemplo: de que outro modo o poderiam defender a tempo de um aneurisma na aorta? Na verdade, Yossarian sentia-se muito mais seguro dentro do que fora do hospital, embora nunca tivesse detestado tanto ninguém como o cirurgião e o seu bisturi. No hospital, podia pôr-se a gritar para que acudisse alguém disposto a valer-lhe; cá fora, encerrá-lo-iam na prisão se principiasse aos gritos ou tratariam de o internar no hospital. Uma das coisas contra as quais pretendia gritar era o bisturi do cirurgião que, quase sem margem para dúvidas, o aguardava e a todos os que vivessem o tempo suficiente para morrer. Por vezes, perguntava-se como reconheceria o primeiro calafrio, estremecimento, dor, espirro, arroto, letargia, divagação verbal, perda de equilíbrio ou falta de memória que assinalariam o inevitável princípio do não menos inevitável fim.

Também receava que o Dr. Daneeka continuasse a negar-se a ajudá-lo, quando voltou a procurá-lo depois de abandonar o gabinete do major Major, e não se equivocava.

– Julga que tem motivos para estar com medo? – inquiriu, descolando o queixo do peito para o fitar com irascibilidade. – Então, eu? A minha

preciosa perícia médica cobre-se de ferrugem nesta ilha imunda, enquanto colegas meus levam uma vida regalada. Julga que me diverte passar os dias aqui sentado, negando-me a ajudá-lo? Não me importava tanto de recusar valer-lhe nos Estados Unidos ou num lugar qualquer como Roma. Mas dizer-lhe que não aqui, não me é agradável.

– Então, pare de dizer que não. Autorize-me a não voltar a participar em missões.

– Não posso. Quantas vezes tenho de lho explicar?

– Pode, sim. O major Major garantiu-me que o senhor era a única pessoa na esquadilha com possibilidades de o fazer.

– Ele disse isso? – estranhou, estupefacto. – Quando?

– Quando colidimos na vala.

– Ele disse isso? Numa vala?

– Disse no seu gabinete, depois de sairmos da vala e saltarmos para dentro. Recomendou-me que não o divulgasse. Portanto, não comece a badalar por aí.

– O grande mentiroso! Ele não devia falar nisso a ninguém. Explicou como eu o podia autorizar a não participar nas missões?

– Limitando-se a escrever num papel que eu estava à beira de um colapso nervoso e enviando-o ao grupo. O doutor Stubbs farta-se de o fazer na sua esquadilha. Não percebo porque o senhor não lhe segue o exemplo.

– E que acontece aos homens, depois de ele assinar a autorização? – argumentou Daneeka, com um esgar malicioso. – Regressam à situação de candidatos a combatentes. É claro que o posso impedir de participar em mais missões escrevendo a informação conveniente num papel. Mas há um artil.

– O Artigo Vinte e Dois?

– Exacto. Para o retirar do pessoal combatente, o grupo tem de aprovar a minha decisão, o que nunca fará. Voltam a colocá-lo na situação de candidato a combatente, e que me acontecerá então? O mais certo é despacharem-me para o oceano Pacífico. Não, muito obrigado. Não vou arriscar a pele por sua causa.

– Não merece a pena tentar? – sugeriu Yossarian. – Que encontra de especial em Pianosa?

– É uma ilha horrível, sem dúvida, mas muito melhor que o oceano Pacífico. Não me importava de ser transferido para um lugar civilizado, onde pudesse ganhar uns cobres por fora em abortos, mas no Pacífico só há selvas e monções. Portanto, preferia apodrecer aqui.

– *Já* está a apodrecer aqui.

– Acha? Pelo menos, vou safar-me desta guerra vivo, ao contrário do que se passará consigo.

– É precisamente o que tento fazer-lhe compreender. Peco-lhe que me salve a vida.

– A minha missão não consiste em salvar vidas.

– Então, em quê?

– Não sei. A única coisa que me recomendaram foi que tivesse sempre presente a ética da minha profissão e nunca testemunhasse contra um colega. Pensa que é o único com a vida em perigo? Então, e eu? Aqueles dois curandeiros que trabalham para mim na tenda médica não conseguem descobrir o que tenho.

– Talvez seja um caso de tumor de Ewing – aventurou Yossarian, com sarcasmo.

– Parece-lhe? – balbuciou Daneeka, apavorado.

– Bem, não sei. A única coisa certa é que não tenciono participar em mais missões de combate. Decerto não me fuzilam. Já completei cinquenta e uma.

– Porque não espera pelas cinquenta e cinco para tomar uma posição? – sugeriu. – De qualquer modo, graças aos seus estratagemas, nunca completou uma série.

– Como quer que complete se o coronel não pára de aumentar o número cada vez que me aproximo do fim?

– E nunca completou, porque baixa ao hospital ou segue para Roma. Encontrava-se numa situação muito mais animadora se tivesse completado

as cinquenta e cinco e recusasse voar. Então, talvez eu pudesse fazer alguma coisa.

– Promete?

– Prometo.

– O que promete?

– Que talvez pense numa maneira de o ajudar se completar as cinquenta e cinco missões e convencer McWatt a incluir o meu nome na lista dos tripulantes mais uma vez, para que me abonem o subsídio de voo sem ter de pôr os pés num avião. Metem-me medo. Inteirou-se daquele que se despenhou em Idaho, há três semanas? Seis pessoas mortas. Foi horrível. Não percebo porque querem que voe quatro horas por mês para me pagarem o subsídio. Não tenho porventura preocupações suficientes sem precisar de me apoquentar com a perspectiva de perder a vida no despenhamento de um avião?

– Também me apoquento com o despenhamento de aviões – afirmou Yossarian. – O senhor não é o único.

– Pois sim, mas não me apoquento menos com o tumor de Ewing – vangloriou-se o médico. – Será por isso que tenho o nariz entupido constantemente e arrepios de frio? Tome-me o pulso.

Yossarian também se apoquentava com o tumor de Ewing e o melanoma. As catástrofes emboscavam-se em todos os cantos, demasiado numerosas para se poderem contar. Quando contemplava as numerosas doenças e acidentes potenciais que o ameaçavam, ficava abismado por ter sobrevivido com boa saúde durante tanto tempo. Era simplesmente miraculoso. Cada novo dia que surgia constituía mais uma missão perigosa contra a mortalidade. E havia vinte e oito anos que conseguia sobreviver-lhes.

§

Capítulo décimo oitavo O MILITAR QUE VIA TUDO A DOBRAR

Yossarian devia a sua boa saúde ao exercício, ao ar puro, ao trabalho de equipa e ao bom desportivismo, e fora para se esquivar a tudo isso que descobrira o hospital. Quando o oficial de educação física do Campo Lowery ordenou que destroçassem para a calistenia, o soldado raso Yossarian, ao invés, apresentou-se no dispensário, com uma dor no lado direito.

– Põe-te a andar – indicou o médico de serviço, concentrado num problema de palavras cruzadas.

– Não o podemos mandar pôr-se a andar – acudiu um cabo. – Saiu uma nova directiva acerca das afecções abdominais. Temos de manter o paciente em observação durante cinco dias, porque morreram muitos depois de os mandarmos porem-se a andar.

– Está bem – resmungou o médico. – Mantenham-no em observação durante cinco dias e depois que se ponha a andar.

Despiram Yossarian e levaram-no para uma enfermaria, onde se sentia feliz quando ninguém das proximidades roncava. De manhã, um interno inglês jovem e solícito assomou à entrada para lhe perguntar pelo fígado.

– Desconfio que é o apêndice que me incomoda – esclareceu Yossarian.

– O apêndice não serve – advertiu o outro, em tom autoritário revestido de pedantismo. – Se estiver inflamado, podemos extraí-lo e você regressa ao activo sem demora. Mas se se queixar do fígado, pode iludir-nos durante semanas. O fígado representa um vasto e hediondo mistério, para nós. Se alguma vez comeu fígado frito, compreende o que quero dizer. Os estudos

mais recentes permitem-nos concluir que ele existe de facto e fazer uma ideia geral da sua acção, quando funciona devidamente. Para além disso, ainda navegamos nas trevas. No fundo, o que é um fígado? O meu pai, por exemplo, morreu de cancro no fígado e não esteve doente uma única vez até ao momento em que isso o matou. Nunca tinha sentido a mínima dor. Até certo ponto, não fiquei muito contente, porque não o podia ver. Manifestava um apetite sexual voraz pela minha mãe, sabe.

– Que faz um médico inglês aqui?

– Amanhã explico-lhe, quando vier observá-lo – declarou, com uma risada. – E largue esse saco de gelo, antes que morra de pneumonia.

Yossarian não o tornou a ver. Era uma das coisas agradáveis acerca de todos os médicos dos hospitais: os pacientes nunca os viam segunda vez. Entravam, saíam e desapareciam para sempre. Em lugar do interno inglês, no dia seguinte apareceu um grupo de médicos que ele nunca vira, que lhe perguntaram pelo apêndice.

– Não tenho nada no apêndice – informou ele. – O médico de ontem disse que se tratava do fígado.

– Talvez seja o fígado – admitiu o oficial de cabelos brancos que chefiava o grupo. – Que indica a contagem dos glóbulos vermelhos?

– Não foi feita nenhuma.

– Então, tratem disso imediatamente. Não podemos correr riscos com um paciente nesta condição. Temos de nos proteger, para a eventualidade de morrer. – Inscreveu algumas palavras na pequena prancheta aos pés da cama e dirigiu-se a Yossarian. – Entretanto, não largues o saco de gelo. Lembra-te desta importante recomendação.

– Não tenho saco de gelo.

– Então, pede-o. Tem de haver um por aí, algures. E se a dor se tornar insuportável, previne.

Transcorridos dez dias, outro grupo de médicos procurou Yossarian com más notícias: estava de perfeita saúde e tinham de lhe dar alta. Foi salvo no momento crítico por um paciente na correnteza de camas em frente, que

começou a ver tudo a dobrar. Sem aviso prévio, sentou-se na cama e bradou:

– Vejo tudo a dobrar!

Uma enfermeira soltou um uivo de pavor e um servente desmaiou, enquanto acudiam médicos de todos os lados, munidos de seringas, lanternas, martelos de borracha e pequenas tinas metálicas, além de um carro carregado de instrumentos. Não havia espaço suficiente em torno do paciente para se instalarem, pelo que houve necessidade de se colocarem em fila, pois o contingente aumentou com a incorporação de alguns especialistas, ouvindo-se protestos de impaciência provenientes dos retardatários, receosos de que não existisse nada de interessante para observar quando chegasse a sua vez. Um coronel de fronte larga e óculos de aros de tartaruga não tardou a elaborar um diagnóstico.

– Só pode ser meningite – declarou em tom enfático, fazendo sinal aos outros para que retrocedessem –, embora não exista nenhuma razão de peso que o indique.

– Nesse caso, porque optou pela meningite? – quis saber um major, com um leve sorriso. – Porque não nos contentamos com nefrite aguda?

– Porque sou especialista de meningites e não de nefrites agudas. E garanto que não vou ceder a famintos de rins como vocês sem luta renhida. Aliás, fui o primeiro a aparecer.

Por fim, chegaram a um consenso. Admitiram que não faziam a menor ideia do que sofria o militar que via tudo a dobrar e levaram-no para um quarto particular ao fundo do corredor, ao mesmo tempo que colocavam todos os outros ocupantes da enfermaria em situação de quarentena.

O Dia de Acção de Graças¹³ chegou e terminou sem problemas, enquanto Yossarian continuava no hospital. O único inconveniente foi o peru ao jantar, e mesmo assim estava muito saboroso. Foi o Dia de Acção de Graças mais racional da sua vida, e ele prometeu a si próprio passar todos os futuros na atmosfera tranquila de um hospital. Faltou à promessa logo no ano seguinte, pois passou-o num quarto de hotel, entretido em diálogo intelectual com a mulher do tenente Scheisskopf, que envergava o uniforme

de Dons Duz para o efeito e admoestou maliciosamente Yossarian por se revelar cínico e pouco respeitador do Dia de Acção de Graças, embora ela também não fosse uma crente fanática.

– Talvez seja tão ateia como tu – especulou, condescendente. – Apesar disso, penso que todos temos muitas coisas pelas quais nos mostremos gratos, e não devemos envergonhar-nos de o demonstrar.

– Indica uma coisa pela qual me deva mostrar grato – desafiou ele, sem interesse especial.

– Bem... – A mulher do tenente Scheisskopf pareceu cismar por um momento. – Eu, por exemplo.

– Deixa-te de brincadeiras.

– Não te sentes grato por minha causa? – inquiriu, arqueando as sobrancelhas. – Não sou obrigada a ir para a cama contigo, como sabes – proclamou com dignidade glacial. – O meu marido tem todo um esquadrão cheio de cadetes da aviação que deliravam por poderem ir para a cama com a mulher do seu comandante, só para enaltecerem o ego.

Yossarian decidiu mudar de assunto.

– Estás a mudar de assunto – acusou diplomaticamente. – Aposto que sou capaz de mencionar duas coisas que me entristecem por cada uma que te alegra.

– Mostra-te grato por me possuíres – insistiu ela.

– E estou, podes crer, mas também me entristece o facto de não poder voltar a possuir Doris Duz. Ou as centenas de outras raparigas que verei e desejarei na minha breve vida e não poderei levar para a cama.

– Mostra-te grato por teres saúde.

– E amargurado por não a ter eternamente.

– Mostra-te grato por estares vivo.

– E *furioso* por ter de morrer.

– As coisas podiam ser muito piores.

– E muitíssimo melhores – afirmou ele, acalorado.

– Só indicas uma coisa – protestou ela. – Disseste que indicarias duas por cada uma das minhas.

– E não me venhas com a fábula de que Deus escreve direito por linhas tortas. Não vejo o que há de extraordinário nisso. Quanto a mim, não escreve absolutamente nada. Entretém-se a brincar. Ou então esqueceu-se de nós por completo. É desse tipo de Deus que vocês falam: um rústico simplório, um campónio desajeitado, desmiolado e presumido. Que reverência se pode sentir por um ser supremo que considera necessário incluir fenómenos como o flegma e a cárie dentária no Seu sistema de criação divina? Que confusão lhe invadia os miolos quando privou do poder pessoas veneráveis e idosas para controlar os seus movimentos? Por que carga de água criou a dor?

– A dor? – repetiu a mulher do tenente Scheisskopf, pegando na palavra vitoriosamente. – A dor é um sintoma útil. Uma advertência dos perigos do corpo.

– E quem criou os perigos? – Yossarian soltou uma risada cáustica. – Não haja dúvida de que se mostrou caritativo quando nos concedeu a dor! Porque não se serviu antes de uma campainha de porta para nos prevenir ou de um dos seus coros celestiais? Ou de um sistema de tubos de néon azuis e vermelhos colocados no meio da testa de cada pessoa? Qualquer fabricante de máquinas de discos que se preza faria melhor. Porque não Ele?

– Não te parece que as pessoas ficavam ridículas com luzes coloridas na testa?

– Achas que têm melhor aspecto contorcendo-se com dores ou tornadas estúpidas com morfina? Que colossal e imortal trapalhão! Quando consideramos a oportunidade e poder de que dispôs para efectuar um trabalho excelente e vemos com o que se saiu, a Sua incompetência é quase inacreditável. Nota-se bem que nunca teve de trabalhar para ganhar a vida. Nenhum homem de negócios digno desse nome incluiria um trapalhão desses na sua folha de salários, nem mesmo para pacote!

A mulher do tenente Scheisskopf empalidecera de incredulidade e fitava-o com uma expressão de alarme.

– Não te aconselho a falares assim d’Ele, querido – advertiu numa inflexão suave e hostil. – Pode castigar-te.

– Não me está já a castigar? Não podemos permitir que se safe. Não, senhor! Não podemos permitir que se safe com toda a amargura que nos causou. Um dia, hei-de obrigá-Lo a pagar tudo junto. E sei quando. No dia do Juízo Final. Sim, nessa altura estarei suficientemente perto para agarrar aquele labrego pelo pescoço...

– Cala-te! Cala-te! – bradou a mulher do tenente Scheisskopf, batendo-lhe com os punhos na cabeça. – Pára com isso!

Yossarian refugiou-se atrás do braço levantado, enquanto ela continuava a dar livre curso à fúria feminina durante uns segundos, até que lhe segurou os pulsos com firmeza e obrigou-a a reclinar-se na cama.

– Por que diabo estás tão abespinhada? – perguntou, divertido. – Julgava que não acreditavas em Deus.

– E não acredito – soluçou ela. – Mas o Deus no qual não acredito é bondoso, justo, misericordioso e não o homem estúpido e mal-intencionado que tu pintas.

– Muito bem. – Ele soltou-lhe os pulsos e deu uma gargalhada. – Vamos instaurar um pouco mais de liberdade religiosa entre nós. Tu não acreditas no Deus que quiseses e eu não acredito no Deus que quiser. Combinado?

Era o Dia de Acção de Graças mais ilógico de que conseguia recordar-se, e os seus pensamentos regressaram com nostalgia à alciónica quarentena de catorze dias no hospital, no ano anterior. No entanto, esse idílio também terminara com uma nota trágica: continuava de boa saúde no final da quarentena e anunciaram-lhe que ia ter alta e devia voltar para a guerra. Quando ouviu a má notícia, sentou-se na cama e vociferou:

– Vejo tudo a dobrar!

Tornou a estabelecer-se pandemónio na enfermaria. Os especialistas acudiram aceleradamente de todos os lados e envolveram-no num círculo de escrutínio tão apertado, que Yossarian notava o alento húmido das diferentes entranhas incidindo desconfortavelmente em cada centímetro quadrado do seu corpo. Esquadrinharam-lhe os olhos e os ouvidos com focos luminosos de largura milimétrica, atacaram-lhe as pernas e os pés com martelos de borracha e forquetas vibratórias, extraíram-lhe sangue das

veias e mostraram-lhe diversos objectos para ver na periferia do seu campo visual.

O chefe da equipa de médicos era um indivíduo de aspecto digno e solícito, que ergueu um dedo diante do nariz de Yossarian e perguntou:

– Quantos dedos vês?

– Dois.

– E agora? – volveu, mostrando dois.

– Dois.

– E agora? – Desta vez, não mostrou nenhum.

– Dois – persistiu Yossarian.

O semblante do médico alterou-se num largo sorriso.

– Com a breca! – exclamou, radiante. – Ele vê de facto tudo a dobrar!

Transferiram Yossarian para uma maca e levaram-no para o quarto onde se encontrava o outro militar que via tudo a dobrar, após o que colocaram os restantes ocupantes da enfermaria em regime de quarentena por mais catorze dias.

– Vejo tudo a dobrar! – bradou o militar que via tudo a dobrar, quando introduziram Yossarian no quarto.

– Vejo tudo a dobrar! – redarguiu este último no mesmo tom, piscando o olho.

– As paredes! As paredes! Afastem as paredes!

– As paredes! As paredes! Afastem as paredes!

Um dos médicos fingiu que empurrava uma das paredes e perguntou, solícito:

– Está bem assim?

O militar que via tudo a dobrar assentiu com uma inclinação de cabeça e afundou-a no travesseiro, enquanto Yossarian o imitava, contemplando-o com profunda humildade e admiração. Não lhe restavam dúvidas de que se achava em presença de um mestre. O seu talentoso companheiro de quarto merecia obviamente ser estudado e emulado. Durante a noite, o talentoso companheiro de quarto morreu e ele decidiu que não merecia a pena seguir-lhe o exemplo àquele extremo.

– Vejo tudo a dobrar! – apressou-se a gritar.

Acudiu novo grupo de especialistas, acompanhados de toda a bateria de instrumentos, e o chefe apressou-se a perguntar:

– Quantos dedos vês? – E ergueu um.

– Um.

– E agora? – Mostrou dois.

– Um.

– E agora? – Exibiu três.

– Um.

Voltou-se para os colegas, com uma expressão de assombro.

– Só vê uma coisa! Conseguimos que melhorasse muito!

– E não era sem tempo – anunciou o médico com o qual Yossarian se encontrou a sós a seguir, um homem constituído como um torpedo, com as faces por barbear e um maço de cigarros no bolso do peito da bata branca, que fumava sem interrupção, encostado à parede. – Estão lá fora uns familiares para te ver. Não te preocupes – acrescentou, com uma risada. – Não são familiares teus. É a mãe, pai e irmão do fulano que morreu. Viajaram todo o dia desde Nova Iorque para ver um militar moribundo e tu és o único disponível que temos.

– Que história vem a ser essa? – retorquiu Yossarian, desconfiado. – Não estou moribundo.

– Claro que estás. Todos estamos. Para onde diabo julgas que caminhamos?

– Não vieram para me ver – objectou. – Vieram para ver o filho.

– Têm de se contentar com o que houver. Pela parte que nos toca, um rapaz moribundo é igual a qualquer outro. Para um cientista, todos os moribundos são iguais. Quero apresentar-te uma proposta. Deixa-los entrar para te verem por uns minutos e não digo a ninguém que mentiste acerca dos sintomas do fígado.

– Está ao corrente disso? – articulou Yossarian, encolhendo-se.

– Com certeza. Não somos tapados de todo. – O médico sorriu cordialmente e acendeu novo cigarro. – Como queres que alguém acredite

que sofres do fígado, se apalpas as tetas das enfermeiras sempre que se te depara uma oportunidade? Tens de abdicar do sexo, se queres convencer as pessoas de uma doença dessas.

– É um preço levado da breca só para continuar vivo. Porque não me denunciou, se sabia isso?

– Para quê? – retrucou, admirado. – Estamos todos envolvidos neste negócio da ilusão. Nunca recuso ajudar um companheiro de conspiração a sobreviver, se concorda em me pagar na mesma moeda. Essas pessoas vieram de muito longe e eu não gostava de as desapontar. No fundo, sou um sentimentalista.

– Mas vieram ver o filho.

– Chegaram demasiado tarde. Talvez nem notem a diferença.

– E se começarem a chorar?

– É provavelmente o que farão. Foi, aliás, uma das razões por que vieram. Ficarei à escuta do outro lado da porta e tratarei de intervir se as coisas se complicarem.

– Parece-me uma insensatez – observou Yossarian. – Afinal, porque querem ver o filho morrer?

– Nunca consegui compreender isso – admitiu o médico –, mas é como reagem sempre. Então, que dizes? A única coisa que tens de fazer é conservar-te quieto por uns minutos e morrer um pouco. Achas que é pedir muito?

– Está bem, se for só por uns minutos e prometer ficar à escuta. – Yossarian começou a entusiasmar-se com a ideia. – Porque não me aplica umas ligaduras, para criar ambiente?

– Tens razão. Bem pensado.

Envolveram-no em ligaduras e uma equipa de serventes instalou estores castanhos em cada uma das duas janelas e baixou-os para mergulhar o quarto numa penumbra deprimente. Yossarian sugeriu flores e o médico incumbiu um servente de ir buscar um pequeno ramo que exalava um odor pungente e enjoativo. Quando estava tudo em ordem, mandaram entrar os visitantes.

Surgiram em passos hesitantes, como se pensassem que incomodavam, em bicos dos pés e com expressões de humilde desculpa nos olhos, primeiro a mãe e o pai e a seguir o irmão, um marinheiro de ombros largos e semblante granítico. O homem e a mulher avançavam em atitudes rígidas, lado a lado, como se surgissem de um daguerreótipo de aniversário familiar, embora esotérico, da parede. Eram ambos baixos, mirrados e altivos. Pareciam feitos de ferro e tecido velho preto. A mulher tinha rosto oval alongado e bronzeado, com cabelos pretos de indícios grisalhos severamente separados ao meio e penteados para trás com austeridade, sem qualquer ornamentação. A boca era flácida e os lábios comprimidos e estreitos. O marido conservava-se empertigado e embaraçado num fato escuro demasiado apertado. Era corpulento e musculoso a uma escala reduzida e exibia um bigode grisalho irrepreensível no rosto contraído. Tinha olhos congestionados e húmidos e parecia tragicamente constrangido, de chapéu na mão calejada. A pobreza e trabalho árduo haviam produzido estragos indelévels nos dois. Por seu turno, o filho parecia que procurava um pretexto para lutar com alguém. O barrete branco achava-se equilibrado na cabeça com uma inclinação insolente, cerrava os punhos e movia os olhos por tudo o que havia no quarto com a fronte enrugada numa expressão truculenta.

O trio adiantou-se com timidez, conservando-se junto, como numa tentativa para se apoiarem mutuamente, num cortejo fúnebre, até que se encontraram junto da cama e fixaram os olhos em Yossarian. Seguiu-se um silêncio sinistro e excruciante que ameaçava prolongar-se eternamente. Por fim, incapaz de o suportar por mais tempo, ele aclarou a voz ruidosamente e o homem murmurou:

- Está com um aspecto horrível.
- É natural, pai. Está doente.
- Giuseppe... – aventurou a mãe, que se sentara numa cadeira, com os dedos artríticos entrelaçados.
- O meu nome é Yossarian.

– O nome dele é Yossarian, mãe. Não me reconheces, Yossarian? Sou o teu irmão John. Não sabes quem sou?

– Claro que sei. És o meu irmão John.

– Ele reconhece-me! Sabe quem sou, pai. Está aqui o pai, Yossarian.

Cumprimenta-o.

– Olá, pai – proferiu Yossarian.

– Olá, Giuseppe.

– O nome dele é Yossarian, pai.

– Não me conformo com o seu aspecto horrível – volveu o homem.

– Ele está muito doente, pai. O médico diz que vai morrer.

– Fiquei sem saber se devia acreditar ou não. Sabes como esses tipos se enganam.

– Giuseppe... – tornou a murmurar a mãe, numa inflexão de angústia.

– O nome dele é Yossarian, querida. Ela já não tem muito boa memória.

Como te estão a tratar, filho? Não te falta nada?

– Tratam-me bem – afirmou Yossarian.

– Ótimo. Não te deixes espezinhar por ninguém. Vales tanto como os outros, apesar de descenderes de italianos. Estás em plena posse de todos os teus direitos.

Yossarian estremeceu e fechou os olhos, para não ter de olhar para o irmão John, começando a sentir-se indisposto.

– Repara agora no seu aspecto horrível – indicou o pai.

– Giuseppe... – murmurou a mãe.

– O nome dele é Yossarian – interrompeu o irmão, com impaciência. – Não te lembras?

– Não tem importância – interveio Yossarian. – Ela pode tratar-me por Giuseppe, se quiser.

– Giuseppe... – tornou ela.

– Não te preocupes, Yossarian – recomendou o irmão. – Há-de resolver-se tudo pelo melhor.

– Não te preocupes, mãe – disse Yossarian. – Há-de resolver-se tudo pelo melhor.

- Esteve cá um padre? – quis saber o irmão.
- Esteve – mentiu Yossarian, voltando a estremecer.
- Ainda bem. O essencial é que recebas tudo a que tens direito. Viemos de Nova Iorque e receávamos não chegar a tempo.
- A tempo de quê?
- De te ver antes de morreres.
- Que diferença fazia isso?
- Não queríamos que morresses sozinho.
- Que diferença fazia isso?
- Deve estar a delirar – murmurou o irmão. – Diz sempre a mesma coisa.
- Tem graça – observou o homem. – Sempre me convenci de que se chamava Giuseppe e descobro agora que é Yossarian. Tem mesmo muita graça.
- Consola-o, mãe – solicitou o irmão. – Diz alguma coisa para o animar.
- Giuseppe...
- Não é Giuseppe, mãe. Yossarian.
- Que interessa isso? – argumentou ela, no mesmo tom lúgubre, sem erguer os olhos. – Está a morrer.

Os olhos inchados marejaram-se e começou a chorar, inclinando o corpo para a frente e para trás, com as mãos pousadas no regaço, como borboletas caídas. O pai e o irmão principiaram igualmente a chorar. Por sua vez, Yossarian lembrou-se de repente porque choravam e imitou-os. Um médico que ele nunca vira entrou naquele momento para anunciar aos visitantes que tinham de se retirar e o pai empertigou-se formalmente para se despedir.

- Guiseppe... – começou.
- Yossarian – corrigiu o filho.
- Yossarian...
- Guiseppe – corrigiu Yossarian.
- Em breve, vais morrer...

Yossarian recomeçou a chorar, porém o médico lançou-lhe um olhar turvo do fundo do quarto e ele dominou-se.

Entretanto, o pai prosseguia solenemente, de cabeça inclinada para o peito:

– Quando falares com o homem lá em cima, dá-lhe um recado meu. Diz-Lhe que não está certo que as pessoas morram quando são jovens. Diz-Lhe que, se têm mesmo de morrer, que seja na velhice. Não te esqueças. Penso que Ele não sabe que não está certo, porque toda a gente O julga bom e isto já dura há muito tempo.

– E não te deixes espezinhar por ninguém lá em cima – advertiu o irmão. – Todos te aceitarão no Céu, apesar de descenderes de italianos.

– Agasalha-te bem – recomendou a mãe, que parecia saber do que falava.

[13](#) Feriado celebrado na última quinta-feira de Novembro, nos Estados Unidos, em que é costume comer peru. (*N. do T.*)

§

Capítulo décimo nono CORONEL CATHCART

O coronel Cathcart era um homem manhoso, afortunado, desleixado e infeliz, de trinta e seis anos, que caminhava pesadamente e desejava ser general. Era impetuoso e deprimido, ponderado e amargurado. Complacente e inseguro, mostrava-se arrojado nos estratagemas administrativos que empregava para despertar a atenção dos superiores e apreensivo de que as suas maquinações se voltassem contra si próprio. Era bem-parecido e destituído de atractivos, um indivíduo fanfarrão, carnudo e pretensioso, que engordava e era atormentado cronicamente por prolongadas fases de apreensão. O coronel Cathcart era pretensioso porque alcançara esse posto com um comando de combate sob a sua responsabilidade aos trinta e seis anos e deprimido porque, apesar da idade que atingira, ainda não passara de coronel.

Era inacessível aos absolutos. Só sabia medir os seus progressos em relação aos outros, e a sua ideia de excelência consistia em fazer uma coisa pelo menos tão bem como todos os homens da sua idade que faziam o mesmo ainda melhor. O facto de haver milhares de homens da sua idade e mais velhos que ainda não tinham chegado a major enchia-o de satisfação pelo seu próprio valor. Por outro lado, o facto de haver homens da sua idade e mais novos já generais contaminava-o com a agonizante sensação de insucesso e levava-o a roer as unhas com uma ansiedade ainda mais intensa que a de Joe Faminto.

O coronel Cathcart era um homem corpulento, de ombros largos, cabelos pretos anelados cortados curtos, com vestígios grisalhos nas pontas, e uma

boquilha ornamentada que comprara na véspera da chegada a Pianosa para assumir o comando do seu grupo; aprendera a manejá-la com ares majestosos e utilizava-a como instrumento para incutir ênfase às suas palavras em momentos cruciais. Inconsciente e involuntariamente, descobrira no seu íntimo uma aptidão fértil para fumar com boquilha. Até onde lhe era possível determinar, tratava-se da única em todo o teatro de operações do Mediterrâneo, circunstância que resultava simultaneamente lisonjeira e preocupante. Não tinha qualquer dúvida de que uma pessoa tão elegante e intelectual como o general Peckem aprovava a utilização da boquilha, embora se vissem muito raramente, o que se podia considerar de certo modo conveniente, pois talvez se desse o caso de não a aprovar. Quando o assolavam apreensões deste tipo, o coronel Cathcart abafava um soluço e tinha vontade de deitar fora o malfadado objecto, mas impedia-o a convicção inabalável de que a boquilha nunca deixava de lhe embelezar o físico marcial e varonil com uma aura de heroísmo sofisticado, que o iluminava vantajosamente entre todos os outros coronéis do Exército americano com os quais se achava em competição. No entanto, como podia ter a certeza disso?

O coronel Cathcart era infatigável nesse aspecto, um tático militar zeloso, intenso e dedicado, que calculava dia e noite ao serviço da sua pessoa. Era o seu próprio sarcófago, um diplomata activo e infalível que se verberava constantemente pelas oportunidades que perdera e amaldiçoava com pesar pelos erros que cometera. Era tenso, irritável, azedo e enfatuado, um oportunista corajoso que se lançava com voracidade sobre todas as ocasiões favoráveis que o tenente-coronel Korn lhe descobria e tremia com profundo desespero logo a seguir com as possíveis consequências que poderia sofrer. Coleccionava boatos com avidez e acarinhava os mexericos. Acreditava em todas as novidades que ouvia e não tinha fé em nenhuma. Permanecia sempre atento ao mínimo indício, agudamente sensível a relações e situações que não existiam. Era alguém dentro do segredo dos deuses, sempre em luta patética para averiguar o que se passava. Era um espectacular e intrépido fanfarrão que se amargurava inconsolavelmente

com as impressões terríveis e inerradicáveis que sabia que causava em pessoas proeminentes que quase não se apercebiam da sua existência.

Todos o perseguiam. O coronel Cathcart vivia num mundo aritmético instável de olhos negros e plumas no seu chapéu, de triunfos esmagadores imaginários e desaires catastróficos. Oscilava, hora a hora, entre a angústia e a euforia, multiplicando de forma fantástica a grandiosidade das suas vitórias e exagerando tragicamente a gravidade das suas derrotas. Ninguém o surpreendera jamais distraído. Se lhe chegava aos ouvidos que os generais Peckem ou Dreedle tinham sido vistos a sorrir, enrugar as fronteiras ou sem fazer uma coisa nem a outra, não descansava até descobrir uma interpretação aceitável e grunhia penosamente até que o coronel Korn o persuadia a descontrair-se e encarar a vida com serenidade.

O tenente-coronel Korn era um aliado leal e indispensável que enervava o coronel Cathcart, o qual lhe manifestava gratidão eterna pelos movimentos engenhosos que concebia e depois ficava furioso ao aperceber-se de que poderiam não resultar. Na realidade, estava-lhe profundamente grato e não o suportava. Os dois homens eram muito íntimos. Cathcart invejava a inteligência de Korn e tinha de se recordar com frequência de que este não passava ainda de um tenente-coronel, embora fosse quase dez anos mais velho e tivesse obtido a sua educação numa universidade do Estado. Cathcart lamentava que, se alguém tinha de se lhe tornar indispensável, não fosse um homem abastado e culto, de melhores famílias, mais amadurecido que Korn e não encarasse o seu desejo de se tornar general com a frivolidade que ele suspeitava que predominava no íntimo do tenente-coronel.

O coronel Cathcart ansiava tão desesperadamente pelo posto de general que estava disposto a experimentar tudo, incluindo a religião, pelo que, às primeiras horas de certa manhã, na semana subsequente àquela em que elevara o número mínimo de missões para sessenta, convocou o capelão ao seu gabinete e apontou com brusquidão para o exemplar do *Saturday Evening Post* em cima da secretária. Cathcart tinha a gola da camisa de caqui desabotoada, expondo uma sombra de pêlos negros no peito branco, e

o lábio inferior pendia como se houvesse um peso suspenso dele. Nunca se bronzeava, por mais que andasse ao sol, o que evitava na medida do possível para não sofrer queimaduras desagradáveis. Era alguns centímetros mais alto que o capelão, e a sua autoridade expansiva e envolvente fazia com que este último se sentisse frágil e quebradiço.

– Leia isto, capelão. – O coronel introduziu um cigarro na boquilha e reclinou-se na cadeira rotativa. – Depois, diga-me o que lhe parece.

O outro baixou obedientemente os olhos para a revista aberta e viu um artigo acerca de um grupo de bombardeiros americanos em Inglaterra, cujo capelão proferia orações na sala de informação antes de cada missão. O facto quase o fez chorar de alegria ao compreender que o coronel não tencionava increpá-lo. Não tinham virtualmente voltado a trocar palavra desde a noite tumultuosa em que Cathcart o expulsara do Clube dos Oficiais por indicação do general Dreedle, depois de o chefe White Halfoat socar o coronel Moodus no nariz. O receio inicial do capelão consistira em que o coronel pretendesse repreendê-lo por ter tornado a frequentar o Clube dos Oficiais sem autorização, na noite anterior. Na verdade, fizera-o com Yossarian e Dunbar, depois de estes se haverem apresentado inesperadamente na sua tenda e pedido que os acompanhasse. Conquanto o coronel Cathcart o intimidasse, considerara mais fácil enfrentar o seu desagrado do que declinar o convite amável dos seus dois novos amigos, que conhecera numa das habituais visitas ao hospital, poucas semanas antes, e haviam intervindo com eficiência para o isolar da miríade de vicissitudes sociais envolvidas na sua missão oficial de viver em termos íntimos de familiaridade com mais de novecentos oficiais e subalternos que o consideravam um sensaborão.

O capelão colou os olhos às páginas da revista, examinando cada fotografia duas vezes e lendo as legendas com lentidão, enquanto organizava a sua resposta à pergunta do coronel numa frase gramaticalmente completa, que ensaiou e rectificou numerosas vezes no espírito antes de reunir coragem suficiente para replicar:

– Penso que dizer orações antes de cada missão constitui uma atitude muito moral e laudatória.

– Pois – articulou Cathcart, secamente. – Mas o que me interessa saber é se acha que o sistema funcionaria aqui.

– Creio que sim – declarou o capelão, transcorridos mais uns instantes de organização gramatical. – Estou mesmo convencido disso.

– Nesse caso, gostava que fizesse a experiência. – As faces carnudas e farináceas do coronel apresentavam-se subitamente alteradas pelo entusiasmo, enquanto se levantava e principiava a percorrer o gabinete. – Veja as vantagens obtidas em Inglaterra. Vem aí a fotografia de um coronel cujo capelão diz orações antes de cada missão. Se dão resultado lá, também darão connosco. Se o fizermos, talvez o *Saturday Evening Post* publique a *minha* fotografia.

Voltou a sentar-se e exibiu um sorriso distante, como se contemplasse uma ocorrência agradável. Entretanto, o capelão ignorava o que devia dizer a seguir. Com uma expressão pensativa no rosto oblongo e algo pálido, desviou os olhos para as caixas cheias de tomates maduros que se alinhavam ao longo das paredes, ao mesmo tempo que fingia concentrar-se no que devia dizer. Passados uns instantes, descobriu que via caixas cheias de tomates maduros e ficou tão intrigado com a presença de caixas de tomates maduros no gabinete de um comandante de grupo que se esqueceu por completo do tema das orações, até que o coronel, numa digressão cordial, perguntou:

– Quer comprar alguns, capelão? Vieram directamente da quinta que eu e o tenente-coronel Korn temos nas colinas. Posso ceder-lhe uma caixa pelo preço de revenda.

– Não, senhor. Muito obrigado.

– Não tem importância. Não é obrigado a aceitar a proposta. Milo encarrega-se de dar vazão a todos os que produzimos. Estes foram apanhados ontem. Repare como são firmes e apetitosos, como os seios de uma jovem.

O capelão corou e Cathcart compreendeu imediatamente que fora demasiado longe, pelo que baixou a cabeça, embaraçado, ao mesmo tempo que as faces se avermelhavam e movia os dedos, como se o estorvassem e não soubesse o destino que lhes devia dar. Detestava o capelão solenemente por ser capelão e converter numa frase obscena uma observação que, noutras circunstâncias, teria sido considerada espirituosa e normal, e esforçava-se por pensar numa saída airosa da situação. Ao invés, recordou-se de que o capelão não passava de um capelão e empertigou-se imediatamente com uma exclamação abafada de admiração e contrariedade. As faces tornaram-se tensas de fúria ante a ideia de que fora quase arrastado para a humilhação por um homem mais ou menos da sua idade que ainda não fora além de capitão e concentrou-se nele com uma expressão de anjo justiceiro tão veemente que o fez estremecer da cabeça aos pés.

– Falávamos de outra coisa – lembrou em tom incisivo. – Não nos referíamos aos seios firmes e apetitosos de jovens, mas a uma coisa inteiramente diferente. Tínhamos em mente a possibilidade de dizer orações na sala de informação antes de cada missão. Ocorre-lhe algum motivo para que não o façamos?

– Não, senhor – murmurou o capelão.

– Nesse caso, começaremos esta tarde. – A hostilidade do coronel atenuava-se gradualmente, à medida que se concentrava nos pormenores. – Quero que preste a maior atenção ao género de orações que vamos dizer. Nada de pesado ou triste. Temas leves e animadores, que façam os rapazes partir bem-dispostos. Compreende o que tenho em mente? Omitiremos passagens do tipo da Sabedoria Divina ou do Vale da Morte. Isso é material negativo. Porque faz essa cara enjoada?

– Queira desculpar – balbuciou o capelão. – Quando disse isso, lembrei-me do vigésimo terceiro salmo.

– Como é?

– Acaba de se lhe referir. «O Senhor é o meu pastor e eu...»

– Era a *esse* que me referia, de facto. Põe-se de parte. Que mais tem?

– «Salva-me, oh Deus, porque as águas invadem...»

– Nada de águas – decidiu Cathcart, soprando a boquilha, depois de sacudir a ponta do cigarro para o cinzeiro de bronze. – Porque não tentamos uma coisa musical? Que diz às harpas nos salgueiros?

– Isso inclui os rios de Babilónia: «... estávamos sentados e chorávamos, quando nos recordámos de Sião.»

– Sião? *Essa* também não pode ser. Nem percebo mesmo como foi parar aí. Não tem nada de humorístico que não envolva águas, vales ou Deus? Gostava de omitir a questão da religião, se fosse possível.

– Lamento, mas quase todas as orações que conheço são de cariz um pouco sombrio e aludem, pelo menos de passagem, a Deus.

– Então, arranjam-se algumas novas. Os homens já estão suficientemente enxofrados com o número de missões em que os mando participar, sem que tenhamos de os amofinar com sermões acerca de Deus, morte e Paraíso. Porque não procedemos a uma abordagem mais positiva? Porque não rezamos por uma coisa útil, como um sistema de lançamento de bombas mais perfeito? Não podemos rezar por isso?

– Bem, suponho que sim – concedeu o capelão, hesitante. – Mas para tal, não precisa de mim. O senhor mesmo pode encarregar-se de rezar.

– Eu sei que posso – redarguiu o coronel, com aspereza –, mas para que pensa que se encontra aqui? Também podia preparar as minhas refeições, mas isso é trabalho de Milo, que o faz para todos os grupos da área. A sua missão consiste em nos orientar com orações, e doravante vai orientar-nos através de uma oração por um sistema de lançamento de bombas mais perfeito. Entendido? Penso que um sistema de lançamento de bombas mais perfeito merece ser o alvo das nossas preces. Será uma pluma em todos os nossos barretes junto do general Peckem. Segundo ele, as fotografias aéreas ficam muito mais realistas quando as bombas explodem perto umas das outras.

– O general Peckem?

– Exacto. – Esboçou um sorriso divertido ante a expressão perplexa do capelão. – Isto fica entre nós, mas parece que o general Dreedle vai finalmente regressar aos Estados Unidos e o general Peckem está na

primeira fila para o substituir. Para dizer a verdade, não ficarei penalizado se isso acontecer. Trata-se de um oficial superior muito competente e ficaremos muito melhor sob a sua égide. Por outro lado, a substituição pode não se concretizar e continuaremos a depender do general Dreedle. Para dizer a verdade, também não ficarei penalizado se isso acontecer, porque é outro oficial superior acima de toda a censura e acho igualmente que ficaremos muito melhor sob a sua égide. Espero que isto não passe destas quatro paredes, capelão, pois não quero que se julgue que apoio qualquer dos dois.

– Sem dúvida, senhor.

– Ótimo. Mas todo este palavreado não nos resolve o problema do *Saturday Evening Post*, hem? Vejamos que espécie de forma de proceder podemos desenvolver. A propósito: nem uma palavra de tudo isto ao coronel Korn.

– Perfeitamente.

Cathcart reatou o vaivém pensativamente entre os estreitos corredores existentes entre as caixas de tomates e a secretária e as cadeiras no meio do gabinete.

– Acho que terá de aguardar à entrada antes das informações de voo transmitidas às tripulações, porque se trata de material confidencial. Podemos deixá-lo entrar quando o major Danby sincroniza os relatórios. Creio que o acerto da hora não envolve nada de secreto. Atribuir-lhe-emos cerca de noventa segundos, reverendo. Parecem-lhe suficientes?

– Sim, senhor. Desde que não incluam o tempo necessário para os ateus abandonarem a sala e mandar entrar os subalternos, bem entendido.

– Quais ateus? – vociferou, estacando entre duas caixas de tomates. – Na minha esquadrilha não há ateus! O ateísmo não é proibido por lei?

– Não senhor.

– Não? – repetiu, surpreendido. – Então, é antiamericano.

– Não sei bem.

– Sei eu! Não vou alterar os nossos serviços religiosos só para ser agradável a um punhado de ateus. De mim, não obtêm o mínimo privilégio.

Podem deixar-se ficar e rezar com os outros. E que história é essa dos subalternos? Por que carga de água participam nisso?

– Queira desculpar – murmurou o capelão, voltando a corar. – Pensei que desejaria que estivessem presentes, uma vez que participam na mesma missão.

– Enganou-se. Não têm um Deus e um capelão só para eles?

– Não, senhor.

– O quê? Quer dizer que rezam ao mesmo Deus que nós?

– Sim, senhor.

– E Ele *escuta-os*?

– Julgo que sim.

– Essa é de primeira ordem! – O coronel fungou com um trejeito de desdém e fez deslizar a mão pelos cabelos curtos. – Acha que é realmente boa ideia deixá-los entrar?

– Parece-me apropriado.

– Preferia que ficassem de fora – confidenciou, começando a fazer estalar os nós dos dedos com fúria, enquanto voltava a movimentar-se no gabinete.

– Não interprete mal as minhas palavras. Não é que considere os subalternos insignificantes ou inferiores a nós. Simplesmente, não há espaço suficiente para todos. Francamente, porém, agradava-me mais que eles e os oficiais não confraternizassem na sala de informação. Basta o tempo que têm de estar juntos durante as missões. Alguns dos meus melhores amigos são subalternos, note-se, mas cada um no seu lugar. Diga-me sinceramente, capelão: gostava que a sua irmã casasse com um subalterno?

– A minha irmã é uma subalterna.

Tornou a estacar e olhou o interlocutor com intensidade, para se certificar de que não pretendia desfrutá-lo.

– Que quer dizer com isso? Pretende fazer espírito?

– De modo algum – apressou-se o capelão a explicar, com visível desconforto. – Ela é primeiro-sargento dos fuzileiros.

O coronel, que nunca simpatizara com ele, em face daquela revelação passou a detestá-lo. Experimentou uma sensação aguda de perigo e perguntou-se se o capelão também conspiraria contra ele, se a sua atitude reticente, hesitante, não constituiria na realidade um disfarce sinistro de uma ambição feroz que, nas profundezas do seu ser, se caracterizava por uma astúcia e falta de escrúpulos absolutas. Havia algo de singular nele, e Cathcart não tardou a determinar de que se tratava. Conservava-se rigidamente perfilado, porque ele se esquecera de o mandar estar à vontade. Pois então, continuaria nessa posição, decidiu vingativamente, para que compreendesse quem mandava e precaver-se contra alguma perda de dignidade resultante do seu reconhecimento da omissão.

O seu olhar era atraído hipnoticamente para a janela, com uma expressão de tenebrosa introspecção. Os subalternos eram sempre traiçoeiros, como sabia perfeitamente. Contemplou com amargura a carreira de tiro que mandara construir para os oficiais sob a sua jurisdição e evocou a mortificante tarde em que o general Dreedle o admoestara implacavelmente diante do tenente-coronel Korn e do major Danby e ordenara que franqueasse o recinto a todos os subalternos e oficiais que participavam em missões. Cathcart via-se forçado a admitir para consigo que a carreira de tiro representava um episódio deprimente para ele. Estava convencido de que o general Dreedle nunca o esquecera, embora acreditasse que nem sequer o recordava, o que era na verdade muito injusto, e a todos os títulos deplorável, porquanto a ideia de a mandar construir devia ter representado uma pluma no seu chapéu e acabara por se revelar uma ocorrência deprimente. Não dispunha de possibilidades de determinar com exactidão se perdera ou ganhara muito terreno com a malfadada carreira de tiro e deplorava que o tenente-coronel Korn não se encontrasse a seu lado naquele momento para analisar o episódio mais uma vez e atenuar-lhe os temores. No fundo, era tudo muito intrigante e desencorajador. O coronel Cathcart retirou a boquilha de entre os dentes, guardou-a no bolso da camisa e principiou a roer as unhas de ambas as mãos melancolicamente. Estavam todos contra ele e amargurava-o o facto de Korn não se achar presente

naquele momento de crise para o ajudar a decidir o que deveria fazer acerca das orações nas sessões de informação, pois não tinha praticamente fé alguma no capelão, que não passava disso mesmo.

– Parece-lhe que a exclusão dos subalternos pode influir nas nossas possibilidades de obter resultados? – perguntou, de súbito.

O capelão hesitou, ao reconhecer-se de novo em terreno pouco familiar, e acabou por replicar:

– Sim, senhor. Julgo concebível que uma acção dessa natureza influa nas nossas esperanças de vermos satisfeitas as orações para um sistema de lançamento de bombas mais perfeito.

– Já nem sequer pensava nisso! – bradou o coronel, pestanejando com intensidade. – Sugere que Deus pode decidir castigar-me através de um sistema de lançamento de bombas *ineficiente*?

– Sim, senhor. É uma possibilidade a admitir.

– Então, ao diabo com tudo. Não vou instaurar orações nas sessões de informação para *agravar* a situação. – Com um sorriso de desdém, sentou-se atrás da secretária, tornou a colocar a boquilha na boca e imergiu em silêncio parturiente por uns segundos. – Pensando bem – declarou, como se falasse com os seus botões –, a ideia de pôr os homens a rezar a Deus não era brilhante. Os editores do *Saturday Evening Post* podiam não colaborar.

Abandonou o projecto com remorsos, porque o concebera inteiramente sem intervenção alheia e contara divulgá-lo como uma demonstração inequívoca de que não necessitava para nada do tenente-coronel Korn. Uma vez tomada a decisão de o abandonar, ficou satisfeito, pois preocupara-o desde o princípio o perigo de instituir o plano sem o consultar previamente. Exalou um profundo suspiro de alívio. Agora, tinha uma opinião muito mais elevada de si próprio, porque tomara uma decisão sensata e, sobretudo, sem consultar o tenente-coronel Korn.

– Deseja mais alguma coisa? – perguntou o capelão.

– Não, a menos que tenha alguma outra ideia para sugerir.

– Não, senhor. A não ser...

Cathcart ergueu os olhos, como que insultado, e contemplou o capelão com certa desconfiança.

– A não ser, quê?

– Alguns dos homens estão muito descontentes desde que o número mínimo de missões foi elevado para sessenta e pediram-me que lhe falasse no assunto.

Conservou-se silencioso por um longo momento, enquanto o rosto do capelão se avermelhava com intensidade, sob o efeito de um exame glacial, destituído de toda a emoção.

– Diga-lhes que estamos em guerra – indicou em tom terminante.

– Muito obrigado. Assim farei – articulou o capelão, sentindo-se grato por o coronel ter acabado por dizer alguma coisa. – Estranham que não requisite algumas das equipas de reserva que aguardam em África, para os substituir e poderem regressar aos Estados Unidos.

– Isso é uma questão administrativa. Não faz parte da sua missão. – Cathcart apontou para as caixas. – Leve um tomate, capelão.

– Obrigado, senhor. Eu...

– Não tem nada que agradecer. Como se dá no bosque? Está tudo em ordem?

– Sim, senhor.

– Ótimo. Se precisar de alguma coisa, contacte comigo.

– Muito bem. Obrigado, senhor. Eu...

– Agradeço-lhe a visita. Agora, tenho algum expediente para despachar. Se lhe ocorrer alguma maneira de vermos os nomes publicados no *Saturday Evening Post*, não se esqueça de me prevenir.

– Sem dúvida, senhor. – O capelão reuniu toda a coragem de que dispunha e aventurou-se. – Preocupa-me em particular a situação de um dos bombardeiros. Yossarian.

– Quem? – inquiriu o coronel, alarmado, com um estremecimento de vago reconhecimento do nome.

– Yossarian.

– Yossarian?

– Sim, senhor. Yossarian. Está muito em baixo. Receio que não agüente o sofrimento por muito mais tempo sem cometer um acto de desespero.

– Tem a certeza?

– Absoluta, senhor.

Reflectiu em pesado silêncio por uns instantes e terminou por recomendar:

– Diga-lhe que confie em Deus.

– Sim, senhor. Muito obrigado.

§

Capítulo vigésimo CABO WHITCOMB

O sol daquela manhã de Agosto era escaldante e não soprava a menor aragem, enquanto o capelão caminhava lentamente. Sentia-se acabrunhado e curvado sob o peso de auto-recriminação quando abandonava o gabinete do coronel, revoltado consigo mesmo por aquilo que considerava cobardia. Tencionara assumir uma posição muito mais firme acerca da questão das sessenta missões, exprimir-se com coragem, lógica e eloquência sobre um assunto que o preocupava seriamente. Ao invés, as suas intenções haviam abortado de forma deplorável e curvara-se mais uma vez perante uma personalidade mais forte. Tratava-se de uma experiência familiar e ignominiosa, o que lhe proporcionava uma baixa opinião de si próprio.

A perturbação que o assolava acentuou-se no momento imediato, quando descortinou o vulto atarracado e monocromático do tenente-coronel Korn, que subia a escada circular de pedra na sua direcção, procedente do decrepito átrio com as suas paredes de mármore rachadas e o solo de ladrilhos de cor indefinida. O capelão ainda temia mais Korn do que Cathcart. O tenente-coronel de meia-idade, óculos sem aros e cabeça calva em forma de cúpula, à qual levava frequentemente os dedos, antipatizava com ele e mostrava-se desagradável sempre que podia, mantendo-o num estado constante de terror com a sua linguagem seca e incisiva e o olhar cínico, que ele nunca reunia ânimo suficiente para enfrentar durante mais de um fugaz segundo. Inevitavelmente, a atenção do capelão concentrou-se na cintura do tenente-coronel, onde as fraldas da camisa sob o cinturão folgado lhe conferiam o aspecto de possuidor de uma corcova deslocada da posição

habitual, parecendo alguns centímetros mais baixo do que a sua estatura mediana. Korn era um indivíduo desmazelado e desdenhoso, de pele oleosa e linhas profundas e duras, que partiam quase verticalmente do nariz entre as bochechas crepusculares e o queixo quadrangular. Exibia em geral uma expressão severa, e lançou um olhar fugaz ao capelão sem indícios de reconhecimento quando se aproximavam um do outro na escada.

– Olá, reverendo – proferiu em voz átona, olhando em frente. – Como vai isso?

– Bom dia, senhor – replicou o capelão, discernindo com sensatez que o outro nada mais esperava em termos de resposta.

Korn prosseguiu ao longo dos degraus sem abrandar o andamento, pelo que o capelão resistiu à tentação de lhe lembrar que era anabaptista e não católico e não se tornava, portanto, necessário nem correcto tratá-lo por reverendo. Na realidade, estava quase convencido de que o tenente-coronel tinha o facto bem presente no espírito e se lhe dirigira daquele modo em mais uma manifestação dos métodos que empregava para o irritar por não passar de um anabaptista.

De repente, Korn deteve-se e retrocedeu com uma expressão de desconfiança colérica que o deixou petrificado.

– Onde obteve esse tomate? – inquiriu com aspereza.

O capelão baixou os olhos para a mão em que segurava o tomate oferecido por Cathcart e informou em voz de que se esforçou por dissimular o tremor:

– No gabinete do coronel Cathcart.

– Ele sabe que o levou?

– Sim, senhor. Foi ele próprio que mo deu.

– Nesse caso, não há novidade. – O tenente-coronel mostrou-se mais tranquilo e esboçou um sorriso, enquanto ajeitava a fralda da camisa dentro do cinturão. Em seguida, com uma expressão maliciosa, perguntou: – Que lhe queria o coronel?

O capelão conservou-se silencioso por uns segundos, até que aventurou:

– Não creio que deva...

– Que dissesse umas orações aos editores do *Saturday Evening Post*?

– Sim, senhor – assentiu, aliviado.

– Previ que lhe ocorreria alguma parvoíce do género, quando li o artigo. – Korn sentia-se encantado com o acerto da sua intuição e soltou uma risada seca. – Espero que tenha conseguido convencê-lo de que se tratava de uma ideia atroz.

– De facto, ele decidiu não a levar avante.

– Ótimo. Ainda bem que lhe demonstrou que os editores da revista não publicariam a mesma história duas vezes só para dar publicidade a um obscuro coronel. Como vão as coisas na selva, reverendo? Consegue levar a sua missão a cabo sem problemas?

– Desenrola-se tudo perfeitamente.

– Ótimo. Alegra-me saber que não tem nenhuma reclamação a apresentar. Se precisar de alguma coisa para ficar mais confortável, previna-nos. Estamos todos empenhados em que se divirta, na medida do possível.

– Obrigado, senhor.

Começou a registar-se ruído crescente no átrio. Eram quase horas do almoço e chegavam os primeiros oficiais e subalternos, que seguiam para salas diferentes da messe, em lados opostos da arcaica rotunda. A expressão quase prazenteira do tenente-coronel dissipou-se, ao mesmo tempo que perguntava com uma inflexão significativa:

– Almoçou aqui connosco, há um ou dois dias, não foi?

– Sim, senhor. Anteontem.

– Bem me parecia. – Fez uma pausa para criar efeito. – Não se preocupe, reverendo. Tornaremos a ver-nos, quando for altura de voltar a comer aqui.

– Obrigado, senhor.

O capelão não sabia em qual das cinco salas dos oficiais ou outras tantas dos subalternos estava previsto que almoçasse naquele dia, porque o sistema de rotação pelo qual o tenente-coronel se norteava era complicado e esquecera-se dos apontamentos na tenda. O capelão era o único oficial do quartel-general do grupo que não residia no decrepito edifício de alvenaria vermelha em que se situavam as instalações ou em qualquer das pequenas estruturas satélites que se erguiam em redor. Na verdade, vivia numa

clareira no bosque, a uns seis quilómetros, entre o Clube dos Oficiais e a primeira das quatro áreas de esquadrilhas que se estendiam a partir do quartel-general numa linha distante. A residência que lhe fora estabelecida encontrava-se numa espaçosa tenda quadrangular, onde funcionava igualmente o seu gabinete. Os sons procedentes do Clube dos Oficiais durante a noite chegavam-lhe aos ouvidos e impediam-no de dormir com frequência, enquanto se voltava no beliche com insistência, no exílio passivo semivoluntário. Não tinha possibilidade de determinar o efeito dos comprimidos que tomava ocasionalmente para dormir e lhe provocavam uma sensação de culpa nos dias imediatos.

O único que vivia com o capelão na clareira do bosque era o cabo Whitcomb, seu ajudante, um naturalmente mal-humorado ateu, convencido de que conseguiria levar a cabo a missão do capelão muito melhor, pelo que se considerava vítima privada de privilégios da injustiça social. Ocupava uma tenda quase tão espaçosa como a dele e mostrava-se abertamente grosseiro e altivo desde o momento em que descobrira que não surgiriam represálias. Os limites das duas tendas na clareira não tinham mais de um metro e meio a separá-los.

Fora o tenente-coronel Korn quem definira aquela maneira de viver para o capelão. Uma boa razão para o obrigar a permanecer fora do edifício do quartel-general do grupo consistia na sua teoria segundo a qual a residência numa tenda, à semelhança da maioria dos seus paroquianos, o levaria a uma comunicação mais íntima com eles. Outra boa razão cifrava-se no facto de que a presença constante do capelão no quartel-general produzia desconforto nos oficiais. Uma coisa era manter ligação com o Senhor, circunstância que todos aprovavam, e outra tê-Lo na sua frente vinte e quatro horas por dia. No fundo, como Korn confidenciara ao major Danby, o nervoso e assustado oficial das operações do grupo, o capelão podia levar uma existência regalada: pouco mais tinha de fazer do que escutar os problemas dos outros, sepultar os mortos, visitar os enfermos e conduzir serviços religiosos. E já não havia muitos mortos para sepultar, porquanto a oposição dos «caças» alemães cessara virtualmente e cerca de noventa por

cento das baixas registavam-se para além das linhas inimigas, quando as vítimas não desapareciam entre as nuvens, em cujos casos o capelão não necessitava, nem podia, intervir. Os serviços religiosos não provocavam dispêndio de energias acentuado, porque se realizavam apenas uma vez por semana no edifício do quartel-general do grupo, com afluência reduzida.

Na realidade, o capelão começava a apreciar a permanência na clareira do bosque. Ele e o cabo Whitcomb dispunham de todas as comodidades possíveis, para que não pudessem invocar uma situação desconfortável como pretexto para solicitar autorização para se instalar no edifício do quartel-general. O capelão tomava o pequeno-almoço, almoço e jantar em conjuntos separados nas oito messes da esquadrilha em obediência a um sistema rotativo e, a intervalos de cinco refeições, fazia-o na dos subalternos, e de dez na dos oficiais do quartel-general. Em Wisconsin, onde vivia antes da mobilização, consagrava os tempos livres à jardinagem, e o seu coração inundava-se de uma gloriosa sensação de fertilidade cada vez que contemplava os rebentos das árvores e da vegetação em redor. Na Primavera, desejava plantar begónias e zínias num canteiro em volta da sua tenda, mas abstera-se de o fazer em virtude do rancor do cabo Whitcomb. O capelão experimentava profunda satisfação com a intimidade e o isolamento das imediações verdejantes, assim como com as oportunidades de meditação que semelhantes circunstâncias lhe proporcionavam. Procuravam-no menos pessoas que anteriormente com os seus problemas, o que também lhe suscitava uma ponta de gratidão, pois não aceitava o convívio com facilidade e uma conversa prolongada deixava-o desconfortável. Acima de tudo, tinha saudades da mulher e dos três filhos ainda pequenos.

O que mais desagradava ao cabo Whitcomb no capelão, à parte o facto de acreditar em Deus, era a falta de iniciativa e de agressividade, e encarava a escassa afluência aos serviços religiosos como um reflexo amargo da sua posição. A mente fervilhava constantemente com novas ideias para abrilhantar o grandioso renascimento espiritual de que se sonhava o arquitecto – cartas às famílias de militares mortos ou feridos em combate,

censura, bingo. No entanto, o capelão bloqueava-lhe todos os movimentos nesse sentido. O cabo Whitcomb vibrava de indignação, porque descortinava espaço para aperfeiçoamentos em toda a parte. Eram as pessoas como o capelão as responsáveis da má reputação que a religião desfrutava e convertia ambos em párias. Ao contrário dele, o cabo Whitcomb detestava o isolamento da permanência no bosque e uma das primeiras coisas que tencionava fazer depois de depor o capelão era transferir-se para o edifício do quartel-general, onde se acharia no centro nevrálgico das operações.

Quando o capelão regressou à clareira depois de se separar do tenente-coronel Korn, o cabo Whitcomb encontrava-se à entrada da tenda, imerso em conversa de aparência confidencial com um homem corpulento de roupão de pano turco castanho e pijama de flanela vermelho, nos quais ele reconheceu a indumentária do hospital. Todavia, nenhum dos dois lhe prestou atenção. Notou que o desconhecido tinha as gengivas pintadas de roxo e as costas do roupão decoradas com a imagem de um B-25 emergindo de um mar de chamas, com seis fiadas de minúsculas bombas em volta, que significavam a participação em sessenta missões de combate. Ficou tão surpreendido com o que viu, que se deteve de olhos arregalados. Nesse momento, os dois homens interromperam o diálogo e aguardaram que se afastasse, o que o levou a reatar a marcha e refugiar-se na tenda.

Momentos depois, o cabo Whitcomb entrou e perguntou:

– Que há de novo?

– Nada – replicou o capelão, evitando fitá-lo. – Procurou-me alguém?

– Apenas o chanfrado do Yossarian. É um poço de problemas, hem?

– Não estou muito certo de que seja chanfrado, segundo a sua expressão.

– Pois, ponha-se do lado dele – grunhiu o cabo Whitcomb, retirando-se.

O capelão não podia acreditar que ele tivesse voltado a ofender-se e batido realmente em retirada, e preparava-se para o procurar quando reapareceu.

– Toma sempre o partido dos outros – acusou. – Nunca apoia os seus homens. É um dos seus muitos defeitos.

– Não era minha intenção tomar o partido dele – alegou o capelão. – Limitei-me a fazer uma afirmação.

– Que queria o coronel Cathcart?

– Nada de importante. Era para trocarmos impressões sobre a possibilidade de dizer orações na sala de informação antes de cada missão.

– Se não quer dizer, não diga – retorquiu o cabo Whitcomb, e voltou a retirar-se.

O capelão sentia profundo desconforto. Por muito atencioso que tentasse mostrar-se, conseguia sempre ferir as susceptibilidades do cabo. Baixou os olhos com remorsos e verificou que o impedido que lhe fora imposto pelo tenente-coronel Korn para conservar a tenda aseada e cuidar das suas coisas tornara a esquecer-se de lhe engraxar as botas.

O cabo Whitcomb não tardou a reaparecer, agora para deplorar:

– Nunca me revela nada. Não tem confiança nos seus homens. É mais um dos seus muitos defeitos.

– Engana-se – afirmou o capelão, com uma sensação de culpa. – Tenho muita confiança em si.

– Então, e as cartas?

– Agora, não – suplicou, estremeçando. – Não insista nisso, por favor. Se mudar de ideias, previno-o.

– Ah, sim? – Desta vez, o cabo Whitcomb parecia furioso. – É muito cómodo passar o dia sentado e abanar a cabeça, enquanto me ocupo de todo o trabalho. Viu aquele tipo com os desenhos no roupão?

– Veio para me falar?

– Não – retorquiu, e desapareceu.

Fazia calor e a humidade era elevada na tenda, o que incomodava o capelão profundamente, enquanto escutava, sem o desejar, o murmúrio de vozes lá fora. Sentou-se à pequena mesa de brídege que lhe servia de secretária e assumiu uma expressão meditativa, em busca de um indício que lhe permitisse compreender a origem do azedume do cabo Whitcomb para consigo. Afigurava-se-lhe, por razões que não lograva determinar com clareza, que o prejudicara de alguma maneira. Parecia-lhe impossível que

semelhante animosidade se devesse à sua rejeição da ideia do bingo ou do envio de cartas às famílias dos homens mortos em combate. Na realidade, o capelão sentia-se desanimado com a aceitação da sua própria inépcia para enfrentar a situação. Havia várias semanas que tencionava ter uma conversa solene com o cabo para averiguar a causa da sua atitude, mas receava o que se lhe poderia deparar.

Cá fora, o cabo Whitcomb sorria e o outro homem ria em surdina. Durante alguns precários segundos, o capelão sentiu-se assolado pela impressão sinistra e oculta de haver experimentado uma situação idêntica noutra época ou existência. Tentou isolá-la, a fim de predizer e porventura dominar o incidente que aconteceria a seguir, porém a inspiração dissipou-se, como ele, aliás, calculara. *Déjà vu*. A confusão subtil e persistente entre a ilusão e a realidade característica da paramnésia fascinava-o, e ele conhecia alguns pormenores a esse respeito. Sabia, por exemplo, que se chamava paramnésia e também estava interessado em fenómenos ópticos como *jamais vu* e *presque vu*. Havia momentos súbitos e aterrorizadores em que objectos, conceitos e até pessoas com os quais vivera quase toda a vida assumiam um aspecto bizarro e irregular que nunca vira e fazia com que parecessem totalmente estranhos: *jamais vu*. E havia outros momentos em que quase via a verdade absoluta em lampejos brilhantes de clareza que lhe acudiam: *presque vu*. O episódio do homem desnudo na árvore no funeral de Snowden mistificava-o profundamente. Não se tratava de *déjà vu*, porque na altura ele não experimentara nenhuma sensação de ter visto um homem desnudo numa árvore no funeral de Snowden. Nem de *jamais vu*, porquanto a aparição não era de alguém ou alguma coisa familiar que lhe surgisse sob um aspecto desconhecido. E muito menos de *presque vu*, porque o vira.

O motor de um jipe entrou em actividade perto da tenda e o som afastou-se gradualmente até se extinguir à distância. Seria possível que o homem desnudo na árvore durante o funeral de Snowden não passasse de uma alucinação? Ou fora uma revelação verdadeira? O capelão tremia só de pensar nisso. Ansiava desesperadamente por confiar em Yossarian, mas

cada vez que evocava a ocorrência decidia não se preocupar mais com ela, embora agora que na realidade a recordava não pudesse ter a certeza de que alguma vez *tivesse* realmente pensado nela.

O cabo Whitcomb reapareceu com uma expressão maliciosa e pousou o cotovelo impertinentemente no poste central da tenda antes de perguntar:

– Sabe quem era o fulano de pijama vermelho? Um agente do CID com o nariz fracturado. Veio do hospital em missão oficial relacionada com a intervenção de que o incumbiram.

– Espero que não se tenha envolvido em problemas, cabo. – O capelão assumiu prontamente uma expressão apreensiva. – Posso fazer alguma coisa?

– Não me envolvi em problemas. Quem se envolveu foi o senhor. Vão cair-lhe em cima por ter assinado o nome de Washington Irving em todas as cartas que assinou o nome de Washington Irving. Que diz a isto?

– Não assinei o nome de Washington Irving em nenhuma carta.

– Não perca tempo a mentir-me. Não é a mim que tem de convencer.

– Mas não estou a mentir.

– É-me indiferente que minta ou não. Também lhe vão exigir explicações por interceptar a correspondência do major Major. Grande parte era confidencial.

– Qual correspondência? – inquiriu o capelão, alarmado. – Nunca me passou pelas mãos uma única carta do major Major.

– Não perca tempo a mentir-me – repetiu o cabo Whitcomb. – Não é a mim que tem de convencer.

– Mas não estou a mentir!

– Escusa de gritar, que não lucra nada com isso – advertiu com uma expressão melindrada, ao mesmo tempo que se afastava do poste central e agitava o indicador. – Acabo de lhe fazer o maior favor

que se pode conceber, e o senhor nem sequer se apercebe. Cada vez que ele tenta transmitir os factos aos seus superiores, alguém no hospital censura todos os pormenores. Há semanas que se esforça como um desesperado para o denunciar. Acabo de apor a aprovação de censor na carta

dele, sem sequer a ler. Assim, recolherão boa impressão a sua respeito na sede do CID, capelão. Ficarão a saber que não receamos que se divulgue a verdade sobre as suas actividades.

– Mas você está autorizado a censurar correspondência?

– Claro que não. Só os oficiais o podem fazer. Fi-lo em seu nome.

– Eu também não estou autorizado a censurar correspondência. Ou estarei?

– Eu resolvi o problema – assegurou o cabo Whitcomb. – Assinei o nome de outra pessoa.

– Isso não tem o nome de falsificação?

– Não se preocupe. A única pessoa que se pode queixar num caso de falsificação é o detentor do nome falsificado, e protegi os seus interesses, capelão, recorrendo ao de alguém que já morreu: Washington Irving. – Fez uma pausa para tentar descortinar algum indício de rebelião no rosto do interlocutor e acrescentou com uma nota de ironia: – Foi um raciocínio rápido da minha parte, hem?

– Não sei – confessou o capelão em voz trémula, pestanejando em contracções grotescas de angústia e incompreensão. – Receio não ter compreendido bem tudo o que acaba de dizer. Como ficarão com boa impressão a meu respeito, se assinou o nome de Washington Irving em vez do meu?

– Estão convencidos de que o senhor é Washington Irving. Não percebe? Assim, saberão quem assinou.

– Mas não é precisamente o contrário disso que se pretende? Desse modo, não verão as suspeitas confirmadas?

– Se eu adivinhasse que se punha com tanta esquisitice, não me dava ao trabalho de tentar ajudá-lo – declarou o cabo Whitcomb, que se retirou para reaparecer no momento imediato. – Fiz-lhe o maior favor da sua vida e nega-se a reconhecê-lo. Não sabe mostrar-se grato. É mais um dos seus muitos defeitos.

– Lamento – murmurou o capelão, constrangido. – Garanto-lhe que lamento profundamente. Estou tão desnorteado com tudo isto, que nem sei

o que digo. Creia que me sinto muito grato.

– Nesse caso, porque não me deixa enviar aquelas cartas? Posso começar a trabalhar nos primeiros rascunhos?

– Isso não. Pelo menos, para já.

– Sou o seu melhor amigo e não o reconhece! – rugiu o cabo Whitcomb, transpondo a saída, pela qual não tardou a surgir de novo. – Estou do seu lado e nem se apercebe. Não compreende a gravidade da situação em que se meteu? O homem do CID regressou ao hospital para redigir um relatório a seu respeito em que vai mencionar o tomate.

– Qual tomate? – indagou o capelão, voltando a pestanejar.

– O tomate maduro que escondia na mão, quando chegou, há pouco. Esse mesmo! O que ainda tem na mão!

Aliviou a pressão dos dedos, surpreendido, e viu que continuava a segurar o tomate oferecido pelo coronel Cathcart, pelo que se apressou a pousá-lo na mesa de brídege.

– Foi o coronel Cathcart que mo deu – declarou, e reconheceu imediatamente o absurdo da explicação. – Insistiu em que o trouxesse.

– Não perca tempo a mentir-me – redarguiu o cabo Whitcomb. – É-me indiferente se lho roubou ou não.

– Hem? Porque havia de roubar um tomate?

– Foi o que mais nos intrigou, até que o homem do CID sugeriu a possibilidade de ter escondido documentos secretos importantes dentro dele.

– Não escondi documentos secretos nenhuns – protestou o capelão, cada vez mais aturdido. – Nem sequer queria aceitar o tomate. Olhe, fique você com ele. Leve-o e examine-o.

– Não o quero.

– Aceite-o, por favor – suplicou em tom quase inaudível. – Desejo livrar-me dele.

– Não me interessa.

O cabo Whitcomb retirou-se mais uma vez com uma expressão indignada, dominando com dificuldade um sorriso de júbilo por ter forjado uma nova e

poderosa aliança com o homem do CID e tornado a convencer o capelão de que se achava profundamente contrariado com ele.

«Pobre cabo Whitcomb», suspirava o capelão, censurando-se pelo mal-estar do seu impedido, enquanto aguardava que tornasse a aparecer. Ficou, contudo, desapontado ao ouvir os passos afastarem-se, até que se estabeleceu silêncio. Não havia nada que lhe interessasse fazer de momento. Por fim, decidiu substituir o almoço por alguns minutos de leitura e uns sorvos de água tépida do cantil. Sentia-se circundado por neblinas densas e esmagadoras de possibilidades nas quais não vislumbrava a menor sugestão de luz. Temia o que o coronel Cathcart pensaria, quando o informassem de que era suspeito de se intitular Washington Irving e depois preocupou-se com o que já devia pensar por haver abordado o tópico das sessenta missões obrigatórias. Reflectiu que havia muita infelicidade espalhada pelo mundo, enquanto inclinava a cabeça sob o peso de semelhante ideia, e ele nada podia fazer para acudir a ninguém e muito menos a si próprio.

§

Capítulo vigésimo primeiro GENERAL DREEDLE

O coronel Cathcart não tinha o capelão no fulcro das suas cogitações, pois assolava-o um problema ameaçador novo em folha: *Yossarian!*

Yossarian! O mero som do nome execrável e hediondo congelava-lhe a transpiração e obrigava-o a respirar com dificuldade. A alusão do capelão a *Yossarian* vibrara-lhe na mente como um gongo ensurdecedor, e assim que ficou só toda a humilhante recordação do homem desnudo na formatura acudiu-lhe ao pensamento impetuosamente, numa abundância mortificante e sufocante de pormenores pungentes. A transpiração intensificou-se, acompanhada de tremores irresistíveis. Havia uma coincidência sinistra e ominosa implicada na evocação demasiado diabólica para que a pudesse encarar como algo de inferior ao presságio mais tenebroso. O nome do homem que se incorporara na formatura, completamente despido, para receber a Cruz de Voo das mãos do general Dreedle era o mesmo: *Yossarian!* E agora era um homem chamado *Yossarian* que ameaçava provocar-lhe problemas relacionados com as sessenta missões obrigatórias que ele, Cathcart, acabava de decretar. O facto obrigava-o a perguntar-se se se trataria da mesma pessoa.

Pôs-se de pé com uma imprecação entre dentes e começou a mover-se em vaivém no gabinete. Sentia-se na presença do misterioso. Reconhecia que o homem desnudo na formatura constituíra uma mancha no seu prestígio. Assim como a alteração da posição da linha de bombas antes da missão a Bolonha e o atraso de sete dias na destruição da ponte em Ferrara, conquanto este último episódio, recordou com satisfação, tivesse acabado

por representar uma pluma no seu chapéu, apesar de a perda de um avião na segunda vez, lembrou-se com desalento, ser mais uma mancha no prestígio, se bem que viesse a conquistar nova pluma para o seu chapéu ao obter a aprovação de uma medalha para o bombardeiro que suscitara essa mancha ao sobrevoar o alvo segunda vez. E, com um estremeamento abrupto de horror, recordou-se de que o nome desse bombardeiro também era *Yossarian!* Agora, já eram *três!* Os seus olhos viscosos pareciam querer irromper das órbitas, e ele rodou bruscamente nos calcanhares para ver o que se passava nas suas costas. Poucos momentos antes, não existia um único Yossarian na sua vida, enquanto agora se multiplicavam como duendes. Exerceu um esforço para tentar acalmar-se. Yossarian não era um nome vulgar, pelo que talvez não fossem três, mas apenas dois ou mesmo um... *mas, no fundo, isso não interessava!* O coronel continuava exposto a um perigo grave. A intuição advertia-o de que se aproximava de um imenso e inescrutável clímax cósmico, e o seu pesado arcaboço estremeceu da cabeça aos pés ante a perspectiva de aquele Yossarian, quem quer que acabasse por revelar-se ser, estar destinado a personificar o seu Némesis.

Cathcart não era supersticioso, mas acreditava em presságios, e apressou-se a sentar-se à secretária, a fim de inscrever uma anotação cifrada no bloco-calendário, para investigar a fundo, imediatamente, a questão dos Yossarians. Anotou a lembrança em letra firme, realçando-a com uma série de sinais de pontuação codificados que só ele entendia e sublinhando toda a mensagem por duas vezes, onde se lia:

Yossarian!!!(?)!

Quando terminou, reclinou-se na cadeira, extremamente satisfeito consigo mesmo pela maneira pronta e eficiente como agira para debelar a sinistra crise. *Yossarian...* o mero nome bastava para o fazer estremecer. Tinha esses a mais. Era subversivo, sem margem para dúvidas. Na verdade, era como o próprio termo *subversivo* personificado. Como *sedicioso* e *insidioso*, ou *socialista*, *suspeito*, *fascista* e *comunista*. Tratava-se de um nome odioso, estrangeiro, desagradável, que não inspirava confiança, ao contrário de

outros, límpidos, escorritos, americanos, como Cathcart, Peckem e Dreedle.

Ergueu-se com lentidão e reatou o vaivém. Quase inconscientemente, pegou num tomate de uma das caixas e cravou-lhe os dentes. Acto contínuo, contraiu as faces num trejeito de repulsa e lançou-o ao cesto dos papéis. Não gostava de tomates, mesmo quando lhe pertenciam, que não era o caso. Tinham sido comprados em diferentes mercados de Pianosa pelo tenente-coronel Korn sob diversas identidades, transferidos para a sua quinta pela calada da noite e transportados para o quartel-general do grupo na manhã imediata, a fim de serem vendidos a Milo, que pagava a Cathcart e Korn preços especiais. Cathcart duvidava com frequência que a transacção fosse legal, porém o tenente-coronel asseverava que sim, pelo que se esforçava por não pensar muito no assunto. Também não dispunha de meios para determinar se a casa nas colinas era legal, pois fora Korn quem se ocupara da aquisição. Cathcart não sabia se lhe pertencia ou a alugara, a quem fora adquirida e por quanto, se porventura custara alguma coisa. Korn era o advogado da firma, e se lhe garantia que fraude, extorsão, manipulação de divisas, desfalque, evasão fiscal e especulações do mercado negro se revestiam de legalidade, ele não se achava em posição de discordar.

A única coisa que Cathcart sabia acerca da sua casa nas colinas era que a possuía e detestava. Nunca se aborrecia tanto como quando passava lá dois ou três dias em semanas alternadas para alimentar a ilusão de que a casa de pedra húmida e cheia de correntes de ar das colinas constituía um palácio dourado de prazeres carnis. Os clubes de oficiais eram em toda a parte palco de orgias alcoólicas e sexuais prontamente abafadas, com noites excitantes povoadas por capitosas cortesãs, atrizes de cinema, modelos e condessas italianas. Jamais se verificara nada do género na casa de pedra. Na verdade, decerto aconteceria se o general Dreedle ou Peckem alguma vez manifestassem o desejo de participar em orgias com ele, mas nenhum dos dois o fizera, e o coronel não estava disposto a consumir o seu tempo e energias para fazer amor com mulheres atraentes, a menos que daí resultasse algum lucro suplementar.

Cathcart temia as noites monótonas nas colinas e os dias tranquilos, sem coisa alguma a alterar a quietude. Divertia-se muito mais no grupo, entretido a enfrentar todos os que não receava. No entanto, como o tenente-coronel Korn lhe recordava com frequência, não podia experimentar grande prazer com a posse de uma casa de campo nas colinas, se nunca a utilizasse. Não obstante, sempre que se metia no carro e a visitava, dominava-o uma sensação de acabrunhamento. Fazia-se acompanhar de uma caçadeira e passava as monótonas horas alvejando os pássaros e os tomates que cresciam sem assistência e davam demasiado trabalho a apanhar.

Entre os oficiais de patente inferior à sua pelos quais ainda considerava prudente manifestar respeito, incluía o major ... de Coverley, embora não lhe apetecesse e nem sequer tivesse a certeza se o devia fazer. O major ... de Coverley constituía um mistério profundo para Cathcart, como acontecia ao major Major e a todos os outros que não lhe prestavam atenção. Na realidade, não sabia ao certo se devia olhar para cima ou para baixo na sua atitude para com o major ... de Coverley. Este não passava de um major, apesar de muito mais velho que ele. Mas, por outro lado, eram tantos os que o tratavam com respeito e veneração, que Cathcart suspeitava de que todos eles deviam saber alguma coisa. O major ... de Coverley representava uma presença ominosa e incompreensível que o mantinha sempre na defensiva e do qual até o tenente-coronel se mostrava receoso. Todos tinham medo dele e ninguém sabia porquê. Nem sequer conheciam o seu nome de baptismo, porque ainda ninguém reunira coragem suficiente para lho perguntar. O coronel Cathcart inteirara-se de que o major ... de Coverley se ausentara e regozijava-se com o facto, até que lhe ocorreu a possibilidade de o ter feito para conspirar contra ele, pelo que passou a desejar que regressasse sem demora para o poder vigiar.

As articulações das pernas não tardaram a doer-lhe de tanto se mover de um lado para o outro e foi sentar-se à secretária, a fim de embarcar numa análise sistemática e responsável da situação militar no seu conjunto. Com o ar eficiente de quem sabe como deve intervir para que as coisas funcionem, pegou num bloco de apontamentos, traçou uma linha vertical no

meio da folha e outra horizontal nas proximidades do topo, para a dividir em duas colunas iguais. A seguir, fez uma pausa, entregou a ponderada ruminaco e, na da esquerda, escreveu «*Demritos!!!*», após o que traçou «*Plumas no Meu Chapéu!!! !!*» na da direita. Reclinou-se na cadeira para inspeccionar o resultado com uma expressão grave e, transcorridos uns segundos de deliberação solene, humedeceu a ponta do lápis, para inscrever por baixo de «*Demritos!!!*»:

Ferrara

Bolonha (linha de bombas no mapa deslocada)

Carreira de tiro

Homem nu na formatura (depois de Avinhão)

Hesitou por um momento e acrescentou:

Envenenamento da comida (durante Bolonha)

e:

Murmrios (epidmicos durante sessão de informação sobre Avinhão)

e ainda:

Capelão (presença no Clube dos Oficiais todas as noites)

Decidiu mostrar-se caritativo acerca deste último, embora não lhe fosse simpático, e, por baixo de «*Plumas no Meu Chapéu!!! !!*», escreveu:

Capelão (presença no Clube dos Oficiais todas as noites)

Por conseguinte, as duas inscrições a respeito do capelão anulavam-se.  frente de «*Ferrara*» e «*Homem nu na formatura (depois de Avinhão)*», escreveu:

Yossarian!

Adiante de «*Bolonha (linha de bombas do mapa deslocada)*», «*Envenenamento da comida (durante Bolonha)*» e «*Murmrios (epidmicos*

durante sessão de informação sobre Avinhão)», traçou com firmeza:

?

As anotações assinaladas com «?» eram as que queria investigar imediatamente, para determinar se Yossarian intervieria nelas.

De súbito, o braço começou a tremer e sentiu-se impossibilitado de continuar a escrever. Levantou-se aterrorizado, sentindo-se pesado e adiposo, e precipitou-se para a janela aberta, a fim de encher os pulmões de ar. Naquele momento, o olhar pousou na carreira de tiro e retrocedeu com um grito agudo de apreensão, enquanto a mirada febril esquadrihava as paredes, como se receasse que estivessem cheias de Yossarians.

Ninguém gostava dele. O general Dreedle detestava-o, embora o general Peckem simpatizasse com ele, apesar de não ter a certeza, pois o coronel Cargill, ajudante-de-campo de Peckem, decerto tinha ambições próprias e tratava de corroer a imagem de Cathcart em todas as oportunidades que se lhe deparavam. Os únicos coronéis que lhe mereciam um pouco de apreço eram os mortos, salvo a sua própria excepção. Só confiava no coronel Moodus, e mesmo esse merecia certas reservas por parte do sogro. Evidentemente que Milo fora a grande pluma no seu chapéu, conquanto o facto de ter o seu grupo bombardeado pelos aviões deste constituísse provavelmente um demérito terrível, se bem que o mesmo Milo tivesse acabado por silenciar todos os protestos ao revelar o substancial lucro líquido que o sindicato apurara no negócio com o inimigo e convencer todos de que o bombardeamento dos seus próprios homens e aviões constituía, por conseguinte, uma machadada aconselhável e muito lucrativa no sector empresarial privado. Cathcart não se sentia bem seguro acerca de Milo, porque outros coronéis procuravam atrair-lhe as boas graças, e Cathcart ainda contava com o imundo chefe White Halfoat no seu grupo, que o não menos imundo e indolente capitão Black acusava de responsável da alteração da linha das bombas durante o Grande Cerco de Bolonha. Cathcart gostava do chefe White Halfoat, porque este socava o imundo coronel Moodus no nariz sempre que se embriagava e o via ao seu alcance,

e ansiava por que começasse também a esmurrar o tenente-coronel Korn. Alguém do Quartel-General da Vigésima Sétima Força Aérea não o suportava e devolvia todos os seus relatórios com comentários cáusticos, e Korn subornara um astuto amanuense de lá chamado Wintergreen para que averiguasse de quem se tratava. O coronel via-se forçado a reconhecer que a perda do avião quando sobrevoava Ferrara pela segunda vez não favorecera a sua imagem, assim como o desaparecimento do outro aparelho no interior de uma nuvem – *e este era um episódio que ainda não anotara na lista!* Tentou recordar se Yossarian se perdera com o avião no meio da nuvem, mas compreendeu que tal não podia ter acontecido, se agora provocava tanta celeuma por ter de completar as imundas sessenta missões obrigatórias.

O mínimo de sessenta missões *talvez* fosse excessivo, se Yossarian se insurgira, mas lembrou-se em seguida de que obrigar os seus homens a participar em mais missões que os das outras esquadrilhas representava a concretização de uma das proezas mais abonatórias das suas características de chefe. Como o tenente-coronel Korn observava com frequência, a guerra arrastava-se interminavelmente porque os comandantes de grupo se limitavam a cumprir o dever e tornava-se indispensável uma decisão dramática do género de estabelecer um mínimo de sessenta missões obrigatórias ou, pelo menos, em número superior às dos outros grupos para que o termo das hostilidades não representasse um alvo imerso na penumbra do horizonte. De qualquer modo, nenhum general parecia objectar à determinação, embora, até onde lhe era possível averiguar, também não se mostrassem impressionados, o que o levava a suspeitar de que as sessenta missões não bastavam e conviria elevar o mínimo para setenta, oitenta, cem ou mesmo duzentas, trezentas ou seiscentas.

Decerto teria uma existência mais tranquila sob as ordens do general Peckem do que uma pessoa sensaborona e insensível como o general Dreedle, porquanto o primeiro possuía o discernimento, inteligência e espírito de equipa para o apreciar pelo seu justo valor, se bem que nunca tivesse deixado transparecer a menor indicação de qualquer apreciação.

Cathcart sentia-se suficientemente perceptivo para compreender que não eram necessários sinais visíveis de reconhecimento entre indivíduos sofisticados e ponderados como ele e o general Peckem, os quais podiam entrar em sintonia à distância com compreensão mútua irrefutável. Bastava que fossem da mesma têmpera, e Cathcart sabia que só necessitava de se munir de paciência até que surgisse o momento oportuno, embora lhe corresse o ânimo verificar que Peckem nunca o procurava deliberadamente, nem se esforçava por o impressionar mais com os seus epigramas do que aos outros oficiais nas suas imediações, e até aos subalternos. Por conseguinte, ou o coronel Cathcart não conseguia entrar em sintonia com o general Peckem, ou este não era a personalidade cintilante, discriminadora, intelectual e esclarecida que pretendia e essas qualidades estavam reunidas no general Dreedle, pelo que se achava sob a jurisdição do comandante apropriado, e de subido perdeu por completo a noção da sua posição perante os outros e colou o dedo ao botão da campainha para que o tenente-coronel Korn acudisse sem demora e assegurasse que todos o estimavam, Yossarian não passava de um produto da sua imaginação e obtinha progressos maravilhosos na admirável e corajosa campanha que desenvolvia para se tornar general.

Na realidade, o coronel Cathcart não tinha a mínima hipótese de ascender ao generalato. Antes de mais, havia o ex-PFC Wintergreen, que também queria ser general e tratava sempre de distorcer, destruir, rejeitar ou fazer seguir na direcção errada toda a correspondência de, para ou acerca do coronel Cathcart susceptível de lhe conferir crédito. Por outro lado, já havia um general, Dreedle, o qual sabia que Peckem ansiava por ocupar o seu lugar e não vislumbrava uma maneira de o impedir.

O general Dreedle, comandante de esquadrilha, era um homem rude, de peito como um barril e pouco mais de cinquenta anos, com nariz abaulado e vermelho e pálpebras brancas e proeminentes, que circundavam os olhos cinzentos pequenos como fatias de toucinho. Tinha uma enfermeira e um genro e era atreito a longos e pesados silêncios, quando não se excedia na bebida. Desperdiçara demasiado tempo no Exército tentando cumprir o seu

dever o melhor possível e agora era demasiado tarde. Novos alinhamentos de poder haviam coagulado sem ele e achava-se incapacitado de os enfrentar. Em momentos de descontração, a expressão dura assumia um ar sombrio e apreensivo de derrota e frustração. Bebia em excesso e a sua disposição era arbitrária e imprevisível. «A guerra é um inferno», afirmava com frequência, bêbado ou sóbrio, e exprimia-se com sinceridade, conquanto isso não o impedisse de viver bem à custa dela e associar o genro ao seu negócio, embora se erguessem atritos constantes entre ambos.

– O bastardo... – costumava Dreedle dizer acerca do genro, com um grunhido de desdém, a quem se achasse por casualidade a seu lado na curva do balcão do bar do Clube dos Oficiais. – Tudo o que tem a mim o deve. Fui eu que o tornei no que é, o grande filho da mãe! Não possuí miolos suficientes para se governar sem ajuda.

– Ele julga que sabe tudo – dizia, por seu turno, o coronel Moodus, ao seu auditório, na outra curva do balcão. – Não sabe aceitar críticas e recusa escutar conselhos.

– Só serve para dar conselhos – observava o general Dreedle, com um trejeito de repulsa. – Se não fosse eu, ainda não tinha passado de cabo.

Era sempre acompanhado pelo coronel Moodus e a enfermeira, uma fêmea atraente, baixa, roliça e loura, com faces cheias, olhos azuis alegres e cabelos anelados sempre impecáveis. Sorria a todos e nunca falava, a menos que se lhe dirigissem. O busto era apetitoso como o resto e a tez clara. Em suma, uma mulher suculenta, terna, dócil e obtusa, que fazia todas as cabeças andar à roda, excepto a do general Dreedle.

– Gostava que a vissem despida – proferia ele com ar de orgulho, enquanto ela sorria a seu lado. – Tem um uniforme no meu quarto, tão apertado que os bicos dos seios se destacam como cerejas. É de seda roxa, fornecida por Milo. Por baixo, não há sequer espaço para as cuecas ou *soutien*. Obrigó-a a vesti-lo de vez em quando, na presença de Moodus, para o pôr rubro. – Com uma risada rouca, acrescentava: – Haviam de ver o que se passa dentro da camisa dela cada vez que transfere o peso do corpo de uma perna para a outra. O pobre homem fica mesmo desvairado. Na

primeira ocasião que o surpreender a pousar a mão nela ou em qualquer outra mulher faço-o regressar a soldado raso e entrar na linha durante um ano.

– Conserva-a sempre a seu lado para me provocar – acusava o coronel Moodus, na outra extremidade do balcão. – Ela tem um uniforme de seda tão apertado que os bicos dos seios se destacam como cerejas. Por baixo, não há sequer espaço para as cuecas ou o *soutien*. Haviam de ver o que se passa dentro da camisa cada vez que transfere o peso do corpo de uma perna para a outra. Na primeira ocasião em que ele me surpreender a pousar a mão nela ou em qualquer outra mulher faz-me regressar a soldado raso e entrar na linha durante um ano. A fulana ainda dá comigo em doido.

– Ele não tem relações sexuais desde que embarcámos – confidenciava o general Dreedle, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça com uma expressão de sadismo. – É uma das razões por que nunca o perco de vista: assim não tem possibilidades de se aproximar de uma mulher. Imaginem o que o pobre filho da mãe deve sofrer.

– Não vou para a cama com uma mulher desde que embarcámos – choramingava o coronel Moodus. – Imaginem o que tenho sofrido.

Dreedle podia ser tão intransigente com qualquer outra pessoa, quando se irritava, como em relação ao genro. Detestava a dissimulação e o pretensiosismo e o seu credo como militar profissional era unificado e conciso: estava convencido de que os jovens que recebiam ordens dele deviam estar dispostos a oferecer a vida pelos ideais, aspirações e idiossincrasias dos homens mais velhos que lhas davam. Os oficiais e subalternos sob a sua jurisdição só tinham identidade como quantidades militares. Só lhes exigia que cumprissem a sua missão; para além disso, tinham plena liberdade para proceder como entendessem. Tinham, por exemplo, plena liberdade, como acontecia ao coronel Cathcart, para obrigar os seus homens a participar em sessenta missões, se lhes apetecesse, ou, como no caso de Yossarian, para comparecer numa formatura desnudos, conquanto o queixo granítico do general Dreedle se movesse com nervosismo ante semelhante espectáculo, enquanto avançava em passos

pesados para a fileira em causa, a fim de se certificar de que se encontrava lá um homem cuja única indumentária consistia num par de chinelos, perfilado para receber uma condecoração das suas mãos. Dreedle achava-se impossibilitado de pronunciar palavra. Por seu turno, o coronel Cathcart receou desmaiar quando descortinou Yossarian, e o tenente-coronel Korn acercou-se por trás e apertou-lhe o braço com intensidade. O silêncio que se estabeleceu era grotesco. Soprava vento quente da praia e uma carroça cheia de palha arrastava-se pela estrada, puxada por um jumento preto e conduzida por um agricultor de chapéu de palha de abas largas e roupa quase andrajosa, que não prestava a menor atenção à cerimónia militar formal desenrolada no terreno à sua direita.

Por fim, o general Dreedle recompôs-se parcialmente da estupefacção, ordenou à enfermeira que voltasse para o carro e esta afastou-se com um sorriso em direcção ao veículo estacionado a uns vinte metros do local. Ele aguardou em austero silêncio que a porta se fechasse e inquiriu:

– Quem é este?

O coronel Moodus consultou a lista e informou:

– Chama-se Yossarian, pai. Vai receber a Cruz de Voo.

– Macacos me mordam – grunhiu o general, ao mesmo tempo que o rosto rude e monolítico se atenuava com uma expressão divertida. – Porque não usa o uniforme, Yossarian?

– Porque não quero.

– Não quer? Por que carga de água?

– Porque não quero, senhor.

– Porque não está ele fardado? – perguntou Dreedle por cima do ombro, ao coronel Cathcart.

– Está a falar consigo – murmurou o tenente-coronel Korn por cima do ombro de Cathcart, desferindo-lhe uma forte cotovelada nas costas.

– Porque não está ele fardado? – perguntou este último a Korn, com uma expressão de dor, passando a mão pelo local atingido.

– Porque não está ele fardado? – perguntou Korn aos capitães Piltchard e Wren.

– Um homem foi morto no seu avião sobre Avinhão, a semana passada, e sangrou para cima dele – explicou Wren. – Jurou que não voltaria a usar o uniforme.

– Um homem foi morto no seu avião sobre Avinhão, a semana passada, e sangrou para cima dele – comunicou Korn directamente ao general Dreedle.

– O uniforme ainda não chegou da lavandaria.

– E os outros uniformes?

– Também estão na lavandaria.

– E a roupa interior?

– Está igualmente toda na lavandaria.

– Cheira a esturro.

– E cheira mesmo – acudiu Yossarian.

– Não se preocupe – replicou o coronel Cathcart, lançando-lhe uma mirada incendiária. – Garanto-lhe que este homem será castigado severamente.

– Quero lá saber se o castigam ou não! – retorquiu Dreedle, com surpresa e irritação. – Acaba de conquistar uma medalha. Portanto, se a quer receber despido, que tem você com isso?

– É precisamente essa a minha opinião! – assentiu Cathcart, com entusiasmo exagerado, enquanto levava o lenço à frente alagada. – Mas parece-lhe que devemos pensar assim, à luz das recentes instruções do general Peckem sobre a apresentação de um militar nas áreas de combate?

– Peckem? – O semblante do general toldou-se.

– Sim, senhor. Ele até recomenda que enviemos os nossos homens para o combate com o uniforme de gala, para causarem boa impressão ao inimigo quando são abatidos.

– Peckem? – repetiu, com uma expressão de desagrado. – Que diabo tem ele a ver com isto?

O tenente-coronel voltou a afundar o cotovelo nas costas de Cathcart com violência e este estremeceu de dor, enquanto levava a mão à área maltratada.

– Absolutamente nada, senhor! E foi por isso que decidi não tomar qualquer decisão sobre o assunto antes de trocar impressões consigo. Parece-lhe que o devemos ignorar por completo?

O general Dreedle ignorou-o por completo e virou-se para Yossarian, a fim de lhe entregar a medalha no respectivo estojo.

– Vá buscar a minha rapariga ao carro – ordenou ao coronel Moodus, e afastou-se da formatura para aguardar que ela se lhe reunisse.

– Contacte imediatamente com o nosso gabinete para anular a directiva que assinei para os homens usarem gravata nas missões de combate – murmurou Cathcart a Korn.

– Eu bem lhe disse que não a assinasse, mas não fez caso.

– Caluda! Oiça cá: com que me arreou nas costas?

O tenente-coronel dissimulou um sorriso, sem responder.

A enfermeira seguia o general Dreedle a toda a parte, incluindo à sala de informação antes da missão a Avinhão, onde se conservou com o seu sorriso asinino a um lado da plataforma, salientando-se como um oásis fértil junto de Dreedle no seu uniforme rosa e verde. Yossarian olhou-a e ficou de imediato apaixonado. A boa disposição extinguiu-se, deixando-o intimamente vazio e aturdido, enquanto contemplava com avidez os lábios vermelhos generosos e escutava o major Danby, que descrevia, em voz didacticamente monótona, as densas concentrações de artilharia antiaérea que os aguardavam em Avinhão, e gemeu de súbito desespero ao pensar que talvez não voltasse a ver aquela atraente mulher à qual nunca dirigira uma palavra e agora amava com arrebatamento. Palpitava e penava de frustração, medo e desejo, enquanto continuava a admirá-la em silêncio. Venerava o local onde pousava os pés. Humedeceu os lábios sedentos com a língua viscosa e tornou a gemer de pesar, desta vez suficientemente alto para atrair os olhares perplexos dos camaradas sentados nas proximidades.

– Que tens? – quis saber Nately, a meia voz. – Sentes-te mal?

Todavia, Yossarian não o ouvia. Achava-se totalmente inundado de desejo e mesmerizado de desolação. Os seus sentidos estavam repletos quase ao ponto de congestão com os reflexos amarelados dos cabelos dela, pressão

insensível dos dedos suaves, contacto imaginário nos seios turgentes sob a blusa rosa do uniforme, cuja gola se apresentava generosamente aberta, e as confluências triangulares do ventre e quadris sob a calça tensa. Ele bebia-a insaciavelmente da cabeça às unhas pintadas dos pés. Não a queria perder, por muito que lhe custasse.

– Aaaaaaaaaai... – gemeu mais uma vez, e agora toda a sala vibrou com o som insólito.

Gerou-se uma vaga de desconforto entre os oficiais postados na plataforma, e o próprio major Danby, que principiara a sincronizar os relógios, distraiu-se momentaneamente e esteve prestes a ter de recomeçar. Nately seguiu o rumo do olhar transfigurado de Yossarian ao longo da assistência até que se imobilizou na enfermeira do general Dreedle e empalideceu de trepidação quando pressentiu a causa da excitação do outro.

– Pára com isso, ouviste? – recomendou em surdina.

– Aaaaaaaaaaaaaai... – gemeu Yossarian mais uma vez, agora suficientemente alto para alcançar todos os cantos da sala.

– Endoideceste? – voltou Nately, no mesmo tom. – Ainda nos arranjas problemas.

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaai... – repetiu Dunbar, do lado oposto. Nately reconheceu-lhe a voz e, pressentindo que a situação começava a deteriorar-se, contribuiu com um breve gemido:

– Ai...

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaai... – replicou Dunbar.

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaai... – tomou Nately, exasperado, ao aperceber-se de que gemera.

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaai... – persistiu Dunbar.

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaai... – interpôs uma nova voz noutra secção da sala, ao mesmo tempo que Nately sentia os cabelos eriçarem-se.

Yossarian e Dunbar prosseguiram o dueto, enquanto Nately se contorcia com desespero e olhava em busca de um buraco onde se pudesse esconder e arrastar Yossarian consigo. Entretanto, alguns dos outros principiavam a dominar o riso com dificuldade. Um impulso endiabrado possuiu Nately

subitamente e fê-lo gemer de forma intencional quando se verificou a pausa seguinte, a que respondeu uma nova voz. O odor da desobediência era quase nauseabundo, e ele tornou a gemer propositadamente, no momento de uma solução de continuidade nos gemidos quase gerais que agora se registavam, obtendo resposta de mais uma nova voz. A atmosfera fervilhava crescentemente e caminhava para o pandemónio a passos agigantados. Arrastavam-se pés e começaram a cair coisas dos dedos de várias pessoas: lápis, computadores, pastas, capacetes de aço. Aqueles que não gemiam agora abertamente e ninguém poderia prever onde pararia a insurreição organizada de gemidos se o próprio general Dreedle não decidisse avançar para o centro da plataforma e colocar-se directamente em frente do major Danby, o qual, com a perseverante cabeça inclinada para baixo, continuava a concentrar-se no relógio de pulso, enquanto proferia:

– ... vinte e cinco segundos... vinte... quinze...

– Basta! – ordenou Dreedle, com uma expressão mista de perplexidade e determinação. Aguardou que se estabelecesse silêncio absoluto e prosseguiu: – Sou responsável por uma unidade de combate e não haverá mais gemidos nas sessões de informação, enquanto eu mandar. Entendido?

Todos entenderam, excepto o major Danby, que continuava a concentrar-se no relógio de pulso e a contar os segundos:

– ... quatro... três... dois... um... agora! – Ergueu os olhos com ar de triunfo e descobriu que ninguém o escutava, pelo que teria de recomeçar. – Aaaai... – articulou com frustração.

– *Que foi isso?* – rugiu o general Dreedle, incrédulo, virando-se para o major, que retrocedeu um passo involuntariamente. – *Quem é este homem?*

– Ma... major Danby, senhor – balbuciou Cathcart. – O meu oficial de operações de grupo.

– Leve-o e fuzile-o – determinou Dreedle.

– Perdão?...

– Disse que o levasse e fuzilasse! É surdo?

– Muito bem! – O coronel engoliu em seco e voltou-se com brusquidão para o seu motorista e o meteorologista. – Levem o major Danby e fuzilem-

no.

– Perdão?... – articularam o motorista e o meteorologista, em uníssono.

– Disse que levassem o major Danby e o fuzilassem! – vociferou Cathcart.

– São surdos?

Os dois jovens tenentes inclinaram as cabeças e entreolharam-se com perplexa e flácida relutância, cada um à espera que o outro tomasse a iniciativa de levar o major Danby e fuzilá-lo, pois nunca tinham levado o major Danby e fuzilado. Por fim, aproximaram-se dele em passos hesitantes, enquanto o major Danby se tornava lívido como um lençol. De repente, os joelhos pareceram incapazes de continuar a suportar o peso do corpo, e os dois jovens tenentes tiveram de se precipitar para a frente, a fim de o amparar. Agora que o seguravam, o resto devia ser fácil, embora não houvesse nenhuma arma de fogo ao seu alcance. O major Danby principiou a chorar e o coronel Cathcart teve vontade de se colocar a seu lado para o confortar, mas não queria fazer figura de piegas diante do general Dreedle. Recordou-se de que Appleby e Havermeyer se faziam acompanhar sempre das automáticas nas missões e esquadrihou a assistência com os olhos à sua procura.

No momento em que o major Danby se pôs a chorar, o coronel Moodus, que vacilara com amargura, não se pôde conter mais e avançou com firmeza para o general Dreedle, com uma expressão de abnegação.

– Acho conveniente esperar um pouco, pai – sugeriu em tom hesitante. – Não creio que *o possamos* fuzilar.

– Quem disse? – retorquiu o sogro, enfurecido com a intervenção. – Porquê? – continuou em voz suficientemente elevada para fazer estremecer as paredes. – Não posso mandar fuzilar quem me apetece? – rugiu com indignação compreensível. Fez uma pausa, enquanto o coronel Moodus murmurava algo, e a cólera cedeu o lugar à curiosidade. – Isso é verdade?

– Receio que sim, pai.

– E você julga-se um espertalhão, hem?

– Não, pai. – Moodus corou com intensidade. – Não se trata...

– Bem, deixem o insubordinado filho da mãe em paz – decidiu o general, voltando as costas ao genro e dirigindo-se ao motorista e meteorologista do coronel Cathcart. – Mas levem-no daqui e que não volte a aparecer. Prossigamos com a sessão de informação antes que a guerra acabe. Nunca vi tanta incompetência junta.

Cathcart inclinou a cabeça com ar pesaroso e indicou aos seus homens que levassem o major Danby. No entanto, com a saída deste, não havia ninguém para continuar a sessão, e os oficiais entreolharam-se com perplexidade. O general Dreedle tornou-se roxo de fúria ao ver que não acontecia nada, enquanto o coronel Cathcart não sabia o que fazer, e preparava-se para gemer em voz alta, quando o tenente-coronel Korn salvou a situação, assumindo o comando das operações, o que lhe permitiu exalar um profundo suspiro de alívio, quase esmagado pela gratidão.

– Ora bem, vamos lá sincronizar os relógios – começou Korn, em tom autoritário, rolando os olhos adulatoriamente na direcção do general Dreedle. – Sincronizá-los-emos uma vez e só uma, e se não conseguirmos, o general Dreedle e eu desejaremos inteirar-nos do motivo. Entendido? – Tornou a volver o olhar para o general, a fim de se certificar de que as suas palavras tinham sido bem acolhidas. – Acertem os relógios para as nove e dezoito.

Conseguiu sincronizar os relógios sem o menor contratempo e prosseguiu com confiança. Indicou as cores do dia e recapitulou as condições meteorológicas com versatilidade ágil e eficiente, ao mesmo tempo que lançava olhadelas ocasionais ao general Dreedle, para obter encorajamento adicional através da boa impressão que causava. Exprimindo-se em tom claro e incisivo e movendo-se com perfeito à-vontade na plataforma, tornou a indicar as cores do dia e alongou-se numa peroração inflamada sobre a importância da ponte de Avinhão para o esforço de guerra e a obrigação de cada combatente de colocar o amor à pátria acima do amor à vida. No final da inspirada dissertação, indicou de novo as cores do dia, recordou o ângulo de aproximação e mencionou as condições meteorológicas mais uma vez.

Sentia-se no auge dos seus poderes. Os projectores incidiam nele por mérito próprio.

A compreensão acudiu gradualmente ao espírito do coronel Cathcart, que ficou varado. O rosto alongou-se visivelmente, enquanto assistia à traição vitoriosa do tenente-coronel Korn, e estava prestes a abandonar-se ao desespero, quando o general Dreedle se acercou e, num murmúrio suficientemente flamejante para se ouvir em toda a sala, perguntou:

– Quem é aquele homem?

Cathcart elucidou-o com relutância e em seguida o general cobriu a boca parcialmente com a mão para segredar algo que lhe provocou uma expressão de imensa alegria. Korn apercebeu-se e estremeceu de prazer. O general Dreedle teria acabado de o promover a coronel? A incerteza quase lhe cortava o alento. Com umas palavras de encorajamento, deu a sessão de informação por encerrada e voltou-se com ansiedade para receber as felicitações ardentes de Dreedle... que já se encaminhava para a saída sem olhar para trás, com a enfermeira e o coronel Moodus na sua esteira. Korn ficou perturbado com a cena, mas apenas por um instante. Virou-se para procurar o coronel Cathcart, que permanecia imóvel com um sorriso de satisfação, e precipitou-se para ele.

– Que disse ele a meu respeito? – inquiriu, excitado, num fervor de orgulhosa e beatífica antecipação. – Que disse o general Dreedle?

– Quis saber quem você era.

– Bem sei, bem sei. Mas que disse de mim? Que disse?

– Que lhe provocava náuseas.

§

Capítulo vigésimo segundo MILO, PRESIDENTE DA CÂMARA

Era a missão em que Yossarian se descontrolou. Yossarian descontrolou-se na missão de Avinhão, porque Snowden perdeu a coragem, e Snowden perdeu a coragem porque o seu piloto naquele dia era Huple, apenas com quinze anos de idade, e o segundo piloto Dobbs, que era ainda pior e queria que Yossarian se lhe aliasse numa conspiração para assassinar o coronel Cathcart. Yossarian sabia que Huple era um bom piloto, mas não passava de um garoto, e Dobbs também não confiava nele e afastou os comandos sem prevenir após o lançamento das bombas, enlouquecendo em pleno espaço e mergulhando o avião na queda alucinante, asfíxiante e incrédula que arrancou os auscultadores de Yossarian da tomada e o projectou contra o topo do nariz do avião.

«Valha-nos Deus!», bradou ele em silêncio ao aperceber-se de que caíam. «Valham-nos todos os deuses!», bradou desesperadamente através dos lábios que recusavam abrir-se, enquanto o avião continuava a perder altitude e ele pairava no pequeno espaço, até que Huple conseguiu voltar a puxar os comandos e estabilizar o aparelho no meio do pandemónio de metralha proveniente das peças antiaéreas de que se haviam escapado e agora necessitavam de tornar a fugir. Quase no mesmo instante, registou-se uma espécie de baque e surgiu uma abertura do tamanho de um punho no plexiglas. As faces de Yossarian ficaram cheias de fragmentos quentes, mas não se verificava derramamento de sangue.

– Que aconteceu? Que aconteceu? – exclamou, e tremeu com violência quando descobriu que não conseguia ouvir a sua própria voz.

Achava-se surpreendido com o silêncio vazio no intercomunicador e quase demasiado horrorizado para se mover, quando se apoiou no sobrado com as mãos e os joelhos como um rato encurralado e aguardou, sem se atrever a respirar, até que descortinou a cavilha metálica dos auscultadores oscilando diante dos olhos e introduziu-a na tomada com dedos trémulos.

Dobbs chorava, no momento em que ele pôde voltar a utilizar o intercomunicador e escutar o que se passava no aparelho.

– Acudam-lhe, acudam-lhe – soluçava. – Acudam-lhe, acudam-lhe.

– Acudam a quem? Acudam a quem? – replicou Yossarian. – Acudam a quem?

– Ao bombardeiro, ao bombardeiro. Não responde. Acudam ao bombardeiro, acudam ao bombardeiro!

– O bombardeiro sou eu. O bombardeiro sou eu. Estou bem. Estou bem.

– Então, acudam-lhe, acudam-lhe – insistia Dobbs. – Acudam-lhe, acudam-lhe!

– Acudam a quem? Acudam a quem?

– Ao artilheiro. Acudam ao artilheiro.

– Tenho frio – murmurou Snowden, pelo intercomunicador, acrescentando num gemido de agonia: – Acudam-me, por favor. Tenho frio.

E Yossarian gatinhou pela passagem em direcção à retaguarda do avião, onde Snowden jazia ferido e dominado pelo frio num clarão amarelado de raios solares, junto do novo artilheiro da cauda, sem sentidos.

Dobbs era o pior piloto do mundo e não o ignorava, um farrapo abalado de um jovem viril que se esforçava continuamente por convencer os seus superiores de que não se achava em condições de pilotar um avião. No entanto, ninguém lhe prestava atenção, e foi no dia em que o mínimo de missões obrigatórias passou para sessenta que entrou na tenda de Yossarian, enquanto Orr se ausentara para procurar gaxetas, para revelar o plano que concebera a fim de assassinar o coronel Cathcart, o qual carecia da colaboração de Yossarian.

– Queres matá-lo a sangue-frio? – argumentou este último.

– Exacto – aquiesceu Dobbs, com um sorriso optimista, encorajado pela prontidão com que o outro abarcara a situação. – Abatemo-lo com a Luger que trouxe da Sicília e ninguém sabe que possuo.

– Acho que não sou capaz – concluiu Yossarian, depois de ponderar a ideia por um momento.

– Porquê?

– Olha. Nada me agradava mais do que ver o filho da mãe fracturar a espinha, perder a vida no despenhamento de um avião ou descobrir que alguém o liquidava a tiro. Mas não me julgo capaz de o matar.

– Ele não hesitava em fazê-lo, se os papéis se invertessem. Por sinal, até foste tu que disseste que nos está a matar por exigir um número de missões tão elevado.

– Mas não me julgo com coragem para o abater. Também tem direito à vida.

– Penso que não, enquanto insistir em nos privar da nossa. Que mosca te mordeu? – articulou Dobbs, agastado. – Fartei-me de te ouvir discutir a mesma coisa com Clevinger e olha o que lhe aconteceu. Desapareceu no interior de uma nuvem.

– Não grites.

– Não estou a gritar! – vociferou ainda mais alto, as faces vermelhas de fervor revolucionário, enquanto vestígios de espuma assomavam aos cantos dos lábios. – Devia haver cerca de uma centena de homens no grupo com trinta e cinco missões, quando ele passou o número para sessenta, e pelo menos outros tantos como tu, aos quais faltavam apenas duas ou três. Vai matar todos, se o deixarmos continuar eternamente. Temos de o liquidar antes que isso aconteça.

Yossarian inclinou a cabeça inexpressivamente, sem se pronunciar, e acabou por perguntar:

– Parece-te que nos safávamos?

– Tenho tudo planeado. Eu...

– Fala mais baixo, gaita!

– Estou a falar baixo. Tenho...

– Fazes o favor de não gritar?

– Tenho tudo planeado – repetiu Dobbs, pousando as mãos no beliche de Orr para que não tremessem. – Quinta-feira de manhã, quando ele regressar do raio da sua quinta nas colinas, aguardo-o entre os arbustos daquela curva apertada perto daqui. Vai ter de abrandar aí e eu posso vigiar a estrada nos dois sentidos, para me certificar de que não está ninguém nas proximidades. Quando o vir aproximar, atravesso um tronco de árvore na faixa de rodagem para o obrigar a parar. A seguir, saio dos arbustos com a Luger na mão e atinjo-lhe a cabeça até morrer. Depois, enterro a arma no chão, volto para a esquadilha através do bosque e vou à minha vida como os outros. Que pode correr mal no meio disto?

– Onde é que eu entro? – quis saber Yossarian, que escutara atentamente.

– Não era capaz de o fazer sem ti. Preciso que me encorajes a executar o plano.

– Só isso? – estranhou. – Queres apenas que te encoraje?

– Nada mais. Encoraja-me a executá-lo e faço-lhe saltar os miolos sozinho, no dia seguinte. – A voz de Dobbs voltava a subir de tom, em virtude da emoção. – De caminho, também gostava de fazer saltar os do tenente-coronel Korn, embora julgue conveniente poupar o major Danby, se não te opuseres. Depois, liquidava igualmente Appleby e Havermeyer, e talvez não fosse má ideia incluir McWatt no número dos eliminados.

– McWatt? – bradou Yossarian, contendo-se a custo de dar um salto de indignação. – É meu amigo. Porque o queres matar?

– Não sei – confessou Dobbs, claramente embaraçado. – Lembrei-me apenas de que, uma vez que assassinávamos Appleby e Havermeyer, podíamos aproveitar as balas que sobrassem para liquidar McWatt. Não concordas?

– Talvez estivesse interessado, se não gritasses tanto e limitasses os teus planos ao coronel Cathcart – declarou Yossarian, decidindo assumir uma posição firme. – Mas se pretendes promover um banho de sangue, não contes comigo.

– Está bem, está bem. Mata-se só o coronel Cathcart. Devo fazê-lo? Aplica-me o empurrão de largada.

– Não sou capaz.

– Estou disposto a aceitar uma solução de compromisso. Não precisas de me empurrar. Diz apenas que aprovas a ideia. Julgas que é uma boa ideia?

– Tinha sido excelente, se a pusesse em prática sem me consultar. Agora, é muito tarde. Não te posso dizer nada. Concede-me algum tempo. Talvez altere a minha posição.

– Então é que será muito tarde.

No entanto, Yossarian abanava a cabeça com insistência, ante o desapontamento de Dobbs. Conservou-se sentado por um momento com uma expressão de desalento, até que se pôs de pé num salto e abandonou a tenda para tentar convencer, mais uma vez, o Dr. Daneeka a autorizá-lo a não participar em mais missões de combate, derrubando o lavatório com o quadril e tropeçando na conduta de combustível para o fogão que Orr ainda não terminara de construir. O médico aguentou o ataque impetuoso com uma série de inclinações de cabeça de impaciência e enviou-o à tenda médica para descrever os sintomas a Gus e Wes, que lhe pintaram as gengivas de roxo com uma solução violácea de genciana no instante em que começou a falar. Também lhe pintaram os dedos dos pés e obrigaram-no a tragar um laxante, quando voltou a abrir a boca para protestar, após o que o mandaram embora em paz.

Dobbs achava-se em piores condições do que Joe Faminto, o qual podia pelo menos participar em missões quando não tinha pesadelos. Na realidade, eram tão más como as de Orr, que parecia contente como uma cotovia gigantesca de riso galvânico e dentes salientes, quando partiu em gozo de licença de descanso, com Milo e Yossarian, na deslocação ao Cairo para adquirir ovos e em que o primeiro preferiu comprar algodão e seguiu de madrugada para Istambul, com o avião cheio de aranhas exóticas e bananas vermelhas verdes. Orr era um dos abortos mais hediondos que Yossarian jamais vira e um dos mais atraentes. Tinha rosto bolboso, com olhos cor de avelã, que espreitavam por entre as pálpebras

permanentemente semicerradas como fragmentos de berlindes, e cabelos puxados para trás, como uma tenda coberta de brilhantina. Era precipitado na água ou quase ficava sem um motor cada vez que descolava, e segurou-se freneticamente ao braço de Yossarian como um desesperado depois de levantarem voo para Nápoles e pousarem na Sicília, para se lhes deparar o ardiloso e fumador de charuto proxeneta de dez anos com as duas irmãs virgens de doze à sua espera à entrada do hotel onde só havia lugar para Milo. Yossarian desprendeu-se de Orr com firmeza, contemplou com certa apreensão e surpresa o monte Etna e não o Vesúvio e perguntou-se o que faziam na Sicília em vez de Nápoles, enquanto o outro insistia em que o acompanhasse na esteira das duas irmãs virgens de doze anos trazidas pelo rapaz de dez, que não eram na realidade virgens nem irmãs e contavam dezoito anos.

– Vai com ele – recomendou Milo a Yossarian. – Lembra-te da tua missão.

– Está bem – acedeu o outro, com um suspiro, recordando-se da sua missão. – Mas primeiro deixa-me ver se encontro alojamento num hotel, para depois poder dormir descansado.

– Dormes com elas – indicou Milo, com uma expressão enigmática. – Lembra-te da tua missão.

Mas ninguém dormiu, porque Yossarian e Orr viram-se envolvidos na cama de casal com as duas prostitutas de doze-dezoito anos, que se revelaram gordurosas e obesas e passaram a noite a acordá-los para pedir que trocassem de parceira. As percepções de Yossarian não tardaram a ficar tão confusas que não prestou atenção ao turbante bege na cabeça da adiposa que se lhe agarrava como uma lapa até à manhã seguinte, quando o garoto ardiloso e fumador de charuto de dez anos lho arrancou para expor uma chocante, reluzente e inesperada calva. Vizinhas invejosas tinham-lhe rapado a cabeça, porque dormira com alemães. A rapariga uivou de indignação feminina e correu atrás do responsável pela exposição em público. Yossarian admitiu para consigo que nunca se lhe deparara nada tão desnudo como aquela cabeça. O proxeneta erguia o turbante na mão como um trofeu e esquivava-se à perseguição com eficiência, descrevendo

círculos tantálicos na praça repleta de gente, que ria com gosto e apontou para Yossarian com desdém, quando Milo surgiu com uma expressão de reprovação em face do espectáculo degradante e frívolo. A seguir, insistiu em partir imediatamente para Malta.

– Temos sono – protestou Orr.

– A culpa não é minha. Se passassem a noite no vosso hotel e não com essas mulheres imorais, estavam frescos como alfaces.

– Disseste que as acompanhássemos – retorquiu Yossarian, em tom acusador. – De resto, não tínhamos reservado quarto em nenhum hotel. Só tu nos podias arranjar alojamento.

– Também não tive culpa disso – explicou Milo, com despreendimento. – Podia lá adivinhar que estavam cá todos os compradores por causa da colheita do grão-de-bico.

– Sabia-lo perfeitamente – volveu Yossarian. – É por isso que estamos na Sicília e não em Nápoles. Aposto que já encheste o avião de grão-de-bico.

– Fala mais baixo – recomendou o outro, com um olhar de advertência na direcção de Orr. – Lembra-te da tua missão.

Com efeito, o compartimento das bombas, as secções da cauda e a maior parte da torre do artilheiro estavam cheios de caixas de grão-de-bico, quando eles chegaram ao aeródromo para seguir em direcção a Malta.

A missão de Yossarian na viagem consistia em distrair Orr para que não visse Milo comprar ovos, conquanto fizesse parte do seu sindicato e, à semelhança de todos os outros, fosse detentor de uma acção. Yossarian considerava que o haviam incumbido de uma missão insensata, pois era do conhecimento comum que Milo adquiria os ovos em Malta por sete cêntimos a unidade e os vendia às diferentes messes do seu sindicato por cinco.

– Não confio nele – esclareceu Milo, inclinando a cabeça para Orr, que se enroscava como um felino entre as caixas de grão-de-bico e tentava dormir.

– Prefiro comprar os ovos longe das suas vistas, para que não tome conhecimento dos meus segredos de negócios. Que mais há que não compreendes?

– Não compreendo, por exemplo – redarguiu Yossarian, que viajava a seu lado, no lugar do segundo piloto –, porque compras ovos a sete cêntimos cada um em Malta e os vendes por cinco.

– Faço-o para obter lucro.

– Mas como? Segundo as minhas contas, perdes dois cêntimos em cada ovo.

– Mas obtenho o lucro de três cêntimos e um quarto por unidade ao vendê-los por quatro e um quarto às pessoas de Malta às quais os compro por sete. É claro que o lucro não é meu. Pertence ao sindicato. E todos recebem uma parte.

Yossarian julgou começar a entender:

– E as pessoas às quais os vendes por quatro cêntimos e um quarto cada um obtêm o lucro de dois e três quartos, quando voltam a vender-tos por sete. É isso? Porque não os vendes directamente a ti próprio e eliminas aqueles a quem os compras?

– Porque aqueles a quem os compro sou eu – explicou Milo, sem pestanejar. – Obtenho o lucro de três cêntimos e um quarto por unidade quando os vendo a mim próprio, e de dois e três quartos quando mos volto a comprar, o que dá um total de seis cêntimos por ovo. Perco apenas dois cêntimos por unidade, quando os vendo às messes por cinco, e é assim que consigo arrecadar lucro comprando os ovos por sete cêntimos cada um e vendendo-os por cinco. Pago apenas um cêntimo por unidade na galinha, quando os compro na Sicília.

– Em Malta – corrigiu Yossarian. – Compra-los em Malta e não na Sicília.

– Nunca os comprei em Malta – confessou Milo, com ares de leve divertimento clandestino, que constituía o único desvio da sobriedade persistente que Yossarian jamais lhe notara. Compro-os na Sicília a um cêntimo cada um e transfiro-os secretamente para Malta por quatro e meio, a fim de conseguir que o preço suba para sete cêntimos por unidade, quando as pessoas vão lá procurá-los.

– Porque os procuram lá, se são tão caros?

– Porque sempre o fizeram.

- Porque não vão antes à Sicília?
- Porque nunca o fizeram.
- Agora é que não percebo nada. Porque não os vendes às messes por sete cêntimos cada um em vez de cinco?
- Porque desse modo não os necessitariam. Qualquer pessoa pode comprar ovos de sete cêntimos cada um por sete cêntimos.
- Porque não te passam por cima e tos compram directamente em Malta por quatro cêntimos e um quarto?
- Porque eu não lhos vendia.
- Porquê?
- Porque não haveria tanta margem de lucro. Assim, posso pelo menos embolsar alguma coisa como intermediário.
- Então, sempre obténs lucro só para ti – salientou Yossarian.
- Sem dúvida. Mas vai para o sindicato e todos recebem uma parte. Não compreendes? É exactamente a mesma coisa com os tomates que vendo ao coronel Cathcart.
- *Compras* – corrigiu Yossarian. – Não *vendes* tomates ao coronel Cathcart e ao tenente-coronel Korn. *Compras-lhos*.
- Não, *vendo* – rectificou Milo. – Distribuo os tomates pelos mercados de Pianosa sob um nome suposto, para que Cathcart e Korn mos possam comprar sob nomes supostos por quatro cêntimos cada um e tornar a vender no dia seguinte, para o sindicato, a cinco cêntimos. Assim, obtêm o lucro de um cêntimo por unidade e eu de três e meio, e todos ficamos a ganhar.
- Todos menos o sindicato – observou Yossarian, com um sorriso malicioso. – Esse paga cinco cêntimos por cada tomate que te custa apenas meio cêntimo. Onde está o lucro do sindicato?
- O sindicato lucra quando eu lucro, porque todos têm uma acção. E dispõe do apoio de Cathcart e Korn para eu poder efectuar viagens como esta. Verás o lucro que isso representa dentro de uns quinze minutos, quando aterrarmos em Palermo.
- Em Malta – corrigiu Yossarian. – Seguimos para Malta e não para Palermo.

– Não, seguimos para Palermo. Preciso de falar com um exportador de endivas de lá por causa de uma remessa de cogumelos para Berna que ficaram estragados pela humidade.

– Como diabo consegues tudo isso? – exclamou, com uma gargalhada de incredulidade e admiração. – Preenches um plano de voo com um destino e segues para outro. Os fulanos das torres de controlo nunca te levantam problemas?

– Pertencem todos ao sindicato e sabem que o que convém ao sindicato convém à pátria. Também possuem uma acção cada um, pelo que têm de fazer o que podem pelo sindicato.

– Eu também tenho uma acção.

– Toda a gente tem.

– E Orr?

– Toda a gente.

– E Joe Faminto?

– Toda a gente.

– Macacos me mordam! – explodiu, profundamente impressionado pela primeira vez com a ideia de possuir uma acção.

– Tenho um plano para lesar o governo federal em seis mil dólares – confidenciou Milo, com uma expressão grave. – Podemos embolsar três mil cada um sem o menor risco. Estás interessado?

– Não.

– É o que mais aprecio em ti – admitiu, quase emocionado. – A honestidade. És a única pessoa que conheço em quem posso realmente confiar. Gostava, por isso, que tentasses ajudar-me um pouco mais. Confesso que fiquei desapontado quanto te vi acompanhar aquelas duas vadias em Catânia, ontem.

– Disseste-me que fosse com elas! – asseverou Yossarian, arqueando as sobrancelhas. – Não te lembras?

– A culpa não foi minha – alegou Milo, com dignidade. – Tinha de me livrar de Orr de qualquer maneira, ao chegarmos à cidade. Em Palermo, vai

ser muito diferente. Quando aterrarmos, tu e ele seguem com as raparigas desde o aeroporto.

– Quais raparigas?

– Enviei um telegrama no sentido de que um proxeneta de quatro anos lhes arranjasse duas virgens de oito, meio espanholas. Estarão à espera no aeroporto, numa limusina, para a qual vocês subirão assim que saírem do avião.

– Não contes comigo. – Yossarian abanou a cabeça com veemência. – A única coisa que me interessa é dormir.

Milo empalideceu de indignação, enquanto o nariz estreito palpitava entre as sobrancelhas negras e o bigode acastanhado, como a chama ténue de uma vela.

– Lembra-te da tua missão – advertiu pausadamente.

– Ao diabo com a minha missão. E ao diabo também com o sindicato, apesar de possuir uma acção. Não estou interessado em virgens de oito anos, ainda que sejam meio espanholas.

– Não te censuro, mas estas virgens de oito anos só têm na realidade trinta e dois. E na verdade não são meio espanholas, mas um terço estónias.

– Não estou interessado em virgens, independentemente da sua ascendência.

– E nem sequer são virgens. A que escolhi para ti foi casada por pouco tempo com um mestre-escola idoso que só dormia com ela aos domingos, pelo que está praticamente novinha em folha.

No entanto, Orr também tinha sono, e ele e Yossarian sentavam-se ao lado de Milo enquanto seguiam do aeroporto para a cidade de Palermo, onde descobriram que não havia acomodações para os dois no hotel e, sobretudo, que Milo era presidente da Câmara.

A recepção estranha e implausível principiou no aeroporto, onde operários civis que o reconheceram interromperam o trabalho respeitosamente para o contemplar com expressões de moderada exuberância e adulação. A notícia da sua chegada precedeu-o na cidade, cujos arrabaldes já se achavam repletos de munícipes que o vitoriavam, enquanto os três seguiam num

transporte descoberto. Yossarian e Orr sentiam-se mistificados e emudecidos, encolhidos junto do companheiro como garantia de segurança.

No interior da cidade, as manifestações de boas-vindas intensificaram-se, à medida que o veículo reduzia a marcha e rumava à zona central. Garotos de ambos os sexos, que haviam sido dispensados das aulas para o efeito, alinhavam-se ao longo dos passeios em trajos domingueiros e agitavam pequenas bandeiras. Entretanto, Yossarian e Orr estavam totalmente estupefactos. As ruas achavam-se pejudadas de multidões ruidosas e viam-se numerosas faixas atravessadas entre os prédios, com fotografias de Milo, o qual posara envolto numa camisa de camponês com gola alta, e o semblante escrupuloso e paternal mostrava-se tolerante, lúcido, crítico e vigoroso, contemplando a população com os olhos desunidos e o bigode indisciplinado. Inválidos de esgares contorcidos sopravam-lhe beijos das janelas. Proprietários e empregados de lojas soltavam aclamações das portas. Aqui e ali, uma pessoa caía e era espezinhada mortalmente. Mulheres idosas e soluçantes afluíam em torno do veículo, que se deslocava com lentidão, para tocar no ombro de Milo ou apertar-lhe a mão, enquanto ele suportava a tumultuosa celebração com graciosidade benevolente e acenava a toda a gente em elegante retribuição, quando não expedia generosos punhados de beijos. Filas de adolescentes de ambos os sexos moviam-se igualmente na sua esteira, bradando: «*Mi-lo! Mi-lo! Mi-lo!*»

Agora que o seu segredo se tornara conhecido, Milo sentava-se descontraído ao lado de Yossarian e Orr, inchado opulentamente de vasto e comedido orgulho e de faces avermelhadas. Fora eleito presidente da Câmara de Palermo – assim como das localidades próximas de Carini, Moureale, Bagheria, Termini, Imerese, Cefali, Mistretta e Nicósia – porque levava o *scotch* à Sicília.

– Esta gente gosta assim tanto de *scotch*? – estranhou Yossarian.

– Nem lhe toca – explicou Milo. – É muito caro e os habitantes destas paragens não nadam em dinheiro.

– Então, porque o importas para a Sicília?

– Para elevar o preço. Transfiro o *scotch* de Malta para aqui, a fim de obter maior margem de lucro quando o vendo para outra pessoa. Criei toda uma nova indústria. Hoje, a Sicília é o terceiro maior importador de *scotch* do mundo, e foi por *isso* que me elegeram presidente da Câmara.

– Se és uma personagem tão importante, porque não nos arranhas quarto num hotel? – interveio Orr, em tom arrastado de cansaço.

– É precisamente o que vou fazer – respondeu Milo. – Creiam que lamento não me ter lembrado de lhes reservar aposentos por telegrama. Venham ao meu escritório, onde transmitirei as instruções necessárias nesse sentido ao meu adjunto.

O escritório situava-se numa barbearia e o adjunto era um rotundo barbeiro, de cujos lábios obsequiosos brotaram saudações tão efusivas como a espuma que começou a produzir no púcaro destinado a Milo.

– Então, Vittorio – proferiu este último, reclinando-se numa das cadeiras –, como correram as coisas na minha ausência?

– Muito tristes, Signor Milo, muito tristes. Mas agora que voltou, o povo tornou a estar alegre.

– Estranhei ver tanta gente. Como se explica que todos os hotéis estejam superlotados?

– Vieram muitas pessoas de outras cidades expressamente para o ver, Signor Milo. Além disso, estão cá os compradores interessados na feira da alcachofra.

A mão de Milo ergueu-se na perpendicular como uma águia e imobilizou o pincel que Vittorio brandia.

– Alcachofra? Que é isso?

– Um vegetal muito saboroso apreciado em todo o mundo. Há-de prová-las, nesta sua visita. As que cultivamos têm fama mundial.

– Palavra? A como as vendem, este ano?

– Parece ter sido um ano excelente para as alcachofras. As colheitas foram muito más.

– Sim?

De súbito, Milo saltou da cadeira, arrancou a toalha do pescoço, e desaparecera quando Yossarian e Orr assomaram à porta para o procurar.

– Quem segue? – bradou o adjunto do presidente da Câmara em tom oficial.

Yossarian e Orr saíram da barbearia acabrunhados. Abandonados por Milo, vaguearam por entre as massas em busca infrutuosa de um lugar para dormir. Yossarian sentia-se exausto. A cabeça latejava com intensidade e estava irritado com Orr, que descobrira duas maçãs bravas algures e as conservou nas bochechas até que ele se apercebeu e o mandou tirá-las. Depois, Orr encontrou duas castanhas-da-índia algures e introduziu-as até que Yossarian as detectou e o intimidou a retirar as maçãs bravas da boca. Orr sorriu e replicou que não eram maçãs bravas, mas castanhas-da-índia e não as tinha na boca, mas nas mãos, porém, Yossarian não conseguiu compreender uma única palavra por causa das castanhas-da-índia na boca e ordenou-lhe que as tirasse de lá. Um leve clarão despontou nos olhos do outro, que friccionou a fronte asperamente com os nós dos dedos, como que dominado por torpor alcoólico, e acabou por soltar uma risada.

– Lembras-te daquela rapariga?... – Interrompeu-se para voltar a rir. – Lembras-te daquela rapariga que me arreou com o sapato na cabeça num apartamento de Roma, quando estávamos os dois despedidos? – perguntou, com uma expressão maliciosa. Aguardou que Yossarian aquiescesse com um gesto e acrescentou: – Se me deixares voltar a pôr as castanhas na boca, conto-te porque me batia. Combinado?

Yossarian concordou e Orr revelou os pormenores fantásticos da razão pela qual a rapariga desnuda no apartamento da prostituta de Nately o agredira na cabeça com um sapato, todavia Yossarian não conseguiu entender uma palavra porque as castanhas-da-índia se encontravam de novo na boca do companheiro. Soltou uma gargalhada divertida em face do truque, mas finalmente não lhes restou outra solução, quando anoiteceu, senão ingerir uma refeição execrável num restaurante imundo e seguir de boleia para o aeroporto, onde dormiram no sobrado frio do avião, passando parte da noite às voltas agitadas e grunhindo de tormento, até que os

condutores de caminhões surgiram com caixas cheias de alcachofras e os mandaram sair, a fim de as transferirem para bordo. Entretanto, começara a chover com intensidade e Yossarian e Orr achavam-se encharcados até aos ossos, quando os motoristas se retiraram com os seus caminhões vazios, e tiveram de se resignar a instalar-se no avião entre as caixas como anchovas enlatadas. De manhã, Milo levou as alcachofras para Nápoles e trocou-as por paus de canela, cravos-da-índia, vagens de baunilha e pimenta, que levou no mesmo dia para Malta, onde exercia as funções de adjunto do governador-geral, e também não havia acomodações para Yossarian e Orr. Em Malta, Milo era o major Sir Milo Minderbinder e dispunha de um gabinete gigantesco no edifício do governador-geral, com uma secretária imensa. Numa das paredes de carvalho, entre bandeiras britânicas cruzadas, pendia uma notável e dramática fotografia do major Sir Milo Minderbinder com o uniforme dos Reais Fuzileiros Escoceses. O bigode era pequeno e estreito, o queixo proeminente e os olhos incisivos como cardos. Fora armado cavaleiro, nomeado major honorário dos Reais Fuzileiros Escoceses e eleito adjunto do governador-geral de Malta, porque levava o negócio dos ovos à ilha. Concedeu a Yossarian e Orr autorização generosa para pernoitar na espessa carpeta do seu gabinete, mas pouco depois de se retirar uma sentinela de uniforme de combate entrou de rompante e expulsou-os do edifício na ponta da sua baioneta, pelo que eles regressaram exaustos ao aeroporto num táxi cujo motorista lhes cobrou uma tarifa exorbitante e voltaram a dormir no avião, agora cheio de sacas de cocos e de café moído recentemente, o qual exalava um odor tão pungente que se encontravam ambos no exterior vomitando livremente quando Milo se apresentou num carro com motorista, de manhã, fresco como uma alface, e descolaram imediatamente para Orão, onde, mais uma vez, não havia acomodações nos hotéis e ele era vice-xá. Possuía instalações sumptuosas num palácio cor de salmão, porém, Yossarian e Orr não o puderam acompanhar porque eram infiéis cristãos. Foram interceptados no portão por gigantescos e mal-encarados guardas berberes, que os expulsaram, brandindo cimitarras significativamente. Orr fungava e espirrava sob o efeito de um resfriado,

enquanto Yossarian encurvava as largas costas, assolado por dores excruciantes. Apetecia-lhe partir a cara a Milo, mas o facto de se tratar do vice-xá de Orão e, portanto, uma entidade sagrada, aconselhava-o a protelar a intenção. Não tardaram a verificar que, além de vice-xá de Orão, era igualmente o califa de Bagdade, o imã de Damasco e o xeque da Arábia. Também era o deus do trigo, da chuva e do arroz em regiões do interior onde essas divindades primitivas continuavam a merecer veneração por parte de povos supersticiosos e ignorantes, e, no coração de florestas africanas, segundo o próprio Milo deixou transparecer com modéstia, podiam encontrar-se imagens esculpidas do seu rosto e inevitável bigode em lugares proeminentes de altares inundados de sangue humano. Onde quer que fizessem escala, era aclamado com ardor, e as ovações sucederam-se de cidade para cidade, até que, finalmente, regressaram através do Médio Oriente e alcançaram o Cairo, onde Milo conseguiu o monopólio do mercado de algodão que mais ninguém do mundo queria e não tardou a achar-se à beira da ruína. No Cairo, encontraram o tão desejado quarto de hotel, com camas suaves e lençóis lavados, armários com cabides para a roupa e água para se lavarem. Yossarian e Orr mergulharam os corpos quase rançosos em banheiras fumegantes e em seguida abandonaram o hotel com Milo para comer *cocktails* de camarão e *filet mignon* num restaurante elegante com uma máquina de cotações da Bolsa no átrio, a qual indicava naquele momento os valores respeitantes ao algodão egípcio. Milo, que nunca vira nenhuma, perguntou ao chefe de mesa de que se tratava, reconhecendo que jamais se lhe deparara uma máquina tão atraente.

– Palavra? – articulou, quando o homem concluiu a explicação. – E qual é o preço de venda do algodão egípcio?

O outro elucidou-o e ele comprou toda a colheita.

No entanto, Yossarian não ficou tão impressionado com a aquisição do algodão egípcio como com os cachos de bananas vermelhas verdes que Milo avistara no mercado local, quando seguiam de carro para o centro da cidade, e os seus temores revelaram-se justificados, pois ele acordou-o de

sono profundo pouco depois da meia-noite e estendeu-lhe uma banana parcialmente descascada, o que fez Yossarian abafar um soluço.

– Prova – indicou Milo, movendo a banana junto do rosto contorcido de Yossarian, que procurava esquivar-se.

– Deixa-me em paz, grande bastardo. Preciso de dormir.

– Prova e diz-me se não é boa. Mas que Orr não saiba que ta dei, pois cobreí duas piastras pela dele.

Yossarian comeu a banana submissamente e fechou os olhos depois de afirmar que era boa, todavia Milo apressou-se a sacudi-lo, para comunicar que tinham de partir imediatamente para Pianosa.

– Tu e Orr têm de carregar as bananas para o avião, o mais depressa possível. O homem recomendou que nos acautelássemos com as aranhas.

– Não pode ficar para de manhã? Preciso de dormir.

– Amadurecem muito depressa e não temos um minuto a perder. Pensa em como os nossos camaradas da esquadrilha vão ficar contentes, quando virem as bananas.

Mas os camaradas da esquadrilha nunca viram as bananas, porque havia interessados nelas em Istambul e venda de sementes de alcaravia em Beirute, que Milo adquiriu e levou para Bengasi, e quando regressaram a Pianosa, seis dias depois, no final da licença de descanso de Orr, acompanhava-os uma carga de ovos da Sicília, que Milo afirmou provirem do Egipto e vendeu às suas messes por apenas *quatro* cêntimos cada um, pelo que todos os oficiais comandantes do seu sindicato lhe imploraram que não tardasse a voltar ao Cairo para comprar mais cachos de bananas vermelhas verdes, que trocaria na Turquia pelas sementes de alcaravia muito procuradas em Bengasi. E todos participavam no lucro final.

§

Capítulo vigésimo terceiro O PAI DE NATELY

O único da esquadrilha que viu bananas vermelhas foi Aarfy, o qual obteve duas através de um influente irmão da fraternidade no Corpo do Quartel-Mestre, quando amadureceram e começaram a ser introduzidas em Itália por meio dos canais normais do mercado negro, e estava no apartamento dos oficiais com Yossarian na noite em que Nately voltou a encontrar a sua prostituta, após muitas e infrutíferas semanas de melancólicas pesquisas, e a levou para lá, juntamente com duas amigas e a promessa de trinta dólares a cada uma.

– Trinta dólares por cabeça? – proferiu Aarfy, pausadamente, apalpando as três esqueléticas mulheres com ar de entendido. – É muito dinheiro para espécimes destes. De resto, nunca tive de pagar este género de favores.

– Não te peço que pagues – apressou-se Nately a assegurar-lhe. – A despesa fica por minha conta. Só me interessa que vocês se encarreguem das outras duas. Não me querem ajudar?

– Não preciso que me paguem os prazeres. – Aarfy exibiu um sorriso complacente e abanou a cabeça. – Posso obtê-los sempre que me apetecer. Simplesmente, neste momento não me apetece.

– Porque não te limitas a pagar às três e mandas as outras embora? – sugeriu Yossarian.

– Porque a minha zangava-se comigo por a obrigar a trabalhar por dinheiro – esclareceu Nately, com um olhar ansioso à sua rapariga, que o fitava, impaciente, e começava a resmungar entre dentes. – Está a dizer que,

se realmente gostasse dela, a mandava embora e ia para a cama com uma das outras.

– Tenho uma ideia melhor – anunciou Aarfy. – Porque não as conservamos aqui até depois do recolher obrigatório e as ameaçamos então de pôr na rua para serem presas, a menos que nos entreguem todo o seu dinheiro? Até podemos dizer que as lançamos pela janela.

– Francamente... – grunhiu Nately, sacudindo a cabeça.

– Pretendia apenas ajudar.

Aarfy pretendia sempre ajudar Nately, porque o pai deste era rico e importante e, por conseguinte, desfrutava de uma posição privilegiada para o ajudar por sua vez, no final da guerra.

– No liceu, fazíamos sempre coisas destas – acrescentou, na defensiva. – Um dia, atraímos duas raparigas obtusas da cidade à casa da fraternidade e obrigámo-las a ter relações com todos os colegas interessados, sob pena de telefonarmos aos pais e dizermos que tinham relações connosco. Conseguimos mantê-las na cama mais de dez horas seguidas. Até lhes aplicámos uns borrachos, quando começaram a protestar. Depois, confiscámos-lhes os trocos e pastilhas elásticas e pusemo-las fora. Como nos divertíamos naquela casa da fraternidade! – recordou com nostalgia. – Costumávamos condenar todos ao ostracismo. Até uns aos outros.

Mas não tinha possibilidade de ajudar Nately naquele momento, pois a rapariga pela qual este se apaixonara profundamente principiou a invectivá-lo com fervor crescente. Por sorte, Joe Faminto surgiu no instante oportuno e tudo regressou à normalidade, embora Dunbar aparecesse embriagado, minutos mais tarde, e comesse a abraçar uma das outras. Agora, havia quatro homens e três mulheres, e os sete deixaram Aarfy no apartamento e meteram-se num táxi puxado por um cavalo, o qual permaneceu imóvel junto do passeio, enquanto elas exigiam pagamento adiantado. Nately entregou-lhes noventa dólares num gesto galante, depois de pedir vinte a Yossarian, trinta e cinco a Dunbar e dezassete a Joe Faminto. A partir de então, as raparigas mostraram-se mais cordiais e indicaram um endereço ao condutor, o qual os conduziu em andamento moderado a uma secção da

cidade que eles nunca tinham visitado e parou diante de um prédio alto e antigo, numa rua escura. Elas precederam os companheiros ao longo de quatro intermináveis e ruidosos lanços de degraus e entraram num maravilhoso e resplandecente apartamento, com um recheio de curvilíneas jovens desnudas, juntamente com o velho de expressão maligna e debochada que irritava Nately constantemente com risadas cáusticas e a velha de camisola de malha cinzenta que desaprovava tudo o que fosse imoral e se esforçava como podia para o evitar.

O incrível local constituía uma fértil e fervente cornucópia de mamilos e umbigos femininos. De início, encontravam-se apenas as três raparigas na sala imersa em luz difusa situada na confluência de três tenebrosos corredores que se estendiam em direcção às entranhas distantes do estranho e admirável bordel. Elas despiram-se imediatamente, com pausas em diferentes fases da operação para realçar orgulhosamente a qualidade da roupa interior e conversar com o velho debochado de cabelos brancos compridos e desgrenhados e camisa branca desabotoada, que as contemplava com volúpia numa poltrona azul e bolorenta no centro exacto do aposento e saudara Nately e os companheiros com formalidade sardónica. A seguir, a velha saiu, a fim de ir buscar uma rapariga para Joe Faminto e reapareceu com duas beldades de bustos opulentos, uma já despida e a outra envolta apenas numa semicombinação rosa, de que se desembaraçou ao sentar-se. Mais três fêmeas desnudas surgiram de diferentes proveniências e ficaram para conversar, logo seguidas de mais duas. Quatro outras atravessaram a sala num grupo indolente, imersas em conversa amena – três descalças e a quarta equilibrada perigosamente em sapatos de salto alto demasiado grandes. Surgiu mais uma, com que se encerrou a congregação de corpos despidos, num total de onze, apenas um dos quais usava algo a cobri-lo: as cuecas.

Assim, havia curvas, reentrâncias e saliências, e Joe Faminto começou a morrer, conservando-se rígido, cataléptico e assombrado, enquanto as raparigas desfilavam na sala e procuravam lugares e posições confortáveis. De súbito, soltou um uivo agudo e precipitou-se para a porta, a fim de se

dirigir ao apartamento dos subalternos e munir-se da máquina fotográfica, mas deteve-se quase imediatamente com um grito não menos cortante, ao pensar que todo o seu encantador, luxuriante, fértil e pitoresco paraíso lhe seria suprimido irremediavelmente se o perdesse de vista por um único instante. Estacou à saída e resfolegou, enquanto as veias e os tendões do rosto e pescoço latejavam com intensidade. O velho observava-o com uma expressão divertida de triunfo, refastelado no sofá azul bolorento, como uma deidade satânica e hedonista num trono, protegido por um cobertor roubado do Exército dos Estados Unidos. Estivera a beber com moderação, e soltou uma gargalhada em surdina, como se saboreasse uma situação familiar. Nately reagiu instantaneamente com ódio ao decrépito, depravado e antipatriota ancião bastante velho para lhe recordar o pai, que emitia comentários jocosos acerca da América.

– A América vai perder a guerra – asseverou. – E a Itália há-de sair vencedora.

– A América é a nação mais forte e próspera do mundo – informou Nately, com fervor e dignidade. – E não há combatente que suplante o americano.

– Exactamente – concordou o velho, com uma ponta de malícia. – A Itália, por outro lado, é uma das nações menos prósperas do mundo. E o combatente italiano fica atrás de todos os outros. É por esse motivo que o meu país se safa tão bem nesta guerra, ao contrário do que acontece ao seu.

Nately deu uma gargalhada, mas apressou-se a corar de embaraço pela manifestação de indelicadeza.

– Desculpe o riso – solicitou com sinceridade, para prosseguir em tom de condescendência respeitosa: – A Itália foi ocupada pelos Alemães e agora por nós. Chama a isso safar-se bem?

– Sem dúvida – replicou o outro, alegremente. – Os Alemães estão a ser corridos e nós continuamos cá. Dentro de poucos anos, vocês também partirão e nós ficaremos. A Itália é um país muito pobre e fraco, o que nos torna fortes. Os nossos soldados já não morrem em combate, enquanto os americanos e alemães continuam a desaparecer. Chamo a isto safarmo-nos extremamente bem. Sim, não tenho a menor dúvida de que a Itália

sobreviverá à guerra e manterá a sua existência, muito depois de o seu país ter sido destruído.

Nately quase não acreditava no que ouvia. Nunca se lhe deparara um estendal de blasfêmias como aquele e admirava-se de que não aparecessem agentes do FBI para prender o velho traidor.

– A América nunca será destruída! – proclamou, acalorado.

– Nunca? – tornou o velho, a meia voz.

– Bem...

Emitiu uma risada indulgente e recordou em tom quase paternalista:

– Roma foi destruída, a Grécia foi destruída, a Pérsia foi destruída, a Espanha foi destruída. Todas as grandes nações foram aniquiladas. Porque não a sua? Quanto tempo julga que os Estados Unidos ainda durarão? Uma eternidade? Não esqueça que a própria Terra está destinada à extinção pelo Sol dentro de cerca de vinte e cinco milhões de anos.

– Bem, uma eternidade talvez seja exagero – concedeu Nately, com desconforto.

– Um milhão de anos? – persistiu o velho, com satisfação sádica. – Meio milhão? A rã tem quase quinhentos milhões de anos de existência. É capaz de afirmar com convicção que a América, com todo o seu poder e prosperidade, os seus combatentes que ninguém suplanta e o nível de vida mais elevado do mundo subsistirá tanto como... a rã?

Nately sentia ganas de desconjuntar o rosto sardónico na sua frente e olhou em volta, para obter auxílio em defesa do futuro do seu país contra as calúnias obnoxias do ardiloso e pecaminoso assaltante, mas ficou desapontado. Yossarian e Dunbar concentravam-se, a um canto, na orgiástica operação de explorar simultaneamente quatro ou cinco raparigas colaborantes e seis garrafas de vinho tinto, enquanto Joe Faminto há muito que se afastara por um dos corredores, arrastando, como um déspota açambarcador, tantas prostitutas de formas opulentas quantas as que cabiam nos seus largos braços e numa cama de casal.

Nately sentia-se embaraçosamente derrotado e abandonado numa ilha deserta fora de todas as linhas de navegação, incluindo as dos cargueiros

abastecedores de piratas. A sua rapariga reclinava-se num sofá com uma expressão de tédio. Ele enervava-se com a torpe indiferença, a mesma pose sonolenta e inerte que recordava clara, doce e deploravelmente da primeira vez que a vira e fora ignorado por ela durante a renhida partida de vinte-e-um na sala do apartamento dos subalternos. A boca flácida mantinha-se aberta num «O» perfeito, e só Deus sabia o que os olhos vítreos contemplavam com tanta apatia. O velho aguardava serenamente, enquanto o observava com um sorriso misto de desdém e simpatia. Uma flexível, loura e sinuosa rapariga de pernas irrepreensíveis e pele da cor do mel sentava-se no braço da poltrona dele e principiou a molestar-lhe o rosto anguloso, pálido e dissoluto com pequenos beliscões. Natelly estremeceu de ressentimento e hostilidade ao ver tanta luxúria num indivíduo tão idoso e voltou-lhe as costas com repulsa, perguntando-se porque não se limitava a pegar na sua rapariga e levá-la para a cama.

O velho sórdido, vulturino e diabólico lembrava-lhe o pai, porque não se pareciam absolutamente nada. Com efeito, o pai era um cavalheiro venerável de cabelos brancos que trajava com esmero, enquanto aquele velho não passava de um vadio sem classificação. O primeiro era um homem ponderado, filosófico e responsável, e o segundo inconstante e desregrado. O pai de Natelly era discreto e culto, o velho um ignorante. O pai de Natelly acreditava na honra e tinha resposta para tudo, ao passo que o velho não acreditava em nada e só tinha perguntas. O pai de Natelly exibia um bigode branco distinto, enquanto o velho tinha as faces rapadas. O pai de Natelly era digno, esclarecido e compreensivo, e o velho profundamente repelente, e ele decidiu prosseguir o debate, disposto a repudiar a sua lógica e as insinuações vis com uma vingança ambiciosa que atrairia as atenções da rapariga enfasiada e fleumática pela qual se apaixonara com intensidade e lhe conquistaria a admiração eterna.

– Bem, para ser franco, não sei quanto tempo a América durará – declarou com despreendimento. – Reconheço que não será eterna, se o mundo tem de se extinguir, um dia. Sei, sim, que sobreviveremos e triunfaremos por muito, muito tempo.

– Quanto? – inquiriu o velho profano, com um clarão de malícia no olhar.
– Menos que a rã?

– Muito mais que você ou eu – balbuciou Nately, perturbado.

– Só? Então, não é muito, considerando que você é tão crédulo e corajoso e eu já estou na velhice.

– Que idade tem? – perguntou, começando a ficar intrigado e cativado pelo interlocutor, embora contrafeito.

– Cento e sete anos. – O velho deu uma gargalhada ao observar a expressão de espanto de Nately. – Vejo que não acredita.

– Não acredito em nada do que diz. A única coisa em que acredito é que a América vai ganhar a guerra.

– Atribui tanta importância a *ganhar* guerras! O verdadeiro truque consiste em *perdê-las*, em saber quais se podem *perder*. A Itália tem estado a perder guerras ao longo dos séculos, e, apesar disso, veja como se aguenta maravilhosamente. A França ganha-as e mantém-se em crise permanente. A Alemanha perde-as e prospera. Repare na nossa História recente. A Itália ganhou uma guerra na Etiópia e não tardou a embrenhar-se em problemas graves. A vitória incutiu-nos complexos de grandeza insensatos, o que nos entusiasmou a provocar uma guerra mundial que não tínhamos a mínima hipótese de vencer. Mas agora que voltamos a perder, tudo se encaminha pelo melhor e acabaremos de novo na mó de cima, se conseguirmos ser derrotados.

– Agora é que não estou a perceber nada. – Nately abria a boca de assombro. – Fala como um louco.

– Mas vivo como uma pessoa de mente sã. Fui fascista, quando Mussolini dava cartas, e virei antifascista, agora que o depuseram. Por outro lado, fui fanaticamente germanófilo, quando os Alemães nos invadiram para proteger dos Americanos, e, agora que vocês chegaram para nos proteger deles, sou fanaticamente americanófilo. Posso garantir-lhe, meu incrédulo e abismado amigo – os olhos do velho tornaram-se mais brilhantes, enquanto a expressão de perplexidade de Nately se acentuava –, que você e o seu país

não encontrarão um partidário mais fervoroso do que eu em toda a Itália... mas só enquanto *permanecerem* aqui.

– Não passa de um vira-casacas! Um oportunista sem vergonha nem escrúpulos!

– Tenho cento e sete anos de idade – lembrou com suavidade.

– Não tem princípios?

– Nenhum.

– Nem moralidade?

– Creia que sou um homem muito moral – afirmou, acariciando os quadris desnudos da morena de covinhas no rosto que acabava de se instalar no outro braço da poltrona.

– Não acredito – murmurou Nately, meneando a cabeça. – Recuso-me simplesmente a acreditar.

– Mas é verdade. Quando os Alemães apareceram, dancei nas ruas como uma jovem bailarina e gritei «*Heil, Hitler!*» até ficar com os pulmões em brasa, agitando uma pequena bandeira nazi que tinha surripiado a uma garota, num momento em que a mãe olhava para o outro lado. Quando abandonaram a cidade, apressei-me a dar as boas-vindas aos Americanos com uma garrafa de excelente brande e uma cesta de flores. O brande era para mim, claro, e as flores para atirar aos nossos libertadores. Havia um major muito empertigado e petulante no primeiro carro, e acertei-lhe no olho com uma rosa vermelha. Foi mesmo na *mouche*! Gostava que visse como se encolheu.

Nately arregalou os olhos e sentiu o sangue esvair-se das faces.

– Era o major ... de Coverley!

– Conhece-o? – inquiriu o velho, encantado. – Que extraordinária coincidência!

– Com que então, foi *você* que feriu o major ... de Coverley! – exclamou Nately, com indignação horrorizada. – Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Diga, antes, como podia resistir. Devia ter visto o fantoche empertigado e petulante, sentado no carro como se fosse o Criador personificado, de cabeça rígida e rosto solene. Quem podia resistir a um alvo tão tentador?

Acertei-lhe no olho com uma rosa *American Beauty*, o que me pareceu extremamente apropriado.

– Foi um gesto *terrível!* – vociferou, em tom de censura. – Uma atitude maligna e criminosa. O major ... de Coverley é o oficial executivo da nossa esquadrilha!

– Sim? – redarguiu o velho, com indiferença. – Nesse caso, deve reconhecer a minha imparcialidade. Quando os Alemães chegaram, quase apunhalei mortalmente um *Oberleutnant* com um caule de edelvaixe.

– Não compreende o que fez? – Nately sentia-se apavorado com a abominável incapacidade do outro para abarcar a enormidade do seu acto. – O major ... de Coverley é uma pessoa nobre e maravilhosa que todos admiram.

– Quanto a mim, é um velho tonto que não tem o direito de se comportar como um velho tonto. Que foi feito dele? Morreu?

– Não se sabe. Parece que desapareceu.

– Vê? Imagine um homem da sua idade a arriscar a vida que lhe resta por uma noção absurda como é a de pátria.

– Não existe nada de absurdo em arriscar a vida pela pátria! – bradou Nately instantaneamente, empertigando-se.

– Não? Que é uma pátria, no fundo? Uma porção de terra circundada por fronteiras, em regra artificiais. Os Ingleses morrem pela Inglaterra, os Americanos pela América, os Alemães pela Alemanha e os Russos pela Rússia. Actualmente, há cinquenta ou sessenta países envolvidos nesta guerra. Não acredito que *todos* mereçam que se morra por eles!

– Tudo aquilo por que merece a pena viver justifica que se lhe sacrifique a vida.

– E tudo aquilo por que merece a pena morrer justifica, sem dúvida, que se viva. Você é um rapaz tão puro e ingénuo que quase me faz pena. Que idade tem? Vinte e cinco? Vinte e seis?

– Dezanove. Faço vinte em Janeiro.

– Se viver até lá. – O velho abanou a cabeça e exibiu por um momento a mesma expressão apreensiva e meditativa da velha. – Eles matam-no, se

não tiver cautela, e palpita-me que não terá. Porque não recorre a um pouco de sensatez e tenta parecer-se mais comigo? Talvez também vivesse até aos cento e sete anos.

– Porque prefiro morrer de pé a viver ajoelhado – retorquiu Nately, triunfante e convicto. – Mas é natural que não oiça isto pela primeira vez.

– Pois não, mas receio que não seja bem assim que se diz. É preferível *viver* de pé a morrer ajoelhado.

– Tem a certeza? Da minha maneira, parece fazer mais sentido.

– Não, faz mais da minha. Pergunte aos seus amigos.

Nately voltou-se para perguntar aos seus amigos e descobriu que tinham desaparecido, enquanto o velho ria da sua admiração. Hesitou, embaraçado, por uns segundos, e acabou por rodar nos calcanhares e enveredar pelo corredor mais próximo à procura de Yossarian e Dunbar, esperançado em os encontrar a tempo e fazer retroceder com a notícia do embate histórico entre o velho e o major ... de Coverley. No entanto, as portas de todos os corredores estavam fechadas e não se filtrava luz por baixo de nenhuma. Por fim, suspendeu as pesquisas com um gesto de frustração. Compreendeu que a única coisa que lhe restava era ir buscar a rapariga pela qual se apaixonara e deitar-se algures com ela, para uma sessão de amor terno e cortês e planearem o futuro juntos. No entanto, ela fora para a cama, quando ele regressou à sala, e então a única coisa que lhe restou foi reatar a discussão estéril com o velho hediondo, que se levantou da poltrona e deu as boas-noites, deixando-o com as duas raparigas sentadas a seu lado, as quais não lhe souberam dizer em que quarto entrara a sua prostituta e foram por seu turno deitar-se, depois de tentarem em vão interessá-lo nelas, pelo que Nately resolveu dormir no sofá sem companhia.

Era um rapaz sensível, rico e bem-parecido de cabelos pretos, olhos confiantes, e uma dor pungente nas costas, quando acordou no sofá, na manhã seguinte, sem compreender, a princípio, onde se encontrava. A sua natureza revelava-se invariavelmente delicada e atenciosa. Vivera quase vinte anos sem traumas, tensões, ódios ou nevroses, o que, para Yossarian, representava uma prova irrefutável da sua loucura. A infância fora

agradável, embora disciplinada. Dava-se bem com os irmãos e as irmãs e não odiava o pai nem a mãe, apesar de sempre terem sido bondosos para com ele.

Nately fora educado para detestar pessoas como Aarfy, que a mãe classificava de trepadoras, e Milo, que o pai classificava de oportunistas, mas não aprendera a fazê-lo, porque nunca lhe haviam permitido que convivesse com elas. Até onde conseguia recordar, as suas residências em Filadélfia, Nova Iorque, Maine, Palm Beach, Southampton, Londres, Deauville, Paris e Sul da França só haviam sido frequentadas por cavalheiros e damas que não eram trepadores nem oportunistas. A mãe, descendente dos Thorntons de Nova Inglaterra, era uma filha da Revolução Americana. Quanto ao pai, era um filho da mãe.

– Lembra-te sempre – advertia a mãe com insistência – de que és um Nately. Não és um Vanderbilt, cuja fortuna foi feita por um vulgar comandante de rebocadores, ou um Rockefeller, cuja riqueza se deveu a especulações sem escrúpulos no petróleo em rama, ou um Reynolds ou Duke, cujos rendimentos resultaram da venda de produtos de consumo público que continham resinas e alcatrões cancerígenos, e muito menos um Astor, cuja família, segundo creio, continua a alugar quartos. És um Nately, e os Nately nunca fizeram *nada* para obter o seu dinheiro.

– O que a tua mãe quer dizer – interpunha o pai, afavelmente, com a expressão serena e económica de revelações que Nateley tanto apreciava –, é que o dinheiro velho vale mais que o novo e os novos-ricos nunca merecem tanta estima como os novos-pobres. Não é assim, querida?

Na verdade, o progenitor brindava-o continuamente com sentenças do género. Era tão efervescente e corado como o vinho clarete com açúcar, e Nately estimava-o profundamente, embora não apreciasse o clarete com açúcar. Quando eclodiu a guerra, a família decidiu que se devia alistar nas Forças Armadas, porquanto era demasiado jovem para ingressar na vida diplomática e o pai soubera de fonte limpa que a Rússia capitularia dentro de poucas semanas ou meses e Hitler, Churchill, Roosevelt, Mussolini, Gandhi, Franco, Perón e o imperador do Japão assinariam a rendição e

seriam muito felizes. Por conseguinte, determinara que o filho se alistaria na Força Aérea, onde se poderia treinar em segurança como piloto até que a Rússia capitulasse e fossem elaborados os pormenores do armistício, além do que, na sua qualidade de oficial, só conviveria com cavalheiros.

Ao invés, Nately encontrava-se, com Yossarian, Dunbar e Joe Faminto, numa casa de passe de Roma, pungentemente apaixonado por uma rapariga indiferente, com a qual acabou por se deitar na manhã a seguir à noite em que dormiu só na sala, para ser interrompido quase imediatamente pela irmã mais nova da prostituta, que surgiu sem aviso prévio e mergulhou na cama, dominada pela inveja, para que ele também a pudesse abraçar. No entanto, a prostituta de Nately deu um salto, irritada, esbofeteou-a e ergueu-a pelos cabelos. Aos olhos dele, a garota de doze anos parecia uma galinha depenada ou um tronco de árvore descascado. O seu corpo irrequieto embaraçava toda a gente nas tentativas precoces para imitar as raparigas mais velhas e estavam constantemente a ordenar-lhe que se vestisse e fosse para a rua brincar com as outras crianças. Na manhã em causa, as duas irmãs increparam-se e insultaram-se furiosamente, provocando um rebuliço fluente e ensurdecedor que atraiu a multidão de espectadores hilariantes. Por fim, Nately desistiu com uma exclamação de desespero, indicou à sua prostituta que se vestisse e levou-a a tomar o pequeno-almoço. Como a irmã mais nova se dispôs a acompanhá-los, ele sentia-se como um orgulhoso chefe de família e comeram respeitosamente numa esplanada das proximidades. Todavia, a prostituta de Nately aborreceu-se no momento de regressar a casa e resolveu percorrer as ruas com duas outras, enquanto ele e a irmã mais nova a seguiam docilmente a algumas dezenas de metros, experiência particularmente instrutiva para a garota e mortificante para Nately, ficando ambos desolados quando as raparigas foram abordadas por militares que ocupavam um carro de comando e partiram com eles.

Nately voltou para a esplanada, ofereceu gelados de chocolate e baunilha à garota até que a viu mais animada e depois regressaram ao apartamento, onde Yossarian e Dunbar se achavam refastelados no sofá da sala, com um exausto Joe Faminto, o qual ainda exibia no rosto rude o sorriso beatífico e

triunfante com que surgira do harém, naquela manhã, como uma pessoa com numerosos ossos fracturados. O velho devasso mostrava-se encantado com o ar esgotado dele e saudou Nately com cordialidade, ainda com a roupa amarfanhada da véspera. Este último sentia-se profundamente revoltado com o aspecto desmazelado do homem, e sempre que visitava o apartamento lamentava que não vestisse uma camisa lavada proveniente da Brooks Brothers, fizesse a barba, impusesse um pouco de ordem aos cabelos desgrenhados e deixasse crescer um pequeno bigode, para que não tivesse de se envergonhar sempre que o olhava e fazia pensar no pai.

§

Capítulo vigésimo quarto MILO

Abril fora o melhor de todos os meses para Milo. Os lírios desabrochavam e os frutos amadureciam no pomar. O palpitar dos corações acelerava-se e velhos apetites eram renovados. Em Abril, refulgia uma íris mais ardente na pomba de penugem lustrosa. Abril representava a Primavera, e na Primavera os devaneios de Milo Minderbinder tinham-se voltado levemente para as tangerinas.

– Tangerinas?

– Sim, senhor.

– Os meus homens haviam de adorá-las – admitiu o coronel que comandava quatro esquadrilhas de B-26, na Sardenha.

– Haverá todas as tangerinas que eles possam comer e o senhor paga com o dinheiro do seu fundo da messe – prometeu Milo.

– E melões *casaba*?

– Vendem-se por tuta-e-meia em Damasco.

– Tenho um fraco por melões *casaba*. Sempre tive um fraco por melões *casaba*.

– Ceda-me um aparelho de cada esquadrilha, apenas um, e terá todos os *casabas* que puder comer e tiver dinheiro para pagar.

– Compramos ao sindicato?

– E todos possuem uma acção.

– É espantoso, simplesmente espantoso. Como o consegues?

– O poder de compra maciço influi de forma decisiva. Costeletas de vitela panadas, por exemplo.

– Confesso que não morro de amores pelas costeletas de vitela panadas – grunhiu o céptico comandante de quatro esquadrilhas de B-25 no Norte da Córsega.

– São muito nutritivas – advertiu Milo, piedosamente. – Contêm gema de ovo e pão ralado. E as de cordeiro também.

– Ah, costeletas de cordeiro! – murmurou o comandante das B-25, com uma expressão sonhadora. – Das autênticas?

– Das melhores que o mercado negro pode oferecer.

– Muito tenrinhas?

– Derretem-se na boca. Vendem-se por tuta-e-meia em Portugal.

– Não posso enviar um avião a Portugal. Não tenho autoridade para tanto.

– Mas posso eu, se me ceder o aparelho. Com o respectivo piloto. E não se esqueça do general Dreedle.

– Ele voltará a comer na minha messe?

– Como um suíno, a partir do momento que começar a servir-lhe os meus ovos frescos estrelados na minha manteiga puríssima. Também haverá tangerinas, melões *casaba*, melancias, salmão fumado, amêijoas e mexilhões.

– E todos possuem uma acção?

– Essa é a parte mais admirável de tudo.

– Não me agrada – grunhiu o céptico comandante de «caças», que também não gostava de Milo.

– Há um comandante de «caças» no Norte que não quer alinhar nem me grama – queixou-se Milo ao general Dreedle. – Basta uma pessoa para destruir tudo, e depois o senhor não teria os seus ovos frescos estrelados na minha manteiga puríssima.

O general Dreedle mandou transferir o comandante de «caças» que se recusava a alinhar para as ilhas Salomão, a fim de abrir sepulturas, e substituiu-o por um coronel senil que padecia de bursite e tinha um fraco por avelãs, o qual apresentou Milo ao general de B-17 no continente, apreciador de salpicão da Polónia.

– O salpicão da Polónia vende-se por tuta-e-meia em Cracóvia – informou Milo.

– Salpicão da Polónia! – suspirou o general, com uma expressão de nostalgia. – Confesso que dava tudo por um bom naco de salpicão da Polónia. Praticamente tudo.

– Não precisa de dar *tudo*. Basta que me dê um avião por cada messe e respectivo piloto disposto a fazer o que lhe mandarem. Além de um pequeno adiantamento pela encomenda inicial, como prova de boa-fé.

– Mas Cracóvia fica cento e sessenta quilómetros atrás das linhas inimigas. Como espera obter o salpicão?

– Há um mercado internacional de troca de salpicões da Polónia em Genebra. Expedirei os amendoins para a Suíça e trocá-los-ei por salpicões da Polónia ao preço do mercado livre. Eles farão seguir os amendoins para Cracóvia e eu trarei os salpicões. O senhor só comprará o que lhe interessar através do sindicato. Também haverá tangerinas, com a junção de apenas uma leve coloração artificial. E ovos de Malta e *scotch* da Sicília. O senhor estará a pagar o dinheiro a si próprio, quando comprar ao sindicato, uma vez que possuirá uma acção, pelo que, na realidade, obterá tudo de borla. Acha bem?

– Simplesmente genial. Como lhe ocorreu uma ideia dessas?

– Chamo-me Milo Minderbinder e tenho vinte e sete anos.

Os aviões de Milo Minderbinder acudiam de toda a parte – os aparelhos de perseguição, bombardeiros e de carga afluíam ao aeródromo do coronel Cathcart, tendo nos comandos pilotos dispostos a fazer o que lhes mandassem –, decorados com vistosos emblemas de esquadrilhas que ilustravam ideais louváveis como Coragem, Justiça, Poder, Verdade, Liberdade, Amor, Honra e Patriotismo, suprimidos imediatamente pelos mecânicos de Milo com uma camada dupla de tinta branca e substituídos pela designação «M & M – Fruta e Produtos Finos». O «M & M» representava Milo & Minderbinder, e o símbolo «&» fora introduzido, segundo a explicação dele, para eliminar qualquer impressão de que o sindicato pertencia a uma única pessoa. Chegavam aviões de aeródromos da

Itália, Norte de África e Inglaterra e das estações do Comando de Transportes Aéreos na Libéria, ilhas Ascensão, Cairo e Carachi. Os aparelhos de perseguição eram trocados por outros de carga ou conservados para entregas de emergência, ao mesmo tempo que camiões e tanques provenientes das forças terrestres serviam para transportes a curtas distâncias. Todos possuíam uma acção e os homens engordavam e moviam-se de um lado para o outro docilmente com um palito entre os lábios gordurosos. Milo encarregava-se de superintender a toda a operação. Profundas linhas de preocupação sulcavam-lhe permanentemente a fronte e conferiam-lhe um ar de sobriedade e desconfiança. Todos, à excepção de Yossarian, consideravam-no pateta por se oferecer para o cargo de oficial de messe e depois por o encarar a sério. Yossarian também o considerava pateta, mas sabia igualmente que era um génio.

Um dia, Milo deslocou-se a Inglaterra para recolher um carregamento de uva alva da Turquia e regressou de Madagáscar à frente de quatro bombardeiros alemães cheios de inhames, mostarda e pimenta preta da Geórgia. Quando se apeou, ficou surpreendido ao ver um contingente de soldados da Polícia Militar armados para prenderem os pilotos germânicos e confiscar-lhes os aparelhos. *Confiscar!* O próprio termo constituía um anátema para ele, pelo que increpou o coronel Cathcart, o tenente-coronel Korn e o perplexo capitão que comandava os PM.

– Estamos na Rússia? – bradou com uma expressão de incredulidade. – *Confiscar?* – uivou, como se não acreditasse no que sucedia. – Desde quando constitui política do Governo americano confiscar a propriedade privada dos cidadãos? Deviam envergonhar-se! Deviam envergonhar-se todos, só por a ideia lhes ter passado pela cabeça!

– Mas estamos em guerra com a Alemanha e estes aviões são alemães – argumentou o major Danby, timidamente.

– Não são nada! – retorquiu Milo, enfurecido. – Pertencem ao sindicato e todos possuem uma acção. *Confiscar?* Como se atrevem a confiscar a vossa própria propriedade privada? Com que então, *confiscar!* Nunca ouvi nada de tão depravado em toda a minha vida!

E tinha razão, porque, quando examinaram os aparelhos, os mecânicos tinham feito desaparecer as cruces suásticas das asas, caudas e fuselagens com uma camada dupla de tinta branca e substituído pela inscrição «M & M – Fruta e Produtos Finos». Perante os seus olhos, transformara o sindicato num cartel internacional.

Entretanto, as naves da abundância de Milo enchiam o espaço. Chegavam aviões da Noruega, Dinamarca, França, Alemanha, Áustria, Itália, Jugoslávia, Roménia, Bulgária, Suécia, Finlândia, Polónia – de toda a parte da Europa, excepto da Rússia, com a qual Milo se recusava a negociar. Quando todos assinaram contratos com a M & M – Fruta e Produtos Finos, criou uma firma subsidiária, M & M – Pastelaria Fina, e obteve mais aparelhos e dinheiro dos fundos da messe para *scones* e *crumpets* das ilhas Britânicas, ameixas e queijo dinamarquês de Copenhaga, *éclairs*, rabanadas de creme e *petit fours* de Paris, Reims e Grenoble, *Kugelhopf* e *Pfefferkuchen* de Berlim, *Linzer* e *Dobos Torten* de Viena, *Strudel* da Hungria e *baklava* de Ancara. Todas as manhãs, enviava aviões a todos os pontos da Europa e Norte de África, providos de longas faixas de reboque em que se achavam indicadas as especialidades do dia, como: «Pojadouro, 79 cêntimos... Cherne, 21 cêntimos.» E aumentava os fundos de maneo para o sindicato alugando espaço nessas faixas a empresas fabricantes de produtos alimentares, que dispunham assim de um excelente veículo publicitário. Também reservava algum para que o general Peckem proporcionasse maior divulgação às suas mensagens de interesse público, do género de: DEVAGAR SE VAI AO LONGE, A HIGIENE É UM INGREDIENTE DE PRIMEIRA NECESSIDADE e A FAMÍLIA QUE REZA JUNTA MANTÉM-SE UNIDA. Por seu turno, adquiria espaço radiofónico nos programas diários de propaganda de Rádio Berlim. De um modo geral, podia afirmar-se que o negócio prosperava em todas as frentes de combate.

Os aviões de Milo eram um espectáculo familiar. Dispunham de liberdade de circulação em toda a parte e, um dia, ele assinou um contrato com as autoridades militares americanas para bombardear a ponte de Orvieto em

poder das tropas alemãs e outro com as autoridades militares germânicas para defenderem aquele reduto do seu ataque. Os seus honorários por atacar a ponte por conta da América consistiram no custo total da operação mais seis por cento e os que cobrou aos Alemães por defender foram igualmente o custo e seis por cento, além de uma gratificação de mérito de mil dólares por cada aparelho americano abatido. A consumação destes actos representou uma importante vitória para o empreendimento privado, conforme salientou, porquanto os exércitos de ambos os países eram instituições socializadas.

Uma vez assinados os contratos, parecia não haver vantagem em utilizar os recursos do sindicato para bombardear e defender a ponte, já que ambos os governos dispunham de homens e material em abundância e acederam em participar, pelo que, finalmente, Milo arrecadou um lucro fantástico de ambas as partes pelo seu projecto limitando-se a assinar o nome em dois documentos.

As condições eram justas para ambos os interessados. Como Milo dispunha de liberdade de passagem por toda a parte, os seus aviões podiam intervir num ataque de surpresa sem alertar a artilharia antiaérea alemã e, uma vez que ele tinha conhecimento do ataque, podia alertar a artilharia antiaérea alemã com antecedência suficiente para começar a disparar pela certa no momento em que os aparelhos se achassem ao seu alcance. As condições foram justas para todos, excepto para o morto na tenda de Yossarian, que perdeu a vida sobre o alvo no dia da sua chegada.

– Não o matei! – protestou Milo, ante a acusação de Yossarian. – Nem sequer estava lá, nesse dia. Julgas que tinha uma peça anti-aérea por minha conta e alvejei os aparelhos, quando apareceram?

– Mas foste o organizador da operação! – retorquiu Yossarian, na penumbra que envolvia a passagem entre os veículos estacionados no parque do cinema ao ar livre.

– Não organizei coisa nenhuma! – volveu Milo, indignado. – Os Alemães ocupam a ponte e nós íamos bombardeá-la, com ou sem a minha

intervenção. Limitei-me a aproveitar a maravilhosa oportunidade para obter algum lucro da missão. Que encontras de censurável nisso?

– O que encontro? Um homem da minha tenda foi morto nessa missão, antes que tivesse tempo de desfazer a bagagem.

– Mas não fui eu que o matei.

– Recebeste uma gratificação de mil dólares por isso.

– Mas não o matei. Nem sequer estava lá, repito. Tinha ido a Barcelona comprar azeite e sardinhas de conserva, e posso prová-lo com as respectivas facturas. Também não recebi uma gratificação de mil dólares. Esse dinheiro foi para o sindicato e todos receberam uma parte, tu incluído. Escuta-me, por favor. Não fui eu que provoquei esta guerra, por muito que o imundo Wintergreen diga o contrário. Procuo apenas reduzi-la a um clima de negócios. Que há de errado nisso? No fundo, mil dólares não se podem considerar um mau preço por um bombardeiro médio e respectiva tripulação. Se conseguir convencer os Alemães a pagarem-me mil dólares por cada avião que abaterem, porque não os hei-de aceitar?

– Porque se trata de um acordo com o inimigo. Ainda não compreendeste que combatemos numa guerra? Morrem militares a cada momento. Olha à tua volta, que diabo!

– Os Alemães não são nossos inimigos. – Milo abanou a cabeça com veemência. – Adivinho o que vais dizer. Claro que estamos em guerra com eles, mas também pertencem ao sindicato e cumpre-me proteger os direitos de todos os accionistas. Talvez tenham provocado a guerra e estejam a matar milhões de pessoas, mas pagam as contas mais pontualmente que alguns dos nossos aliados que eu podia mencionar. Não compreendes que preciso de respeitar a santidade do meu contrato com a Alemanha? Não podes encarar a situação do meu ponto de vista?

– Não – ripostou Yossarian, com aspereza.

Milo sentia-se abespinhado e não se esforçava por dissimular o amor-próprio ofendido. Era uma noite de luar, abafada, cheia de mosquitos. De súbito, ergueu o braço e apontou para o cinema ao ar livre, onde o clarão proveniente da cabina de projecção que se fixava na tela irradiava uma

luminosidade suplementar que envolvia numa espécie de membrana fluorescente a assistência concentrada nas imagens que se sucediam. Os olhos de Milo mostravam-se líquidos de integridade e o semblante gorduroso, devido à combinação de transpiração e produto repelente de insectos.

– Olha para eles! – exclamou em voz trémula de emoção. – São meus amigos, meus compatriotas, meus camaradas de armas. Uma pessoa nunca se pode vangloriar de ter melhores amigos. Julgas que faria alguma coisa para os molestar, se não fosse obrigado a isso? Não terei já o suficiente em que pensar? Não compreendes, porventura, como estou preocupado com o algodão que se amontoa nas docas do Egipto?... – Interrompeu-se e segurou o peitilho da camisa de Yossarian num movimento convulsivo, como se receasse afogar-se e não encontrasse outra tábua de salvação. – Que vou fazer com tanto algodão? E foste o culpado por me deixares comprá-lo!

De facto, o algodão amontoava-se nas docas do Egipto e ninguém o queria. Milo nem em sonhos supusera que o vale do Nilo pudesse ser tão fértil ou que não haveria o menor mercado para a safra que adquirira. As messes do seu sindicato negavam-se a acudir-lhe e ergueram-se em rebelião contra a sua proposta para as colectar numa base *per capita*, a fim de que cada membro passasse a possuir uma acção da colheita de algodão egípcio. Os próprios amigos mais sólidos, os Alemães, voltaram-lhe as costas perante a crise. Na realidade, as messes nem sequer quiseram ajudá-lo a armazenar o algodão, e os custos do seu armazenamento nos diferentes portos atingiam valores astronómicos e contribuía para o consumo devastador das reservas monetárias. Assim, os lucros da missão de Orvieto depressa se esgotaram, e ele começou a escrever para casa, a fim de que lhe devolvessem o dinheiro que enviara em melhores dias, mas também não tardou a dissipar-se. E novos fardos de algodão continuavam a chegar aos cais de Alexandria quase diariamente. Cada vez que conseguia escoar algum no mercado mundial com prejuízo, era adquirido por corretores astutos do Levante, que voltavam a vender-lho pelo preço estipulado no contrato inicial, o que ainda agravava mais a situação.

A M & M aproximava-se perigosamente do colapso final e Milo amaldiçoava-se pela ambição e estupidez monumentais que manifestara ao comprar toda a colheita de algodão do Egito, mas reconhecia que tinha de respeitar o contrato. Uma noite, após uma refeição sumptuosa, todos os seus «caças» e bombardeiros descolaram, reuniram-se em formação no espaço e começaram a largar bombas sobre o grupo. Milo assinara novo contrato com os Alemães, desta vez para bombardear a sua própria unidade. Os aparelhos separaram-se num ataque bem coordenado e atingiram as reservas de combustível, o depósito de munições, os hangares de reparações e os bombardeiros B-25 pousados no aeródromo. As tripulações pouparam a pista de aterragem e as instalações da messe, para poderem pousar em segurança após a operação e comer qualquer coisa antes de irem para a cama. Bombardearam com as luzes de bordo acesas, porque não havia barragem antiaérea, e atingiram igualmente as quatro esquadrilhas, o Clube dos Oficiais e o edifício do quartel-general do grupo, enquanto os homens irrompiam das tendas, sem saberem para que lado se voltar, não tardando a registar-se numerosos feridos. Algumas bombas de fragmentação explodiram no pátio do Clube dos Oficiais e produziram estragos numa das paredes de madeira e nos ventres e costas de diversos tenentes e capitães instalados ao balcão do bar, os quais caíram, contorcendo-se com dores de agonia. Os restantes oficiais precipitaram-se para as duas saídas, dominados pelo pânico, e formaram uma espécie de represa de carne humana, impossibilitados de ir mais para diante.

O coronel Cathcart desenvolveu esforços desesperados para atravessar a densa barreira, até que conseguiu alcançar o exterior do Clube dos Oficiais, onde fixou o olhar no céu, assolado por uma pungente sensação de surpresa e horror. Os aviões de Milo, sobrevoando serenamente a área, com as comportas dos depósitos de bombas abertas e os faróis intensos, ofuscantes e sinistros acesos, constituíam a visão mais apocalíptica que jamais contemplara. De súbito, emitiu um grito de pavor, correu para o seu jipe, dominando um soluço com dificuldade, e seguiu velozmente para o aeródromo, os dedos colados ao volante, como se receasse soltá-lo. Em

dado momento, quase se matou, ao desviar-se de um grupo de homens que corriam alucinadamente em direcção às colinas, em trajos menores, com os braços erguidos à altura das cabeças para as protegerem. Chamas amarelas, alaranjadas e vermelhas brotavam de incêndios em ambos os lados da estrada. Havia numerosas tendas e árvores devoradas pelo fogo, e os aviões de Milo continuavam a sobrevoar o local interminavelmente, com os faróis ofuscantes acesos e as comportas dos depósitos de bombas abertas. O coronel Cathcart quase voltou o jipe, no momento em que meteu travões a fundo junto da torre de controlo, saltou para o chão quando o veículo ainda derrapava perigosamente e precipitou-se para a escada de acesso ao topo, onde três homens se concentravam nos instrumentos. Com um gesto brusco, afastou dois deles, pegou no microfone e começou a vociferar em inflexão quase histérica:

– Endoideceu, Milo, seu grande filho da mãe? Que ideia foi essa? Desçam todos imediatamente!

– Não grite – redarguiu Milo, que se encontrava a seu lado, com outro microfone na mão. – Estou aqui. – Lançou-lhe um olhar de censura e reatou o trabalho. – Muito bem, rapazes, muito bem. Mas ainda vejo um depósito de pé. Assim não pode ser, Purvis. Já trocámos impressões sobre os efeitos negativos no moral das tropas de uma operação incompleta. Fazes o favor de voltar lá e tentar de novo. E sem precipitações, desta vez. Lembra-te de que devagar se vai ao longe.

– É Alvis Brown – proferiu uma voz através do altifalante. – Já larguei todas as bombas. Agora que faço?

– Metralha.

– *Metralha?* – Alvis Brown parecia chocado.

– Não temos outro remédio – informou Milo, em tom resignado. – Faz parte do contrato.

– Então, está bem. Sendo assim, vou metralhar.

Desta vez, Milo fora longe de mais. Bombardear os seus próprios camaradas e aviões excedia o que o estômago mais fleumático podia suportar, e tudo indicava que a sua carreira, tanto militar como comercial,

chegara ao fim. Acudiram oficiais superiores para investigar, os jornais caíram-lhe em cima em largas parangonas e os congressistas denunciaram a atrocidade em clamores estentóricos, exigindo um castigo exemplar. Mulheres com filhos nas fileiras organizaram-se em grupos militantes e uivaram para que houvesse a vingança apropriada. Não se ergueu uma única voz em defesa de Milo. As pessoas decentes de todas as camadas e lugares consideravam-se afrontadas e a posição dele deixou de valer um níquel, até que abriu os seus livros ao público e divulgou os lucros impressionantes que conseguira. Achava-se em condições de reembolsar o Governo por todas as pessoas e bens que destruía e ficar com fundos suficientes para continuar a comprar algodão egípcio. Evidentemente que todos possuíam uma acção. E a faceta mais suculenta da situação consistia em que não havia a mínima necessidade de reembolsar o Governo.

– Numa democracia, quem governa é o povo – explicou. – Ora, o povo somos nós, não é assim? Por conseguinte, mais vale que fiquemos com o dinheiro e eliminemos o intermediário. Para ser franco, gostava que o Governo se desligasse da guerra e deixasse o campo livre à indústria privada. Se pagarmos ao Governo tudo o que lhe devemos, limitar-nos-emos a encorajar o seu controlo e desencorajar outros indivíduos de bombardear os seus próprios homens e aviões. Privá-los-emos do seu incentivo.

Tinha razão, sem dúvida, como todos se apressaram a reconhecer, à excepção de alguns vencidos acabrunhados como o Dr. Daneeka, que grunhia insinuações ofensivas acerca da moralidade da aventura, até que Milo lhe atenuou os complexos com um donativo, em nome do sindicato, traduzido numa cadeira de jardim de alumínio que o médico podia dobrar e levar para fora da tenda cada vez que o chefe White Halfot entrava e recolhê-la quando saía. Na verdade, o Dr. Daneeka perdera a cabeça durante o bombardeamento de Milo: em lugar de procurar refugio algures, permanecera exposto e cumprira o seu dever, movendo-se de um lado para o outro dos estilhaços e bombas incendiárias, como um lagarto furtivo, de ferido para ferido, para ministrar garrotes, morfina e sulfamidas, com uma

expressão tenebrosa e atormentada, sem pronunciar uma única palavra além das indispensáveis, lendo em cada ferimento exposto um símbolo hediondo da sua própria deterioração. Desenvolveu actividade ininterrupta até à exaustão muito antes de a longa noite terminar e viu-se a contas com um profundo e incomodativo catarro na manhã seguinte, que o obrigou a apresentar-se tempestuosamente na tenda médica para que Gus e Wes lhe tirassem a temperatura e prescrevessem um emplastro de mostarda e um vaporizador.

O Dr. Daneeka acudiu a cada homem que gemia, naquela noite, com a mesma circunspecção que deixava transparecer no dia da missão de Avinhão, quando Yossarian desceu do avião, desnudo e imerso em estado de choque, com abundantes manchas de Snowden ao longo dos pés, tornozelos, joelhos, braços e mãos e apontou para o interior do aparelho em silêncio, na direcção do lugar onde o jovem artilheiro estava congelado pela morte ao lado do ainda mais jovem radiotelegrafista da cauda, que perdia o conhecimento cada vez que abria os olhos e via Snowden moribundo.

O Dr. Daneeka colocou um cobertor em torno dos ombros de Yossarian quase com ternura, depois de Snowden ter sido retirado do avião e transferido para uma ambulância numa padiola, após o que o escoltou até ao seu jipe. McWatt ajudou-o e seguiram os três em silêncio para a tenda médica da esquadrilha, onde instalaram Yossarian numa cadeira e lhe lavaram os restos de Snowden com pedaços de algodão absorventes embebidos em água. O Dr. Daneeka fê-lo tomar um comprimido e deu-lhe uma injeção que o mergulhou no sono durante doze horas. Quando o informaram de que tinha acordado, foi vê-lo e preparou-se para repetir a dose, todavia, Yossarian perguntou:

- Durante quanto tempo tenciona dar-me esses comprimidos e injeções?
- Até que se sinta melhor.
- Já me sinto bem.
- Então, porque não veste qualquer coisa? – quis saber o médico, enrugando a fronte bronzeada. – Porque anda despido?
- Não quero tornar a vestir o uniforme.

Aceitou a explicação e guardou a seringa hipodérmica que não chegara a utilizar.

– Tem a certeza de que se sente bem?

– Estou fino. A única coisa que sinto são tonturas dos comprimidos e injeções que me deu.

Yossarian passou o resto do dia desnudo, e ainda não se vestira, na manhã seguinte, quando Milo, depois de o procurar em toda a parte, acabou por encontrá-lo empoleirado numa árvore a curta distância do pequeno cemitério militar onde estavam a sepultar Snowden. Milo envergava a indumentária da ordem habitual: calças, camisa e gravata verde-azeitona, com o galão prateado de primeiro-tenente no colarinho e barrete.

– Fartei-me de te procurar por toda a parte – comunicou, erguendo a cabeça com uma expressão de censura.

– Devias ter começado por esta árvore. Estou aqui desde o princípio da manhã.

– Desce para provar isto e dizer-me se gostas. É muito importante.

Yossarian abanou a cabeça. Sentava-se, desnudo, no ramo mais baixo e equilibrava-se com as mãos pousadas no imediatamente superior. Como persistia em não descer, Milo viu-se forçado a estender os braços em torno do tronco, num abraço desagradável, e principiar a trepar. Foi subindo desajeitadamente, por entre grunhidos e exclamações abafadas, e tinha a roupa amarfanhada e manchada quando se ergueu o suficiente para passar uma perna por cima do ramo, a fim de descansar. Vendo que tinha o barrete inclinado, na iminência de cair, apressou-se a segurá-lo. Gotas de transpiração brilhavam como pérolas transparentes em torno do bigode e dilatavam-se como bolhas opacas sob os olhos, ante a observação impassível de Yossarian. Por fim, com extrema prudência, descreveu um semicírculo para o poder enfrentar, afastou o papel de seda que envolvia algo mole, redondo e castanho e estendeu-lho.

– Prova isto e diz-me o que te parece. Gostava de o servir aos rapazes.

– Que é? – inquiriu Yossarian, e cravou-lhe os dentes.

– Algodão com revestimento de chocolate.

Tossiu convulsivamente e cuspiu o conteúdo da boca no rosto de Milo, com uma expressão de repulsa.

– Leva daqui esta porcaria! Enlouqueceste? Nem te deste ao trabalho de retirar o raio das sementes!

– Não exageres! Não pode ser assim tão mau. É de facto assim tão mau?

– É ainda pior.

– Mas tenho de convencer as messes a servi-lo aos rapazes.

– Quem é que consegue tragar uma mistela destas?

– Hão-de tragá-la – asseverou Milo com altivez ditatorial, e quase se desequilibrou quando soltou um dos braços para agitar o indicador vigorosamente.

– Vem para aqui – convidou Yossarian. – Ficas mais seguro e podes ver tudo.

Segurando-se às ramagens com ambas as mãos, Milo principiou a abandonar o ramo de lado, com profundo cuidado e apreensão. Tinha as faces rígidas de tensão e exalou um suspiro de alívio quando se encontrou firmemente sentado ao lado de Yossarian.

– É uma bela árvore – observou, afagando-a como se fosse o pescoço de um cavalo.

– É a árvore da vida, assim como do conhecimento do bem e do mal.

– Enganas-te – redarguiu, após breve exame. – É um castanheiro. Digo-o por experiência própria, pois vendo castanhas.

– Como queiras.

Conservaram-se silenciosos por alguns segundos, com as pernas suspensas e as mãos quase na vertical pousadas no ramo superior – um completamente despido, à parte as sandálias de sola de crepe, e o outro uniformizado, com o nó da gravata impecável. Por fim, após visível hesitação, este último aventurou:

– Queria perguntar-te uma coisa. Estás todo nu, e não penses que pretendo intrometer-me na tua vida, mas morro de curiosidade. Porque não usas o uniforme?

– Porque não quero.

– Estou a ver – articulou apressadamente, inclinando a cabeça várias vezes. – Compreendo perfeitamente. Ouvi Appleby e o capitão Black dizer que tinhas enlouquecido e quis certificar-me. – Tornou a hesitar, enquanto ponderava a pergunta seguinte. – Não voltas a usá-lo?

– Acho que não.

Voltou a mover a cabeça, para indicar que continuava a compreender, e imergiu em cogitações. Uma pequena ave de crista vermelha cruzou o espaço em voo planado, para mudar bruscamente de rumo e ganhar altitude. Yossarian e Milo achavam-se circundados por ramagens verdejantes, no meio de numerosos castanheiros. O Sol encontrava-se quase na vertical num vasto firmamento cor de safira, sulcado de cúmulos de bom tempo de um branco imaculado. Não soprava a menor aragem e a folhagem em volta permanecia imóvel. Mantinha-se tudo em paz, excepto Milo, que se endireitou repentinamente com um grito abafado e apontou, dominado por certa excitação.

– Olha para ali! – bradou, alarmado. – É um funeral.

– Vão sepultar o garoto que foi morto no meu aparelho sobre Avinhão, noutro dia – informou Yossarian pausadamente, em voz átona. – Snowden.

– Que lhe aconteceu? – quis saber Milo surpreendido.

– Foi atingido.

– É horrível – murmurou, e os olhos marejaram-se. – Pobre rapaz. É realmente horrível. – Mordeu com intensidade o lábio trémulo, e tinha a voz alterada pela emoção quando continuou: – E as coisas ainda vão ficar piores, se as messes não concordarem em me comprar o algodão. Que mosca lhes mordeu? Não compreenderão que se trata do seu sindicato? Não sabem que todos possuem uma acção?

– O morto da minha tenda também possuía uma acção? – indagou Yossarian, em inflexão cáustica.

– Com certeza. Todos os da esquadrilha possuem uma acção.

– Foi morto antes de se ter apresentado.

– Porque não paras de implicar comigo por causa do morto da tua tenda? – Milo contraiu as faces num trejeito de desagrado. – Já te expliquei que não

tive nada a ver com isso. Sou culpado de haver vislumbrado uma oportunidade excepcional de colocar o mercado do algodão egípcio entre a espada e a parede e terem resultado tantos problemas? Podia lá prever um excesso de produção! Nem sabia o que isso era, na altura. Uma oportunidade para colocar um mercado entre a espada e a parede não surge todos os dias, e foi graças à minha argúcia que a aproveitei. – Dominou um gemido ao ver seis homens uniformizados retirar a urna de pinho da ambulância e pousá-la no chão junto da cova acabada de abrir. – Agora, não consigo livrar-me de um único quilo do malfadado algodão.

Yossarian não se sentia comovido com a charada pomposa da cerimónia de enterramento ou com o dilema de Milo. A voz do capelão chegava até ele, apesar da distância, num murmúrio monótono. Conseguia distinguir o major Major em virtude da estatura e julgou reconhecer igualmente o major Danby, o qual ainda não parara de tremer desde o dia em que fora condenado ao fuzilamento pelo general Dreedle. Havia numerosos subalternos formados em torno dos três oficiais, tão inflexíveis como achas de lenha, e quatro coveiros que se apoiavam indolentemente às pás nas proximidades do monte de terra. De súbito, o capelão levantou a cabeça, pousou os dedos nas pálpebras num gesto de pesar e concentração, afastou-os transcorridos uns instantes e completou aquilo que Yossarian supôs ser a fase suprema do ritual fúnebre. Em seguida, os coveiros ergueram a urna apoiada em correias e fizeram-na deslizar para a sepultura.

– Não sou capaz de ver – murmurou Milo, estremecendo violentamente, ao mesmo tempo que desviava os olhos. – Não posso estar aqui sentado impávido e ver as messes deixarem o meu sindicato afundar-se. – Rangeu os dentes e suspirou, com uma expressão de ressentimento. – Se tivessem um mínimo de lealdade, compravam-me o algodão, por muito que lhes custasse. Faziam fogueiras para queimar a roupa interior e os uniformes de Verão, a fim de criar uma maior procura. Mas não se mexem. Tenta comer o resto do algodão com revestimento de chocolate. Verás que à segunda vez te sabe melhor.

– Desiste, homem. – Yossarian repeliu a mão estendida. – As pessoas não podem comer algodão.

– Não é realmente algodão – confidenciou Milo, semicerrando as pálpebras. – Estava a brincar. Na verdade, é algodão doce. Prova e verás.

– Estás a mentir.

– Eu nunca minto! – proclamou com dignidade melindrada.

– Mentas neste momento.

– Só o faço quando é necessário – explicou, na defensiva, desviando os olhos. – Isto até é melhor que algodão doce, por ser feito com algodão autêntico. Tens de me ajudar a convencer os rapazes a comê-lo. O algodão egípcio é o melhor do mundo.

– Mas indigesto. Não compreendes que pode provocar indisposições gástricas graves? Se não acreditas, porque não experimentas?

– Já experimentei – admitiu, com ar compungido. – E fiquei indisposto.

A sepultura era amarela como a palha e verde como uma couve cozida. Passados uns momentos, o capelão recuou um pouco e o grupo de formas humanas principiou a dispersar com lentidão em direcção aos veículos estacionados ao longo da berma da estrada de piso irregular. Com as cabeças baixas desconsoladamente, o capelão e os majores Major e Danby encaminharam-se para os seus jipes num grupo votado ao ostracismo, cada um a certa distância dos outros dois.

– Terminou tudo – anunciou Yossarian.

– É o fim – concordou Milo, desolado. – Não resta a menor esperança. E tudo porque lhes dei liberdade para decidir. Aprendi a lição sobre disciplina, para a próxima vez que tentar alguma coisa do género.

– Porque não vendes o algodão ao Governo? – sugeriu Yossarian, distraidamente, enquanto via os quatro coveiros lançar a terra cor de cobre para a sepultura.

– Por uma questão de princípio – explicou Milo, com firmeza. – O Governo não tem jeito para os negócios e eu seria a última pessoa do mundo a envolvê-lo num negócio meu. Mas o negócio do Governo são os negócios. – Lembrou-se com brusquidão, e prosseguiu com petulância: – Se

Calvin Coolidge, que foi presidente, o disse, deve ser verdade. E o Governo tem de facto a responsabilidade de comprar todo o algodão egípcio em meu poder que ninguém quer, para que eu obtenha lucro. – A expressão voltou a toldar-se-lhe. – Mas como conseguirei convencê-lo?

– Suborna-o.

– Que dizes, insensato! – A sugestão abalou-o profundamente e quase lhe fez de novo perder o equilíbrio. – Devias ter vergonha! – As narinas pareciam flamejar de dignidade ultrajada. – O suborno é ilegal, como sabes perfeitamente. Mas não é ilegal obter lucro. Por conseguinte, não deve ser ilegal subornar alguém para conseguir um lucro justo. Sem dúvida que não! – Tornou a assumir um ar apreensivo. – Mas como descobrirei quem devo subornar?

– Não te preocupes com isso – consolou-o Yossarian, com um sorriso sarcástico, enquanto os motores dos jipes, da ambulância e dos veículos que encerravam o cortejo quebravam o silêncio. – Se ofereceres uma quantia suficientemente elevada, não faltará quem te procure. Providencia apenas para actuar abertamente. Deixa as pessoas saber exactamente o que pretendes e quanto estás disposto a pagar. A primeira vez que agires com aspecto culposo ou retraído, poderás ver-te em apuros.

– Gostava que me acompanhasses. Não me sinto seguro entre pessoas que aceitam subornos. Não valem mais do que um bando de gatunos.

– Não haverá novidade – asseverou em tom convicto. – Se te vires em apuros, basta dizeres que a segurança da pátria exige uma forte indústria especulativa doméstica de algodão egípcio.

– E exige – declarou Milo, com solenidade. – Uma forte indústria especulativa doméstica de algodão egípcio representa uma América mais poderosa.

– Com certeza. E se isso não for suficiente, salienta o elevado número de famílias americanas que depende dela para elevar o seu rendimento.

– Um elevado número de famílias americanas depende dela para elevar o seu rendimento.

– Estás a ver? És muito melhor do que eu na matéria. Dito por ti, quase parece verdade.

– E não é?

– Decerto. Sabes exprimir-te com a convicção necessária.

– Não queres mesmo acompanhar-me?

– Yossarian abanou a cabeça com veemência sem responder.

Impaciente por iniciar as diligências, Milo guardou o que restava da bola de algodão com revestimento de chocolate no bolso da camisa, rodeou o tronco da árvore com os braços e começou a deslizar com lentidão. A meio caminho, mudou de ideias e retrocedeu. Entretanto, fragmentos de casca haviam aderido ao bigode e as faces tensas apresentavam-se coradas em virtude do esforço desenvolvido.

– Gostava que vestisses a farda, em vez de andares por aí nu – advertiu com gravidade, e recomeçou a descer, agora apressadamente. – Podes iniciar uma moda, e então é que nunca mais me livrava do raio do algodão.

§

Capítulo vigésimo quinto O CAPELÃO

Havia já algum tempo que o capelão principiara a perguntar-se a finalidade de tudo aquilo. Existiria de facto um Deus? Como se poderia certificar? A situação de um ministro anabaptista no Exército americano era difícil, mesmo nas melhores circunstâncias, mas sem dogma resultava quase intolerável.

As pessoas que falavam alto assustavam-no. Os homens de acção destemidos e agressivos como o coronel Cathcart deixavam-no desamparado e só. Onde quer que estivesse no Exército, era um estranho. Os oficiais e subalternos não se comportavam diante dele como junto dos camaradas e até os outros capelães não o tratavam com tanta cordialidade como entre si. Num mundo em que o êxito constituía a única virtude, ele resignara-se ao insucesso. Estava penosamente consciente de que carecia do aprumo e *savoir-faire* eclesiásticos que permitiam a muitos colegas de outras fés e seitas um triunfo natural. Não se achava equipado para se distinguir. Considerava-se hediondo e desejava todos os dias encontrar-se em casa com a esposa.

Na realidade, era quase bem-parecido, com um semblante agradável e sensível tão pálido e quebradiço como o grés. A sua mente estava aberta a qualquer tópico.

Talvez fosse realmente Washington Irving e tivesse de facto assinado esse nome nas cartas acerca das quais nada sabia. Aliás, não ignorava que semelhantes falhas de memória não eram invulgares nos anais da medicina. Não existia maneira alguma de saber na verdade tudo, nem mesmo que não

existia maneira alguma de saber tudo. Recordava-se distintamente – ou tinha a impressão disso – da sua sensação de que conhecera Yossarian algures antes de o ver pela primeira vez deitado na cama do hospital. Lembrava-se de experimentar a mesma sensação preocupante cerca de duas semanas mais tarde, quando Yossarian se apresentara na sua tenda para lhe pedir que o afastasse das missões de combate. Nessa ocasião, é claro que já o vira antes, na estranha e pouco ortodoxa enfermaria onde cada paciente parecia um delinquente, à excepção do infeliz rapaz coberto da cabeça aos pés com ligaduras e gesso, que um dia fora encontrado morto com um termómetro na boca. Mas a impressão do capelão de já ter visto Yossarian datava de uma ocasião muito mais momentosa e oculta do que aquela, de um encontro significativo numa época remota, submersa e porventura até inteiramente espiritual em que ele proferira a idêntica e ominosa admissão de que não podia fazer nada, absolutamente nada, para lhe valer.

Dúvidas deste tipo corroíam-lhe a frágil e sofredora estrutura. Existiria uma única fé verdadeira ou uma vida depois da morte? Quantos anjos *podiam* dançar na cabeça de um alfinete e de que se ocupara Deus ao longo de todos os evos infinitos antes da Criação? Porque se tornava necessário colocar um sinete protector na frente de Caim, se não havia outras pessoas de quem o proteger? Adão e Eva tinham produzido filhas? Eram estas as grandes e complexas dúvidas ontológicas que o atormentavam. Não obstante, nunca lhe pareciam tão cruciais como a questão da bondade e das boas maneiras. Embrenhava-se penosamente no dilema epistemológico dos cépticos, incapaz de aceitar soluções para problemas que experimentava relutância em pôr de parte por insolúveis. Nunca se achava sem angústia, tal como jamais lhe faltava a esperança.

No dia em que Yossarian o procurara na tenda, conservando entre as mãos a garrafa morna de Coca-Cola com que o capelão *conseguira* consolar-se, este perguntara:

– Nunca se sentiu numa situação em que lhe pareceu já ter estado, embora soubesse que a experimentava pela primeira vez? – Yossarian assentiu com uma inclinação de cabeça, e a respiração dele acelerou-se em antecipação

ao preparar-se para juntar a sua força de vontade à do interlocutor, numa tentativa prodigiosa para rasgar finalmente as espessas mortalhas que envolvem os mistérios eternos da existência. – Tem essa sensação agora?

Desta vez, Yossarian meneou a cabeça e explicou que o *déjà vu* era apenas um retardamento infinitesimal momentâneo na operação dos dois centros nervosos sensoriais coactivos que em regra funcionavam simultaneamente. No entanto, o capelão quase não o escutava. Embora se sentisse desapontado, não estava inclinado para acreditar em Yossarian, porque lhe fora transmitido um sinal, uma visão enigmática e secreta para cuja divulgação ainda não possuía arrojamento suficiente. Não subsistiam dúvidas quanto às impressionantes implicações da revelação do capelão: tratava-se de uma intuição de origem divina ou de uma alucinação – ou era abençoado ou estava a perder o regular funcionamento das faculdades mentais, e ambas as hipóteses o enchiam de igual medo e depressão. Não era *déjà vu*, *presque vu* ou *jamais vu*. Existia a possibilidade de haver outros *vus* de que nunca ouvira falar, um dos quais explicaria de forma sucinta o intrigante fenómeno de que fora testemunha e participante. Era mesmo possível que nada do que supunha tivesse acontecido, tivesse acontecido *realmente*, e estava perante uma aberração da memória e não de uma percepção; nunca pensara na verdade que vira o que agora supunha que vira, e a sua impressão actual de que outrora pensara assim constituía uma mera *ilusão* de uma ilusão e limitava-se agora a imaginar que vira um homem despido empoleirado numa árvore perto do cemitério.

Era óbvio que não se achava particularmente talhado para a sua missão, e especulava com frequência se não seria mais feliz trabalhando em qualquer outro ramo do serviço, como soldado raso na infantaria, na artilharia ou mesmo como pára-quedista. Não tinha um único amigo digno desse nome. Antes de conhecer Yossarian, não havia ninguém no grupo perante o qual se sentisse à vontade, e não podia afirmar que estivesse à vontade com Yossarian, cujas frequentes explosões de insubordinação o mantinham em constante efervescência. O capelão sentia-se em segurança quando se encontrava no Clube dos Oficiais com Yossarian e Dunbar e até apenas com

Nately e McWatt. Sentado com eles, não necessitava de conviver com mais ninguém. O seu problema de onde se instalar ficava resolvido e achava-se protegido da companhia indesejável dos outros oficiais, que o saudavam invariavelmente com cordialidade excessiva quando se aproximava e aguardavam com desconforto que se distanciasse. Na realidade, ele embaraçava muita gente. Todos se mostravam cordiais, mas ninguém amável; falavam-lhe e não diziam nada. Yossarian e Dunbar apresentavam-se muito mais descontraídos, e ele raramente se sentia contrafeito na sua companhia. Até o defenderam, na noite em que o coronel Cathcart tentou expulsá-lo do Clube dos Oficiais pela segunda vez. Com efeito, Yossarian levantou-se em atitude truculenta para interceder e Nately soltou um grito de advertência para o impedir de cometer uma imprudência. O coronel Cathcart empalideceu ao ouvir pronunciar o nome de Yossarian e, ante a estupefacção geral, afastou-se perturbado, até que colidiu com o general Dreedle, o qual o sacudiu com irritação e ordenou que comunicasse ao capelão que podia continuar a aparecer todas as noites.

O capelão experimentava quase tanta dificuldade em determinar a sua posição no Clube dos Oficiais como em recordar em qual das dez messes do grupo devia tomar a refeição seguinte, e teria preferido ser expulso definitivamente se não fosse pelo prazer que os novos companheiros lhe proporcionavam. Se não frequentasse o Clube dos Oficiais à noite, não teria onde ir. Assim, passava o tempo sentado à mesa de Yossarian e Dunbar, com um sorriso tímido reticente, raramente falando, a menos que se lhe dirigissem, com um copo de vinho tinto quase intacto na sua frente, enquanto movia os dedos em torno do cachimbo que quase nunca enchia de tabaco para fumar. Gostava de escutar Nately, cujas lamentações plangentes e agridoces espelhavam grande parte da sua própria desolação romântica e nunca deixavam de lhe evocar vagas de nostalgia pela mulher e filhos. Encorajava Nately com inclinações de cabeça de compreensão ou assentimento, divertido com a sua candura e imaturidade. Na verdade, não se vangloriava com imodéstia excessiva do facto de a sua rapariga ser uma prostituta, e a consciência pungente disso por parte do capelão devia-se em

particular ao capitão Black, que nunca passava junto da mesa deles sem lhe piscar o olho maliciosamente e dirigir um comentário de mau gosto a Nately acerca da moça. No fundo, o capelão não simpatizava com o homem e experimentava grande dificuldade em não lhe desejar todo o mal possível.

Ninguém, nem mesmo Nately, parecia realmente consciente de que ele, o capelão Albert Taylor Tappman, era igualmente um ser humano, *podia* ter uma esposa encantadora, apaixonada, que amava quase com loucura, e três filhos pequenos de olhos azuis e rostos estranhos, quase esquecidos, os quais cresceriam para, um dia, o considerarem um falhado e talvez não perdoarem o embaraço social que a sua profissão lhes causaria. Porque não compreenderiam todos que não era um falhado, mas um adulto solitário normal que tentava levar uma existência adulta, solitária e normal? Se o picassem, não sangraria? E se lhe fizessem cócegas, não riria? Dava a impressão de que nunca lhes ocorrera que, como eles, tinha olhos, mãos, órgãos, dimensões, sentidos e afectos, que era ferido pelo mesmo tipo de armas, aquecido e arrefecido pelas mesmas brisas e alimentado pelo mesmo género de comida, embora, como se via forçado a reconhecer, numa messe diferente em cada refeição sucessiva. A única pessoa que parecia compreender os seus sentimentos era o cabo Whitcomb, o qual acabava de os superar todos, passando-lhe por cima para se dirigir ao coronel Cathcart com a proposta para enviar cartas de condolências aos familiares dos militares mortos ou feridos em combate.

A esposa do capelão era a única coisa do mundo de que ele *podia* ter a certeza, e seria suficiente se se lhe houvesse proporcionado o ensejo de viver a sua vida apenas com ela e os filhos. Era uma mulher reservada, diminuta, agradável, com pouco mais de trinta anos, muito morena e atraente, de cintura fina, olhos serenos inteligentes e dentes pequenos, brilhantes e pontiagudos num rosto infantil pleno de vivacidade. Quanto aos filhos, ele esquecia-se com frequência do seu aspecto, e quando contemplava as fotografias parecia-lhe vê-los pela primeira vez. O capelão amava a mulher e os filhos com uma intensidade tão irresistível que por vezes lhe apetecia rojar-se ao chão e chorar como um desesperado. Era

atormentado inexoravelmente por fantasias mórbidas que os envolviam, relacionadas com doenças e acidentes. As suas meditações achavam-se poluídas por ameaças de ocorrências temíveis, como o tumor de Ewing e a leucemia. Via o filho mais velho morrer duas e três vezes cada semana, porque nunca ensinara a mulher a estancar as hemorragias arteriais; toda a família electrocutada, porque nunca lhe explicara que o corpo humano era bom condutor de electricidade; as chamas devoravam-nos por completo quase todas as noites, na sequência da explosão do calorífero que incendiava a casa de dois pisos; com uma abundância dolorosa de pormenores, assistia ao esmagamento brutal da mulher, projectada contra a parede de um prédio por um automobilista embriagado, enquanto a filha, que a acompanhava, era levada por um indivíduo de meia-idade, que a violava e assassinava num local ermo, e o filho mais novo morria de fome em casa da avó, que ficara a tomar conta dele, depois de esta ser fulminada por um ataque cardíaco. A mulher do capelão era terna e submissa, e ele ansiava por voltar a acariciá-la e escutar a sua voz meiga e reconfortante. No fundo, era uma pessoa muito mais forte do que ele, que lhe escrevia cartas serenas, sem alusões preocupantes, uma vez por semana e, em certos casos, duas. Desejava fazê-lo todos os dias e encher o papel de frases intensas, emotivas, desinibidas, juntamente com instruções pormenorizadas sobre as maneiras de evitar os perigos de que a vida se achava recheada. Apetecia-lhe descrever a solidão e o isolamento que o assolavam e, por outro lado, recomendar que não deixasse o ácido bórico ou a aspirina ao alcance dos filhos, pois todos os dias se liam acidentes do género nos jornais e bastava a mínima distração para que acontecesse o pior. No entanto, abstinha-se de o fazer para não a apoquentar. A mulher do capelão era intuitiva, dócil, compassiva e compreensiva e, quase inevitavelmente, os seus pensamentos de reunião com ela terminavam em actos explícitos da prática do amor.

O capelão sentia-se particularmente constrangido quando presidia a funerais, e não se surpreenderia de que a aparição na árvore daquele dia constituísse uma manifestação da censura do Todo-Poderoso pela blasfémia

e orgulho inerentes à sua função. Simular gravidade, fingir pesar e pretender inteligência sobrenatural do Além numa circunstância tão temível e solene como a morte afigurava-se-lhe a mais criminosa das ofensas. Recordava-se – ou estava quase convencido de que se recordava – da cena do cemitério perfeitamente. Ainda conseguia ver os majores Major e Danby empertigados como estátuas a seu lado, o número certo de subalternos e os lugares exactos em que se encontravam, assim como os quatro coveiros com as respectivas pás, a repulsiva urna, o impressionante monte de terra e o céu, tão azul naquele dia que parecia quase insultuoso. Recordar-se-ia de tudo aquilo para sempre, porque fazia parte do acontecimento mais extraordinário que jamais lhe ocorrera, um acontecimento porventura maravilhoso ou patológico – a visão do homem desnudo empoleirado na árvore. Como o poderia explicar? Não se tratava de já visto ou de nunca visto. *Déjà vu, jamais vu* ou *presque vu* não possuíam elasticidade suficiente para o abarcar. Seria, então, um fantasma? A alma do morto? Um anjo do Céu ou um lacai do Inferno? Ou representaria o fantástico episódio um mero produto de uma imaginação doentia, a sua própria, de uma mente em deterioração, de um cérebro em putrefacção? A possibilidade de que de facto houvera um homem desnudo na árvore – dois homens, na realidade, pois não tardara a reunir-se ao primeiro um segundo, este uniformizado, de bigode castanho, que se equilibrara perigosamente num ramo para lhe oferecer um pequeno objecto escuro – nunca cruzara o seu espírito.

O capelão era na verdade uma pessoa muito prestável, que nunca se revelava capaz de ajudar ninguém, nem mesmo Yossarian, quando finalmente decidira agarrar o touro pelos cornos e visitar o major Major secretamente para saber se, como Yossarian dissera, os homens do grupo do coronel Cathcart deviam na realidade efectuar mais missões de combate do que quaisquer outros. Foi uma decisão arrojada e impulsiva a que tomou, depois de voltar a discutir com o cabo Whitcomb e impelir com água tépida do cantil o seu almoço sem prazer de uma Via Láctea e Baby Ruth. Procurou o major Major a pé, para que o cabo Whitcomb não se

apercebesse de que saía, e atravessou o bosque em silêncio até às duas tendas da sua clareira se perderem atrás dele, após o que seguiu pela vala da via férrea, onde se podia caminhar com maior segurança. Naquela manhã, fora humilhado sucessivamente pelo coronel Cathcart, pelo tenente-coronel Korn e pelo cabo Whitcomb. Portanto, impunha-se que alguém lhe manifestasse um pouco de respeito! O peito estreito não tardou a arquejar, pois movia-se o mais rapidamente possível sem correr, com receio de que a sua determinação se dissipasse antes de alcançar o destino. Em breve avistou um vulto uniformizado que avançava ao seu encontro ao longo dos carris enferrujados e tratou de abandonar imediatamente a vala e internar-se no bosque. O caminho apresentava-se agora mais difícil, porém, ele prosseguia em frente nos mesmos passos decididos, embora tropeçasse aqui e ali, até que as árvores começaram a escassear e descortinou a tenda que lhe interessava, onde um sargento de maldades proeminentes e cabelos louros o informou de que podia entrar porque o major Major não estava.

O capelão agradeceu a indicação com uma leve inclinação de cabeça e moveu-se entre as secretárias e máquinas de escrever em direcção à divisória ao fundo. Quando a transpôs, viu-se num gabinete deserto. Decidiu aguardar, enquanto transpirava abundantemente e respirava com certa dificuldade, em virtude do esforço despendido, mas escoaram-se dez minutos sem que a situação se alterasse. Começava a impacientar-se, quando, de súbito, lhe acudiram ao espírito as palavras do sargento: podia entrar, porque o major não estava. *O homem resolvera desfrutá-lo!* Estremeceu involuntariamente e sentiu os olhos marejarem-se, enquanto se lhe escapava um gemido dos lábios. O major Major encontrava-se noutro lado e o sargento decidira divertir-se à sua custa. Imaginava-lhe sem dificuldade a expressão de ansiedade com que aguardava o seu reaparecimento, para poder observar-lhe a expressão de frustração e mais tarde soltar uma boa gargalhada com outros, quando descrevesse o episódio. O capelão amaldiçoou-se pela ingenuidade que revelara e ansiou, dominado pelo pânico, por uma máscara ou uns óculos escuros e bigode postiço, que lhe permitissem fazer-se respeitar. Receava enfrentar o sargento, e a única

saída alternativa era a janela. Por conseguinte, depois de espreitar para se certificar de que não se achava ninguém nas imediações, transpô-la e voltou a descer para a vala da via férrea a fim de se ocultar.

Afastou-se com o tronco inclinado para a frente e o rosto contorcido intencionalmente num sorriso sociável, para a eventualidade de alguém o ver. Apressou-se a trocar a vala pelo bosque, quando avistou alguém que se movia no sentido contrário, e correu por entre as árvores como se o perseguissem, sob a impressão nítida de que soava um coro de gargalhadas à sua volta provenientes de semblantes sarcásticos. Por fim, sentiu os pulmões protestarem e abrandou o andamento, até que o esgotamento se apoderou de todo o corpo, o que o fez perder o equilíbrio e bater com a cabeça num tronco, ao qual se apoiou para não cair. Escoaram-se alguns minutos longos como horas primeiro que conseguisse recompor-se parcialmente e a pressão excruciante no peito se atenuasse. Em seguida, apurou os ouvidos com atenção e verificou que imperava silêncio absoluto. As risadas demoníacas tinham-se extinguido. Um pouco mais tranquilo, endireitou-se e encaminhou-se para a clareira com maior segurança.

O jipe do cabo Whitcomb continuava estacionado nas proximidades das tendas e o capelão evitou passar diante da entrada da outra, para não ser visto e insultado, ao dirigir-se para a sua. Quando entrou, deparou-se-lhe o cabo Whitcomb deitado no seu beliche, com os joelhos dobrados e as botas enlameadas pousadas no cobertor, entretido a comer uma *tablette* de chocolate, ao mesmo tempo que folheava a Bíblia com um sorriso divertido.

– Onde esteve? – inquiriu com abruptidão e desinteresse, sem erguer os olhos.

– Fui dar uma volta pelo bosque – replicou o capelão, corando e desviando os olhos.

– Está bem. Se não quer dizer, não diga. Mas espere e verá o que acontece ao meu moral. – O cabo Whitcomb tornou a cravar os dentes no chocolate, que na realidade fazia parte da reserva do capelão, e acrescentou com a boca cheia: – Teve uma visita. O major Major.

– O major Major? Ele esteve *aqui*?

– Não é dele que estamos a falar?

– Para onde foi?

– Saltou para a vala e fugiu como um coelho assustado. Que cretino!

– Disse o que queria?

– Referiu-se a qualquer coisa sobre precisar da sua ajuda num assunto de grande importância.

– O major Major disse *isso*? – estranhou o capelão, abismado.

– Não disse propriamente – corrigiu o outro em tom enfático. – Escreveu-o numa carta, que fechou e deixou na sua secretária.

O capelão volveu o olhar para a mesa de brídege que fazia as vezes de secretária e viu o abominável tomate que o coronel Cathcart lhe oferecera naquela manhã, no lugar exacto em que o deixara como um símbolo rubro e indestrutível da sua própria inépcia.

– Onde está?

– Deitei-a fora, depois de a abrir e ler. – O cabo Whitcomb fechou a Bíblia com um som seco e levantou-se num salto. – Porquê? Não acredita? – Saiu, para reaparecer no instante imediato e quase colidiu com o capelão, que se preparava para partir no encalço do major Major. – Não sabe delegar as responsabilidades – acusou em tom sombrio. – É mais um dos seus muitos defeitos.

O capelão inclinou a cabeça penitentemente e afastou-se com rapidez, incapaz de se sujeitar ao vexame de se desculpar. Sentia a mão subtil do Destino a motivá-lo com imperiosidade. Pela segunda vez naquele dia, como se apercebia agora, quase se cruzara com o major Major na vala da antiga via-férrea e ele protelara estupidamente o encontro marcado pelo Destino refugiando-se no bosque. Fervilhava de autoculpabilização, enquanto percorria apressadamente o caminho sulcado pelas chulipas da via férrea espaçadas com irregularidade. Pequenas pedras e terra haviam-se-lhe introduzido nos sapatos e magoavam-lhe os pés, ao passo que a tarde de Agosto se tornava cada vez mais quente e húmida. A sua tenda distava quase dois quilómetros da esquadilha de Yossarian, e ele achava-se alagado em transpiração quando foi interceptado pelo mesmo sargento de malares

proeminentes, o qual lhe indicou que aguardasse à entrada, porque o major Major estava no seu gabinete e só poderia entrar quando ele saísse. O capelão olhou-o com uma expressão de perplexidade e incompreensão. Que razão levaria o sargento a odiá-lo? Que se passaria com as pessoas? Pensariam porventura que não havia tragédia em quantidade suficiente?

– Lamento – proferiu o sargento, com um gesto peremptório –, mas limito-me a cumprir as instruções do major. Nunca recebe ninguém.

– A mim, recebe com certeza – retorquiu o capelão. – Procurou-me na minha tenda na outra vez que estive cá.

– O major Major fez isso?

– Exacto. Vá perguntar-lhe.

– Lamento, mas não posso. Também se recusa a receber-me. Porque não deixa um bilhete?

– Não quero deixar bilhete nenhum. Ele nunca abre uma excepção?

– Só em circunstâncias extremas. A última vez que abandonou a tenda foi para ir ao funeral de um subalterno. A última vez que recebeu alguém no seu gabinete foi numa ocasião em que se viu obrigado. Um bombardeiro chamado Yossarian...

– Yossarian? – repetiu o capelão, excitado ante mais uma coincidência. Haveria um novo milagre na forja? – Mas é precisamente dele que pretendo falar ao major! Sabe se conversaram acerca do número de missões em que Yossarian tem de participar?

– Foi na verdade disso. O capitão Yossarian já tinha completado cinquenta e uma e pediu ao major Major que o autorizasse a não participar nas quatro que lhe faltam. Na altura, o coronel Cathcart só exigia cinquenta e uma.

– Que respondeu o major?

– Disse que não podia fazer nada.

– O major Major disse isso? – balbuciou, desolado.

– Sim, senhor. Aconselhou-o a procurá-lo a si. Não quer mesmo deixar um bilhete? Posso ceder-lhe papel e lápis.

Sacudiu a cabeça com veemência, mordeu os lábios ressequidos pela sede e retirou-se. O dia ainda ia praticamente a meio e já sucedera tanta coisa!

Quando percorria uma vez mais o bosque, notou que a temperatura não parecia tão sufocante, apesar de sentir a garganta seca e irritada. Enquanto caminhava com lentidão, perguntava-se que novo infortúnio lhe aconteceria no momento em que o eremita alucinado lhe surgiu na frente, irrompendo de uns arbustos, e o obrigou a soltar um grito agudo.

– Não me faça mal! – uivou o alto e cadavérico desconhecido, que deu um salto para trás ao ouvir o grito.

– Quem é você?

– Não me faça mal, por favor!

– Sou o capelão!

– Então, porque me quer fazer mal?

– Não lhe quero fazer mal nenhum! – insistiu o capelão, esforçando-se por dominar o desespero crescente. – Diga-me só quem é e o que pretende mim.

– Interessa-me apenas saber se o chefe White Halfoat já morreu de pneumonia – declarou o homem, continuando a levantar a voz. – Nada mais. Vivo aqui. Chamo-me Flume e pertença à esquadrilha, mas vivo aqui, no bosque. Pode perguntar a quem quiser.

A serenidade principiou a reaparecer no espírito do capelão, enquanto observava a figura exótica com curiosidade. Os galões de capitão parcialmente corroídos pela ferrugem pendiam do colarinho encardido da camisa do homem, que tinha uma verruga negra junto de uma das narinas e um denso bigode da cor da casca do ulmeiro.

– Porque vive no bosque, se pertence à esquadrilha? – perguntou por fim, com curiosidade.

– Não tenho outro remédio – alegou o capitão, com uma expressão compungida. Empertigou-se com lentidão e manteve o olhar fixo no capelão, como se pretendesse surpreender algum indício de agressividade, apesar de ser vários centímetros mais alto. – Toda a gente fala de mim. Nunca ouviu? O chefe White Halfoat jurou que me havia de degolar, uma noite, quando estivesse a dormir. Portanto, não quero voltar para a esquadrilha, enquanto ele viver.

– Mas isso é incrível. Equivaleria a homicídio premeditado. Porque não comunicou o incidente ao major Major?

– Comuniquei, mas respondeu que ele é que me degolava se voltasse a procurá-lo. – Flume olhou o capelão receosamente. – Também tenciona degolar-me?

– Não, que ideia! Nem me passa pela cabeça. Vive de facto no bosque?

Aquiesceu com um movimento de cabeça, e o capelão contemplou a palidez e sinais óbvios de uma alimentação insuficiente com uma mistura de compaixão e afecto. O corpo do homem era uma estrutura óssea no interior de um revestimento enrugado que pendia como uma colecção de sacos colocados sem o menor cuidado. Tinha fragmentos de relva colados por todo o corpo e necessitava urgentemente de visitar o barbeiro. Sentiu-se comovido quase até às lágrimas com a imagem que o capitão apresentava e estremeceu involuntariamente ao pensar nos muitos e severos rigores que sem dúvida devia suportar diariamente.

– Quem lhe lava a roupa? – inquiriu num tom impregnado de humildade.

O outro humedeceu os lábios e explicou com desprendimento:

– Uma mulher de uma das quintas da estrada. Guardo as minhas coisas no reboque, que visito furtivamente uma ou duas vezes por dia para ir buscar um lenço lavado ou uma muda de roupa interior.

– Que fará, quando chegar o Inverno?

– Nessa altura, espero ter regressado à esquadrilha – esclareceu em tom confidencial. – O chefe White Halfoat fartou-se de garantir a toda a gente que havia de morrer de pneumonia, pelo que me resta ter um pouco de paciência até que o tempo arrefeça e comece a chover. – Exibiu uma expressão de estranheza. – Não sabia tudo isto? Nunca ouviu os comentários dos rapazes a meu respeito?

– Não.

– Confesso que não compreendo. Bem, já estamos quase em Setembro e não deve faltar muito. Se alguém lhe perguntar por mim, diga que voltarei a ocupar-me da publicidade logo que o chefe White Halfoat morrer de

pneumonia. Não se esquece? Diga que voltarei para a esquadrilha assim que chegar o Inverno e o chefe White Halfoat morrer de pneumonia.

O capelão fixou as palavras proféticas solenemente na memória, impressionado pela sua carga esotérica.

– Alimenta-se de amoras, plantas e raízes?

– Claro que não – redarguiu o capitão, surpreendido com a pergunta. – Introduzo-me na messe pelas traseiras e como na cozinha. Milo dá-me sanduíches e leite.

– Que faz, quando chove?

– Molho-me – explicou com sinceridade.

– Onde dorme?

– Você também? – grunhiu, encolhendo-se e começando a afastar-se.

– De modo algum – protestou o capelão. – Palavra de honra.

– Quer degolar-me!

– Garanto-lhe que não!

Mas era demasiado tarde, porque o hirsuto espectro já desaparecera, dissolvendo-se com tanta rapidez e eficiência entre a vegetação que o capelão começou a duvidar de o ter visto. Estavam a verificar-se tantos eventos monstruosos que ele já não tinha a certeza de quais eram de facto monstruosos e quais aconteciam na verdade. Desejava elucidar-se acerca do louco do bosque o mais depressa possível, para confirmar que *existira* na realidade um capitão Flume, mas lembrou-se com relutância de que a sua missão imediata consistia em tranquilizar o cabo Whitcomb por não lhe delegar responsabilidades suficientes. Recomeçou a percorrer o bosque, dominado pela sede e sentindo-se quase excessivamente exausto para prosseguir. Quando pensou no cabo Whitcomb, acudiram-lhe remorsos e rezou para que não estivesse presente quando alcançasse a clareira, a fim de se poder despir sem embaraço, lavar os braços, o peito e os ombros convenientemente, beber água e reclinar-se na cama e porventura dormir por alguns minutos, mas aguardava-o novo desapontamento com o respectivo choque, porque o cabo Whitcomb era o *sargento* Whitcomb quando chegou e estava sentado, de tronco nu, na cadeira do capelão,

entretido a coser as novas divisas na manga da camisa, com agulha e linha igualmente dele. Na verdade, o cabo Whitcomb fora promovido pelo coronel Cathcart, que pretendia falar urgentemente com o capelão por causa das cartas.

– Não é possível – gemeu este último, afundando-se no beliche, depois de descobrir que o cantil estava vazio e demasiado preocupado com os seus problemas pessoais para se recordar do depósito de água situado entre duas árvores, à sombra, nas traseiras da tenda. – Custa-me a acreditar. Não posso admitir que alguém me julgue capaz de forjar o nome de Washington Irving.

– Não se trata dessas cartas – explicou o cabo Whitcomb, divertido com o tormento do capelão. – Ele quer falar-lhe das cartas a enviar às famílias dos mortos ou feridos em combate.

– Dessas?

– Exacto. Prepare-se para o ouvir por ter rejeitado a minha sugestão. Ficou encantado, em especial depois de eu ter deixado transparecer que poderiam ser assinadas por ele. Foi por isso que me promoveu. Está convencidíssimo de que desta vez é que o *Saturday Evening Post* lhe publica a fotografia.

– Mas como descobriu que tínhamos discutido a ideia?

– Fui lá dizer-lhe.

– O quê?! – O capelão pôs-se bruscamente de pé, assolado por uma cólera pouco familiar. – Quer dizer que me passou por cima e procurou o coronel sem a minha autorização?

– Nem mais, capelão. – O cabo Whitcomb exibia um sorriso de orelha a orelha. – E aconselho-o a não tentar tomar quaisquer medidas, se não quer ver-se em apuros. O coronel Cathcart não ficará satisfeito se descobrir que pretende vingar-se de mim por lhe apresentar a ideia. Sabe uma coisa? – acrescentou, cortando a linha preta com os dentes e começando a vestir a camisa. – O grandíssimo bastardo está convencido de que se trata de uma das suas melhores ideias de sempre.

– Até sou capaz de ver a minha fotografia publicada no *Saturday Evening Post* – profetizou o coronel Cathcart, no seu gabinete, reclinando-se na cadeira rotativa, para prosseguir com uma expressão de censura: – E o

senhor não demonstrou inteligência suficiente para apreciar os potenciais da ideia. Homens prestáveis como o cabo Whitcomb não aparecem todos os dias. Espero que ao menos possua inteligência suficiente para apreciar *isso*.

– Sargento Whitcomb – corrigiu o capelão, antes que se pudesse conter.

– Foi o que eu disse – retorquiu Cathcart, com uma mirada fulminante.

– Porque não presta atenção ao que ouve, em vez de passar o tempo a querer encontrar erros nos outros? Suponho que não quer ser capitão toda a vida?

– Perdão?...

– De qualquer modo, não vejo como passará disso, se continuar assim. O cabo Whitcomb considera que vocês não deitaram cá para fora uma única ideia nova em mil novecentos e quarenta e quatro anos, e sinto inclinação para concordar. Um rapaz esperto, esse cabo Whitcomb. – Moveu-se para diante e, num gesto terminante, abriu espaço no tampo da secretária. No final, pousou o indicador no mata-borrão e determinou: – A partir de amanhã, o senhor e o cabo Whitcomb redigirão uma carta de condolências em meu nome ao familiar mais próximo de cada homem do grupo morto, ferido ou feito prisioneiro. Quero que o texto se revista de sinceridade convincente, com numerosos pormenores de natureza pessoal, para que não subsistam dúvidas da minha sinceridade. Entendido?

– Mas isso é impossível! – articulou o capelão, avançando um passo impulsivamente. – Não os conhecemos bem a esse ponto.

– Que importa? – De súbito, Cathcart esboçou um sorriso cordial. – O cabo Whitcomb trouxe-me este rascunho que abarca praticamente todas as situações. Ora oiça: «Prezada senhora, senhor, menina ou senhora e senhor: Não encontro palavras para exprimir a dor profunda que experimentei quando seu marido, filho, pai ou irmão foi morto, ferido ou dado como desaparecido em combate.» E por aí fora. Julgo que esta frase introdutória constitui uma sùmula exacta dos meus sentimentos. Olhe, se não se acha à altura da responsabilidade, talvez seja preferível deixar o cabo Whitcomb encarregar-se de tudo. – Puxou da longa boquilha e agitou-a na mão como um pingalim. – É um dos seus muitos defeitos, capelão. Ele confidenciou-

me que o senhor não sabe delegar responsabilidades e carece de todo e qualquer espírito de iniciativa. Julgo que não discorda?

– Não, senhor.

O capelão abanou a cabeça, sentindo-se indescritivelmente inútil por não saber delegar responsabilidades e carecer de espírito de iniciativa e, sobretudo, porque se sentira tentado a discordar. Tinha a mente convertida num pandemónio, para o que contribuíam os estampidos provenientes da carreira de tiro. Por mais esforços que efectuasse, não conseguia habituar-se às explosões das armas de fogo. Achava-se rodeado de caixas cheias de tomates e estava quase convencido de que permanecera no gabinete do coronel Cathcart numa ocasião similar de um passado remoto, rodeado das mesmas caixas com os mesmos tomates. *Déjà vu*, mais uma vez. O cenário parecia muito familiar e, simultaneamente, muito distante. Sentia a roupa suja e velha, e percorria-o o tenebroso receio de cheirar mal.

– Toma as coisas demasiado a peito, capelão – volveu Cathcart, com ares de objectividade de adulto. – É mais um dos seus muitos defeitos. Esse seu rosto comprido deprime toda a gente. Ria de vez em quando, homem! Vá lá. Faça um esforço para soltar uma boa gargalhada e em troca ofereço-lhe uma caixa de tomates. – Aguardou uns segundos e foi ele quem soltou a risada. – Como vê, tenho razão. Não consegue rir com gosto, hem?

– Não, senhor – admitiu o capelão com suavidade, engolindo em seco. – Pelo menos, de momento. Estou cheio de sede.

– Então, tem de beber alguma coisa. O tenente-coronel Korn costuma ter uma garrafa de *bourbon* na gaveta da secretária. Veja se aparece no Clube dos Oficiais, uma noite destas, para se divertir um pouco. Tente descontraí-se, de vez em quando. Espero que não se julgue melhor do que nós por ser um profissional.

– De modo algum. Por acaso, tenho frequentado o Clube dos Oficiais, nas últimas noites.

– Não passa de um capitão, como sabe – prosseguiu Cathcart, sem prestar atenção à observação. – Será um profissional, mas continua a ser um capitão.

– Sim, senhor. Eu sei.

– Ótimo. Ainda bem que não riu, porque não lhe teria oferecido a caixa de tomates. O cabo Whitcomb disse que levou um, quando esteve cá, esta manhã.

– Esta manhã? Mas o senhor deu-mo.

– Ouviu-me dizer que não lho tinha dado? – inquiriu, inclinando a cabeça com uma expressão de desconfiança. – Limitei-me a referir que o levou. Não percebo porque sente a consciência pesada, se de facto não o roubou. Eu dei-lho?

– Sim, senhor. Posso jurá-lo.

– Nesse caso, tenho de me contentar com a sua palavra. No entanto, não compreendo porque lhe dei o tomate. – Transferiu um pesa-papéis de vidro do lado direito da secretária para o lado esquerdo e pegou num lápis aguçado. – Pronto, capelão. Tenho muito que fazer, se não pretende mais nada. Quando o cabo Whitcomb tiver enviado cerca de uma dúzia de cartas previna-me para contactarmos com os editores do *Saturday Evening Post*. – Uma inspiração repentina iluminou-lhe o rosto. – Desconfio que vou tornar a oferecer o grupo para Avinhão. Sempre serve para acelerar as coisas!

– Para Avinhão! – exclamou o capelão, ao mesmo tempo que notava uma alteração no palpitar do coração e o corpo era percorrido por arrepios.

– Precisamente – confirmou o coronel, com entusiasmo. – Quanto mais depressa se registarem algumas baixas, maiores as possibilidades de progredirmos no nosso assunto. Gostava que o meu nome figurasse na edição do Natal, pois creio que nessa época fazem uma tiragem mais elevada.

E, ante a expressão horrorizada do capelão, pegou no telefone para oferecer o grupo para Avinhão, além do que, naquela noite, tentou de novo expulsá-lo do Clube dos Oficiais, momentos antes de Yossarian se levantar, sob o efeito do álcool, derrubando a cadeira, e fazer menção de desferir um murro que obrigou a adverti-lo com veemência e o coronel Cathcart empalidecer e retroceder prudentemente de encontro ao general Dreedle, que o sacudiu com aspereza de cima do pé esmagado e lhe ordenou que

anulasse a determinação para expulsar o capelão. Foi tudo muito enervante para Cathcart: primeiro, o nome temível de *Yossarian!* pronunciado na sala em que se encontrava, com um aviso de aproximação do Juízo Final, e depois a pisadela no general Dreedle, o que representava mais um defeito que o coronel encontrava no capelão – o facto de ser impossível prever *como* o general Dreedle reagiria, cada vez que o visse. Cathcart jamais esqueceria a primeira noite em que o general se apercebera da presença do capelão no Clube dos Oficiais, quando erguera o rosto corado e etilizado para o contemplar com insistência, através da cortina de fumo amarelo do cigarro, isolado a um canto.

– Essa, agora! – exclamou uma voz rouca, pestanejando com insistência. – Aquele que está ali é um capelão? Só faltava isto: um homem de Deus a frequentar uma sala como esta, com um punhado de bêbados e jogadores.

O coronel Cathcart comprimiu os lábios e fez menção de se levantar.

– Estou inteiramente de acordo – assentiu uma voz formal. – Não compreendo o que está a acontecer aos clérigos, nos tempos que correm.

– Estão a tornar-se melhores, é o que é – retrucou o general, com veemência.

– Sem dúvida. – O outro engoliu em seco e tratou de arrepiar caminho. – Estão a tornar-se melhores. Era precisamente o que eu queria dizer.

– É este o lugar apropriado para um capelão se encontrar, a fim de conviver com os combatentes enquanto bebem e jogam, para os compreender e conquistar-lhes a confiança. De que outro modo conseguiria levá-los a crer em Deus?

– Era precisamente o que eu queria dizer, quando lhe ordenei que viesse. E Cathcart foi colocar o braço em torno dos ombros do capelão, para o levar para uma mesa, ao mesmo tempo que lhe ordenava a meia voz que se apresentasse todas as noites no Clube dos Oficiais, a fim de conviver com os combatentes enquanto bebiam e jogavam, para os compreender e conquistar-lhes a confiança.

O capelão concordou e apresentou-se todas as noites no Clube dos Oficiais, a fim de conviver com os combatentes que desejavam evitá-lo, até

ao dia em que se gerou a furiosa cena de pugilato na mesa de pingue-pongue e o chefe White Halfoat, sem provocação, atingiu o coronel Moodus no nariz e derrubou-o, o que provocou uma estrondosa gargalhada divertida ao general Dreedle, até que descortinou o capelão, abismado, nas proximidades, o que o deixou petrificado. Fitou-o com fúria crescente por um momento, dissipada a boa disposição, e virou-se para o bar com desagrado, oscilando de um lado para o outro como um marinheiro nas pernas curtas e arqueadas, seguido de perto pelo coronel Cathcart, apreensivo, que olhava em volta com ansiedade e infrutiferamente em busca de um sinal de auxílio do tenente-coronel Korn.

– Só faltava isto – resmungou Dreedle no bar, segurando o copo vazio na mão nodosa. – Um homem de Deus a frequentar uma sala como esta, com um punhado de bêbados e jogadores.

– Sim, senhor – assentiu Cathcart, com um suspiro de alívio. – Só faltava isto.

– Então, porque diabo não toma providências?

– Perdão?... – balbuciou, pestanejando.

– Julga que a presença do seu capelão aqui, todas as noites, é vantajosa para a sua reputação? Está cá todas as vezes que venho.

– Tem toda a razão. Não é absolutamente nada vantajoso para a minha reputação. E vou tomar providências neste mesmo instante.

– Não foi você que lhe ordenou que viesse?

– Não, foi o tenente-coronel Korn, que também tenciono castigar severamente.

– Se não fosse capelão, mandava-o levar lá para fora e fuzilar – grunhiu o general.

– Não é capelão – esclareceu Cathcart, com um clarão de esperança no olhar.

– Ah, não? Então por que carga de água usa aquela cruz no colarinho?

– Não usa nenhuma cruz no colarinho. É uma folha de prata, por ser tenente-coronel.

– Tem um capelão que é tenente-coronel? – inquiriu o general Dreedle, abismado.

– Não, senhor. O meu capelão é apenas capitão.

– Então, por que raio usa uma folha de prata no colarinho?

– Não usa nenhuma folha de prata no colarinho. É uma cruz.

– Desapareça-me da vista, se não quer que o mande levar lá para fora e fuzilar!

– Sim, senhor.

O coronel Cathcart afastou-se do general Dreedle acabrunhado e expulsou o capelão do Clube dos Oficiais, e a cena repetiu-se quase exactamente dois meses mais tarde, depois de o capelão ter tentado convencer Cathcart a rescindir a sua ordem para aumentar o número de missões obrigatórias para sessenta e falhar rotundamente, e agora achava-se disposto a capitular ante o desespero, mas conteve-se ao recordar a esposa amada e da qual sentia saudades patéticas com sensual e exaltado ardor e a fé inabalável e eterna que depositava na sabedoria e justiça de um Deus imortal, onnipotente, omnisciente, humano, universal, antropomórfico, de fala inglesa, anglo-saxão e pró-americano. Havia a Bíblia, sem dúvida, mas não passava de um livro, como *O Monte dos Vendavais*, *A Ilha do Tesouro*, *O Último dos Moicanos* e *E tudo o Vento Levou*. Parecia na verdade provável, como ouvira uma vez Dunbar perguntar, que as respostas aos enigmas da Criação fossem fornecidas por pessoas demasiado ignorantes para compreender a mecânica da chuva? Porventura Deus Todo-Poderoso, na Sua sabedoria infinita, temera de facto que os homens de há seis mil anos conseguissem construir uma torre até ao Céu? Onde demónio se situava o Céu? Em cima? Em baixo? Não havia em cima ou em baixo num Universo finito, embora em expansão, no qual até o Sol vasto, ardente, ofuscante e majestoso se achava em estado de deterioração progressiva que acabaria por destruir igualmente a Terra. Não havia milagres, as preces não eram ouvidas e o infortúnio atingia com igual brutalidade virtuosos e corruptos. E o capelão, possuidor de consciência e carácter, escutaria a voz da razão e confiaria a sua crença ao Deus de seus antepassados – renunciaria à sua vocação e

comissão e arriscar-se-ia como soldado raso de infantaria ou artilharia ou talvez mesmo como cabo pára-quedista –, se não existissem sucessivos fenómenos místicos como o homem desnudo empoleirado na árvore no dia do funeral do desditoso sargento e a promessa enigmática, excitante e encorajadora do profeta Flume no bosque, na tarde anterior: «Diga que voltarei para a esquadrilha assim que chegar o Inverno.»

§

Capítulo vigésimo sexto AARFY

Até certo ponto, a culpa foi de Yossarian, porque se não tivesse alterado a posição da linha de bombas durante o Grande Cerco de Bolonha, o major ... de Coverley talvez ainda estivesse presente para o salvar e se não enchesse o apartamento dos subalternos de raparigas que não tinham onde ficar, Nately provavelmente não se teria apaixonado pela sua prostituta, sentada, despida da cintura para baixo, na sala cheia de ruidosos jogadores do vinte-e-um que a ignoravam. Nately observava-a dissimuladamente da sua poltrona amarela, maravilhado com o estoicismo enfastiado e fleumático com que ela aceitava a rejeição. Em dado momento, bocejou e ele ficou profundamente impressionado, pois nunca assistira a uma atitude tão heróica.

A rapariga trepara cinco lanços de degraus para se vender ao grupo de subalternos saciados, que dispunham de moças que viviam à sua volta. Nenhum a queria por preço algum, nem mesmo depois de se despir sem particular entusiasmo para os tentar com um corpo alto, que era firme, bem torneado e na verdade voluptuoso. No fundo, parecia mais cansada do que desapontada. Agora sentava-se imersa em indolência abstracta, observando o jogo de cartas com vaga curiosidade, enquanto reunia as recalcitrantes energias para a tarefa fastidiosa de voltar a vestir-se e regressar ao trabalho. Um pouco mais tarde, levantou-se com um suspiro inconsciente, para enfiar letargicamente as cuecas de algodão, saia preta, sapatos e retirar-se. Nately tratou de a seguir, e quando Yossarian e Aarfy entraram no apartamento dos oficiais, cerca de duas horas depois, lá estava ela outra vez a enfiar as

cuecas e a saia, quase como a sensação persistente do capelão de que já vivera determinada situação, à exceção de Nately, que exibia uma expressão macambúzia, com as mãos afundadas nas algibeiras.

– Ela quer ir embora – anunciou num murmúrio estranho. – Não quer ficar.

– Porque não lhe dás algum dinheiro para que passe o resto do dia contigo? – sugeriu Yossarian.

– Já o fiz, mas devolveu-mo. Cansou-se de mim e quer procurar outro.

A rapariga fez uma pausa, quando acabou de calçar os sapatos, e lançou um vago olhar convidativo a Yossarian e Aarfy. Tinha seios grandes e pontiagudos sob a camisola branca sem mangas, que lhe realçava todos os pormenores e terminava no topo dos quadris tentadores. Yossarian sustentou o olhar e sentiu-se fortemente tentado, mas abanou a cabeça.

– Se quer ir embora, que vá – foi a decisão imperturbável de Aarfy.

– Não fales dela assim! – protestou Nately, num tom que constituía simultaneamente uma súplica e uma censura. – Quero que fique comigo.

– Que lhe encontras de especial? – quis saber Aarfy, com um trejeito sarcástico. – Não passa de uma prostituta.

– E não lhe chames prostituta!

A rapariga encolheu os ombros com indiferença, transcorridos mais alguns segundos, e dirigiu-se para a porta. Nately apressou-se a abrir-lha e retrocedeu com ar pesaroso.

– Não te preocupes – aconselhou Yossarian, o mais amavelmente possível. – Aposto que voltas a encontrá-la. Sabemos onde param as prostitutas.

– Não lhe chames isso, por favor – suplicou o outro, que parecia na iminência de se desfazer em lágrimas.

– Desculpa.

– Há prostitutas tão boas ou melhores por todos os cantos – acudiu Aarfy, divertido. – Esta nem sequer era bonita. – Soltou uma risada seca de desdém e autoridade. – Apressaste-te a abrir-lhe a porta como se estivesses apaixonado por ela.

– Acho que estou – confessou Nately, embaraçado.

– Essa é de primeira ordem! – Aarfy não pôde evitar nova gargalhada, agora mais prolongada. – *Tu* apaixonado por *ela*! – Tinha um encontro marcado para aquela tarde com uma rapariga da Cruz Vermelha, cujo pai possuía uma importante fábrica de magnésia. – É com moças dessas que devias andar e não com rameiras ordinárias como a que acaba de sair daqui. Até parece que não se lava.

– Quero lá saber! E agradecia-te que estivesses calado. Não quero discutir o assunto contigo.

– Está calado, Aarfy – recomendou Yossarian.

– Ah, ah, ah! – persistiu Aarfy. – Faço uma ideia do que os teus pais diriam se soubessem que convives com porcas como aquela. O teu pai é uma pessoa muito distinta.

– Não tenciono dizer-lhe – declarou Nately, com determinação. – Não lhe direi uma palavra nem à minha mãe até depois de casarmos.

– Pensas casar com ela? – O ar divertido de Aarfy acentuou-se. – Ah, ah, ah! Agora estás a comportar-te como um estúpido. Nem sequer tens idade suficiente para saber o que é o amor verdadeiro.

Considerava-se uma autoridade no tópico do amor verdadeiro, porque já se apaixonara na realidade pelo pai de Nately e pela perspectiva de trabalhar para ele depois da guerra num lugar de chefia como recompensa da amizade por Nately. Aarfy era um navegador que ainda não se conseguira encontrar desde que saíra da universidade – um navegador jovial e magnânimo, sempre disposto a perdoar aos camaradas da esquadrilha o facto de o denunciarem furiosamente cada vez que se perdia numa missão de combate e os conduzia a um foco de barragem antiaérea. Perdeu-se nas ruas de Roma naquela mesma tarde e não se encontrou com a rapariga da Cruz Vermelha cujo pai possuía uma importante fábrica de magnésia. Perdeu-se igualmente na missão a Ferrara no dia em que Kraft foi abatido e morto e de novo no voo de reconhecimento semanal a Parma e tentou conduzir os aviões para o mar sobre a cidade de Livorno, depois de Yossarian ter largado as suas bombas no alto da ilha desprovido de meios de defesa, após o que se reclinou na espessa parede de chapa blindada, de

olhos fechados e cigarro entre as pontas dos dedos. De súbito, soaram disparos e McWatt apressou-se a bradar pelo intercomunicador:

– Artilharia antiaérea! Onde diabo estamos? Que raio se passa?

Yossarian descerrou as pálpebras, alarmado, e viu os projecteis totalmente inesperados que desciam sobre eles e o rosto arredondado de Aarfy contemplando o espectáculo com ar complacente, o que o deixou abismado. De repente, a perna pareceu mergulhar no sono. McWatt começara a ganhar altitude e uivava pelo intercomunicador para que lhe transmitissem instruções. Yossarian inclinou-se para a frente, a fim de determinar onde se encontravam, e imobilizou-se. Notou uma sensação de humidade e baixou os olhos para a virilha, com alarme crescente. Uma mancha avermelhada alastrava rapidamente como um monstro marinho disposto a devorá-lo. Fora atingido! Dois fios de sangue gotejavam para o sobrado e principiavam a formar uma lagoa. O aparelho foi sacudido pela segunda vez, enquanto ele estremecia de repulsa ante o aspecto sinistro do ferimento e bradava:

– Fiquei sem testículos! Fiquei sem testículos, Aarfy! – Todavia, este não ouviu e ele inclinou-se para a frente, a fim de lhe puxar o braço. – Ajuda-me. Estou ferido! Estou ferido!

– O quê? – O outro virou-se com lentidão, exibindo um sorriso.

– Fui atingido! Ajuda-me!

– Não oiço – volveu, continuando a sorrir.

– Não me vêes? – rugiu Yossarian com incredulidade, ao mesmo tempo que apontava para o sangue. – Estou ferido! Ajuda-me, por amor de Deus! Ajuda-me!

– Continuo a não ouvir nada – explicou Aarfy com ar complacente. – Que disseste?

– Deixa lá – respondeu Yossarian em tom desolado, repentinamente cansado de gritar tanto e da situação frustrante, exasperante e ridícula. Estava a morrer e ninguém se apercebia.

– O quê? – gritou Aarfy.

– Fiquei sem testículos! Não ouves? Fui atingido na virilha.

– Continuo a não ouvir nada.

– Deixa lá! – vociferou Yossarian aterrorizado, começando a tremer de pavor e sentindo-se subitamente muito fraco e dominado pelo frio.

Aarfy abanou a cabeça e acercou a orelha enorme, obscena, lactescente do rosto de Yossarian.

– Tens de falar mais alto, rapaz. Tens de falar mais alto.

– Deixa-me em paz, bastardo! – soluçou Yossarian, com vontade de o socar, mas sem forças para erguer o braço. Ao invés, decidiu dormir e inclinou-se para o lado sem sentidos.

Fora ferido na coxa e quando recobrou o conhecimento avistou McWatt ajoelhado a seu lado para o assistir. Sentiu-se aliviado, embora ainda visse o semblante divertido, quase sádico, de Aarfy por cima do ombro do outro. Por fim, esboçou um sorriso e perguntou:

– Quem está a tomar conta da loja?

Todavia, McWatt fingiu que não ouvira, e, com apreensão crescente, Yossarian encheu os pulmões de ar e repetiu as palavras tão alto quanto pôde.

Finalmente, McWatt ergueu os olhos e, com um profundo suspiro, exclamou:

– Safa! Alegra-me que continues vivo. – O rosto, em regra bem-humorado, deixava transparecer certa tensão, enquanto colocava uma ligadura que parecia interminável em torno da perna de Yossarian, no local em que aplicara uma compressa. – Nately tomou conta dos comandos. O pobre rapaz quase começou a gemer, quando soube que tinha sido atingido. Julga que morreste. Os tipos conseguiram rasgar-te uma artéria, mas penso que estanquei a hemorragia. De caminho, dei-te um pouco de morfina.

– Dá-me mais um pouco.

– É melhor aguardar que sintas dores.

– Já sinto.

– Então, está bem – aquiesceu, cravando uma agulha no braço de Yossarian.

– Quando disseres a Nately que ainda não foi desta que baqueei...

Yossarian voltou a perder o conhecimento, para acordar mais tarde na ambulância e dispor apenas do tempo suficiente para esboçar um sorriso de encorajamento perante a expressão apreensiva do Dr. Daneeka antes de tornar a mergulhar na inconsciência.

Regressou à vida no hospital e não tardou a adormecer. Quando despertou, ainda no hospital, o cheiro a éter desaparecera e Dunbar encontrava-se deitado, de pijama, na cama do outro lado do corredor, afirmando que não era Dunbar, mas *a fortiori*, o que levou Yossarian a supor que endoidecera. Franziu os lábios com cepticismo ante a revelação e imergiu no sono mais uma vez, até que, um ou dois dias mais tarde, na ausência das enfermeiras, se levantou para ter a certeza. O sobrado oscilava como a jangada da praia e os pontos naturais aplicados na coxa cravavam-se-lhe na carne como os dentes aguçados de um peixe, mas coxeou até aos pés da cama em frente, a fim de consultar o gráfico da temperatura, e verificou que Dunbar tinha razão. Na verdade, não se tratava de Dunbar, mas do segundo-tenente Anthony F. Fortiori.

– Que diabo se está a passar?

A. Fortiori levantou-se e fez sinal a Yossarian para que o seguisse. Apoiando-se a tudo ao seu alcance, este coxeou no seu encaço ao longo do corredor, em direcção à enfermaria adjacente, para se deterem diante de uma cama que continha um jovem de semblante atormentado, que se soergueu ao vê-los aproximar. A. Fortiori agitou o polegar por cima do ombro, indicou «Raspa-te» e o outro abandonou a cama e afastou-se. Em seguida, A. Fortiori deitou-se e voltou a ser Dunbar.

– A. Fortiori é aquele – explicou. – Como não havia vagas na tua enfermaria, usei os galões e mandei-o vir para aqui. Usar os galões é uma experiência muito satisfatória. Tenta-a, na primeira oportunidade. Na verdade, acho que o deves fazer já, porque tens todo o aspecto de que vais cair de um momento para o outro.

Na realidade, Yossarian tinha todo o aspecto de que ia cair de um momento para o outro e, voltando-se para o homem de meia-idade e faces

macilentas da cama ao lado, agitou o polegar por cima do ombro, indicou «Raspa-te» e o outro assumiu uma expressão indignada.

– Esse não, que é major – esclareceu Dunbar. – Experimenta um pouco mais abaixo e torna-te no aspirante Homer Lumley, com um pai integrado na legislatura estadual e uma irmã noiva de um campeão de esqui. Basta dizeres-lhe que és capitão.

Yossarian dirigiu-se ao surpreendido paciente acabado de mencionar e anunciou:

– Sou capitão. – Agitando o polegar por cima do ombro, acrescentou: – Raspa-te.

O paciente, surpreendido, saltou para o chão e afastou-se apressadamente, enquanto Yossarian se metia na cama e se convertia no aspirante Homer Lumley, que tinha vontade de vomitar e ficou imediatamente coberto de suores glaciais. Depois de dormir durante uma hora, apeteceu-lhe voltar a ser Yossarian, consciente de que o facto de ter o pai integrado na legislatura estadual e a irmã noiva de um campeão de esqui não constituía uma honra impressionante. Dunbar acompanhou-o à outra enfermaria, onde arrancou A. Fortiori da cama, para se tornar Dunbar por algum tempo. Não havia, porém, vestígios do aspirante Homer Lumley. No entanto, a enfermeira Cramer achava-se presente e dominada por intensa cólera profissional. Ordenou a Yossarian que se metesse imediatamente na cama e bloqueou-lhe o caminho para que não pudesse obedecer, o rosto atraente mais repelente que nunca. Na realidade, era uma criatura sentimental, de bom coração, que se rejuzijava altruisticamente com as notícias de casamentos, noivados, nascimentos, baptizados e aniversários, mesmo que não conhecesse as pessoas envolvidas.

– Enlouqueceu? – bradou, com uma expressão de censura, ao mesmo tempo que agitava o indicador significativamente. – Quer pôr termo à vida?

– A vida é minha.

– Quer perder a perna?

– A perna é minha.

– Engana-se! Pertence ao Governo dos Estados Unidos, como uma máquina ou uma arrastadeira. O Exército investiu muito dinheiro para o tornar piloto de aviões, pelo que não lhe assiste o direito de desobedecer às ordens do médico.

Yossarian não ficou muito satisfeito com a sugestão de que constituía um investimento do Exército. Sentia a cabeça latejar e a enfermeira continuava a impedir-lhe a passagem. De súbito, quando ela lhe dirigiu uma pergunta qualquer que não conseguiu entender, agitou o indicador por cima do ombro e disse:

– Raspe-se.

A enfermeira esbofeteou-o com tanta força que quase o derrubou, ele ergueu o braço para a esmurrar e a perna cedeu e começou a desequilibrar-se, mas a enfermeira Duckett surgiu naquele momento e amparou-o.

– Que vem a ser isto? – inquiriu, fitando ambos com firmeza.

– Não quer voltar para a cama – informou a enfermeira Cramer, numa inflexão de censura. – E disse-me uma coisa horrível que nem me atrevo a repetir!

– Primeiro, ela chamou-me um investimento – grunhiu Yossarian.

– Quer meter-se na cama, ou tenho de o agarrar pelas orelhas e metê-lo lá eu? – volveu a enfermeira Duckett, sem a mínima simpatia.

– Agarre-me pelas orelhas e meta-me lá – desafiou ele.

E a enfermeira Duckett agarrou-o pelas orelhas e meteu-o na cama.

§

Capítulo vigésimo sétimo ENFERMEIRA DUCKETT

A enfermeira Sue Ann Duckett era alta, magra, madura, de tronco empertigado, com posterior arredondado e proeminente, seios pequenos e fisionomia angulosa e ascética de Nova Inglaterra, que não era atraente por um triz. A tez branca e rosada, olhos pequenos e nariz e queixo estreitos e pontiagudos completavam o conjunto. Era competente, eficiente, rigorosa e inteligente, acolhendo as responsabilidades com serenidade e nunca perdendo a cabeça numa crise. Como adulta e auto-suficiente que se julgava, não necessitava de nada de ninguém. Consciente da situação, Yossarian condeu-se e decidiu socorrê-la.

Na manhã seguinte, quando a viu debruçada sobre os pés da cama para ajeitar os lençóis, fez deslizar a mão furtivamente pelo espaço estreito entre os joelhos e, de repente, impeliu-a para cima sob o vestido até onde lhe foi possível. A enfermeira Duckett emitiu um guincho e saltou um quilómetro para o ar, mas não alcançou altitude suficiente e contraiu-se, contorceu-se e oscilou para a frente e para trás no seu divino fulcro durante cerca de quinze segundos antes de se libertar e retirar freneticamente para a passagem entre as camas, com uma expressão lívida. No entanto, retrocedeu demasiado, e Dunbar, que observara a cena desde o princípio, inclinou-se para a frente na cama e cingiu-a pelas costas com ambos os braços. A enfermeira Duckett emitiu novo grito e voltou a dedicar-se a contracções, contorções e oscilações, até que se afastou o suficiente dele para tornar a ficar ao alcance de Yossarian, que não perdeu tempo em tentar segurá-la, o que a obrigou a saltar mais uma vez para o lado oposto, como uma bola de pingue-pongue

com pernas, enquanto Dunbar aguardava atentamente, preparado para entrar em acção. Todavia, ela lembrou-se a tempo da sua presença e intenções e desviou-se, o que fez com que ele, já lançado em voo, se precipitasse no chão, onde a cabeça embateu com um som surdo, e perdesse os sentidos.

Voltou a si ainda no chão, com o nariz a sangrar e exactamente os mesmos sintomas preocupantes na cabeça que simulara quando baixara ao hospital. Entretanto, a enfermaria mergulhara em impressionante caos. A enfermeira Duckett achava-se lavada em lágrimas e Yossarian consolava-a em tom de desculpa, sentado a seu lado na borda da cama, enquanto o coronel comandante, apoplético, vociferava que não tolerava que os pacientes tomassem liberdades indecentes com o seu pessoal, em particular o feminino.

– Porque o está a increpar? – perguntou Dunbar, estremeando ante as vibrações que a sua voz produzia nas têmporas. – Ele não fez nada.

– É a você que me refiro! – retorquiu o indignado coronel, o mais alto que lhe era possível. – Vai ser castigado pelo que fez!

– Porque o está a increpar? – acudiu Yossarian. – A única coisa que fez foi cair de cabeça.

– Também me refiro a você! – esclareceu o coronel, virando-se para ele. – Vai-se arrepender amargamente de ter abraçado a enfermeira Duckett!

– Não a abracei – proclamou Yossarian.

– Quem a abraçou fui eu – anunciou Dunbar.

– Estão ambos loucos? – explodiu o médico, retrocedendo, confuso.

– Ele é louco, de facto – admitiu Dunbar. – Sonha todas as noites que tem um peixe vivo nas mãos.

O médico estacou com uma expressão mista de incredulidade e desagrado, e estabeleceu-se pesado silêncio.

– Que disse?

– Sonha que tem um peixe vivo nas mãos.

– Que espécie de peixe – perguntou, fitando Yossarian com gravidade.

– Não sei. No que se refere à identificação de peixes, sou um nojo.

– Em que mão o segura?

– Varia.

– Varia com o peixe – elucidou Dunbar.

– Ah, sim? – O coronel concentrou-se nele com desconfiança. – Como é que está tão bem informado?

– Também entro no sonho.

Corou de embaraço e moveu o olhar de um para o outro alternadamente, com ressentimento crescente.

– Levante-se do chão e meta-se na cama – ordenou a Dunbar, rangendo os dentes. – Não quero ouvir nem mais uma palavra acerca desse sonho. Tenho um especialista entre o meu pessoal para escutar histórias revoltantes como essa.

– Por que razão pensa que o coronel Ferredge considera o seu sonho revoltante? – perguntou o major Sanderson, atarracado e sorridente psiquiatra a quem Yossarian foi enviado.

– Deve ser por alguma qualidade especial do sonho ou do coronel Ferredge.

– Muito bem observado – aplaudiu o major Sanderson, o qual calçava botas de soldado que rangiam e tinha cabelos pretos como o carvão, curtos e eriçados. – Por razões que nunca tive oportunidade de aprofundar, ele faz-me sempre pensar numa gaivota. Não manifesta muita fé na psiquiatria, sabe.

– Vejo que não simpatiza com as gaivotas – comentou Yossarian.

– Nem por isso, de facto – concedeu o major Sanderson, com uma risada nervosa, cofiando um dos queixos suplementares, como se fosse uma barba.

– Considero o seu sonho admirável e espero que se repita com frequência para podermos continuar a analisá-lo. Quer um cigarro? – Sorriu ao ver Yossarian declinar o convite. – Porque pensa que sente uma tão forte aversão em aceitar um cigarro dos meus?

– Apaguei um há momentos. Ainda está a deitar fumo no cinzeiro.

– É uma explicação muito engenhosa – reconheceu, com um sorriso divertido. – No entanto, em breve descobriremos o verdadeiro motivo. – Atou o cordão de uma das botas com um laço duplo e transferiu um bloco

de apontamentos pautado da secretária para cima dos joelhos. – Voltemos ao seu peixe. É sempre o mesmo?

– Não sei – confessou Yossarian. – Percebo pouco de peixes.

– Que lhe recorda?

– Outros peixes.

– E que lhe recordam os outros peixes?

– Outros peixes.

– Gosta de peixe? – inquiriu o major Sanderson, reclinando-se na cadeira, desapontado.

– Nem por isso.

– Por que razão pensa que sente uma aversão tão mórbida pelos peixes?

– São muito moles. E têm muitas espinhas.

Inclinou a cabeça com uma expressão de entendimento, enquanto exibia um sorriso forçado.

– É uma explicação muito interessante, mas em breve descobriremos a verdadeira. Gosta desse peixe em especial? Do que segura na mão.

– Não tomei qualquer posição a esse respeito.

– Desagrada-lhe? Experimenta emoções hostis ou agressivas contra ele?

– Não, nenhuma. Por acaso, até gosto dele.

– Então, gosta do peixe!

– De modo algum. Não tomei qualquer posição a esse respeito.

– Mas acaba de dizer que gosta dele. E agora afirma que não tomou qualquer posição a esse respeito. Apanhei-o numa contradição. Não está a perceber?

– Estou. Acho que me apanhou numa contradição.

O major Sanderson escreveu orgulhosamente a palavra «contradição» no bloco e ergueu os olhos.

– Porque pensa que fez essas duas afirmações contraditórias em relação ao peixe?

– Talvez por assumir uma atitude ambivalente nesse sentido. Quase deu um salto de alegria quando ouviu a expressão «atitude ambivalente», que se apressou a inscrever igualmente no bloco.

– Vejo que compreende! – exclamou, deslumbrado. – Nem faz uma ideia de como me tenho sentido solitário a falar, dia após dia, com pacientes que não vêm um boi de psiquiatria e a tentar curar pessoas sem o mínimo interesse em mim e no meu trabalho! Confesso que começava a invadir-me um complexo de inferioridade. – Deixou transparecer uma ponta de ansiedade. – Ainda não consegui dissipá-lo por completo.

– Palavra? – proferiu Yossarian, sem saber o que dizer. – Porque se culpabiliza pelas lacunas na educação dos outros?

– Eu sei que é parvoíce – replicou o major Sanderson, com uma gargalhada seca –, mas sempre dependi muito pesadamente da boa opinião dos outros. Atingi a puberdade um pouco tarde, o que me provocou numerosos problemas. Estou certo de que vou experimentar profundo prazer em os discutir consigo. Sinto-me tão ansioso por começar, que quase tenho relutância em me debruçar sobre os seus problemas, mas não há outro remédio. O coronel Ferredge ia aos arames se soubesse que passamos todo o tempo da consulta ocupados com os meus assuntos. Agora, gostava de lhe mostrar alguns borrões de tinta para ver o que determinadas formas e cores lhe lembram.

– Não é necessário perder tempo com isso, doutor. Lembra-me tudo o sexo.

– Sim? – bradou o major Sanderson, extasiado, como se lhe custasse a acreditar no que ouvia. – Agora é que estamos mesmo a caminhar no rumo acertado! Costuma ter sonhos sobre o sexo?

– Os meus sonhos com o peixe são de natureza sexual.

– Não, refiro-me a sonhos sexuais a sério... aqueles em que agarramos uma fulana nua pelo pescoço, a beliscamos e esmurramos na cara até sangrar e depois nos lançamos em cima dela para a profanar e rompemos a chorar porque a amamos e odiamos tanto que não sabemos o que lhe fazer mais. É *destes* sonhos sexuais que gostava de conversar consigo. Nunca tem nenhum assim?

Yossarian reflectiu por um momento com uma expressão maliciosa no olhar e decidiu:

– Isso é um sonho com peixes.

– Pois claro – concedeu o major Sanderson, friamente, ao mesmo tempo que assumia uma atitude de antagonismo defensivo. – Mas gostava que tivesse um sonho desses, só para ver como reagia. Hoje, ficamos por aqui. De caminho, também gostava que sonhasse as respostas a algumas das perguntas que lhe fiz. Estas sessões não são mais agradáveis para mim do que para si, sabe.

– Hei-de falar nisso a Dunbar.

– Dunbar?

– Foi ele que começou tudo. O sonho é dele.

– Ah, Dunbar. – Sorriu e sentiu a confiança reaparecer. – Aposto que é o tipo mal-intencionado realmente responsável das coisas horríveis de que o acusam sempre.

– Não é muito mal-intencionado.

– Apesar disso, você está disposto a defendê-lo até à morte, hem?

– Até tão longe, também não.

Esboçou novo sorriso e escreveu «Dunbar» no bloco, enquanto Yossarian começava a encaminhar-se para a porta.

– Porque coxeia? – perguntou em tom incisivo. – E que diabo faz essa ligadura na perna? Está louco, ou quê?

– Fui ferido. É por isso que estou no hospital.

– Isso é o que você pensa. Foi internado por causa de uma pedra nas glândulas salivares. Afinal, não é tão esperto como supunha, hem? Nem sequer sabe porque baixou ao hospital.

– Baixei ao hospital por causa do ferimento na perna.

– Bem, transmita os meus cumprimentos a Dunbar – indicou, ignorando a observação. – E recomende-lhe que sonhe com aquilo que referi.

Mas Dunbar sentia aturdimento e náuseas com a dor de cabeça constante, pelo que não estava inclinado para colaborar com o major Sanderson. Joe Faminto tinha pesadelos porque completara sessenta missões e voltava a aguardar a ordem de embarque para regressar aos Estados Unidos, mas

mostrou-se relutante em divulgar um único, quando os foi visitar ao hospital.

– Ninguém tem sonhos para o major Sanderson? – perguntou Yossarian. – Custa-me desapontá-lo, porque parece já tão desiludido.

– Tenho tido um muito curioso desde que soube do seu ferimento – confessou o capelão. – Sonho quase todas as noites que a minha mulher está às portas da morte ou foi assassinada ou que os meus filhos ficam asfixiados com pedaços de carne. Também acontece eu estar a nadar com água por cima da cabeça, enquanto um tubarão me devora a perna esquerda exactamente no lugar em que você tem a ligadura.

– São sonhos muito interessantes – declarou Dunbar. – Aposto que ele vai delirar quando os ouvir.

– O sonho do tubarão é horrível! – exclamou o major Sanderson. – Está cheio de dor, mutilação e morte. Desconfio que você o teve só para me irritar. Com um sonho desses, custa-me a crer que pertença ao Exército.

Yossarian julgou vislumbrar um clarão de esperança e sugeriu com astúcia:

– Talvez tenha razão. O mais indicado é afastarem-me das missões de combate e recambiarem-me para os Estados Unidos.

– Nunca lhe passou pela cabeça que, na sua perseguição promíscua às mulheres, se limita a tentar atenuar os receios subconscientes de impotência sexual?

– Várias vezes.

– Então, porque insiste?

– Para atenuar os receios de impotência sexual.

– Porque não procura antes um bom passatempo? – inquiriu o major Sanderson, com interesse cordial. – Dedique-se à pesca, por exemplo. Acha a enfermeira Duckett assim tão atraente? É muito ossuda, para o meu gosto. Mole e ossuda. Como um peixe.

– Conheço-a mal.

– Então, porque a abraçou?

– Quem a abraçou foi Dunbar.

– Não recomece com isso! – vociferou com desdém vitriólico, pousando o lápis com um gesto brusco. – Julga que se pode absolver de toda a culpa fingindo que é outra pessoa? Você não me agrada, Fortiori. Não me agrada mesmo nada.

– Não sou Fortiori – aventurou Yossarian timidamente, sentindo-se sacudido por uma rajada de apreensão. – Chamo-me Yossarian.

– Chama-se o quê?

– Yossarian. E baixei ao hospital por causa de um ferimento na perna.

– Chama-se Fortiori – contradisse o major Sanderson, em tom beligerante.

– E baixou ao hospital por causa de uma pedra nas glândulas salivares.

– Deixe-se disso, major! – explodiu Yossarian. – Tenho obrigação de saber quem sou!

– E eu tenho aqui um relatório oficial que o prova. Aconselho-o a arrepiar caminho antes que seja demasiado tarde. Primeiro, era Dunbar. Agora, Yossarian. Não tarda a intitular-se Washington Irving. Sabe qual é o seu mal? Tem uma personalidade multifacetada.

– É capaz de ter razão – concordou Yossarian, diplomaticamente.

– Tenho, de certeza. E sofre de mania de perseguição agravada. Imagina que lhe querem fazer mal.

– De facto, querem fazer-me mal.

– Está a ver? Não tem o menor respeito pela autoridade excessiva ou as tradições obsoletas. É perigoso e depravado e deviam levá-lo lá para fora e fuzilar!

– Fala a sério?

– É um inimigo do povo!

– Endoideceu?

– Não, não endoideci! – bradou Dobbs, na enfermaria, julgando exprimir-se num murmúrio quase inaudível. – Joe Faminto viu-os ontem, quando se deslocou a Nápoles para trazer uns aparelhos de ar condicionado do mercado negro destinados à quinta do coronel Cathcart. Têm um enorme centro de substituição aí, cheio de pilotos, bombardeiros e artilheiros em trânsito para os Estados Unidos. Só tiveram de completar quarenta e cinco

missões. Chegam montes de tripulações de substituição para os outros grupos. Os altos poderes querem que todos prestem serviços além-mar pelo menos uma vez, incluindo o pessoal administrativo. Não lêes os jornais? Agora é que temos de o matar!

– Só te faltam duas missões – observou Yossarian, em voz baixa. – Para quê correr riscos inúteis?

– Arrisco-me a perder a vida numa delas –olveu Dobbs no mesmo tom retumbante. – Podemos liquidá-lo amanhã cedo, quando regressar da quinta. Tenho a arma comigo.

Yossarian arregalou os olhos de assombro ao vê-lo puxar da pistola automática e exibi-la, como se fosse um troféu.

– Endoideceste? – murmurou, excitado. – Guarda já isso! E vê se falas baixo.

– Porque estás tão preocupado? Ninguém nos pode ouvir.

– Acabem lá com o barulho! – recomendou uma voz do fundo da enfermaria. – Não vêm que queremos passar pelas brasas?

– Não armes em espertalhão! – retrucou Dobbs, rodando nos calcanhares, de punhos cerrados, disposto a lutar. Em seguida, voltou-se de novo para Yossarian e, antes que pudesse falar, espirrou ruidosamente seis vezes.

– O tipo julgar-se-á polícia ou coisa do género? – grunhiu, limpando o nariz à manga da camisa.

– Pertence ao CID – informou Yossarian. – Estão cá três e vêm mais a caminho. Mas não te alarmes, porque procuram descobrir um falsário chamado Washington Irving. Os assassinos não lhes interessam.

– Assassinos? – repetiu o outro, melindrado. – Porque nos chamas assassinos? Só porque vamos matar o coronel Cathcart?

– Fala baixo, que diabo! Não podes murmurar?

– É o que tenho estado a fazer.

– Continuas a berrar.

– Não estou nada.

– Fechem já a cloaca! – advertiram pacientes de todos os lados da enfermaria.

– Não tenho medo de nenhum de vocês! – rugiu Dobbs, agitando a mão em que segurava a automática, porém, Yossarian apressou-se a puxar-lhe o braço para baixo, seguindo-se nova série de espirros. – Tenho uma alergia – explicou, tornando a limpar o nariz à manga da camisa.

– É pena, porque davas um grande condutor de homens sem ela.

– O assassino é o coronel Cathcart – insistiu em voz rouca. – Ele é que nos vai assassinar a todos, se não tomarmos providências.

– Talvez não volte a elevar o número de missões obrigatórias. É possível que não vá além das sessenta.

– Eleva-o sempre. Sabe-lo melhor do que eu. – Fez uma pausa, olhou em volta e aproximou a cabeça da de Yossarian antes de acrescentar: – Se concordares, trato de tudo sozinho, amanhã. Compreendes o que digo? Agora, estou a murmurar.

– Porque não o fazes de uma vez? – retorquiu Yossarian, desviando os olhos da expressão tensa do outro. – Em vez de me falares nisso, porque não o matas sozinho?

– Tenho medo. Sempre receei fazer as coisas sozinho.

– Então, não me envolvas. Só se fosse doido é que me metia numa alhada dessas. Tenho aqui uma perna ferida que vale um milhão de dólares. Vão mandar-me para casa.

– Enlouqueceste? – exclamou Dobbs, incrédulo. – Isso não passa de um arranhão. Ele escala-te para mais uma missão no dia em que te derem alta.

– Então é que o mato – prometeu Yossarian. – Procuro-te e tratamos disso juntos.

– Nesse caso, façamo-lo amanhã, enquanto podemos. O capelão diz que ele tornou a oferecer o grupo para Avinhão. Eu posso ser abatido antes que te dêem alta. Olha como me tremem as mãos. Não posso pilotar um avião.

– Quero aguardar e ver o que acontece – declarou, esforçando-se por não concordar.

– O teu mal é não querereres fazer nada – lamentou Dobbs, dominado por fúria crescente.

– Faço tudo o que me é possível – explicou o capelão a Yossarian, a meia voz, quando Dobbs se retirou. – Até fui à tenda médica procurar o doutor Daneeka para que intercedesse.

– Estou a ver – murmurou Yossarian, reprimindo um sorriso. – E que aconteceu?

– Pintaram-me as gengivas de roxo.

– Pintaram-lhe as gengivas de roxo – acrescentou Nately, revoltado – e depois deram-lhe um laxativo.

– Mas voltei lá esta manhã para lhe falar – esclareceu o capelão.

– E tornaram a pintar-lhe as gengivas de roxo – volveu Nately.

– Mas consegui falar-lhe – argumentou o capelão, num tom plangente de autojustificação. – O doutor Daneeka parece uma pessoa muito infeliz. Desconfia de que alguém conspira para o transferir para o oceano Pacífico. Tencionava procurar-me para que o ajudasse e quando expliquei que eu é que precisava da ajuda dele, perguntou se não havia outro capelão que pudesse consultar. – Fez uma pausa, embaraçado, quando Yossarian e Dunbar se puseram a rir. – Dantes, eu supunha que era imoral estar infeliz por qualquer motivo – prosseguiu, como se se lamentasse em voz alta sem ninguém em volta. – Agora, já não sei o que pensar. Gostava de escolher a imoralidade para tema do meu sermão no próximo domingo, mas não sei se deva subir ao púlpito com as gengivas neste estado. O tenente-coronel Korn ficou muito agastado.

– Porque não baixa ao hospital por uns tempos e se descontrai? – sugeriu Yossarian. – Pelo menos, estava confortável.

A óbvia iniquidade da ideia tentou e divertiu o capelão por uns segundos, até que decidiu com relutância:

– Não me parece conveniente. Quero deslocar-me ao continente para falar com um amanuense chamado Wintergreen. O doutor Daneeka garantiu-me que ele podia ajudar.

– Wintergreen deve ser a pessoa mais influente de todo o teatro de operações. Além de amanuense, tem acesso à máquina fotocopadora. Mas não ajuda ninguém. É uma das razões por que há-de ir longe.

– Em todo o caso, gostava de falar com ele. Tem de haver alguém que possa interceder por si.

– Faça-o por Dunbar – recomendou Yossarian, com ares superiores. – Tenho esta perna ferida no valor de um milhão de dólares que me afastará da zona de combate. De contrário, há um psiquiatra convencido de que não sirvo para o Exército.

– Eu é que não sirvo para o Exército – lamentou-se Dunbar, com inveja. – O sonho era meu.

– Não é por causa do sonho – informou Yossarian. – O tipo até gosta dele. Trata-se da minha personalidade. Julga que é multifacetada.

– Está multifacetada mesmo ao meio – proclamou o major Sanderson, atando o atacador da bota com um laço duplo e exibindo um sorriso de confiança. Escanhoara-se propositadamente para a ocasião e aplicara uma loção de odor assaz pungente. – Não digo isto para ser cruel ou ofensivo – acrescentou com uma expressão cruel e ofensiva. – Nem porque o odeie e queira vingar-me. Ou porque me rejeitou e feriu o meu amor-próprio. Não, como homem de medicina, tento ser friamente objectivo. Considera-se homem suficiente para as ouvir sem vacilar?

– Nem pensar! – exclamou Yossarian. – Desmaiava logo!

– Não é capaz de fazer uma única coisa como deve ser? – O major Sanderson enfureceu-se instantaneamente e atingiu o tampo da secretária com os punhos cerrados. – O seu mal é estar convencido da sua superioridade extrema, que o pode fazer ignorar todas as convenções da sociedade. Provavelmente, até se julga meu superior, só porque atingi a puberdade um pouco tardiamente. Sabe o que é? Um jovem frustrado, infeliz, desiludido, indisciplinado e desajustado! – A irritação parecia atenuar-se à medida que desabafava.

– Sim, senhor – admitiu Yossarian, prudentemente. – Talvez tenha razão.

– Claro que tenho. Você é imaturo. Não conseguiu adaptar-se à ideia da guerra.

– Sim, senhor.

– Criou um medo mórbido de morrer. O mais certo é estar ressentido pelo facto de participar na guerra e poder perder a vida a todo o momento.

– De facto, estou muito ressentido com isso. Estou revoltado.

– Sofre de ansiedade de sobrevivência profunda. E não simpatiza com os intolerantes, déspotas, cabotinos e hipócritas. Subconscientemente, há muitas pessoas que odeia.

– Conscientemente, senhor, conscientemente – corrigiu Yossarian, num esforço para ajudar o interlocutor.

– Mostra-se antagónico à ideia de ser roubado, explorado, degradado, humilhado ou iludido. O infortúnio deprime-o. A ignorância deprime-o. A perseguição deprime-o. A violência deprime-o. Os bairros de lata deprimem-no. A ambição deprime-o. O crime deprime-o. A corrupção deprime-o. Não me admirava nada que fosse um maníaco-depressivo!

– Sim, senhor. Talvez seja.

– Não tente negar.

– Não estou a negar – asseverou, encantado com a maravilhosa relação que finalmente existia entre ambos. – Concordo com tudo o que disse.

– Então, reconhece que é louco?

– Louco? – repetiu, chocado. – Que está para aí a dizer? Porquê? O louco é o senhor!

O major Sanderson tornou-se vermelho como um pimentão e voltou a fazer baixar os punhos cerrados sobre o tampo da secretária.

– Chamar-me louco é uma reacção paranóica tipicamente sádica e vingativa! – rugiu, desvairado. – É mesmo louco!

– Então, porque não me manda para casa?

– E vou mandá-lo para casa!

– Vão mandar-me para casa! – anunciou Yossarian, radiante, quando regressou à enfermaria.

– A mim também! – exclamou A. Fortiori. – Foram à minha enfermaria dizer-mo.

– E eu? – inquiriu Dunbar, em tom petulante, aos médicos.

– Você? – replicaram com aspereza. – Vai com Yossarian. Directamente para as linhas de combate!

E às linhas de combate regressaram. Yossarian estava furo quando a ambulância o depositou na esquadilha e, coxeando, ansioso por que lhe fizessem justiça, procurou o Dr. Daneeka, o qual o recebeu com uma expressão mista de melancolia e desdém.

– Você! – bradou em tom lúgubre e acusador. – Só pensa na sua segurança pessoal. Vá ver a linha de bombas, se quer inteirar-se do que aconteceu enquanto esteve no hospital.

– Estamos a perder? – perguntou Yossarian, alarmado.

– A perder? Toda a situação militar sofreu uma evolução radical desde que tomámos Paris. Eu sabia que havia de acontecer. – O médico fez uma pausa e enrugou a fronte irritavelmente, como se a culpa fosse de Yossarian. – As tropas americanas estão a avançar em território alemão, enquanto os Russos recuperaram toda a Roménia. Ainda ontem, os gregos do Exército britânico tomaram Rimini. Os Alemães passaram à defensiva em toda a parte! – Fez nova pausa e reconfortou-se com um profundo e ruidoso suspiro. – A Luftwaffe deixou de existir! – vociferou, parecendo na iminência de se abandonar a uma crise de lágrimas. – A linha gótica está prestes a desmoronar-se!

– Então, que há de anormal?

– Que há de anormal? Se não se dá uma reviravolta em breve, a Alemanha terá de capitular e mandam-nos para o Pacífico!

– Endoideceu? – Yossarian fitou Daneeka com incredulidade. – Sabe o que está a dizer?

– Sim, para si é fácil rir!

– Quem é que ri?

– Você, pelo menos, tem uma esperança. Participa em combates e pode ser abatido. Mas quem me abaterá! Não tenho nada a esperar.

– Está louco varrido! – gritou, agarrando-o pelo peitilho da camisa. – Cale mas é a boca e escute-me.

– Não lhe admito que me fale assim. – Daneeka soltou-se e recuou um passo. – Sou médico diplomado.

– Então, cale a estúpida boca de médico diplomado e oiça o que me disseram no hospital. Estou louco. Sabia?

– E depois?

– Louco a valer.

– E depois?

– Estou pílulas. Chanfrado. Não compreende? Estou doido varrido. Mandaram outro para casa em vez de mim, por engano. Um psiquiatra do hospital examinou-me e foi esse o seu veredicto. Estou mesmo sem juízo.

– E depois?

– E depois? – Yossarian sentia-se perplexo com a incapacidade de Daneeka para abarcar a situação. – Não vê o que isso significa? Agora, pode considerar-me incapaz para participar em missões de combate e mandar-me para casa. Suponho que não vão enviar um louco para a morte?

– Então, quem iria?

§

Capítulo vigésimo oitavo DOBBS

McWatt foi enviado, e não era louco. Assim como Yossarian, que ainda coxeava, o qual, depois de participar em mais duas missões e quando se viu ameaçado pelo rumor de nova incursão a Bolonha, coxeou com determinação em direcção à tenda de Dobbs, certa tarde, levou o indicador à boca e murmurou:

– Caluda!

– Porque o mandas calar? – perguntou Kid Sampson, que descascava uma tangerina com os dentes, ao mesmo tempo que folheava uma publicação de banda desenhada. – Ele nem sequer estava a falar.

– Vai-te lixar – retorquiu Yossarian, agitando o polegar por cima do ombro na direcção da entrada.

Kid Sampson franziu as sobrancelhas louras com estranheza, levantou-se para colaborar, assobiou quatro vezes através do denso bigode amarelado e partiu em direcção às colinas na velha motocicleta verde que adquirira em segunda mão, meses atrás. Yossarian aguardou que o ruído do motor se perdesse ao longe e olhou em volta. As coisas não pareciam muito normais, no interior da tenda. Achava-se tudo demasiado arrumado e limpo. Dobbs observava-o com curiosidade e um charuto entre os dentes. Agora que Yossarian decidira mostrar-se corajoso, experimentava um medo mortal.

– Está bem – declarou Yossarian. – Vamos lá matar o coronel Cathcart. Trataremos disso juntos.

– Caluda! – gritou o outro, levantando-se do beliche, com uma expressão horrorizada. – Matar o coronel Cathcart? Que conversa é essa?

– Fala baixo, gaita. Queres que toda a ilha oiça? Ainda tens a pistola?

– Endoideceste? – volveu, no mesmo tom. – Porque havia eu de querer matar o coronel Cathcart?

– *Porquê?! – Yossarian olhou-o com admiração. – Porquê?! A ideia não foi tua? Não foste ao hospital desafiar-me?*

– Isso foi na altura em que eu tinha apenas cinquenta e oito missões – explicou Dobbs, sorrindo. – Agora, completei as sessenta e já tenho a bagagem pronta, à espera de receber a ordem para embarcar.

– Ele voltará a aumentar o número.

– Talvez não o faça, desta vez.

– Duvido. Que mosca te mordeu? Pergunta a Joe Faminto quantas vezes teve a bagagem pronta.

– Tenho de aguardar e ver o que acontece. Só se fosse doido é que me metia numa aventura dessas, agora que me livre das missões de combate. – Dobbs sacudiu a cinza do charuto com um gesto afectado. – Aconselho-te a completar as tuas sessenta como todos nós e ver o que acontece.

– Talvez não viva até lá – redarguiu Yossarian, resistindo ao impulso de lhe cuspir na cara. – Corre o boato de que ele tornou a oferecer o grupo para Bolonha.

– Não passa de boato. Não acredites em tudo o que ouves no jornal da caserna.

– Queres parar de me dar conselhos?

– Porque não falas com Orr? – aconselhou Dobbs. – Voltou a ser abatido no mar, a semana passada, durante a segunda missão a Avinhão. Talvez se sinta suficientemente revoltado para matar o coronel Cathcart.

– Ele não tem miolos suficientes para se revoltar.

Orr voltara a ser abatido no mar, quando Yossarian se encontrava no hospital, e conseguira fazer deslizar o avião incapacitado de uma forma tão eficiente na superfície ondulada ao largo de Marselha, que nenhum dos seis tripulantes sofrera a menor beliscadura. As escotilhas de emergência nas secções da frente e da cauda abriram-se, enquanto o mar ainda espumava de branco e verde em torno do aparelho, e eles saíram o mais rapidamente

possível envoltos nos salva-vidas alaranjados, que não se encheram de ar e permaneceram flácidos e inúteis em torno dos seus pescoços e cinturas. E os salva-vidas não se encheram de ar, porque Milo retirara os cilindros de bióxido de carbono das câmaras de enchimento para preparar os gelados de morango e ananás que servia na messe dos oficiais e substituíra-os por rolos de fotocópias com os dizeres: «O que é bom para a M & M é bom para a pátria.» Orr foi o último a abandonar o avião que se afundava.

– Gostava que o visse! – exclamou o sargento Knight, rindo, enquanto descrevia o episódio a Yossarian. – Foi a coisa mais divertida que jamais aconteceu. Nenhum dos *Mae West*¹⁴ funcionava, porque Milo tinha roubado os tubos de bióxido de carbono para preparar os gelados que vocês, bastardos, têm comido na messe dos oficiais. Mas, no fim de contas, a situação não foi muito grave. Só um de nós não sabia nadar e içámo-lo para a jangada, depois de Orr a prender com uma corda à fuselagem, quando ainda estávamos em cima do aparelho. O lunático tem jeito para engenhocas dessas. A seguir, a outra jangada soltou-se e afastou-se, pelo que acabámos os seis numa única, tão comprimidos que quase não nos podíamos mexer sem pregar com o vizinho do lado na água. O avião afundou-se uns três segundos depois de o abandonarmos e aproveitámos o facto de não termos nada que fazer para desenroscar as cápsulas dos *Mae West*, a fim de descobrirmos a causa do não funcionamento e encontrámos as malfadadas fotocópias de Milo com aquela treta de que o que é bom para ele é bom para todos nós. O bastardo! Fartámo-nos de o amaldiçoar, à excepção do seu amigo Orr, que se limitava a sorrir, como se concordasse com a mensagem.

«Gostava que o visse sentado na borda da jangada, como o comandante de um navio, enquanto o olhávamos à espera que indicasse o que devíamos fazer. Dava palmadas nas pernas com insistência, como se as tivesse dormentes e dizia “Pronto, agora está tudo bem”, ao mesmo tempo que ria em surdina como um lunático. Era como se tivéssemos na nossa frente um atrasado mental. Aliás, o facto de o observarmos foi a única coisa que nos impediu de entrar em pânico nos primeiros minutos, pois as ondas

encharcavam-nos a cada momento e até nos atiravam à água, pelo que necessitávamos de saltar para dentro antes que viesse a seguinte. No fundo, divertimo-nos imenso. A certa altura, fizemos apostas sobre quem seria o próximo a ir parar ao charco. Mantínhamos aquele que não sabia nadar estendido no meio da jangada, mas, apesar disso, ia-se afogando, porque a água à sua volta às vezes chegava a cobrir-lhe a cabeça.

«Depois, Orr começou a abrir compartimentos da jangada, e foi então que o divertimento atingiu o rubro. Primeiro, encontrou uma caixa de *tablettes* de chocolate, que tratou de distribuir, e pusemo-nos a comer chocolate salgado, enquanto as ondas não paravam de nos atirar à água. A seguir, descobriu alguns cubos de caldo e púcaros de alumínio e fez sopa para todos. Deparou-se-lhe um pacote de chá e também o fez. Imagine-nos a tomar chá, encharcados até aos ossos! Ri tanto, que nem foi preciso vir uma onda para cair ao mar. De resto, a hilaridade era geral. Entretanto, ele continuava sério como um carrasco, à excepção do esgar fixo no canto dos lábios. Não encontrava uma única coisa que não utilizasse. Assim, descobriu uma substância repelente de tubarões e verteu-a imediatamente na água à nossa volta. Em seguida, foi a vez de utilizar uma tinta especial indicadora de posição. No momento em que viu uma linha de pesca e respectivo isco, a expressão iluminou-se-lhe, como se nos tivessem ido salvar antes que morrêssemos de inanição ou os Alemães nos mandassem recolher para nos internar num campo de prisioneiros ou fuzilar. Sem perda de um segundo, Orr lançou o anzol à água, e quando lhe perguntei o que esperava pescar, limitou-se a responder: “Bacalhau.” Por sorte, não apanhou nenhum, de contrário era capaz de o comer cru e obrigar-nos a imitá-lo, porque tinha encontrado um livrinho que dizia que se podia comer bacalhau cru sem perigo para a saúde.

«Depois, descobriu um remo pouco maior que uma colher de sopa e não perdeu tempo em começar a remar, sem se preocupar com o facto de a jangada conter um peso superior a quatrocentos quilos. Imagine a cena! A seguir, encontrou uma pequena bússola e um mapa, que desdobrou sobre os joelhos, e colocou a bússola por cima. E foi assim que passou o tempo até

que a lancha nos localizou, cerca de meia hora mais tarde: sentado, com a bússola e o mapa em cima dos joelhos, a linha de pesca numa das mãos e o remo na outra, movendo-o como um desesperado, como se tencionasse atingir Maiorca!»

O sargento Knight conhecia bem os atractivos especiais relacionados com a ilha Maiorca, assim como Orr, porque Yossarian lhes falara com frequência de santuários como a Espanha, Suíça e Suécia, onde os aviadores americanos podiam ser internados até ao fim da guerra em condições do maior conforto, e até luxo, para o que bastava voar até lá. Na verdade, Yossarian era a maior autoridade da esquadilha em questões de internamento e já começara a traçar um percurso de emergência rumo à Suíça, cada vez que participava numa missão ao Norte de Itália. Teria preferido a Suécia, onde o nível de inteligência era mais elevado e podia tomar banho desnudo com garotas atraentes de vozes roucas e sensuais, para conceber tribos de alegres e indisciplinados Yossarians ilegítimos e criar raízes sem estigma, porém, aquele país encontrava-se fora do seu alcance, devido à distância, pelo que ele aguardava com ansiedade o projectil que lhe imobilizaria um dos motores sobre os Alpes italianos e proporcionaria um pretexto para rumar à Suíça, sem revelar ao seu piloto as intenções que o animavam. Ponderara diversas vezes a hipótese de elaborar um plano juntamente com um piloto da sua confiança, para simularem uma avaria num dos motores e depois destruírem a prova da simulação por meio de uma aterragem de emergência sem recurso ao respectivo trem, mas o único em quem confiava era McWatt, que se sentia feliz onde estava e ainda por cima desfrutava passando em voo rasante sobre a tenda de Yossarian ou sobrevoando a praia tão baixo, que provocava ondulação forte e afugentava quem tomava banho.

Dobbs e Joe Faminato também não eram hipóteses a considerar, e o mesmo se aplicava a Orr, que voltava a debruçar-se sobre a válvula do fogão, quando Yossarian regressou à tenda acabrunhado, depois de Dobbs se negar a colaborar no seu projecto. O fogão que Orr construía com um bidão invertido erguia-se no meio da placa de cimento, também de sua autoria.

Yossarian esforçou-se por não lhe prestar atenção e coxeou pesadamente até ao seu beliche, onde se sentou com um grunhido de cansaço, a fronte inundada de gotas de transpiração que começavam a arrefecer. A troca de impressões com Dobbs deixara-o deprimido. O Dr. Daneeka também o deprimia. E experimentava uma visão de depressão ominosa, quando contemplava Orr. Começou a sentir-se assolado por uma variedade de tremores internos. Agitavam-se nervos e a veia de um dos pulsos principiou a palpitar.

Orr olhou-o por cima do ombro, os lábios húmidos entreabertos em torno dos dentes grandes e irregulares. Em seguida, estendeu o braço para o lado, extraiu uma cerveja morna de um compartimento do seu armário e ofereceu-a a Yossarian, depois de retirar a cápsula. Seguiram-se longos segundos de silêncio. Yossarian soprou a espuma que brotava do gargalo e inclinou a cabeça para trás, enquanto Orr o observava com um sorriso, mas quando viu que o outro se apercebera, tossiu discretamente e reatou o trabalho.

– Não recomeces – advertiu Yossarian em tom ameaçador, ao mesmo tempo que segurava a cerveja com ambas as mãos. – Não recomeces a mexer no teu fogão.

– Já estou no fim – replicou Orr, com novo sorriso.

– Mentos. Estás é no princípio.

– Olha para a válvula. Quase terminei de a montar.

– E vais voltar a desmontá-la. Sei o que estás a fazer, bastardo. Assisti à mesma coisa várias centenas de vezes.

– Quero eliminar a fuga na conduta de gasolina – explicou, com uma expressão sádica. – Já consegui reduzi-la a um fio.

– Não posso ver – confessou Yossarian, em voz átona. – Se quiseres trabalhar com uma coisa grande, não tenho nada a objectar. Mas essa válvula está cheia de componentes minúsculas e não tenho paciência para te observar, enquanto mexes em coisas tão pequenas e insignificantes.

– Por serem pequenas não quer dizer que não tenham importância.

– Quero lá saber.

– Só mais uma vez?

– Na minha frente, não. És um imbecil contente e não fazes a menor ideia do que significa uma pessoa sentir-se como eu neste momento. Fico desvairado quando vejo mexer em coisas tão pequenas. Começo a descobrir que não te suporto e passo a odiar-te e não tardo a ter vontade de te partir esta garrafa na cabeça ou cravar-te aquela faca no peito. Não compreendes?

Orr inclinou a cabeça com uma expressão de inteligência e declarou:

– Não a vou tornar a desmontar.

E principiou a torná-la a desmontar, procedendo com precisão lenta, infatigável, o semblante irregular e rústico muito próximo do chão, e pegando nas peças minúsculas com tanta concentração que parecia alhear-se de tudo o que o rodeava.

Yossarian amaldiçoou-o entre dentes e fez um esforço por o ignorar.

– Para que é tanta pressa com o raio do fogão? – bradou, no momento imediato. – Ainda faz calor e duvido que o frio apareça nas semanas mais próximas.

– Os dias começam a ser mais pequenos – observou Orr, filosoficamente – e gostava de acabar isto enquanto disponho de tempo. Terás o melhor fogão da esquadrilha, que ficará aceso toda a noite, com a conduta de alimentação que estou a construir, e estas placas metálicas hão-de irradiar calor para toda a tenda. Se deixares um capacete cheio de água em cima quando te deitares, ainda estará quente de manhã, para te lavares. Queres maior comodidade? Se desejares preparar ovos ou sopa, bastará colocar a frigideira ou panela aqui e aumentar a intensidade da chama.

– Se eu desejar? Onde estarás tu?

O tronco inclinado estremeceu subitamente com um espasmo divertido.

– Não sei – replicou, e soltou uma risada seca, antes de acrescentar: – Se continuam a abater-me assim, não faço a menor ideia de onde estarei.

– Porque não tentas deixar de voar? – perguntou Yossarian, comovido. – Tens uma boa desculpa.

– Ainda só participei em dezoito missões.

– Mas foste abatido em quase todas. Ou caís no charco ou fazes uma aterragem de emergência, cada vez que descolas.

– Não me importo de participar em missões de combate. No fundo, até são divertidas. Devias acompanhar-me, um dia. Só para rires um pouco.

– Não posso, porque voltaram a escalar-me para posições de comando.

– Se tivesses juízo, sabes o que fazias? Procuravas Piltchard e Wren e dizias-lhes que querias voar comigo.

– Para ser abatido todas as vezes? Que piada tinha isso?

– É precisamente por esse motivo que o devias fazer – insistiu Orr. – Devo ser o piloto das redondezas com mais experiência de cair no charco ou de aterragens de emergência. Era uma prática excelente para ti.

– Uma prática excelente com que finalidade?

– Para o caso de caíres no charco ou teres de efectuar uma aterragem de emergência.

– Tens para aí outra cerveja?

– Queres partir-ma na cabeça?

– Como aquela prostituta do apartamento em Roma? – Desta vez, Yossarian deu uma gargalhada com gosto.

Orr arreganhou os dentes pontiagudos com um esgar que pretendia ser um sorriso divertido e perguntou:

– Queres saber porque me agrediu na cabeça com o sapato?

– A prostituta de Nately explicou-me.

– Não acredito.

Yossarian condoía-se dele. Orr era tão pequeno e hediondo... Quem o protegeria, se sobrevivesse? Quem protegeria um gnomo simplório, de coração terno, como Orr, dos arruaceiros e conventículos e dos atletas experientes como Appleby que tinham moscas nos olhos e o triturariam com indiferença e altivez na primeira oportunidade que se lhes deparasse? Yossarian preocupava-se frequentemente com ele. Quem o couraçaria contra a animosidade e as decepções, contra as pessoas ambiciosas e o cabotinismo rancoroso da esposa do indivíduo importante, contra o açougueiro cordial do bairro com carne de qualidade inferior? Orr era um

simpório feliz e desprevenido, possuidor de uma massa espessa de cabelos policromáticos anelados separados ao meio. Seria um autêntico boneco de barro nas mãos de toda aquela gente, que lhe sugaria o dinheiro, violaria a mulher e não manifestaria a menor bondade para com os filhos. Ante estas reflexões, Yossarian condoía-se na verdade dele.

Orr era um anão excêntrico, um anão frágil e simpático, de espírito sagaz e mil qualidades valiosas, que o mantiveram num grupo de baixo rendimento mensal ao longo de toda a vida. Sabia manejar um ferro de soldar e pregar duas tábuas de modo que não saltasse a mínima lasca de madeira e os pregos não se dobrassem. Abria furos com uma broca com a maior eficiência. Durante a ausência de Yossarian no hospital, introduzira alguns melhoramentos na tenda. Construíra um canal perfeito no cimento, para que a condução de gasolina ficasse ao nível do chão, a fim de alimentar o fogão com o combustível proveniente do depósito que montara no exterior numa plataforma elevada. Construíra igualmente uma chaminé para o fogão valendo-se de partes excedentes de bombas, que enchera com fragmentos metálicos, e confeccionara molduras de madeira pintada para as fotografias de mulheres de bustos avantajados que recortara de revistas antigas e colocara sobre a prateleira do fogão. Por outro lado, sabia abrir uma lata de tinta, para a misturar, diluir e aplicar de forma irrepreensível. Sabia rachar lenha e efectuar medições rigorosas. Escavava como ninguém e possuía uma habilidade especial para trazer água para ambos em latas e cantis dos depósitos das proximidades da messe dos oficiais. Podia imergir numa tarefa banal durante horas, sem se mostrar impaciente ou aborrecido, tão alheio ao cansaço como um tronco de árvore e não menos taciturno. Possuía profundos e surpreendentes conhecimentos da vida em contacto directo com a Natureza e não temia os cães, gatos, abelhas ou vespas ou ainda alimentos como a dobrada e a mão de vaca.

Yossarian suspirou com resignação e começou a reflectir acerca da missão a Bolonha. A válvula que Orr desmontava mais uma vez era pouco maior que um polegar e continha trinta e sete peças diferentes, sem contar com o invólucro, muitas das quais tão minúsculas que se via obrigado a segurá-las

meticulosamente, segundo a ordem apropriada, no chão, sem se deter, excepto para dirigir um sorriso de embaraço a Yossarian, o qual se esforçava para não observar a enervante operação e contava as peças involuntariamente, receando enlouquecer a todo o momento com os pequenos sons metálicos que se lhe cravavam nos nervos como agulhas aguçadas implacáveis. Entretanto, Orr respirava ritmicamente, com um ruído estertoroso e repulsivo. Yossarian cerrava os punhos e fixava o olhar na faca de mato de cabo longo, cuja bainha estava dependurada sobre o beliche do homem morto, que nunca o chegara a utilizar. No entanto, a partir do instante em que pensou em apunhalar Orr, a tensão atenuou-se. A ideia de o assassinar era tão absurda que começou a encará-la a sério com singular fascinação e dirigia a mirada para o ponto mais provável de proporcionar efeitos imediatos e radicais no pescoço da vítima potencial. Se embebesse a lâmina aguçada no lugar apropriado, resolveria numerosos, agonizantes e prementes problemas de ambos.

– Dói muito? – perguntou Orr, precisamente naquele momento, como que obedecendo a um instinto de protecção.

– O quê? – balbuciou Yossarian, sobressaltado.

– A tua perna – volveu o outro, com uma risada estranha e misteriosa. – Ainda coxeias.

– É uma questão de hábito – explicou Yossarian, exalando um suspiro de alívio. – Há-de passar, com o tempo.

Orr voltou-se parcialmente, para se apoiar num joelho e encará-lo, após o que exibiu uma expressão meditativa.

– Lembras-te daquela rapariga que me bateu na cabeça com o sapato? – Sorriu ao ver a expressão de contrariedade de Yossarian. – Vamos combinar uma coisa. Digo-te porque me agrediu, se responderes a uma pergunta.

– Qual é a pergunta?

– Alguma vez montaste a miúda de Nately?

– Eu? – Yossarian não pôde evitar uma risada. – Claro que não. Agora, conta lá porque a fulana te arreou na cabeça com o sapato.

– A pergunta não era essa. Ela procede como se a tivesses montado.

- Mas não montei. Como procede?
- Parece que não simpatiza contigo.
- Não simpatiza com ninguém.
- Simpatiza com o capitão Black – lembrou Orr.
- Porque a trata como um capacho. Qualquer pessoa pode engatar uma tipa dessa maneira.
- Usa uma escrava com o nome dele na perna.
- Ele obriga-a a usá-la para irritar Nately.
- Até lhe dá parte do dinheiro que obtém de Nately.
- Afinal, que pretendias perguntar?
- Alguma vez montaste a minha miúda?
- A tua miúda? Quem diabo é?
- A que me bateu na cabeça com o sapato.
- Estive com ela um par de vezes – admitiu Yossarian. – Mas desde quando é a tua miúda? Onde pretendes chegar?
- Também não simpatiza contigo.
- Quero lá saber disso! Simpatiza tanto comigo como contigo.
- Alguma vez te arreou com o sapato na cabeça?
- Estou cansado, Orr. Porque não me deixas em paz?
- Não te zangues. E aquela condessa escanzelada de Roma e a escanzelada nora? Nunca as montaste?
- Quem me dera!

Yossarian soltou um suspiro de pesar totalmente sincero, ao mesmo tempo que imaginava o toque lúbrico e ávido das suas mãos exploratórias nos suculentos seios e nádegas das damas acabadas de mencionar.

– Também não simpatizam contigo – persistiu Orr. – Gostam de Aarfy e Nately, mas de ti não. As mulheres em geral parecem não se sentir inclinadas para ti. Provavelmente, consideram-te uma influência nefasta.

– As mulheres não regulam bem – afirmou Yossarian, e preparou-se para o que sabia que se seguiria.

– E aquela tua outra miúda. A gorda. A careca. Sabes a quem me refiro. A siciliana de turbante que passou a noite a suar para cima de nós. Também

não regula bem?

– Disse que não simpatizava comigo?

– Como pudeste saltar para a espinha de uma fulana sem cabelo?

– Podia lá adivinhar que lho tinham rapado!

– Eu sabia desde o princípio – vangloriou-se Orr.

– Sabias que era careca?

– Não, sabia que esta válvula não funcionava se deixasse uma peça de fora – explicou, satisfeito porque voltara a ludibriar Yossarian. – Importas-te de me dares essa anilha que rolou para aí? Está junto do teu pé.

– Não está nada.

– Olha. – Pegou num objecto invisível com as pontas das unhas e mostrou-o. – Agora, tenho de voltar ao princípio.

– Se o fizeres, mato-te. Liquido-te imediatamente.

– Porque não voas nunca comigo? – perguntou de repente. – Era esta a pergunta que te queria fazer. Porque não voas nunca comigo?

– Já te expliquei. – Yossarian desviou os olhos, envergonhado e embaraçado. – A maior parte das vezes escalam-me para lugares de comando.

– Não é essa a razão. Depois da primeira missão a Avinhão, procuraste Piltchard e Wren e disseste-lhes que não querias tornar a voar comigo. Não foi isso?

– Não – mentiu, sentindo as faces dominadas por um calor incomodativo.

– Foi, sim – insistiu Orr, imperturbável. – Pediste-lhes que não te escalassem para nenhum avião pilotado por mim, Dobbs ou Huple, porque não tinhas confiança em nós nos comandos. E Piltchard e Wren responderam que não podiam abrir uma excepção por tua causa, porque não seria justo para os outros que tivessem de voar connosco.

– E então? Na altura, não fez diferença nenhuma.

– Mas nunca te obrigaram a voar comigo. – Voltara a ajoelhar diante do fogão e exprimia-se sem azedume nem censura, mas com humildade ofendida, o que resultava infinitamente mais penoso de observar, embora continuasse a sorrir, como se a situação fosse divertida. – Devias fazê-lo,

sabes. Sou um piloto excelente e cuidava bem de ti. Apesar de me abaterem com frequência, a culpa não é minha e nunca ninguém ficou ferido no meu avião. Se tivesses um pouco de miolos, sabes o que fazias? Procuravas Piltchard e Wren e dizias-lhes que querias participar em todas as tuas missões comigo.

Yossarian inclinou-se para a frente e observou a máscara impenetrável de emoções contraditórias do interlocutor.

– Estás a tentar dizer-me alguma coisa?

– Não te amofines. Tento dizer-te porque aquela miúda me bateu na cabeça com o sapato, mas não me deixas.

– Então, diz lá.

– Voas comigo?

– Voltavas a ir parar ao charco – replicou, abanando a cabeça.

Com efeito, Orr voltou a ir parar ao charco durante a missão a Bolonha e pousou o avião monomotor nas águas encapeladas, onde ficou a balouçar sob as nuvens tenebrosas. Atrasou-se a abandoná-lo e acabou por se ver só numa jangada que começou a afastar-se da outra que continha os restantes tripulantes, os quais o haviam perdido de vista quando acudiu a lancha do Serviço de Salvamento Ar-Mar. As pesquisas para o encontrar haviam-se revelado infrutíferas, ao anoitecer, quando regressaram à esquadilha.

– Não se apoquentem – recomendou Kid Sampson, ainda envolto no espesso cobertor e impermeável com os quais fora içado para bordo pelos salvadores. – Alguém o deve ter recolhido, se não foi ao fundo com este temporal. Aposto que aparece quando menos o esperarmos.

Yossarian voltou para a tenda, a fim de aguardar que Orr aparecesse quando menos esperava e acendeu o lume, para incutir um pouco de conforto no ambiente. O fogão funcionava perfeitamente, com um clarão intenso que se podia aumentar ou diminuir actuando na válvula que Orr acabara por montar definitivamente. Caía um chuvisco persistente, que produzia um som suave na tenda, árvores e chão. Yossarian aqueceu uma lata de sopa para o companheiro, mas acabou por consumi-la, à medida que as horas se escoavam. A seguir, cozeu uns ovos também para Orr, que

comeu igualmente. Por fim, trouxe uma embalagem inteira de queijo *cheddar* de um conjunto de rações de combate.

Cada vez que se preocupava, esforçava-se por recordar que Orr era capaz de fazer tudo e soltava uma gargalhada em surdina ao imaginá-lo na jangada, como o sargento Knight descrevera, debruçado sobre o mapa e a bússola em cima dos joelhos com uma expressão apreensiva, introduzindo *tablettes* de chocolate consecutivas na boca, enquanto remava com o remo pouco maior que uma colher de sopa, sob a chuva e trovões, e a linha de pesca estendida para além da amurada. Yossarian não acalentava a menor dúvida quanto à capacidade de Orr para sobreviver e se houvesse algum peixe nas proximidades, não deixaria de o pescar, ainda que se tratasse de bacalhau, espécie jamais vista naquelas águas. Com um suspiro de resignação, colocou nova lata de sopa ao lume e comeu-a, antes que arrefecesse. Cada vez que ouvia bater a porta de um carro, exibia um sorriso de boas-vindas e voltava-se para a entrada, apurando os ouvidos para detectar possíveis passos. Sabia que Orr não tardaria a surgir, alagado até aos ossos, semelhante a um vendedor de ostras da Nova Inglaterra numa capa de borracha vários números acima da sua medida, exibindo orgulhosamente um bacalhau enorme que pescara. Mas continuava a brilhar pela ausência.

¹⁴ Nome de uma estrela de cinema particularmente curvilínea dos anos 30 e 40, utilizado na gíria militar para designar os salva-vidas individuais. (*N. do T.*)

§

Capítulo vigésimo nono PECKEM

Como no dia seguinte continuava a não haver notícias de Orr, o sargento Whitcomb, animado de eficiência louvável e esperança considerável, inscreveu uma lembrança no seu bloco de apontamentos para enviar ao coronel Cathcart uma carta de condolências destinada ao familiar mais próximo de Orr, a fim de que lhe apusesse a assinatura. Houve, porém, notícias do quartel-general, e Yossarian foi atraído pela multidão de oficiais e subalternos em cuecas e calção de banho que afluíam à área onde se achava afixado o quadro noticioso, à entrada da sala do oficial de dia.

– Que tem de especial *este* domingo? – inquiriu, irritado, Joe Faminto ao chefe White Halfoat. – Porque não havemos de ter um desfile *este* domingo se não temos nenhum *todos* os domingos?

Yossarian conseguiu abrir caminho com dificuldade e emitiu um grunhido de desalento no momento em que leu a informação: «Devido a circunstâncias a que sou alheio, o grande desfile deste domingo não se realizará. Coronel Scheisskopf.»

Dobbs tinha razão. De facto, as altas esferas empenhavam-se em mandar toda a gente para além-mar, incluindo o coronel Scheisskopf, que resistira ao movimento com todo o vigor e discernimento no seu comando e se apresentou no gabinete do general Peckem num estado de espírito em que o descontentamento constituía a característica fundamental.

Este último recebeu-o com cordialidade efusiva e declarou-se encantado por o ter nas suas fileiras. Mas um coronel sob as suas ordens significava que passava a poder solicitar mais dois majores, quatro capites, dezasseis

tenentes e um número indeterminado de subalternos, máquinas de escrever, secretárias, ficheiros, automóveis e outro equipamento substancial, susceptíveis de contribuir para o prestígio da sua posição e incremento do poder ofensivo na guerra que declarara ao general Dreedle. Agora, dispunha de dois coronéis, enquanto Dreedle contava apenas com cinco, quatro dos quais comandantes combatentes. Praticamente sem intriga de qualquer espécie, o general Peckem executara uma manobra que acabaria por duplicar o seu poder. E o general Dreedle embriagava-se com frequência crescente. O futuro apresentava-se animador, e ele contemplava o seu novo coronel com um sorriso radioso.

Em todos os assuntos relevantes, o general P. P. Peckem era, como costumava observar quando se preparava para criticar publicamente a acção de um colaborador, um realista. Bem-parecido, de pele rosada e cinquenta e três anos, as suas maneiras eram sempre descontraídas e os uniformes feitos por medida. Tinha cabelos grisalhos, olhos ligeiramente míopes e lábios finos um pouco proeminentes e sensuais. Considerava-se um homem sofisticado, sensível aos pontos fracos de todos menos aos seus, e considerava toda a gente absurda excepto ele próprio. Uma das coisas que lhe merecia cuidado mais meticuloso era o estilo. Passava a vida a *aumentar* tudo. Os acontecimentos vindouros nunca se *aproximavam* – *afluíam*. Não correspondia à verdade que escrevia *memorandos* para se enaltecer e recomendar o *enaltecimento* da sua autoridade, para abarcar todas as operações de combate – redigia *montes* deles. Os erros dos outros eram inevitavelmente *deploráveis*, os regulamentos *inflexíveis* e os dados nunca provinham de uma fonte fidedigna, mas de *fontes*. Sentia-se com frequência *constrangido*. As coisas eram-lhe *impostas* com regularidade e via-se forçado a actuar com *a maior relutância*. Nunca se lhe afastava da memória o facto de que o branco e o negro não eram uma cor e jamais empregava o termo *verbal*, quando queria dizer *oral*. Podia citar com facilidade Platão, Nietzsche, Montaigne, Theodore Roosevelt, o marquês de Sade e Warren G. Harding. Uma audiência virgem como o coronel Scheisskopf constituía um atractivo irresistível para o general Peckem, uma

oportunidade estimulante para abrir todos os seus vastos cofres de trocadilhos, comentários cáusticos, calúnias, homilias, anedotas, provérbios, epigramas, apotegmas, *bon mots* e outras manifestações orais pungentes. Exibiu um sorriso condescendente, quando começou a elucidá-lo do novo ambiente e, observando o efeito produzido pelas suas palavras, concedeu:

– O meu único defeito é não ter defeitos.

O semblante do coronel Scheisskopf permaneceu impávido, o que o deixou abismado e produziu uma profunda incisão de dúvida no seu entusiasmo. Acabava de abrir o seu livro com um dos paradoxos de efeito mais fulminante e sentia-se positivamente alarmado por não notar a mínima alteração no rosto que lhe recordava de súbito, tanto na cor como em textura, um apagador de quadros por estrear. Talvez o coronel Scheisskopf estivesse cansado, pois percorrera uma vasta distância, para imergir num meio estranho à, até então, sua vida quotidiana. A atitude do general Peckem para com todo o pessoal da sua jurisdição, incluindo oficiais e subalternos, era marcada pelo mesmo espírito de tolerância e camaradagem. Gostava de referir que, se as pessoas sob as suas ordens se encontrassem com ele a meio caminho, as esperaria a mais de meio caminho, do que resultava, como costumava acrescentar com um sorriso malicioso, que nunca se registava um encontro de pontos de vista. Julgava-se estético e intelectual e, quando alguém não concordava com ele, insistia em que fosse *objectivo*.

E era na verdade um Peckem *objectivo* que olhava o coronel Scheisskopf com uma expressão encorajadora e reatava a doutrinação com uma atitude de compreensão magnânima.

– Chegou no momento oportuno, Scheisskopf. A ofensiva de Verão abortou, graças ao comando incompetente que fornecemos às nossas tropas, e preciso, ardente e urgentemente, de um oficial duro, experiente e competente como você para me ajudar a produzir os memorandos nos quais confiamos tão pesadamente para que as pessoas saibam como somos bons e o trabalho que desenvolvemos. Espero que seja um escritor prolífico.

– De escrita não percebo nada – retorquiu Scheisskopf, em tom mais ou menos amuado.

– Bem, não se apoquente com isso – prosseguiu Peckem, com um gesto vago. – Limite-se a passar a alguém o trabalho que eu lhe confiar e ter fé na Providência. Costumamos chamar a isso delegação de responsabilidades. Algures, perto dos níveis inferiores da organização coordenada que dirijo, há indivíduos que executam de facto o trabalho atribuído e tudo funciona sobre rodas sem grande esforço da minha parte. Nada do que se faz neste vasto departamento é realmente muito importante e jamais nos exigem pressa. Por outro lado, reveste-se de importância convenceremos os outros de que trabalhamos sem repouso. Se descobrir que tem falta de pessoal, não hesite em me prevenir. Já requisitei dois majores, quatro capitães e dezasseis tenentes para o ajudarem. Aliás, embora o nosso trabalho não seja na verdade muito importante, é essencial que o despachemos em quantidade apreciável. Não concorda?

– E quanto a desfiles? – quis saber Scheisskopf.

– Quais desfiles? – redarguiu o general Peckem, com a sensação de que a sua mensagem introdutória não era captada.

– Não posso organizar desfiles todos os domingos à tarde? – volveu o outro, em tom petulante.

– Nem pensar. Quem lhe meteu essa ideia na cabeça?

– Mas disseram-me que sim.

– Quem?

– Os oficiais que me mobilizaram. Garantiram-me que poderia mandar desfilar os homens sempre que quisesse.

– Mentiram-lhe.

– Não me parece justo.

– Lamento, Scheisskopf. Estou pronto a fazer tudo ao meu alcance para que se sinta feliz entre nós, mas os desfiles acham-se fora de toda a consideração. Além de não dispormos de homens em número suficiente para um desfile decente, as unidades de combate revoltavam-se abertamente se as obrigássemos a marchar. Pelo menos para já não vejo a menor

hipótese de o comprazer. Mais tarde, se conseguirmos virar a situação de um modo mais favorável, talvez você tenha possibilidade de proceder como deseja.

– E a respeito de minha mulher? – tornou Scheisskopf, com desconfiança crescente. – Suponho que a posso mandar vir?

– Para quê?

– Marido e mulher devem estar juntos.

– Isso também está fora de toda a consideração.

– Mas disseram-me que a podia mandar vir!

– Voltaram a mentir-lhe.

– Não tinham o direito de me mentir! – protestou, com os olhos marejados de indignação.

– Claro que tinham – retorquiu Peckem, exprimindo-se com severidade glacial calculada, decidido a submeter o seu novo coronel a um fogo de barragem preliminar para apreciar a reacção. – Não seja parvo, homem. As pessoas têm todo o direito de fazer tudo o que não é proibido por lei, e não existe lei alguma que proíba de lhe mentir. Agradecia que não voltasse a desperdiçar o meu tempo com lamúrias sentimentais dessa natureza. Entendido?

– Sim, senhor – murmurou Scheisskopf.

Suspirou pateticamente, e o general Peckem abençoou o Destino por lhe ter enviado um fraco para subordinado, pois um homem de vontade firme representaria uma hipótese inadmissível. Consciente de que vencera a cartada inicial, descontraíu-se e não insistiu, porque a humilhação do seu pessoal não lhe provocava prazer especial.

– Se a sua mulher fosse uma WAC, talvez conseguisse que a transferissem para cá.

– Tem uma amiga da WAC – aventurou Scheisskopf, com um clarão de esperança no olhar.

– Não é a mesma coisa. Convença sua mulher a alistar-se na WAC e mando-a vir imediatamente. Para já, meu caro coronel, voltemos a

concentrar-nos na nossa guerrazinha, se não se importa. Eis, em poucas palavras, a situação que enfrentamos.

Com estas palavras, Peckem levantou-se e aproximou-se de uma estante rotativa que continha enormes mapas coloridos.

– Não me diga que vamos combater! – articulou Scheisskopf, empalidecendo.

– Que ideia! Não sou um nabo nisto. É por isso que continuamos aqui, em Roma. Não nego que preferia estar em Florença, para manter um contacto mais estreito com o ex-PFC Wintergreen, mas por enquanto fica muito perto do teatro de operações para o meu gosto. – O general pegou num ponteiro e fez deslizar a extremidade de um lado ao outro da Itália, com uma expressão jovial. – Neste ponto, temos os Alemães. Entrincheiraram-se nestes montes muito firmemente na Linha Gótica e só os faremos sair de lá no final da Primavera, embora isso não impeça os casmurros sob as nossas ordens de tentarem antecipar-lhes o êxodo. Por conseguinte, nós, dos Serviços Especiais, dispomos de quase nove meses para alcançar o nosso objectivo, que consiste em capturar todos os grupos de bombardeiros da Força Aérea dos Estados Unidos. Aliás – prosseguiu, com uma risada bem modulada –, se largar bombas sobre o inimigo não constitui um serviço especial, não sei o que é. Não concorda? – O interpelado não denunciou o menor indício de que concordava, todavia, Peckem achava-se demasiado entusiasmado com a sua arenga para se aperceber. – A nossa posição neste momento é excelente. Continuam a chegar reforços como você e temos tempo mais que suficiente para planear toda a estratégia com meticulosidade. O nosso alvo imediato situa-se aqui – informou, movendo o ponteiro para sul, até imobilizá-lo significativamente em cima de um nome traçado em maiúsculas com lápis azul: DREEDLE.

O coronel Scheisskopf semicerrou as pálpebras, aproximou-se do mapa e, pela primeira vez desde que entrara, o rosto duro deixou transparecer leve compreensão.

– Acho que estou a entender. A nossa missão mais premente consiste em capturar Dreedle ao inimigo.

– Nada disso. – Peckem esboçou um sorriso condescendente. – Dreedle está do nosso lado e é o inimigo. Trata-se do general que comanda os quatro grupos de bombardeiros que precisamos de capturar para podermos continuar a nossa ofensiva. A conquista do general Dreedle proporcionar-nos-á a aviação e bases vitais de que carecemos para levar a cabo operações noutras áreas. E a batalha, diga-se de passagem, está praticamente ganha. – Acercou-se da janela com uma risada de satisfação e encostou-se ao peitoril, de braços cruzados, altamente encantado com o espírito que imprimia às palavras. Na verdade, gostava de se ouvir falar, sobretudo se o tópico abordado era a sua pessoa. – O general Dreedle não sabe como há-de lidar comigo – vangloriou-se. – Inundo-lhe a jurisdição de comentários e críticas que na realidade não são de minha conta, e fica sem saber para que lado se há-de voltar. Quando me acusa de tentar corroer-lhe os alicerces, contento-me em responder que o meu único interesse ao chamar-lhe a atenção para os erros que comete reside em fortalecer o nosso esforço de guerra através da eliminação da ineficiência. Depois pergunto-lhe inocentemente se se opõe ao aperfeiçoamento do nosso esforço de guerra. Farta-se de protestar, mas não passa de uma criatura inofensiva. Não está preparado para suportar o ritmo da nossa época, sabe. O pobre cabeçudo nem general devia ser. Por sorte, não será eterno. – Tornou a rir e julgou oportuno interpolar uma das suas alusões eruditas predilectas. – Às vezes, julgo-me Fortimbraz... ah, ah... na peça *Hamlet*, de William Shakespeare, que se farta de hesitar em tomar uma decisão, até que tudo se desmorona. Shakespeare é...

– Não sou versado em peças teatrais – interrompeu o coronel Scheisskopf, quase com brusquidão.

Peckem olhou-o com perplexidade, pois era a primeira vez que uma referência ao famoso *Hamlet*, de Shakespeare, merecia um acolhimento tão glacial, e começou a perguntar-se com apreensão que espécie de monte de estrume o Pentágono decidira enviar-lhe.

– Então, em que é versado? – inquiriu com gravidade.

– Em desfiles – declarou Scheisskopf, com entusiasmo. – Terei oportunidade de apresentar sugestões a esse respeito?

– Desde que não programe nenhum. – O general regressou à secretária, com uma ruga de preocupação na fronte. – E que não interfiram na sua missão fundamental de recomendar que a autoridade dos Serviços Especiais se torne extensiva às actividades de combate.

– Posso programar desfiles e depois cancelá-los?

– É uma ideia maravilhosa. – O semblante iluminou-se-lhe ante a sugestão. – Mas basta divulgar comunicações semanais a *cancelá-los*. Não merece a pena programá-los. Sim, senhor. Acho que teve uma ideia brilhante. Com efeito, que comandante de grupo de combate poderá insurgir-se connosco por anunciarmos aos seus homens que não haverá desfile no domingo seguinte? Limitar-nos-emos a mencionar um facto conhecido. No entanto, a implicação é admirável. Insinuamos que *podíamos* marcar um desfile, se nos apetecesse. Creio que virei a simpatizar consigo, Scheisskopf. Vá apresentar-se ao coronel Cargill e revele-lhe as suas intenções. Estou convencido de que se darão bem.

O coronel Cargill irrompeu no seu gabinete, momentos depois, dominado por um acesso de tímido ressentimento.

– Estou cá há mais tempo que Scheisskopf – lamentou-se. – Porque não hei-de ser eu a cancelar os desfiles?

– Porque ele tem experiência na matéria e você não – replicou o general Peckem. – Cancele as actividades das USO, se quer cancelar alguma coisa. Até acho que o devia fazer. Pense em todos os lugares onde não haverá espectáculo das USO num determinado dia. Pense em todos os lugares que cada artista de nomeada não visitará. Sim, Cargill, creio que teve uma ideia brilhante. Acaba de nos abrir uma nova área de operações. Diga ao coronel Scheisskopf que quero que trabalhe sob as suas ordens neste projecto. E mande-mo cá, quando acabar de lhe transmitir instruções.

– O coronel Cargill disse-me que quer que trabalhe sob as ordens dele no projecto das USO – lamentou-se Scheisskopf.

– Isso não é verdade – replicou Peckem. – Aqui para nós, não estou muito satisfeito com ele. É autoritário e de compreensão lenta. Gostava que você o vigiasse e tentasse dar-lhe um empurrão, para que passe a render mais.

– Ele não pára de se intrometer – protestou o coronel Cargill. – Não me deixa trabalhar em paz.

– Há qualquer coisa de estranho em Scheisskopf – admitiu o general Peckem, pensativamente. – Não o perca de vista, para tentar averiguar as suas verdadeiras intenções.

– Agora, ele intromete-se no meu trabalho! – bradou o coronel Scheisskopf.

– Não se apoquente – disse o general Peckem, congratulando-se pela facilidade e eficiência com que integrara o interlocutor nos seus métodos. – O coronel Cargill inveja-o em virtude do seu trabalho admirável com os desfiles. Receia que lhe entregue a responsabilidade dos padrões de bombas.

– Padrões de bombas? – repetiu Scheisskopf, altamente interessado.

– Exacto. Trata-se de uma expressão que me ocorreu num momento de inspiração excepcional. Não significa absolutamente nada, mas nem faz ideia da facilidade com que se divulgou. Estão todos convencidos de que considero importante que as bombas explodam perto umas das outras para proporcionarem uma fotografia aérea bem definida. Há um coronel na ilha de Pianosa que já não se preocupa com o facto de atingir ou não o alvo. Iremos hoje até lá para nos divertirmos um pouco à sua custa. O coronel Cargill ficará com inveja, e Wintergreen informou-me esta manhã de que o general Dreedle se desloca à Sardenha. Aposto que fica fulo quando souber que inspecionei uma das suas instalações durante a sua ausência. Talvez até chegemos a tempo de assistir à sessão de informação dos pilotos que vão bombardear uma pequena localidade sem meios defensivos, para a reduzir a um monte de escombros. Segundo Wintergreen (que agora é ex-sargento, diga-se de passagem), a missão é inteiramente desnecessária. A sua única finalidade consiste em retardar a chegada de reforços alemães numa altura em que não projectamos qualquer ofensiva. É o que acontece

quando se colocam pessoas medíocres em posições de autoridade. – Peckem gesticulou indolentemente na direcção do gigantesco mapa da Itália. – A localidade é tão insignificante que nem sequer figura aí.

Chegaram ao grupo do coronel Cathcart demasiado tarde para assistir à sessão de informação preliminar e ouvir o major Danby insistir:

– Mas está lá, garanto-lhes. Está lá.

– Onde? – inquiriu Dunbar em tom de desafio, fingindo que não via.

– Aí, no mapa, onde a estrada descreve uma pequena curva. Não a vê no seu mapa?

– Não, não vejo nada.

– Eu vejo – acudiu Havermeyer, e marcou o ponto no mapa de Dunbar.

– E há uma boa imagem da aldeia nestas fotografias. Compreendo tudo perfeitamente. A finalidade da missão consiste em arrasar tudo, para que os escombros deslizem pela encosta onde se situa, obstruam a estrada e retardem assim a passagem dos Alemães. Não é isto?

– Exacto – confirmou o major Danby, limpando a transpiração da fronte com o lenço. – Ainda bem que alguém começa a compreender. As duas divisões blindadas entrarão na Itália, procedentes da Áustria, por esta estrada. Ora, a aldeia ergue-se numa encosta tão inclinada, que os escombros das casas destruídas terão de se amontoar infalivelmente lá em baixo.

– Que se lucra com isso? – argumentou Dunbar, enquanto Yossarian o observava excitadamente, com um misto de assombro e adulação. – Eles limpam a estrada em dois dias.

– Tudo indica que o quartel-general considera isso muito importante – replicou o major Danby, empenhado em evitar uma discussão. – Deve ser essa a razão da missão.

– Os habitantes da aldeia foram prevenidos? – quis saber McWatt.

– Creio que não – declarou o major Danby, desolado ao verificar que também se registava a oposição de McWatt.

– Não foram lançados panfletos para os avisar de que irão ser bombardeados? – perguntou Yossarian. – Não podemos ao menos deixar

transparecer a intenção, para que fujam?

– Creio que não –olveu o major Danby, recomeçando a transpirar copiosamente e olhando em volta, como se procurasse uma abertura no chão para se refugiar. – Os Alemães podiam inteirar-se e seguir por outra estrada. No entanto, não passa de uma suposição minha.

– Nem vão ter tempo de se abrigar –grunhiu Dunbar, com amargura. – Quando virem os nossos aparelhos aproximar-se, saem à rua para acenar, com crianças, cães e velhos. Porque não os deixamos sossegados?

– Não podemos obstruir a estrada noutro ponto? – indagou McWatt. – Porque tem de ser precisamente aí?

– Não sei – confessou o major Danby, embaraçado. – Escutem, rapazes: precisamos de ter um mínimo de confiança nos nossos superiores. Eles sabem o que estão a fazer.

– O tanas é que sabem – retorquiui Dunbar.

– Qual é o problema? – perguntou o tenente-coronel Korn, atravessando a sala com lentidão, de mãos afundadas nas algibeiras e a fralda da camisa fora do cinturão.

– Não há problema nenhum – apressou-se o major Danby a asseverar. – Trocamos impressões sobre a missão.

– Eles não querem bombardear a aldeia – interpôs Havermeyer.

– Queixinhas! – acusou Yossarian.

– Deixe-o em paz – advertiu Korn, que acabava de reconhecer em Yossarian o bêbado que o abordara no Clube dos Oficiais, antes da missão de Bolonha, e considerou prudente transferir a animosidade para Dunbar. – Porque não quer bombardear a aldeia?

– Porque me parece uma crueldade.

– Crueldade? – repetiu, impressionado apenas momentaneamente pela veemência da hostilidade do interpelado. – Parecia-lhe menos cruel deixar essas divisões alemãs avançar para enfrentarem as nossas tropas? Também estão em jogo vidas de americanos, não esqueça. Preferia assistir a derramamento de sangue americano?

– Derramado está a ser há muito tempo. Mas aquela gente vive em paz na sua aldeia. Porque não a deixamos sossegada?

– Para si, é fácil dizer isso. Encontra-se em segurança, em Pianosa. A chegada dos reforços alemães não o afectaria absolutamente nada.

Dunbar corou de embaraço e, num tom subitamente defensivo, alegou:

– Porque não obstruímos a estrada noutro lugar? Não podíamos bombardear a encosta de uma montanha ou a própria estrada?

– Prefere voltar a Bolonha? – A pergunta, formulada em tom pausado, vibrou como uma detonação e criou um silêncio singular e ameaçador. Envergonhado, Yossarian rezava intensamente para que Dunbar se calasse, e quando este último baixou os olhos, o tenente-coronel compreendeu que vencera a partida. – O coronel Cathcart e eu tivemos muito trabalho para lhes arranjar um passeio como este. Se preferem efectuar missões a Bolonha, Espézia ou Ferrara, arranjam-se sem dificuldade. – Os olhos brilhavam perigosamente atrás dos óculos sem aros e o rosto apresentava uma expressão dura. – É só dizer.

– Eu preferia – anunciou Havermeyer, com um sorriso. – Gosto de voar directamente para Bolonha, lançar bombas e ver os projecteis das peças antiaéreas rebentar à minha volta. Encho-me de gozo, quando os outros me caem em cima depois de uma missão para me chamarem nomes obscenos. Até os subalternos se enfurecem o suficiente para me amaldiçoar e querer agredir.

Korn tocou-lhe levemente com o punho cerrado no queixo, num gesto jovial, ignorou-o e dirigiu-se a Dunbar e Yossarian em voz átona:

– Dou-lhes a minha palavra de honra de que ninguém se sente mais preocupado com aqueles fulanos nas colinas do que o coronel Cathcart e eu. *Mais c'est la guerre*. Tentem recordar-se de que quem a provocou foi a Itália e não nós. Os agressores foram eles e não nós. E, mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos infligir tantas crueldades aos Italianos, Alemães, Russos e Chineses como as que eles se infligiram. – Pousou a mão no ombro do major Danby amigavelmente, sem alterar a expressão

dura. – Pode continuar. E providencie para que eles compreendam bem a importância de um padrão de bombas apertado.

– Para este alvo, não – retrucou Danby, pestanejando. – Indiquei-lhes que as espaçassem uns vinte metros, para conseguirmos uma obstrução ao longo de toda a extensão da aldeia e não num único ponto. Obteremos um resultado muito mais eficiente com um padrão de bombas alargado.

– A obstrução não nos interessa. O coronel Cathcart quer obter fotografias aéreas que não se envergonhe de apresentar às instâncias superiores. Não se esqueça que o general Peckem estará presente, e todos conhecemos a sua posição acerca dos padrões de bombas. A propósito, é melhor abreviar os pormenores e pôr termo à sessão antes que chegue. Como sabe, ele não o suporta.

– Engana-se – corrigiu Danby, respeitosamente. – Quem não me suporta é o general Dreedle.

– E o general Peckem também não. Para dizer a verdade, ninguém o suporta. Acabe o que está a fazer e desapareça. Eu encarrego-me de fornecer os elementos mais importantes.

– Onde está o major Danby? – inquiriu o coronel Cathcart, quando chegou com o general Peckem e o coronel Scheisskopf para assistir à sessão.

– Pediu autorização para se retirar quando o viu – informou o tenente-coronel Korn. – Receia que o general Peckem não simpatize com ele. De qualquer modo, eu tencionava conduzir a sessão. Sempre executo um trabalho mais asseado.

– Ótimo! – replicou Cathcart. – Não! – contradisse-se no instante imediato, ao evocar o trabalho asseado que Korn executara perante o general Dreedle, durante a sessão de informação relativa a Avinhão. – Eu próprio me encarrego disso.

Encorajado pela ideia de que era um dos favoritos do general Peckem, assumiu o comando das operações, disparando as palavras ao auditório atento de oficiais subordinados na inflexão incisiva que aprendera com o general Dreedle. Sabia que constituía uma figura impressionante postado na plataforma, com o colarinho da camisa desabotoado, boquilha numa das

mãos e cabelos pretos cortados curtos. Expressava-se com facilidade, levando o rigor aos extremos de emular alguns erros de pronúncia característicos do general, sem se sentir minimamente intimidado pela presença do novo coronel, até que se lembrou subitamente de que Peckem detestava Dreedle. Nesse momento, a voz oscilou e perdeu toda a confiança, prosseguindo norteado apenas pelo instinto e acobalhado por humilhação ardente. De repente, sentiu-se aterrorizado pelo coronel Scheisskopf. Mais um coronel na área representava mais um rival, mais um inimigo, mais uma pessoa a odiá-lo. E aquele era dos duros! O coronel Cathcart foi assolado por um pensamento horroroso: e se o coronel Scheisskopf já tivesse subornado todos os homens que o escutavam para começarem a gemer, como acontecera antes da primeira missão a Avinhão? Como conseguiria reduzi-los ao silêncio? Representaria um demérito terrível para ele. Viu-se assolado por um pavor tão intenso que quase fez sinal ao coronel Korn para que o substituísse. Não obstante, conseguiu dominar-se e passou à fase da sincronização dos relógios. Feito isto, compreendeu que vencera, porque agora podia pôr termo à sessão quando quisesse. Atravessara uma crise e emergira incólume. Apetecia-lhe rir de triunfo e desprezo na cara do coronel Scheisskopf. Comportara-se brilhantemente sob pressão e completou o trabalho impecável com uma peroração inspirada, que todos os instintos lhe indicavam representar uma manifestação magistral de tacto e subtileza eloquentes.

– Como sabem, meus amigos, temos hoje conosco um convidado altamente distinto, o general Peckem dos Serviços Especiais, o homem que nos proporciona o material desportivo, publicações de banda desenhada e espectáculos das USO. Quero dedicar-lhe esta missão. Partam e bombardeiem por mim, pela pátria, por Deus e por esse insigne e extraordinário americano que é o general P. P. Peckem. E lancem as bombas o mais perto possível umas das outras!

§

Capítulo trigésimo DUNBAR

Yossarian já não queria saber onde as bombas caíam, embora não fosse tão longe como Dunbar, que largou as suas a várias centenas de metros da aldeia e seria levado a conselho de guerra se fosse possível provar que o fizera propositadamente. Sem uma palavra a ninguém, lavara as mãos da missão. A queda no hospital permitira-lhe ver a luz ou triturara-lhe os miolos – tornava-se impossível determinar qual das duas coisas acontecera.

Dunbar já quase nunca ria e parecia alheado de tudo o que o rodeava. Replicava de forma provocatória aos oficiais superiores, incluindo o major Danby, e mostrava-se rude, agressivo e profano mesmo diante do capelão, que agora parecia receá-lo e se mostrava igualmente alheado. A peregrinação deste último a Wintergreen revelara-se infrutífera – mais um santuário vazio. O ex-PFC achava-se demasiado atarefado para o receber. Um eficiente ajudante entregou-lhe um isqueiro Zippo roubado e comunicou-lhe com uma expressão condescendente que Wintergreen estava excessivamente envolvido em actividades relacionadas com a guerra para se debruçar sobre assuntos tão triviais como o número mínimo de missões obrigatórias. O capelão preocupava-se com Dunbar e sobretudo com Yossarian, agora que Orr desaparecera. Para ele, que vivia só numa tenda espaçosa, cujo tecto pontiagudo o encerrava em solidão melancólica todas as noites como o topo de um túmulo, parecia incrível que Yossarian preferisse permanecer sem companhia.

De novo bombardeiro-comandante, este último tinha McWatt como piloto, o que representava uma consolação, embora continuasse profundamente

indefeso. Não dispunha de qualquer forma para reagir. Nem sequer conseguia ver McWatt e o co-piloto do seu lugar no nariz do avião. Apenas podia avistar Aarfy, que já não tinha paciência para aturar, e havia minutos de fúria e frustração agonizantes no céu em que ansiava por que o despromovessem de novo para passar a actuar num aparelho com uma metralhadora no compartimento, em vez da mira de precisão de lançamento de bombas que detestava, uma metralhadora poderosa que pudesse segurar vingativamente com ambas as mãos e derrubar para sempre todos os demónios que o torturavam: os próprios projecteis das peças antiaéreas, os artilheiros que as manejavam e não conseguia ver, Havermeyer e Appleby por executarem com limpeza, à primeira tentativa, a missão de Bolonha, onde o fogo de vinte e quatro canhões destruíra um dos motores de Orr pela última vez e o obrigara a cair no mar entre Génova e Espézia pouco antes de se desencadear um temporal medonho.

Na realidade, pouco poderia fazer com a metralhadora além de a carregar e experimentá-la. Não se revestia de mais utilidade para ele do que a mira de lançamento de bombas. Poderia de facto ripostar ao fogo de «caças» alemães, mas estes tinham deixado de existir na área e achava-se impossibilitado de a virar contra pilotos como Huple e Dobbs, para lhes ordenar que voltassem para trás, como numa ocasião a Kid Sampson, e era exactamente o que desejara fazer a Dobbs e Huple na hedionda primeira missão a Avinhão, no momento em que se apercebera da situação crítica em que se encontrava, ao ver-se no espaço limitado de um avião com Huple e Dobbs na esquadrilha chefiada por Havermeyer e Appleby. Huple e Dobbs? Dobbs e Huple? Quem eram? Que loucura absurda flutuar no espaço a três quilómetros de altitude dentro de uma ou duas polegadas de metal, preservado da morte pela perícia e inteligência limitadas de dois desconhecidos alucinados: um garoto imberbe chamado Huple e um chanfrado nervoso como Dobbs, que endoideceu realmente no avião, para arrancar os comandos das mãos do outro e mergulhar o aparelho naquele voo picado arrepiante que desprendera os auscultadores de Yossarian do intercomunicador e o fizera retroceder para o fulcro do fogo antiaéreo do

qual quase haviam escapado! Em seguida, outro estranho, um radiotelegrafista, Snowden, estava moribundo na cauda. Tornava-se impossível afirmar que Dobbs o matara, porque quando Yossarian tornara a ligar os auscultadores, ele vociferava que acudissem ao bombardeiro. E quase imediatamente, a voz de Snowden surgira no intercomunicador para gemer que tinha frio. Yossarian rastejara com lentidão em direcção à cauda do aparelho – passando junto do estojo de primeiros socorros que depois iria buscar – para tratar Snowden do ferimento errado, um buraco com a forma de um melão e do tamanho de uma bola de rãguebi na parte exterior da coxa, com as fibras palpitantes expostas que quase o fizeram vomitar. Entretanto, o artilheiro da cauda jazia no sobrado ao lado dele, o rosto branco como um lençol, pelo que Yossarian, assolado pela repulsa do que acabava de ver, lhe acudira em primeiro lugar.

Sim, em última análise, achava-se mais seguro ao lado de McWatt, e nem sequer se podia considerar seguro com este, que adorava efectuar voos rasantes e conduzir o avião em trajectórias paralelas ao terreno, sobretudo nas áreas acidentadas. Uma ocasião, após mais uma sessão no campo de exercícios de lançamento de bombas no Norte de Pianosa, McWatt desceu até quase contactar com a planície, seguiu em frente velozmente e acompanhou a inclinação gradual do solo até ao topo de uma colina, para executar a manobra inversa no outro lado, ante o terror crescente de Yossarian e, sobretudo, do novo bombardeiro que substituíra Orr.

– Sobe! Sobe! – vociferava Yossarian freneticamente, todavia o alucinado piloto cantava para o intercomunicador e decerto não o ouvia.

Dominado pela cólera e quase soluçando de vontade de retaliar, Yossarian arrastou-se pela estreita e baixa passagem e alcançou a pequena área dos comandos, que McWatt continuava a dominar à sua desvairada maneira. Olhou desesperadamente em volta, à procura de uma arma com que o pudesse atingir na base do crânio, mas não descortinou nenhuma nem nada que a pudesse substituir com êxito. Por fim, segurou-o pelo pescoço e vociferou que ganhasse altitude, quando o solo ainda se encontrava

perigosamente próximo do ventre do aparelho. O outro virou-se para trás e soltou uma gargalhada, como se partilhassem uma ocorrência divertida.

– Sobe! – ordenou Yossarian, acentuando a pressão, em tom ameaçador. – Sobe ou mato-te!

Prudentemente rígido, McWatt puxou a alavanca dos comandos e começou a ganhar altitude. Em seguida, Yossarian retirou as mãos e deixou-as pender inertes. Já não se sentia enfurecido. Estava envergonhado, e quando McWatt se virou de novo, deplorou que as mãos lhe pertencessem e desejou com fervor que houvesse algum lugar onde as pudesse sepultar, pois pareciam mortas.

– Estás muito em baixo – observou McWatt, em tom glacial. – Devias ir para casa.

– Não me deixam – murmurou Yossarian, evitando-lhe o olhar e afastando-se.

Abandonou a ponte de comando e sentou-se no sobrado da vanguarda do aparelho, notando a cabeça pesada de culpa e remorso e o corpo alagado em suor.

A partir dali, McWatt seguiu directamente para o aeródromo sem ulteriores fantasias, enquanto Yossarian se perguntava se ele se dirigiria à tenda das operações, a fim de se avistar com Piltchard e Wren e pedir que não o voltassem a escalar para o seu avião, à semelhança do que Yossarian fizera sub-repticiamente acerca de Dobbs, Huple e Orr, assim como, sem êxito, de Aarfy. Nunca vira McWatt tão contrariado, pois apresentava sempre uma expressão jovial, e especulou sobre se teria perdido mais um amigo.

No entanto, McWatt piscou-lhe o olho tranquilizadamente quando desceram do avião e seguiram para a base no jipe que os aguardava, embora não lhe dirigisse a palavra até que entregaram os pára-quedas e se encaminharam para as suas tendas.

– Grande tratante! – exclamou, rindo. – Tencionavas mesmo matar-me, lá em cima?

– Não, acho que não – articulou Yossarian, abanando a cabeça, com um sorriso penitente.

– Não supunha que estavas tão mal. Porque não conversas com alguém acerca disso?

– Converso com toda a gente. Nunca ouviste?

– Bem, não acreditava.

– Não tens medo?

– Talvez devesse ter.

– Nem mesmo durante as missões?

– Não devo ter miolos suficientes – admitiu McWatt, com uma risada seca.

– Há tantas maneiras de eu perder a vida, sem que precisasses de descobrir mais uma.

– Deves encher-te de pavor quando passo tangentes à tua tenda, hem?

– Fico aterrado, como já te expliquei várias vezes.

– Julgava que te queixavas apenas do barulho. – Encolheu os ombros num gesto de resignação. – Bem, paciência. Vou ter de desistir.

Todavia, era incorrigível, e conquanto não voltasse a sobrevoar a tenda de Yossarian, continuou a aproveitar todas as oportunidades para efectuar voos rasantes sobre a praia e rugir como um trovão móvel nas proximidades da jangada e do recanto solitário na areia, onde Yossarian apalpava a enfermeira Duckett ou jogava as cartas com Nately, Dunbar e Joe Faminto. Costumava encontrar-se com ela em quase todas as tardes livres e levava-a para o outro lado das dunas que os separavam da área onde oficiais e subalternos tomavam banho desnudos. Nately, Dunbar e Joe Faminto também apareciam, assim como McWatt, uma vez por outra, e, mais frequentemente, Aarfy, que se apresentava sempre uniformizado e se limitava a tirar os sapatos e barrete. Os outros usavam calção de banho como deferência à enfermeira Duckett e igualmente à enfermeira Cramer, que acompanhava a colega e Yossarian à praia e permanecia sentada a uns dez metros deles. Ninguém, à parte Aarfy, aludiu jamais aos homens desnudos que tomavam banhos de sol ou saltavam da jangada que oscilava sobre bidões vazios. A enfermeira Cramer mantinha-se um pouco afastada,

porque estava zangada com Yossarian e desapontada com a enfermeira Duckett.

A enfermeira Sue Ann Duckett detestava Aarfy, o que constituía mais uma das numerosas e atraentes características apreciadas por Yossarian. Entre as outras, figuravam as pernas longas e bem torneadas e o calipígico posterior. Por vezes, esquecia-se de que era muito magra e frágil da cintura para cima e magoava-a involuntariamente em momentos de paixão ao apertá-la com vigor excessivo. Apreciava a sua atitude de aquiescência sonolenta, quando se estendiam na praia, ao anoitecer. Experimentava consolação e paz de espírito com a sua proximidade. Dominava-o o desejo de lhe tocar sempre, de permanecer sempre em comunicação física. Gostava de lhe circundar o tornozelo com os dedos, enquanto jogava as cartas com Nately, Dunbar e Joe Faminto, acariciar a pele suave da coxa com a superfície das unhas, ou, sonhadoramente, sensualmente, quase inconscientemente, mover a mão respeitosa ao longo da coluna vertebral até ao elástico do *soutien* do biquíni que ela costumava usar e continha os pequenos seios de bicos agressivos. Adorava as reacções serenas, lisonjeadas, da enfermeira Duckett, a sensação de adesão a ele que deixava transparecer com orgulho. Joe Faminto também tinha vontade de a apalpar e viu-se impedido de o fazer mais de uma vez pelo olhar de advertência de Yossarian. A enfermeira Duckett namoriscava com Joe Faminto apenas para o estimular, e os seus olhos castanhos exibiam um clarão malicioso quando lhe tocava com o ombro ou punho para que renunciasse.

Jogavam as cartas em cima de uma toalha, camisola ou cobertor, e ela misturava as do baralho de reserva, encostada a uma duna. Quando não o fazia, observava-se num espelho minúsculo para retocar a maquilhagem. Uma vez por outra, conseguia suprimir uma ou duas cartas sem que eles o descobrissem até se acharem a meio da partida e ria de satisfação quando as pousavam com gestos de contrariedade e a beliscavam nos braços e pernas, ao mesmo tempo que lhe chamavam coisas menos agradáveis e advertiam de que não repetisse a graça. Noutras ocasiões, interrompia-os quando se concentravam em fases mais críticas do jogo, do que redundava nova série

de beliscões. Na realidade, a enfermeira Duckett rejubilava quando se tornava no alvo das atenções gerais do pequeno grupo. Por outro lado, proporcionava-lhe uma sensação especial de ternura e expectativa o facto de haver tantos homens desnudos no outro lado das dunas. Bastava-lhe estender o pescoço ou levantar-se por qualquer pretexto para avistar vinte ou quarenta machos despídos deitados na areia ou a jogar à bola. O seu próprio corpo era-lhe tão familiar e destituído de características especiais que ficava intrigada com o êxtase convulsivo de que era alvo por parte de quem a observava, com a necessidade intensa e divertida que tinham de lhe tocar. Não entendia o desejo denunciado por Yossarian, mas admitia a sua sinceridade.

Nas ocasiões em que sentia apetite mais intenso, ele levava-a à praia com dois cobertores e apreciava mais fazer amor com ela quase totalmente vestidos do que com todas as vigorosas, desnudas e amorais raparigas de Roma. Por vezes, dirigiam-se à praia à noite e limitavam-se a tremer entre os cobertores, comprimidos um contra o outro. Aliás, as noites começavam a arrefecer e as estrelas a escassear. A jangada balouçava ao luar e parecia afastar-se gradualmente. Os outros principiavam a construir fogões nas tendas e visitavam a de Yossarian durante o dia para se extasiarem perante a obra de Orr. A enfermeira Duckett sentia-se particularmente emocionada com o facto de Yossarian não conseguir abster-se de lhe tocar quando estavam juntos, embora não o deixasse enfiar as mãos no interior do calção de banho durante o dia, mesmo quando a única testemunha era a enfermeira Cramer, a qual se sentava no outro lado da duna, com uma expressão desaprovadora, fingindo que não se apercebia de nada.

A enfermeira Cramer deixara de falar à enfermeira Duckett, sua melhor amiga, em virtude da ligação com Yossarian, mas continuava a acompanhá-la por se tratar da sua melhor amiga. Quando eles se levantavam e iam tomar banho com a colega, a enfermeira Cramer erguia-se igualmente e dirigia-se para a água, mantendo a mesma distância de dez metros e silêncio. Se eles riam e chapinhavam, ela imitava-os, ou se mergulhavam ou regressavam à areia para se estenderem ao sol. Na verdade, estava disposta

a falar à enfermeira Duckett, se se manifestasse arrependida e pedisse desculpa. No entanto, a enfermeira Duckett preferia a situação como se encontrava, pois desde longa data ansiara por esbofetear a enfermeira Cramer para que se calasse.

A enfermeira Duckett achava Yossarian maravilhoso e começava já a pensar em modificá-lo. Gostava de o ver passar pelo sono deitado de bruços, com o braço estendido para ela, ou fitando a rebentação que se prolongava quase até aos seus pés, para retroceder com lentidão. Permanecia calma durante os silêncios dele. Sabia que não o incomodava e retocava a maquilhagem ou o verniz das unhas, enquanto ele dormitava ou imergia em reflexões sob a brisa suave da tarde. Adorava contemplar-lhe as costas largas e musculosas imaculadamente bronzeadas ou excitá-lo apertando-lhe a orelha entre os dentes e fazendo deslizar a mão do pescoço até à extremidade oposta. Apreciava inflamá-lo e fazê-lo sofrer até ao crepúsculo e depois satisfazê-lo.

Yossarian nunca se sentia só com a enfermeira Duckett, a qual não se sabia calar um momento e revelava abundância de caprichos. O oceano vasto e ilimitado atormentava-o e, enquanto a enfermeira Duckett se admirava ao espelho ou pintava as unhas, pensava na quantidade de pessoas que tinham perdido a vida na água. Decerto já ultrapassava um milhão. Onde se encontrariam? Que organismos lhes consumiriam a carne? Imaginou a horrível impossibilidade de respirar sob toneladas de mar. Contemplando os pequenos barcos de pesca e lanchas militares que oscilavam ao largo, afigurava-se-lhe inconcebível que houvesse homens a bordo em movimento constante. Volveu o olhar para Elba e procurou automaticamente a nuvem em que Clevinger desaparecera. Observou o vaporoso firmamento italiano e lembrou-se de Orr. Clevinger e Orr. Onde estariam? Uma ocasião, em cima de uma jangada, ao amanhecer, vira aquilo que parecera um tronco de árvore à deriva converter-se inesperadamente num homem afogado, a primeira pessoa morta que jamais se lhe deparara. Acudiu-lhe uma repentina avidez de vida e estendeu a mão para a pousar no corpo da enfermeira Duckett, ao mesmo tempo que examinava

receosamente todos os objectos flutuantes em busca de um indício sinistro de Clevinger e Orr, preparado para qualquer abalo mórbido, excepto do género do que McWatt lhe provocara um dia, com o avião que irrompera subitamente do silêncio distante, sobrevoara a praia a baixa altitude e, graças a um repentino golpe de vento ou erro de cálculo de McWatt, descera o suficiente para uma das hélices seccionar ao meio o corpo de Kid Sampson, reclinado na jangada.

As próprias pessoas que não se achavam presentes recordavam vividamente o que acontecera a seguir. Houve um breve, suave *tsst!* filtrando-se distintamente através do destruidor, opressivo rugido dos motores do avião, e de seguida havia apenas as duas pernas pálidas e magras de Kid Sampson, de alguma maneira ainda presas por tendões às ancas mutiladas e sangrentas, mantendo-se imóveis na jangada durante o que pareceu um minuto inteiro antes de finalmente caírem à água com um débil chapinhar e se virarem completamente de cima para baixo, de modo que apenas ficaram à vista os grotescos dedos e as solas dos pés de Kid Sampson.

Entretanto, na praia, gerou-se um autêntico pandemónio. A enfermeira Cramer materializou-se como por artes mágicas e começou a chorar com histerismo para o peito de Yossarian, que procurava consolá-la, acariciando os ombros, enquanto o outro braço se pousava nos da enfermeira Duckett, que também tremia e soluçava, pálida como um cadáver. Todos gritavam e corriam sem rumo definido, e os homens uivavam como mulheres, recolhendo as suas coisas dominados pelo pânico, ao mesmo tempo que lançavam miradas furtivas à rebentação, como se receassem que uma onda arrojasse à areia algum órgão humano. Por seu turno, os que se achavam na água desenvolviam esforços frenéticos para sair. Kid Sampson aspergira para todos os lados. Aqueles que descobriam nos membros ou troncos vestígios dele agitavam-se com terror e repulsa, como se pretendessem libertar-se de peles repentinamente tornadas odiosas. Todos corriam em debandada, espavoridos, com olhadelas ocasionais por cima dos ombros. Yossarian levou apressadamente as duas mulheres aterrorizadas para a

periferia da praia e retrocedeu para ajudar, quando Joe Faminto tropeçou no cobertor ou no estojo da máquina fotográfica que segurava e caiu de bruços.

Na esquadrilha, já todos sabiam. Homens uniformizados também gritavam e corriam ou mantinham-se imóveis, como colados ao chão, à semelhança do sargento Knight e o Dr. Daneeka, que conservavam as cabeças levantadas para observar o avião de McWatt, que descrevia círculos lentos e ganhava altitude.

– Quem é? – bradou Yossarian, com ansiedade, os olhos incendiados por um clarão de angústia. – Quem está no aparelho?

– McWatt – informou o sargento. – Acompanham-no os dois novos pilotos num voo de treino. O doutor Daneeka também vai com eles.

– Estou aqui – corrigiu o médico, em voz estranha e perturbada.

– Porque não desce? – exclamou Yossarian, exasperado. – Porque continua a subir?

– É capaz de ter medo de descer – aventurou o sargento, sem desviar os olhos do avião solitário no espaço. – Sabe em que apuros se meteu.

E McWatt prosseguia na ascensão, continuando a descrever círculos, ao mesmo tempo que se distanciava, não tardando a atingir os dois mil metros de altitude, o ruído dos motores suave como um murmúrio. De repente, abriu-se um pára-quadras, logo seguido de outro, que foram orientados para a pista de aterragem. O avião continuou a rumar ao sul durante trinta segundos, até que se inclinou sobre uma das asas para descrever um círculo mais largo.

– Faltam dois – disse o sargento Knight. – McWatt e o doutor Daneeka.

– Estou aqui – repetiu o médico. – Não vou no avião.

– Porque não saltam? – tornou o sargento. – Porque não saltam?

– Não faz sentido – murmurou Daneeka, mordendo o lábio. – Não faz sentido nenhum.

Mas Yossarian compreendeu subitamente a razão pela qual McWatt não saltava e pôs-se a correr como um desesperado ao longo de todo o recinto da esquadrilha, ao mesmo tempo que agitava os braços e gritava, implorando-lhe que descesse. No entanto, ninguém parecia ouvir, sobretudo

McWatt. De repente, soltou um gemido de angústia ao ver o aparelho descrever um derradeiro círculo e lançar-se contra as colinas.

O coronel Cathcart ficou tão impressionado com as mortes de Kid Sampson e McWatt que elevou o número mínimo de missões para sessenta e cinco.

§

Capítulo trigésimo primeiro MRS. DANEEKA

Quando se inteirou de que o Dr. Daneeka também perdera a vida no avião de McWatt, o coronel Cathcart elevou o número mínimo de missões para setenta.

A primeira pessoa a descobrir que o médico morrera foi o sargento Towser, informado pelo controlador da torre de que o nome de Daneeka figurava como passageiro no manifesto do piloto preenchido por McWatt antes de descolar. O sargento limpou uma lágrima rebelde e riscou o nome do médico da lista do pessoal da esquadrilha. Em seguida, ainda de lábios trémulos, levantou-se para transmitir a má nova a Gus e Wes, evitando discretamente qualquer troca de palavras com o Dr. Daneeka, quando passou diante da figura sepulcral sentada na cadeira à entrada da tenda. Na realidade, o sargento Towser sentia um peso no coração. Agora, tinha *dois* homens mortos nas mãos: Mudd, o da tenda de Yossarian que nem sequer se encontrava lá, e o Dr. Daneeka, o novo óbito da esquadrilha, que se achava indiscutivelmente presente e deixava transparecer todos os indícios de que se tornaria um problema administrativo ainda mais complexo.

Gus e Wes escutaram a notícia com expressões de estóica surpresa e não divulgaram o facto a ninguém, até que o próprio Daneeka entrou na tenda, cerca de uma hora mais tarde, para que lhe tirassem a temperatura pela terceira vez naquele dia e medissem a tensão arterial. O termómetro registava trinta e cinco graus e oito décimos, o que o deixou alarmado, e considerou os olhares fixos e apreensivos dos dois subalternos ainda mais irritantes do que habitualmente.

– Com mil diabos! – exclamou polidamente, num excesso de desespero pouco vulgar. – Que se passa com vocês? Não está certo que uma pessoa tenha sempre uma temperatura baixa e ande com o nariz entupido. – Fungou ruidosamente e atravessou a tenda, para tomar algumas aspirinas e comprimidos de enxofre e pincelar a garganta com argirol. – Estou frio como um bloco de gelo. Têm a certeza de que não me ocultam nada?

– Bem, apenas que morreu – esclareceu um dos subalternos.

– O quê? – rugiu o médico, com uma expressão desconfiada.

– Morreu – repetiu o outro. – Deve ser por isso que está tão frio.

– É verdade. Provavelmente, está morto há que tempos e não tínhamos dado por isso.

– Que diabo estão para aí a dizer? – uivou Daneeka, assolado pela impressão demolidora de uma catástrofe iminente.

– É verdade – reiterou um dos subalternos. – Os registos indicam que seguiu no avião de McWatt para aumentar o seu número de horas de voo obrigatórias. Como não desceu num pára-quedas, deve ter perdido a vida quando o aparelho se esmagou no chão.

– Exacto – confirmou o outro. – Tem muita sorte em continuar com alguma temperatura.

– Endoideceram? – balbuciou o médico, confuso. – Vou participar este incidente de insubordinação ao sargento Towser.

– Foi ele que nos disse – esclareceu Gus ou Wes. – O Departamento da Guerra vai informar a sua esposa.

O Dr. Daneeka soltou um grito de pavor e abandonou a tenda médica apressadamente, a fim de increpar o sargento Towser, que se esquivou com repugnância e lhe recomendou que evitasse ser visto tanto quanto possível, até que fosse tomada uma decisão quanto ao destino a dar aos seus restos mortais.

– Acho que morreu mesmo – deplorou um dos subalternos, em voz baixa e respeitosa. – Vou ter saudades dele. Era um tipo porreiro, não te parece?

– Sem dúvida – lamuriou o outro. – Em todo o caso, ainda bem que esticou, pois começava a cansar-me de lhe medir a tensão a todo o

momento.

No entanto, Mrs. Daneeka não ficou contente com o passamento do marido e alterou a atmosfera normalmente serena de Staten Island com sons de pesar pungentes, quando o telegrama do Departamento da Guerra lhe revelou que o companheiro perdera a vida em combate. Acudiram mulheres para a confortar e os respectivos maridos compareceram igualmente para apresentar condolências, animados da esperança íntima de que não tardasse em se mudar para outro bairro, a fim de lhes poupar a obrigação de manifestações de simpatia prolongadas. A infortunada viúva permaneceu inconsolável durante quase toda uma semana. Por fim, lenta e heroicamente, reuniu forças suficientes para encarar um futuro cheio de problemas penosos para ela e os filhos. E começava a resignar-se com a sua sorte, quando o carteiro tocou à campainha para lhe entregar uma missiva proveniente da Europa, assinada pelo marido, que a aconselhava veementemente a ignorar as más notícias a seu respeito. Mrs. Daneeka ficou estupefacta. A data era ilegível e a letra um pouco irregular, porém, o estilo lembrava o do porventura ex-finado consorte. As conclusões das conjecturas preliminares inundaram-na de alegria e chorou de alívio, ao mesmo tempo que beijava milhares de vezes a insólita carta. Em seguida, endereçou-lhe meia dúzia de linhas apressadas para que enviasse pormenores mais concisos e telegrafou ao Departamento da Guerra para rectificar o erro. Não tardou a receber novo telegrama daquela instância oficial, para asseverar que não houvera erro algum e ela era sem dúvida vítima de algum impostor sádico e psicopata integrado na esquadrilha do marido. Por outro lado, a carta foi-lhe devolvida intacta, com a indicação no sobrescrito: MORTO EM COMBATE.

Mrs. Daneeka viu-se mais uma vez reduzida cruelmente à situação de viúva, conquanto agora a dor fosse de certo modo mitigada pela comunicação de Washington de que era a única beneficiária do seguro de vida do marido no valor de dez mil dólares, quantia que receberia quando desejasse. A ideia de que ela e os filhos não enfrentariam imediatamente a fome fez-lhe acudir um sorriso corajoso e assinalou uma viragem na sua

aflição. A Administração dos Combatentes informou-a pelo correio, no dia seguinte, de que tinha direito a uma pensão enquanto vivesse em virtude do óbito, além de duzentos e cinquenta dólares de subsídio de funeral, cujo cheque se encontrava no mesmo sobrescrito. Gradual e inexoravelmente, as perspectivas sobre o futuro apresentavam-se mais desanuviadas. Na mesma semana, chegou uma carta da Administração da Segurança Social, segundo a qual, ao abrigo do decreto-lei 727/35 sobre a protecção aos idosos e sobreviventes, receberia mensalmente apoio para si e para os filhos até aos dezoito anos de idade, além de um subsídio de funeral no valor de duzentos e cinquenta dólares. Munida dessas cartas como prova de morte, requereu o pagamento de três seguros de vida em nome do Dr. Daneeka, num total de cento e cinquenta mil dólares, pretensão que foi analisada e deferida com prontidão. Cada dia que surgia trazia novos tesouros. A chave de um cofre bancário particular revelou a existência de uma quarta apólice de seguro de vida no valor facial de cinquenta mil dólares e dezoito mil em dinheiro, livres de impostos. Uma associação fraternal a que ele pertencera ofereceu um talhão num cemitério, enquanto outra organização do género de que fora sócio enviou novo subsídio de funeral de duzentos e cinquenta dólares e a associação médica regional contribuiu com idêntica quantia para o mesmo fim.

Os maridos das amigas íntimas de Mrs. Daneeka começaram a namoriscar com ela, que se sentia simplesmente encantada com a forma como as coisas se desenrolavam e mandou pintar o cabelo. A riqueza fantástica e inesperada continuava a acumular-se, o que a obrigava a recordar diariamente que as centenas de milhares de dólares que obtinha não valiam um cêntimo sem a companhia do marido para os compartilhar. Surpreendia-a que tantas organizações diferentes se mostrassem dispostas a fazer tanto para sepultar o Dr. Daneeka, o qual, em Pianosa, experimentava grandes dificuldades para conservar a cabeça acima da terra e estranhava, com apreensão crescente, que a mulher não respondesse à carta que lhe escrevera.

Viu-se votado ao ostracismo por homens que abertamente lhe amaldiçoavam a memória por ter proporcionado um pretexto ao coronel Cathcart para aumentar o número mínimo de missões de combate. Os documentos que atestavam a sua morte pululavam como ovos de insectos e confirmavam-se mutuamente sem margem para dúvida. Deixou de receber o vencimento e as rações PX e passou a depender da caridade do sargento Towser e de Milo, que sabiam que morreria. O coronel Cathcart recusava recebê-lo e o tenente-coronel Korn fez constar, através do major Danby, que mandaria incinerar o Dr. Daneeka imediatamente, se aparecesse no quartel-general. Danby confidenciou que o grupo estava revoltado contra todos os médicos por causa do Dr. Stubbs, da esquadrilha de Dunbar, o qual excitava os ânimos deliberadamente autorizando todos os homens com sessenta missões a permanecer em terra através de impressos apropriados que eram rejeitados com indignação pelo grupo com ordens para fazê-los regressar ao combate. O moral extinguiu-se em ritmo acelerado e Dunbar encontrava-se sob vigilância. Entretanto, o grupo congratulava-se por o Dr. Daneeka ter morrido, e não tencionava requisitar um substituto.

Nem o próprio capelão o podia fazer regressar à vida, em face das circunstâncias. O alarme inicial converteu-se, a pouco e pouco, em resignação, e Daneeka assumiu cada vez mais o aspecto de um indivíduo marginalizado. As bolsas junto dos olhos avolumaram-se e enegreceram e ele deslocava-se através das sombras como um espectro. Até o capitão Flume fugiu espavorido, quando o procurou no bosque para solicitar ajuda. Por seu turno, Gus e Wes, numa notável manifestação de falta de respeito pelos mortos, expulsaram-no da tenda médica sem um termómetro para se confortar, e só então se apercebeu, para todos os efeitos, de que morreria realmente e necessitava de fazer algo sem demora, se desejava salvar-se.

Não podia recorrer a ninguém além da esposa, pelo que lhe escreveu uma epístola inflamada e enternecedora, a fim de solicitar que chamasse a atenção do Departamento da Guerra para a sua situação e entrasse imediatamente em contacto com o comandante do grupo, coronel Cathcart, para lhe assegurar que, independentemente de tudo o que lhe houvesse

constado, era na verdade ele, o seu marido, o Dr. Daneeka, que lhe escrevia e não um cadáver ou um impostor. Mrs. Daneeka ficou impressionada pela carga emocional do apelo quase ilegível e sentiu-se tentada a comprazê-lo, porém, a carta seguinte que abriu naquele dia provinha do mesmo coronel Cathcart, comandante do grupo a que o marido pertencera, cujo texto não proporcionava a mínima margem de dúvida:

Prezada Mrs., Mr. Miss ou Mr. e Mrs. Daneeka:

Não tenho palavras para exprimir a profunda amargura pessoal que experimentei quando o seu marido, filho, pai ou irmão foi morto, ferido ou dado como desaparecido em combate.

Mrs. Daneeka transferiu-se com os filhos para Lansing, Michigan, sem deixar qualquer endereço para o caso de alguém pretender contactar com ela.

§

Capítulo trigésimo segundo OS COMPANHEIROS DE YO-YO

Yossarian sentia-se confortavelmente quente quando chegou o mau tempo e nuvens tenebrosas começaram a sulcar o céu ameaçador em vagas sucessivas, como as esquadrilhas de 5-77 e B-24 procedentes das bases distantes na Itália no dia da invasão do Sul da Europa, dois meses antes. Toda a gente sabia que as pernas esqueléticas de Kid Sampson haviam sido arrojadas à areia húmida, onde apodreciam gradualmente, sem que alguém se atrevesse a removê-las, incluindo Gus e Wes ou o pessoal da morgue do hospital. Todos se esforçavam por fingir que não se achavam lá e tinham sido arrastadas para sul pelas marés, como os restos mortais de Clevinger e Orr. Agora que o mau tempo principiara, já praticamente ninguém se aventurava a espreitar por entre a vegetação das dunas, como um perverso empenhado em espiar alguma cena excitante.

Os dias bonitos brilhavam pela ausência, assim como as missões fáceis. Chovia com intensidade ou pairavam nevoeiros impenetráveis, e os aparelhos descolavam em longos intervalos, se porventura se registava uma aberta no céu. À noite, o vento uivava de forma alarmante. As árvores rangiam e sibilavam, obrigando os pensamentos de Yossarian, todas as manhãs, mesmo antes de despertar por completo, a evocar as pernas esqueléticas de Kid Sampson em apodrecimento gradual na praia desoladora, sob a acção inclemente dos elementos em fúria. Depois de pensar nas pernas de Kid Sampson, lembrava-se de Snowden assolado pelo frio da morte na secção da cauda do avião, conservando o seu segredo eterno e imutável oculto dentro do fato de protecção de estilhaços, até que

Yossarian terminara de esterilizar e envolver em ligaduras o ferimento errado na perna e depois o vertera irremediavelmente no sobrado. À noite, quando tentava dormir, lembrava-se de todos os homens, mulheres e crianças que conhecera e tinham morrido. Esforçava-se por recordar todos os militares e ressuscitava imagens de todas as pessoas idosas que conhecera em criança – todas as tias, tios, vizinhos, pais e avós, seus e dos outros, assim como os patéticos e desiludidos comerciantes, que abriam as pequenas e poeirentas lojas ao amanhecer e as conservavam desnecessariamente abertas até à meia-noite. Também já tinham morrido todos. O número das pessoas mortas parecia aumentar interminavelmente. E os Alemães continuavam a combater. Ele suspeitava de que a morte era irreversível e começou a pensar que perderia.

Sentia-se confortavelmente quente quando chegou o mau tempo, em virtude do fogão maravilhoso de Orr, e continuaria a desfrutar de conforto absoluto, sem a recordação de Orr e o bando de buliçosos companheiros que, um dia, invadiram a tenda ruidosamente, pertencentes às duas tripulações de combate que o coronel Cathcart requisitara e obtivera em menos de quarenta e oito horas, para substituir Kid Sampson e McWatt. Yossarian emitiu um longo grunhido de protesto quando regressou extenuado, após uma missão, e os encontrou instalados.

Eram quatro e pareciam extremamente divertidos, enquanto procediam à montagem dos beliches. Assim que os viu, compreendeu que se tratava de indivíduos insuportáveis. Mostravam-se exuberantes, ruidosos e comunicativos e tinham sido amigos nos Estados Unidos, impossíveis de aturar, inconscientes, antigos alunos universitários, comprometidos para casar com raparigas atraentes e imaculadas, cujas fotografias já se achavam expostas na prateleira da lareira de Orr. Haviã pilotado velozes lanchas de recreio e jogado ténis. Um deles, fora uma vez para a cama com uma mulher mais velha. Conheciam as mesmas pessoas em diferentes partes do país e haviam estudado com primos uns dos outros. Eram obtusos e possuíam um moral elevado. Congratulavam-se por a guerra ter durado o suficiente para poderem experimentar as emoções do combate. E quase

havam terminado de arrumar as suas coisas, quando Yossarian correu com eles.

A sua presença na tenda não merecia sequer consideração, como explicou, indignado, ao sargento Towser, cujo semblante equino exibia uma expressão de desalento, enquanto explicava que os novos oficiais não podiam ir para outro lado, pois achava-se impossibilitado de requisitar outra tenda para seis pessoas, enquanto Yossarian vivia só numa com semelhantes características.

– Mas eu não vivo só – protestou este último. – Tenho lá um morto chamado Mudd.

– Por favor – suplicou o outro, com um suspiro de resignação e um olhar de soslaio aos quatro novos oficiais que escutavam, perplexos, à entrada. – Mudd foi morto na missão de Orvieto, como sabe perfeitamente. Voava ao seu lado.

– Então, porque não recolhem as suas coisas?

– Porque nunca chegou a apresentar-se na unidade. Não volte a levantar esse problema, capitão. Pode transferir-se para a tenda do tenente Nately, se quiser. Posso mesmo enviar alguns homens para colaborar na mudança.

No entanto, abandonar a tenda de Orr equivaleria a voltar as costas ao seu antigo companheiro, que seria desprezado e humilhado por aqueles oficiais simplórios. Afigurava-se-lhe injusto que surgissem depois de todo o trabalho executado e se apoderassem da tenda mais desejável da ilha. Mas era assim a lei, como o sargento Towser explicou, e Yossarian teve de se contentar em lhes lançar olhares homicidas, enquanto lhes arranjava espaço e fornecia indicações úteis para lhes invadirem a intimidade, como se estivessem em sua casa.

Eram o grupo de pessoas mais deprimente que ele jamais vira. Estavam sempre bem-dispostos. Riam de tudo. Chamavam-lhe «Yo-Yo» e regressavam a altas horas para o acordar nos esforços desajeitados para não fazer barulho, após o que o bombardeavam com comentários asininos, quando se soerguia para protestar. Apetecia-lhe chaciná-los cada vez que a cena se repetia. Lembravam-lhe os sobrinhos do pato Donald. Receavam-no

e assediavam-no constantemente com fastidiosas manifestações de generosidade e não menos excruciante insistência para lhe prestar pequenos favores. Eram inconscientes, pueris, congénitos, ingénuos, presunçosos, deferentes e turbulentos. Eram obtusos – nunca se queixavam de nada. Admiravam o coronel Cathcart e consideravam o tenente-coronel Korn espirituoso. Temiam Yossarian, mas as setenta missões obrigatórias impostas por Cathcart não lhes infundiam medo algum. No fundo, tratava-se de quatro garotos banais que se divertiam como califas e endoideciam Yossarian, o qual se sentia impossibilitado de lhes dizer que era um veterano de vinte e oito anos, pertencente a outra geração, outra época, outro mundo, sem a mínima propensão para se divertir, altamente enfasiado com a sua presença na tenda.

Começaram a aparecer amigos de outras esquadrilhas, que utilizavam a tenda como ponto de encontro regular. Em certas ocasiões, não havia espaço suficiente para ele. E, pior de tudo, não podia levar para lá a enfermeira Duckett, pois o mau tempo impedia-os de se reunirem noutra lugar. Era uma calamidade que não previra e apetecia-lhe rachar as cabeças dos companheiros impostos ou pegar neles, um a um, pelos fundilhos e atirá-los para o fundo da vala junto do caldeirão enferrujado que servia de mictório.

Ao invés, porém, enfiou as galochas e o impermeável preto e aventurou-se sob a chuva torrencial, a fim de convidar o chefe White Halfoat a mudar-se para a sua tenda e enxotar os intrusos com as suas ameaças e hábitos suínos. No entanto, o outro queixou-se do frio intenso e já começara a traçar planos para baixar ao hospital, onde morreria de pneumonia. O instinto assegurava-lhe que o dia se aproximava. O uísque já não o aquecia e, sobretudo, o capitão Flume regressara ao seu reboque, o que constituía um presságio de significado inconfundível.

– Não podia fazer outra coisa – alegou Yossarian, num esforço vão para animar o possante índio, cujas faces apresentavam uma tonalidade acinzentada muito próxima da do calcário. – Morria de frio se continuasse a dormir ao relento, com este tempo.

– Não foi por isso que o malvado voltou – discordou o outro, com veemência. – Nem por sombras. O fulano sabe alguma coisa. Inteirou-se de que chegou o momento de eu morrer de pneumonia. Foi assim que cheguei a essa conclusão.

– Que diz o doutor Daneeka?

– Não estou autorizado a dizer nada – declarou o médico, com uma expressão compungida, instalado num banco ao canto da tenda, cuja lâmpada se fundira alguns dias antes, sem que ele tomasse a iniciativa de a substituir. – Já não posso exercer a profissão.

– Morreu – explicou o chefe White Halfoat, com uma risada rouca. – É uma situação muito curiosa.

– Nem sequer me abonam o vencimento.

– É uma situação muito curiosa – repetiu. – Fartava-se de me insultar o fígado, e olhe o que lhe aconteceu. Morreu. Foi morto pela cobiça.

– Não foi isso que me matou – observou o Dr. Daneeka em voz calma e átona. – A cobiça não tem nada de censurável. A culpa pertence ao imundo doutor Stubbs, que envenenou o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn contra as horas de voo dos médicos. Vai conspurcar a reputação da classe com a mania de defender um princípio. Se não se acautela, a Ordem coloca-o na lista negra e não volta a pôr os pés num hospital.

Yossarian viu o chefe White Halfoat verter uísque em três frascos de champô vazios e guardá-los num saco de lona com outros artigos de uso pessoal e sugeriu:

– Porque não passas pela minha tenda, a caminho do hospital, e esmurras um deles em meu nome? São quatro e ainda acabam por corer comigo.

– Aconteceu uma coisa parecida à minha tribo – disse o chefe White Halfoat, com um sorriso reminiscente, sentando-se no beliche. – Porque não pedes ao capitão Black que os expulse a pontapé? Ele adora servir-se dos pés para fins desse género.

Yossarian contraiu as faces num trejeito de repulsa ao ouvir mencionar Black, que increpava os novos aviadores, cada vez que entravam na tenda dos serviços secretos para obterem mapas ou informações. A atitude de

Yossarian para com os companheiros de tenda impostos tornou-se compreensiva e protectora à simples recordação do capitão. Não tinham culpa de serem jovens e buliçosos, lembrava a si próprio, enquanto apontava o foco da lanterna à sua frente através da escuridão. E também não se lhes podia atribuir a culpa de serem corajosos, confiantes e despreocupados. Necessitava de se munir de paciência, até que um ou dois fossem abatidos e os outros feridos, após o que se mostrariam mais serenos. Todavia, apesar de se recomendar tolerância e benevolência, quando entrou na tenda deparou-se-lhe uma fogueira impressionante na lareira que o forçou a soltar uma exclamação de assombro. *Os belos toros de vidoeiro de Orr dissipavam-se em fumo!* Os seus companheiros haviam-lhes largado fogo! Contemplou-os com ânsia homicida por um momento, desejoso de chocalhar as cabeças ocas umas contra as outras, enquanto o saudavam alegremente e convidavam com generosidade a puxar de uma cadeira e partilhar das suas castanhas e batatas assadas. Que podia ele responder?

E, na manhã seguinte, livraram-se do homem morto da tenda! Fizeram-no desaparecer, sem a menor relutância. Levaram o seu beliche e pertences para o bosque e depositaram-nos entre os arbustos, após o que regressaram esfregando as mãos de contentamento. Yossarian surpreendia-se com o seu vigor e zelo, com a sua eficiência directa e prática. Em poucos momentos, tinham resolvido energicamente um problema que ele e o sargento Towser enfrentavam há meses. Ao mesmo tempo, porém, sentia-se alarmado, ao reconhecer que se poderiam livrar dele com a mesma facilidade, e procurou Joe Faminto com o qual voou para Roma, no dia antes de a prostituta de Nately dormir finalmente tranquila por uma noite e acordar apaixonada.

§

Capítulo trigésimo terceiro A PROSTITUTA DE NATELY

Yossarian sentia saudades da enfermeira Duckett, em Roma. Não tinha nada que fazer, depois de Joe Faminto partir para o seu voo de reconhecimento. Na verdade, sentia tanto a falta dela que percorreu as ruas da cidade à procura de Luciana, cujo riso e cicatriz invisível nunca esquecera, assim como a mulher de *soutien* sobrecarregado e blusa alaranjada, cujo anel cor de salmão Aarfy atirara pela janela do carro com indiferença. Como anelava por ambas! Achava-se profundamente enamorado delas e sabia que não as tornaria a ver. O desespero dominava-o gradualmente e acudiam-lhe visões. Desejava a enfermeira Duckett, com o vestido levantado e as coxas expostas até à cintura. Foi para a cama com uma esquelética frequentadora das ruas, possuidora de uma tosse seca, mas não experimentou prazer especial e correu para o apartamento dos subalternos, em busca da criada de cuecas amarelas, que se mostrou encantada de o ver, mas não conseguiu excitá-lo, acabando por se deitar cedo e dormir só. Acordou desapontado e serviu-se de uma rapariga atarracada que encontrou no apartamento após o pequeno-almoço, todavia o estado de espírito não se revelou muito mais animado, pelo que a mandou embora no final da sessão e voltou a adormecer. Dormiu até à hora do almoço e foi às compras para a enfermeira Duckett, aproveitando a oportunidade para adquirir um cachecol destinado à criada de cuecas amarelas, a qual lhe agradeceu com um abraço tão caloroso que o fez ansiar pela enfermeira Duckett, e tornou a percorrer as ruas à procura de Luciana. Em vez dela, encontrou Aarfy, que pousara em Roma, quando Joe Faminto

regressara com Dunbar, Nately e Dobbs, e não quis participar na orgia daquela noite para libertar a prostituta de Nately das garras de indivíduos importantes de meia-idade, que a conservavam cativa num hotel, porque se recusava a dizer «tio».

– Porque havia de me envolver em apuros para a ajudar? – argumentou, com veemência. – Mas não digas a Nately que me neguei a ir. Explica-lhe que tinha de me encontrar com irmãos de uma fraternidade muito importante.

Os indivíduos importantes de meia-idade não queriam que a prostituta de Nately abandonasse o hotel até que dissesse «tio».

– Diz tio – ordenavam-lhe.

– Tio – respondia ela.

– Não, não. Diz tio.

– Tio.

– Ela ainda não percebeu.

– Ainda não percebeste, hem? Não te podemos obrigar a dizer tio até que não queiras dizer tio. Estás a ver? Não digas tio, quando te digo para dizer tio. Entendido? Diz tio.

– Tio.

– Não, não digas tio. Diz tio.

Ela não disse tio.

– Até que enfim!

– Muito bem!

– É um ponto de partida. Agora, diz tio.

– Tio – respondeu ela.

– Voltamos à mesma.

– Assim, não serve. Não está impressionada connosco. Não tem gozo nenhum obrigá-la a dizer tio, se não se importa se a obrigamos ou não a dizer tio.

– Pois é, não se importa mesmo. Diz pé.

– Pé.

– Vêem? Não se importa com nada do que fazemos. Não quer saber de nós. Não significamos nada para ti, hem?

– Tio – disse ela.

De facto, não significavam nada para ela, o que os preocupava profundamente. Cada vez que bocejava, sacudiam-na com violência. No entanto, ela não se importava com nada, nem mesmo quando ameaçavam atirá-la pela janela. Eram homens distintos altamente desmoralizados, enquanto ela se sentia aborrecida e indiferente e ansiava por dormir. Havia vinte e quatro horas que se achava em actividade e lamentava que aqueles homens não a tivessem deixado acompanhar as duas outras raparigas com as quais a orgia principiara. Perguntava-se vagamente porque queriam que risse quando eles riam e desfrutasse quando a possuíam. Revestia-se tudo de um mistério insondável e de uma ausência absoluta de interesse.

Não estava bem segura do que pretendiam dela. Sempre que se reclinava e fechava os olhos, sacudiam-na e obrigavam-na a dizer «tio» mais uma vez, e sempre que dizia «tio» ficavam decepcionados, o que a levava a especular sobre o significado de «tio». Sentava-se no sofá, num torpor fleumático passivo, de boca aberta e a roupa amontoada a um canto do chão, e perguntava-se quanto tempo continuariam sentados, despídos, à sua volta, obrigando-a a dizer «tio» na elegante *suite* à qual a velha amiga de Orr, que ria irresistivelmente ante as palhaçadas de bêbados de Yossarian e Dunbar, conduzira Nately e os outros membros da heterogénea equipa de salvamento.

Dunbar beliscou o posterior da velha amiga de Orr com satisfação, depois de utilizada, e passou-a a Yossarian, o qual a encostou à porta com as mãos nos quadris e se excitou até que Nately o puxou pelo braço para a sala, onde Dunbar já se entretinha a lançar tudo o que via pela janela, enquanto Dobbs destruía o mobiliário com um machado. De súbito, um homem de aspecto hediondo, com uma cicatriz de apendicectomia azulada, assomou à porta e vociferou:

– Que vem a ser isto?

– Tem os pés sujos – replicou Dunbar.

O homem cobriu a virilha com as mãos e desapareceu, enquanto Dunbar, Dobbs e Joe Faminto continuavam a atirar tudo ao seu alcance pela janela, com uivos de satisfação. Tinham feito desaparecer o que se encontrava visível e principiavam a devassar um armário, quando a porta se abriu de novo e um homem particularmente distinto do pescoço para cima apareceu com uma expressão autoritária.

– Parem já com isso! Que ideia se lhes meteu na cabeça?

– Tem os pés sujos – volveu Dunbar.

O homem cobriu a virilha com as mãos, à semelhança do seu antecessor, e desapareceu. Nately correu no seu encalço, mas viu o caminho impedido pelo primeiro oficial, que avançou com uma almofada diante da cintura.

– Alto com isso! – rugiu.

– Alto com isso – retrucou Dunbar.

– Foi o que eu disse.

– Foi o que eu disse.

– Tenciona repetir tudo o que eu disser? – inquiriu o oficial, batendo o pé com petulância e empalidecendo de frustração.

– Tenciona repetir tudo o que eu disser?

– Parto-lhe a cara – ameaçou, erguendo o punho cerrado.

– Eu é que parto a sua – retorquiu Dunbar, friamente. – É um espião alemão e vou mandá-lo fuzilar.

– Espião alemão? Sou um coronel americano.

– Não parece. Tem mais o aspecto de um bucha com uma almofada na sua frente. Onde está o seu uniforme, se é coronel americano?

– Vocês acabam de o atirar pela janela.

– Muito bem, rapazes. Prendam este bastardo estúpido. Levem o bastardo estúpido para a cadeia e deem fora a chave.

– Enlouqueceram todos? – O rosto do coronel toldou-se de alarme. – Onde está o seu crachá... Venha cá!

Mas actuou demasiado tarde para se opor a Nately, que descortinara a sua rapariga sentada no sofá da outra sala e transpusera a porta por trás das costas dele. Os amigos trataram de lhe seguir o exemplo e acharam-se no

meio dos outros indivíduos importantes despidos. Joe Faminto soltou uma gargalhada estentóricamente quando os viu e apontou para um após outro com incredulidade, ao mesmo tempo que batia com as mãos na cabeça e na ilharga. Dois possuidores de físicos adiposos avançaram com ares truculentos, até que divisaram a expressão de desagrado e hostilidade de Dobbs e Dunbar e notaram a presença, na mão do primeiro, do espevitador de lareira que utilizara para destruir o mobiliário da sala contígua. Entretanto, Natelly já se encontrava junto da sua rapariga, que o olhou sem reconhecer por uns segundos. Por fim, sorriu vagamente e deixou a cabeça pender para o ombro dele, cerrando as pálpebras. Natelly sentia-se positivamente extasiado, pois era a primeira vez que ela lhe sorria.

– Não cumpriu as instruções, Filpo – proferiu um homem de aspecto calmo, que não se movera da poltrona. – Mandei-o pô-los fora e afinal trouxe-os para dentro. Não consegue distinguir a diferença?

– Atiraram as nossas coisas pela janela, general.

– Ótimo. Os uniformes também? Foi uma ideia inteligente. Não podemos convencer ninguém de que somos oficiais superiores sem eles.

– O melhor é anotar-lhes os nomes, Lou, e...

– Espere, Ned – recomendou o homem calmo, com ar de cansaço estudado. – Pode ter muito jeito para fazer avançar divisões blindadas para o campo de batalha, mas é quase uma nulidade numa situação social. Havemos de recuperar os uniformes, mais cedo ou mais tarde, e nessa altura voltaremos a ser oficiais superiores. Atiraram-nos mesmo pela janela? Foi uma tática admirável.

– Atiraram tudo.

– Os que estavam no armário também?

– Atiraram o armário, general. Foi o estrondo que ouvimos, quando pensámos que nos vinham matar.

– A seguir, vão vocês – ameaçou Dunbar.

– Porque está ele tão enxofrado? – perguntou o general a Yossarian, empalidecendo levemente.

– Fala a sério – advertiu o interpelado. – É melhor deixarem a rapariga ir embora.

– Podem levá-la – declarou o general, com um suspiro de alívio. – A única coisa que conseguiu foi deixar-nos confusos. Ao menos, podia antipatizar connosco pelos cem dólares que lhe pagámos, mas nem isso fez. O seu bem-parecido amigo parece muito apegado a ela. Repare na maneira como lhe introduz os dedos na parte interna das coxas sob o pretexto de lhe puxar as meias para cima.

Surpreendido em flagrante, Nately corou e passou a vesti-la mais depressa. Entretanto, a rapariga dormia profundamente e respirava de uma forma tão regular que parecia roncar com suavidade.

– Levemo-la agora, Lou! – propôs outro oficial. – Dispomos de mais pessoal e podemos cercar...

– Nada disso, Bill – retorquiu o general, com novo suspiro. – Pode ser um génio na orientação de uma operação envolvente com bom tempo em terreno plano contra um inimigo que esgotou as suas reservas, mas costuma revelar dificuldade em raciocinar nos outros campos. Porque havíamos de ficar com ela?

– Encontramo-nos numa posição estratégica pouco invejável, general. Não dispomos de um centímetro quadrado de vestuário e aquele que tiver de ir lá abaixo e atravessar o átrio para o recuperar vai ver-se numa posição particularmente degradante e embaraçosa.

– Tem toda a razão, Filpo. E é por isso mesmo que o encarrego da espinhosa missão. Toca a andar!

– Assim, despido?

– Leve a almofada, se quiser. De caminho, compre-me um maço de tabaco.

– Eu mando trazer tudo – prontificou-se Yossarian.

– Viu, general? – disse Filpo, aliviado. – Já não preciso de ir.

– Não compreende que ele está a mentir?

– Está a mentir?

Yossarian assentiu com uma inclinação de cabeça, e a fé de Filpo foi profundamente abalada. O primeiro soltou uma gargalhada e ajudou Nately a conduzir a sua rapariga ao elevador. O rosto dela exibia um sorriso, como se vivesse um sonho maravilhoso, enquanto continuava a dormir com a cabeça pousada no ombro dele. Por seu turno, Dobbs e Dunbar precipitaram-se para a rua, a fim de procurarem um táxi.

A prostituta de Nately abriu os olhos quando se apearam. Engoliu em seco várias vezes ao longo do percurso árduo da escada de acesso ao seu apartamento, mas voltara a adormecer profundamente quando ele a despiu e meteu na cama. Dormiu durante dezoito horas, enquanto Nately se movia pelo apartamento na manhã seguinte para recomendar a todos que não fizessem barulho, e quando despertou estava loucamente enamorada dele. Em última análise, bastava aquilo para lhe conquistar o coração: uma boa noite de sono ininterrupto.

Sorriu de satisfação, quando abriu os olhos e o viu, após o que, estendendo as pernas voluptuosamente por baixo dos lençóis sussurrantes, lhe fez sinal para que se metesse na cama a seu lado, com a expressão típica e imbecil de uma mulher ao rubro. Nately obedeceu, imerso em êxtase, tão aturdido pelo que lhe acontecia que quase não se importou no momento em que a irmã mais nova dela os voltou a interromper, precipitando-se no quarto e deitando-se entre os dois. A prostituta de Nately esbofeteou-a e dirigiu-lhe alguns impropérios moderados, pelo que ele se instalou devidamente para colocar um braço em torno de cada uma, sentindo-se forte e protector, ao mesmo tempo que decidia que constituíam um grupo familiar admirável. A irmã mais nova frequentaria a universidade, quando tivesse idade suficiente, provavelmente Radcliffe, Smith ou Bryn Mawr. Transcorridos uns minutos, abandonou a cama para, em altos clamores, anunciar a boa nova aos amigos. Chamou-os ao quarto e bateu-lhes com a porta na cara no instante em que acudiam. Lembrara-se no momento preciso de que a sua rapariga estava desnuda.

- Veste-te – ordenou-lhe, felicitando-se pela percepção de última hora.
- *Perchè?* – quis saber ela, com curiosidade.

– *Perchè?* – repetiu ele, com uma risada indulgente. – Porque não quero que te vejam despida.

– *Perchè no?*

– *Perchè no?* – Encarou-a com assombro. – Porque não está certo que outros homens te vejam assim.

– *Perchè no?*

– Porque eu não quero! – explodiu, dominado pela frustração. – Não discutas. Sou homem e tens de fazer tudo o que eu disser. Doravante, ficas proibida de sair deste quarto sem estares completamente vestida. Entendido?

A prostituta de Nately olhou-o como se estivesse louco.

– Endoideceste? *Chu succede?*

– Falo absolutamente a sério.

– *Tu sei pazzo!* – vociferou, com um misto de incredulidade e indignação, saltando da cama, para enfiar as cuecas e dirigir-se para a porta.

– Proibo-te de sair nessa figura – anunciou ele, interpondo-se com autoridade masculina.

– *Tu sei pazzo!* – retorquiu ela, enquanto transpunha a porta. – *Idiota! Tu sei un pazzo imbecille!*

– *Tu sei pazzo!* – repetiu a irmã mais nova, movendo-se no seu encaço.

– Anda cá – determinou Nately. – *Também* te proíbo de saíres assim!

– *Idiota!* – replicou ela, saindo igualmente. – *Tu sei un pazzo imbecille!*

Ele entregou-se a um acesso de cólera surda por uns segundos, até que correu para a sala, a fim de proibir os amigos de olharem a rapariga, que se queixava dele tendo as cuecas como única indumentária.

– Porquê? – perguntou Dunbar.

– Porque não? – ripostou Nately. – Agora, é a minha pequena, e não me parece certo que a vejam sem estar devidamente vestida.

– Porquê? – insistiu Dunbar.

– Vêem? – articulou a rapariga, com um encolher de ombros. – *Lui è pazzo!*

– *Si, è molto pazzo* – confirmou a irmã mais nova.

– Então, obriga-a a andar vestida – argumentou Joe Faminto. – Que diabo pretendes de nós?

– Ela não faz caso de mim – confessou Nately. – Portanto, daqui para o futuro, têm de fechar os olhos ou olhar para o outro lado quando a virem para não a ver. Entendido?

– *Madonn'!* – exclamou a rapariga, exasperada, e desapareceu.

– *Madonn'!* – repetiu a irmã mais nova, e desapareceu atrás dela.

– *Lui è pazzo* – observou Yossarian, bem-humorado. – Não se pode negar.

– Endoideceste? – perguntou Joe Faminto a Nately. – A seguir, és capaz de a proibir de andar no engate.

– Doravante, proíbo-te de andares no engate – comunicou Nately à sua pequena.

– *Perchè?* – inquiriu ela, com curiosidade.

– *Perchè?* – bradou ele, surpreendido. – Porque não me parece bem.

– *Perchè no?*

– Porque não. Não me parece bem que uma rapariga decente como tu procure outros homens para dormir. Dar-te-ei o dinheiro que necessitares, para não teres de o fazer.

– Então, como passo o tempo durante todo o dia?

– Como todas as tuas amigas.

– As minhas amigas procuram homens para dormir.

– Nesse caso, arranja novas amigas! Não quero sequer que andes com mulheres dessas. A prostituição é o maior flagelo da Humanidade! Toda a gente o sabe, incluindo ele. – Nately virou-se para o homem experiente com uma expressão confiante. – Não é verdade?

– É mentira – foi a resposta pronta. – A prostituição proporciona às mulheres uma oportunidade de conhecer pessoas, variar o seu círculo de relações sociais. Para não falar do ar puro e do exercício físico, sempre aconselháveis.

– Doravante – proclamou Nately, concentrando-se de novo na sua pequena –, ficas proibida de manter o mínimo contacto com este velho depravado.

– *Va fongul!* – replicou ela, rolando os olhos na direcção do tecto. – Que pretenderá ele de mim? – implorou, agitando os punhos cerrados. – *Lasciami!* – advertiu em tom ameaçador. – *Stupido!* Se achas as minhas amigas tão reprováveis, diz aos teus amigos que não voltem a fornicar com elas!

– Doravante – comunicou Nately aos amigos –, acho que não deviam andar com as amigas dela.

– *Madonn'!* – bradaram os amigos, rolando os olhos na direcção do tecto.

Tudo indicava que Nately perdera o uso da razão. Queria que se apaixonassem todos e casassem imediatamente. Dunbar podia unir-se à prostituta de Orr e Yossarian enamorar-se da enfermeira Duckett ou de quem quisesse. Terminada a guerra, passariam a trabalhar para o pai dele e criar os filhos no mesmo subúrbio. Vislumbrava o futuro com a maior clareza. O amor metamorfoseara-o num idiota romântico, e eles levaram-no para o quarto, a fim de conversarem com a sua pequena sobre o capitão Black. Ela concordou em não voltar a ir para a cama com ele ou continuar a dar-lhe parte do dinheiro de Nately, mas não cedeu um palmo quanto à amizade com o velho depravado de mente conspurcada e roupas andrajosas, o qual encarava a paixão de Nately com ironia insultuosa e recusava admitir que o Congresso era o maior corpo deliberativo do mundo inteiro.

– Doravante – ordenou Nately à sua pequena –, ficas terminantemente proibida de dirigir a palavra a este velho nojento.

– O velho, outra vez? – retrucou ela, visivelmente confusa. – *Perchè no?*

– Não gosta da Casa dos Representantes.

– *Mamma mia!* Que mosca te mordeu?

– *È pazzo* – observou a irmã mais nova, filosoficamente. – O seu mal é esse.

– *Si* – concordou a outra, puxando os longos cabelos castanhos com ambas as mãos. – *Lui è pazzo.*

Mas ficava com saudades de Nately quando ele estava ausente e enfureceu-se com Yossarian no dia em que lhe aplicou um soco demolidor que o enviou para o hospital com o nariz fracturado.

§

Capítulo trigésimo quarto DIA DE ACÇÃO DE GRAÇAS

Foi inteiramente por culpa do sargento Knight que Yossarian esmurrou o nariz de Nately no Dia de Acção de Graças, depois de todo o pessoal da esquadrilha agradecer humildemente a Milo a refeição fantástica e opulenta com que os oficiais e os subalternos se empanturraram de forma insaciável ao longo da tarde e fornecer-lhes garrafas de uísque barato intactas. Ainda não anoitecera e já se viam militares a vomitar por todos os lados ou entretidos a cozer bebedeiras no chão, no meio de uma atmosfera pestilenta. Outros, ao invés, foram-se entusiasmando com o rolar das horas e seguiram-se ruidosas, violentas e vigorosas saturnais que se propagaram às colinas próximas, envolvendo o hospital e os postos de artilharia antiaérea. Registaram-se numerosas cenas de pugilato na esquadrilha e um caso de agressão à navalhada. O cabo Kolodny desferiu um tiro na perna, quando se entretinha com uma pistola na tenda dos Serviços Secretos, e viu pintarem-lhe as gengivas e os dedos dos pés na ambulância que se deslocava a grande velocidade, onde permanecia deitado, enquanto o sangue jorrava do ferimento. Oficiais e subalternos com cortes nos dedos, cabeças rachadas, transtornos gástricos e tornozelos fracturados arrastavam-se penitentemente até à tenda médica, onde Gus e Wes não tinham mãos a medir para lhes pintar as gengivas e dedos dos pés de roxo, com um laxativo final cujos efeitos se concretizavam entre os arbustos. A alegre celebração prolongou-se pela noite fora, cuja quietude era perturbada com frequência por gritos de alegria ou uivos de pessoas feridas ou agoniadas. Perduravam os sons que um ouvido experiente poderia identificar como resultantes de vómitos,

gemidos, gargalhadas histéricas, saudações, ameaças, imprecações e garrafas partidas contra superfícies rochosas. Também ecoavam canções obscenas ao longe. De um modo geral, o ambiente podia considerar-se mais trepidante que o de uma passagem de ano tradicional.

Yossarian deitou-se cedo, por uma questão de segurança, e não tardou a sonhar que descia velozmente uma escada de madeira e produzia uma espécie de matraquear com os saltos. De súbito, acordou e compreendeu que alguém o alvejava com uma metralhadora, o que lhe fez acudir um soluço de terror. A sua primeira ideia foi que Milo tornava a atacar a esquadrilha, pelo que rolou para o chão e refugiou-se debaixo do beliche, enroscado como um ouriço-cacheiro e banhado por suores glaciais. No entanto, não havia o menor ruído de aviões. Ao invés, soou uma longa gargalhada de bêbado, uma voz familiar triunfante bradou entre as rajadas de metralhadora «Feliz Ano Novo! Feliz Ano Novo!» e ele depreendeu que alguns homens se haviam dirigido a uma das posições de metralhadoras que Milo instalara nas colinas após o bombardeamento à esquadrilha e guarnecera com indivíduos da sua confiança.

Yossarian sentiu-se dominado por cólera e indignação ao reconhecer-se vítima de uma brincadeira irresponsável que lhe cortara o sono e o reduzira a um farrapo soluçante, e apeteceu-lhe matar, assassinar. Estava mais furioso que nunca, incluindo na ocasião em que rodeara o pescoço de McWatt com as mãos para o estrangular. A metralhadora recomeçou a disparar, enquanto vozes gritavam «Feliz Ano Novo!» e rolavam gargalhadas divertidas das colinas, como manifestações de hilaridade de bruxas. De chinelos e fato-macaco, Yossarian munuiu-se da automática de calibre quarenta e cinco e abandonou a tenda disposto a pôr termo ao pandemónio, enquanto ouvia vagamente a voz de Nately atrás dele, que o chamava, procurando dissuadi-lo.

A metralhadora disparou nova rajada de uma elevação imersa na escuridão sobranceira ao parque automóvel, e uma espécie de linha intermitente alaranjada varreu o espaço próximo do topo das tendas, ao mesmo tempo que as gargalhadas estentóricas se repetiam. Yossarian apercebeu-se do

ressentimento que se lhe desenvolvia no íntimo como ácido corrosivo. Os bastardos punham-lhe a vida em perigo! Com fúria e determinação cegas e irresistíveis, atravessou o recinto da esquadrilha velozmente e começava a escalar a encosta da colina, quando Nately o alcançou, para lhe implorar que voltasse para trás, segurando-o pelo braço. Yossarian soltou-se com um movimento brusco e, no momento em que o outro tentava retê-lo novamente, aplicou um soco demolidor no rosto delicado, que o fez tombar pesadamente com um grunhido de dor. Sem se preocupar em lhe acudir, rodou nos calcanhares e prosseguiu em frente.

Não tardou a avistar a metralhadora. Quase ao mesmo tempo, dois vultos ergueram-se quando o ouviram e desapareceram na escuridão, voltando a rir, antes que ele chegasse lá. Os seus passos perderam-se gradualmente à distância, deixando o círculo de sacos de areia vazio e silencioso na noite fria. Yossarian olhou em redor com uma expressão de frustração, enquanto tornavam a soar gargalhadas, agora quase inaudíveis. De súbito, ouviu estalar um ramo nas proximidades e agachou-se, de pistola apontada para a origem do som. No instante em que detectou ruído de folhas pisadas do outro lado dos sacos de areia, puxou o gatilho várias vezes consecutivas. Alguém ripostou imediatamente e ele reconheceu a detonação.

– Dunbar?

– Yossarian?

Os dois homens abandonaram os esconderijos e reuniram-se na clareira, desapontados, com as armas viradas para o chão. Tremiam levemente, em virtude da temperatura glacial, e achavam-se ofegantes devido ao esforço desenvolvido para escalar a colina.

– Os bastardos conseguiram bater asas – resmungou Yossarian.

– Tiraram-me dez anos de vida –olveu Dunbar. – Julguei que o filho da mãe do Milo voltava a bombardear-nos. Nunca tive tanto medo. Como gostava de saber quem foi!...

– Um era o sargento Knight.

– Vamos matá-lo – decidiu, rangendo os dentes. – Não tem o direito de nos assustar assim.

Todavia, Yossarian já não estava interessado em suprimir a vida a ninguém.

– Primeiro, acudamos a Nately. Creio que o magoei, lá em baixo.

Mas não havia sinais de Nately nas cercanias, embora Yossarian localizasse o lugar apropriado pelo sangue nos arbustos. Também não se encontrava na tenda e só o descobriram de manhã no hospital, ao qual baixaram depois de se inteirarem de que ingressara lá durante a noite com o nariz fracturado. Saudou-os com um sorriso misto de surpresa e receio, quando os viu entrar na enfermaria, de chinelas e roupão, atrás da enfermeira Cramer, para se instalarem nas camas que lhes foram atribuídas. O nariz de Nately achava-se envolto em gesso, além do que apresentava os olhos negros, e corou, embaraçado, e declarou que lamentava o sucedido, quando Yossarian se aproximou para lhe pedir desculpa. Este sentia-se profundamente perturbado e quase não o conseguia encarar. Dunbar mostrava-se irritado com tanto sentimentalismo, e ficaram todos aliviados quando Joe Faminto surgiu inesperadamente com a sua complicada máquina fotográfica e sintomas de apendicite simulados, a fim de poder estar perto de Yossarian para o fotografar quando apalpasse a enfermeira Duckett. No entanto, não tardou a ficar desapontado, porque ela decidira casar com um médico – um qualquer, uma vez que todos auferiam proventos substanciais – e não estava disposta a arriscar-se nas proximidades do homem que um dia poderia ser seu marido. Joe Faminto sentiu-se irado e inconsolável, até que apareceu o capelão envolto no roupão hospitalar, com uma expressão quase de euforia. Fora internado em virtude de uma pontada no coração, que os médicos supunham dever-se a excesso de gases, e sarrafos de Wisconsin agravados.

– Que diabo são sarrafos de Wisconsin? – perguntou Yossarian.

– Era o que eles também queriam saber! – replicou o capelão orgulhosamente, rompendo numa gargalhada. – Trata-se de uma doença inventada por mim. Por outras palavras, menti-lhes. Estabelecemos um acordo. Prometi comunicar-lhes quando os sarrafos de Wisconsin

desaparecessem, se me garantissem que não fariam nada para os curar. Foi a primeira vez que menti na minha vida. Não acham maravilhoso?

Pecara e sentia-se em paz com a sua consciência. O senso comum indicava-lhe que mentir e desviar-se do cumprimento do dever constituíam pecados. Por outro lado, toda a gente sabia que o pecado era um mal e do mal não podia advir bem algum. Não obstante, sentia-se bem, maravilhoso. Portanto, seguia-se logicamente que mentir e desviar do cumprimento do dever não podiam ser pecados. Num momento de intuição divina, ele dominara a técnica cómoda da racionalização protectora e estava eufórico com a descoberta. Era miraculoso. Compreendia agora que não custava praticamente nada converter o vício em virtude, a calúnia em verdade, a impotência em abstinência, a arrogância em humildade, a pilhagem em filantropia, o roubo em honra, a blasfémia em sabedoria, a brutalidade em patriotismo e o sadismo em justiça. Toda a gente o podia fazer, pois não exigia inteligência especial. Bastava não ter carácter. Com agilidade efervescente, o capelão passou em revista toda a gama de imoralidades ortodoxas, enquanto Natelly permanecia assombrado com o grupo de companheiros alucinados de que se descobria o núcleo. Estava lisonjeado e apreensivo, convencido de que não tardaria a surgir um oficial severo disposto a expulsá-los do hospital como um bando de vadios. Todavia, ninguém os foi incomodar. À noite, saíram todos exuberantemente para assistir a uma película colorida e quando regressaram com não inferior exuberância, deparou-se-lhes o militar de branco e Dunbar soltou um grito de pavor.

– Ele voltou! – gemeu, apavorado. – Ele voltou! Ele voltou! Yossarian estacou, petrificado, tão impressionado com a reacção do companheiro como com a visão branca, familiar e mórbida do militar de branco, coberto de gesso da cabeça aos pés, o que o obrigou a emitir um som estranho, ondulante, no qual um perito na matéria poderia reconhecer profundo terror.

– Ele voltou! – tornou a gemer Dunbar.

– Ele voltou! – repetiu um paciente que delirava com febre, assolado por terror automático.

Estabeleceu-se autêntico pandemônio na enfermaria. Uma multidão de enfermos e feridos pôs-se a gritar de forma incoerente e principiou às correrias e saltos no corredor entre as duas fiadas de camas, como se o edifício estivesse em chamas. Um paciente ao qual fora amputado um pé movia-se de um lado para o outro apoiado às muletas, ao mesmo tempo que, dominado pelo pânico, bradava:

– Que foi? Que foi? Estamos a arder? Estamos a arder?

– Ele voltou! – gritou-lhe alguém. – Não o ouviste? Ele voltou! Ele voltou!

– Quem é que voltou? – quis saber outro. – Quem é?

– Que significa? Que devemos fazer?

– Estamos a arder?

– Levantem-se e fujam! Fujam todos!

Abandonaram todos as camas e puseram-se a correr na enfermaria, enquanto um homem do CID procurava uma arma de fogo para abater um dos outros homens do CID que lhe afundara o cotovelo na vista. O ambiente transformava-se rapidamente num autêntico caos. O paciente delirante, em virtude da febre, saltou para o corredor central e quase derrubou o outro a quem fora amputado o pé, o qual lhe pousou, por mera casualidade, a muleta no seu e esmagou alguns dedos. O paciente delirante de febre e dedos do pé esmagados caiu e chorou de dor, enquanto outros o pisavam e lhe provocavam contusões, tresmalhados como uma manada de búfalos perseguidos por um tornado. «Ele voltou!», vociferavam todos em diferentes tons, alguns como se repetissem um coro de ópera, levando as mãos à cabeça, oportunidade que alguns aproveitavam para arrancar cabelos. «Ele voltou! Ele voltou!» A enfermeira Cramer apareceu repentinamente no meio do turbilhão como um polícia lutando contra a corrente, numa tentativa desesperada e pouco conseguida para impor a ordem, mas acabou por se desfazer em lágrimas ao reconhecer a ineficácia dos esforços. «Calem-se, por favor, calem-se!», suplicava infrutiferamente, entre soluços. O capelão, lívido como um fantasma, não fazia a menor ideia do que se passava. E o mesmo acontecia a Nately, que se conservava junto

de Yossarian, ou Joe Faminto, que observava a tumultuosa cena com os punhos cerrados e lançava olhares furtivos em volta, com uma expressão atemorizada.

– Que vem a ser isto? – perguntava em tom plangente. – Que diabo aconteceu?

– É o mesmo! – ripostou Dunbar, numa inflexão que se sobrepunha ao pandemónio. – Não estás a perceber? É o mesmo!

– O mesmo! – ouviu-se Yossarian repetir, assolado por uma excitação intensa e ominosa que não conseguia dominar, e abriu caminho em direcção à cama do militar de branco, atrás de Dunbar.

– Calma, rapazes! – recomendava o texano patriota, com um sorriso incerto. – Não há motivo para alarme. Porque não nos acalmamos?

– O mesmo! – começaram outros a murmurar, cantando e gritando.

De súbito, a enfermeira Duckett também fez a sua aparição.

– Que significa isto?

– Ele voltou! – uivou a enfermeira Cramer, caindo-lhe nos braços. – Ele voltou! Ele voltou!

Era, na verdade, o mesmo homem. Perdera alguns centímetros e aumentara um pouco de peso, mas Yossarian recordou-se dele instantaneamente em virtude dos dois braços rígidos e das duas não menos rígidas pernas suspensas quase perpendicularmente por meio de fios de aço e roldanas. Na verdade, quase não mudara nada. Havia o mesmo tubo de zinco que partia do gesso maciço sobre a virilha e terminava no frasco pousado no chão. Yossarian assegurou a si próprio que o reconheceria em qualquer parte e perguntava-se quem seria.

– Não há ninguém dentro! – proferiu Dunbar, inesperadamente.

– Que estás para aí a dizer? – Yossarian sentiu o palpitar do coração alterar-se e os joelhos ameaçaram dobrar-se sob o peso do corpo. – Endoideceste? Que conversa é essa?

– Roubaram-no! É oco por dentro, como um soldado de chocolate. Levaram-no e deixaram ficar as ligaduras e o gesso.

– Porque haviam de fazer uma coisa dessas?

- Porque fazem tudo?
- Roubaram-no! – gritou alguém, e os sons lancinantes redobram de intensidade e fervor. – Roubaram-no! Roubaram-no!
- Voltem para a cama! – suplicou a enfermeira Duckett, impelindo Dunbar e Yossarian. – Voltem para a cama, por favor!
- Estás louco? – perguntou Yossarian a Dunbar. – Porque dizes isso?
- Alguém o viu? – retorquiu o outro, com um pálido sorriso.
- Você deve tê-lo visto. – Yossarian voltou-se para a enfermeira Duckett. – Diga-lhe que está alguém dentro.
- É o tenente Schmulker – informou ela. – Sofreu queimaduras por todo o corpo.
- Ela viu-o?
- Suponho que o viu?
- Viu-o o médico que o envolveu em gesso e ligaduras.
- Vá chamá-lo. Qual é?
- Não presta serviço aqui! – exclamou a enfermeira Duckett, estremecendo. – O paciente chegou tal como se encontra agora.
- Viram? – bradou a enfermeira Cramer. – Não há ninguém dentro!
- Não há ninguém dentro! – vociferou Joe Faminto, começando a bater, com os pés no chão.

Dunbar precipitou-se para a cama do militar de branco, a fim de se certificar, e colou a vista ao orifício na carapaça de gesso e ligaduras, e continuava na mesma posição, quando os médicos e alguns membros da Polícia Militar acudiram, para ajudar Yossarian a afastá-lo. Os médicos usavam pistolas à cintura e os PM empunhavam carabinas e espingardas, com cujas coronhas principiaram a repelir a multidão excitada. Em seguida, o militar de branco foi transferido cuidadosamente para uma maca e levado em poucos segundos, após o que os recém-chegados percorreram a enfermaria para assegurar aos pacientes que a situação se achava dominada e não era de esperar ocorrências alarmantes nas próximas horas.

A enfermeira Duckett rodeou o braço de Yossarian com os dedos e murmurou-lhe que fosse encontrar-se com ela na arrecadação ao fundo do

corredor, o que o encheu de regozijo, pois concluiu que desejava finalmente reatar as relações íntimas e apressou-se a levantar-lhe as saias quando se acharam sós, todavia ela repeliu-o, alegando que era portadora de notícias preocupantes acerca de Dunbar.

– Vão desaparecê-lo.

– Vão quê? – balbuciou ele, olhando-a com incredulidade. – Que quer isso dizer?

– Não sei. Ouvi-os falar nisso atrás de uma porta.

– A quem?

– Também não sei. Não consegui vê-los. Só os ouvi dizer que iam desaparecer Dunbar.

– Porque o vão desaparecer?

– Não sei.

– Não faz sentido. Nem sequer é uma frase bem construída. Que diabo significa desaparecer alguém?

– Não sei.

– Você é um espanto, para elucidar uma pessoa!

– Não implique comigo! – protestou ela, começando a fungar, como se pretendesse conter as lágrimas. – Desejo apenas ajudar. Tenho alguma culpa que o queiram desaparecer? Nem lho devia ter dito.

Yossarian tomou-a nos braços e acariciou-a com simulado afecto.

– Desculpe – murmurou, beijando-lhe a face respeitosamente e afastando-se de imediato para prevenir Dunbar, que não conseguiu encontrar em parte alguma.

§

Capítulo trigésimo quinto MILO, O MILITANTE

Yossarian rezou pela primeira vez na vida. Ajoelhou e rezou a Nately para que não se oferecesse para participar em mais de setenta missões depois de o chefe White Halfoat morrer de pneumonia no hospital, porém, o outro não se deixava demover.

– Tenho de participar em mais missões – asseverou, com um leve sorriso.
– De contrário, mandavam-me para casa.

– E então?

– Não quero voltar para casa, até que a possa levar comigo.

– Significa assim tanto para ti?

– Talvez não a tornasse a ver – murmurou, inclinando a cabeça com uma expressão compungida.

– Nesse caso, pede para que não te escalem mais – indicou Yossarian. – Completaste o mínimo obrigatório e não precisas do subsídio de voo. Porque não pedes para substituir o chefe White Halfoat, se consegues suportar a presença do capitão Black?

– Não querem. – Nately sacudiu a cabeça e as faces assumiram um ar sombrio. – Falei com o tenente-coronel Korn, que disse que tenho de participar em mais missões ou regressar aos Estados Unidos.

– Mas isso é um acto de malvadez! – bradou Yossarian, com uma imprecação.

– No fundo, é-me indiferente. Se participei em setenta sem me acontecer nada, também aguento mais algumas.

– Não tomes nenhuma decisão até eu conversar com uma certa pessoa.

Tratou imediatamente de procurar Milo, que se avistou em seguida com o coronel Cathcart, a fim de ser escalado para mais missões de combate.

Milo conquistara várias distinções. Voara destemidamente em direcção ao perigo e recebera a crítica dos seus camaradas ao vender gasolina e rolamentos de esferas à Alemanha por bons preços, para obter um lucro substancial e contribuir para manter o equilíbrio do poder entre as duas forças em contencioso. A sua presença de espírito debaixo de fogo era graciosa e infinita. Com uma devoção incrível acima e abaixo da imposição do dever, subira o preço das refeições nas messes a tal ponto que todos os oficiais e subalternos tinham de lhe entregar o vencimento integral para poderem comer. A alternativa – não havia nenhuma, claro, porquanto ele detestava a coerção e vangloriava-se de ser um defensor acérrimo da liberdade de escolha – consistia em morrer de fome. Ao deparar-se-lhe uma vaga de resistência inimiga a esse ataque, manteve a sua posição sem se preocupar com a sua segurança ou reputação e invocou galantemente a lei da oferta e da procura. E quando alguém disse que não, cedeu terreno com relutância, defendendo valentemente, mesmo na retirada, o direito histórico dos homens livres de pagarem tudo o que possuíam por aquilo de que necessitavam para sobreviver.

Milo fora surpreendido em flagrante delito de exploração aos seus compatriotas, em resultado do que os seus *stocks* nunca tinham sido tão elevados. Cumpriu a promessa que fizera, quando um escanzelado major do Minnesota franziu os lábios em discordância rebelde e exigiu a sua parte do sindicato que ele proclamava competir a todos. Assim, escreveu as palavras «Uma Acção» no pedaço de papel mais próximo e entregou-lho com um desdém virtuoso que conquistou a inveja e admiração de quase todos os que o conheciam. A sua glória achava-se no auge, e o coronel Cathcart, conhecedor e admirador da folha de serviços de Milo, mostrou-se abismado com a humildade deferente com que se lhe apresentou no quartel-general do grupo, a fim de formular o pedido fantástico para novas missões perigosas.

– Quer participar em mais missões de combate? – estranhou. – Mas porquê?

– Quero cumprir o meu dever – declarou Milo num murmúrio, baixando os olhos. – A pátria está em guerra e quero defendê-la como todos os outros.

– Mas você está a cumprir o seu dever! – exclamou Cathcart, com uma risada jovial que fez vibrar as vidraças mais próximas. – Não me ocorre outra pessoa que tenha feito mais. Quem inventou o algodão com revestimento de chocolate?

– Ser um bom gerente de messe em tempo de guerra não basta.

– Claro que basta. Não compreendo o que lhe passou pela cabeça, homem.

– Não basta, coronel – discordou Milo, com firmeza, erguendo o olhar subserviente suficientemente para não ser interrompido. – Há quem comece a murmurar.

– Ah, sim? Dê-me os seus nomes e garanto-lhe que os mando para a missão mais perigosa que surgir.

– Receio que tenham razão – volveu, baixando de novo os olhos. – Fui mobilizado como piloto, pelo que devia participar em mais missões de combate e passar menos tempo na messe.

O coronel Cathcart mostrava-se surpreso, mas isso não lhe dissipou o espírito de colaboração.

– Bem, se na realidade pensa assim, creio que se arranja maneira de o comprazer. Quanto tempo tem de mobilizado?

– Onze meses.

– E em quantas missões participou?

– Cinco.

– Cinco?

– Cinco.

– Cinco, hem? – Pousou os dedos no queixo pensativamente. – Não é lá grande coisa!

– Como assim? – retrucou Milo em tom incisivo, voltando a erguer os olhos.

– Bem, há muito pior – apressou-se o coronel a rectificar. – Pode mesmo considerar-se excelente.

– Não concordo, embora reconheça a sua generosidade ao afirmá-lo.

– Garanto-lhe que não é nada mau, sobretudo se atendermos a todas as suas outras contribuições. Cinco missões, não foi o que disse? Apenas cinco?

– Apenas cinco.

– Apenas cinco. – Cathcart sentiu-se profundamente deprimido por um momento, enquanto tentava adivinhar no que o outro pensava e se baixara vários furos na sua consideração. – Cinco missões são um recorde admirável! – observou com entusiasmo, descortinando um raio de esperança! – É quase uma média de uma missão de combate cada dois meses. E aposto que não inclui aquela vez em que nos bombardeou.

– Está incluída.

– Está? Mas você não participou nela. Se a memória não me traiçoa, encontrava-se na torre de controlo comigo.

– Mas a missão pertenceu-me – argumentou Milo. – Organizei-a e foram utilizados os meus aviões e equipamento. Planeei e orientei toda a acção.

– Sem dúvida, sem dúvida. Não pretendo retirar o mínimo mérito à ideia. Limito-me a evocar os números para ter a certeza de que exige tudo aquilo que lhe é devido. Também incluiu a ocasião em que o contratámos para bombardear a ponte de Orvieto?

– Essa não. Pareceu-me desaconselhável, porque na altura estava em Orvieto a dirigir a barragem antiaérea.

– Não vejo onde está a diferença. De qualquer modo, era a sua missão. E das melhores, diga-se de passagem. É certo que não destruámos a ponte, mas executámos um padrão de bombas estupendo. Recordo-me de o general Peckem comentar o facto em termos encomiásticos. Não, Milo, insisto em que inclua Orvieto.

– Se tem muito empenho...

– Sem dúvida que tenho, Ora, vamos lá ver... Possui actualmente um total de seis missões, o que se pode classificar de excelente. Seis missões correspondem a um acréscimo de vinte por cento em escassos minutos, o que não é nada mau.

– Há muitos que já vão nas setenta.

– E sabe de algum deles que se lembrasse de produzir algodão com revestimento de chocolate? Asseguro-lhe que está a contribuir para o esforço de guerra muito mais do que o suficiente.

– Mas eles obtêm toda a fama e oportunidades – persistiu Milo, com uma petulância que roçava a hipocrisia. – Quero combater como os outros. É para isso que estou aqui. Também quero ganhar medalhas.

– Compreendo perfeitamente o seu ponto de vista. Todos desejamos consagrar mais tempo ao combate. No entanto, as pessoas como você e eu servem a pátria de maneiras diferentes. Veja a minha folha de serviços. – Cathcart soltou uma risada de desdém. – Talvez poucos saibam que só participei em quatro missões.

– Pelo contrário, toda a gente sabe que só participou em *duas*. E uma delas verificou-se quando Aarfy o levou a sobrevoar território inimigo, quando era seu navegador na deslocação a Nápoles para ir buscar um refrigerador de água adquirido no mercado negro.

Corou de embaraço e considerou prudente não se alongar em argumentações perigosas.

– Muito bem. Não tenho palavras para elogiar o que pretende fazer. Se está tão empenhado, indicarei ao major Major que o escale para as próximas sessenta e quatro missões, para que também possa ter setenta.

– Muito obrigado, coronel. Estou-lhe profundamente grato. Não pode imaginar o que isto significa para mim.

– Não tem nada que agradecer. Imagino exactamente o que significa.

– Duvido – volveu Milo, significativamente. – Alguém vai ter de se ocupar do sindicato imediatamente. É uma operação muito complicada e posso ser abatido a todo o momento.

Cathcart revelou-se mais animado ante a nova perspectiva e começou a esfregar as mãos de satisfação.

– Creio que eu e o tenente-coronel Korn poderemos dar conta do recado – sugeriu com simulado desprendimento, quase lambendo os lábios de saborosa antecipação. – A nossa experiência de tomates do mercado negro pode tornar-se muito útil. Por onde principiamos?

– Obrigado, coronel. É uma grande amabilidade de sua parte. – Milo observava-o com uma expressão levemente maliciosa. – Podem principiar por uma dieta sem sal para o general Peckem e outra sem gorduras para o general Dreedle.

– Deixe-me tomar nota. Que mais?

– Os cedros.

– Cedros?

– Do Líbano.

– Líbano?

– Está a chegar uma remessa de cedros do Líbano destinada à serração de Oslo, para conversão em ripas para o empreiteiro do Cabo Cod. COD¹⁵. Depois, há as ervilhas.

– Ervilhas?

– Que se encontram no mar alto. Temos barcos carregados de ervilhas que estão no mar alto de Atlanta para a Holanda como pagamento das tulipas embarcadas com destino a Genebra como pagamento dos queijos que devem seguir para Viena DAV.

– DAV?

– Dinheiro à vista. Os Habsburgos são de confiança.

– Milo...

– E não se esqueça do zinco galvanizado dos armazéns de Flint. Quatro carregamentos de zinco galvanizado de Flint têm de ser transportados de avião para as fundições de Damasco, na tarde do dia dezoito, em condições de FOB¹⁶, e dois por cento do total para Calcutá a dez dias EOM¹⁷. Um *Messerschmitt* cheio de cânhamo deve chegar a Belgrado, onde receberá as tâmaras que comprámos em Cartum. Utilizem o dinheiro das anchovas portuguesas que vamos revender a Lisboa para pagar o algodão egípcio que deve estar a chegar de Mamaroneck e adquirir o maior número possível de laranjas em Espanha. As *naranjas* são sempre pagas à vista.

– *Naranjas*?

– É o nome que dão às laranjas em Espanha, e estas são espanholas. E... ah, é verdade. Não esqueçam o Homem de Piltdown.

– Homem de Piltdown?

– Sim. A Instituição Smithsonian não se encontra, de momento, em condições de aceitar o nosso preço de um segundo Homem de Piltdown, mas aguarda a todo o momento a morte de um doador abastado e benquisto para...

– Milo...

– A França deseja toda a salsa que lhe pudermos enviar, e acho que a devemos comprazer, porque precisamos de francos para as liras, para os *pfennigs*, para as tâmaras, quando vier a nova remessa. Também encomendei um carregamento monumental de balsa peruana para distribuição a cada uma das messes do sindicato numa base *pro rata*¹⁸.

– Balsa? Para que precisam as messes de balsa?

– A balsa de qualidade não se consegue facilmente, nos tempos que correm. Pareceu-me conveniente não perder esta oportunidade de a comprar.

– Sim, tem razão – admitiu Cathcart, cuja expressão se tornava cada vez mais deprimida. – E suponho que o preço era vantajoso?

– Era escandaloso... positivamente exorbitante! – asseverou Milo. – Mas como a adquirimos a uma das nossas subsidiárias, não hesitámos em pagá-lo. Prestem particular atenção aos couros.

– Touros?

– Não, couros.

– Couros?

– Sim, couros. Em Buenos Aires. Têm de ser curtidos.

– Curtidos?

– Na Terra Nova. E expedidos para Helsínquia SDAV antes do início do degelo da Primavera. Tudo o que se relaciona com a Finlândia é pelo sistema SDAV antes do início do degelo.

– Sem Dinheiro à Vista?

– Exactamente, coronel! Vê-se que tem queda para o assunto. A seguir, há a cortiça.

– A cortiça?

– Deve ser despachada para Nova Iorque, os sapatos para Toulouse, o presunto para o Sião, os pregos para o País de Gales e as tangerinas para Nova Orleães.

– Milo...

– Temos carvão em Newcastle.

– Pare, por favor! – O coronel largou o lápis e ergueu as mãos num gesto de súplica. – Não merece a pena insistir. Você é como eu... *indispensável*. – Levantou-se com um profundo suspiro. – Escusa de pensar em participar em mais sessenta e quatro missões. Não pode sequer participar em mais uma. O sistema desmoronava-se irremediavelmente, se lhe acontecesse alguma coisa.

Milo inclinou a cabeça serenamente, com satisfação complacente.

– Devo entender que me proíbe de participar em mais missões de combate?

– Proíbo-o de participar em mais missões de combate – proclamou o coronel em tom terminante.

– Mas não está certo! E a minha folha de serviços? Os outros obtêm toda a fama, medalhas e publicidade. Porque hei-de ser penalizado, só porque executo um bom trabalho como responsável das messes?

– De facto, não está certo, mas não vislumbro nenhuma alternativa.

– Talvez se consiga que alguém efectue as minhas missões.

– Mas talvez se consiga que alguém efectue as suas missões – sugeriu, num rasgo de inspiração. – Que diz aos mineiros da Pensilvânia e Virgínia que se encontram em greve?

– Levavam muito tempo a chegar cá. – Milo abanou a cabeça com veemência. – Porque não os homens da esquadrilha? No fundo, estou a sacrificar-me por eles. Por conseguinte, deverão ficar satisfeitos por me poderem retribuir a atenção.

– Porque não os homens da esquadrilha? No fundo, está a sacrificar-se por eles. Por conseguinte, deverão ficar satisfeitos por lhe poderem retribuir a atenção.

– O que é justo é justo.

- O que é justo é justo.
- Podem fazer turnos.
- Até podem fazer turnos para efectuarem as suas missões.
- E quem fica com o crédito?
- Você, naturalmente. E se algum merecer uma medalha durante uma das suas missões, será você a recebê-la.
- Quem morre, se o meu substituto for abatido?
- Ele, sem dúvida. Lembre-se de que o que é justo é justo. Há só uma coisa.
- Vai ter de aumentar o número mínimo de missões obrigatórias.
- Talvez tenha de aumentar o número mínimo de missões obrigatórias e é quase certo que eles vão protestar. Ainda estão fúlos porque o elevei para setenta. No entanto, se conseguir convencer um dos oficiais do quadro permanente, os outros hão-de seguir o exemplo.
- Nately não protesta. Foi-me revelado, a título rigorosamente confidencial, que fará tudo o que puder para continuar aqui com a rapariga pela qual se apaixonou.
- Mas Nately não protesta! – asseverou Cathcart, unindo as palmas das mãos ruidosamente. – Sim, ele não protesta. E desta vez tenciono elevar o mínimo para oitenta, para que o general Dreedle fique de cara à banda. De caminho, faço com que aquele rato imundo do Yossarian regresse às missões de combate, onde pode perder a vida.
- Yossarian? – O rosto de Milo alterou-se com uma expressão apreensiva, enquanto levava o indicador ao bigode castanho, para o coçar pensativamente.
- Pois, Yossarian. Sei que anda por aí a propalar que terminou as suas missões e a guerra acabou para ele. Bem, talvez terminasse as missões dele, mas não as suas, Milo. Ah! Ah! Mal sabe o que o espera!
- Ele é meu amigo – objectou. – Custar-me-ia ser responsável do seu regresso ao combate. Aliás, devo-lhe muito. Não pode abrir uma excepção para o seu caso?

– De modo algum. – Cathcart assumiu um ar chocado ante a sugestão. – Não pode haver favoritismos. Têm de ser tratados todos do mesmo modo.

– Dava-lhe de boa vontade tudo o que possuo – afirmou Milo, com um gesto magnânimo. – Mas como não possuo tudo, não lho posso dar. Por conseguinte, terá de se arriscar como os outros.

– O que é justo é justo.

– Exacto. O que é justo é justo. Yossarian não é melhor que os outros, pelo que não pode contar com privilégios especiais.

– Evidentemente. O que é justo é justo.

E Yossarian não teve tempo de se esquivar, quando o coronel Cathcart anunciou que, a partir daquela tarde, o número mínimo de missões obrigatórias passava a ser de oitenta, nem de dissuadir Nately de participar nelas ou de voltar a conspirar com Dobbs para assassinar Cathcart, porque o sinal de alerta soou subitamente, ao amanhecer do dia seguinte, e todos se precipitaram para os camiões antes que pudesse ser preparado um pequeno-almoço decente, seguindo a grande velocidade para a tenda de informação e depois para o aeródromo, onde o pessoal ainda não terminara de encher os depósitos de carburante dos aviões e as equipas de armeiros acondicionavam as bombas nos ventres dos aparelhos. Toda a gente corria, e os motores foram imediatamente ligados para aquecimento, logo que as viaturas de carburante se afastaram.

Os Serviços Secretos tinham comunicado que um cruzador italiano avariado que se encontrava na doca seca de Espézia seria rebocado pelos Alemães, naquela manhã, para um canal à entrada do porto e encalhado aí para impedir os exércitos aliados de utilizarem o local quando tomassem a cidade. Por uma vez, uma informação dos Serviços Secretos revelou-se aceiteada. O longo navio achava-se a meio caminho do seu destino, quando os aviões surgiram de oeste e o destruíram com disparos eficientes que encheram as tripulações de regozijo, até que se viram envolvidas por intensa barragem antiaérea proveniente de todos os pontos da região montanhosa circundante. O próprio Havermeyer recorreu à acção evasiva mais arrojada que pôde conceber, quando viu a vasta distância que ainda

necessitava de transpor para escapar ao perigo, e Dobbs, nos comandos do piloto da sua formação, zigueou quando devia zaguear, colidiu com o aparelho mais próximo, ao qual cortou a cauda, e perdeu parte da asa, pelo que caiu como uma pedra e desapareceu quase num instante. Não se registaram chamas, fumo ou o menor ruído ascendente. A asa que acabava de conquistar a independência descreveu rotações frenéticas como uma betoneira até que contactou com a água, que se afastou cortesmente para a receber, após o que a cobriu numa manifestação protectora a todos os títulos louvável. Tudo terminou numa questão de segundos, sem a intervenção de pára-quedas. E Nately, no outro aparelho, também perdeu a vida.

15 *Cash on Delivery*: pagamento contra entrega. (N. do T.)

16 *Free on Board*: designativo da operação comercial, de exportação, em que o preço de venda é estabelecido para a mercadoria entregue a bordo, no cais de embarque, correndo por conta do cliente toda e qualquer despesa até ao destino. (N. do E.)

17 *End of Month*: fim do mês. (N. do T.)

18 Por quota, proporcionalmente. (N. do T.)

§

Capítulo trigésimo sexto A CAVE

A morte de Nately quase matou o capelão. Encontrava-se sentado à mesa de brídege da sua tenda, entretido com uns apontamentos, quando o telefone tocou e recebeu a notícia da colisão no espaço. As entranhas converteram-se imediatamente em barro ressequido e a mão tremia quando pousou o auscultador, imitada sem demora pela outra. O desastre era demasiado vasto para contemplar. Doze homens mortos – uma perda deplorável, horrível! A sua sensação de terror aumentou e rezou instintivamente por que Yossarian, Nately, Joe Faminto e os seus outros amigos não figurassem entre as vítimas, mas regressou à realidade com prontidão ao aperceber-se de que desse modo rezava pela morte de outros jovens que nem sequer conhecia. Era tarde de mais para rezar, mas era a única coisa que sabia fazer. O coração palpitava com um ruído que parecia provir de algures no exterior, e compreendeu que jamais voltaria a sentar-se numa cadeira de dentista, nem olharia um instrumento cirúrgico ou assistiria a um acidente de viação ou ouviria um grito humano na noite sem experimentar a mesma sensação penosa no peito e recear morrer a todo o instante. Nunca voltaria a presenciar um combate de boxe ou uma rixa na rua sem o receio de desmaiar e rachar a cabeça contra a calçada ou sofrer um ataque cardíaco ou uma hemorragia cerebral fatais. Começou a duvidar de que tornaria a ver a esposa ou os três filhos. Perguntou-se mesmo se *deveria* tornar a vê-la, agora que o capitão Black lhe insuflara no espírito fortes reservas quanto à fidelidade e carácter de todas as mulheres. Pressentia que havia muitos homens capazes de se revelarem sexualmente mais satisfatórios. Agora,

sempre que pensava na morte lembrava-se da mulher, e sempre que se lembrava dela receava perdê-la.

Transcorridos uns momentos, sentiu-se suficientemente forte para se levantar e transpor com relutância a curta distância que o separava da tenda do sargento Whitcomb, em cujo jipe seguiram para o centro da esquadilha. O capelão cerrava os punhos convulsivamente, pousados nos joelhos, para evitar que tremessem, ao mesmo tempo que comprimia as mandíbulas e se esforçava por não escutar o companheiro, que perorava sobre o trágico evento. Doze homens mortos significava mais outras tantas cartas de condolências que podiam ser expedidas juntas com a assinatura do coronel Cathcart, o que incrementaria as esperanças deste último de figurar num artigo do *Saturday Evening Post* na edição da Páscoa.

No recinto da esquadilha, pairava um silêncio pesado que dominava o movimento como um sortilégio implacável e insensato, que petrificava os únicos seres capazes de o quebrar. O capelão sentia-se apavorado, pois nunca presenciara uma quietude tão impressionante. Cerca de duzentos homens cansados, lívidos e acabrunhados, segurando as embalagens dos pára-quedas, conservavam-se, numa multidão imóvel e sombria, à entrada da tenda de informação. Pareciam impossibilitados de se afastar ou mesmo de esboçar o mínimo gesto. O capelão tornou-se agudamente consciente do leve ruído dos seus passos quando se aproximava, ao mesmo tempo que os seus olhos esquadrihavam apressada e freneticamente a massa estática de vultos inertes. Por fim, descobriu Yossarian com uma sensação de imensa alegria, mas logo a seguir entreabriu a boca com lentidão, assolado por terror insuportável, ao notar-lhe a expressão de desespero. Compreendeu imediatamente, encolhendo-se de dor e abanando a cabeça de protesto, que Nately morrera. A revelação atingiu-o como um impacte físico e não pôde conter um soluço. O sangue esvaiu-se das pernas e recebeu cair inanimado. Nately morrera. Todas as esperanças de se ter equivocado dissiparam-se ao ouvir o nome dele emergir do murmúrio de que se dava conta pela primeira vez. Nately morrera: o rapaz fora morto. Desprendeu-se-lhe um gemido da garganta e o queixo começou a tremer. Por fim, os olhos encheram-se de

lágrimas imparáveis. Principiava a mover-se na direcção de Yossarian para chorar a morte a seu lado, quando uma mão lhe segurou o braço com brusquidão e uma voz incisiva perguntou:

– É o capelão Tappman?

Voltou-se com admiração, para enfrentar um coronel de ares agressivos, faces rubicundas e bigode que nunca vira.

– Sou. Que deseja? – Os dedos que lhe rodeavam o braço magoavam-no e tentou libertar-se em vão.

– Acompanhe-me.

– Aonde? Porquê? Quem é o senhor?

– É melhor acompanhar-nos, reverendo – articulou um major de rosto aquilino, postado do outro lado do capelão. – Somos do Governo e desejamos fazer-lhe algumas perguntas.

– Que espécie de perguntas? Que significa isto?

– Não é o capelão Tappman? – volveu o coronel.

– É ele, é – confirmou o sargento Whitcomb.

– Acompanhe-os – aconselhou o capitão Black, com um sorriso de desdém e hostilidade. – Suba para o carro, se não quer arranjar complicações.

Entretanto, mãos puxavam o capelão irresistivelmente e desejava chamar Yossarian para que lhe acudisse, mas este encontrava-se muito longe. Alguns homens das proximidades começaram a olhá-lo com curiosidade crescente e ele desviou o rosto, envergonhado, permitindo que o conduzissem para o banco de trás do carro de comando, onde se sentou entre o coronel rubicundo e o major de semblante aquilino, e levantou os pulsos instintivamente, como se esperasse que o algemassem. Havia outro oficial instalado no banco da frente, e um membro da Polícia Militar de capacete branco sentou-se ao volante. O capelão não se atreveu a erguer os olhos, até que o veículo fechado abandonou o local e principiou a rolar velozmente na estrada de piso irregular.

– Onde me levam? – quis saber em voz suave, numa inflexão de timidez e culpa, conservando os olhos baixos. Acudia-lhe mesmo a noção de

pretenderem responsabilizá-lo pela colisão no espaço e morte de Nately. – De que me acusam?

– Porque não fecha a cloaca e deixa as perguntas a nosso cargo? – ripostou o coronel.

– Não lhe fale assim – recomendou o major. – Não há necessidade de lhe faltar ao respeito.

– Então, diga-lhe que feche a cloaca e deixe as perguntas a nosso cargo.

– Por favor, feche a cloaca e deixe as perguntas a nosso cargo, reverendo – indicou, com simpatia. – É melhor para si.

– Não tem de me tratar por reverendo – explicou o capelão. – Não sou católico.

– Nem eu, reverendo – tornou o major. – Mas como sou muito devoto, gosto de tratar todos os homens de Deus por reverendo.

– Ele não acredita que há ateus em tocas de raposas – interpôs o coronel com sarcasmo, desferindo uma cotovelada nas costelas do capelão. – Elucide-o. Há ateus em tocas de raposas?

– Não sei. Nunca visitei nenhuma toca de raposa.

O oficial do banco da frente virou a cabeça com brusquidão e uma expressão truculenta.

– Também nunca visitou o Céu, mas sabe que existe.

– Saberá mesmo? – volveu o coronel.

– Cometeu um crime gravíssimo, reverendo – observou o major.

– Qual?

– Ainda não sabemos – admitiu o coronel –, mas vamos averiguá-lo. E de que é gravíssimo não resta a mínima dúvida.

O carro abandonou a estrada no quartel-general do grupo com um guincho prolongado dos pneus, abrandando o andamento apenas levemente, e prosseguiu em torno do parque de estacionamento em direcção às traseiras do edifício. Aí, os três oficiais e o capelão desceram e, em fila indiana, seguiram por uma decrépita escada de madeira de acesso à cave, para entrarem numa sala húmida e sombria, com tecto de cimento baixo e paredes inacabadas. Viam-se teias de aranha por todos os lados, e uma

centopeia gigantesca atravessou o sobrado para se refugiar atrás da conduta da água. Por fim, indicaram ao capelão que se sentasse numa cadeira que se encontrava junto de uma pequena mesa.

– Esteja à sua vontade, capelão – disse o coronel em tom cordial, acendendo um candeeiro e apontando-lhe o foco intenso ao rosto, após o que .pousou na mesa uma soqueira de aço e uma caixa de fósforos. – Queremos que se descontraia.

Os olhos do interpelado arregalaram-se de incredulidade. Os dentes chocalhavam quase audivelmente e afigurava-se-lhe que tinha os membros convertidos em geleia. Compreendeu que poderiam fazer-lhe o que quisessem. Aqueles homens brutais podiam espancá-lo até à morte naquela cave, que ninguém interviria para o salvar, à parte, porventura, o major de semblante aquilino, que entretanto pusera uma torneira a gotejar irritantemente para um lavatório e regressara à mesa, a fim de colocar um pesado tubo de borracha ao lado da soqueira de aço.

– Vai correr tudo o melhor possível, capelão – afirmou ele, em tom encorajador. – Não tem nada a recear, se não for culpado. Que receia? Suponho que não é culpado?

– Claro que é – acudiu o coronel. – Culpado como o diabo.

– De quê? – implorou o capelão, cada vez mais perturbado, sem saber a qual devia apelar para que se condoessem dele, enquanto o terceiro oficial, que não usava qualquer insígnia, permanecia imerso em silêncio um pouco afastado da mesa. – Que fiz eu?

– É precisamente o que vamos apurar – esclareceu o coronel, que pegou num bloco-notas e num lápis e os impeliu para diante do detido. – Escreva aí o seu nome. Com a sua letra.

– A minha letra?

– Exacto. Em qualquer lugar da página. – Em seguida, recuperou o bloco e comparou o nome com o que se achava escrito numa folha que extraiu da algibeira. – Está a ver? – observou ao major, que se colocara a seu lado e espreitava solenemente por cima do ombro.

– Não são iguais, pois não?

- Eu bem disse que tinha sido ele.
 - Tinha sido eu o quê? – perguntou o capelão.
 - Confesso que isto me choca profundamente, capelão – declarou o major, como se acabasse de obter confirmação da pior das suas suspeitas.
 - O quê?
 - Não encontro palavras para exprimir o desapontamento que me provocou.
 - Mas o quê? De que me acusam?
 - Disto. – Com uma expressão de ilusões desfeitas, apontou para o bloco-notas. – Esta letra não é a sua.
 - Claro que é!
 - Não é, não. Está a mentir.
 - Mas acabo de a escrever, como viram!
 - Aí é que está o busílis – articulou, com amargura. – *Vimo-lo* escrever. Não pode negar que o fez. Quem mente acerca da sua própria letra falta à verdade a respeito de tudo.
 - Ninguém mentiu acerca da minha própria letra! – bradou o capelão, esquecendo o medo no meio da onda de cólera e indignação que lhe acudiu repentinamente. – Endoideceu? De que está a falar?
 - Pedimos-lhe que escrevesse o seu nome com a sua letra. E não o fez.
 - Sem dúvida que fiz. Com que letra escrevi senão com a minha?
 - Com a de outra pessoa.
 - De quem?
 - É exactamente o que tencionamos apurar – advertiu o coronel.
 - Fale, capelão.
- Este moveu os olhos de um para o outro dos interrogadores, com uma sensação de dúvida e nervosismo crescente.
- A letra é a minha! – sustentou com veemência. – Em que outro lugar está, se não é essa?
 - Aqui. – Com ares superiores, o coronel pousou na mesa uma fotocópia de uma carta em que fora riscado todo o texto, à parte a fórmula de saudação «Mary querida», e o censor acrescentara «Suspiro por si

tragicamente. A. T. Tappman, capelão do Exército dos Estados Unidos», e exibiu um sorriso de triunfo ao ver a perturbação desenhada nas faces do interpelado. – Então, que diz? Sabe quem escreveu isto?

O capelão tardou alguns segundos a responder, pois reconhecera a letra de Yossarian.

– Não.

– Mas sabe ler, não? – persistiu o coronel, ironicamente. – O autor assinou o seu nome.

– É o meu nome que está aí.

– Nesse caso, escreveu-o. Q.E.D. [19](#)

– Mas não o escrevi. Essa letra não é a minha.

– Então, assinou o seu nome com a letra de outra pessoa – retorquiu, com um encolher de ombros. – Está tudo explicado.

– É simplesmente absurdo! – exclamou o capelão, perdendo a paciência, ao mesmo tempo que se punha de pé num salto e cerrava os punhos. – Não suporto isto nem mais um minuto, ouviram? Acabam de morrer doze homens e não quero perder tempo com este interrogatório insensato. Não têm o direito de me manter aqui, nem estou disposto a admiti-lo!

Sem pronunciar uma palavra, o coronel pousou-lhe a mão no peito e obrigou-o a sentar-se de novo, o que fez reaparecer o medo do capelão, enquanto o major pegava no tubo de borracha e o agitava ameaçadoramente na palma aberta. Em seguida, o coronel extraia um fósforo da caixa e colocou-o junto da superfície da lixa, à espera do sinal de desafio seguinte da parte do capelão, que empalidecera e estava demasiado petrificado para se mover. O clarão intenso do candeeiro obrigou-o finalmente a desviar os olhos, ao mesmo tempo que o gotejar da torneira parecia intensificar-se e tornar-se insuportavelmente irritante. Ansiava por que lhe explicassem o que pretendiam para saber o que devia confessar, e aguardou, dominado por forte tensão, quando o terceiro oficial, a um sinal do coronel, se aproximou e sentou no tampo da mesa a curta distância dele, com uma expressão impenetrável e olhar glacial.

– Apaguem a luz – ordenou por cima do ombro em voz baixa e calma. – É muito incomodativa.

O capelão exibiu um leve sorriso de gratidão e aventurou:

– Muito obrigado. Já agora, o gotejar...

– Deixem o gotejar – atalhou o oficial. – Não me incomoda. – Fez uma breve pausa e contemplou as calças, como se avaliasse o grau de perfeição do vinco. – A que persuasão religiosa pertence?

– Sou anabaptista.

– Não é uma religião particularmente suspeita?

– Suspeita? – estranhou o capelão, com uma expressão inocente no olhar. – Porquê?

– Bem, não percebo nada disso. Tem de o admitir, não é verdade? O facto não a torna particularmente suspeita?

– Não sei – respondeu com diplomacia, em inflexão trémula. A ausência de insígnia no homem afigurava-se-lhe desconcertante e nem sequer sabia como o devia tratar. Quem seria? E com que autoridade o interrogava?

– Em tempos, estudei latim. Parece justo preveni-lo antes de lhe fazer a pergunta seguinte. O termo anabaptista não significa simplesmente que não é baptista?

– De modo algum. Há muito mais envolvido nisso.

– É baptista?

– Não, senhor.

– Então, *não é* baptista?

– Perdão?...

– Não percebo porque insiste em esgrimir com as palavras. Já confessou. O facto de declarar que não é baptista não nos elucida acerca do que é na realidade. Pode ser tudo ou toda a gente. – O oficial inclinou-se ligeiramente para a frente e assumiu um ar confidencial. – Até pode ser Washington Irving, hem?

– Washington Irving? – repetiu o capelão, surpreendido.

– Então, Washington – interveio o coronel rubicundo, em tom irascível. – Porque não desembucha de uma vez? Sabemos perfeitamente que roubou o

tomate.

Após um momento de choque, o capelão não pôde evitar uma risada nervosa de alívio.

– Ah, é *isso*? Agora, começo a compreender. Garanto-lhes que não roubei o tomate. O coronel Cathcart deu-mo. Se não acreditam, perguntem-lhe.

Naquele instante, como se obedecesse a uma deixa, uma porta ao fundo da sala abriu-se, para dar passagem ao coronel Cathcart.

– Olá, coronel. Ele diz que lhe deu o tomate. É verdade?

– Porque lhe havia de dar um tomate? – replicou o recém-chegado.

– Obrigado, coronel. Não é necessário mais nada.

– Sempre às ordens, coronel.

Com estas palavras, Cathcart retirou-se e fechou a porta atrás dele.

– Então, capelão? Que diz, depois disto?

– Repito que mo deu! Ele deu-me o tomate!

– Suponho que não pretende chamar mentiroso a um oficial seu superior?

– Que razão levaria um oficial seu superior a dar-lhe um tomate?

– Foi por isso que tentou impingir-lo ao sargento Whitcomb? Por ser um tomate roubado?

– De modo algum! – protestou o capelão, perguntando-se com desespero porque se recusavam a abarcar a situação. – Ofereci-lho, porque não o queria.

– Porque o roubou ao coronel Cathcart, se não o queria?

– Não o roubei ao coronel Cathcart!

– Então, porque é tão culpado, se não o roubou?

– Não sou culpado!

– Então, porque o interrogaríamos se não fosse culpado?

– Sei lá! – balbuciou, entrelaçando os dedos sobre os joelhos e abanando a cabeça angustiada. – Não faço a menor ideia.

– Ele julga que podemos estar a perder tempo – articulou o major, fungando com uma expressão de desdém.

– Capelão – proferiu o oficial sem insígnia, extraindo uma folha de papel dactilografada de uma pasta de cartolina aberta em cima da mesa –, tenho

aqui uma declaração assinada pelo coronel Cathcart, segundo a qual o senhor lhe roubou o tomate. – Pousou-a voltada para baixo e pegou noutra. – E esta, com a assinatura do sargento Whitcomb, atesta que se apercebeu de que se tratava de um tomate roubado pela maneira como tentou impingir-lho.

– Juro por Deus que não o roubei. Dou-lhe a minha palavra sagrada de que não era um tomate roubado.

– Acredita em Deus, capelão?

– Sem dúvida!

– É muito estranho o que acaba de admitir – volveu o oficial munindo-se de uma terceira folha –, porque, segundo esta outra declaração do coronel Cathcart, recusou colaborar com ele na condução de preces na sala de informação antes de cada missão de combate.

Depois de permanecer perplexo por um momento, o capelão inclinou a cabeça ao recordar o episódio.

– Não foi bem assim – explicou com ansiedade. – O coronel Cathcart renunciou à ideia ao aperceber-se de que os subalternos fazem as suas preces ao mesmo Deus que os oficiais.

– O quê? – explodiu o oficial, incrédulo.

– Que disparate! – asseverou o coronel rubicundo, desviando os olhos numa atitude de dignidade e aborrecimento.

– Ele esperará que acreditemos nisso? – disse por sua vez o major.

– Não lhe parece que está a abusar da nossa credulidade? – increpou o oficial sem insígnia, com um sorriso desprovido de alegria.

– Mas é verdade! Juro que é verdade!

– Não vejo que interesse isso possa ter. – Tornou a debruçar-se sobre a pasta de cartolina cheia de papéis. – Disse que acreditava em Deus, em resposta à minha pergunta? Confesso que já não me lembro.

– Decerto. Acredito de facto em Deus.

– É muito estranho o que acaba de admitir, porque tenho aqui mais uma declaração do coronel Cathcart, segundo a qual o senhor afirmou uma vez

que o ateísmo não era ilegal. Lembra-se de fazer uma afirmação dessas a alguém?

O capelão inclinou a cabeça sem hesitar, consciente de que pisava finalmente terreno mais firme.

– É exacto. Corresponde à verdade, de resto. O ateísmo não é ilegal.

– Mas isso não é motivo suficiente para o afirmar. – O oficial pegou em nova folha da pasta aparentemente inesgotável. – E tenho aqui nova declaração do sargento Whitcomb, segundo a qual o senhor se opôs ao plano dele de enviar, com a assinatura do coronel Cathcart, cartas de condolências aos familiares mais próximos dos militares mortos ou feridos em combate. É verdade?

– Sim, de facto opus-me. E orgulho-me disso. Essas cartas carecem de sinceridade e honestidade. A sua única finalidade consiste em proporcionar glória ao coronel Cathcart.

– Que interessa isso? Insuflam um pouco de consolação nos espíritos das famílias que as recebem. Confesso que não entendo a mecânica do seu raciocínio, capelão.

Este sentia-se acabrunhado e totalmente impossibilitado de encontrar palavras para replicar, pelo que conservava a cabeça inclinada para o peito, emudecido.

O coronel rubicundo tornou a fazer-se ouvir para apresentar uma sugestão:

– Porque não lhe fazemos saltar os miolos?

– Na verdade, não é má ideia – concedeu o major de semblante aquilino. – Não passa de um anabaptista.

– Primeiro, temos de o declarar culpado – advertiu o oficial sem insígnia, com um gesto indolente, enquanto deslizava um pouco da mesa, a fim de se instalar no outro lado e fitar o detido com as palmas das mãos pousadas no tampo. – Acusamo-lo formalmente de ser Washington Irving e tomar liberdades caprichosas e ilícitas na censura de cartas de oficiais e subalternos. Considera-se culpado ou inocente?

– Inocente. – O capelão humedeceu os lábios com a língua ressequida e inclinou-se para a frente, dominado por profunda ansiedade.

– Culpado – anunciou o coronel.

– Culpado – secundou o major.

– Considerado culpado por unanimidade – declarou o oficial sem insígnia, escrevendo algo numa das folhas da pasta. – Capelão – prosseguiu, erguendo a cabeça –, acusamo-lo de crimes e infracções cuja natureza ainda não conhecemos. Culpado ou inocente?

– Não sei. Como quer que me pronuncie sem saber concretamente de que me acusam?

– Como quer que o elucidemos se também não sabemos?

– Culpado – decidiu o coronel.

– Com certeza – concordou o major. – Se são os seus crimes e infracções, deve tê-los cometido.

– Considerado culpado por unanimidade – entoou o oficial sem insígnia, e foi ocupar a posição do início da sessão. – É todo seu, coronel.

– Obrigado. Executou um excelente trabalho. – O coronel rubicundo virou-se para o capelão. – Está tudo terminado. Vá dar uma volta.

– Que pretende que faça?

– Desapareça daqui! – rugiu, apontando para a porta com um gesto enérgico. – Ponha-se lá fora!

O capelão sentiu-se abalado pelas palavras e tom beligerante e, ante o seu próprio espanto e mistificação, profundamente surpreendido por o deixarem partir em paz.

– Não me castigam? – inquiriu em tom receoso.

– Com certeza, mas não queremos que assista enquanto decidimos como e quando o faremos. Portanto, toca a andar. Suma-se.

– Posso ir embora? – perguntou, levantando-se e começando a mover-se para a saída.

– Até nova ordem. Mas não tente abandonar a ilha, pois lembre-se de que conhecemos o seu número e estará sob vigilância permanente.

Não era concebível que o deixassem sair. O capelão continuou a aproximar-se da porta com lentidão, esperando a todo o momento que o mandassem voltar para trás em tom autoritário ou parar por meio de uma

pancada implacável no ombro ou na cabeça. No entanto, não efectuaram a menor tentativa para o deter e avançou pelos corredores sombrios e húmidos em direcção à escada. Quando voltou a respirar ar puro, sentiu-se dominado por uma impressão esmagadora de indignação moral. Estava furioso, mais revoltado com as atrocidades do dia do que jamais lhe acontecera, enquanto atravessava o espaçoso e lúgubre átrio do edifício. Jurou a si mesmo que não suportaria que semelhantes dislates se repetissem. Quando transpôs a saída, descortinou, com uma sensação quase sádica, o tenente-coronel Korn, que subia a ampla escadaria, e enchendo-se de coragem com um suspiro, preparou-se para o interceptar.

– Não estou disposto a admitir que isto se repita! – declarou com veemência. Vendo, com desânimo, que o outro continuava a subir sem reparar nele, insistiu: – Tenente-coronel Korn!

Este deteve-se finalmente e retrocedeu com lentidão.

– Que deseja, capelão?

– Queria falar-lhe da catástrofe desta manhã. Foi uma coisa horrível... horrível!

Conservou-se silencioso por um momento, enquanto contemplava o capelão com uma expressão de cinismo divertido, e acabou por replicar:

– Tem razão. Não sei *como* vamos admiti-lo sem ficarmos malvistos.

– Não me referia a isso. Alguns dos rapazes já tinham completado as setenta missões.

– Parecia-lhe menos horrível se se tratasse de aviadores mais modernos? – inquiriu, com uma risada.

O capelão sentiu-se uma vez mais acabrunhado. A lógica imoral parecia reduzi-lo ao silêncio a cada momento. Quando replicou, sentia-se menos seguro de si e a voz tremia:

– Não está certo que obriguem os rapazes deste grupo a participar em oitenta missões, se os outros são desmobilizados quando atingem as cinquenta e cinco.

– Havemos de estudar o assunto – prometeu Korn, com desinteresse enfatiado, começando a afastar-se. – *Adios*, reverendo.

– Que quer isso dizer? – persistiu o capelão num tom que principiava a tornar-se agudo.

O outro voltou a deter-se com uma expressão desagradável e recuou um passo.

– Quer dizer que nos vamos debruçar sobre o problema – explicou com sarcasmo e desdém. – Não podemos tomar uma decisão sem reflectir maduramente.

– Sim, tem razão. Mas já tinham pensado nisso, sem dúvida?

– Decerto, reverendo. No entanto, para que fique contente, pensaremos mais um pouco e será a primeira pessoa a inteirar-se, quando tomarmos a decisão. É agora, *adios*. – E o tenente-coronel recomeçou a subir a escada apressadamente.

– Só mais uma coisa, por favor! Desejava que me autorizasse a apresentar o assunto ao general Dreedle. Quero expor o meu protesto ao quartel-general.

– Acho bem. – O semblante de Korn assumiu certa tensão, como se desenvolvesse esforços para não soltar uma gargalhada.

– Muito obrigado. Julgo conveniente adverti-lo de que creio ter alguma influência junto do general Dreedle.

– É muito amável em me prevenir. Em troca, julgo conveniente adverti-lo de que ele não se encontra no quartel-general. – Desta vez, a gargalhada irrompeu sem restrições. – Temos um novo comandante. O general Peckem.

– O general Peckem! – repetiu o capelão, abismado.

– Exacto. Tem alguma influência junto dele?

– Nem sequer o conheço – protestou o capelão, desolado.

– É pena, porque o coronel Cathcart o conhece muito bem. – Korn tornou a rir por uns segundos e assumiu uma expressão grave com brusquidão. – A propósito – acrescentou, pousando o indicador no peito do interlocutor –, o seu jogo com o doutor Stubbs terminou. Sabemos perfeitamente que foi ele que o enviou para apresentar reclamações.

– O doutor Stubbs? Nem o vi. Fui trazido por três oficiais desconhecidos, que me levaram para a cave, para interrogar e insultar.

– Sabe muito bem que ele tem andado a dizer aos rapazes da sua esquadrilha que não devem participar em mais de setenta missões – volveu, exercendo pressão com o dedo. – Pois vão participar em mais de setenta, porque transferimos o doutor Stubbs para o Pacífico. *Adios*, reverendo.

[19](#) *Quod erat demonstrandum*: locução latina que significa «Como se pretendia demonstrar». (N. do T.)

§

Capítulo trigésimo sétimo GENERAL SCHEISSKOPF

Dreedle fora afastado, substituído pelo general Peckem, o qual já entrara no gabinete do seu antecessor para ocupar o seu lugar, quando a brilhante vitória militar começou a desmoronar-se em torno dele.

– *General Scheisskopf?* – perguntou, sem suspeitar de nada, ao sargento que lhe transmitiu a novidade. – Quer dizer *coronel* Scheisskopf, sem dúvida?

– Não, senhor. General Scheisskopf. Foi promovido esta manhã.

– É curioso... Scheisskopf? Ascendeu ao generalato? Com que posto, exactamente?

– Tenente-general e...

– Tenente-general!

– Sim, senhor, e não quer que transmita nenhuma ordem sem o consultar.

– Essa, agora! – resmungou o general Peckem, acrescentando uma imprecação que talvez fosse a primeira da sua vida. – Ouviu isto, Cargill? Scheisskopf foi promovido a tenente-general. Aposto que a promoção me era destinada e concederam-lha por engano.

– Porque nos dá ordens? – quis saber o interpelado, que se entretinha a coíar o queixo pensativamente.

– Exactamente, sargento. – A expressão distinta de Peckem concentrou-se de novo no subordinado portador da má nova. – Porque nos dá ordens, se continua nos Serviços Especiais e nós nas operações de combate?

– Isso deve-se a outra alteração verificada esta manhã. Todas as operações de combate passam a ficar sob a jurisdição dos Serviços Especiais. O

general Scheisskopf é o nosso novo comandante-geral.

– Santo Deus! – Peckem não conseguiu evitar uma exclamação aguda, ao mesmo tempo que o aprumo habitual e tradicional se desintegrava. – Scheisskopf, comandante-geral? *Scheisskopf?* – Cerrou os punhos e pousou-os nos olhos, horrorizado. – Ligue a Wintergreen, Cargill! *Scheisskopf?* Não pode ser!

Os telefones começaram a tocar todos simultaneamente e surgiu um cabo, que, depois de se perfilar e efectuar a saudação da praxe, anunciou:

– Está lá fora um capelão que lhe deseja falar de uma injustiça na esquadrilha do coronel Cathcart, general.

– Manda-o embora, manda-o embora! Injustiças já nós temos em excesso. Onde está Wintergreen?

– O general Scheisskopf encontra-se numa das linhas e deseja falar-lhe imediatamente, general.

– Diz-lhe que ainda não cheguei. Santo Deus! – uivou Peckem, como se só naquele momento abarcasse a enormidade da catástrofe que o assolava. – *Scheisskopf?* O homem é obtuso como uma chapa de zinco ondulada. Fartei-me de o flagelar e agora é meu superior. Que o Céu nos acuda! Não me abandone, Cargill! Onde pára Wintergreen?

– Está o ex-sargento Wintergreen ao telefone, general – informou o cabo. – Tem tentado contactar consigo durante toda a manhã.

– Não consigo contactar com Wintergreen – bradou o coronel Cargill. – A linha está ocupada.

Transpirando como um estivador tropical, o general precipitou-se para o outro telefone.

– Wintergreen!

– Peckem, seu filho da mãe...

– Wintergreen, já sabe o que fizeram?

– ... que foi você fazer, seu bastardo estúpido?

– Colocaram Scheisskopf no comando de tudo!

– Você e os seus malfadados memorandos! – Wintergreen estava quase histérico de fúria e pânico. – Foram entregues e transferiram as operações

de comando para os Serviços Especiais!

– Não me diga! – gemeu Peckem. – Foi esse o motivo? Os meus memorandos? Foi isso que os levou a confiar o comando-geral a Scheisskopf?

– Porque você já não estava nos Serviços Especiais. Transferiu-se e deixou-os a cargo dele. E sabe o que pretende? Sabe o que o bastardo quer que façamos?

– Acho conveniente atender a chamada do general Scheisskopf, general – suplicou o sargento, com nervosismo. – Ele insiste em falar com alguém.

– Atenda você, Cargill. Eu não posso. Veja o que quer.

O coronel escutou Scheisskopf por um momento e tornou-se pálido como um lençol.

– Santo Deus! – exclamou, enquanto o auscultador se lhe soltava da mão.

– Sabe o que pretende? Que marchemos. Quer pôr toda a gente a marchar!

§

Capítulo trigésimo oitavo A IRMÃ MAIS NOVA

Yossarian marchou para trás com a arma no coldre e recusou-se a participar em mais missões. Marchava para trás, porque se voltava constantemente enquanto caminhava, para ter a certeza de que ninguém se movia sub-repticiamente atrás dele. Cada som na sua retaguarda constituía uma advertência, cada pessoa com quem se cruzava um assassino potencial. Conservava constantemente a mão pousada na coronha da pistola e só sorria a Joe Faminto. Anunciou aos capitães Piltchard e Wren que não tornaria a voar e eles omitiram-lhe o nome da escala para a missão seguinte, após o que comunicaram o assunto ao quartel-general do grupo.

– Que história é essa de não querer participar em mais missões – articulou o tenente-coronel Korn, com um sorriso divertido, enquanto o coronel Cathcart se refugiava a um canto, a fim de ponderar o significado sinistro da aparição do nome Yossarian para o flagelar mais uma vez. – Porquê?

– O seu amigo Nately perdeu a vida na colisão sobre Espézia. Talvez seja por isso.

– Julga-se porventura Aquiles? – Korn sentiu-se encantado com a imagem e tomou nota mentalmente para a repetir na próxima vez que se achasse na presença do general Peckem. – Tem de participar em mais missões. Que remédio! Diga-lhe que nos comunicará o assunto, se não mudar de ideias.

– Já o fizemos, mas ficou impávido.

– Que diz o major Major?

– Nunca mais o vimos. Dá a impressão de que desapareceu.

– Quem dera que o pudéssemos desaparecer! – grunhiu o coronel Cathcart, do seu canto. – Como fizeram a Dunbar.

– Há muitas outras maneiras de nos ocuparmos dele – garantiu Korn, que voltou a dirigir-se a Piltchard e Wren. – Começaremos pela mais suave. Mandem-no descansar para Roma, por uns dias. É possível que a morte desse rapaz o perturbasse um pouco.

Na verdade, a morte de Nately quase também matara Yossarian, porque quando informou a prostituta de Nately em Roma, esta soltou um uivo lancinante e tentou apunhalá-lo mortalmente com uma faca de pelar batatas.

– *Bruto!* – vociferou dominada por fúria histérica, no momento em que ele lhe torceu o braço atrás das costas e fez a faca soltar-se-lhe dos dedos. – *Bruto! Bruto!*

Acto contínuo recorreu às unhas aguçadas da mão livre e conseguiu produzir-lhe alguns sulcos rubros na face, em que a seguir cuspiu com ferocidade.

– Que mosca te mordeu? – rugiu Yossarian, repelindo-a com um impulso que a obrigou a embater na parede. – Que pretendes de *mim*?

Ela voltou a investir, desta vez com os punhos, conseguindo fazer-lhe verter sangue dos lábios antes de a neutralizar. As lágrimas rolavam livremente pelas faces alteradas pelo ódio, enquanto se debatia num frenesim alucinado, ao mesmo tempo que não parava de bradar «*Bruto! Bruto!*», sempre que ele tentava explicar melhor a situação. Era quase tão alta como Yossarian e, por uns breves, porém, aterrorizantes momentos, ele receou que acabasse por o derrubar e arrancar os membros, um a um, antes que tivesse ensejo de ripostar. Desejava pedir socorro, enquanto lutavam cegamente, até que, por fim, a rapariga revelou cansaço e ele logrou convencê-la a serenar um pouco e deixá-lo falar, jurando que a morte de Nately não ocorrera por sua culpa. No entanto, a bonança não se prolongou, e ela precipitou-se novamente para a faca e, antes que fosse desarmada, pôde produzir-lhe um corte excruciante num tornozelo. Por último, Yossarian arrancou-lha da mão, lançou-a pela janela e emitiu um suspiro de alívio, apesar da dor que sentia.

– Agora, deixa-me explicar-te uma coisa – propôs em tom conciliador.

Como resposta, recebeu um pontapé na virilha que o privou de alento por uns segundos, ao mesmo tempo que ajoelhava no chão, numa tentativa para se recompor, enquanto a prostituta de Nately desaparecia. Ele levantou-se com certa dificuldade, e congratulou-se por o ter feito, porque a viu surgir, agora munida de uma faca de cortar pão. Sem perda de um segundo em lhe perguntar as intenções de que se achava animada, sobretudo porque não havia pão visível nas proximidades, mergulhou na direcção das suas pernas e obrigou-a a cair de costas com um baque impressionante. A faca soltou-se e Yossarian afastou-a para longe com um pontapé. Ela levantou-se com prontidão, olhou em volta à procura de um míssil eficiente, correu para uma cadeira, ergueu-a acima da cabeça e enviou-a com todo o vigor que conseguiu reunir, acertando no toucador cheio de pentes, escovas de cabelo e boiões de cosméticos, nos quais causou estragos consideráveis.

– Que pretendes de mim, afinal? – persistiu ele, ofegante. – Não fui eu que o matei.

Ela atirou-lhe à cabeça um pesado cinzeiro de vidro, que Yossarian evitou, cerrando o punho para lhe atingir o estômago quando efectuou nova investida, mas mudou de ideias com receio de a magoar. Desejava acertar-lhe no plexo solar e pô-la a dormir, para se poder retirar, todavia, ela bloqueava a porta. O ataque seguinte surgiu sob a forma de um jarrão, seguido de uma garrafa de vinho, que utilizou directamente, forçando-o a tombar de joelhos mais uma vez. Todavia, acima de tudo, Yossarian sentia-se embaraçado. A mulher parecia empenhada em matá-lo e ele não entendia o que se passava. Não vislumbrava, nem de longe, o que *devia fazer*. Mas sabia que tinha de se salvar por qualquer meio, pelo que se lançou na direcção da porta quando a viu erguer a garrafa pela segunda vez e afundou-lhe a cabeça na cintura. O impulso adquirido fez com que a arrastasse para a cama, onde caiu pesadamente, com ele por cima, entre as pernas. Depois de a desarmar, conservou-se imóvel, sem saber como poderia levantar-se e alcançar a saída sem se tornar vulnerável. Ao mesmo tempo, o contacto suscitava-lhe ideias de natureza sexual que o envergonhavam. Estava

consciente do corpo voluptuoso sob o seu e, de súbito, apercebeu-se de que ela já não se debatia e, ao invés, imprimia um movimento ondulatório à região pélvica, o que o levou a soltar uma exclamação de surpresa não destituída de prazer.

– *Caro* – murmurou ela em voz rouca das profundezas de um transe tranquilo e sensual. – Hoooo, *caro mio*.

Ele acariciou-lhe o cabelo, ao mesmo tempo que ela lhe procurava os lábios com paixão crescente. Em seguida, lambeu-lhe o pescoço, rodeou-lhe o tronco com os braços e apertou-o. Yossarian sentia-se afundar em amor, à medida que os beijos se sucediam e prolongavam e uma das mãos lhe desabotoava as calças com rapidez e eficiência, enquanto a outra tateava em volta e localizava a faca de cortar pão, que se encontrava junto da cama quase ao nível do chão. Ele conseguiu salvar-se no último instante, perplexo por ela ainda o querer matar. Sentia-se chocado e abismado pelo subterfúgio depravado a que recorrera e levantou-se depois de a privar da aguçada lâmina. Hesitou sem saber se devia precipitar-se para a saída e alcançar a liberdade ou deixar-se cair de novo na cama para se apaixonar por ela e voltar a ficar à sua mercê. No entanto, a mulher solucionou-lhe o problema começando a chorar.

Desta vez, derramava lágrimas exclusivamente de dor, sem se achar animada de qualquer ideia vingativa. A sua desolação era patética e agora não subsistia a menor dúvida quanto à autenticidade da angústia. Os soluços abalavam-na como se fosse uma árvore secular sob a tempestade. Já não tinha consciência da presença de Yossarian, não lhe atribuía a mínima importância. Ele poderia ter-se retirado sem qualquer perigo, naquele momento. Não obstante, resolveu ficar para a consolar.

– Então, então... – murmurou desajeitadamente, rodeando-lhe o ombro com o braço e recordando a amargura que o assolara no avião quando regressava de Avinhão, enquanto Snowden gemia que tinha frio e não lhe ocorria nada de eficiente para o tranquilizar. – Então, então – repetiu em voz átona.

Ela pousou-lhe a cabeça no ombro e continuou a chorar até parecer demasiado extenuada para verter mais lágrimas, e não o olhou uma única vez antes de aceitar o lenço que lhe estendeu no final. Em seguida, limpou as faces com um leve sorriso, restituiu-lho murmurando «*Grazie, grazie*» e, de repente, sem a menor indicação prévia, ergueu as unhas aguçadas com a intenção de lhe atingir os olhos.

– Assassino! – uivou, e desenvencilhou-se para recuperar a faca.

Sacudindo a cabeça e parcialmente cego, ele levantou-se e moveu-se no seu encalço em passos incertos, porém, um ruído obrigou-o a voltar-se e estremecer, horrorizado, ao ver a irmã mais nova da prostituta de Nately avançar na sua direcção empunhando outra longa faca de cortar pão.

Arrancou-lha com um gesto brusco e perdeu inteiramente a paciência com a confusão grotesca e incompreensível. Tornava-se impossível prever quem apareceria a seguir para o atacar com uma faca na mão e pegou na irmã mais nova da prostituta de Nately, para a lançar contra a prostituta de Nately e abandonar o quarto e o apartamento, com ambas no seu encalço. Ouviu os passos distanciarem-se cada vez mais atrás dele, até que cessaram. Por fim, detectou soluços e, espreitando no vão da escada, divisou a prostituta de Nately sentada nos degraus, com a cabeça entre as mãos, lavada em lágrimas, enquanto a pagã e irreprimível irmã mais nova se debruçava perigosamente no corrimão e gritava «*Bruto! Bruto!*», ao mesmo tempo que brandia a faca de cortar pão, como se fosse um brinquedo novo e excitante que ansiava por utilizar.

Yossarian afastou-se, embora continuasse a olhar periodicamente por cima do ombro, até que alcançou a rua, onde as pessoas o fitavam com curiosidade e tornavam ainda mais apreensivo. Estugou o passo, perguntando-se o que haveria no seu aspecto susceptível de despertar a atenção, e quando levou a mão a um ponto sensível da fronte, viu os dedos manchados de sangue e compreendeu, pelo que se apressou a passar o lenço pelo rosto e pescoço, o que lhe permitiu verificar que sangrava praticamente de toda a parte. Entrou no edifício da Cruz Vermelha e refugiou-se nas instalações sanitárias, onde lavou os numerosos ferimentos visíveis com

água fria e sabão, após o que endireitou a gravata e penteou-se. Nunca vira um rosto com tantas escoriações como o que o espelho reflectia e perguntou-se mais uma vez o que a mulher pretenderia dele.

Quando emergiu das instalações sanitárias, a prostituta de Nately aguardava-o, emboscada. Agachava-se, encostada à parede, junto do fundo da escada, e não perdeu tempo em investir com uma reluzente faca de trinchar carne. Yossarian quebrou-lhe o ímpeto com o cotovelo erguido e aplicou-lhe um soco no queixo, amparando-a antes de atingir o chão, onde ficou sentada, sem dar acordo de si. Em seguida, deixou o edifício e percorreu a cidade durante três horas à procura de Joe Faminto, para poder abandonar Roma antes que ela tornasse a localizá-lo. Na verdade, não se sentiu em segurança até que o avião descolou. Quando aterraram em Pianosa, a prostituta de Nately, disfarçada com um fato-macaco de mecânico, aguardava-o munida de uma faca de trinchar carne no lugar exacto em que o aparelho se imobilizou, e a única coisa que lhe evitou um profundo ferimento no peito foi a circunstância de ela, que não tomara a precaução de trocar os sapatos de saltos altos por outros mais apropriados à tarefa em vista, escorregar no momento crítico. Abismado e perplexo, Yossarian levou-a para bordo e conservou-a em respeito no sobrado, enquanto Joe Faminto pedia autorização à torre de controlo para se deslocar de novo a Roma, onde a largou na pista, para regressarem imediatamente a Pianosa, sem sequer desligarem os motores. Respirando com dificuldade, observava cada vulto com que se cruzava com profunda desconfiança, enquanto se encaminhava para o recinto da esquadilha com Joe Faminto.

– Tens a certeza de que não imaginaste tudo? – perguntou este último, após um longo silêncio.

– Bem viste o que aconteceu. Aliás, acabas de a levar a Roma.

– Talvez eu também imaginasse tudo. Porque te queria ela matar?

– Nunca simpatizou comigo. Provavelmente porque parti o nariz de Nately ou por ser a única pessoa presente em que podia descarregar o ódio, quando recebeu a notícia. Achas que voltará?

Yossarian visitou o Clube dos Oficiais, naquela noite, onde permaneceu até tarde, e ao regressar à tenda conservava os olhos bem abertos, para a eventualidade de a prostituta de Nately o aguardar na sombra. Estacou, no momento em que a viu dissimulada entre os arbustos, empunhando uma faca de trinchar enorme e disfarçada de agricultor de Pianosa. Movendo-se com extrema precaução, contornou o local e surpreendeu-a pelas costas.

– Caramba – exclamou ela, enfurecida, resistindo como uma gata selvagem, enquanto a arrastava para a tenda, onde a largou no chão.

– Que se passa? – inquiriu um dos companheiros, em voz sonolenta.

– Mantenham-na aqui até eu voltar! – ordenou Yossarian, arrancando-o da cama e correndo para a saída. – Cuidado, que é brava!

– Se me deixarem matá-lo, dou uma geral – prometeu ela.

Os outros ocupantes da tenda levantaram-se quando viram que se tratava de uma mulher e tentaram obrigá-la a cumprir a promessa primeiro, enquanto Yossarian procurava Joe Faminto, que dormia como um bebé. Retirou-lhe o gato de Huple de cima do rosto e sacudiu-o com brusquidão, até que acordou. Quando se inteirou da situação, Joe Faminto vestiu-se rapidamente e desta vez conduziram o avião para norte e retrocederam para a Itália, muito para além das linhas inimigas. Quando sobrevoavam a área plana, enfiaram um pára-quadras na prostituta de Nately e lançaram-na no espaço, após o que Yossarian se convenceu de que se livrara final e definitivamente dela. Quando se aproximava da sua tenda, em Pianosa, um vulto ergueu-se de uns arbustos e ele desmaiou. Quando recuperou o conhecimento, sentou-se no chão e aguardou que a faca o atingisse, quase desejando o golpe mortal que lhe concederia a paz eterna. Ao invés, porém, uma mão amiga ajudou-o a levantar-se. Pertencia a um piloto da esquadrilha de Dunbar.

– Como vai isso? – perguntou este último, num murmúrio.

– Menos mal.

– Vi-te cair, há pouco, e julguei que te tinha acontecido alguma coisa.

– Creio que desmaiei.

– Consta na minha esquadrilha que disseste que não participavas em mais missões de combate.

– É verdade.

– Mais tarde, informaram do grupo que o rumor não era exacto e não passava tudo de brincadeira tua.

– É mentira.

– Pensas que te deixam safar com isso?

– Não sei.

– Achas que te levam a conselho de guerra por deserção perante o inimigo?

– *Idem*, aspas.

– Oxalá te safes – disse o piloto da esquadrilha de Dunbar, desaparecendo na sombra. – Vai dando notícias.

Yossarian fixou o olhar na sua direcção por um momento e prosseguiu em direcção à tenda.

– Pssst! – sussurrou alguém, a curta distância. Era Appleby, oculto atrás de uma árvore. – Como vai isso?

– Menos mal.

– Ouvi dizer que te iam levar a conselho de guerra por deserção perante o inimigo. Mais tarde, constou-me que não se atreviam, porque receiam não dispor de provas suficientes e ficavam malvistos perante os novos comandantes. De resto, ainda és um herói por teres sobrevoado Ferrara duas vezes. Desconfio que és o maior herói actualmente existente no grupo. Julguei conveniente prevenir-te de que era tudo *bluff*.

– Obrigado, rapaz.

– Foi a única razão por que voltei a falar contigo. Para te prevenir.

– Aprecio profundamente o gesto.

– Lamento aquela nossa desavença no Clube dos Oficiais – proferiu Appleby, movendo os pés com lentidão, como se estivessem mergulhados numa poça.

– Não se fala mais nisso.

– Mas não fui eu que a provoquei. A culpa foi de Orr, por me ter arreado na cara com a raqueta de pingue-pongue. Porque o faria?

– Estavas a ganhar.

– Não era essa a ideia? Não é a finalidade do jogo? Agora que morreu, penso que já não interessa se sou melhor jogador.

– Pois não.

– E lamento ter provocado tanta celeuma por causa dos comprimidos Atabrine. Se queres contrair malária, ninguém tem nada com isso.

– Não te preocupes com essas coisas.

– Mas estava empenhado em cumprir o meu dever. Obedecia a ordens. Sempre me ensinaram a obedecer a ordens.

– Deixa lá isso, agora.

– Cheguei a dizer ao tenente-coronel Korn e ao coronel Cathcart que não te deviam obrigar a participar em mais missões se não querias e responderam que estavam muito desapontados comigo.

– Acredito – aquiesceu Yossarian, com um sorriso divertido.

– Bem, estou-me nas tintas. Já participaste em sessenta e uma, que diabo. Acho que chega. Pensas que deixam safares-te?

– Não.

– Se deixassem, tinham de fazer o mesmo aos outros, não era?

– É por isso que não deixam.

– Que te parece que farão?

– Não sei.

– Poderão levar-te a conselho de guerra?

– Não sei.

– Tens medo?

– Tenho.

– Vais participar em mais missões?

– Não.

– Oxalá consigas safar-te com a tua – murmurou Appleby, com convicção.

– Desejo-o sinceramente.

– Obrigado.

– Também não estou muito entusiasmado em continuar a voar, agora que tudo indica que vamos ganhar a guerra. Se me constar mais alguma coisa, previno-te.

– Obrigado.

– Olá! – chamou uma voz abafada e peremptória de entre os arbustos perto da tenda, depois de Appleby se afastar. Havermeyer agachava-se, parcialmente dissimulado, entretido a comer amendoins, enquanto as borbulhas e poros largos e oleosos se destacavam como escamas escuras. – Como vai isso?

– Menos mal – replicou Yossarian, aproximando-se.

– Tencionas participar em mais missões?

– Não.

– E se te obrigarem?

– Recuso.

– Tens medo?

– Tenho.

– Achas que te levam a conselho de guerra?

– São capazes de tentar.

– Que disse o major Major?

– Ninguém sabe dele.

– Desapareceram-no?

– Não sei.

– Que farás, se decidirem desaparecer-te?

– Tentarei impedi-los.

– Não te propuseram nada, no caso de queres voltar a voar?

– Piltchard e Wren disseram que tomariam providências para que só participasse em voos de reconhecimento.

– É uma proposta interessante. – O semblante de Havermeyer iluminou-se.

– Eu aceitava-a sem olhar para trás. Aposto que a agarraste pelos cabelos.

– Rejeitei-a.

– Foi uma estupidez. – Assumiu um ar consternado. – Por outro lado, uma proposta dessas não era muito justa para os outros. Se só participasses em

voos de reconhecimento, nós teríamos um número de missões de combate mais elevado.

– Sem dúvida.

– Isso não me agrada – declarou, endireitando-se, de punhos cerrados. – Não me agrada mesmo nada. Pretendiam lixar-nos, só porque um covarde como tu não quer participar em mais missões perigosas.

– Discute o assunto com eles – replicou Yossarian, pousando a mão na coronha da pistola.

– No fundo, não te censuro, embora não simpatize contigo. Também não estou muito entusiasmado em participar em tantas missões. Não haverá uma maneira de me safar?

– Procura uma arma e passa a marchar comigo.

– Não creio que fosse capaz. Podia atrair alguma desgraça sobre a minha mulher e filho, se procedesse como um covarde. Ninguém gosta dos cobardes. Quero ficar na reserva, quando a guerra acabar. Sempre se recebem quinhentos dólares por ano.

– Então, continua a participar em missões.

– Sim, acho que é o que vou fazer. Ouve cá: haverá alguma possibilidade de te afastarem das missões de combate e seres desmobilizado?

– Não.

– Mas se deixarem e puderes levar alguém contigo, prometes lembrar-te de mim? Não leves Appleby. Escolhe-me a mim.

– Por que carga de água haviam de fazer uma coisa dessas?

– Não sei. Mas se fizerem, não esqueças que fui o primeiro a pedir-te. E vai dizendo como te correm as coisas. Estarei aqui à tua espera, todas as noites. Se não te acontecer nada, talvez também resolva não participar em mais missões.

No fim da tarde e princípio das noites seguintes, surgiam-lhe repentinamente camaradas da escuridão, que perguntavam «Como vai isso?» e solicitavam informações confidenciais com expressões apreensivas, com base numa ou noutra amizade que ele nunca supusera que existia. Pessoas da esquadrilha que quase nem conhecia materializavam-se

bruscamente na sua frente, para lhe perguntar como se desenrolava a sua situação. Até homens de outras irrompiam da escuridão para o interrogar. Onde quer que passasse depois do pôr do Sol, havia alguém à sua espera animado das mesmas intenções. Brotavam das árvores e arbustos, das valas e vegetação rasteira, de recantos escuros entre tendas e de trás dos guarda-lamas de carros estacionados. Até um dos seus companheiros de tenda o abordou para perguntar como lhe corriam as coisas e suplicou que não revelasse aos outros o que fizera. Entretanto, Yossarian aproximava-se deles cautelosamente, com a mão pousada na pistola, pois não tinha possibilidade de determinar se um dos vultos não se converteria na prostituta de Nately ou, pior, num representante da autoridade governamental incumbido de o reduzir à inconsciência e arrastar para o calabouço. Com efeito, tudo indicava que as altas patentes teriam de optar por uma decisão do género. Não o queriam levar a conselho de guerra por deserção em face do inimigo, porque se encontrava a mais de duzentos quilómetros da frente de combate mais próxima, além de que fora ele quem acabara por destruir a ponte de Ferrara sobrevoando-a segunda vez e provocando a morte a Kraft – esquecia-se quase sempre deste último, quando contava os mortos seus conhecidos. Não obstante, eles tinham de tomar qualquer medida a seu respeito, e todos aguardavam com ansiedade para verem em que consistiria.

Ao longo do dia, evitavam-no, incluindo Aarfy, e Yossarian reconhecia que durante esse período eram pessoas diferentes das da noite. Não se preocupava absolutamente nada com eles, quando caminhava para trás com a mão pousada na pistola e esperava as últimas lisonjas, ameaças e estímulos sempre que os capitães Piltchard e Wren regressavam de mais uma reunião urgente com o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn. Joe Faminto raramente o procurava e a única outra pessoa que lhe falava era o capitão Black, que lhe chamava «Corajoso da Velha Guarda» em tom sarcástico cada vez que se cruzavam e voltou de Roma, perto do final da semana, para lhe comunicar que a prostituta de Nately desaparecera. Yossarian sentiu-se pesaroso, com uma ponta de remorso, e reconheceu que tinha saudades dela.

– Desapareceu? – repetiu em voz átona.

– Exacto. – O capitão Black soltou uma risada e semicerrou os olhos congestionados de cansaço. Esfregando-os demoradamente com os dedos, acrescentou: – Resolvi dar-lhe uma pinocada, em memória dos bons velhos tempos, e não a encontrei. Para que o corpo de Nately desse algumas voltas no túmulo. Ah, Ah! Lembras-te de como eu costumava entrar com ele? A casa estava vazia.

– Não sabem do paradeiro dela? – insistiu Yossarian, que pensava nela com frequência e amargura, no seu sofrimento, sentindo-se quase solitário e abandonado sem os seus ferozes e incessantes ataques.

– Não ficou ninguém! – exclamou o outro, jovialmente. – Não compreendes? A casa foi totalmente evacuada. Partiram todas.

– Partiram?

– Sim, partiram. Foram varridas para a rua. – Tornou a rir, e a maçã-de-adão moveu-se com insistência no pescoço quase esquelético. – A PM invadiu a casa e expulsou as prostitutas. Boa piada, hem?

– Porque fizeram isso? – Yossarian experimentou uma sensação de medo e começou a tremer.

– Que interessa? – replicou Black, com um gesto exuberante. – Correram com todas. Não ficou nem uma para semente!

– E a irmã mais nova?

– Foi para a rua com as outras.

– Mas não passa de uma criança! – objectou Yossarian, acalorado. – Não conhece ninguém na cidade. Que lhe vai acontecer?

– Quero lá saber disso! – Black encolheu os ombros com indiferença e, de súbito, fitou o interlocutor com curiosidade. – Que tens? Se soubesse que ficavas tão impressionado, tinha largado tudo para te informar imediatamente... Onde vais? Vem cá e engole o fel na minha frente!

§

Capítulo trigésimo nono A CIDADE ETERNA

Yossarian ausentara-se da esquadrilha sem autorização com Milo, o qual, quando o avião se aproximava de Roma, abanou a cabeça num gesto de reprovação e, com lábios piedosos franzidos, anunciou em inflexão eclesiástica que se envergonhava dele. Yossarian concordou com um aceno. Na verdade, proporcionava um espectáculo deplorável movendo-se para trás por todos os lados com a mão pousada na coronha da pistola e negando-se a participar em mais missões de combate, atitude que revelava deslealdade para com a sua esquadrilha e provocava embaraço aos superiores, para não falar (embora falasse com insistência) na posição desconfortável de Milo. Os homens começavam a resmungar. Não era justo que Yossarian pensasse apenas na sua segurança, enquanto outros, como Milo, o coronel Cathcart, o tenente-coronel Korn e o ex-PFC Wintergreen, estavam dispostos a fazer tudo ao seu alcance para ganhar a guerra. Os homens com setenta missões começavam a resmungar porque tinham de participar em oitenta e existia o perigo de alguns passarem a andar armados e começarem a caminhar para trás. O moral deteriorava-se e a culpa pertencia inteiramente a Yossarian. A pátria corria perigo e ele comprometia os seus direitos tradicionais de liberdade e independência ao atrever-se a exercê-los.

Enquanto Milo desbobinava o estendal de acusações, Yossarian, sentado no lugar do co-piloto, limitava-se a inclinar a cabeça e a esforçar-se por não o escutar. Dominava-lhe o pensamento a prostituta de Nately, assim como Kraft, Orr, Nately, Dunbar, Kid Sampson, McWatt e todos os homens

infortunados, estúpidos e acabrunhados que vira na Itália, Egipto e Norte de África e sabia encontrarem-se também noutras áreas do mundo, sem esquecer Snowden e a irmã mais nova da prostituta de Nately. Julgava conhecer o motivo pelo qual a prostituta de Nately o considerava responsável da morte deste e pretendia matá-lo. E, no fundo, porque não? Era um mundo de homens, e ela e todas as pessoas mais jovens tinham o direito de o acusar e a todos os mais velhos da tragédia esmagadora que os assolava, tal como ela, mesmo na sua dor, merecia censuras por todos os homens que tinham relações íntimas com a irmã mais nova e todas as outras garotas atrás dela. Cada vítima era culpada, cada culpada vítima, e alguém devia erguer-se, mais cedo ou mais tarde, para tentar quebrar a corrente imunda do hábito herdado que as flagelava. Em algumas partes da África, ainda se roubavam crianças para o mercado de escravos, onde eram vendidas a homens que as desmembravam e comiam. Yossarian surpreendia-se que garotos pudessem sujeitar-se a tão bárbaros sacrifícios sem o menor indício de medo ou dor. Estava convencido de que se submetiam com estoicismo, de contrário o costume decerto se teria extinguido, porquanto nenhum desejo de abundância ou imortalidade poderia ser suficientemente elevado para subsistir à amargura de crianças.

Milo observou que sacudia o barco e ele acenou afirmativamente mais uma vez. O outro acusou-o de não ser um bom membro da equipa e voltou a concordar, continuando a escutá-lo, enquanto lhe dizia que a única coisa decente que tinha a fazer, se não gostava da forma como o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn dirigiam o grupo consistia em partir para a Rússia, em vez de instaurar um clima de instabilidade. Yossarian absteve-se de observar que o coronel Cathcart, o tenente-coronel Korn e Milo também podiam partir para a Rússia, se não gostavam da forma como instaurava o clima de instabilidade. E Milo acrescentou que Cathcart e Korn o haviam tratado de maneira a todos os títulos louvável, ao conceder-lhe uma medalha após a missão a Ferrara e promovê-lo a capitão. Porventura não o alimentavam e pagavam o vencimento pontualmente, todos os meses? Aliás, estava convencido de que se mostrariam caritativos se decidisse pedir

desculpa e retractar-se e promettesse continuar a participar em missões de combate até completar as oitenta. Yossarian disse que pensaria no assunto e conteve o alento e rezou por uma aterragem sem contratemplos, no momento em que o companheiro baixou o trem e apontou à pista. Ao mesmo tempo, afigurava-se-lhe curioso que tivesse acabado por detestar voar.

Verificou que Roma estava em ruínas. O aeródromo fora bombardeado oito meses antes e os montes de escombros tinham sido acumulados em ambos os lados da entrada, junto da vedação de arame. O Coliseu sofrera estragos consideráveis e o Arco de Constantino ruíra. O apartamento da prostituta de Nately encontrava-se transformado num caos. As raparigas haviam partido, restanto apenas a velha, que se apresentava envolta em camisolas e saias, com um xaile na cabeça. Sentava-se numa cadeira diante de um fogão eléctrico, braços cruzados sobre o peito, à espera que fervesse a água de uma panela de alumínio, e falava para consigo, quando Yossarian entrou, passando a gemer no momento em que o viu.

– Foram-se – articulou, antes que ele pudesse interrogá-la, balouçando o tronco com lentidão. – Foram-se.

– Quem?

– Todas. Todas as pobres raparigas.

– Para onde?

– Para a rua. Todas elas. Foram expulsas, todas as pobres raparigas.

– Por quem?

– Os militares altos e malvados de capacetes brancos e bastões. E pelos nossos *carabinieri*. Apareceram com os seus bastões e expulsaram-nas. Nem as deixaram levar os casacos. Coitadas... Expulsaram-nas para o frio.

– Prenderam-nas?

– Expulsaram-nas. Limitaram-se a expulsá-las.

– Então, porque o fizeram, se não as prenderam?

– Não sei – soluçou ela. – Não sei. Quem vai cuidar de mim? Quem vai cuidar de mim, agora que todas as pobres raparigas se foram? Quem vai cuidar de mim?

– Deve ter havido um motivo – persistiu Yossarian, desferindo um soco na palma da outra mão. – Não podiam invadir a casa e expulsá-las sem uma razão.

– Não havia motivo nenhum – murmurou a velha. – Nenhum.

– Com que direito o fizeram?

– O Artigo Vinte e Dois.

– *O quê?* – Ele estremeceu, alarmado. – Que disse?

– O Artigo Vinte e Dois – repetiu ela, movendo a cabeça para cima e para baixo. – O Artigo Vinte e Dois diz que podem fazer tudo e que não os podemos impedir de fazer.

– Que está para aí a dizer? – vociferou ele, irritado. – Como sabe que foi o Artigo Vinte e Dois? Quem lhe falou dele?

– Os militares de capacetes brancos e bastões. As pequenas choravam. «Que mal fizemos?», perguntavam. Em vez de responderem, eles empurraram-nas para a porta com as pontas dos bastões. «Porque nos põem fora?», insistiram elas. «Por causa do Artigo Vinte e Dois», explicaram-lhes. E fartaram-se de o repetir.

– Não o mostraram? Não os obrigaram a lê-lo?

– Eles não precisam de nos mostrar o Artigo Vinte e Dois. A lei diz que não são obrigados.

– Qual lei?

– O Artigo Vinte e Dois.

– Tretas! – exclamou, exasperado. Olhou em volta com uma expressão desconsolada e perguntou: – Onde está o velho?

– Foi-se.

– Foi-se?

– Morreu. – A mulher pousou o indicador na cabeça. – Qualquer coisa avariou-se, aqui dentro. Parecia normal e, de repente, apagou-se.

– Mas não pode ter morrido!

Não obstante, Yossarian compreendeu que era verdade e lógico. Uma vez mais, o velho alinhara ao lado da maioria.

Em seguida, percorreu o apartamento com ar melancólico, espreitando com curiosidade pessimista em todos os aposentos. Tudo o que era de vidro fora destruído pelos homens dos bastões. Cortinados e roupa de cama rasgados amontoavam-se no chão. Havia cadeiras, mesas e cómodas voltadas. Nada do que era quebrável ficara inteiro. A destruição podia considerar-se total. Um grupo de vândalos alucinados não teria feito melhor. Todas as janelas se apresentavam partidas e a escuridão penetrava como uma neblina opaca em cada dependência através das vidraças fragmentadas. Yossarian conseguia imaginar os passos pesados dos homens da Polícia Militar de capacetes brancos. Adivinhava-lhes as expressões sádicas com que se entregavam à obra de extermínio, em obediência a uma noção deformada de direito e dedicação. Todas as pobres raparigas tinham partido. Não ficara ninguém, à parte a velha de voz plangente, envolta em numerosas camisolas e xaile, que também não tardaria a imitá-las.

– Foram-se – voltou, quando ele reapareceu. – Agora, quem tomará conta de mim?

– Sabe da pequena de Nately?

– Partiu.

– Sim, mas alguém sabe para onde?

– Partiu.

– E a irmã... Que lhe aconteceu?

– Partiu – tornou ela, em voz monótona.

– Percebe o que estou a dizer? – inquiriu ele com brusquidão, fitando-a com intensidade para verificar se não lhe falava imersa em coma. – Que aconteceu à irmã mais nova, à garota?

– Partiu, partiu – retorquiu a velha, com um encolher de ombros, irritada com a insistência. – Foi expulsa com as outras. Nem a deixaram pegar no casaco.

– Para onde foi?

– Não sei. Não sei.

– Quem cuidará dela?

– Quem cuidará de mim?

– Suponho que ela não conhece ninguém?

– Quem cuidará de mim?

Yossarian deixou algum dinheiro no regaço dela – era espantoso como o dinheiro parecia bastar para reparar a maioria dos males – e abandonou o apartamento, amaldiçoando o Artigo 22 com veemência enquanto descia a escada, embora soubesse que não passava de um mito. Estava convencido que o Artigo 22 não existia, mas no fundo isso não interessava. O essencial era que todos julgavam o contrário, o que se podia considerar muito pior, porque não havia nenhum texto para ridicularizar ou refutar, acusar, criticar, atacar, rectificar, detestar, ridicularizar, reduzir a pedaços, espezinhar ou queimar.

Fazia frio na rua escura e formara-se uma neblina espessa que escorria das paredes das casas e pedestais dos monumentos. Dirigiu-se apressadamente ao local onde Milo aguardava e retractou-se. Declarou que estava arrependido e, consciente de que mentia, prometeu participar em todas as missões que o coronel Cathcart quisesse, se Milo recorresse à sua influência em Roma para o ajudar a localizar a irmã mais nova da prostituta de Nately.

– É uma pobre virgem de doze anos – explicou com ansiedade – e quero encontrá-la antes que seja tarde de mais.

Milo reagiu ao sorriso com um sorriso benevolente e anunciou com júbilo:

– Conheço exactamente a virgem de doze anos que pretendes. Tem apenas trinta e quatro, mas foi educada segundo uma dieta de baixo conteúdo de proteínas e só começou a dormir com homens quando...

– Estou a falar de uma criança! – interrompeu Yossarian, impaciente. – Não compreendes? Não quero dormir com ela, mas ajudá-la. Tu tens filhas. É uma autêntica miúda e está só nesta cidade sem ninguém que a proteja. Não entendes ao que me refiro?

Na verdade, Milo entendia perfeitamente e achava-se enternecido.

– Orgulho-me de ti, rapaz. Nem imaginas como me alegra verificar que o sexo não figura sempre nas tuas prioridades. Também tens princípios. Claro que tenho filhas e sei perfeitamente ao que te referes. Havemos de a

encontrar, não te preocupes. Vem comigo e havemos de a encontrar, ainda que seja preciso virar a cidade do avesso. Acompanha-me.

Yossarian acompanhou-o no carro de comando da firma M & M, para procurarem um moreno e desmazelado comissário da Polícia de bigode preto e fino e dólman desabotoado, o qual se entretinha a apalpar uma mulher nutrida com verrugas e queixo duplo quando eles entraram no gabinete e quase se rojou aos pés de Milo como se fosse uma alta individualidade.

– Ah, *marchese* Milo! – proferiu, extasiado, transferindo a mulher de cima dos joelhos para o chão, sem se dignar olhá-la. – Porque não preveniu da sua vinda? Podia ter preparado uma recepção festiva, com um beberete seguido de baile. Entre, entre, *marchese*. É tão raro honrar-nos com a sua visita...

– Olá, Luigi – replicou Milo, consciente de que não havia um momento a perder. – Preciso da sua colaboração. Este meu amigo quer encontrar uma rapariga.

– Uma rapariga, *marchese*? – repetiu Luigi, coçando o queixo pensativamente. – Roma está cheia delas. Para um oficial americano, não é difícil arranjar uma jeitosa.

– Não compreendeu. Ele precisa de encontrar com urgência uma virgem de doze anos.

– Ah, estou a ver. Uma virgem é capaz de custar um pouco mais a encontrar. Mas se ele aguardar no terminal de autocarros onde costumam chegar as jovens do campo à procura de trabalho...

– Continua a não compreender! – Milo passou a exprimir-se num tom tão autoritário, que o outro se levantou de um salto e perfilou, ao mesmo tempo que começava a abotoar o dólman, confuso. – Trata-se de uma velha amiga da família e queremos ajudá-la. Não passa de uma criança. Encontra-se só na cidade e precisamos de a localizar antes que alguém a moleste. Entendeu agora? Isto reveste-se de particular importância para mim. Tenho uma filha exactamente da mesma idade, e nada me interessa tanto neste momento como salvá-la antes que seja demasiado tarde. Está disposto a colaborar?

– *Si, marchese*, agora compreendi perfeitamente. Garanto-lhe que farei tudo ao meu alcance para a encontrar. Mas esta noite luto com falta de pessoal. Mandei quase todos os meus homens interceptar um carregamento ilegal de tabaco.

– Um carregamento ilegal de tabaco?

– Milo... – murmurou Yossarian, pressentindo instantaneamente que lutava por uma causa perdida.

– *Si, marchese* – confirmou Luigi. – O lucro proporcionado pelo tabaco ilegal é tão elevado que se torna quase impossível controlar o seu contrabando.

– Dá um lucro assim tão elevado? – inquiriu Milo, enquanto as narinas oscilavam de avidez.

– Milo... – suplicou Yossarian. – Podes dar-me um pouco de atenção?

– *Si, marchese* – persistiu Luigi. – Pode mesmo considerar-se elevadíssimo. O contrabando constitui um escândalo nacional, uma autêntica calamidade.

– Palavra? –olveu Milo, com um sorriso apreensivo, principiando a mover-se para a porta, como se estivesse em transe.

– Milo! – bradou Yossarian, avançando impulsivamente para o interceptar. – Tens de me ajudar.

– Tabaco ilegal – explicou o outro, com uma expressão de cupidez epiléptica, desprendendo-se. – Larga-me. Tenho de contrabandear tabaco ilegal.

– Espera e ajuda-me a encontrá-la – implorou Yossarim. – Podes contrabandear-lo amanhã.

Mas Milo não o ouvia e continuava a mover-se para a saída, como se tencionasse dedicar-se a uma cruzada altruísta que só surgia uma vez na vida de uma pessoa. Por fim, Yossarian desviou-se com resignação, enquanto o comissário da Polícia voltava a desabotoar o dólman e o olhava com desdém.

– Que pretende daqui? – perguntou friamente. – Quer que o meta numa cela?

Yossarian abandonou o edifício e enveredou pela rua escura e solitária como um túmulo, depois de se cruzar no átrio com a mulher nutrida com verrugas e queixo duplo, que se apressava a regressar ao convívio de Luigi. Não havia vestígios de Milo nem luz em qualquer das janelas. A artéria deserta subia continuamente ao longo de vários quarteirões e ele distinguiu o clarão de uma larga avenida no topo. A esquadra da Polícia situava-se quase no fundo e a luz azulada brilhava à entrada, através da neblina, como uma lanterna. Caía um chuvisco glacial e Yossarian começou a trepar lentamente a encosta íngreme. Não tardou a avistar um restaurante de aspecto convidativo, com cortinados vermelhos nas janelas e um tubo de néon junto da porta, onde se lia: «RESTAURANTE TONY. COMIDA E VINHOS DE EXCELENTE QUALIDADE. NÃO ENTREM.» A advertência surpreendeu-o apenas por um momento. Já nada de extraordinário parecia bizarro no ambiente estranho e distorcido que o circundava. Os topos dos edifícios inclinavam-se numa perspectiva singular, surrealista, e a rua parecia disposta segundo um ângulo inverosímil. Levantou a gola do confortável capote de lã e apertou-a com os dedos, reflectindo que fazia uma noite particularmente agreste. Um garoto de camisa fina e calção andrajoso destacou-se da escuridão nos seus pés descalços. O rosto de aspecto doentio apresentava-se pálido e triste. Os pés produziam sons suaves, quase tétricos, nas poças de água, e Yossarian enterneceu-se a tal ponto que lhe apetecia esmagar o semblante amargurado e eliminá-lo da existência, porque lhe recordava *todos* os semblantes pálidos, tristes e doentios da Itália que naquela noite necessitavam de sapatos e roupa minimamente confortável. Fazia com que lhe acudissem à memória todos os homens e mulheres, inválidos, famintos, flagelados pelo frio e todas as mães apáticas, passivas e devotas de olhar perdido algures no passado que se moviam pelas ruas, naquela mesma noite, com crianças nos braços, insensíveis à chuva glacial. Como se aguardasse a deixa, uma mãe apática, passiva e devota de olhar perdido passou a seu lado com o filho nos braços, e ele sentiu vontade de a esmurrar igualmente, porque lhe recordava o rapaz descalço de camisa fina e calção andrajoso e toda a miséria de um

mundo que ainda não conseguira produzir conforto, alimentação e justiça suficientes senão para um punhado de indivíduos engenhosos e destituídos de escrúpulos. Que Terra abominável! Perguntou-se quantos necessitados haveria naquela noite no seu próprio país – quantos lares se resumiam a pardieiros, quantos maridos afogavam a amargura no álcool, quantas esposas eram espancadas pelos companheiros embriagados e quantas crianças sofriam maus tratos ou o abandono puro e simples? Quantas famílias ansiavam por obter comida inacessível para as suas reduzidas ou nulas posses? Quantos corações eram amargurados? Quantos suicídios ocorreriam nessa noite, quantas pessoas enlouqueceriam? Quantas baratas e senhorios triunfariam? Quantos vencedores eram falhados, êxitos insucessos ou ricos pobres? Quantos espertalhões eram estúpidos? Quantos desenlaces felizes eram infelizes? Quantos homens honestos eram mentirosos, corajosos cobardes, leais traidores, santos corruptos? Quantos indivíduos em posições de confiança vendiam a alma a canalhas por um punhado de sal e quantos nunca haviam tido alma? Quantos caminhos direitos eram tortuosos? Quantas boas famílias eram más e quantas boas pessoas detestáveis? Somando todos e subtraindo-os, talvez ficassem apenas as crianças e porventura Albert Einstein e um velho violinista ou escultor algures. Yossarian movia-se assoberbado pela tortura da solidão, sentindo-se repellido por tudo e todos, e não conseguia varrer do espírito a imagem excruciante do garoto descalço e ar doentio, até que dobrou a esquina e desembocou finalmente na avenida, onde se lhe deparou um militar americano em convulsões no chão, um jovem tenente de rosto pálido e juvenil. Seis outros militares de diferentes países tentavam ajudá-lo a mantê-lo imóvel. O rapaz gritava e grunhia ininteligivelmente por entre os dentes cerrados, rolando os olhos, e um sargento atarracado recomendou que não o deixassem morder a língua, enquanto um sétimo homem intervinha igualmente para segurar a cabeça do infortunado. Por fim, os sete venceram a batalha e entreolharam-se sem saberem o que fazer a seguir. Acudiu um cabo que observava a cena, com a indicação de que o erguessem do chão e pousassem no *capot* de um carro das proximidades. Os outros

apressaram-se a obedecer e, uma vez concluída a operação, tornaram a ficar indecisos. O mesmo cabo tratou de lhes valer mais uma vez ao recomendar que o transferissem do *capot* para o chão, e acabavam de o fazer, quando surgiu um jipe, com uma luz vermelha num dos lados e dois soldados da Polícia Militar no banco da frente.

– Há alguma novidade? – inquiriu o condutor.

– Está com convulsões – informou um dos sete, apontando para o jovem tenente, agora estendido a seus pés. – Conseguimos segurá-lo.

– Ótimo. Está preso.

– Que lhe fazemos?

– Conservem-no preso! – bradou o polícia militar, com uma risada brutal, e reatou a marcha.

Yossarian lembrou-se de que não possuía autorização para se ausentar da esquadrilha e tratou de se afastar prudentemente em direcção a vozes abafadas provenientes da escuridão à sua frente. A ampla avenida alagada pela chuva estava iluminada a meio de cada quarteirão por candeeiros de lâmpadas pouco intensas, cujo clarão era parcialmente absorvido pela neblina. De uma janela num piso superior, ouviu uma voz feminina suplicar: «Não, por favor. Não, por favor.» Uma jovem de expressão vazia envolta num impermeável preto cruzou-se com ele sem erguer os olhos do chão. No Ministério dos Negócios Estrangeiros, no quarteirão seguinte, uma mulher embriagada fora encostada a uma das colunas corínticas por um não menos etilizado militar, enquanto três camaradas bêbados como cachos observavam a cena sentados nos degraus próximos, com garrafas entre as pernas. «Não, por favor», implorava ela. «Quero ir para casa. Não, por favor.» Um dos três sentados soltou uma imprecação e atirou uma garrafa a Yossarian, mas errou o alvo por uma margem substancial. Yossarian prosseguiu em frente em passos cadenciados, sem pressa, mãos afundadas nas algibeiras do capote. «Não te faças rogada», ouviu ainda o militar insistir. «Agora, é a minha vez.» «Não, por favor», volvia ela, em tom plangente. «Não, por favor.» Na esquina imediata, nas profundezas da escuridão de um beco sinuoso, detectou o som misterioso e inconfundível

de alguém que removía neve com uma pá. O ruído do metal em contacto com o pavimento fê-lo estremecer de terror, e procurou afastar-se com prontidão até que deixou de o escutar. Agora, sabia onde se encontrava. Se continuasse em frente, em breve chegaria à fonte seca a meio da avenida e depois ao apartamento dos oficiais, sete quarteirões adiante. Distinguiu vozes humanas e exclamações sarcásticas. A lâmpada do candeeiro da esquina fundira-se, o que mergulhava metade da rua nas trevas e tornava praticamente tudo invisível. Do outro lado do cruzamento, um homem espancava um cão com uma bengala, como aquele que chicoteava o cavalo no sonho de Raskolnikov, e Yossarian esforçou-se por não ver nem ouvir. O animal latia quase com histeria na extremidade de uma corda, porém, o homem prosseguia na sua obra hedionda, observado por um pequeno grupo de pessoas. Uma mulher de pequena estatura adiantou-se para lhe pedir que parasse, porém, ele limitou-se a replicar «Meta-se na sua vida» e ela afastou-se ao vê-lo erguer a bengala na sua direcção. Yossarian passou a mover-se mais depressa e quase principiou a correr. A noite estava inundada de horrores e julgou compreender o que Cristo sentira quando percorria o mundo, como um psiquiatra através de uma enfermaria cheia de loucos, como uma vítima no meio de uma prisão repleta de ladrões. Um leproso devia ter constituído uma visão acolhida com alívio. Na esquina seguinte, um homem espancava um garoto, sob as vistas de um grupo de adultos que não esboçavam qualquer movimento para intervir. Yossarian estremeceu com uma sensação penosa de reconhecimento. Estava persuadido de que assistira a uma cena horrível como aquela, noutra ocasião. *Déjà vu?* A sinistra coincidência abalou-o e encheu-o de dúvida e temor. Tratava-se do mesmo espectáculo deplorável que presenciara na esquina anterior, embora tudo parecesse diferente. Que estava a acontecer? Tornaria a surgir uma mulher baixa para pedir ao homem que parasse com a punição? Ele ergueria o braço para a atingir, se ela não se afastasse? No entanto, ninguém se moveu, enquanto a criança gritava ininterruptamente, sem que isso contribuísse para que o espancamento se atenuasse. A vítima não aparentava mais de nove anos. Uma mulher andrajosa chorava a um canto e limpava o

rosto com uma toalha da louça. Yossarian cruzou a avenida apressadamente, a fim de se afastar da horrorosa cena, e descobriu que pisava dentes humanos dispersos pelo pavimento encharcado. Na verdade, havia molares e incisivos quebrados por todos os lados. Contornou os objectos grotescos nas pontas dos pés e aproximou-se de uma porta, onde se encontrava um militar lavado em lágrimas, com um lenço empapado em sangue pousado na boca, amparado por dois outros homens uniformizados, os quais aguardavam com impaciência a ambulância, que acabou por surgir e prosseguiu a caminho de uma alteração no quarteirão imediato entre um civil italiano e polícias munidos de bastões. O civil era um indivíduo moreno de faces tão brancas como a farinha em virtude do medo, enquanto os polícias o seguravam pelos braços e pernas e erguiam em peso, com numerosos livros, que decerto lhe pertenciam, espalhados em volta. «Socorro!», uivava em voz estrangulada, enquanto os polícias o arrastavam para a ambulância. «Polícia! Socorro! Polícia!» No entanto, as portas foram fechadas com prontidão e a ambulância partiu. Havia algo de amargamente irónico no facto de o pânico do homem o impelir a chamar a Polícia, quando o circundavam vários defensores da ordem pública. Yossarian começou a sorrir, mas apercebeu-se subitamente de que as palavras eram ambíguas e talvez não se destinassem a chamá-la, mas representassem uma advertência heróica do túmulo por parte de um amigo condenado a todos os que *não* eram polícias munidos de bastões e armas para fazerem valer o seu peso. «Socorro! Polícia!», gritava o homem, e podia perfeitamente pretender alertar para o perigo. Yossarian reagiu à ideia afastando-se dissimuladamente dos polícias, e quase tropeçou nos pés de uma corpulenta mulher de quarenta anos que atravessava o cruzamento apressadamente, numa atitude culposa, com olhares furtivos e vingativos por cima do ombro na direcção de outra que aparentava oitenta, com os tornozelos envoltos em ligaduras, e se arrastava no seu encalço, embora a distância que as separava aumentasse gradualmente. Não subsistiam dúvidas quanto à natureza da cena: tratava-se de uma perseguição. A primeira, triunfante, já quase alcançara o outro lado da ampla avenida antes de a segunda chegar ao

passeio oposto, e o sorriso com que se voltava para trás continha um misto de malícia e apreensão. Yossarian sabia que podia ajudar a perseguidora se lho solicitasse, correndo e segurando a mulher corpulenta se a outra o advertisse com um simples grito. No entanto, a dos tornozelos ligados passou por ele sem o ver, resmungando sob o efeito de trágica vexação, e a perseguida não tardou a desaparecer na escuridão, deixando-a imóvel e perplexa no meio da larga artéria, sem saber para que lado seguir. Yossarian desviou os olhos dela e afastou-se, envergonhado por não ter feito nada para a auxiliar. Olhava para trás de vez em quando, receoso de que ela decidisse agora concentrar-se nele e increpá-lo pela atitude indiferente que assumira, e acolheu com satisfação e alívio a próxima zona de sombra em que imergiu. Apercebera-se de um grupo de polícias nas cercanias, os quais não se tinham mostrado mais interessados em intervir do que ele. Bandos... bandos de polícias... tudo, à exceção da Inglaterra, estava nas mãos de bandos, bandos, bandos. Bandos munidos de bastões constituíam grupos dominantes em toda a parte.

Yossarian tinha a gola do capote e os ombros alagados e os pés molhados e frios. A lâmpada do candeeiro seguinte também estava apagada, mas essa em virtude de a terem quebrado, juntamente com o globo, provavelmente por meio de uma pedrada certa. Edifícios e formas incaracterísticas destacavam-se a espaços, como se alguém se entretivesse a colocá-los no seu caminho. Cruzou-se com um monge de estatura elevada, que conservava o rosto envolto no capuz e apenas mostrava os olhos, os quais assim assumiam um aspecto pouco tranquilizador. Yossarian ouviu o arrastar de pés descalços no pavimento encharcado e receou que fosse outra criança de rosto doentio. Passou junto de um homem de impermeável preto e extensa cicatriz na face macilenta, que parecia representar o contraponto de uma depressão na frente. Calçando sandálias sem meias, materializou-se uma mulher de rosto desfigurado por uma vasta queimadura que se prolongava do queixo até aos olhos. Não conseguiu suportar a cena e desviou os olhos, reflectindo que ninguém a poderia jamais amar. Sentia o espírito enfermo e ansiava por se deitar com uma rapariga qualquer que o

consolasse, excitasse e depois deixasse dormir. Um bando com um bastão aguardava-o em Pianosa. As moças haviam partido todas. A condessa e a nora já não lhe interessavam; envelhecera demasiado para se divertir e, de resto, esgotara-se-lhe o tempo para tal. Luciana partira e provavelmente morrera. A mulher de colo generoso de Aarfy desaparecera da circulação, levando o seu anel espectacular, e a enfermeira Duckett envergonhava-se de Yossarian porque se negava a participar em mais missões de combate e provocara um escândalo. A única rapariga que ele conhecia nas proximidades era a feia do apartamento dos oficiais com a qual nenhum dormira. Chamava-se Michaela, porém, eles brindavam-na com epítetos desagradáveis em tons amáveis e ela sorria de satisfação, porque não entendia uma palavra de inglês e supunha tratar-se de termos adulatórios e lisonjeiros. Era uma rapariga feliz, simplória e trabalhadeira que não sabia ler e escrevia o nome com notável dificuldade. Os cabelos lisos tinham a cor da palha suja e não destoavam do conjunto constituído por olhos míopes e tez de cor indefinida, e nenhum homem dormira com ela porque nenhum sentira desejos disso, à parte Aarfy, que a violara naquela mesma noite e conservara prisioneira num guarda-fato durante cerca de duas horas, com a mão pousada na boca para que não gritasse, até que haviam soado as sirenes do recolher obrigatório, a partir de cujo momento era proibido percorrer as ruas.

Depois, atirou-a pela janela. O corpo ainda jazia no pavimento, quando Yossarian chegou e abriu caminho polidamente entre o círculo de rostos solenes de pessoas que viviam nas imediações munidas de lanternas, as quais exibiam expressões venenosas nos olhos e apontavam com amargura para as janelas do primeiro andar no meio das suas conversas sombrias de acusação. O coração dele começou a palpitar pesadamente de terror e medo ao ver o corpo despedaçado e precipitou-se no átrio do prédio, para subir a escada apressadamente. No apartamento, deparou-se-lhe Aarfy, que se movia em excitado vaivém e um leve sorriso de desconforto, agitando os dedos em torno do cachimbo apagado. Ao vê-lo, tratou de lhe assegurar que não havia novidade alguma, não existia qualquer motivo de preocupação.

– Só a violei uma vez – afirmou com desprendimento.

– Mas mataste-a! – bradou Yossarian, agastado. – Mataste-a!

– Não tive outro remédio, depois de a violar – replicou Aarfy, em tom condescendente. – Não podia permitir que andasse por aí a propalar coisas desagradáveis a nosso respeito.

– Mas porque lhe tocaste, grande bastardo? Se querias uma mulher, porque não recorreste a uma da rua? A cidade está cheia de prostitutas.

– Era o que faltava! Nunca gastei um cêntimo com isso.

– Enlouqueceste? – Yossarian estava quase privado do uso da fala em virtude da estupefacção. – *Mataste* uma mulher! Vão pregar contigo na cadeia!

– Não pregam – redarguiu Aarfy, com um sorriso forçado. – Ninguém fecha cá o rapaz na cadeia. Pelo menos, por a ter matado.

– Mas atiraste-a da janela. Está esmagada lá em baixo, na rua.

– Não devia estar. Já soou o recolher obrigatório.

– Estúpido! Ainda não te apercebeste do que fizeste? – Yossarian sentia o desejo de o sacudir violentamente pelos ombros até que abarcasse a realidade. – Assassinaste um ser humano. Pregam contigo na cadeia, penses o que pensares. Talvez até te executem!

– Custa-me muito a crer – declarou Aarfy, com uma risada jovial, embora os indícios de nervosismo se acentuassem. – Não, senhor. Ninguém faz uma coisa dessas cá ao rapaz. – Tomou a rir. – Não passava de uma criada. Duvido que armem grande rebulição com a morte de uma simples empregada doméstica italiana, quando se perdem tantos milhares de vidas todos os dias.

– Escuta! – rugiu Yossarian. De súbito, apurou os ouvidos e detectou o som crescente de sirenas de viaturas da Polícia, ao mesmo tempo que a cor se esvaía por completo das faces de Aarfy. – Eles vêm aí – advertiu, levantando a voz para se fazer ouvir acima do ruído cada vez mais intenso, lá fora. – Vêm prender-te, não compreendes? Não podes tirar a vida a um ser humano sem sofrer o devido castigo, mesmo que se trate de uma pobre criada. Não consegues entender isto?

– Enganas-te – volveu o outro, com um leve sorriso. – Não vêm para me prender. Ninguém prende cá o rapaz.

De súbito, pareceu agoniado e afundou-se numa cadeira, dominado por tremores irresistíveis. Pararam carros à entrada do prédio e projectores incidiram imediatamente nas janelas, enquanto se abriam e fechavam portas e soavam vozes enérgicas. Aarfy assumira uma tonalidade esverdeada e abanava a cabeça automaticamente, com um sorriso indefinido, ao mesmo tempo que murmurava em inflexão monótona que não o iam prender, «ninguém mete cá o rapaz na cadeia», desenvolvendo esforços desesperados para se convencer disso, mesmo quando se ouviram passos pesados na escada e punhos imperiosos bateram à porta. De repente, esta abriu-se e surgiram dois homens possantes da Polícia Militar que avançaram com firmeza e prenderam Yossarian.

Prenderam-no por se encontrar em Roma sem a devida autorização.

Pediram desculpa a Aarfy pela intrusão e levaram Yossarian entre ambos, segurando-lhe os braços com dedos duros como grilhetas de aço. Não lhe dirigiram uma única palavra, enquanto desciam. Dois outros PM de capacetes brancos e bastões aguardavam num carro fechado, que se pôs imediatamente em movimento, depois de o instalarem no banco de trás, a fim de o encerrarem numa cela com paredes de pedra. Ao amanhecer, levaram-lhe um balde para que satisfizesse as necessidades e conduziram-no ao aeroporto, onde dois outros PM possantes, munidos de capacetes e bastões, esperavam num avião de transporte, cujos motores já se achavam em aquecimento. Ninguém proferiu uma única sílaba. Nem sequer esboçaram uma inclinação de cabeça de saudação. Yossarian reflectiu que nunca vira rostos tão graníticos. O aparelho seguiu para Pianosa, onde aguardavam mais dois PM. Eram agora oito e acomodaram-se, com disciplina precisa e silenciosa, em dois carros, que partiram velozmente em direcção ao edifício do quartel-general do grupo, onde outros dois esperavam no parque de estacionamento. Os dez, possantes, altos e herméticos, rodearam-no e encaminharam-se para a entrada. Yossarian tinha a noção de uma aceleração crescente no desenrolar da operação e sentia-se

aterrorizado. Qualquer dos indivíduos que o circundavam parecia suficientemente poderoso para o abater como um raio que atingisse uma árvore com um único murro. Na realidade, bastaria que comprimissem os ombros de aço contra ele para o reduzirem a uma massa irreconhecível. Não podia fazer absolutamente nada para se salvar. Entretanto, a rapidez do andamento aumentava pouco a pouco, e ele tinha a impressão de que o arrastavam sem o deixarem pousar os pés no chão. No átrio, encontravam-se mais dois PM, que se incorporaram imediatamente no grupo em direcção à escada e varanda interior do primeiro piso. Os passos nos azulejos do solo ecoavam de uma forma sinistra como o rufar de um tambor ominoso, até que alcançaram o gabinete do coronel Cathcart, e rajadas violentas de pânico sacudiram o corpo de Yossarian no momento em que o deixaram diante do tenente-coronel Korn, o qual, com o volumoso posterior pousado no canto da secretária do superior, o acolheu com um largo sorriso e a surpreendente informação:

– Vamos desmobilizá-lo.

§

Capítulo quadragésimo ARTIGO 22

Havia um ardil, claro.

– O Artigo Vinte e Dois? – perguntou Yossarian.

– Sem dúvida – assentiu Korn, em inflexão agradável, depois de dispensar o numeroso contingente da Polícia Militar com um gesto quase de desdém, ao mesmo tempo que os olhos emitiam um clarão divertido, por detrás dos óculos sem aros. – Deve reconhecer que não o podíamos desmobilizar por se negar a participar em mais missões de combate e obrigar os seus camaradas a continuar aqui. Seria uma decisão injusta para eles.

– Com certeza! – acudiu o coronel Cathcart, fazendo oscilar o tronco na cadeira rotativa, enquanto respirava pesadamente, como um touro ferido. – Eu adorava amarrá-lo de mãos e pés e metê-lo num avião em todas as missões. Ah, como me agradaria fazê-lo!

Korn fez-lhe sinal para que se calasse e sorriu a Yossarian.

– Você tem feito a vida negra ao coronel Cathcart, sabe – observou, bem-humorado, como se o facto não o incomodasse. – Os homens sentem-se amargurados e o moral começa a deteriorar-se. E tudo por culpa sua.

– A culpa é vossa, por passarem a vida a aumentar o número mínimo de missões – argumentou Yossarian.

– Não, é sua por se negar a participar nelas – retorquiu o tenente-coronel.
– Os outros não hesitariam em o fazer, desde que pensassem que não existia qualquer alternativa. Agora, você deu-lhes uma esperança e sentem-se amargurados. Portanto, a culpa é sua.

– Ele não saberá que estamos em guerra? – vociferou Cathcart, como se Yossarian não estivesse presente.

– Claro que sabe –olveu Korn. – Deve ser por isso que se nega a participar nas missões.

– E não lhe faz a mínima diferença?

– O conhecimento de que estamos em guerra enfraquecerá a sua decisão de não participar em mais missões? – perguntou Korn com gravidade sarcástica, desfrutando o superior.

– Não, senhor – respondeu Yossarian, com uma expressão quase idêntica.

– É o que eu receava – observou o tenente-coronel, com um suspiro de resignação, entrelaçando os dedos confortavelmente no topo da calva reluzente. – Para sermos justos, temos de reconhecer que não o tratámos muito mal, hem? Demos-lhe de comer e pagámos-lhe sempre a tempo e horas. Concedemos-lhe uma medalha e até o promovemos a capitão.

– Eu nunca o devia ter promovido a capitão! – exclamou o coronel Cathcart, com amargura. – Era preferível que o levasse a conselho de guerra, quando comprometeu a missão de Ferrara e a sobrevoou duas vezes.

– Eu bem o preveni – lembrou Korn –, mas não fez caso.

– Não preveniu nada. Pelo contrário, aconselhou-me a promovê-lo.

– Aconselhei-o a *não* o promover, mas não fez caso.

– Devia ter feito.

– Nunca faz – persistiu, com uma expressão de desdém. – É por isso que se meteu nesta alhada.

– Está bem, espertalhão. Não adianta remexermos nisso, agora. – Cathcart afundou os punhos cerrados nas algibeiras, numa atitude de frustração. – Em vez de implicar comigo, porque não decide o que vamos fazer com ele?

– Desmobiliza-se. – O tenente-coronel sorria com uma expressão de triunfo, quando lhe voltou as costas, para se concentrar de novo em Yossarian. – A guerra terminou para si. Vamos desmobilizá-lo. Não merece, sabe, e é uma das razões por que não me importo de o fazer. Como não há outra coisa que nos arrisquemos a empreender consigo, resolvemos recambiá-lo à procedência. Assim, lembrámo-nos deste pequeno acordo...

- Que espécie de acordo? – quis saber Yossarian, com desconfiança.
- Um acordo absolutamente hediondo, descanse. – Korn inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. – É a todos os títulos revoltante, mas você vai aceitá-lo sem hesitar.
- Não se fie muito.
- Não tenho a menor dúvida a esse respeito, embora tresande a tramóia que se farta. A propósito: suponho que não disse a nenhum dos seus camaradas que se recusava a participar em mais missões.
- Decerto que não – asseverou Yossarian, sem hesitar.
- Gosto da maneira como mente. Há-de ir longe no mundo, se alguma vez acalantar uma ambição decente.
- Ele não saberá que estamos em guerra? – bradou o coronel Cathcart subitamente, soprando com vigorosa incredulidade para a boquilha.
- Claro que sabe – replicou Korn, em tom mordaz –, sobretudo porque o senhor abordou o mesmo tópico há momentos. – Enrugou a fronte com uma expressão de cansaço na intenção de Yossarian, ao mesmo tempo que lhe acudia um clarão malicioso aos olhos. Em seguida, pousou as mãos no tampo da secretária e mudou de posição, ficando com as pernas curtas suspensas. – Sabe que na verdade o admiro? – prosseguiu, como se reconhecesse um facto incontroverso. – É uma pessoa inteligente, de carácter moral fora do comum, que assumiu uma posição particularmente corajosa. Eu, como pessoa inteligente sem o mínimo carácter moral, estou na posição ideal para o compreender.
- Atravessamos tempos muito críticos – proclamou Cathcart com petulância, sem lhe prestar atenção.
- Muito críticos, com efeito – concordou o tenente-coronel, com uma plácida inclinação de cabeça. – Acabam de se verificar mudanças nos comandos superiores, pelo que não podemos permitir uma situação que nos coloque em posição desairosa perante o general Scheisskopf ou Peckem. Não é a isso que se refere, coronel?
- Ele não terá patriotismo nenhum?

– Não quer combater pela sua pátria? – inquiriu, imitando o tom pomposo do coronel. – Não quer sacrificar a vida pelo coronel Cathcart e por mim?

Yossarian apurou os ouvidos e abriu os olhos com alarme ao escutar as últimas palavras e exclamou:

– Que história é essa? Que têm os senhores a ver com a minha pátria?

– Como se atreve a dissociar-nos? – retrucou Korn, com serenidade irónica.

– Com certeza! – vociferou Cathcart. – Se não está connosco, está contra nós. Não há meio-termo.

– Desconfio que ele o apanhou entre a espada e a parede – comentou o tenente-coronel. – Ou está connosco ou contra a sua pátria. É muito simples.

– Discordo. Não alinho nisso.

– Nem eu, para ser franco, mas todos os outros serão dessa opinião.

– Envergonha o uniforme que usa! – afirmou Cathcart, dirigindo-se a Yossarian pela primeira vez. – Não compreendo como conseguiu chegar a capitão.

– Foi o senhor que o promoveu – recordou Korn, em tom melífluo. – Não se lembra?

– Não o devia ter feito.

– Eu bem o preveni, mas nunca fez caso.

– Pare lá de me enxofrar com isso! – Cathcart franziu o sobrolho e fitou o subordinado com perplexidade. – Afinal, de que lado está você?

– Do seu, coronel. De qual queria que estivesse?

– Então, não repise essas coisas!

– Estou do seu lado, coronel. Garanto-lhe que tresando a patriotismo.

– Então, procure não se esquecer disso. – Levantou-se e começou a mover-se em impaciente vaivém. De repente, estacou e agitou o polegar por cima do ombro, na direcção de Yossarian. – Vamos arrumar isto. Por minha vontade, mandava levá-lo lá para fora e fuzilar. No meu lugar, o general Dreedle não hesitava.

– Mas como o general Dreedle já não está connosco, não o podemos levar lá para fora e fuzilar – observou Korn. Agora que o momento de tensão com o coronel passara, voltou-se de novo para Yossarian, ao mesmo tempo que agitava as pernas suspensas, indiferente ao facto de que riscava a secretária de mogno com os pés. – Por conseguinte, em vez disso vamos desmobilizá-lo. Tivemos de espremer um pouco os miolos, mas acabámos por congeminar um plano horrível para o despachar para os Estados Unidos sem causar muita insatisfação entre os seus amigos que ficam. Está contente?

– Que espécie de plano? Desconfio que não me vai agradar.

– Pode ter a certeza disso. – Deu uma gargalhada divertida e voltou a entrelaçar os dedos sobre a cabeça. – Vai detestá-lo. É odioso e há-de ofender-lhe a consciência, mas concordará sem hesitar. E isto porque lhe permitirá regressar aos Estados Unidos, são e salvo, dentro de duas semanas, e não tem outra alternativa. A não ser o conselho de guerra, claro. É pegar ou largar.

– Pare com o *bluff* – ripostou Yossarian. – Não me podem levar a conselho de guerra por deserção perante o inimigo. Ficavam numa situação ridícula e duvido que conseguissem obter a condenação pretendida.

– Mas podemos julgá-lo por abandono da área em que presta serviço para se dirigir a Roma sem autorização. Se reflectir por um momento, compreenderá que não existe outra opção. Não podemos permitir que se coloque na situação de insubordinação declarada sem o castigarmos. Todos os seus camaradas recusariam participar em mais missões de combate. Acredite no que lhe digo. Se rejeitar a nossa proposta, levá-lo-emos a conselho de guerra, ainda que isso suscitasse certo rebuliço e constituísse um demérito terrível para o coronel Cathcart.

Este último estremeceu ao ouvir a expressão «demérito» e, sem premeditação aparente, atirou a boquilha para cima da secretária com um gesto brusco.

– Com mil diabos – rugiu, apoplético. – Não posso ver esta boquilha na minha frente! – Calou-se por um momento, enquanto a via ricochetear na

parede e acabar por imobilizar-se aos seus pés. – Até é capaz de me fazer mal – acrescentou, olhando-a com relutância.

– É uma pluma no seu chapéu em relação ao general Peckem, mas um demérito no que se refere ao general Scheisskopf – informou Korn, com uma expressão inocente em que um observador mais atento leria uma ponta de malícia.

– A qual devo agradecer?

– A ambos.

– Como é possível? Eles detestam-se. Como diabo conseguirei obter uma pluma para o meu chapéu em relação a Scheisskopf sem me sujeitar a um demérito por parte de Peckem?

– Marchando.

– Sim, marchando. De facto, é a única maneira de lhe agradecer. – Cathcart assumiu um ar solene. – Que generais! São a vergonha dos uniformes que vestem. Se dois tipos como eles podem ascender ao generalato, não sei como eu não conseguirei.

– O senhor há-de ir longe – assegurou Korn, numa inflexão propositadamente desprovida de convicção, enquanto se virava de novo para Yossarian e exibia uma expressão divertida ao aperceber-se do seu antagonismo e desconfiança. – E aqui tem o âmago da questão. O coronel Cathcart quer ser general e eu coronel, duas razões de peso pelas quais temos de o desmobilizar.

– Para que quer ele ser general?

– Para quê? Pela mesma razão que eu quero ser coronel. Que alternativa nos resta? Toda a gente nos ensina a aspirar a coisas mais elevadas. Um general é mais elevado que um coronel e este mais que um tenente-coronel. Por conseguinte, ambos temos aspirações. E, aqui para nós, ainda bem para si. A sua sincronização com a situação é absolutamente perfeita, mas suponho que tomou o facto em consideração nos seus cálculos.

– Não me dediquei a cálculos de espécie nenhuma.

– Sim, aprecio de facto a forma como mente. Não ficará cheio de orgulho ao saber que o seu comandante foi promovido a general, saber que prestou

serviço numa unidade que contava maior média individual de missões do que qualquer outra? Não lhe interessa conquistar mais citações das altas patentes? Onde está o seu «*sprit de corps*»? Não deseja contribuir mais profundamente para essa honra com um número de missões de combate mais elevado? Olhe que é a sua última oportunidade de dizer que sim.

– Não.

– Nesse caso, não nos deixa nenhuma alternativa... – disse Korn, sem rancor.

– Este homem devia envergonhar-se de assumir semelhante atitude!

– ... senão desmobilizá-lo. Basta que faça umas coisinhas para nós e...

– Quais coisinhas? – interrompeu Yossarian, cada vez mais desconfiado.

– Meras insignificâncias. Na verdade, a nossa proposta não podia ser mais generosa. Providenciaremos para que regresse aos Estados Unidos... palavra de honra que não é mentira... e você, em troca...

– Que terei de fazer?

– Gostar de nós! – anunciou o tenente-coronel, com uma risada.

– Gostar de vocês?

– Gostar de nós.

– Gostar de vocês?

– Exacto – confirmou, intimamente eufórico em virtude da admiração do interlocutor. – Gostar de nós. Alinhar connosco. Ser nosso amigo. Dizer coisas agradáveis a nosso respeito aqui e, depois, nos Estados Unidos. Acha que é exigir muito?

– Querem apenas que goste de vocês? Nada mais?

– Nada mais.

– Nada mais?

– Apenas tem de convencer o seu coração de que gosta de nós. Yossarian estava prestes a soltar uma gargalhada, quando descobriu que Korn se exprimia com sinceridade.

– Não vai ser fácil – advertiu.

– Verá que é muito mais fácil do que pensa. Chegará a essa conclusão sem dificuldade, quando experimentar. – Korn puxou para cima a cintura das

calças folgadas, enquanto os sulcos que isolavam o queixo quadrangular das maxilas se acentuavam, como se contivesse a hilaridade. – Vamos colocá-lo numa situação regalada. Prepare-se para ser promovido a major e receber mais uma medalha. O capitão Flume já está a redigir uma nota destinada à Imprensa na qual se descreve a sua bravura sobre Ferrara, a nunca posta em causa lealdade à sua unidade e a insuperável noção do dever. Estas expressões correspondem exactamente às que figuram no texto, diga-se de passagem. Vamos elevá-lo aos píncaros da glória e recambiá-lo para os Estados Unidos convertido num herói, chamado pelo Pentágono para fins de moral e relações públicas. Viverá como um milionário. Toda a gente desejará emulá-lo. Haverá paradas em sua honra e pronunciará conferências para angariar fundos destinados ao esforço de guerra. Aguarda-o um novo mundo de luxo, a partir do momento em que se tornar nosso amigo. Não lhe parece admirável?

Yossarian descobriu que escutava atentamente a fascinante elucidação dos pormenores.

– Isso de pronunciar conferências não me agrada muito.

– Então, omitem-se. O essencial é o que você disser aos seus camaradas de aqui. – Korn inclinou-se para a frente, sem exagerar, a fim de não se desequilibrar, e assumiu um ar grave. – Não queremos que eles saibam que o desmobilizamos em virtude da sua recusa em participar em mais missões. E também não nos interessa que os generais Peckem e Scheisskopf se apercebam de quaisquer atritos entre nós. É por isso que nos tornaremos tão bons amigos.

– Que direi aos que me perguntarem porque recuso participar em mais missões?

– Que soube confidencialmente que tencionávamos desmobilizá-lo e não estava disposto a arriscar a vida por mais uma ou duas. Um pequeno desentendimento entre amigos e nada mais.

– Acha que eles acreditam?

– Sem dúvida, quando virem como nos tornámos amigos, lerem a nota divulgada pela Imprensa e tomarem conhecimento das coisas lisonjeiras que

você dirá a meu respeito e do coronel Cathcart. Não se preocupe com os seus camaradas. Não experimentaremos dificuldade em os disciplinar e dominar, depois de você partir. Enquanto continuar cá é que podem provocar problemas. – E concluiu, com uma ponta de ironia: – A situação até pode servir-lhes de inspiração para participarem em mais missões.

– Suponha que os denuncie, quando regressar aos Estados Unidos?

– Depois de aceitar a medalha, a promoção e todas as fanfarras? Ninguém acreditaria, nem o Exército o permitiria, e, de qualquer modo, porque havia de o fazer? Lembre-se de que desfrutará de uma situação privilegiada. Terá uma existência desafogada, luxuosa, tranquila. Só um louco desdenharia tudo isso apenas por um princípio moral, e você de louco não tem nada. De acordo?

– Não sei...

– É isso ou o conselho de guerra, não esqueça.

– Era uma partida indecente que eu pregava a todos os camaradas da esquadilha.

– Odiosa. – Concordou sem relutância e aguardou pacientemente, com um clarão malicioso no olhar.

– Que vão para o diabo! – explodiu Yossarian. – Se não querem participar em mais missões, que se mexam, como eu fiz! Não acha que tenho razão?

– Sem dúvida.

– Não existe razão alguma para que sacrifique a vida por eles.

– Nenhuma.

– De acordo – declarou, com um sorriso.

– Ótimo – aprovou Korn com menos cordialidade do que Yossarian esperara, deslizando da secretária e entregando-se a algumas contorções para desprender o elástico das cuecas da virilha, antes de estender a mão. – Bem-vindo ao clube.

– Obrigado. Eu...

– Pode tratar-me por Blackie, John. Agora, somos amigos.

– Muito bem, Blackie. Os meus amigos tratam-me por Yo-Yo.

– Os amigos tratam-no por Yo-Yo – comunicou ao coronel Cathcart. – Porque não felicita Yo-Yo pela decisão sensata que tomou?

– Tomou uma decisão sensata, Yo-Yo – repetiu Cathcart, estendendo igualmente a mão a Yossarian.

– Obrigado, coronel. Eu...

– Pode tratá-lo por Chuck – esclareceu Korn.

– Com certeza, pode tratar-me por Chuck – aquiesceu Cathcart, com uma gargalhada que soava falso. – Agora, somos amigos.

– Muito bem, Chuck.

– Saída com um sorriso – articulou Korn, pousando as mãos nos ombros de ambos, enquanto se encaminhavam para a porta.

– Venha jantar connosco, uma noite destas, Yo-Yo – convidou o coronel. – Porque não hoje mesmo? Na sala do grupo.

– Com o maior prazer, senhor.

– Chuck – corrigiu Korn, em tom de leve censura.

– Desculpe, Blackie. Chuck. Ainda não me habituei.

– Não tem importância, pá.

– Com certeza, pá.

– Obrigado, pá.

– Não tem de quê, pá.

– Até logo, pá.

Yossarian acenou com afecto aos novos amigos e afastou-se pelo longo corredor, quase começando a cantar quando se achou só. Ia ser desmobilizado! O seu estratagema resultara, o acto de rebelião triunfara. Encontrava-se livre de todo o perigo e não tinha nada de que se envergonhar perante ninguém. Quando principiava a descer a escada, cruzou-se com um soldado, que o saudou com o gesto da praxe e ele correspondeu, ao mesmo tempo que o olhava com curiosidade, vagamente consciente de que já vira aquela cara. De súbito, o soldado converteu-se na prostituta de Nately, que se lhe lançou em cima brandindo uma faca de cozinha de cabo de osso, com que o atingiu nailharga, abaixo do braço erguido num movimento instintivo de protecção. No instante imediato,

Yossarian cambaleava e caía, ao mesmo tempo que ela tornava a erguer a lâmina aguçada para nova arremetida. Já perdera o conhecimento, quando o tenente-coronel Korn e o coronel Cathcart irromperam do gabinete e lhe salvaram a vida pondo-a em fuga.

§

Capítulo quadragésimo primeiro SNOWDEN

- Corta – disse o médico.
- Corta tu – replicou outro.
- Nada de cortes – advertiu Yossarian, que sentia a língua pesada como um pedaço de chumbo envolto em flanela.
- Dispensamos a interferência de estranhos – declarou um dos médicos. – Então, opera-se ou não?
- Acho que ele não precisa de ser operado – ripostou o outro. – É um ferimento superficial. Basta estancar a hemorragia, proceder à limpeza e aplicar alguns pontos.
- Mas é a minha primeira oportunidade de operar! Qual dos instrumentos é o bisturi? Este?
- Não, o que está ao lado. Bem, opera lá, se tens tanto empenho. Podes proceder à incisão.
- Assim?
- Aí não, nabo!
- Nada de incisões – advertiu Yossarian, apercebendo-se, através da densa neblina, de que os dois médicos ansiavam por retalhar-lhe o corpo.
- Dispensamos a interferência de estranhos – declarou o primeiro médico, sarcasticamente. – Parece-te que ele vai continuar a palrar, enquanto o opero?
- Não o podem operar até que lhe dê entrada – esclareceu um funcionário da secretaria.

– Não lhe pode dar entrada, até que eu o identifique devidamente – interpôs um coronel adiposo, de bigode abundante e faces rosadas, que se debruçou sobre Yossarian, para o envolver num hálito hediondo. – Onde nasceu?

O interpelado reconheceu, por entre a mesma neblina, que o coronel adiposo de bigode abundante e faces rosadas lhe lembrava o outro que interrogara o capelão e o considerara culpado. Ao mesmo tempo, notou com certo alívio que o odor de formaldeído e álcool neutralizavam um pouco o hálito pungente.

– Num campo de batalha – respondeu a meia voz.

– Não é isso. Em que estado veio ao mundo.

– Num estado de inocência.

– Ainda não compreendeu!

– Deixe o assunto comigo – acudiu um indivíduo de expressão patibular, olhos encovados e lábios comprimidos num esgar malévol. – Quer armar em esperto ou quê?

– Está delirante – informou um dos médicos. – Porque não no-lo deixam levar para dentro e tratá-lo?

– Se delira, tem de ficar aqui. Podia dizer alguma coisa comprometedora.

– Mas continua a sangrar profusamente. Não vêem? Até pode morrer.

– *Melhor* para ele!

– Era para que o bastardo aprendesse – asseverou o coronel adiposo de bigode abundante e faces rosadas. – Vamos lá conversar, John. Queremos obter a verdade.

– Toda a gente me trata por Yo-Yo.

– Queremos que colabore connosco, Yo-Yo. Somos seus amigos e desejamos que confie em nós. Estamos aqui para o ajudar. Ninguém lhe faz mal.

– O mais prático é introduzirmos os polegares no ferimento e espremê-lo – sugeriu o indivíduo de expressão granítica.

Yossarian deixou as pálpebras fecharem-se, esperançado em que o julgassem inconsciente.

– Desmaiou – ouviu um dos médicos dizer. – Convinha tratá-lo já, antes que seja demasiado tarde. É muito capaz de nos pregar uma partida e morrer.

– Bem, levem-no lá. Oxalá o bastardo morra.

– Não o podem tratar até que lhe dê entrada – advertiu o funcionário da secretaria.

Yossarian fingia-se morto, com os olhos fechados, enquanto o homem o admitia remexendo em vários papéis, após o que o levaram para uma sala abafada e escura, provindo a única iluminação de um projector no tecto, onde o odor de formaldeído e álcool ainda era mais intenso. Também notou o cheiro de éter e ouviu o tilintar de vidro. Entretanto, distinguia, com uma satisfação quase sádica, a respiração ofegante dos dois médicos. Divertia-o que o julgassem inconsciente, sem saberem que se apercebia de tudo à sua volta, e a situação afigurava-se-lhe insensata, até que um deles perguntou em tom confidencial:

– Pensas que lhe devemos salvar a vida? São capazes de se irritar connosco, se o fizermos.

– Vamos mas é operá-lo – decidiu o outro. – Aplica-se-lhe um corte valente e alcançamos o fulcro da questão de uma vez por todas. Ele queixa-se muito do fígado. De facto, é muito pequeno, a avaliar pelas radiografias.

– Isso é o pâncreas, estúpido. O fígado está aqui.

– Enganas-te. Isso é o coração. Aposto que o fígado é o que eu digo. De resto, vou operar para ter a certeza. Vês alguma necessidade de lavar as mãos primeiro?

– Nada de operações – decidiu Yossarian, abrindo os olhos e tentando soerguer-se.

– Dispensamos a interferência de estranhos – declarou um dos médicos indignado. – Não o podemos fazer calar?

– Podíamos submetê-lo a anestesia total. Está aqui o éter.

– Nada de anestésias totais – advertiu Yossarian.

– Dispensamos a interferência de estranhos – replicou um dos médicos.

– O melhor é pô-lo a dormir, para podermos trabalhar à vontade.

Por conseguinte, submeteram-no a anestesia total. Yossarian acordou, com a garganta ressequida, num quarto particular, envolto em vapores de éter. O tenente-coronel Korn encontrava-se à cabeceira da cama, aguardando calmamente numa cadeira, com um sorriso fleumático. Quando o viu recobrar o conhecimento, inclinou-se para a frente e assegurou-lhe no seu tom mais cordial que o acordo estabelecido se mantinha em vigor se Yossarian não morresse. Como única resposta, este último vomitou e Korn levantou-se de um salto e saiu, enojado, enquanto ele tornava a imergir em torpor, até que uma mão de dedos alongados o acordou com brusquidão. Descerrou as pálpebras e deparou-se-lhe um desconhecido de rosto desagradável, o qual franziu os lábios numa expressão de desdém e não perdeu tempo em se vangloriar:

– Apanhámos o seu amigo, rapaz. Apanhámos o seu amigo.

– Quem é o meu amigo? – murmurou Yossarian, sentindo-se assolado por suores frios ao ver o capelão sentado na cadeira que o tenente-coronel ocupara.

– Talvez seja eu – admitiu o capelão.

No entanto, ele não o ouviu e voltou a fechar os olhos. Alguém se aproximou para lhe dar de beber e afastou-se em bicos dos pés. Adormeceu e tornou a acordar bem-disposto, até que volveu a cabeça para sorrir ao capelão e viu Aarfy no seu lugar. Yossarian gemeu instintivamente e contraiu as faces numa expressão de excruciante irritabilidade, quando o outro deu uma risada seca e perguntou como se encontrava, parecendo perplexo no momento em que ouviu inquirir porque não estava preso. Dominado por uma sensação penosa, fechou os olhos mais uma vez, ansioso por que Aarfy desaparecesse, e quando os abriu de novo, o capelão reaparecera, com um sorriso de alegria que o levou a indagar a causa.

– Estou contente por sua causa – explicou o capelão, com candura e alegria. – Ouvi dizer no grupo que tinha sido ferido gravemente e regressaria aos Estados Unidos, se sobrevivesse. Na verdade, o tenente-coronel Korn afirmou que o seu estado era crítico, mas um dos médicos

acaba de me informar de que apresenta um ferimento superficial e lhe darão alta dentro de um par de dias. Não corre o menor perigo.

– Ainda bem – articulou Yossarian, que o escutara com alívio crescente.

– Pois é – confirmou o outro, com uma expressão de prazer.

– A primeira vez que o vi, também estava internado no hospital – lembrou Yossarian, evocando os pormenores da cena. – Pode dizer-se que quase só nos vemos no hospital. Por onde tem andado?

– Dediquei muito tempo às orações. Procuo conservar-me o mais possível na tenda, e rezo cada vez que o sargento Whitcomb abandona a área, para que não me surpreenda.

– E resulta?

– Pelo menos, afasta-me o pensamento dos problemas – admitiu o capelão, encolhendo os ombros. – E sempre é um pretexto para me entreter.

– Então, já não é mau.

– Pois não – concordou com entusiasmo, como se a ideia nunca lhe tivesse ocorrido. – Sim, não é nada mau. – Inclinou-se impulsivamente para a frente, com uma solicitude algo constrangida. – Precisa de alguma coisa?

– Do género de brinquedos, caramelos ou pastilhas elásticas? – replicou Yossarian, esboçando um sorriso malicioso.

– Não. – O capelão tornou a corar e assumiu uma atitude respeitosa. – Livros, por exemplo, ou qualquer outra coisa que deseje. Gostava de lhe poder valer de algum modo. Orgulhamo-nos muito de si, sabia?

– Orgulham-se?

– Sem dúvida. Por ter exposto a vida ao enfrentar aquele nazi assassino. Foi um gesto particularmente nobre.

– Qual nazi assassino?

– O que veio para matar o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn. E você salvou-os! Podia muito bem tê-lo apunhalado mortalmente, quando o interceptou, no corredor. Escapou por um autêntico milagre.

– Não era nenhum nazi assassino – explicou Yossarian, com uma risada sardónica.

– Claro que era. Foi o que o tenente-coronel Korn disse.

– Era a amiguinha de Nately, que pretendia matar-me e não a Cathcart e Korn. Efectuou várias tentativas para me liquidar desde que lhe anunciei a morte de Nately.

– Mas como é possível? – protestou o capelão, confuso. – Eles viram-no fugir. Segundo o relatório oficial, você impediu que um assassino nazi os matasse.

– Não acredite nisso. Faz parte do acordo.

– Qual acordo?

– O que estabeleci com Cathcart e Korn. Deixam-me regressar aos Estados Unidos como um grande herói, se disser coisas bonitas acerca deles e não os criticar por obrigarem os outros a participar em mais missões de combate.

– Mas isso é horrível! – balbuciou, empertigando-se com visível desagrado. – Não lhe parece que se trata de um acordo vergonhoso e escandaloso?

– Odioso – assentiu Yossarian, fixando o olhar no tecto. – Se a memória não me traiçoa, «odioso» foi a expressão combinada.

– Como pôde concordar?

– Era isso ou o conselho de guerra.

– Ah! – exclamou o capelão, levando a mão à boca, ao mesmo tempo que voltava a reclinar-se na cadeira. – Falei antes de tempo.

– Metiam-me na cadeia no meio de criminosos.

– Com certeza. Nesse caso, deve proceder como lhe parecer mais conveniente.

Com estas palavras, inclinou a cabeça num gesto terminante e imergiu em embaraçoso silêncio.

– Não se preocupe – asseverou Yossarian, transcorrido um momento, com uma breve gargalhada. – Não tenciono cumprir o acordo.

– Mas deve cumprir. – O capelão tornou a mover-se para a frente, apreensivo. – Não pode voltar atrás com a sua palavra. Não tenho o direito de tentar influenciá-lo.

– Não me influenciou nada. – Yossarian apoiou-se no cotovelo e abanou a cabeça com simulada solenidade. – Já viu maior pecado? Salvar a vida do coronel Cathcart! É um crime que não quero ver incluído no meu cadastro.

– Que pensa fazer? – O capelão tornou a abordar o assunto cautelosamente. – Não pode permitir que o encerrem na prisão.

– Participarei em mais missões. Ou talvez deserte e deixe que me capturem.

– Para o encerrarem na cadeia.

– Então, resta-me participar em missões de combate até que a guerra acabe. Alguém há-de sobreviver.

– Mas pode ser abatido.

– Nesse caso, não participarei em mais missões.

– Que fará?

– Não sei.

– Deixa-os mandarem-no para os Estados Unidos?

– Ainda não sei. Faz calor, lá fora? Está abafado, aqui dentro.

– Pelo contrário, faz muito frio.

– Aconteceu uma coisa muito curiosa – evocou Yossarian, com um leve sorriso. – Talvez sonhasse. Apareceu um desconhecido que comunicou que tinham apanhado o meu amigo.

– Não creio que fosse sonho. Principiou a falar disso, na minha visita anterior.

– Então, foi mesmo verdade. «Apanhámos o seu amigo, rapaz», foram as palavras exactas. «Apanhámos o seu amigo.» Tinha a expressão mais hedionda que jamais vi. Gostava de saber a que amigo se referia.

– Gosto de pensar que me considera seu amigo – murmurou o capelão com humilde sinceridade. – E eles apanharam-me, de facto. Têm o meu número e vigiam-me constantemente. Foi o que me disseram, no interrogatório.

– Não creio que fosse o senhor o visado. Trata-se de alguém como Nately ou Dunbar. Alguém que foi morto na guerra, como Clevinger, Orr, Dobbs, Kid Sampson ou McWatt. – Yossarian abafou uma exclamação e sacudiu a

cabeça. – Acabo de descobrir que eles apanharam todos os meus amigos. Só faltou eu e Joe Faminto. – Estremeceu de terror ao ver o interlocutor empalidecer. – Que foi, capelão?

– Joe Faminto morreu.

– Não me diga! Durante uma missão?

– Expirou enquanto dormia. Encontraram-no com um gato pousado na cabeça.

– Coitado...

Interrompeu-se e principiou a chorar, tentando ocultar as lágrimas com o cotovelo dobrado sobre o rosto, e o capelão saiu sem se despedir. Mais tarde, comeu um pouco do que lhe levaram e adormeceu. Uma mão sacudiu-o a meio da noite e quando abriu os olhos viu um homem magro, de expressão hedionda e indumentária de paciente do hospital, que o contemplava com um esgar malicioso.

– Apanhámos o seu amigo, rapaz. Apanhámos o seu amigo.

– Que diabo está para aí a dizer? – redarguiu Yossarian, enervado e, ao mesmo tempo, dominado pelo pânico.

– Não tardará a saber, rapaz. Não tardará a saber.

Estendeu a mão na direcção da garganta do atormentador, porém, este esquivou-se sem esforço visível e desapareceu no corredor com uma gargalhada sarcástica. Yossarian conservou-se imóvel, agitado e banhado em suores frios, perguntando-se quem seria o seu amigo. O hospital achava-se imerso nas trevas, sem que se registasse o menor ruído, e ele não dispunha de relógio para saber que horas eram. Sabia que estava prisioneiro de uma daquelas noites sem sono, alucinantes, que levavam uma eternidade a dissolver-se na alvorada. Uma penosa sensação de frio envolvia-lhe as pernas, o que o fez pensar em Snowden, que nunca fora seu amigo, mas sofrera ferimentos graves e estava moribundo sob os raios solares que entravam pela vigia do avião, quando Yossarian rastejou até à retaguarda, depois de Dobbs o chamar pelo intercomunicador para que acudisse ao artilheiro. Sentiu o estômago revoltar-se no instante em que avistou a cena macabra e necessitou de se deter por uns momentos, assolado pelo pavor,

antes de transpor o estreito túnel sobre o compartimento das bombas, para se munir do estojo de primeiros socorros. Snowden jazia de costas, com as pernas estendidas e abertas, envolto no fato e capacete protectores de estilhaços. Perto dele, encontrava-se o artilheiro da cauda, moribundo. O ferimento que viu situava-se na parte exterior da coxa de Snowden, larga e profunda como uma bola de rãguebi. Tornava-se impossível determinar onde findavam os farrapos saturados do fato e começava a carne dilacerada.

O estojo não continha morfina, nem qualquer produto para atenuar a dor. As doze ampolas de morfina tinham sido roubadas e substituídas por um bilhete em letra bem legível: «O que é bom para a M & M é bom para a pátria. Milo Minderbinder.» Yossarian soltou uma imprecação contra Milo e aproximou duas aspirinas dos lábios cor de cinza impossibilitados de as receber. Mas primeiro improvisou um garrote em torno da coxa de Snowden, porque não lhe ocorreu outra coisa naqueles tumultuosos momentos iniciais em que tinha os sentidos imersos num turbilhão e sabia que devia actuar com eficiência e sem demora e receava deixar-se dominar pelo pânico. Snowden observava-o sem pestanejar, em silêncio. Embora não houvesse nenhuma artéria seccionada, Yossarian fingiu absorver-se inteiramente na preparação do garrote, por ser uma coisa que sabia fazer. Actuava com simulada perícia e serenidade, consciente do olhar de Snowden fixo nele. Recuperou a presença de espírito antes da conclusão do garrote e afrouxou-o imediatamente para atenuar o perigo de gangrena. Agora, tinha o espírito lúcido e estava bem ciente de como devia proceder. Quando esquadrinhava o estojo em busca de uma tesoura, Snowden proferiu um murmúrio:

– Tenho frio. Tenho frio.

– Vais ficar bom, rapaz – afirmou Yossarian, com um sorriso. – Vais ficar bom.

– Tenho frio – repetiu Snowden em voz quase infantil. – Tenho frio.

– Então, então... – articulou Yossarian, porque não sabia que outra coisa havia de dizer.

– Tenho frio... tenho frio...

– Então, então. Então, então.

Começou a ficar assustado e passou a agir mais depressa. Acabou por encontrar a tesoura e pôs-se a cortar cautelosamente o fato de Snowden um pouco acima do ferimento, quase junto da virilha. Produziu um corte extenso no espesso tecido de gabardina segundo uma recta. O pequeno artilheiro da cauda recobrou o conhecimento enquanto ele utilizava a tesoura, olhou-o e tornou a perder os sentidos. Snowden virou a cabeça para o outro lado, a fim de fixar Yossarian mais directamente, deixando transparecer um clarão estranho nos olhos. Yossarian, intrigado, esforçou-se por os evitar e passou a cortar o tecido no sentido contrário ao longo da costura interior. A ferida escancarada – seria um pedaço de osso aquele tubo encarniçado situado atrás do músculo palpitante? – jorrava sangue em vários fios paralelos, como a neve derretendo-se das folhas, embora viscoso e vermelho, e apressava-se a coagular. Ele continuava a cortar ao longo do tecido e expôs a roupa interior empapada. Surpreendeu-o o aspecto claro, quase lívido da perna. Verificava agora que o ferimento não era tão grande como uma bola de rãguebi, mas longo e amplo como a sua mão e demasiado profundo para poder avaliar a sua extensão. Os músculos expostos palpitavam como carne crua. Yossarian deixou escapar um suspiro de alívio ao verificar que Snowden não corria perigo de morte. O sangue já principiava a coagular e tudo se resumia a aplicar uma compressa e ligaduras e manter o rapaz calmo até que aterrassem. Extraiu algumas embalagens de sulfamidas do estojo de primeiros socorros e Snowden estremeceu quando ele o impeliu com suavidade para se voltar um pouco.

– Estou a magoar-te?

– Tenho frio – sussurrou o outro. – Tenho frio.

– Então, então – disse Yossarian. – Então, então.

– Tenho frio. Tenho frio.

– Então, então. Então, então.

– Está a começar a doer! – gritou Snowden repentinamente, com novo estremecimento.

Yossarian tornou a esquadrihar o estojo à procura de morfina, mas só se lhe deparou o bilhete de Milo e um tubo de aspirinas. Rogou-lhe nova imprecação e pegou em dois comprimidos, consciente de que não dispunha de água para oferecer. Snowden rejeitou-os com um movimento de cabeça quase imperceptível, exibindo uma expressão cadavérica, e Yossarian tirou-lhe o capacete e pousou a cabeça no sobrado com suavidade.

– Tenho frio – persistia Snowden, em tom plangente. – Tenho frio.

Os cantos da boca tornavam-se azulados, e Yossarian, petrificado, perguntou-se se devia puxar o cordão do pára-quadras e cobri-lo com o *nylon*, embora a temperatura interior do avião fosse elevada. Snowden ergueu os olhos súbita e inesperadamente, esboçou um sorriso e mudou um pouco de posição, para que Yossarian pudesse aplicar o pó de sulfamidas no ferimento. O aparelho sofre um solavanco num poço de ar, e Yossarian lembrou-se com um sobressalto que deixara o pára-quadras no lugar que habitualmente ocupava, mas de momento não podia remediar o descuido. Continuou a esvaziar embalagens de sulfamidas no ferimento até não se distinguir o menor vestígio de vermelho, após o que, enchendo os pulmões de ar, utilizou a mão desnuda a fim de impelir para dentro as fibras de carne expostas. Em seguida, actuando com rapidez, aplicou uma larga compressa e sorriu debilmente quando concluiu a sua breve provação. O contacto com a carne morta não se revelara tão repulsivo como supusera e procurou um pretexto para acariciar o ferimento com os dedos, para se convencer da sua própria coragem.

Depois, tratou de enrolar uma ligadura em torno da compressa. Na segunda volta, divisou o pequeno orifício na parte interna da coxa pelo qual o estilhaço entrara, um ferimento redondo do tamanho de uma moeda de vinte cinco cêntimos com bordas azuis e um núcleo preto no interior onde o sangue coagulara. Também o cobriu de sulfamidas e continuou a enrolar a ligadura em torno da perna até que a compressa ficou segura. A seguir, cortou-a e introduziu a ponta no interior. Persuadido de que executara um trabalho satisfatório, conservou-se agachado, limpou a transpiração da fronte e sorriu com cordialidade espontânea.

– Tenho frio – gemeu Snowden. – Tenho frio.

– Vai ficar fino, rapaz – asseverou Yossarian, com uma leve palmada no braço. – Está tudo sob controlo.

– Tenho frio – volveu o outro, com um brilho vítreo nos olhos. – Tenho frio.

– Então, então – proferiu Yossarian, com dúvida e apreensão crescentes. – Não tardamos a aterrar, e o doutor Daneeka cuida de ti.

Mas Snowden abanava a cabeça com insistência, até que, por fim, com um movimento quase imperceptível do queixo, apontou na direcção da axila. Yossarian inclinou-se para a frente, a fim de espreitar, e avistou uma mancha de cor estranha que empapava o tecido do fato protector de estilhaços. Sentiu o coração parar e em seguida palpitar tão desordenadamente, que teve dificuldade em respirar. Snowden fora ferido noutra ponto do corpo. Movendo-se quase com frenesim, rasgou o tecido em volta daquela área e teve a vaga consciência de que soltava um grito horrorizado no momento em que as entranhas de Snowden se precipitaram para o sobrado, amontoando-se de uma forma quase obscena. Um estilhaço com mais de oito centímetros de comprimento cravara-se na zona da axila e continuara a abrir caminho, para permitir a passagem das vísceras para o exterior. Yossarian gritou segunda vez e levou as mãos aos olhos, como se o gesto bastasse para o isolar da hedionda realidade. Por fim, reunindo um pouco de coragem, tornou a olhar o fígado, pulmões, rins, costelas, estômago e fragmentos do guisado que Snowden comera no almoço daquele dia. Detestava o guisado e começou a vomitar, ao mesmo tempo que apertava o pescoço com uma das mãos, numa tentativa infrutífera para refrear as contracções. O artilheiro voltou a recobrar os sentidos, viu-o vomitar e perdeu o conhecimento mais uma vez. Por último, mais calmo e esgotado, Yossarian virou-se para Snowden, cuja respiração se apresentava mais suave e rápida, ao mesmo tempo que a palidez se acentuara, e tentou pensar numa maneira de o salvar.

– Tenho frio... tenho frio...

– Então, então – articulou automaticamente, num tom demasiado baixo para se poder ouvir. – Então, então.

Também tinha frio e tremia irresistivelmente. Sentia arrepios por todo o corpo, enquanto contemplava o segredo sinistro que Snowden espalhara pelo chão. Resultava fácil ler a mensagem das suas entranhas. O homem é matéria – nisso consistia o segredo de Snowden. Se se lança de uma janela, cai. Se se lhe pega fogo, arde. Se se enterra, apodrece como qualquer espécie de lixo. Desaparecido o espírito, o homem converte-se em lixo. Nisso consistia o segredo de Snowden. A maturação era tudo.

– Tenho frio – dizia ele. – Tenho frio.

– Então, então – murmurava Yossarian. – Então, então.

Puxou o cordão do pára-quedas de Snowden e cobriu-lhe o corpo com *nylon* branco.

– Tenho frio.

– Então, então...

§

Capítulo quadragésimo segundo YOSSARIAN

– O tenente-coronel Korn diz que o acordo continua de pé – declarou o major Danby, com um sorriso de satisfação. – Corre tudo às mil maravilhas.

– Não corre.

– Corre, sim – insistiu com benevolência. – Por sinal, até está tudo muito melhor. Aquilo de você quase ter sido assassinado pela italiana foi uma aragem de sorte muito conveniente. Agora, o acordo pode concretizar-se com perfeição.

– Não estabeleço acordo nenhum com o tenente-coronel Korn.

O optimismo efervescente do major dissipou-se instantaneamente e ele começou a transpirar com abundância.

– Mas vocês estabeleceram um acordo – articulou em voz angustiada. – Não é verdade?

– Denunciei-o.

– Não apertaram a mão, para o selar? Você deu-lhe a sua palavra de cavalheiro.

– Também denuncio a minha palavra.

– Diabo... – Exalou um suspiro e começou a passar um lenço branco dobrado pela fronte enrugada. – Mas porquê, homem? Eles oferecem-lhe um acordo excelente.

– É um acordo horrível. Odioso.

– Diabo... – repetiu, movendo a mão trémula pelos cabelos revoltos empapados em suor. – Diabo...

– Não lhe parece odioso?

Ponderou a pergunta por um momento e admitiu:

– Sim, é capaz disso. – Os olhos exoftálmicos deixavam transparecer apreensão. – Mas porque o aceitou, se não lhe agradava?

– Deixei-me arrastar por um momento de fraqueza – redarguiu Yossarian, com uma ponta de ironia. – Tentava salvar a pele.

– Agora, já não lhe interessa salvá-la?

– É por isso que não quero participar em mais missões.

– Então, deixe-os desmobilizá-lo e não correrá mais perigo.

– Que me desmobilizem porque participei em mais de cinquenta e não por ter sido atacado pela italiana ou porque me tornei num grandessíssimo filho da mãe.

O major Danby abanou a cabeça com ênfase, dominado por sincera vexação.

– Nesse caso, tinham de desmobilizar quase todos os homens do grupo, pois a maioria deles já completou cinquenta missões. O coronel Cathcart não poderia requisitar tantas tripulações para substituição sem dar origem a um inquérito. Encontra-se aprisionado pela sua própria armadilha.

– O problema é dele.

– Não, Yossarian – discordou, solícito. – O problema é seu. Se não cumprir o acordo, levam-no a conselho de guerra logo que tiver alta do hospital.

– O tanas! – Yossarian exibiu uma expressão divertida. – Não minta, Danby. Eles nem sequer se atreviam a tentar uma coisa dessas.

– Porque não? – inquiriu o outro, pestanejando de assombro.

– Porque os coloquei entre a espada e a parede. Existe um relatório oficial, segundo o qual fui apunhalado por um assassino nazi que tencionava matar Cathcart e Korn. Eles faziam uma figura triste, se me levassem a conselho de guerra depois disso.

– Valha-o Deus, homem! Existe outro relatório oficial, segundo o qual foi apunhalado por uma inocente rapariga no decurso de operações extensivas de mercado negro que envolviam actos de sabotagem e a venda de segredos militares ao inimigo.

– Outro relatório oficial! – repetiu Yossarian, com um misto de surpresa e desapontamento.

– Eles podem preparar todos os que quiserem e utilizar aquele que mais lhes convier num dado momento. Não sabia?

– Diabo... – murmurou desolado, ao mesmo tempo que o sangue se esvaía das faces. – Diabo...

– Faça o que eles pretendem e deixe-os mandá-lo para casa. – O major contra-atacou com prontidão, disposto a aproveitar a vantagem momentânea. – Assim, é melhor para todos.

– É melhor para mim, Cathcart e Korn, mas não para todos.

– Para todos – reiterou. – Resolve todo o problema.

– É melhor para os homens do grupo que terão de continuar a participar em missões?

Corou e desviou os olhos por uns segundos com visível desconforto, antes de voltar à carga.

– Ninguém lucrará, se obrigar o coronel Cathcart a levá-lo a conselho de guerra e provar a sua culpabilidade em todos os crimes de que o acusará. Cumprirá uma longa pena de prisão e ficará com a vida arruinada.

– De que crimes me acusarão? – quis saber Yossarian, com preocupação crescente.

– Incompetência sobre Ferrara, insubordinação, recusa de enfrentar o inimigo em combate e deserção.

– São capazes de me acusar de tudo isso? – estranhou, franzindo os lábios pensativamente. – Concederam-me uma medalha pela actuação em Ferrara. Como esperam atribuir-me agora a acusação de incompetência?

– Aarfy jurará que você e McWatt mentiram no relatório oficial.

– O bastardo é muito capaz disso!

– Também o considerarão culpado de violação, operações extensivas de mercado negro, actos de sabotagem e venda de segredos militares ao inimigo – recitou Danby.

– Com que provas? Nunca me dediquei a nenhuma dessas actividades.

– Mas dispõem de testemunhas que jurarão o contrário. Podem arranjar as que quiserem, se as convencerem de que o devem aniquilar no interesse da pátria. E, de certo modo, *será* no interesse da pátria.

– De que modo? – inquiriu Yossarian, apoiando-se no cotovelo, com uma expressão de hostilidade.

O outro recuou um passo e tornou a levar o lenço à frente.

– O caso é que não ajudaria o esforço de guerra desacreditar Cathcart e Korn numa altura destas – observou, em tom de desculpa. – Encaremos a realidade. Apesar de tudo, o grupo tem uma folha de serviços excelente. Se fosse levado a conselho de guerra e declarado inocente, é provável que outros recusassem participar em missões. Cathcart cairia em desgraça e a eficiência militar da unidade ficaria profundamente afectada. Portanto, desse modo, seria no interesse da pátria que o declarariam culpado e condenariam a uma longa pena de prisão, apesar de estar inocente.

– Que maneira tão cativante de pôr a questão! – rugiu Yossarian, com ressentimento.

– Não me atribua a culpa – replicou o major, corando e agitando-se com desconforto. – Sabe perfeitamente que não tive nada a ver com isso. Limito-me a tentar encarar as coisas com objectividade e chegar a uma solução para uma situação muito difícil.

– Não fui eu que a criei.

– Mas pode contribuir para a solução. E que outra coisa pode fazer? Não quer participar em mais missões.

– Posso fugir.

– Fugir?

– Desertar. Bater asas. Posso voltar as costas a toda essa trapalhada e desatar a correr.

– Para onde? – perguntou, claramente chocado.

– Posso seguir para Roma sem dificuldade e esconder-me onde nunca me descobririam.

– Para viver sob o perigo de que o encontrassem durante toda a vida que lhe resta? Não pense nisso, Yossarian. Seria uma decisão infeliz e ignóbil.

Fugir dos problemas nunca contribuiu para os resolver. Acredite que pretendo apenas ajudá-lo.

– Foi o que disse aquele bondoso detective antes de decidir enfiar o polegar no meu ferimento.

– Não sou detective – proclamou, indignado, tornando a corar. – Sou professor universitário, com uma noção do bem e do mal altamente desenvolvida, pelo que nunca tentaria iludi-lo. Sou incapaz de mentir a quem quer que seja.

– Que fazia se um dos homens do grupo o interrogasse sobre esta nossa conversa?

– Mentia.

Yossarian soltou uma gargalhada de escárnio, e Danby, apesar do seu corado desconforto, emitiu um suspiro de alívio, como se acolhesse com satisfação a trégua que a mudança de estado de espírito do interlocutor proporcionava. Entretanto, este último observava-o com um misto de compaixão e desdém. Por fim, sentou-se na cama, encostou-se à cabeceira, acendeu um cigarro, esboçou um sorriso divertido e contemplou com certa simpatia a expressão de horror permanente que se instalara no rosto do major no dia da missão a Avinhão, quando o general Dreedle ordenara que o levassem e fuzilassem. As rugas de alarme manter-se-iam para sempre, como profundas cicatrizes negras, e ele compadecia-se do idealista amável e moral de meia-idade, tal como de tantas pessoas cujas insuficiências não se podiam considerar grandes e cujos problemas eram ligeiros.

– Não compreendo como pode alinhar com tipos da espécie de Cathcart e Korn – comentou, finalmente. – Isso não lhe revolta o estômago?

O interpelado pareceu surpreendido com a pergunta e, como se a explicação fosse óbvia, declarou:

– Faço-o no interesse da pátria. Eles são meus superiores e a obediência às suas ordens constitui a única contribuição que posso dar para o esforço de guerra. Alinho, porque o considero meu dever. – E acrescentou em inflexão mais suave, enquanto baixava os olhos: – E porque não sou um indivíduo muito agressivo.

– A pátria já não necessita da sua contribuição – raciocinou Yossarian, sem antagonismo. – Por conseguinte, a única coisa que faz é colaborar com eles.

– Esforço-me por não pensar nisso – admitiu Danby, francamente. – Procuro concentrar-me apenas no grande resultado e esquecer que conseguem o seu objectivo. Tento convencer-me de que não são significativos.

– É esse o meu problema, sabe – reconheceu Yossarian, cruzando os braços. – Entre a minha pessoa e cada ideal, encontro sempre Scheisskopfs, Peckems, Kornes e Cathcarts. E isso acaba por alterar a natureza do ideal.

– Deve esforçar-se por não pensar neles – advertiu o major. – E nunca deve permitir que alterem os seus valores. Os ideais são bons, mas as pessoas nem sempre. Procure concentrar-se na imagem mais elevada.

No entanto, Yossarian rejeitou o conselho com um gesto de cepticismo.

– Cada vez que olho para cima, vejo pessoas a embolsar dinheiro e nunca o Céu, santos ou anjos. Vejo pessoas a arrecadar lucros sugados a todos os impulsos decentes e a todas as tragédias humanas.

– Mas tem de desenvolver esforços para não pensar nisso. E, sobretudo, evitar que lhe confunda os valores.

– Não me confunde coisa nenhuma. Fico simplesmente irritado por julgarem que não passo de um pateta. Pensam que são espertos e todos nós estúpidos. E, coisa curiosa, ocorre-me agora pela primeira vez que podem ter razão.

– Também deve evitar pensar nisso – argumentou Danby. – Pense apenas na prosperidade da pátria e na dignidade do homem.

– Pois sim...

– Falo a sério. Não estamos na Primeira Guerra Mundial. Não esqueça nunca que combatemos contra agressores que não nos poupariam a vida se vencessem.

– Estou a par de tudo isso – retrucou Yossarian, em voz tensa, de certo modo contrariado. – Mereci a medalha que me concederam, independentemente das razões que os levaram a fazê-lo. Participei em setenta malfadadas missões de combate. Portanto, não venha com tretas

como a salvação da pátria. Não tenho combatido com outra finalidade. Agora, porém, vou combater um pouco para salvar a minha pessoa. A pátria já não corre perigo, mas eu sim.

– A guerra ainda não terminou. Os Alemães avançam sobre Antuérpia.

– Serão derrotados dentro de alguns meses e o Japão poucos meses depois. Se oferecesse a vida agora, não seria pela pátria, mas por Cathcart e Korn. Por conseguinte, decidi arrumar as botas definitivamente e não lançar nem mais uma bomba. Doravante, pensarei apenas em mim.

– Mas suponha que todos pensavam assim – observou Danby, com um sorriso superior.

– Nesse caso, só se fosse muito parvo pensaria de outro modo, não lhe parece? – Yossarian empertigou-se com uma expressão enigmática. – Tenho a estranha sensação de que já mantive exactamente a mesma conversa com alguém. É como a impressão do capelão de ter experimentado tudo duas vezes.

– Ele quer que você os deixe desmobilizá-lo.

– Que se vá matar.

– Diabo... – O major suspirou de novo, ao mesmo tempo que abanava a cabeça, desapontado. – Receia tê-lo influenciado.

– Não me influenciou. Sabe o que me apetece fazer? Ficar nesta cama e vegetar. Podia vegetar muito confortavelmente aqui e deixar os outros tomar as decisões.

– Deve ser você a tomá-las. Uma pessoa não pode viver como um vegetal.

– Porquê? Deve ser maravilhoso viver como um vegetal – murmurou, com uma expressão distante de ternura no olhar.

– É horrível.

– Não, deve ser muito agradável estar livre de todas estas dúvidas e pressões. Creio que gostava de viver como um vegetal e não ter de tomar decisões importantes.

– Que espécie de vegetal?

– Um pepino ou uma cenoura.

– Que espécie de pepino? Dos bons ou dos maus?

- Dos bons, evidentemente.
- Descascavam-no na flor da vida e cortavam-no em rodela para salada.
- Então, dos maus – rectificou, acabrunhado.
- Deixavam-no apodrecer e utilizavam-no como adubo para ajudar os bons a desenvolver-se.
- Nesse caso, desisto de viver como um vegetal – decidiu, com um sorriso de resignação.
- Acha que devo mesmo deixá-los desmobilizar-me? – inquiriu Yossarian, com gravidade.
- É uma maneira de se salvar – replicou o outro, encolhendo os ombros.
- E de me perder, também, como deve saber.
- Podia ter muitas das coisas que deseja.
- Não quero muitas das coisas que desejo. – De súbito, Yossarian desferiu um murro no colchão, numa explosão de cólera e frustração. – Com mil diabos, Danby! Amigos meus perderam a vida nesta guerra. Agora, não posso aceitar nenhuma espécie de acordo. Ser esfaqueado por aquela cabra foi o melhor que me podia acontecer.
- Prefere ir para a cadeia?
- Você deixava-os desmobilizá-lo?
- Com certeza que deixava! – asseverou Danby. – Sem a mínima dúvida – acrescentou, transcorrido um momento, de uma forma menos positiva. – Bem, talvez não me opusesse, se estivesse no seu lugar – decidiu com desconforto, após mais alguns segundos de meditação. Por fim, assumiu uma expressão angustiada e bradou: – Claro que deixava, mas sou um covarde tão desprezível que nunca me poderia colocar no seu lugar!
- Mas supondo que não era covarde – persistiu Yossarian, observando-o atentamente. – Imagine que tinha coragem suficiente para desafiar alguém.
- Nesse caso, *não* os deixava desmobilizar-me – declarou o major em inflexão enfática, com alegria e entusiasmo. – Mas de modo algum permitia que me levassem a conselho de guerra.
- Participava em mais missões de combate?

– Evidentemente que não. Equivaleria à capitulação total. E podia perder a vida.

– Então, fugia?

Preparava-se para replicar com altivez, mas conteve-se e comprimiu as mandíbulas, como que amuado.

– Calculo que não me restaria a menor esperança.

A fronte sulcada de rugas e os olhos protuberantes não tardaram a voltar a agitar-se com nervosismo, ao mesmo tempo que fixava a vista no chão, em atitude de derrota aquiescente. Yossarian observava-o com ar solene, e nenhum deles reagiu no instante em que um veículo se deteve bruscamente à entrada do hospital, seguindo-se passos apressados no átrio.

– Ainda existe uma esperança para si – disse Yossarian, assolado por uma inspiração. – Milo pode ajudá-lo. Tem mais influência que o coronel Cathcart e deve-me favores.

– Eles tornaram-se amigos – informou o major, meneando a cabeça. – Milo nomeou Cathcart vice-presidente e prometeu-lhe um emprego importante, depois da guerra.

– Então, ajuda-nos o ex-PFC Wintergreen. Detesta ambos e isso vai enfurecê-lo.

– Ele e Milo fundiram-se, a semana passada. Agora, são sócios da M & M.

– Nesse caso, não nos resta nenhuma esperança?

– Nenhuma.

– Nenhuma, mesmo?

– Nenhuma, mesmo – concedeu Danby. No final de novo silêncio, ergueu a cabeça, dominado por uma ideia ainda em formação. – Não era estupendo que desaparecessem como desapareceram os outros e nos aliviassem destes pesos esmagadores?

Yossarian respondeu que não e ele concordou com um gesto melancólico, tornando a baixar os olhos, e não subsistia a mínima esperança para ambos até que os passos explodiram no corredor, e o capelão, exprimindo-se em excitados clamores, irrompeu no quarto com a notícia eletrizante acerca de Orr, tão transfigurado pela agitação hilariante que permaneceu quase

incoerente por uns instantes. Tinha os olhos marejados de lágrimas de euforia, e Yossarian saltou da cama com um uivo de júbilo quando finalmente abarcou a situação.

– *Suécia?* – vociferou.

– Orr! – exclamou o capelão.

– Orr? – repetiu Yossarian.

– Suécia! – articulou o capelão, abanando a cabeça para cima e para baixo com êxtase e movendo-se de um lado para o outro, como se tivesse dificuldade em encontrar um ponto suficientemente seguro para se colocar.

– Foi um milagre! Voltei a crer em Deus! Deu à costa na Suécia, depois de tantas semanas no mar! É um milagre!

– Deu à costa, o tanas! – retrucou Yossarian, que também se movia de um lado para o outro e soltava gargalhadas que faziam estremecer as paredes. – Não deu à costa na Suécia. *Remou* para lá! *Remou* para lá, capelão!

– Remou?

– *Planeou* as coisas dessa maneira! Foi para a Suécia deliberadamente.

– Não interessa. Continua a ser um milagre. Um milagre de inteligência e perseverança humanas. Veja o que ele conseguiu! – O capelão apertou a cabeça nas mãos e dobrou-se para rir com gosto. – Imagine-o naquela jangada amarela a remar através do estreito de Gibraltar, durante a noite, com um remo pouco maior que uma colher de sopa...

– A linha de pesca suspensa da amurada, comendo peixe cru durante toda a viagem e servindo-se chá todas as tardes...

– Estou mesmo a vê-lo! – Fez uma breve pausa, para recuperar o alento. – É um milagre de perseverança humana. E é o que passarei a fazer. Vou perseverar. Exactamente, vou perseverar.

– Ele sabia o que fazia desde o princípio. – Yossarian ergueu os punhos cerrados na sua frente, como se esperasse extrair-lhes revelações. De súbito, voltou-se para o major e bradou: – Seu grande pateta! Afinal, ainda resta uma esperança. Não compreende? Até Clevinger pode estar vivo algures naquela sua nuvem, à espera de poder sair dela sem perigo.

– Que está para aí a dizer? – retrucou Danby, confuso. – Que estão os dois para aí a dizer?

– Traga-me maçãs e castanhas. Despache-se! Traga-me maçãs bravas e castanhas-da-índia, antes que seja tarde de mais, e arranje também algumas para si.

– Castanhas-da-índia? Maçãs bravas? Mas para quê?

– Para metermos na boca. – Yossarian levantou os braços, num gesto de auto-recriminação exasperada. – Porque não fiz caso dele? Porque não tive um pouco de fé?

– Enlouqueceu? – perguntou o major, prudentemente. – Importa-se de me explicar de que está a falar?

– Orr planeou as coisas desse modo. Não compreende? Planeou-as desde o princípio. Até ensaiou o momento em que seria abatido. Entregava-se a ensaios em cada missão em que participava. E eu tapado como uma porta ondulada! Convidou-me e recusei acompanhá-lo! De caminho, traga também dentes salientes, uma válvula para reparar e uma expressão de inocência estúpida na qual ninguém possa jamais ler uma réstia de inteligência. Preciso disso tudo com urgência. Mas porque não teria feito caso dele? Agora, percebo o que tentava dizer-me. Até sei porque a rapariga lhe batia na cabeça com o sapato.

– Porque era? – inquiriu o capelão, em tom incisivo.

Yossarian rodou nos calcanhares com brusquidão e segurou-o pelo peitilho da camisa.

– Ajude-me, capelão! Vá buscar a minha roupa. Mas depressa, hem? Preciso dela imediatamente.

– Pois sim. – O outro começou a mover-se para a porta. – Mas onde está? Como a obtenho?

– Afastando toda a gente que se interpuser. Traga-me o uniforme, que está algures no hospital. Seja bem-sucedido numa coisa, uma vez na vida.

– Não se preocupe. – O capelão endireitou os ombros com determinação e espetou o queixo. – Hei-de trazer-lho. Mas primeiro gostava que me explicasse a razão pela qual a rapariga agrediu Orr com o sapato.

– Ele pagou-lhe para que o fizesse. Mas como não lhe bateu com força suficiente, teve de remar para a Suécia. Procure lá o uniforme, para poder-me raspar daqui. Pergunte à enfermeira Duckett, que fará tudo o que for necessário para se livrar de mim.

– Onde pensa ir? – quis saber o major, apreensivo, quando o capelão saiu.

– Que tenciona fazer?

– Fugir – anunciou Yossarian em voz clara e exuberante, enquanto principiava a desabotoar o casaco do pijama.

– Isso não! – balbuciou Danby, limpando a transpiração da fronte com a palma da mão. – Não pode fugir. Para onde iria?

– Para a Suécia.

– Para a Suécia? – exclamou, abismado. – Tenciona fugir para a Suécia? Endoideceu?

– Orr fê-lo.

– Oh, não, não, não, não, não! Nunca chegará lá. Não pode fugir para a Suécia. Nem sequer sabe remar.

– Mas posso chegar a Roma, se não me denunciar, e arranjar aí boleia.

– Eles descobrem-no e aplicam-lhe um castigo ainda mais severo.

– Desta vez, vão ter de desenvolver esforços gigantescos para me apanhar.

– Garanto-lhe que desenvolverão esforços gigantescos. E mesmo que não o descubram, que espécie de vida pensa ter? Estará sempre só. Nunca haverá ninguém a seu lado e viverá permanentemente sob o espectro da traição.

– Dessa maneira vivo eu agora.

– Mas não pode voltar as costas às suas responsabilidades e fugir delas – insistiu o major. – É um movimento negativo. Deserção.

– *Não fujo* às minhas responsabilidades – assegurou Yossarian, sacudindo a cabeça, com uma risada de desdém. – Corro ao seu encontro. Não existe nada de negativo no facto de me afastar para salvar a vida. Sabe quem são os desertores, sem dúvida. Não eu e Orr.

– Veja se o convence, capelão. Ele quer desertar e fugir para a Suécia.

– Estupendo! – aprovou o capelão, depositando orgulhosamente em cima da cama uma fronha que continha a roupa de Yossarian. – Fuja para a Suécia, enquanto continuo aqui e persevero. Sim, perseverarei. Irritarei o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn sempre que os vir. Não tenho medo. Até implicarei com o general Dreedle.

– O general Dreedle já não está connosco – lembrou Yossarian, enfiando as calças e introduzindo a fralda da camisa apressadamente. – Agora, é o general Peckem.

No entanto, a confiança excitada do capelão não pareceu abalada.

– Nesse caso, implicarei com o general Peckem e até com o general Scheisskopf. E sabe que mais penso fazer? Hei-de esmurrar o nariz do capitão Black, na próxima vez que o vir. Sim, hei-de esmurrá-lo no nariz. E fá-lo-ei diante dos outros, para que não possa retaliar.

– Enlouqueceram ambos? – protestou o major, cujos olhos se apresentavam mais protuberantes que nunca. – Perderam totalmente o juízo? Escute, Yossarian...

– É um autêntico milagre – afirmou o capelão, segurando-o pela cintura e ensaiando alguns passos de valsa. – Um milagre espantoso. Se Orr conseguiu remar até à Suécia eu também posso triunfar sobre o coronel Cathcart e o tenente-coronel Korn, se perseverar.

– Importa-se de calar a boca? – sugeriu Danby polidamente, soltando-se e levando a mão à frente para voltar a limpar a transpiração. Em seguida, inclinou-se para Yossarian, que se agachava para atar os cordões das botas, e perguntou: – E o tenente-coronel?...

– Estou-me nas tintas.

– Mas isto pode...

– Que vão ambos para o diabo.

– Isto pode resultar vantajoso para eles – persistiu. – Ainda não lhe tinha passado pela cabeça?

– É-me indiferente que esses bastardos prosperem. Tenho as minhas responsabilidades para me preocupar. Preciso de alcançar a Suécia.

– Nunca conseguirá. É impossível. Chegar lá a partir daqui pode quase considerar-se uma impossibilidade geográfica.

– Julga que não sei? Mas pelo menos tentarei. Há uma rapariga em Roma cuja vida gostaria de salvar, se conseguir localizá-la. Levá-la-ei para a Suécia. Como vê, as minhas intenções não são totalmente egoístas.

– Garanto-lhe que é uma loucura. A consciência não o deixará descansar.

– Que Deus a abençoe. – Yossarian deu uma gargalhada divertida. – Não me agradaria viver sem preocupações. Não é verdade, capelão?

– Hei-de esmurrar o capitão Black no nariz, da próxima vez que o vir – proclamou o interpelado, agitando os punhos à sua frente, como que em antecipação do momento. – Assim mesmo.

– E as consequências? – indagou o major Danby.

– Quais consequências? Eu estou em situação muito pior, agora. – Yossarian acabou de atar o cordão da segunda bota e endireitou-se. – Estou pronto, Danby. Que diz? Guarda silêncio e deixa-me procurar boleia?

O major olhou-o em silêncio, com um sorriso enigmático em que se podia descortinar uma ponta de amargura. Parara de transpirar e parecia absolutamente calmo.

– Que faria se tentasse impedi-lo? – perguntou, com um trejeito humorístico. – Espancava-me?

– Que ideia! – Yossarian reagiu à ideia com uma expressão de surpresa melindrada. – Porque diz isso?

– Espancava-o eu – declarou o capelão, saltitando diante do major, enquanto continuava a mover os punhos. – A si, ao capitão Black e talvez até ao cabo Whitcomb. Era maravilhoso se descobrisse que não tinha de recear mais o cabo Whitcomb.

– Tenciona impedir-me? – voltou Yossarian, fitando Danby com firmeza.

Este último desviou-se um pouco do capelão e hesitou por um momento.

– Nem pensar! – exclamou e, de súbito, estendeu os braços para a porta, num gesto de urgência exuberante. – Sem dúvida que não. Mas não perca tempo! Precisa de dinheiro?

– Tenho algum, obrigado.

– Leve mais algum. – Cada vez mais entusiasmado, colocou um maço de notas de banco italianas na mão de Yossarian, que em seguida apertou nas suas, tanto para atenuar o tremor dos seus dedos como para lhe inculcar coragem. – Deve ser estupendo viver na Suécia – observou, com uma expressão de melancolia. – As garotas são tão gentis... E, de resto, é um povo muito avançado.

– Adeus, Yossarian – proferiu o capelão. – E felicidades. Continuarei aqui a perseverar e voltaremos a encontrar-nos quando a guerra terminar.

– Até à vista, capelão. Obrigado, Danby.

– Como se sente?

– Bem. Não, estou cheio de medo.

– Bom sinal – aprovou o major. – Prova que continua vivo. Não vai ser divertido.

– Vai, sim – replicou Yossarian, começando a encaminhar-se para a porta.

– A sério. Terá de estar alerta constantemente. Eles hão-de revolver o céu e a terra à sua procura.

– Estarei alerta constantemente.

– Terá de saltar.

– Saltarei.

– Salte! – bradou Danby.

Yossarian saltou. A prostituta de Nately encontrava-se emboscada à saída e a faca descreveu um arco, não o atingindo por milímetros. E Yossarian tratou de se escapar.